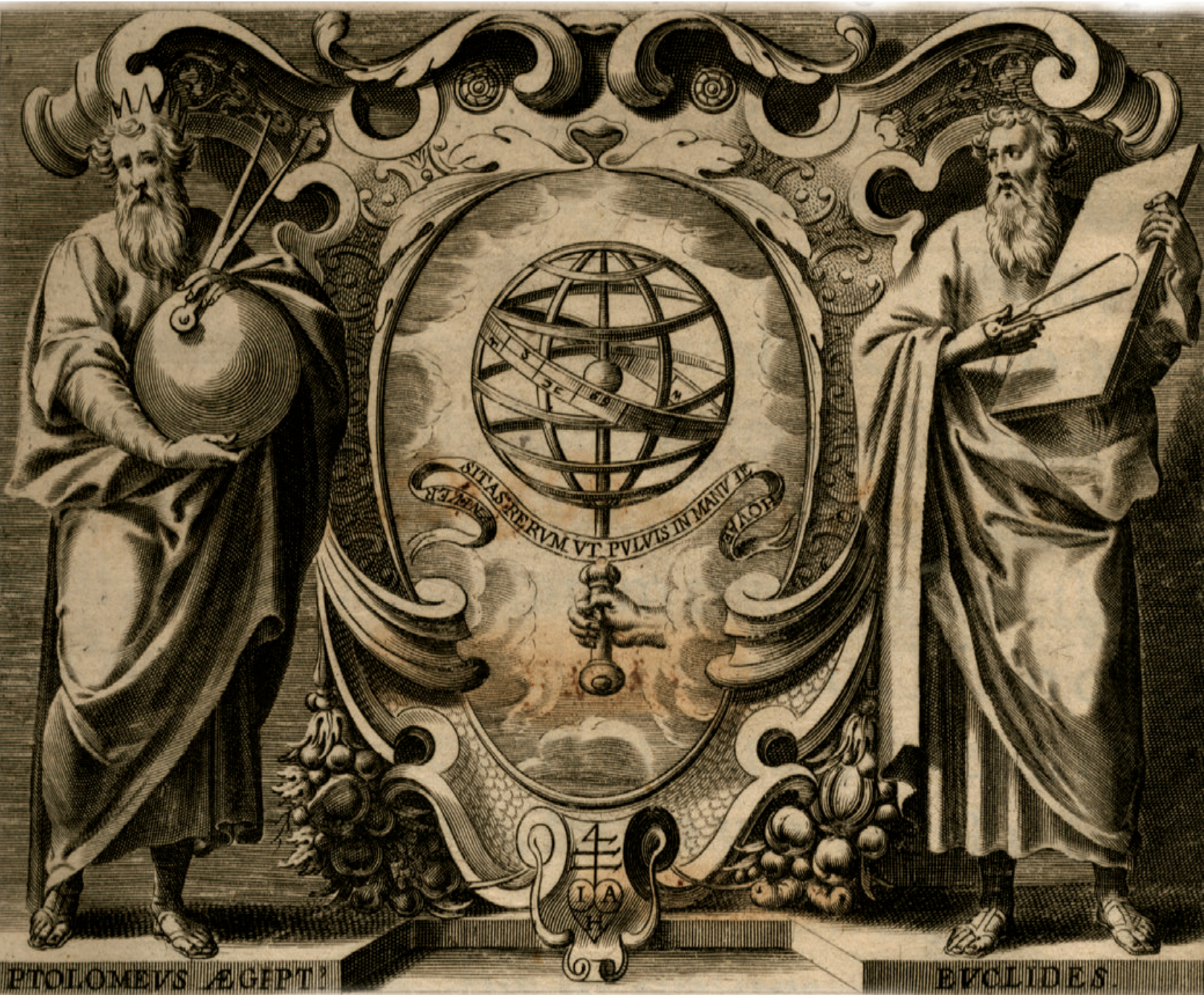


HUMANISMO, DIÁSPORA e CIÊNCIA

SÉCULOS XVI E XVII

ESTUDOS |
CATÁLOGO |
EXPOSIÇÃO |



PTOLOMEVS ÆGËPT

EVCLIDES.

HUMANISMO,
DIÁSPORA e
CIÊNCIA SÉCULOS XVI E XVII

ESTUDOS | CATÁLOGO | EXPOSIÇÃO

UNIVERSIDADE DE AVEIRO
BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO
PORTO 2013

HUMANISMO, DIÁSPORA E CIÊNCIA (SÉCULOS XVI E XVII): ESTUDOS, CATÁLOGO, EXPOSIÇÃO

Colóquio internacional, catálogo bibliográfico e exposição documental, promovidos no âmbito do projeto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCOMP-01-0124-FEDER-009102).

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal do Porto / Biblioteca Pública Municipal e Universidade de Aveiro / Centro de Línguas e Culturas

COMISSARIADO CIENTÍFICO

A. A. Marques de Almeida
António Andrade
Carlos Ascenso André
Henrique Leitão
João Torrão
José Meirinhos
Maria do Céu Fialho
Miguel Ángel González Manjarrés

COMISSÃO ORGANIZADORA

António Andrade
João Torrão
Jorge Costa
Júlio Costa

CATÁLOGO

EDIÇÃO

Impresa da Universidade de Coimbra
Câmara Municipal do Porto / Biblioteca Pública Municipal e Universidade de Aveiro / Centro de Línguas e Culturas

APOIOS

Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste”. Universidade de Lisboa
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Universidade de Coimbra
Instituto de Filosofia da Universidade do Porto

TIRAGEM

500 Exemplares

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

EDITORIAL

António Andrade
João Torrão
Jorge Costa
Júlio Costa

SELEÇÃO DE IMPRESSOS

António Andrade
Júlio Costa

CATALOGAÇÃO E PROCESSAMENTO

BIBLIOGRÁFICO

Fátima Pinto
Graça Sucena
Sílvia Costa

DIGITALIZAÇÃO

Conceição Moreira
Marta Rua
Mário Borges

DESIGN

Pedro Velho

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Greca - Artes Gráficas, Lda

ISBN

978-972-634-121-5

978-972-789-374-4

ISBN Digital

978-989-26-0945-4

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0945-4>

DEPÓSITO LEGAL

355660/13

REGISTO BIBLIOGRÁFICO NO CATÁLOGO

COLETIVO DAS BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DO PORTO

URI: <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!469514~!0>

Versão digitalizada desta publicação, em texto integral, disponível em linha na Biblioteca Digital (Bibliotecas Municipais do Porto) – URL: http://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos_BPMP/OBAD_002710/OBAD_002710.htm

Também disponível em linha nos sítios web ou repositórios institucionais da Universidade de Aveiro / Centro de Línguas e Culturas e das entidades patrocinadoras.

© CMP / Biblioteca Pública Municipal do Porto e UA / Centro de Línguas e Culturas, 2013

ESTUDOS

Adelino Cardoso
Amândio Jorge Morais Barros
Ana Isabel Martín Ferreira
António Guimarães Pinto
António Manuel Lopes Andrade
Belmiro Fernandes Pereira
Carlos Ascenso André
Hugo Miguel Crespo
James W. Nelson Novoa
João Manuel Nunes Torrão
José Francisco Meirinhos
Júlio Manuel Rodrigues Costa
Miguel Ángel González Manjarrés
Paula Oliveira e Silva
Telmo Corujo dos Reis
Virgínia Soares Pereira

EXPOSIÇÃO

Conceção, planeamento e coordenação
Jorge Costa

Seleção de impressos

António Andrade
João Torrão
Júlio Costa

Restauro e preparação das espécies
bibliográficas

Lucinda Oliveira

Montagem

Francisco Manuel Sousa
Jorge Costa
Lucinda Oliveira

Local e data

Biblioteca Pública Municipal do Porto,
Sala de Exposições Temporárias
7 março a 30 abril de 2013



PORTO
CULTURA



APOIOS



SUMÁRIO

NOTA DE ABERTURA	Guilhermina Rego	7
APRESENTAÇÃO	António Andrade e Júlio Costa	9
ESTUDOS		
	O humanismo português, a sua identidade e as suas contradições CARLOS ASCENSO ANDRÉ	17
	Aproximação à <i>Archipathologia</i> de Filipe Montalto ADELINO CARDOSO	41
	Os negócios e a aritmética. Bento Fernandes e as redes cristãs-novas do Porto no século XVI AMÂNDIO JORGE MORAIS BARROS	51
	La epístola <i>De medicis philologis</i> de G. Franck von Franckenau (Wittemberg, 1691) ANA ISABEL MARTÍN FERREIRA	75
	Poesia latina de dois jesuítas: Diogo de Sande e Francisco de Mendonça ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO	91
	Amato Lusitano, Diogo Pires e Pedro Santerna: os caminhos entrecruzados de um médico, de um poeta e de um juríconsulto portugueses ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE	117
	No rasto do humanismo filológico europeu: edições quinhentistas de retóricas clássicas na BPMP BELMIRO FERNANDES PEREIRA	139
	André de Resende na Inquisição de Évora e a apologética anti-judaica: ciência teológica, doutrina e castigo (1541). Um autógrafo inédito (<i>Novos documentos para as biografias de André de Resende e Jorge Coelbo</i>) HUGO MIGUEL CRESPO	151
	Medicine, Learning and Self Representation in Seventeenth Century Italy. Rodrigo and Gabriel da Fonseca JAMES W. NELSON NOVOA	213
	D. Jerónimo Osório e o <i>De gloria</i> : um <i>best-seller</i> europeu de Quinhentos JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO	233
	Arte Médica: breve olhar sobre alguns impressos quinhentistas e seiscentistas da BPMP JÚLIO MANUEL RODRIGUES COSTA	251
	El comentario de Francisco Sánchez a la <i>Fisiognomía</i> de Pseudo Aristóteles MIGUEL ÁNGEL GONZÁLEZ MANJARRÉS	271
	A doutrina suareziana das paixões da alma. Notas para o reconhecimento de uma escolástica humanista PAULA OLIVEIRA E SILVA	285
	O acervo bibliográfico de Jerónimo Cardoso na Biblioteca Pública Municipal do Porto TELMO CORUJO DOS REIS	297
	Plantas de uso terapêutico e alimentar em Amato Lusitano e Diogo Pires VIRGÍNIA SOARES PEREIRA	313
	O <i>Tesouro dos pobres</i> de Pedro Hispano, entre o século XIII e a edição de Scribonius em 1576 JOSÉ FRANCISCO MEIRINHOS	327
AUTORES		351
CATÁLOGO		365

NOTA DE ABERTURA

À Câmara Municipal do Porto, possuidora de um vasto, diversificado e distinto património cultural, compete especiais responsabilidades na salvaguarda, conhecimento e difusão deste património.

Assim tem sido, desde 1833, ano em que, correspondendo ao desejo dos seus cidadãos, D. Pedro IV, mandou criar a Real Biblioteca Pública da Cidade do Porto, determinando em decreto que «Esta Bibliotheca, fundada á custa da Fazenda Pública, pertencerá de propriedade á Cidade do Porto, debaixo da Administração da Camara Municipal d’ella, a cujo cargo ficará depois, como a Comissão que hoje a representa, propoz, prover á custa dos seus rendimentos á conservação, e costeamento da dita Bibliotheca, assim pelo que toca ás despesas ordinárias, como á aquisição das Obras, Brochuras, ou Folhas Periódicas mais interessantes em todos os géneros, que se publicarem em Paizes Estrangeiros».

A esse feliz gesto real, deveu a Cidade do Porto poder passar a contar entre as suas mais nobres instituições com a Biblioteca Pública Municipal do Porto, digna representante do legado cultural de que a Câmara é beneficiária.

Tendo por propósito dar sequência a essa responsabilidade, a Câmara, por intermédio da Biblioteca Pública Municipal do Porto, em conjunto com a Universidade de Aveiro, promove, no âmbito da iniciativa “Humanismo, Diáspora e Ciência”, a realização de um colóquio internacional, de uma exposição bibliográfica e de um livro impresso – a disponibilizar também, em versão digital, na Internet – com as comunicações do colóquio e um catálogo com cerca de duas centenas de obras quinhentistas e seiscentistas, em que, mais uma vez, fica bem patente a importância do património da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Aos 180 anos de vida, a Biblioteca do Porto continua assim a cumprir o papel para o qual foi criada, protegendo o património que lhe tem sido entregue e transmitindo-o às novas gerações.

É desta forma, apoiando actividades deste género, de grande valia e distinção, promotoras de hábitos e do consumo culturais, que melhor se corporiza a política cultural do município portuense: *apostar na cultura para melhorar a qualidade de vida das pessoas e a coesão social e assim assegurar o futuro e a identidade da Cidade.*

A Vereadora do Pelouro do Conhecimento e Coesão Social
Guilhermina Rego

APRESENTAÇÃO

Este volume resulta de uma iniciativa conjunta da Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP) e do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLC-UA), tendo como enquadramento o projeto de I&D «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano», financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [<http://amatolusitano.web.ua.pt>].

Os trabalhos em curso neste projeto de investigação constituíram-se como o ponto de partida de uma reflexão alargada e fecunda sobre três temas – Humanismo, Diáspora e Ciência –, que consideramos nucleares tanto para a leitura da obra do próprio Amato Lusitano, o médico albacastrense que passou a maior parte da existência no desterro, como, no fundo, para a compreensão do percurso e da obra de tantos outros vultos insignes de Portugal e da Europa, sobretudo nos séculos XVI e XVII.

O objetivo principal do projeto é a edição e tradução para português dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes* (Veneza, 1553), estando prevista, também, a tradução de mais duas obras diretamente correlacionadas com os livros do médico português: a montante, a do próprio tratado grego de Dioscórides; a jusante, a do livro intitulado *Apologia aduersus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) do humanista Pietro Andrea Mattioli.

Os comentários de Amato Lusitano a Dioscórides inserem-se no movimento humanista de regresso à pureza dos textos matriciais da Antiguidade Clássica, de que o tratado original é um exemplo paradigmático. São textos de caráter muito diversificado que não se cingem apenas ao âmbito estritamente filológico, porquanto constituem, no seu todo, uma manifestação significativa da contribuição decisiva dada pelo Humanismo Português para a revolução cultural e científica que, nos séculos XV e XVI, abalou as estruturas da sociedade europeia e rasgou as fronteiras do mundo conhecido, abrindo as portas à modernidade.

Nos primeiros anos da década de trinta do século XVI, a questão judaica ganhava cada vez mais centralidade no plano político, religioso e económico. O confronto tenaz de posições antagónicas, que se revelaram totalmente inconciliáveis, gerou um conjunto de ondas de choque fortíssimas que varreu de lés a lés a sociedade portuguesa e pôs a nu uma fratura profunda que durante séculos haveria de dividir o país. As circunstâncias muito específicas vividas no Portugal de Quinhentos e de Seiscentos,

nomeadamente o estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício, cuja ação continuada e determinante se estendeu por quase três centenas de anos, condicionaram e moldaram, de uma forma singular, a inovação e a criação cultural e científica desenvolvida no país e fora dele, lançando, não raras vezes, algumas das suas principais figuras, em áreas do saber diversas, nos caminhos da Diáspora, em resultado do seu pensamento, da sua fé ou tão-só da sua ascendência cristã-nova.

Amato Lusitano é um dos primeiros a abandonar o Reino, rumo ao empório de Antuérpia, pouco antes do estabelecimento da Inquisição em Portugal. Muitos outros cristãos-novos se lhe seguiram e não poucos se distinguiram na Diáspora pela excelência da sua obra em múltiplas áreas do conhecimento. Entre todas, a Arte de Galeno é, sem dúvida, a mais bem representada, num tempo em que a figura do médico-filólogo-humanista adquiriu uma notoriedade assinalável, como bem patenteiam os nomes de Amato Lusitano, Diogo Pires, Filipe Montalto, Francisco Sanches, Rodrigo e Gabriel da Fonseca, apenas para citar alguns dos autores estudados neste volume.

Por conseguinte, Humanismo, Diáspora e Ciência, como bem se percebe, entrecruzam-se de forma inextricável no percurso e na obra de vários autores – Amato Lusitano é apenas um de muitos exemplos – nos alvares da modernidade.

Atendendo a estes pressupostos, desafiámos um conjunto de investigadores portugueses e estrangeiros a refletir sobre os temas nucleares desta realização, de tal forma que fosse possível articular, harmoniosamente, a investigação produzida com as obras que integram o riquíssimo acervo à guarda da BPMP. O resultado alcançado foi o volume, que ora vem a público, reunindo não só um notável e inovador conjunto de estudos, mas também um catálogo bibliográfico selecionado a partir dos três temas centrais que deram o mote a esta iniciativa. Assim, trazem-se a lume novíssimos dados e perspetivas sobre diversos autores como Amato Lusitano, André de Resende, Aquiles Estaço, Bento Fernandes, Diogo Pires, Duarte de Sande, Filipe Montalto, Francisco Sanches, Francisco Suárez, Gabriel da Fonseca, Georg Franck von Franckenau, Jerónimo Cardoso, Jerónimo Osório, Pedro Hispano, Pedro Nunes, Pedro Santerna, Rodrigo da Fonseca, entre outros. Em simultâneo, promove-se o conhecimento dos próprios livros sobre os quais incidem os estudos apresentados, dando a conhecer a um público alargado um catálogo selecionado de obras da BPMP sobre a temática em apreço.

Um dos méritos desta iniciativa consistiu, precisamente, na elaboração de um catálogo bibliográfico balizado temática e cronologicamente e que, não sendo exaustivo (nem poderia ser, nas circunstâncias),

deixa um importante contributo para a divulgação, nacional e internacional, de um relevante núcleo de impressos quinhentistas e seiscentistas à guarda da Biblioteca Portuense.

Este catálogo descreve uma seleção de 219 espécies bibliográficas, de formato variado (do in-12º ao in-fólio), escritas em latim e em vernáculo, impressas em prelos portugueses e estrangeiros (maioritariamente) e publicadas no decurso dos séculos XVI e XVII. Não obstante o recurso a obras e a bases bibliográficas de referência, nacionais e internacionais, as espécies documentais foram compulsadas *in manu*, recorrendo ao exame direto do exemplar. Em muitos casos, foi possível analisar cadernos e constatar erros tipográficos de paginação, registar assinaturas e mencionar anotações e marcas que perduraram nos livros. A descrição bibliográfica foi realizada de acordo com o disposto na edição consolidada da ISBD – Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada e, sempre que se revelou pertinente, seguiram-se as DCRM – Descriptive Cataloging of Rare Materials (Books); a estrutura informatizada dos registos bibliográficos, processados no sistema integrado de gestão de bibliotecas HORIZON, obedeceu ao formato UNIMARC. As obras descritas no catálogo bibliográfico impresso foram ordenadas alfabeticamente pela entrada principal de autor-pessoa física ou coletividade-autor.

Foi também possível enriquecer o presente livro com algumas dezenas de imagens, com realce para os frontispícios das obras catalogadas, selecionadas em função das temáticas – Humanismo, Diáspora, Ciência (séculos XVI e XVII) – que deram o mote a esta iniciativa, dos estudos dos autores que colaboram neste volume e, evidentemente, da relevância documental e iconográfica de muitas das espécies escolhidas. Na maioria dos casos, a legenda numérica destas imagens remete para o correspondente número de ordem do registo e respectiva descrição bibliográfica no catálogo.

Tendo em consideração a dimensão quantitativa da amostra das espécies arroladas, os condicionalismos inerentes à extensão do volume e, sobretudo, o facto de cada um dos registos ter sido processado bibliograficamente em formato eletrónico, optou-se deliberadamente por não coligir índices específicos (autores, títulos, locais de impressão, editores, antigos possuidores, etc.) no catálogo impresso, até porque estes e outros relevantes pontos de acesso à informação são facilmente pesquisáveis no catálogo público de acesso em linha das Bibliotecas Municipais do Porto [<http://bibliotecas.cm-porto.pt>] que, complementarmente, disponibiliza uma versão digitalizada e em texto integral desta edição. O catálogo em suporte eletrónico possibilitará também a atualização e enriquecimento ulteriores dos registos bibliográficos, através de eventuais notas complementares aos exemplares, adição das correspondentes

imagens das páginas de rosto e menção a versões digitalizadas destas obras existentes em bibliotecas e repositórios de referência, nacionais e internacionais.

Não cabe no âmbito desta *Apresentação* aprofundar a importância das coleções de livro antigo da BPMP, e concretamente do núcleo bibliográfico ora selecionado, enquanto fontes privilegiadas para a história da ciência, do livro e da leitura, arte médica, diáspora e circulação do conhecimento ou para os estudos sobre humanismo e cultura. Tal é evidenciado com mestria nos estudos e ensaios, aqui publicados, da autoria de reputados investigadores e especialistas (cujas breves notas curriculares se apresentam no final da rubrica ‘Estudos’) e nas várias abordagens multidisciplinares que o Colóquio Internacional a realizar no âmbito deste projeto certamente patenteará. Os textos inéditos incluídos nesta edição constituem uma das mais-valias deste projeto e, estamos convictos, enriquecerão a bibliografia alusiva às temáticas aqui abordadas.

Chamaríamos apenas a atenção para a existência neste núcleo bibliográfico de cimélios relevantes e, mesmo, de exemplares únicos conhecidos. Sem qualquer pretensão de esgotar o assunto, recorde-se, a propósito, que no corrente ano de 2013 ocorre uma relevante efeméride dual ligada à história do livro e da ciência, i.e., decorrem precisamente 470 anos sobre a primeira edição de duas obras emblemáticas associadas à denominada ‘Revolução Científica’: *De revolutionibus orbium coelestium*, de Nicolau Copérnico (Nuremberga, 1543) e *De humani corporis fabrica*, de Andreas Vesalius (Basileia, 1543); ambas existentes na BPMP na *editio princeps*, circunstância singular em bibliotecas portuguesas e raríssima mesmo em termos mundiais. Registe-se, ainda, o único exemplar conhecido do título *Apologus de morte et pastore cum aliis elegiacis* (Lisboa, 1558), do humanista português Jerónimo Cardoso, ou a iconograficamente deslumbrante *Historia Naturalis Brasiliae* (Amesterdão, 1648), entre outros exemplos de preciosidades bibliográficas que poderíamos aqui destacar.

A generalidade destes impressos quinhentistas e seiscentistas da BPMP permanece desconhecida do grande público, pelo que se impunha o seu aprofundado tratamento biblioteconómico e, sobretudo, diversas e amplas formas de divulgação: catálogo, exposição e colóquio internacional. A disponibilização – em suporte gráfico e eletrónico – deste instrumento de pesquisa, investigação e referência ambiciosa, assim, corresponder a expectativas e necessidades de utilizadores especializados (académicos, investigadores, etc.) e do público em geral. Neste âmbito, registe-se, ainda, que o presente catálogo impresso serve simultaneamente como catálogo da exposição homónima que estará patente ao público, entre 7 de março a 30 de abril de 2013, nas instalações da BPMP.

Por último e em nome do Comissariado Científico e da Comissão Organizadora, cumpre-nos exarar aqui devidos e reconhecidos agradecimentos, pessoais e institucionais, a todos os colaboradores do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que tornaram exequível a concretização do presente projeto, bem como às seguintes unidades de investigação: Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste” da Universidade de Lisboa; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, pelo apoio concedido para a edição desta publicação.

António Andrade
Júlio Costa

Nota | no presente volume respeitou-se a opção de cada autor na adoção ou não do novo Acordo Ortográfico (1990).



ESTUDOS



O HUMANISMO PORTUGUÊS, A SUA IDENTIDADE E AS SUAS CONTRADIÇÕES

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

RESUMO

A partir de finais do séc. XV, intensificou-se um movimento de estudantes portugueses em direção aos centros de saber da Europa, onde, então, se afirmava o Humanismo europeu. Em Universidades de Itália, de França, de Espanha, afirmaram-se, primeiro, como alunos brilhantes e, depois, como mestres.

Portugal, entretanto, tinha condições específicas que impediram que o movimento humanista aqui frutificasse em todas as suas dimensões. A força e o poder da intolerância religiosa, de que é paradigma a Inquisição, não permitiram que a dimensão filosófica do Humanismo europeu, no que tinha a ver com a renovação de mentalidades, com a crença no ser humano e na sua dignidade, tivesse acolhimento em terras portuguesas. Os humanistas portugueses destacaram-se na retórica e na oratória, na filologia, na epistolografia, na poesia e, até mesmo, na historiografia. Mas não se lhe conhecem contributos no tocante à Filosofia.

Este trabalho pretende fazer um enquadramento global do Humanismo português, apontar alguns dos seus nomes mais marcantes, sublinhar os traços da sua identidade e apontar algumas das suas contradições e fragilidades: a poesia lírica (fragilidade comum à maior parte dos humanistas), o teatro, a Filosofia.

PALAVRAS-CHAVE

Humanismo; Portugal; humanistas portugueses.

ABSTRACT

From the end of the 15th century, Portuguese students travelled in increasing numbers to the European centers of learning, where Humanism was becoming established. At the universities of Italy, France and Spain, they first shined as students and then as masters.

There were particular conditions in Portugal that prevented the humanist movement from flourishing here in all its dimensions. The strength and power of religious intolerance, epitomized by the Inquisition, inhibited the philosophical dimension of European Humanism, entailing as it did a renewal of mentalities and a belief in the dignity of the human being, from taking root in the country. Portuguese humanists distinguished themselves in rethoric and oratory, in philology, epistolography, poetry, and even historiography, but there are no records of their contributions in philosophy.

This lecture presents a general overview of Portuguese Humanism and focuses on some of its most notable exponents, highlighting their distinctive features and pointing out some of their contradictions and weaknesses: lyric poetry (a weakness that is common to most humanists), drama and philosophy.

KEYWORDS

Humanism; Portugal; Portuguese Humanists

Europa, final de Quatrocentos. Tempo de um mundo em ebulição. Tempo de todas as encruzilhadas. Tempo de descobertas, também. Tempo de encontros e bem assim de desencontros.

A aventura de um pequeno povo do sul, com tanto de ousado quanto de insensato, levaria o velho continente a descobrir a Índia, primeiro, depois o Brasil. O encontro com a África fazia parte do passado. O futuro, agora, morava mais longe, além do cabo tenebroso, além do mar temível.

Era, afinal, o mundo que a si mesmo se descobria.

Não falta quem sustente que a literatura medieval, último bocejo de alma de um mundo em agonia, estava exausta, enredada nas suas próprias contradições, presa das suas próprias incapacidades. Mergulhada na filigrana verbal, emblema, afinal, de todos os tempos de fim de ciclo ou de encruzilhada, parecia, dizem, afundar-se nas areias movediças da sua falta de chama e da sua retórica pouco mais do que vazia.

Seria assim?

Mas... e Dante? E Petrarca? E Boccaccio? E todos quantos fazem a fronteira cultural que é esse território alongado nos anos que separa o último quartel do século XIV dos anos derradeiros do século XV?

O primeiro, Dante, ousa uma nova leitura do homem e do seu lugar no mundo, ao traçar o seu rumo nos múltiplos aléns de que se tece a *Divina Comédia*. Ressuscita Virgílio, a alma da literatura latina, exímio retratista da condição humana, e dele faz seu guia na viagem pelos mundos do passado e pelos mundos do futuro. Assim alicerça no poema grande da literatura latina, a *Eneida*, um dos cantos onde, à uma, se encerra a Idade Média e se abre a Idade Moderna.

O segundo, Petrarca, libertou-se do rendilhado verbal, para descobrir uma nova arquitetura lírica, que haveria de fermentar em Itália e nos demais povos que a Itália rumaram e que viria a consolidar-se, ano após ano, nas sementes de uma nova literatura.

Boccaccio retorna à Antiguidade e ao seu lugar central nas Letras, recupera para o Amor a sua dimensão de motor fundamental do ser humano.

Perante Boccaccio, perante Petrarca, perante Dante, não será possível anunciar a agonia da literatura. Verdade seja que o não será também com Boiardo, com Ariosto, com tantos outros que, mais do que o clamor final de uma idade em idade terminal, foram, inequivocamente, o anúncio seguro da vitalidade da literatura e da cultura, sempre amarradas às suas raízes.

Passemos da Literatura à Filosofia e as conclusões não serão diversas. Depois de Leonardo Bruni ou de Coluccio Salutati, precursores da nova filosofia italiana, aí está Savonarolla, aí está Nicolau de Cusa, aí está Pico della Mirandola, aí está Marsílio Ficino. A emergirem, todos eles, nos anos crepusculares da Idade Média, haverá alguém que negue que são estes os verdadeiros iniciadores do pensamento moderno, do pensamento em que assentam as bases de uma nova Filosofia europeia? Que são medievos, poderia dizê-lo a sua idade. Nega-o, porém, a sua obra, que deles faz modernos, na mais verdadeira aceção da palavra.

Carece, pois, de consistência, como repetidas vezes se tem afirmado nas últimas décadas, a tese da rutura, do golpe, do abismo, da solução de continuidade, para caracterizar o Renascimento face à Idade Média. Carece de consistência; e, no entanto, essa tese, solidamente edificada por Burckhardt, apesar de sucessivamente infirmada, parece continuar a colher adeptos, que repousam confortavelmente na convicção de ter havido um período de trevas medievais, como se o mundo e sua história fossem uma repetição incessante de uma alternância de preto e branco, encerrados cuidadosamente em vasos incommunicantes. Pura ilusão! Na História (e na da cultura, em particular) nada provém do nada, tudo acontece em estreita ligação com o passado, remoto, mas também recente, por transformação, por imitação, por rejeição. Em cultura, como na natureza, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma, se é que Lavoisier se não incomoda com esta apropriação da sua máxima por território alheio.

Sem que a velha literatura esteja, pois, a agonizar, uma nova literatura vai nascendo, com raízes próximas ou mais longínquas.

Em Portugal, é assim que Gil Vicente faz a transição entre as duas idades; e, com ele, Garcia de Resende e os poetas do seu Cancioneiro Geral; e, também, Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, que cultivaram a medida velha de par com as novas formas e os novos metros.

E assiste-se ao aparecimento de uma literatura portuguesa... escrita em latim, ou, se se preferir, de uma literatura latina... escrita por portugueses. Mas nem isso é novo. O apreço pelas letras latinas já vinha de longe; e dele dão testemunho as traduções de D. Pedro, em tempos da dinastia de Avis.

Este é, enfim, o tempo em que, na Europa, tudo se transforma. Pico della Mirandola, Marsílio Ficino ou Nicolau de Cusa, cada um de seu jeito, afirmavam o primado do homem, assim desafiando, em patamares diversos, bem entendido, dogmas consolidados e supostamente inabaláveis. Em 1517, ao tornar públicas, na Catedral de Wittenberg, as suas teses, Lutero desafiava o poder papal e a supremacia da autoridade romana sobre a Igreja, mas também sobre a Europa.

É nesta Europa em ebulição que em Itália se adensa o desafio: descubramos o passado e descubramo-nos. E o passado, esse passado que nos desafiava e nos fascinava, estava ali ao lado, mas morava, também, em resguardados arquivos de mosteiros medievais. Estava ali ao lado, desde logo, na monumentalidade romana, patente na velha Urbe, mas disseminada um pouco por toda a Europa colonizada pelos Romanos. E morava em recônditos arquivos medievais, em manuscritos que a paciência de monges foi copiando, no silêncio das suas celas e seus *scriptoria*, assim contrariando a tão propalada tese de uma Idade Média sem cultura e sem letras.

Itália descobre, assim, as suas raízes, que são, também, as nossas, nas pedras carcomidas de tempo que a sua cidade nunca lhe escondera, e nos textos que o saber meticuloso dos conventos havia preservado. E assim o homem se redescobre ao descobrir o seu passado.

Nesse virar de século, para não dizer de séculos, quando o mundo se encontra a si mesmo e se descobre um outro, quando o homem se reconhece num rosto que em si mal conhecia, a Europa ferve num caldo de cultura que é, afinal, o berço de todos os fascínios.

E, por ser a cultura o centro nuclear dessa ebulição, não surpreende que as transformações mais vertiginosas ocorram na Universidade. Aquela que era a velha universidade medieval, guardiã do saber e, não raro, de matriz conservadora, tornou-se, por contágio dos tempos, parte ativa e, mesmo, motor das transformações que são o emblema do Renascimento.

É na Universidade que pontificam os nomes mais destacados desse saber em mudança, que redescobre o homem no seu passado e, com os pés firmes num presente de encruzilhada, busca apontar novos rumos para o futuro. Essa será, no fundo, uma das múltiplas definições do Humanismo, o espírito que o norteia ou, talvez, o denominador comum das suas múltiplas correntes de pensamento.¹

Em Itália, pontificam Ângelo Policiano, Pedro Bembo, Eneias Sívio Piccolomini (depois Papa, com o nome de Pio II), Lourenço Valla, Poggio Bracciolini, Marsilio Ficino, entre tantos outros; em França, Rabelais, Montaigne, Lefèvre d'Étaples, Ronsard, Guillaume Budé; em Espanha Nebrija, Juan Luis Vives; nos Países Baixos, Erasmo, em Inglaterra Thomas More. Por toda a Europa, multiplicam-se mestres de renome, filósofos, teólogos, filólogos; as ciências do pensamento, as ciências da palavra atingem um surto de notoriedade que fascina os mais novos e não deixa ninguém indiferente. Artes e letras ocupam lugar central na sociedade; e, no centro delas, o homem, aparentemente redescoberto.²

O livro que, com a invenção da imprensa, ou antes, dos caracteres móveis, conheceu uma nova era, é instrumento de divulgação rápida dos saberes e dos artefactos da estética. De Guttenberg, que revolucionara, neste particular, o conhecimento ou a sua divulgação, a Aldo Manuzio, expoente, ao tempo, do negócio e da arte da impressão, o crescimento é vertiginoso.

Mas é a força das ideias que tudo comanda.

Lutero e Erasmo são dois nomes, apenas, dos muitos em torno de quem gira o turbilhão reflexivo deste século de mudança. Reformadores, eis o nome simplista, talvez, que a todos quadra ou com que a história, por comodidade, os quis englobar. Não sem razão, valha a verdade, já que, de uma forma ou de outra, era a reforma do seu tempo, da cultura, dos costumes, das mentalidades, da governação, mesmo, que pretendiam. Sobrevirá, lá para meados do século XVI, o contraciclo, em jeito de antídoto contra uma doença funesta, assim o entendiam os seus obreiros, e que, por idêntica comodidade, a história englobou sob a designação de Contra-Reforma. E não sem motivo, uma vez mais.

Por força da cultura e por força das ideias, a Europa torna-se, subitamente, um imenso cosmos, de fronteiras diluídas. E, onde não há fronteiras, é uma nova pólis que desabrocha. Inventaram os

¹ O conceito é exposto por D. R. KELLEY, *Renaissance Humanism*, Boston, Twayne Publishers, 1991.

² Vasta é a bibliografia a respeito do Humanismo europeu, seus protagonistas, suas manifestações, a sua presença nos diversos países. Deixa-se, tão-somente, a menção à grande obra de síntese editada por Albert Rabil, Jr., pela sua grande abrangência e pela vastidão da informação que disponibiliza: A. RABIL, Jr. (ed.), *Humanism Renaissance: foundations, forms, and legacy*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 3 vols., 1988.

nossos dias, em razão, também, de uma tentativa de partilha universal da busca do saber e da formação de quem o procura, o conceito de mobilidade. Pois bem, mobilidade, da forma como hoje entendemos, é o mote desses tempos tardios de Quatrocentos e dos anos inaugurais de Quinhentos. Cada Universidade pratica, a seu jeito, a internacionalização ou uma parte daquilo que hoje por essa palavra se entende. Em cada cidade universitária, em cada centro de saber, não há distinção de origens, mesclada que está a geografia.

Nessa Europa sem fronteiras, o Latim é a língua franca. Da ciência e da cultura, da filosofia e da música, da arte e da matemática, da medicina e da geografia, da filologia (*et pour cause*) e da religião, da gramática... e do dia a dia. Discursa-se em Latim; escreve-se em Latim; ensina-se em Latim; viaja-se em Latim.

As identidades tendem a esbater-se, ou, por outra, as identidades no que elas contêm de origem geográfica, diante de uma espécie de nacionalidade supranacional, se o paradoxo é consentido.

A sede de cultura, além disso, estimula a viagem. Multiplicam-se os centros de saber, poucos deles de formação recente, já que a grande maioria possui as suas raízes nas velhas universidades medievais, no fundo da funda Idade Média. Foi isso que Burckhardt não conseguiu ou não quis ver. Aí pontificam mestres, à maneira clássica, de um saber que se pretende universal e universalista, voltado para a compreensão do homem, sua origem, sua essência, seu rumo, seu destino.

Salamanca, aqui ao lado, uma das mais antigas universidades da Europa, senhora de um prestígio e uma tradição que nunca deixou de atrair os estudantes portugueses.

Alcalá de Henares, no centro de Espanha, outro dos pólos de atração para universitários e mestres do Renascimento.

Em França, Paris, onde, desde muito cedo, se concentraram estudantes portugueses, organizados em torno do Colégio de Santa Bárbara. Mas também Toulouse e Bordéus e Montpellier e Poitiers e Lião.

Lovaina, nos Países Baixos. E, em Itália, Bolonha, Veneza, Roma, Pádua, Siena, Florença, para citar, apenas, aquelas que maior fascínio exerceram sobre os nossos estudantes.

Por todas essas cidades, por todas essas universidades, deambulam jovens portugueses, os mais deles financiados pelo erário régio, pródigo, desde D. João II, mas, em especial, ao tempo de D. Manuel e D. João III, em favorecer a integração portuguesa nesse amplo movimento cultural que alargava mais e mais os seus braços na Europa. Eram os “bolseiros d’El-Rei”, como a história da cultura veio a designá-los. Muitos deles afirmaram-se, em território estrangeiro, como não se afirmariam, talvez, em terra pátria. Afirmaram-se como estudantes de rara valia, primeiro, e, depois, também como mestres.³

³ São inúmeros os estudos a respeito da presença dos estudantes portugueses em centros de saber da Europa ao longo dos séculos XV e XVI. Citam-se, apenas, alguns títulos: J. S. S. DIAS, *A política cultural da época de D. João III*. Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1969 [2 vols.];

Porfiaram nas letras, na Retórica, no magistério, até, mesmo, na gestão da educação – como hoje se diria. Na ciência. Na Igreja.

Acompanhem-los de longe, que o curto tempo de que dispomos nos não consente mais do que um olhar de relance sobre os seus percursos e a sua nomeada.

Os Gouveia, à cabeça de todos, família que, durante décadas, se afirmou e afirmou a presença portuguesa por terras de França.

Diogo de Gouveia, o tio, o mais velho de todos, que fez do Colégio de Santa Bárbara o colégio dos Portugueses em Paris, em cuja universidade estudou e ensinou e da qual foi Reitor. Teólogo e conservador, é uma das figuras de proa da renovação cultural do nosso século XVI. E, também, Diogo de Gouveia, o seu sobrinho, que, como o tio, foi Reitor em Paris e, mais tarde, Principal do Colégio das Artes em Coimbra.

E os seus outros três sobrinhos, todos eles humanistas de renome.

António de Gouveia, porventura o mais importante de todos eles, filósofo, filólogo, jurista, poeta, professor. Manteve firme controvérsia com o famoso humanista francês Pierre de la Ramée, em defesa do aristotelismo.⁴ Destacou-se no ensino do Direito Romano, que regeu em Paris, em Cahors, em Valence, em Grenoble, em Mondovi, em Turim. Editou Cícero, Terêncio e Virgílio e compôs um conjunto de elegias, de qualidade poética discutível, como são, de resto, muitos dos poemas dos Humanistas. Mas a isso se voltará adiante. Temeroso da sorte que esperara em Portugal o seu irmão André, jamais voltou ao seu país natal, mas deixou o seu nome entre os dos grandes humanistas europeus do seu tempo.

Marcial de Gouveia, poeta, embora menor, e professor em várias universidades de França e Itália, antes de regressar a Portugal, onde concluiu a sua carreira de magistério no Colégio das Artes, em Coimbra, por ter sido detido às mãos da Inquisição.

E o mais conhecido de todos, André de Gouveia, que, depois de estudar em Paris, foi reitor dessa mesma Universidade, antes de rumar a Bordéus, onde viria a ser Principal do Colégio de

A. P. FARIA, *Portugal e Itália. Litteratos portugueses na Itália ou collecção de subsidios para se escrever a Historia Litteraria de Portugal que dispunha e ordenava Frei Fortunato Monge Cisterciense*. Leorne, Typographia de Raphael Giusti, 1905; E. GAULLIEUR, *Histoire du collège de Guyenne*. Paris, Sandoz et Fischbacher, éditeurs, 1874; L. MATOS, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1950; ID., *Les Portugais en France au XVIe. siècle — études et documents*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1952; J. QUICHERAT, *Histoire de Sainte-Barbe. Collège, communauté, institution*. Paris, Librairie de L. Hachette et Cie., 1860-1864 [3 vols.]; J. V. SERRÃO, *Portugueses no estudo de Salamanca (1200-1550)*. Lisboa, 1962. Vejam-se, ainda, as excelentes contribuições para o estudo do Humanismo português, presença constante ao longo de todo este trabalho e que são os diversos livros de A. C. RAMALHO, sob o título *Para a história do Humanismo em Portugal*, 5 vols., respetivamente: Coimbra, INIC, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1988, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998 e 2000; ID., *Estudos sobre a época do Renascimento*. Coimbra, Instituto de Alta Cultura — Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969; ID., *Estudos sobre o século XVI*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian — Centro Cultural Português, 1980; e, ainda, J. V. P. MARTINS, *Humanismo e Erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian — Centro Cultural Português, 1973, e *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal: les deux regards de Janus*. Lisboa-Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1989. Em todas essas obras se encontra bibliografia abundante sobre o tema que aqui nos ocupa.

⁴ Vd. J. CARVALHO, “António de Gouveia e o aristotelismo da Renascença”: *Obra completa*, vol.I. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, 1-116.

Guiena. Obteve de Montaigne um elogio ímpar: foi, no dizer do grande pensador francês, “le plus grand principal de France”.⁵ Daí partiu para Portugal, a convite do rei, para, com um conjunto de mestres que em Bordéus o acompanhavam (os “Bordaleses” – George Buchanan, Diogo de Teive, Arnaldo Fabrício, João da Costa, entre outros), fundar o Colégio das Artes. Esperava-o, supunha, a continuação de uma intensa atividade pedagógica; acolheu-o, porém, a intransigência movida pela Inquisição então reinante, a tolher os passos a uma carreira promissora e ao desenvolvimento das novas ideias que sopravam na Europa. Não fora surpreendido por morte estranha e prematura e nem mesmo assim, talvez, pudesse levar por diante o seu projeto.

João Rodrigues de Sá de Meneses, um dos primeiros bolseiros em Itália, poeta e prosador latino.

Luís Teixeira, Reitor da Universidade de Siena e professor em Ferrara. E Diogo Pacheco, Martinho de Figueiredo, entre muitos outros que quase passam despercebidos ao lado dos nomes maiores do Humanismo português.

Detenhamo-nos, porém, nesses nomes grandes, grandes em termos nacionais, mas grandes, também, à escala europeia.

André de Resende, poeta, pensador, historiador, filólogo, orador, íntimo dos grandes humanistas do seu tempo, admirador confesso de Erasmo. Em busca de saber, primeiro, e, depois, ao serviço da coroa, conheceu as mais importantes cidades da Europa (Espanha, Países Baixos, Alemanha, Itália, França), antes de se quedar, enfim, em Portugal, em Évora, a sua cidade de nascimento e de eleição. Autor de obra vasta e variada, em latim e em português, Resende é um dos mestres mais consultados no seu tempo, autoridade reconhecida nos diversos ramos do saber, personalidade multifacetada, senhor de uma cultura sólida e abrangente. A par de Damião de Góis, será, talvez, um dos mais insígnis exemplos do Humanismo português do Renascimento.

Diogo de Teive, poeta, historiador, orador, dramaturgo, professor. Estudante em Paris, em Salamanca, em Toulouse, em Poitiers, professor em Mantauban, em Bordéus e em Coimbra, no Colégio das Artes, para onde veio com os mestres bordaleses, foi, como eles, vítima das intrigas que dominavam o tempo, sob capa da intransigência religiosa, e detido às ordens da Inquisição, em processo que nele tinha, necessariamente, de deixar as suas sequelas. Legou-nos vasta e variada obra, onde se destacam a narrativa do segundo cerco de Diu, em latim primoroso e num relato cru e realista, a *Tragédia do Príncipe João*, obra maior da nossa dramaturgia humanista, livros de poemas, a par de muitas outras publicações e não poucas obras inéditas.

Henrique Caiado, um dos primeiros humanistas a estanciar em Itália, ainda no século XV, onde alcançou mérito e prestígio consideráveis, apesar da sua idade jovem, visto que morreu sem atingir os quarenta anos. Estudou em Bolonha e em Florença, onde foi aluno de Ângelo Policiano,

⁵ *Essais*, 1.26.

a quem haveria de endereçar mais de um poema, e também em Pádua, onde concluiria a sua formação em leis. Mas foi como poeta que se destacou; é, juntamente com Diogo Pires, de quem a seguir se fará menção, um dos maiores poetas portugueses em língua latina, reconhecido entre nós e em toda a Europa. As suas *Éclogas*, compostas à imitação de Virgílio, mas na esteira de Policiano ou de Sannazzaro, constituem uma referência na poesia bucólica do Renascimento. E as suas *Silvae*, bem como os seus *Epigramas*, documentam uma mestria e uma versatilidade lírica de que não podem orgulhar-se todos os Humanistas que, como ele, tentaram, em Latim, os caminhos da poesia.

António Pinheiro, filólogo e orador, bispo de Miranda e de Leiria, pregador oficial da corte, já na segunda metade do século XVI, que estudou e ensinou em Paris, onde ainda editou parte das *Institutiones Oratoriae* de Quintiliano. Respeitado pela sua cultura e pela sua capacidade retórica, teve um papel determinante no processo de sucessão da coroa portuguesa, que levou ao trono, depois de D. Henrique, o rei de Espanha, Filipe II.

Aires Barbosa, porventura o maior helenista português do seu tempo, aluno de Nebrija e de Policiano, estudante e, mais tarde, professor em Salamanca, onde ocupou, com reconhecido mérito, a cátedra de Grego. Poeta e prosador, foi, sem dúvida, no magistério que mais se notabilizou.

D. Miguel da Silva, o bispo de Viseu e, mais tarde, cardeal da cúria romana; estudante em Paris e Siena, foi, ainda, poeta, embora de préstimos não muito firmados.

Aquiles Estaço, porventura o mais conceituado dos Humanistas portugueses em Itália. Poeta, orador, filólogo, teólogo, pensador, autor de obra tão vasta quanto variada, ocupa posição cimeira, a par de Damião de Góis, André de Resende e Jerónimo Osório, entre os Humanistas do Renascimento português. Padre conciliar em Trento, ocupou lugar de relevo na corte pontifícia. A sua biblioteca pessoal, de que se guarda, ainda, hoje, boa parte na Biblioteca Vallicelliana, em Roma, reflete um espírito curioso, ávido de saber, e uma personalidade crítica em relação aos problemas do seu tempo. Foi editor e comentador de autores clássicos, em edições que foram referência durante séculos; teorizou em matéria religiosa e de direito canónico; compôs poemas de variada temática, onde avultam as composições de lirismo religioso. Respeitado em Itália, onde viria a falecer, sem jamais ter tornado a Portugal, faz parte da lista restrita dos Portugueses com lugar assegurado na galeria dos humanistas europeus.

Amato Lusitano, médico, será, por certo, de entre os nossos humanistas, aquele que mais se distingue, não nas Letras, mas na Ciência, onde ombreia com os nomes mais ilustres da ciência do seu tempo. Clínico afamado, foi médico de papas e de reis, investigador empenhado e arguto e professor. A História da Medicina considera-o um dos seus grandes.

Jerónimo Cardoso, poeta, gramático, lexicógrafo, talvez o pioneiro da lexicografia portuguesa.

Diogo Pires, poeta latino de rara mestria. Estudante em Salamanca, levou uma vida errante, fruto da sua origem judaica, com passagens mais ou menos prolongadas por Antuérpia, por Lovaina,

por Roma, por Ferrara, por Ragusa (Dubrovnik), onde viria a falecer. É seguramente o maior de todos os poetas humanistas portugueses e, com Henrique Caiado, um dos poucos exemplos de uma poesia de aprumo estético, de rigor compositivo e de inequívoca inspiração. A cultura judaica tem-no como um dos seus poetas de referência; a literatura croata, visto que viveu na Dalmácia metade da sua vida, regista-o no elenco dos seus escritores nacionais. Exilado do país, por força da sua origem e da sua crença, jamais deixou de a ele se sentir ligado por profundos laços de afeto, que lhe ditaram poemas de rara beleza e sentida emoção.

E, enfim, posto que muitos nomes fiquem por dizer, Damião de Góis, seguramente o príncipe dos humanistas portugueses, aquele que com maior propriedade soube viver ou teve o condão de viver o paradigma do homem do Renascimento. Diplomata e homem de negócios ao serviço da coroa, foi, ao mesmo tempo, mecenas de cultura e homem de cultura. Historiador, pensador, músico, poeta, filólogo, político, viajante incansável, íntimo dos grandes nomes do Humanismo e do Renascimento, é, sem dúvida, um “Príncipe do Renascimento”. Escreveu em português e em latim. Olhou, com argúcia e lucidez, o seu tempo e nele soube integrar a história que dele compôs, como a Crónica do reinado de D. Manuel, ou a narrativa do segundo cerco de Diu, a primeira em português, a segunda em latim. Questionou o seu tempo, sem ambiguidades, antes com frontalidade, fosse em questões de natureza política, fosse em questões de natureza religiosa. Claramente integrado nas tendências reformistas que dominavam a Europa e de que era expoente Erasmo, seu amigo, isso o levou a um final de vida penoso, encarcerado às ordens da Inquisição, cada vez mais intransigente e intolerante. Escritor versátil, pensador livre, homem de cultura, militante do pensamento, cidadão da Europa, é o modelo, talvez único, do Humanismo possível em Portugal no século XVI.

Muitos outros – dezenas de outros – emparceiram com estes, senão em nomeada, pelo menos na entrega às Letras e às Artes, no tempo em que a cultura era, assumidamente, uma opção de vida, dominada pelo regresso à Antiguidade Clássica. A lista é extensa e não cabe nas poucas laudas e escassos minutos da abertura deste congresso.

Os Humanistas portugueses, estes e os que ficaram por nomear, cobriram os géneros todos – ou quase todos – que o Humanismo europeu abraçou.

A Filologia, com António de Gouveia, com Aires Barbosa, com Aquiles Estaço, com António Pinheiro.

A Retórica, com António Pinheiro, com Henrique Caiado, com Diogo de Teive, com André de Resende, com Aquiles Estaço.

A Epistolografia, com Damião de Góis, com Jerónimo Osório, com André de Resende.

O teatro, com Diogo de Teive.

A Historiografia, com Damião de Góis, com D. Jerónimo Osório, com Diogo de Teive, com André de Resende.

A poesia lírica, com André de Resende, com Henrique Caiado, com António de Gouveia, com Aquiles Estação, com Diogo Pires.

Nem todos estes géneros ou, se se preferir, nem todas estas áreas de culto das letras ou das *humaniores litterae*, todas elas objeto da predileção dos humanistas em geral, foram alvo de igual atenção por parte do Humanismo português. Valerá a pena analisar, ainda que sumariamente, algumas circunstâncias especiais.

A Filosofia, por exemplo. Na lista acabada de fazer, mais do que uma vez se atribuiu a característica de “pensador” a alguns dos nomes. Isso não significa, porém, que os nossos humanistas possam ser emparceirados com os grandes pensadores do século XV ou do século XVI, muito menos que do lado português tenha havido um contributo relevante para a Filosofia do Renascimento. Nas palavras que abriram esta breve exposição, falou-se em Pico della Mirandola, em Marsílio Ficino, em Savonarolla, em Nicolau de Cusa, em Lutero, em Erasmo, em Montaigne, em Lefèvre d’Étaples, em Thomas More. Poderia ter-se falado em Maquiavel e em muitos outros, que marcaram uma mudança de rumo no pensamento europeu nesse que foi um dos seus séculos mais emblemáticos.

Analisemos, porém, de perto a situação portuguesa e a sua posição no contexto ibérico. No derradeiro quartel do século XV, sob a mão pesada dos Reis Católicos, Espanha progredia a olhos vistos num clima de intolerância que rapidamente alastrou a Portugal. O reinado de D. Manuel conhece já as marcas desse clima, que viria a agravar-se consideravelmente no reinado de D. João III. Enquanto na Europa se faziam sentir os ventos de novas correntes de pensamento, que questionavam o homem e o seu papel na história, que questionavam a religião e o seu lugar na sociedade, que alteravam o centro de gravidade da reflexão que ao longo de séculos se vinha fazendo, à medida que esse clima evoluía na Europa, em Portugal apertava-se o cerco às novas ideias reformadoras. Coincide, quase, com a morte de Erasmo, o mesmo é dizer com um tempo de profunda transformação de mentalidades, o estabelecimento, em Portugal, da Inquisição, por bula do Papa Paulo IV e sob intervenção direta da coroa portuguesa e da hierarquia da Igreja. Os mestres que o rei mandara vir de Bordéus para darem corpo a um novo projeto de educação, o Colégio das Artes, cedo se viram encurralados por essa intransigência. George Buchanan, João da Costa, Marcial de Gouveia, André de Gouveia, também, Diogo de Teive, Damião de Góis, entre tantos outros, sofreram na pele as consequências da intolerância e viveram as agruras e o infortúnio de quem tinha a desventura de cair nas mãos dos esbirros do Tribunal do Santo Ofício.

Nessas condições, o Humanismo português ficou-se pela forma, mais do que pelo conteúdo. Damião de Góis será, por certo, um raro exemplo e, mesmo assim, pagou cara a ousadia. André de Resende, em certa medida, também. Produzimos bons historiadores, razoáveis poetas (dois deles muito bons), excelentes oradores, notáveis filólogos, mas não lográmos produzir pensadores de vulto. Os que mais se destacaram nesse domínio vieram a ser, depois, obreiros da Contra-Reforma; mas desses não cabe falar aqui.



175

O mesmo se não dirá da Retórica. Este é, em Portugal, um tempo de grandeza. O século XV e o século XVI assistiram à concretização da política expansionista da dinastia de Avis. Lisboa tornara-se uma imensa metrópole, um caos aonde afluíam consideráveis riquezas. As grandes casas financeiras da Europa tinham forçosamente de passar por Lisboa. O orgulho nacional estava no auge.

Este é um contexto favorável ao aparecimento de um clima de euforia, o mesmo que criou condições para o aparecimento da epopeia camonianiana e de outras epopeias menores, o mesmo que deu origem a um certo discurso historiográfico de pendor panegírico, o mesmo, também, que suscitou o fausto de um conjunto de embaixadas a Roma, o mesmo, enfim, que facilitou a multiplicação de discursos de pompa e circunstância, nas mais variadas ocasiões. Os tempos de apogeu são propensos, como é sabido, ao ornato retórico; e o século XVI português não é exceção.

Sucedem-se as orações de circunstância, todas com a encenação própria dos grandes momentos: orações de sapiência, na abertura solene das aulas na Universidade ou nos Colégios universitários, como o Colégio das Artes, as orações de entrada,

por ocasião da chegada de um nobre às terras que eram o seu território, as orações de obediência, pronunciadas em Roma, diante do Papa, ou quando um novo rei subia ao trono e enviava o seu legado a Roma a jurar obediência ao chefe da Igreja, ou quando um novo Papa era eleito e o rei enviava nova embaixada, a jurar obediência ao novo ocupante do trono papal.

Muitas foram as orações proferidas por humanistas portugueses em qualquer uma destas circunstâncias. Em boa parte delas, ainda que pareça a despropósito, encontramos exemplos de afirmação da grandeza da gesta lusitana.

E, se seria expectável encontrar o engrandecimento, com grandiloquência, dos feitos alcançados em África e no Oriente, em discurso pronunciado em Roma, diante da corte pontifícia e dos embaixadores acreditados na então capital da Europa, menos natural será esse tema numa oração de sapiência, onde se deveriam louvar as disciplinas professadas e os respetivos mestres. Mas André de Resende, em 1551, na abertura do ano letivo no Colégio das Artes, em Coimbra, assim proclamava:

Propagatam quoque longe gentium abditissimas terras, etiam ante hoc tempus ignoratas, Dei opt. max. notitiam, ut tametsi eae gentes huius auspiciis nostris armis deuictae sint, earum tamen inter fuerit ita uinci, bonoque illis sit seruitutem eam perpeti, quae in ueram animorum adserat libertatem, positoque foedissimo simulacrorum cultu, ac daemonum obiecto iugo, quae obligatae atque detentae superstitione turpissima conflictabantur, iam caelum spectant, iam omnium rerum parentem agnoscunt, sancteque uenerantur

[...]

...Indici, Carmanicque triumphbi in mentem ueniant, ii, inquam, debellatos non ita pridem reges potentissimos, belicosissimas nationes iugo pressas, Turcarum pestiferam gentem et unis omnium Christianorum Lusitanis infensissimam, toties illic ad internicionem caesam...⁶

E também se propagou, ao longe, até às remotíssimas terras dos gentios ainda anteriormente desconhecidas, o conhecimento de Deus infinitamente bom e onipotente, de forma que, embora, segundo os seus desígnios, estes povos tenham sido vencidos, contudo lhes foi proveitoso serem assim vencidos e um bem para eles sujeitarem-se a uma servidão que os leve à verdadeira liberdade das almas, e agora, uma vez abandonado o culto tão vergonhoso dos ídolos e sacudido o jugo do demónio com que esses povos ligados e acorrentados eram atormentados pela superstição mais degradante, já levantam os olhos para o céu, já conhecem o Criador de todas as coisas e O veneram santamente.

[...]

...recordem-se dos triunfos da Índia e da Carmânia; lembrem-se ainda dos reis tão poderosos há pouco vencidos, dos povos tão belicosos subjugados, da raça maldita dos Turcos, inimiga feroz dos Portugueses mais do que qualquer dos povos cristãos, tantas vezes aí exterminada e destruída...

Porque uma das características do Humanismo português e dos seus protagonistas era a consciência viva da dimensão do tempo histórico que viviam e a vontade de serem participantes ativos desse mesmo tempo histórico.

Isso reflete-se, também, na epistolografia, outro dos géneros abundantemente cultivados. Os nomes maiores da nossa cultura humanista de Quatrocentos e de Quinhentos carteiaram-se com os seus pares ou com vultos da alta esfera da política um pouco por toda a Europa. A correspondência de Damião de Góis, por exemplo, é um manancial de informações sobre o seu tempo, como é, igualmente, uma fonte incontornável para a compreensão do seu pensamento. O mesmo se dirá de Jerónimo Osório, de André de Resende, de Aquiles Estação e de grande parte dos demais. É uma prosa de requintada valia estética, de inegável matriz ciceroniana, o grande modelo da prosa quinhentista.

Menos numerosos e de bem menor qualidade são os cultores da poesia épica. Neste particular, não há, em latim, ninguém que possa ombrear com o génio de Camões, em vernáculo. O lugar de maior proeminência é ocupado, ainda no século XV, por um italiano a residir em Portugal e de que adiante se falará, Cataldo Parisio Sículo. O seu *Arcitínges*, sobre a conquista de Arzila e Tânger, é um marco na literatura humanística portuguesa ou, pelo menos, produzida em Portugal. Com ele rivalizará um outro poema épico, uma vez mais de um não português, o espanhol, se bem que português por adoção, digamos, José de Anchieta, sobre os feitos de Mem de Sá. O *De gestis Mendi de Saa*, da segunda metade do século XVI, já não pode considerar-se, no entanto, um manifesto da literatura

⁶ Cit. de *Oração de André de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551*. Reprodução facsimilada, leitura moderna, tradução e notas de G. P. DOMINGUES, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1982, 39-40 (texto) e 62-63 (tradução).

humanista no seu período de apogeu; será, antes, uma manifestação inequívoca da Contra-Reforma, pelo modo como aborda a repressão sobre os índios do Brasil e pela intolerância com que trata os seus usos e costumes. Uma comparação do *De gestis* com os relatos do cerco de Diu, seja o de Damião de Góis, seja o de Diogo de Teive, revela profundas diferenças e deixa visíveis as marcas das correntes contra-reformistas, já então firmemente instaladas em Portugal. Damião de Góis, de facto, jamais subscreveria os juízos de valor e as intromissões subjetivas do narrador do *De gestis*, uns e outros semeados de intolerância.

Quanto ao teatro, um género com alguma tradição na Europa, mesmo durante o Renascimento e por mão dos Humanistas, pode dizer-se que, em Portugal, foi um projeto não conseguido. Temos, é certo, a *Tragoedia Ioannis Principis*, a Tragédia do Príncipe João, de Diogo de Teive, uma realização que, em latim, pode considerar-se o paralelo da *Castro*, de António Ferreira, em português. Mas pouco mais do que isso. Virão, lá mais para o fim do século, as peças dos Jesuítas; mas serão um teatro escolar, académico, artificial, praticamente irrepresentável. Valem como exercício retórico, mas não como produções da dramaturgia renascentista ou, mesmo, pós-renascentista.

O facto é que o Latim não era já a língua do quotidiano. Talvez por isso, no tempo de Gil Vicente, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, de António Ferreira, de Camões, o teatro em latim fracassou. Foi, perdoe-se a insistência, um projeto não conseguido.

O mesmo se não dirá da historiografia. Essa era, a par da Retórica, uma forma de os Humanistas participarem na grandeza do seu tempo; um modo, por assim dizer, de serem parte da História, por serem instrumento do registo da sua memória. Multiplicam-se as obras de grande valor e que ficam, ainda hoje, como repositórios da memória desse tempo. Damião de Góis escreveu, em português, é certo, a *Crónica de D. Manuel*, assim abreviadamente designada; Jerónimo Osório abalançou-se à narrativa dos feitos do mesmo rei, porventura em estilo mais grandiloquente e em mais pesada construção, com o seu *De rebus Emmanuelis gestis*, concebido, desde logo no título, a partir dos modelos latinos de Tácito ou Tito Lívio. André de Resende escreve sobre as “Antiguidades da Lusitânia”. O mesmo Damião de Góis deixou nos seus *Opuscula* exemplos vários de pequenas narrações historiográficas, onde avulta a descrição do segundo cerco de Diu, de 1546. O mesmo faz Diogo de Teive.

Ambos documentam bem o posicionamento dos Humanistas perante a verdade e a sua atitude perante a História. Nenhum deles, de facto, revela a menor intenção de falsear a imagem da realidade, ainda que, com isso, deslustre a proeza alcançada pelos seus contemporâneos e compatriotas. O respeito pelo adversário e o apego aos valores da verdade, mas também, porventura, da dignidade humana, sentido último dos princípios humanistas, não lho permitiam.

Vejamos, apenas, dois breves exemplos, um de cada um deles:

Assim escreve Teive, no seu relato, a propósito do comportamento das tropas portuguesas depois da vitória:

... sed ab altera parte caedes, ab altera fuga fiebat (...) caeteri passim foeda strage vias compleuerant. A castris in urbem statim itur. (...) Passim igitur saenitum sine ullius sexus aut aetatis discrimine. In domibus latitantes protracti ac iugulati in publicum proiciuntur.⁷

“[...] de uma parte buscava-se o massacre, da outra a fuga. [...] os restantes enchiam por toda a parte as ruas, em tremenda chacina. Do arraial dirigem-se, logo a seguir, para a cidade. [...] Por toda a parte, enfim, se dava largas à fúria, sem distinção de sexo ou idade; os que se escondiam em casa eram arrastados cá para fora e lançados à rua sem cabeça.”

Damião de Góis não é muito diferente:

*Iam promiscuae multitudinis uirorum mulierumque et puerorum interfectorum numerum immensum et miserandum fuisse constat, quibus rabies militum et suis antea malis et nunc sociorum mortibus irritata, nulla ratione parcere sustinuit. Quippe non solum non ab infantibus aut grauidis mulierum uteris, sed ne brutis quidem animantibus ferrum abstinuit militaris furor.*⁸

Consta que o número de mortos entre a multidão, homens, mulheres e crianças, sem qualquer distinção, foi imenso e horrível. Neles a raiva dos soldados, espicaçada pelos males antes padecidos e pela morte recente dos companheiros, não encontrou motivo algum para perdões. Mais ainda: não só em crianças e nos ventres de mulheres grávidas, como até nos animais, a fúria dos soldados enterrou as suas espadas.”

O que se disse do teatro pode dizer-se, em grande medida, da poesia lírica. Os poetas humanistas foram, por via de regra, excelentes na manipulação do verso latino, hábeis manejadores da prosódia e suas regras, artífices de qualidade na execução do poema. Mas um poema não é, como se sabe, um objeto de mercenaria; ao contrário do que preceituava António Ferreira, não são suficientes doutrina, arte, trabalho, tempo e lima. É necessária uma outra qualidade, que se consubstancia, talvez, no conceito de *ingenium*. Chame-se a isso talento natural, inspiração, fulguração, seja isso o que for, é mais do que “habilidade manual”. Digamos de outra forma: a lírica, se é a emanção do “eu”, só pode plasmar-se na língua em que se chora, na língua em que se ri, na língua em que se ama, na língua em que se odeia. Ora, para os nossos humanistas, o latim era a língua da ciência, da viagem, da oratória (do discurso), da argumentação, da filosofia e por aí fora, mas dificilmente a língua das emoções (prazer, pranto, ódio, amor, alegria, tristeza). Por isso, os seus poemas são, na maioria dos casos, objetos perfeitos do ponto de vista da construção poética, do ponto de vista da técnica compositiva, mas falta-lhes a centelha que faz de um artefacto poético um poema. Esta é uma verdade que serve a quase todos, desde Inácio de Moraes a Jerónimo Cardoso, desde Diogo de Teive a Diogo Mendes de Vasconcelos, desde Aires Barbosa a André de Resende, mesmo. Haverá

⁷ Diogo de TEIVE, *Commentarius de rebus apud Diu gestis anno salutis nostrae MDXLVI*. Coimbra, 1548 (há alguns anos reeditado, com fac-símile da edição original, sob o título *Relação das proezas levadas a efeito pelos portugueses na Índia, junto de Diu, no ano da nossa salvação de 1546*, Lisboa, Cotovia, 1995, com tradução de C. A. ANDRÉ e notas de R. LOUREIRO, edição de onde foi colhida a presente citação, no original fl. m. j).

⁸ Damião de GÓIS, *De bello Cambaico ultimo commentarii tres*. Lovaina, 1549.

CŌMENTARIVS

DE REBVS IN INDIA

APVD DIVM GESTIS

ANNO SALVTIS NOSTRAE

M. D. XLVI.

Iacobo Teuio Lusitano Autore.



CONIMBRICAE.

M. D. XLVIII.

exceções, bem entendido, que mais não fazem do que confirmar a regra. E tais exceções justificam-se e são compreensíveis, face ao contexto em que viveram os poetas que as corporizam.

Aquiles Estaço, por exemplo, tem algumas boas manifestações de lirismo religioso, área onde claramente se destaca.

Henrique Caiado é um poeta bucólico de rara qualidade, que ombreia com os melhores do seu tempo e onde o artificialismo a que acima se faz referência não é especialmente evidente. Além de que, entre os seus epigramas, encontramos notáveis exemplos de boa poesia, não apenas na perspectiva da técnica compositiva, mas também na da qualidade estética.

E Diogo Pires é, sem dúvida, um dos nomes maiores da poesia lírica humanista, seja à escala portuguesa, seja à escala europeia.

Há razões, porém, para isso. Qualquer um dos três partiu cedo de Portugal, sem jamais ao seu país ter regressado. Em nenhum dos três o Português seria a língua do quotidiano. Atento o contexto social e cultural em que se movimentavam, o mais provável é que o Latim fizesse parte do seu dia a dia, mais do que qualquer outra língua. E, se é certo que Aquiles Estaço e Henrique Caiado se moviam, talvez, em espaços onde o Italiano seria a língua dominante (que recusavam, valha a verdade, pelo menos Caiado), de Diogo Pires, o melhor poeta de todos eles, nem isso é possível afirmá-lo. Judeu errante, na verdadeira aceção da palavra (assim lhe chamou Aquilino Ribeiro⁹), acabou por fazer da viagem um meio de vida: Portugal, Espanha, Inglaterra, Países Baixos, França, Itália, Dalmácia, num vai-e-vem incessante. A termos em conta as conclusões de António Andrade¹⁰, foram viagens múltiplas, de ida e volta, ao serviço dos negócios da família. Outra língua, decerto, lhe não restaria a não ser o Latim. Não surpreende, por isso, que o seu fazer poético em latim (além desta língua só se lhe conhecem pequenos arremedos de poesia em grego) tenha alcançado a qualidade estética que só aos falantes nativos de uma língua estão reservados.

Da sua vasta obra, desde o primeiro livro, saído em Ferrara, em 1547, até à obra inédita, podemos respigar alguns exemplos que manifestam estarmos perante um poeta rico e versátil, senhor de uma poética variada no tema e variada na forma.

Era um poeta hedonista. E disso dão testemunho alguns dos seus epigramas, seja os que dedica ao vinho e seus prazeres, seja os que tomam por motivo os prazeres do amor.

O vinho, por exemplo:

*Sobria nox animo curas inducit amaras,
nec patitur dulci membra sopore frui.*

⁹ A. RIBEIRO, *Portugueses das sete partidas (viajantes, aventureiros, troca-tintas)*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1969.

¹⁰ A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI*, Aveiro, 2005, dissert. dout. (ainda inédita).

*Heus, puer, ut molli submittat lumina somno,
utque abigat curas, largius adde merum.*¹¹

Uma noite sóbria insinua no coração cuidados amargos
e não consente ao corpo desfrutar de um doce torpor.
Pois bem, rapaz, para o vinho sujeitar os olhos às doçuras do sono
e manter ao largo os cuidados, chega-lhe mais e do puro.

Ou este breve dístico:

*Carmina mitto tibi. Tu carmina nulla remitte.
Ebria Musa mea est; uina, Benesse, uolo.*¹²

Versos te mando, ó Benesso; e tu, versos nenhuns me hás-de mandar em troca;
ébria é a minha musa: vinho, ó Benesso, é o que eu quero.

Ou um outro poema, a Faleto, de inequívoco pendor horaciano:

*Castaneae molles et dulcis copia musti
et qui continuo lucet ab igne focus
diminuunt nobis hybernae tempora noctis
et faciunt celeres tardius ire dies.
Castra petant alii regesque sequantur in armis
perque feros enses et sua fata ruant.
Me inuuet ad feras deducere uina lucernas
et madidum multa saepe iacere rosa.
Quod si forte latus iungat non rustica uirgo,
uicimus. Haec uoti est summa, Falete, mei.*¹³

Castanhas maduras e mosto doce até fartar
e a lareira a reluzir de labaredas sem parança,
eis o que faz minguar o tempo nas minhas noites de inverno
e leva os dias velozes a correr com mais vagar.
Busquem outros campos de batalha e sigam os reis de armas em punho
e corram por feras espadas e os fados que lhes são gratos.
A mim, apraz-me, antes, emborcar vinho até às luzes mais tardias
e, de tanto vinho empinado, bastas vezes ficar estendido, feito esponja.
E se acaso me enlaçar o peito uma cachopa não desajeitada,
trunfe. Este, ó Faleto, é o maior dos meus votos.

Mas era também poeta mordaz, como Marcial, atento à realidade do seu tempo, atento, sobretudo, a quanto o rodeava e que não se coíbia de caricaturar:

¹¹ *Cato Minor*, ed. 1596, pp. 104-105.

¹² *Elegiarum libri tres* (ms., ainda inédito), 1.10.

¹³ *Cato Minor*, ed. 1596, p. 136.

*Est ancilla mihi, qualis sit praesulis, oro,
lusca parum, dextro debiliore genu;
ante diem bibit et totas iacet ebrias noctes
et uomit assidue, meit ante focum.
Videris impexam, iures uidisse Megaeram.
Rancidius nihil est cum sibi compta placet:
apparent atris gingivae dentibus orbae
et nulla in toto est uertice nigra coma.¹⁴*

Tenho uma criada — quem será a patroa, pergunto-me eu —
um tanto vesga, coxa quanto baste da perna direita;
começa a beber antes de ser manhã e fica estendida de bebedeira noites inteiras
e vomita constantemente e mija diante da lareira.
Se a visses desgrenhada, dirias que viste a Megera em pessoa.
Nada existe de mais sórdido, quando lhe dá na gana de se enfeitar:
aparecem-lhe, por entre os dentes, gengivas vazias,
e no cruto do toutiço não há um só cabelo negro.

A sua obra, como se disse, é variada; uma das marcas dominantes é aquilo a que podíamos chamar saudade, a consciência amargurada do exilado da sua pátria distante, que evoca, a todo o momento, em versos sentidos de emoção. Um dos momentos em que esse afeto e a emoção em que se traduz mais se sentem é quando parece ter tido notícia da derrota de Alcácer-Quibir, da morte do rei D. Sebastião, do começo da ruína. É assim que se junta às vozes que choravam o desastre nacional:

*Felix — heu! — nimium felix, ni sceptrum Sebastus
exciperet. Nocuit postumus ille puer.
[.....]
Qualis Iunonis flos candidus aut rosa summo
mane orta in tenebras languet eunte die.
Heu, miserande puer! Quis te furor urget in hostem?
Quas uocat in pugnas hybrida Siriphius?
Cur ingrata tibi patria est? Et Olyssippo quare
cedit Atlanteis regia Marrochiis?
[.....]
Vana loquor, uolucresque ferunt mea uerba procellae;
instat enim fati uis et in arma trahit.
Ecce — nefas! — inter confusae stragis acervos
an iaceas dubium est, et tamen ipse iaces.
Hi nostri reditus, hae spes, ea publica nota,
hic expectatus Marte triumphus erat.*

¹⁴ Cato Minor, ed. 1596, p. 135.

DIDACI



PYRRHI LVSITANI

CARMINVM LIBER VNVS;



APVD FRANCISCVM
RVBRIVM.

Ferrariae. 1545.

*Ite per caedes et fusa cadauera, cines,
 ite per et campos et loca plena metus!
 Qua Tigien tot scuta uirum, tot tela, tot enses,
 tot galeas et tot corpora uoluit aquis,
 si quis et arma tenens ipsaque in morte minaces
 uertit adhuc oculos, ille Sebastus erit.
 Ille erit; illius perfusum corpus ab unda,
 si qua modo tellus quantulacumque tegat.
 [.....]
 Quin etiam, ut longum cladem testetur in aeuum,
 talis in aggesto caespite uersus eat:
 "Rex Lusitanus iacet hic; Mars impius auctor
 funeris. Haud parcutur fortibus ille uiris.
 Et cum rege iacet libertas pristina et omnis
 gloria fidalguae gentis et omne decus." ¹⁵*

Afortunado, oh, muito afortunado, se Sebastião não herdasse o ceptro!
 Foi uma desgraça esse póstumo rapaz.

[...]

Qual esperança e delícia do povo ele crescia; mas todas
 as esperanças dos homens são frágeis e todas as delícias breues.
 Assim a flor cândida de Juno ou rosa nascida no alvor da madrugada,
 murcha ao crepúsculo quando o dia se esvai.
 Ah, triste rapaz! Que furor te lança contra o inimigo?
 A que batalhas te chama o mestiço xerife?
 Porque te é ingrata a pátria? E Lisboa,
 porque cede na realeza ao Marrocos de Atlas?

[...]

É vão o que digo e velozes procelas levam as minhas palavras;
 pesa sobre ele a força do fado e às armas o arrasta.
 Eis, oh, sacrilégio!, que entre montões de uma chacina confusa,
 se tu jazes, não se sabe; mas a verdade é que jazes.
 Esta era a recompensa, esta a esperança, estes os públicos votos,
 este o triunfo que de Marte nós esperávamos.
 Ide por entre a mortandade e os cadáveres dispersos, ó cidadãos,
 ide pelos campos e lugares repletos de terror.
 Por onde tantos escudos de guerreiros, tantas lanças, tantas espadas,
 tantos capacetes e tantos corpos o Tígien os revolve nas suas águas,
 se alguém, de armas na mão, até na própria morte
 volve ainda os olhos ameaçadores, esse será Sebastião.

¹⁵ *Eleg. 2.8, 37-38, 43-48, 53-66, 77-82. Texto e edição em C. A. ANDRÉ, Um judeu no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal, Coimbra, INIC, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1992, 143 e 148-149.*

Será ele: o corpo banhado de água,
 se é que ao menos um pouco de terra o cobre.
 [...]
 Mais ainda: para testemunhar a grandeza da derrota para a eternidade,
 que no túmulo de relva corram estes versos:
 Um rei lusitano aqui jaz. Foi Marte ímpio o autor
 de um tal crime; ele não perdoa a varões corajosos;
 e com o rei jaz a liberdade de outrora
 e toda a glória de uma nobre raça e toda a sua honra.

Quis o destino e o poder imperial que Ovídio, o paradigma dos poetas exilados, jamais regressasse a Roma do seu exílio em Tomos. No caso de Diogo Pires, quis o destino e a força da Inquisição que terminasse os seus dias em Ragusa / Dubrovnik, sem jamais regressar a Portugal e à sua querida Évora. Ovídio deixou no epitáfio que para si mesmo compôs a expressão do seu desalento e o derradeiro clamor de desencanto e desesperança. Diogo Pires não procedeu de modo diferente. O epitáfio que para si mesmo compôs, à maneira e imitação de Ovídio, não é menos sentido do que o do seu antepassado no exílio:

*Hic mea nec ferro nigra neque tacta fauilla
 ossa uelim placide condat amica manus;
 neue mei fuerit moles operosa sepulcri,
 at breuis in summo marmore uersus eat:
 “Didacus hic situs est, Ehora procul urbe domoque.
 Non licuit patrio condere membra solo.
 At tu, siue legis portum seu litore funem
 diripis, aeternum, nauta, precare uale!”¹⁶*

Aqui, não tocados do ferro nem do negror das cinzas,
 os meus ossos gostaria eu que em paz os guardasse mão amiga.
 E que não seja trabalhosa a construção de meu túmulo,
 mas corra, no alto do mármore, um breve poema:
 “Diogo aqui jaz, longe da cidade de Évora e de sua casa.
 Não lhe foi consentido guardar os membros em solo pátrio.
 Mas tu, quer recolhas ao porto, quer da praia levantes amarras,
 dirige-lhe, para sempre, ó marinheiro, um adeus!”

Feito este percurso, necessariamente breve e não por acaso terminado nos movediços terrenos da poesia, justo é que arrisquemos algumas conclusões, isto é, que desemboquemos na definição de algumas características do Humanismo português, em especial no que o distingue do Humanismo europeu, que lhe deu origem, que é o seu modelo e onde colhe as suas raízes.

¹⁶ *Eleg.* 3.10, 91-98. *Ibidem*, 52 e 57.

É, desde logo, como se viu, um Humanismo sem Filosofia. Não foi assim Europa fora, onde avultam, ao longo dos séculos XV e XVI, nomes incontornáveis na história da filosofia europeia. Como se disse, Damião de Góis pode ser exceção, mas nem o brio patriótico nos consentirá emparceirá-lo com os grandes pensadores seus contemporâneos, de quem foi, em muitos casos, íntimo e amigo. A razão para esta fissura no Humanismo português já atrás foi apontada: o clima de intolerância que se instalou em Portugal ao longo de todo o século XVI não permitiu que a mudança de mentalidades que se operava além fronteiras eclodisse, em Portugal, em movimento de natureza semelhante. E, assim sendo, forçoso é reconhecer que o nosso Humanismo renascentista acaba por ser uma espécie de parente afastado dos seus congêneres europeus.

Além disso, o nosso Humanismo possui uma fortíssima marca cosmopolita; ou, por outra, é um Humanismo de expatriados e de estrangeirados. Os seus nomes maiores, nas várias áreas, estudaram fora do país, floresceram em outras latitudes e outros ambientes, quando não, mesmo, ali se enraizaram e por lá ficaram para sempre. Damião de Góis não teria sido o que foi se não tivesse vivido uma vida de permanente errância pelas grandes capitais e pelos grandes centros de poder e de cultura da Europa. André de Gouveia não teria alcançado o seu prestígio e a sua, digamos, excelência pedagógica, se não tivesse feito toda a sua formação em França. André de Resende não teria atingido a excelência do seu saber se não tivesse vivido parte do seu tempo fora do país. E Diogo de Teive. E Diogo Pires. E Aires Barbosa. E Aquiles Estação. E Henrique Caiado. E... e tantos outros, quase todos, afinal de contas. Essa marca, que faz do Humanismo português uma corrente universalista e, ao mesmo tempo, como se disse, cosmopolita, confere-lhe um caráter muito especial e é, sem dúvida, uma das suas peculiaridades.

Com tais características e atenta a História, com todos os seus cambiantes (os descobrimentos, a expansão, o poderio português no Oriente, o peso político da coroa portuguesa, a importância financeira de Portugal), atento o prestígio de alguns dos nomes da nossa cultura e a grandeza da obra produzida, este poderia ter sido o século português. Podia, mas não foi. Ficou-nos aquele senão, aquela mácula de um país virado para si mesmo, enredado nas suas próprias contradições, aparentemente senhor e vítima de um fado que era o do seu passado e seria também, sem que então o soubesse, o do seu futuro; ficou-nos a mácula de uma mesquinhez que é irmã gémea da intransigência, se é que os povos são como as pessoas, que, quando pequenas, se acobardam ante a suspeita da sua própria sombra. E de tudo isso nasceu, afinal, aquilo que podia ter sido um projeto de afirmação plena e que, sem deixar de ser uma afirmação de grandeza e de pujança cultural, foi, também, para nossa frustração, um projeto mal conseguido, parente não suficientemente próximo, repita-se, dos seus congêneres europeus e nunca, infelizmente, mola impulsadora desse amplo movimento de ideias, sem fronteiras, que define a Europa dos séculos XV e XVI.

Uma palavra, enfim, sobre o tempo, ou melhor, sobre a cronologia ou o calendário, para usarmos uma palavra moderna; questão de somenos, valha a verdade, mas que não vale a pena ignorar.

O Humanismo, em sentido lato, tem as suas raízes em plena Idade Média; infirmadas que estão, unanimemente, as concepções burckhardianas, não há, hoje, quem não pense assim. Não há Renascimento nem Humanismo sem Dante e sem Petrarca, por exemplo.

Em Portugal, poderia dizer-se que as tendências humanistas lançam as suas raízes na prosa latina da dinastia de Avis, em especial na suas traduções, onde D. Pedro assume lugar de relevo. Mas a verdadeira eclosão do movimento humanista é aquela que se manifesta naquilo que podíamos designar, para deitar mão de um conceito próprio da Universidade de hoje, por mobilidade estudantil. Essa acontece no último quartel do século XV, primeiro em direção a Espanha e a Itália, depois em múltiplas outras direções. Aí se enquadra também, como não pode deixar de ser, a mobilidade que traz até nós mestres estrangeiros (os *incoming*, como hoje são designados). De entre eles, assume lugar de relevo Cataldo Parísio Sículo, convidado por D. João II para mestre de D. Jorge, seu filho bastardo, depois Duque de Aveiro, que ele predestinara para lhe suceder (desígnio nunca concretizado, como se sabe). Na história da cultura, todas estas fronteiras são artificiais. É abusivo e redutor determinar uma data, uma baliza temporal, para marcar a eclosão de um movimento de ideias e práticas estéticas que vai, ao invés, fermentando ano após ano. Mesmo assim, pelo significado que assume, pela simbologia de que se reveste, pode, talvez aceitar-se, com todas as ressalvas que resultam de quanto acaba de dizer-se, a opção de Américo da Costa Ramalho, que aponta Cataldo como o introdutor do Humanismo em Portugal. Confesso que teria dificuldade em contrariar o grande mestre e aquele a quem mais devem os estudos do Humanismo renascentista português. Conhecedor único dos meandros bem sinuosos do Renascimento, seria veleidade da minha parte pôr em causa esta asserção, que por comodidade se assume.

Mas não sem reafirmar que as fronteiras cronológicas, em história da cultura, são, por definição, fluidas, incertas, inexatas.

Talvez por isso, e ousando correr o risco de me contradizer, sugeriria que, se foi Cataldo o introdutor do Humanismo em Portugal, o primeiro humanista português, em sentido real, foi Henrique Caiado. Sustentam-no o prestígio alcançado na pátria do Humanismo, Itália, e a qualidade da sua obra poética.

Pela mesma razão, atrever-me-ia a dizer que o último dos nossos humanistas do século XVI foi Estêvão Rodrigues de Castro. Poeta, professor em Pádua, onde era mestre prestigiado, pode considerar-se que ele encerra a vasta lista da participação portuguesa nessa corrente estética e de pensamento.

Há latim antes de Caiado? Sem dúvida. Há o da dinastia de Avis, como se disse. Como há outros visitantes ilustres em Portugal, antes de Cataldo e que tinham no latim a sua língua de expressão, como, por exemplo, Mateus Pisano. Mas esse alargar de fronteiras perde muito na identidade do movimento que a história da cultura designa por Humanismo renascentista. Tudo isso está nas sementes do Humanismo português, sem dúvida, e, sem isso, talvez nunca tivesse eclodido o movimento humanista entre nós. Mas era cedo.

E há latim depois de Estêvão Rodrigues de Castro? A resposta é também afirmativa. Basta lembrar, uma vez mais, o latim dos Jesuítas, exercitado arduamente nas escolas da Companhia. Como haverá, tempos fora, nos séculos XVII e XVIII, pródigos, ainda, em obras latinas, em prosa e em verso. Mas esse não é já o Humanismo renascentista. Não o é na prática pedagógica, não o é na fidelidade aos clássicos, não o é nessa componente que lhe é essencial, as ideias. Só a muito custo, para não dizer que só por deformação, poderá considerar-se que o teatro jesuíta, a retórica jesuíta ou a poesia jesuíta são manifestações do Humanismo renascentista português.

Europa, segunda metade do século XV. Enquanto a ocidente, em Portugal, um povo destemido e aventureiro dava novos mundos ao mundo, em outras paragens menos ocidentais, outros restituíam ao mundo o seu velho mundo. Assim os dois movimentos se completavam, um a alargar as suas fronteiras oceano fora, o outro a mergulhar fundo nas profundas raízes do mundo que, assim, ia crescendo.

O que faz com que o Humanismo português não seja filho tardio do seu congénere europeu, antes tenha nascido e crescido no tempo certo. Mas de outra forma, por força das vicissitudes e contradições do país onde crescia. O tempo do Humanismo português é, também, o tempo da intolerância religiosa, da intransigência. E isso lhe ditou irremediavelmente a sua identidade.

Europa, finais do século XVI. Os ventos da Contra-Reforma tardaram, mas instalaram-se, um pouco por toda a parte. A arte evoluiu, nos percursos enredados e labirínticos de um tempo que a si mesmo se procura, em encruzilhadas novas e desafiantes. Em Portugal, a encruzilhada é diferente; perdida em Alcácer a soberania e, porque não?, parte da dignidade nacional, o país voltava-se para dentro e para as suas próprias angústias. Tardará várias décadas a redescobrir-se. E o Humanismo português, preso de amarras de duas sortes, aquela que sempre lhe tolheu os passos e essa outra, nova, inerente a um povo que, perdido, se procura, dilui-se nessa espécie de perda da identidade coletiva. O país há-de emergir, décadas depois, e, com ele, uma cultura renovada. E outro há-de ser o seu rosto. Se bem que este, o que marca o século XV e o século XVI, jamais possa ser dado por encerrado ou por extinto. Porque se, em cultura, nada se cria e tudo se transforma, também nada se perde, o mesmo é dizer que nada morre em definitivo.

APROXIMAÇÃO À *ARCHIPATHOLOGIA* DE FILIPE MONTALTO*

ADELINO CARDOSO

CHC, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
Universidade Nova de Lisboa

RESUMO

O objectivo deste trabalho consiste em fazer uma aproximação à *Archipathologia* de Filipe Montalto, publicada em 1614.

A organização da obra, dividida em dezoito tratados, evidencia um esforço notável de classificação das doenças neuropsiquiátricas. A respeito de cada afecção particular, Montalto indaga as causas, sintomas e terapêutica.

Neste trabalho realça-se o *consilium* que o autor anexou como apêndice ao tratado IV, sobre a Melancolia, cujo interesse reside na sua componente teórico-prática e também em que Montalto aí distingue melancolia (inclusive hipocondríaca) de hipocondria. De facto, é da afecção hipocondríaca que aí se trata.

Na ausência de um capítulo introdutório, bem como de uma noção estruturante do conjunto da obra, mostra-se que o tratado I, sobre a Dor, assume um significado especial.

PALAVRAS-CHAVE

Montalto, *Archipathologia*, *consilium*, afecção, dor.

ABSTRACT

This work aims at approaching Filipe Montalto's *Archipathologia*, first published in 1614. The organization of this book, divided into eighteen treatises, shows an enormous effort in order to classify neuro-psychiatric diseases.

Concerning each specific way of affection, Montalto searches for its causes, signs and therapeutic means.

One stresses a *consilium* which the author includes as an appendix to the treatise on Melancholy, which is interesting due to its theorico-practical component, and because there Montalto distinguishes between melancholy (namely the hypochondriac one) and hypochondria. In fact, it is with hypochondria that Montalto deals with.

The treatise I, On the Pain, is particularly relevant, playing the role of a general introduction to the *Archipathologia*.

KEYWORDS

Montalto, *Archipathologia*, *consilium*, affection, pain.

* Trabalho desenvolvido no âmbito do projecto "Arte Médica e inteligibilidade científica na *Archipathologia* de Filipe Montalto", financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

INTRODUÇÃO

A biografia de Filipe Montalto (Castelo Branco, 1567 – Tours, 1616) tem suscitado o interesse dos investigadores, sendo razoavelmente conhecido o seu percurso académico e profissional. No entanto, subsistem incertezas e dúvidas, nomeadamente a respeito da sua presumível docência nas Universidades de Pisa e Lovaina.

Filho do boticário e cirurgião António Aires e de Catarina Aires, foi baptizado na igreja de Santa Maria, em Castelo Branco, a 6 de Outubro de 1567. Como tantos outros dos seus contemporâneos lusos, formou-se em Medicina pela Universidade de Salamanca. Concluído o curso, em Novembro de 1588, fixa-se em Lisboa, onde casa com Jerónima da Fonseca, filha de Lopo da Fonseca, médico da rainha D. Catarina, mulher de D. João III. Abre consultório no Adro de Santa Justa até cerca de 1600. Sem especificar a data, no tratado V da *Archipathologia*, sobre a Mania, a propósito da importância do ciclo sono-vigília e da cura através da boa regulação do sono, Montalto invoca a sua experiência clínica em Lisboa, relatando com algum pormenor a cura de um rapaz na casa de D. Garcia de Noronha: “O sono é sumamente útil e muito necessário a todo o espírito atarefado e aos loucos. Além da razão, também a experiência mostra frequentemente que ele deve ser incluído entre as primeiras e principais defesas desta afecção. Conciliado ele quase, ou melhor, só, lembro-me de ter curado um rapaz em Lisboa, na casa do muito nobre D. Garcia de Noronha. Ora, inclinado sobre ele para o acalmar tanto por meios externos como internos; acomodado num leito macio e suspenso, é administrado frequentemente um soporífero com algum cheiro, como violetas verdejantes espalhadas à volta das narinas, crisálida, coentros, papoila, hyosciamus¹, mandrágora, ou aplicada a decocção das coisas anteriormente referidas; servida no final da refeição alface cozida, dando também a beber àquele que depois da ceia se vai deitar sumo de amêndoas, de sementes comuns frias, de papoila branca, acrescentada água de rosas e um pouco de açúcar”².

Temendo a perseguição do Santo Ofício, emigrou para Itália, exercendo a arte médica em Florença. Aí se relaciona com o Grão Duque Fernando de Médicis, de quem foi médico e por cujo intermédio entrou em contacto com a Maria de Médicis, rainha de França, que o convidará para

¹ Hyosciamus é um género de planta herbácea, da qual se conhecem cerca de quinze espécies na Europa, usada para fins medicinais, mas é muito tóxica devido aos alcaloides que contém (Informação recebida do Professor Jorge Paiva, biólogo, Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra, a quem expresso a minha gratidão).

² “Somnum omni ingenio procurato, & insanientibus summè utilem ac pernecessarium. Eum inter prima, praecipuaque huius affectionis praesidia recensendum, ultra rationem, experientia non raro ostendit. Ipso conciliato penè solo, aut potissimo memini à me curatum puerum: Vlyssipone in domo nobilissimi D. Garciae de Noronsa. Incumbendum verò illi conciliando, tum per externa, tum per interna; lecto mollissimo ac pensili concinnato, somnifero quopiam odoramento saepiùs adhibito, vt stratis circum nares virentibus violis, nymphaea, coriandro, papauere, hyoscyamo, mandragora, aut praedictorum decocto applicito; exhibita in fine mensae lactuca cocta, propinato item à coena eunti cubitum amygdalarum, seminum communium frigidorum, & albi papaueris cremore, addita rosacea aqua, & modico saccharo.” (*Archipathologia, Tractatus V, De Mania, seu Furore*, Paris, 1614, p. 419). Agradeço a Domingos Lucas Dias a revisão da tradução dos excertos da *Archipathologia* citados neste trabalho.

médico da corte parisiense. De Florença rumou a Veneza, onde, além da ciência e da arte médicas, se dedicou a polémicas anti-católicas. De Veneza foi para França, ao serviço da Coroa, até ao final da sua vida, abruptamente terminada em Fevereiro de 1616 na cidade de Tours, onde acompanhava a comitiva real.

Montalto publicou duas obras, a *Optica intra Philosophiae, & medicinae aream, de visu, de visus organo, et objecto theoriam* (Florença, 1606) e a *Archipathologia, in qua internarum capitis affectionum essentia, causae, signa, praesagia, & curatio accuratissima indagine* (Paris, 1614), que terá sido objecto de duas reedições no espaço de poucos anos. A relevância desta última foi por diversas vezes apontada, mas falta um estudo de conjunto que permita avaliar o seu significado na história da medicina e, mais precisamente, da neurologia e da psiquiatria. Inserido no âmbito de um projecto interdisciplinar de tradução e estudo da *Archipathologia*, o trabalho que aqui se apresenta visa uma aproximação ao *modus operandi* do autor e a alguns aspectos significativos do seu conteúdo. Dado o estado inicial da investigação, o nosso intento é sinalizar motivos e pontos de interesse, mais do que propor resultados.

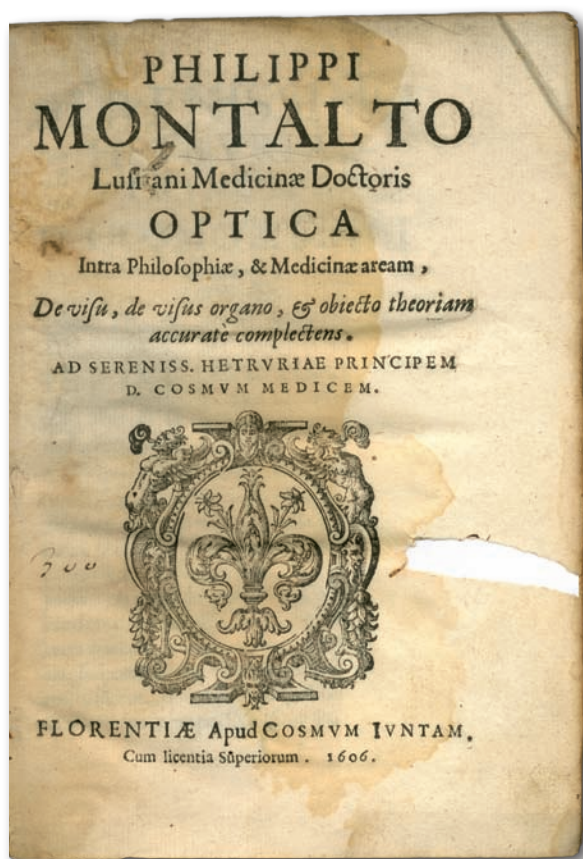
ESTRUTURA E MODO DE ELABORAÇÃO

No próprio título, a *Archipathologia* apresenta-se como um tratado sistemático sobre as afecções internas da cabeça, sua essência, causas, sintomas, presságios e cura. A escolha do termo afecções em vez de doenças é, sem dúvida, intencional, já que o âmbito da obra é imensamente vasto, abarcando um leque variado de perturbações neuro-psicológicas. E um dos motivos de interesse da *Archipathologia* reside na classificação exaustiva que propõe, se a compararmos com outras obras do mesmo período, como por exemplo a obra médica de Francisco Sanches³ ou as *Observações* de Felix Plater⁴, publicado no mesmo ano da *Archipathologia*. Por seu lado, numa atitude tipicamente moderna, cada uma das afecções é objecto de uma abordagem específica, ao invés daquilo que se passa nomeadamente em Celso, para quem o dado fundamental é que os diferentes tipos fazem parte de uma categoria geral, a insânia: “Do ponto de vista da classificação, apercebemo-nos de que o importante para Celso não é uma diferença determinante entre *phrenitis* e *mania* enquanto doença aguda e doença crónica, mas o facto de que ambas pertencem à *insania*, doença física não localizável numa parte do corpo”⁵. De igual modo, procura-se a localização

³ Francisco Sanches, em consonância com o modelo habitual, ordena as doenças começando pelas doenças da cabeça até aos pés. Os primeiros 11 capítulos do livro I das suas *Obras Médicas*, versam sobre: dor de cabeça, vertigens, frenite, letargia, fraqueza ou perda da memória, apoplexia, paralisia, epilepsia, convulsões, melancolia (F. Sanches, *Opera Medica*, Tolosae Tectosagum, apud Petrum Bosc, 1636). Como é visível, há uma acentuação das doenças de foro orgânico em comparação com as doenças mentais.

⁴ F. Plater, *Observationum, in hominis affectibus plerisque, corpori et anima, functionum laesione, dolore, aliave molestia et vitia incommodantibus*, Basileae, Impensis Ludovici Köning, 1614.

⁵ J. Pigeaud, *Poétiques du corps. Aux origines de la médecine*, Paris, Les Belles Lettres, 2008, p. 545.



139

loucura dos amantes (*De insania amantium*), onde, na esteira da tradição grega, nomeadamente platónica, o vínculo amoroso não implica reciprocidade e permuta de papéis, assumindo amante e amado funções, posturas e condutas assimétricas⁷. Do ponto de vista lexical, Montalto joga na polaridade entre o amante e “a coisa desejada” (*Archipathologia*, p. 381) ou, mais canonicamente, entre o amante e “a coisa amada” (*Ibid.*, pp. 384, 385, 387). De facto, o que está em causa não é algum modo de

precisa de cada afecção, em vez de considerar a existência de doenças que dizem respeito ao corpo todo⁶.

Numa primeira abordagem, a estrutura da obra não é clara. Se a ordenação dos primeiros tratados é razoavelmente inteligível, a organização do conjunto exige ao leitor um esforço reflexivo: I - Dor; II - Dor de cabeça; III - Frenite e parafrenite; IV - Melancolia; V - Loucura dos amantes; VI - Mania ou furor; VII - Loucura lupina ou canina; VIII - Demência e fatuidade; IX - Perda e fraqueza da memória; X - Coma ou catáfora; XI - Coma em estado de vigília; XII - Letargia; XIII - Caro (Inconsciência total); XIV - Catalepsia; XV - Vertigens; XVI - Íncubo (Pesadelos); XVII - Epilepsia; XVIII - Apoplexia. O desenvolvimento dos diferentes tratados é bastante díspar, variando entre oito (Loucura lupina e canina) e cento e quarenta e duas páginas (Melancolia). Os tratados em que o autor mais investiu do seu saber e experiência são o II e o IV, sobre a dor de cabeça e a melancolia, respectivamente. Curiosamente, o tratado que mais tem interessado os comentadores é um dos mais pequenos, a que o autor dedica apenas nove páginas, o tratado V, *Sobre a*

⁶ “A loucura em geral, incluindo a *phrenitis*, é atribuída à generalidade do corpo. O que significa, se usarmos uma fórmula negativa plena de sentido, que a questão da sede não se coloca.” (*Ibid.*, p. 546).

⁷ Veja-se a obra, a muitos títulos admirável, de Leão Hebreu, *Diálogos de Amor*, Lisboa, INIC, 1983.

loucura que afecte os envolvidos na relação amorosa⁸ ou a próprio amor, designando o tratado em causa como “treatise on lovesickness”⁹.

No que respeita ao seu modo de elaboração, a *Archipathologia* é um tratado científico-doutrinal segundo o modelo em vigor, em que se parte da definição da afecção em causa, caracterizam-se as suas diferentes espécies, determinam-se as causas respectivas, os sintomas que apresentam e a terapêutica adequada. Os traços marcantes da obra são, pois, o esforço de conceptualização e a discussão das diferentes perspectivas sobre o tópico analisado. No intuito de inscrever as posições defendidas na ortodoxia médico-filosófica, Montalto apoia-se em Galeno, seguindo-se a invocação do pai fundador da medicina, Hipócrates, do “Filósofo”, isto é, Aristóteles e do seu “Comentador”, Averróis, sem descurar Avicena, cujo *Canon* era uma obra de referência no ensino médico, designadamente na Universidade de Salamanca. Torna-se pois difícil, neste quadro, apurar o contributo específico do nosso autor para o estudo neuropsiquiátrico. Assim, por exemplo, o Tratado I, *Sobre a Dor*, (que constitui uma das especificidades da obra montaltiana) afigura-se nos razoavelmente original. Segundo o autor, a dor é uma paixão do apetite, que resulta do concurso de três faculdades: “a primeira das quais é o sentido externo que conhece o movimento provocado pelo objecto, na medida em que [tal movimento] é sensível: logo depois, a potência interna, rude, sem dúvida, de algum modo imaginativa ou estimativa, coextensa aos órgãos, percebe essa mesma mudança provocada pelo objecto como inconveniente e contrária à natureza: o que, além disso, será minuciosamente examinado: segue-se imediata e necessariamente a tristeza do apetite sensitivo resultante do mal presente”¹⁰. No entanto, ao invés de reivindicar a sua originalidade, o autor adota a estratégia de realçar a concordância da sua concepção com a doutrina galénica e aristotélica. A prova dessa concordância faz corpo com a elucidação da posição montaltiana, tal como está, desde logo expresso no título do capítulo V: “Explica-se a tese proposta que coloca a essência da dor na afecção do apetite e mostra-se que ela é consentânea com o espírito de Aristóteles e de Galeno”¹¹. Importa realçar que Montalto afirma o seu acordo com o “espírito” (*mens*), mas não com a letra dos autores mencionados, porque tem consciência de que, no que respeita nomeadamente a Galeno, há passagens dificilmente compatíveis, se não mesmo contraditórias, com a tese por si avançada¹².

⁸ A tradução de amantes por “amoureux” não me parece inteiramente ajustada. (Cf. Michel Rosenbaum, *La Vie et l'Œuvre d'Elie Philotheo Montalto, juif portugais, médecin à la cour de Marie de Médicis et de Louis XIII*, tese de doutoramento em Medicina, Paris, 1971.)

⁹ Michael Altbaner-Rudnik, *Prescribing Love: Italian Jewish Physicians writing on lovesickness un the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, European Forum at the Hebrew University, 2009, p. 55.

¹⁰ “[...] quarum prima sensus est externus agnoscens provenientem ab obiecto motionem, ut sensibilis est: mox interna potentia, rudis nempè quaedam imaginatrix, aestimatrixvè organis coextensa, eandem ab obiecto imutationem, ut disconvenientem & naturae contrariam percipit: quod aliàs enucleabitur: sequitur immediatè & necessariò appetitus sensitivi tristitia ex praesenti malo.” (*Archipathologia, Tractatus I, De dolore*, cap. V, p. 9).

¹¹ “Explicatur proposita sententia doloris essentiam in appetitus passione statuens, eamque ad Aristotelis & Galeni mentem ostenditur.” (*Ibidem*).

¹² A este respeito, é interessante confrontar o capítulo XII, de crítica a Avicena e a certas passagens de Galeno, com o capítulo XIII, em que se aproximam outras passagens galénicas da tese expandida.

UM *CONSILIUM* SOBRE UM CASO DE HIPOCONDRIA

Um dos motivos de interesse da *Archipathologia* reside num *consilium* que surge como apêndice do tratado sobre a Melancolia. Vale a pena acompanhar o desenvolvimento deste *consilium*, cujo tratamento ocupa um espaço significativamente maior que vários dos tratados, como por exemplo o já mencionado tratado sobre a loucura dos amantes (17 páginas contra 9). O primeiro motivo de interesse diz respeito à classificação montaltiana das doenças mentais. De facto, sob a aparência de um apêndice à melancolia, o autor reserva-nos uma surpresa: uma reflexão pessoal sobre a hipocondria, que não deve ser confundida com uma espécie da melancolia, mas como uma doença específica “Quando dizemos melancolia, não entendemos aquela afecção que, impressa no cérebro, se apresenta às imaginações perturbadas por medo e tristeza irracionais. Mas é necessário inferir o nome da causa, de tal maneira que há-de considerar-se mais afecção hipocondríaca do que melancolia hipocondríaca”¹³

O *consilium* é um procedimento médico que vigorou em especial no final da Idade Média e no Renascimento¹⁴. Em linguagem actual, diríamos tratar-se de um relatório especializado sobre um caso particular, elaborado a pedido de uma pessoa próxima, que pode ser um médico, do paciente. Na literatura sobre o *consilium* realça-se especialmente o carácter individual ou casuístico do mesmo: “Trata-se de uma literatura casuística, já que responde à disposição de um determinado caso clínico, de uma patologia.”¹⁵ O autor do *consilium* trabalha sobre um relato. No caso em apreço, é “uma história narrada por um médico muito excelente, ouvida da boca do ilustríssimo companheiro Fábio Aguenta”¹⁶.

Como é habitual, Montalto começa pelo diagnóstico e respectiva justificação, para seguidamente propor a terapêutica adequada: “julgo”, diz o nosso médico especialista, que aquilo que está fundamentalmente em causa é a “doença hipocondríaca e flatuosa” (*morbum hypocondriacum, flatuosumque*)¹⁷. Apresenta as “razões” que sustentam a sua conjectura e, mais assertivamente, que a garantem.

¹³ “Dum melancholiam dicimus, non eam intelligimus affectionem, quae cerebro impressa, metu, moestitiaque preter rationem, corruptisque imaginationibus sese prodat. Sed a causa nomen indere fas est, ita ut potius hypocondriaca affectio, quam hypocondriaca melancholia dicenda sit” (*Archipathologia, Appendix. Consilium pro Hypochondriaco Affectu*, pp. 367-368).

¹⁴ Pedro Laín Entralgo estabelece de uma maneira muito precisa o quadro histórico-cultural em que se dá a génese do *consilium*, no século XIII, e as transformações que se operaram neste procedimento entre a Idade Média e o Renascimento. (Pedro Laín Entralgo, *La historia clínica: historia y teoría del relato patográfico*, reedição, Madrid, Triacastela, 1988, pp. 68-126).

¹⁵ Enrique Montero Cartelle, *Tipología de la Literatura Médica Latina. Antigüedad, Edad Media, Renacimiento*, Porto, 2010, p. 105. Acerca deste tópico, além da obra de P. Laín Entralgo referida na nota anterior, veja-se Jole Agrimi and Chiara Crisciani, *Les consilia médicaux*, Brépols, Tournhout, 1994.

¹⁶ *Archipathologia, Appendix*, p. 364.

¹⁷ *Ibidem*.

Do ponto de vista terapêutico, Montalto defende que se trata de uma doença curável, se bem que difícil: “A cura é possível, mas não é fácil, nem breve” (*Curatio possibilis, at non facilis, neque brevis*)¹⁸.

Os conselhos terapêuticos ocupam a parte mais significativa deste *consilium*. Propõem-se medidas que incidem sobre o orgânico, mas é dada uma atenção grande aos aspectos ambientais e psicológicos: “Evite o ar nebuloso e caliginoso e, na medida do possível, o temperado; já que a afecção melancólica pede o húmido e o escorrimento excessivo, o seco; evitando os extremos de ambos, remediar-se-á mais seguramente; se, porém, tiver de pender para algum excesso, eu escolheria o seco; pois a cabeça sofre mais do que outros membros com o ar, em especial [a cabeça] porosa e fraca. Tanto os excessos do ar quente como do frio são nocivos, por razões diferentes. Aprovo o ar frio da montanha, na época do estio, mas não o ar instável. Não considero assim tão importante, no inverno, o ar de Rimini, se, como ouço dizer, tem demasiada humidade.

Há-de conciliar um sono um tanto mais prolongado, que não tenha início senão cerca de duas horas depois da ceia, com o sono habitual. Evite o sono diurno, salvo se acontecer que o nocturno seja interrompido e o próprio constate a necessidade de dormir.

Faça exercício moderado antes do almoço e antes do jantar, depois de evacuados os intestinos e a bexiga; a não ser assim, o exercício será prejudicial. Desista do exercício antes do aquecimento. As massagens dos extremos também são úteis antes da refeição.

Deve evitar-se ficar muito cheio. Descreverei mais adiante o que deve ser feito para manter o estômago flexível. Evite a ira, a tristeza e as aflições, oriente a vida para a alegria e a tranquilidade de espírito; oiça frequentemente o canto e a música instrumental, procure a deleitação que provém das fábulas e dos jogos costumados. Afaste as imaginações prolongadas sobre a doença.”¹⁹

CONCLUSÃO

Para Montalto, a doença, incluindo a doença mental, é um fenómeno explicável. A determinação das causas é sinalizada por indícios exteriores ou sintomas. Como é dito no *consilium* sobre um

¹⁸ *Archipathologia, Appendix, p. 370.*

¹⁹ “Aërem fugiat nebulosum, caliginosumque, & quoad fieri possit temperatum; postulat enim melancholica affectio humidum, importuna defluxio siccum; utriusque vitando extrema, tutius obviabitur; si tamen ad excessum aliquem vergere debeat, siccionem elegerem; ab aëre enim caput prae caeteris membris patitur, praesertim verò porosum & infirmum. Tam calidi, quam frigidi aëris exuperantiae, diversa ratione nocent. Montanum aërem frigidum aestivo tempore probò, non tamen inconstantem. Ariminensem hyeme non ita opportunum iudico, si, ut audio, impensè in humiditate excedit.

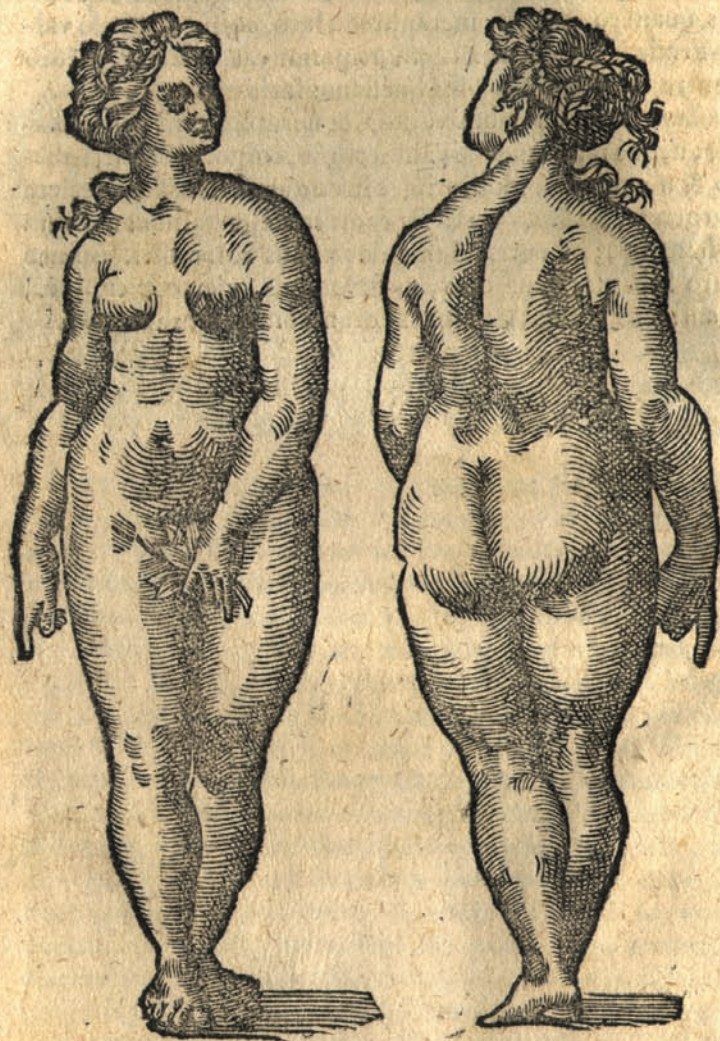
Somnus consueto paulò longior conciliandus, qui non nisi duabus ferè a coena horis initium capessat. Diurnum vitet, nisi fortè nocturnum contingerit interrumpi, undè se somni indigum persentiat.

Moderato utatur exercitio ante prandium, & antè coenam, excretis priùs alui, vesicaeque excrementis; alias nòxia fuerit exercitatio. Antè incallescèntiam ab exercitio desistat. Extremorum fricciones utiles quoque antè pastum.

Immodica repletio vitanda. Quae pro molli seruanda aluo facienda, infra describam.

Iram, tristitiam, ac moerorem fugiat, in gaudio & animi tranquillitate vitam traducat; cantus & musica instrumenta saepè audiat; ex fabulis, ludisque assuetis delectationem quaerat. Morosas de morbo imaginationes propellat.” (*Archipathologia, Appendix, pp. 371-372*).

In hac tabella femineam figuram expressimus auersam, & aduersam,
ut vtriusq; partis singula membra vniuersa opere commemoranda
in adsp̄ctum venirent.



Femina

DE HVMANA
PHYSIOGNOMONIA
IOANNIS BAPTISTAE
PORTÆ NEAPOLITANI
LIBRI IV.

Quæ ab extimis, quæ in hominum corporibus conspicuntur signis, ita eorum naturas, mores & consilia (egregiis ad viuum expressis ICONIBVS) demonstrant, vt intimos animi recessus penetrare videantur.

Omnibus omnium ordinum studiosis lectu utiles, maximeque iucundi.

Editio postrema priori correctior.

Cam duplici Rerum & Verborum INDICE longe locupletissimo.

La Congreg. de S. Matr. de Lotta.



ROTHOMAGI,
Sumptibus IOANNIS BERTHELIN, Bibliopole.

M. DC. L.

caso de hipocondria, “Posto isto, é fácil a redução de todos os sintomas às suas causas próprias”²⁰. Tais causas são duplas: orgânicas e psicossociais.

O autor da *Archipathologia* evidencia uma enorme confiança no poder da ciência e mais especificamente da medicina, apostando na curabilidade da doença, que resulta em larga medida de um desvio ou de um curso irregular da natureza, isto é, preternatural²¹. A ideia de preternatural é introduzida no tratado I sobre a dor, em que esta é explicada por um curso inabitual dos fenômenos: “A causa imediata e abrangente da dor, comum a todos os sentidos, é uma afecção à margem da natureza e violenta que acontece subitamente. Ao invés, a causa do prazer é o regresso súbito do estado preternatural ao natural, contanto que, porém, um e outro não escapem à potência sensiente²². A passagem do estado natural ao preternatural pode resultar de intempérie ou de dissolução do contínuo²³. A tarefa do médico consiste, por conseguinte, em reforçar a natureza.

²⁰ *Ibidem*, p. 369.

²¹ Montalto diverge de muitos dos seus contemporâneos, nomeadamente F. Plater, para quem o preternatural não designa uma simples irregularidade, mas significa a influência de forças malignas perturbando a própria ordem natural: “A causa de toda a alienação mental é dupla: uma é preternatural, resultante do espírito maligno; outra é natural... (Causa omnis mentis; Alia est praeternaturalis, a spiritu maligno profecta: Alia naturalis (...)). (F. Plater, *Observationum, in hominis affectibus plerisque, corpori et anima, functionum laesione, dolore, aliave molestia et vitia incommodantibus*, 1614, p. 90).

²² “Immediata continensque doloris causa omnibus sensibus communis, affectus est praeter naturam & violentus subitò accidens. Contra vero voluptatis, subitaneus a praeternaturali ad naturalem statum reditus, dummodo tamen uterque sentientem potentiam non lateat” (*Archipathologia, Tractatus I, VI*, p. 13).

²³ Cf. *Archipathologia, Tractatus I, VIII*, p. 21.

OS NEGÓCIOS E A ARITMÉTICA. BENTO FERNANDES E AS REDES CRISTÃS-NOVAS DO PORTO NO SÉCULO XVI

AMÂNDIO JORGE MORAIS BARROS

Politécnico do Porto - ESE
CITCEM - Fac. Letras, Universidade do Porto

RESUMO

Em todos os repertórios de obras científicas produzidas em Portugal no Renascimento encontra-se o “Tratado da Arte de Arismetica” de Bento Fernandes, dado à estampa em 1555.

Mercador do Porto, Fernandes fez parte de uma elite de comerciantes com nova mentalidade: negociantes organizados e influentes, produtores de ciência e responsáveis pela importação e circulação de obras de arte que enriqueceram o património cultural dos centros urbanos e portuários portugueses do século XVI.

Escrito, em grande parte, como um manual de interesse para os mercadores, o tratado é um testemunho da mentalidade quantitativa e da pretensão da emancipação da ciência relativamente à tutela religiosa. Bento Fernandes era um cristão-novo do Porto, profundamente envolvido no trato, negociando com a Flandres e o Mediterrâneo através de redes de comércio que desempenharam um importante papel na construção da primeira idade global. O objectivo deste trabalho é integrar este homem no seu tempo, identificar o meio em que se moveu, as redes sociais e de negócios que desenvolveu e a forma como este *Tratado* integra uma circulação de saber e um sentido cultural profundo (notório nas obras de arte e livros importados), característicos da comunidade mercantil da qual ele era um dos mais destacados membros.

PALAVRAS-CHAVE

Mercadores, Cristãos-novos, Redes comerciais, Elites, Porto, Flandres, Roma, Aritmética.

ABSTRACT

All the repertories of scientific works produced in Portugal in the Renaissance mentions the “Tratado da Arte de Arismetica” by Bento Fernandes, published in 1555. Fernandes was a wealthy merchant from Porto and a member of a elite of businessmen responsible for the introduction of a new mentality in the city: well organized and influential, these traders were also producers of science and responsible for the importation and circulation of works of art that have enriched the cultural heritage of the city and of the whole of the Portuguese port cities in the sixteenth century. Written largely as a manual of interest to merchants, the *Tratado* is also a testament to the quantitative mentality and of the attempts of emancipation of science concerning the traditional religious tutelage. Bento Fernandes was a New Christian from Porto, deeply involved in trade, negotiating with Flanders through trade networks that played a major role in the building the first global age. The aim of this work is to integrate this man in his time, to identify his social relations, the social networks and to evaluate the amount and quality of his business.

KEYWORDS

Merchants, New Christians, Trade networks, Elites, Oporto, Flanders, Rome, Arithmetic.

INTRODUÇÃO

Apesar de alguns desenvolvimentos recentes, a historiografia, nacional e internacional, ainda precisa de percorrer algum caminho no estudo dos portos medievais e modernos para conhecer o papel dos seus agentes na construção de dinâmicas económicas, sociais e culturais relevantes na evolução histórica das comunidades europeias¹. Lacunas ainda mais evidentes quando pensamos nos pequenos e médios portos que, sem se deixarem limitar por essa condição, em variados casos demonstraram estar na primeira linha, tanto no campo da inovação organizativa como na capacidade de intervenção dos seus mercadores e frotas em espaços de negócio internacionais.

Olhar mais de perto para os portos e para a estrutura das suas actividades significa contactar com temáticas novas, resultantes do dinamismo destas entidades, que vão muito para lá do simples movimento de navios e mercadorias e passam, entre outras matérias, por uma análise social e económica baseada no desempenho dos técnicos marítimos e homens de negócios a elas ligados. O trabalho desses homens articulou interesses privados e públicos, e mobilizou estratégias de gestão informais e institucionais no âmbito da *governança dos portos* no sentido mais lato desta expressão. Caracterizando-se, como seria de esperar, pela mobilidade e abertura ao contacto com o exterior, a acção destes agentes resultou, em paralelo, num movimento (multi)cultural rico através do qual se concretizaram, ou pelo menos delinearão, mecanismos de sincretismo religioso, religiosidade marítima, inclusão e exclusão social, e representação cultural que, em larga medida, ainda nos são desconhecidos.

O presente trabalho pretende revelar materiais úteis para o preenchimento de alguns desses vazios, oferecendo uma pequena biografia de Bento Fernandes, mercador do Porto, autor do *Tratado da Arte da Arismetica* impresso nesta cidade em 1555². Para lá do livro que escreveu pouco mais se sabe sobre este personagem, que reencontro neste texto, ampliando as informações sobre ele e trazendo-o como exemplo do labor de um agente portuário num momento importante do processo de estruturação do mundo moderno.

No esboço biográfico que se segue salientarei os aspectos que me parecem mais relevantes do seu percurso empresarial, desde a primeira notícia que o dá como membro da cena mercantil

¹ Apesar da imensa bibliografia. Apenas para o caso português, ou envolvendo elementos portugueses, a produção de materiais no âmbito do projecto HISPORTOS – “História dos Portos do Noroeste Português na Época Moderna” POCTI – área de História e Arqueologia (POCTI/HAR/36417/2000). Decorreu entre Outubro de 2001 e Dezembro de 2005”; monografias recentes: POLÓNIA, Amélia – *Expansão e Descobrimientos. O porto de Vila do Conde numa perspectiva global*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007; BARROS, Amândio Jorge Morais – *Porto: a construção de um espaço marítimo nos alvares dos Tempos Modernos*, 2 volumes (policopiados). Porto: Faculdade de Letras, 2004; PINTO, Sara – *Caminha no século XVI: estudo sócio-económico. Dos que ganhão suas vidas sobre as agoas do mar*, Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008. Para estudar estes temas foi lançado um projecto internacional (no qual estão envolvidos os três investigadores aqui citados) subordinado ao tema “A Governança dos Portos Atlânticos”, Casa de Vélazquez-UNED-Universidade do Porto, 2012-15.

² *Tratado da arte de Arismetica/nouame[n]te cõposto e ordenado por Be[n]to Fernãdez*. Porto: por Frãscisco Correa, 1555. - [4], 118 f. ; 2º (28 cm). Exemplar da Biblioteca Pública Municipal do Porto, com a cota Y1-3-31, integralmente digitalizado no catálogo on-line - URI: <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312302~!0>

portuense, no início da década de 1550, até ao seu desaparecimento, no ano de 1570, introduzindo novos documentos que esclarecem etapas até aqui desconhecidas do seu percurso.

Deste modo, procuro identificar um homem de negócios influente de um porto movimentado, os dados mais relevantes da sua trajectória profissional, a sua existência na conjuntura económica e social da cidade que conheceu e traçar o perfil aproximado dos agentes mais activos deste centro portuário.

No âmbito económico, as notícias das suas actividades, registadas nos documentos e repetidamente plasmadas na obra que o celebrizou, evidenciam a abertura marítima e mercantil do Porto ao exterior, a evolução e a complexidade dos negócios e como estes suscitaram na cidade, por um lado, o aprofundamento de contactos com espaços económicos europeus de ponta (casos da Flandres e da Itália) e, por outro, a emergência de uma vocação atlântica através da qual ela prosperou. No campo social, o estudo da vida de Bento Fernandes leva-nos perante as estratégias de afirmação de uma elite de mercadores, da qual ele fez parte, a colocar em perspectiva a actuação dos agentes que deram corpo ao projecto portuário quinhentista e, em parte, a reconstituir os fluxos económicos por eles delineados e geridos.

Percebe-se, sem grande esforço, uma economia marítima em tempo de afirmação, articulando tráficos e negócios tradicionais, como a cabotagem e os têxteis, com serviços modernos e evoluídos, do tipo transporte marítimo ao frete, operações bancárias, cambistas e financeiras com continuidade, só possíveis pela presença de homens de negócios e redes de carácter internacional, cosmopolitas e acreditadas nas praças bancárias europeias.

Com a escolha de Bento Fernandes pretendo conciliar o estudo de um indivíduo e do grupo que ele integrava; com o seu exemplo identificarei mecanismos de coesão de mercadores estabelecidos no negócio internacional graças às formas organizativas de que se muniram. Neste sentido, ao estudo do mercador individual (tema que tem vindo a perder popularidade junto dos historiadores em favor do estudo das empresas³) junto, também, aquilo que Elisa Soldani define como a “dialéctica entre família e companhia”⁴; eis um conjunto de mercadores e homens do trato que, unindo-se por alianças matrimoniais, familiares e confessionais, e por interesses solidários, adquiriram competências para se integrarem em circuitos alargados e exigentes fazendo associar a sua existência não à ancoragem num espaço isolado – que, no caso, seria o Porto – mas estendendo os seus interesses, e os seus representantes, a um universo mercantil que percorria as feiras de dinheiro de Castela, os centros multiactivos de Antuérpia, Lyon, Paris, Roma, Ancona, Veneza e Salónica, e os portos ultramarinos portugueses e castelhanos.

³ LANERO FERNÁNDEZ, J.; ORTEGA MONTES, E. – *De aprendiz a mercader: El factor en el comercio internacional inglés del siglo XVI*, in “Pecunia”, 5 (2007), p. 146-148.

⁴ SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari e mercanti toscani nella Barcelona del Quattrocento*. S/l: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2011, p. 28-31.

Tratava-se de um grupo de mercadores facilmente detectável na sociedade portuária do século XVI que, de resto, ajudou a consolidar, contribuindo de modo vincado para a definição de papéis – e de hierarquias – entre todos quantos no Porto se dedicavam ao negócio, graças à adopção de estratégias já mencionadas, e que constituem um dos temas centrais deste artigo.

A pertença a um grupo, seja por escolha ou determinada pela condição social vigente em cada época, tem consequências; por exemplo, no âmbito das representações sociais e do exercício do poder, e da sua base de sustentação⁵. No espaço urbano portuense de Quinhentos, transformado em arena política, rivalizavam elites. A cidade sempre fora de mercadores, detentores de estatuto especial reconhecido pelos poderes centrais traduzido na outorga da administração municipal, ainda na Idade Média, e prestigiados com o privilégio de “cidadãos”. A elite quinhentista em que se enquadrava Bento Fernandes tinha origem noutra contexto: no complexo processo de fixação dos cristãos-novos no Porto no final do século XV quando cerca de trinta famílias de conversos castelhanos obtiveram licença régia para viver na cidade⁶ e no meio século que se seguiu estenderam a sua rede de interesses aos mais aliciantes sectores da economia: os Paz e os Bentalhados arrendaram as alfândegas, os Vila Real, Nunes, Gomes/Vaz, Henriques, Vitória, entre outros, igrejas, benefícios e direitos fiscais, e todos eles como que tomaram conta do movimento marítimo deste porto. Daqui nasceu tanto uma articulação como uma rivalidade com a velha elite burguesa do Porto, esta sim ancorada no meio local e regional, que seguira um percurso idêntico ao de outras elites mercantis europeias⁷: aplicando os rendimentos obtidos no comércio (durante a Idade Média) em investimentos fundiários, aristocratizando-se⁸.

Feito de cristãos-novos, o novo grupo, sem alcançar poder político efectivo⁹, ao contrário do que chegou a acontecer em Castela durante o século XV¹⁰, notabilizou-se o suficiente para se transformar

⁵ Sobre representações sociais tardo-medievais e modernas a literatura é abundante. Ver, por exemplo, *Showing Status: Representation of Social Positions in the Late Middle Ages*, eds. Wim Blockmans and Antheun Janse. Turnhout: Brepols, 1999.

⁶ MORENO, Humberto Baquero – *Reflexos na cidade do Porto da entrada dos conversos em Portugal nos fins do século XV*, in “Revista de História”, vol. I. Porto: INIC/Centro de História da Universidade do Porto, 1978, p. 7-38.

⁷ POUJADE, Patrice – *Une société marchande: le commerce et ses acteurs dans les Pyrénées modernes*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2008, p. 147. Outros autores remontam esta prática à Idade Média e descrevem os mecanismos de aquisição de propriedade: por exemplo, posse por insolvência de credores: TOGNETTI, Sergio – *Il banco Cambini: affari i mercati di una compagnia mercantile-bancaria nella Firenze del XV secolo*. Florença: Leo S. Olschki, 1999, p. 97; PUGLIA, Ilaria – *I Piccolomini d’Aragona duchi di Amalfi (1461-1610). Storia di un patrimonio nobiliare*. Nápoles: Editorial Scientifica, 2005, p. 14-18; Aron Gurevic fala da renúncia ao comércio por parte dos mercadores italianos em favor da dedicação à finança e à construção de avultados patrimónios fundiários, encontrando aí uma justificação para o seu afastamento do negócio atlântico, “O Mercador”, in *O homem medieval*, dir. de Jacques Le Goff. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 184.

⁸ Dois exemplos: João Afonso da Arrifana e Pedro Afonso da Aveleda, vereadores quatrocentistas e donos de opulentas “quintas” no termo da cidade.

⁹ Nem sequer podiam ser nomeados almotacés; veja-se o escândalo (entenda-se: oposição) com a nomeação de Francisco Vaz em DIAS, Licenciado Francisco – *Memórias quinhentistas dum Procurador Del Rei no Porto*, edição de Artur de Magalhães Basto. Porto: Câmara Municipal/Gabinete de História da Cidade, 1937, p. 39.

¹⁰ MARTÍNEZ MILLÁN, José; CARLOS MORALES, Carlos J. de – “Conversos y élites de poder en Castilla durante la primera mitad del siglo XVI: Rodrigo de Dueñas, consejero de Hacienda de Carlos V”, in *Jornadas Sefardies y Seminario de las Tres Culturas “Las tres culturas en la Corona de Castilla y los sefardies*. Valladolid: Consejería de Cultura y Bienestar Social, 1990, p. 149-161 (sobre este assunto, ver as p. 150-152).

numa elite e fazer-se representar como tal: pelo comércio e finança muitos dos seus membros alcançaram o estatuto de cidadãos do Porto, criaram uma confraria através da qual davam uma imagem pública de conformidade com os cânones religiosos em vigor e accionavam solidariedades entre si, viviam em casas ricas na arquitectura e no recheio, distribuídas pelas ruas de S. Miguel, Belmonte, Ponte de São Domingos e Flores, consumiam e produziam cultura importando livros, painéis e quadros da Flandres e Itália, contadores, sedas, tapeçarias e bezoares do Oriente e Extremo Oriente, e escrevendo, como Bento Fernandes ou, mais tarde, Gabriel (Uriel) da Costa fizeram.

Justifica-se, deste modo, a sua influência social¹¹ e a sua “sobrevivência” como grupo – recorde-se que estamos a falar de uma elite que sempre assim foi considerada – porque os seus membros tornaram-se indispensáveis aos poderes (local e central), fornecendo-lhes recursos para governar, pagando armadas ao rei e financiando a administração do município quando os orçamentos minguavam. Por isso, o tema batido das rivalidades, que em todo o caso existiram, deve ser matizado. A espaços sente-se um clima de convivência pacífica, de alianças oportunistas interessantes para ambas as partes. Para os cristãos-novos, numerosos no burgo, era de todo aconselhável manter boas relações com quem governava a cidade¹². E assim, algumas alianças foram mais do que passageiras; Francisco Dias, que as viu nascer, registou-as, dando notícia dos matrimónios da filha de Diogo de Paz, cristão-novo, com António Leite, de uma filha de António Ribeiro com o rendeiro da Alfândega Diogo Fernandes, e de Henrique Homem [Teles] com uma filha de Henrique Gomes¹³.

Tratava-se, enfim, de gente facilmente identificável, quanto mais não fosse pela natureza das suas actividades: os cristãos-novos, como vimos acima (se bem que haja excepções a esta regra, muito poucas, de resto) desde cedo se fizeram notar no comércio, na finança e nos jogos económicos em torno do arrendamento de direitos, de alfândegas, almoxarifados e rendimentos de instituições laicas e eclesiásticas, isto é, não seguiram o exemplo dos seus congéneres camarários enriquecendo ou distinguindo-se socialmente pela posse de terra.

Foi este o quadro geral que Bento Fernandes conheceu e no qual participou. Para o trabalhar dispomos de alguma documentação notarial que, embora muito incompleta, e limitada nas suas potencialidades, constitui o melhor repositório informativo sobre ele e o quotidiano quinhentista portuense. A propósito do nosso mercador/aritmético, o seu nome é directa ou indirectamente citado em cerca de três dezenas de actos notariais de diversa natureza (em concreto, vinte e sete reunidos até ao momento), que nos possibilitam reconstituir uma parte da sua evolução como

¹¹ E, a espaços, mesmo, a sua inserção em redes de poder quando associada à aristocracia tradicional.

¹² É uma postura conhecida do mundo dos negócios na Europa, segundo a qual grupos vulneráveis em diferentes ocasiões – rivalidades no espaço urbano onde coexistem interesses divergentes, ou estabelecimento em lugares distantes da origem, no estrangeiro ou mesmo em terra de potenciais inimigos –, procuram este tipo de aliança e relacionamento. Ver, SOLDANI, Maria Elisa – *Uomini d'affari e mercanti toscani nella Barcelona del Quattrocento*, cit., p. 36-37, 40-41, etc.

¹³ DIAS, Licenciado Francisco – *Memórias quinhentistas dum procurador...*, cit., p. 20.

homem de negócios e alguns dados da sua vida familiar. Este acervo será complementado com informações avulsas recolhidas nos arquivos e em bibliografia especializada.

DADOS BIOGRÁFICOS

Para uma biografia, a de Bento Fernandes não começa bem: ignora-se a data do seu nascimento e nem sequer dispomos de uma aproximada¹⁴; e assim continua: não se sabe quem eram os seus pais e o dia em que casou. Conhece-se o nome da mulher, Genebra da Fonseca e a sua família (que referirei adiante), a data de nascimento de um dos filhos, Miguel, mas não muito mais. Sabemos que tinha mais uma filha, Maria da Fonseca, e a data aproximada do casamento desta com Rodrigo Homem, que se tornará sócio de Bento Fernandes. Por fim, só por aproximação conhecemos a data do seu desaparecimento; no respeitante à data da sua morte apenas a conhecemos por aproximação.

Não sendo nada a que não estejamos habituados, esta penúria informativa limita a nossa história e a nossa curiosidade, por exemplo tornando difícil fazer-se qualquer estimativa sobre a idade que ele tinha quando publicou o *Tratado* (rondaria os 35 anos de idade?), que, no meu entender, constitui o marco mais significativo da sua vida, como veremos.

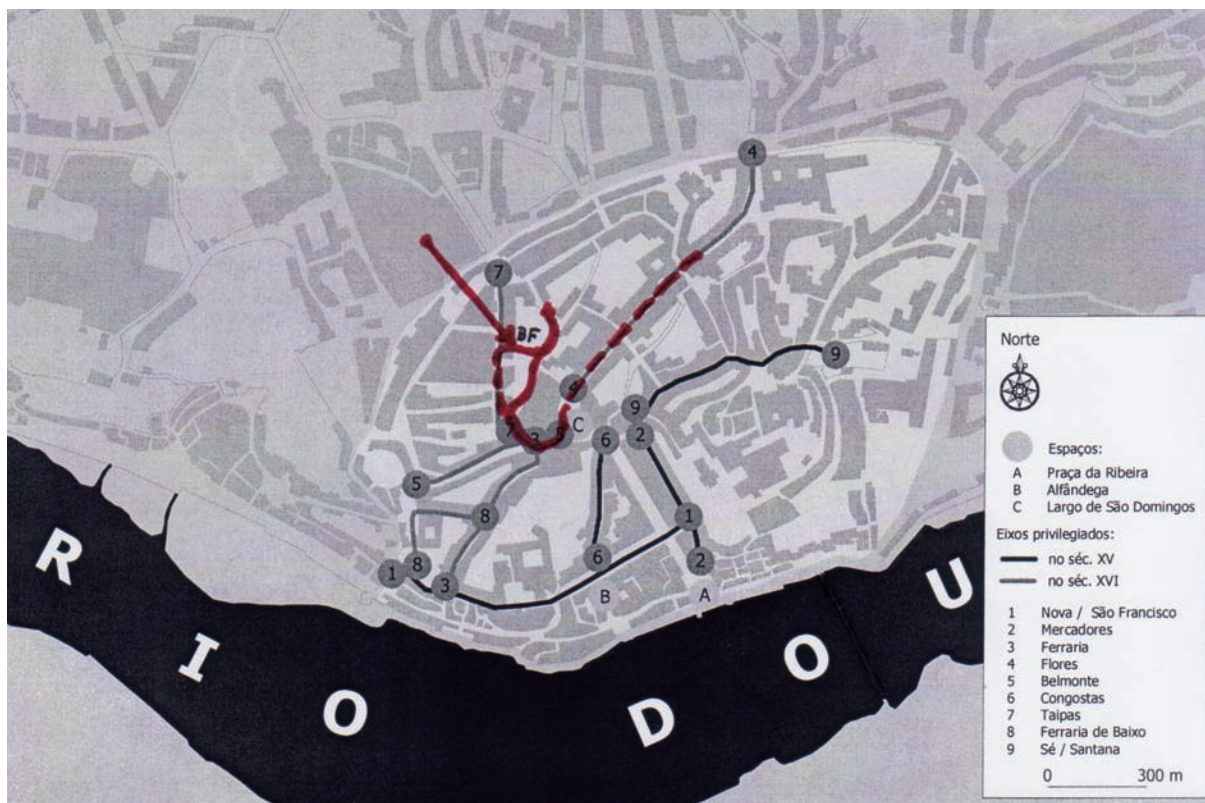
Centremo-nos então no que se sabe ao certo. A primeira notícia sobre Bento Fernandes regista o nascimento do seu filho Miguel, em 14 de Novembro de 1540, notícia que publico em anexo. Segue-se um silêncio de doze anos, até 7 de Julho de 1552, quando o encontramos a negociar tecidos. Os restantes documentos estendem-se pelos dezoito anos seguintes, com vários hiatos devido à perda de livros de notas. A última notícia e a derradeira vez que B. Fernandes esteve presente num acto notarial foi em 4 de Julho de 1570 e deve ter morrido entre esta data e 7 de Agosto desse ano quando deixou de exercer poderes de procuração em contratos de arrendamento de igrejas, que tinha a seu cargo¹⁵.

Bento Fernandes viveu no Porto na rua de S. Miguel e teve loja aberta na rua da Ponte de São Domingos, onde seria possível morar, já que documentos de Abril de 1565 associam a designação “logea” a “pousadas” e “casas”¹⁶. Já me referi atrás aos espaços dos mercadores do Porto no século XVI. A zona da antiga judiaria, e suas redondezas até ao largo da ponte de S. Domingos, era das mais atractivas da cidade pela concentração de armazéns, lojas abertas e casas bancárias ligadas à

¹⁴ Ainda não encontrei o assento de nascimento de Bento, se é que ele existe. Nesta tarefa conto com a preciosa ajuda de José António Reis, especialista nestas matérias, a quem muito agradeço as informações preciosas que me tem dado.

¹⁵ Do Cardeal Alexandre Farnésio, de quem falarei adiante. Arquivo Distrital do Porto (ADP) – Po 1º, liv. 35, fl. 190; Álvaro Eanes, cidadão, refere exercer esse cargo por procuração, outrora outorgada a Bento.

¹⁶ ADP – Po 1º, 3ª série, liv. 19, fl. 190, liv. 20, fl. 23, respectivamente e entre outros. Isso terá levado autores como António Cruz a considerarem que ele vivia na casa onde tinha a loja: *Algumas observações sobre a vida económica e social da cidade do Porto nas vésperas de Alcácer-Quibir*. Porto: Biblioteca Pública Municipal, 1967, p. 43.



comunidade cristã-nova do burgo. As potencialidades da zona, evidenciadas por esta convergência de gentes e negócios, pela existência do convento de S. Domingos onde se reuniam com frequência homens do trato e governantes municipais¹⁷ e pela proximidade com a área portuária resultaram numa disputa pelo lugar – com ameaça de transferência de mercadores da rua de S. Miguel para a Ribeira e transformação daquela em área residencial aberta –, protestos e ulterior intervenção do rei D. João III, em 1534, confirmando-a como área comercial e os seus armazéns na posse dos cristãos-novos ali “arruados”¹⁸.

Era nesta rua de S. Miguel, “hindo pera a dita rua da rua das Taipas”, que Fernandes tinha a sua casa e nela reuniu família alargada a partir de 1564, ano do casamento da sua filha Maria da Fonseca com Rodrigo Homem, e onde verá nascer o neto Manuel a 15 de Janeiro de 1570, presumo que poucos meses antes da sua morte, quando rondaria os 50 anos de idade.¹⁹ A forte ligação de Bento Fernandes a este lugar, e outros dados que apontarei, indicia a condição de cristão-novo do nosso biografado.

¹⁷ BASTO, Artur de Magalhães – *Os diversos paços do concelho da cidade do Pôrto, sep. de “Vereações” – anos de 1390 a 1395*. Porto: Câmara Municipal/Gabinete de História da Cidade, 1937.

¹⁸ Arquivo Histórico Municipal do Porto – *Livro I das Próprias*, fl. 365.

¹⁹ ADP – *Po 1º*, 3ª série, liv. 20, fl. 64v (sobre o dote de casamento); ver apêndice documental para o registo do nascimento do neto.

Tauoada da valsa do ouro pelos pesos do marco.

Val ho marco do ouro.	Ença	Quilataes	Grão
De .24. quilates .28058. rēo $\pi \frac{3}{4}$.3507. rēo $\pi \frac{1}{3}$.438. rēo $\pi \frac{5}{12}$.6. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .23. quilates .26889. rēo $\pi \frac{3}{4}$.3360. rēo $\pi \frac{1}{2}$.420. rēo $\pi \frac{1}{3}$.5. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .22. quilates .25866. rēo $\pi \frac{3}{4}$.3233. rēo $\pi \frac{1}{3}$.404. rēo $\pi \frac{1}{6}$.5. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .21. quilates .24551. rēo $\pi \frac{4}{11}$.3215. rēo $\pi \frac{1}{10}$.401. rēo $\pi \frac{7}{10}$.5. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .20. quilates .23382. rēo $\pi \frac{3}{11}$.3068. rēo $\pi \frac{81}{100}$.383. rēo $\pi \frac{7}{10}$.5. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .19. quilates .22213. rēo $\pi \frac{3}{11}$.2922. rēo $\pi \frac{81}{100}$.365. rēo $\pi \frac{7}{10}$.5. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .18. quilates .21044. rēo $\pi \frac{3}{10}$.2776. rēo $\pi \frac{2}{3}$.347. rēo $\pi \frac{11}{10}$.4. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .17. quilates .19874. rēo $\pi \frac{4}{11}$.2630. rēo $\pi \frac{1}{2}$.328. rēo $\pi \frac{11}{10}$.4. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .16. quilates .18705. rēo $\pi \frac{5}{11}$.2484. rēo $\pi \frac{1}{2}$.310. rēo $\pi \frac{11}{10}$.4. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .15. quilates .17536. rēo $\pi \frac{3}{4}$.2338. rēo $\pi \frac{11}{10}$.292. rēo $\pi \frac{1}{10}$.4. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .14. quilates .16367. rēo $\pi \frac{3}{4}$.2192. rēo $\pi \frac{11}{10}$.274. rēo $\pi \frac{3}{10}$.3. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .13. quilates .15198. rēo $\pi \frac{4}{11}$.2045. rēo $\pi \frac{11}{10}$.255. rēo $\pi \frac{3}{4}$.3. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .12. quilates .14029. rēo $\pi \frac{4}{11}$.1899. rēo $\pi \frac{3}{10}$.237. rēo $\pi \frac{3}{10}$.3. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .11. quilates .12860. rēo $\pi \frac{4}{11}$.1753. rēo $\pi \frac{3}{10}$.219. rēo $\pi \frac{3}{10}$.3. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .10. quilates .11691. rēo $\pi \frac{5}{11}$.1607. rēo $\pi \frac{17}{32}$.203. rēo $\pi \frac{3}{10}$.2. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .9. quilates .10522. rēo $\pi \frac{5}{11}$.1461. rēo $\pi \frac{3}{4}$.182. rēo $\pi \frac{17}{11}$.2. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .8. quilates .9352. rēo $\pi \frac{7}{11}$.1315. rēo $\pi \frac{1}{4}$.164. rēo $\pi \frac{1}{32}$.2. rēo $\pi \frac{1}{2}$
De .7. quilates .8183. rēo $\pi \frac{3}{4}$.1169. rēo $\pi \frac{1}{10}$.146. rēo $\pi \frac{1}{10}$.1. real $\pi \frac{1}{2}$
De .6. quilates .7014. rēo $\pi \frac{3}{4}$.1023. rēo $\pi \frac{1}{10}$.127. rēo $\pi \frac{1}{10}$.1. real $\pi \frac{1}{2}$
De .5. quilates .5845. rēo $\pi \frac{5}{4}$.876. rēo $\pi \frac{5}{6}$.109. rēo $\pi \frac{4}{5}$.1. real $\pi \frac{1}{2}$
	.730. rēo $\pi \frac{3}{4}$.91. rēo $\pi \frac{1}{2}$.1. real $\pi \frac{1}{2}$

Esao mesmo respeito farei esta tauoada da valsa do ouro desde .1. quilate ate .5. quilates como acima vedes scripto na soma dos marcos Ença Quilataes e grão.

Cláus deo:

Foy impresso ho presente tractado da arte de arismetica em amuy nobre e sempre leal cidade do Porto de porto gal per francisco Correa impressor Acabou se aos 20. dias do mes de feuerel ro Anno de 1555.

Almo.

Francisco Correa
1555

Antonio Teixeira da Mota



TRATA

da arte de arismetica nouamete co-
toz ordenado por Beto fernad
cador e cidadão da cidade de
Em q se declarã per booa
tas e muy sotis regras da dita
muyto proueitosas e necessarias
toda peifoa q as qser apzeder.
outras muytas regras sutiles
pregũtas de todo genero de
rezã pertecẽtes aos mercados
tãtes. E as regras da conta
de mais sustancia pera peifoa
sas e experimẽtadas na ar
as regras daliga do ouro e
e as tauoadas da valia do ou
de seus quilates e da valia da
muy claramete declarado e
do muy sotil. Impreso e a muy
bre e sepre leal cidade do Porto
Portugal: por Frãisco correa.



ANNO D

1555

COM PRIVI LEGIO

FORMAÇÃO DE BENTO FERNANDES

Não devia ser muito diferente da que se fazia um pouco por toda a “Europa de mercadores” quinhentista²⁰. Entre os 14 e os 16 anos o futuro mercador começava a familiarizar-se com o funcionamento da empresa familiar ou entraria ao serviço de um tutor, de preferência homem de negócios experimentado e com casa aberta (firma ou companhia comercial), onde faria a sua formação “escrevendo nos livros e fazendo contas”, durante um período de tempo que se podia estender entre os dois e os cinco anos. Não era forçoso que esta aprendizagem se realizasse no reino. Estão documentados casos de jovens mercadores em formação que fortaleciam a sua aprendizagem no estrangeiro. No Porto, no início dos anos 1590 viviam em casa de Simão Vaz, dirigente de uma das redes cristãs-novas mais poderosas da cidade, três jovens “biscainhos” de Castro Urdiales e Bilbao, Miguel de Lastero, Martim de Alava e Francisco de Angulo²¹. Depois, alguns prosseguiam o seu tirocínio no terreno, deslocando-se para áreas de intervenção das companhias, no ultramar ou nos portos europeus, como feitores e representantes de negócios. Isso aconteceu, por exemplo, com Bento Dias de Santiago, mercador do Porto, que passou uma temporada alargada no Brasil a organizar o célebre engenho de Camaragibe (explorado por si e pelo irmão Miguel Dias de Santiago), de onde regressaria para uma passagem pela sua cidade natal até se fixar, definitivamente, em Lisboa. E, no caso desta cidade (e importante para o presente estudo porque ligado, também, a interesses comerciais do Porto), o exemplo de Pêro - ou Pedro - Godines, genro de Manuel Gomes da Costa (filho do citado Simão Vaz), que viveu algum tempo em Antuérpia na casa de Manuel Henriques, filho de Miguel Bentalhado²². Só então se dava como formado o mercador. Era natural que continuasse a trabalhar na empresa familiar; dirigindo-a depois da retirada do pai ou do parente que tinha esse cargo (por exemplo, um tio) ou autonomizando-se e criando a sua própria firma que, no fundo, funcionava, também, como elemento de fortalecimento da companhia original pela diversificação de interesses e continuidade das transacções com ela. Isto ocorreu com os filhos de Simão Vaz, Henrique e Manuel Gomes da Costa (entretanto fixados em Lisboa), que, além do mais, mostram como era essencial estender os horizontes negociais transferindo o núcleo da empresa para outros centros activos²³.

Para estas companhias, a vocação internacional era evidente. Antes de pertencerem a uma comunidade, a uma colónia mercantil (que nem sempre era possível constituir de modo oficial), as relações

²⁰ Ver o estudo já citado de LANERO FERNÁNDEZ, J.; ORTEGA MONTES, E. – *De aprendiz a mercader*, no qual se apontam etapas da formação de mercadores europeus.

²¹ Respectivamente, ADP – *Po 1º*, 3ª série, liv. 102, fl. 124v e *Po 1º*, 3ª série, liv. 101, fl. 3. É nestes documentos que se fala da função de escritura dos livros de contas pelos aprendizes.

²² Archivo Provincial de Valladolid. Simón Ruiz.

²³ Neste caso, para Lisboa.

económicas e sociais no exterior dependiam de outras variáveis: eram geridas a longa distância por indivíduos ligados por laços de parentesco e sistemas de negócios desenvolvidos através de uma densa rede de relações informais estabelecidas na base de ligações pessoais e profissionais. O bom funcionamento desta trama, deste sistema, permitia a circulação de mercadorias, informações, crédito e recursos humanos indispensáveis ao desenvolvimento da actividade. Era também por estes canais que se fazia e circulava a reputação de cada elemento das redes, e se ganhava ou perdia a confiança neles, dados fundamentais na estrutura do negócio e do relacionamento entre partes. Tais características levam a que este sistema seja definido como “uma república internacional e supranacional do dinheiro”²⁴. Ao escolher designá-lo deste modo, De Maddalena e Kallenbenz admitem que ele surgiu da necessidade de uma *ordo* que se pretendia que estivesse para lá do municipalismo e das peculiaridades das nações e colónias e que se fundasse no particularismo, nas relações de parentela, profissionais e de origem geográfica; significativamente, quando se deixava de confiar num dado agente, os primeiros a ser avisados do facto eram os seus familiares e correspondentes²⁵.

Não consegui encontrar documentos que esclarecessem a formação de Bento Fernandes, sobretudo onde terá adquirido o saber aritmético e algébrico que mostrou possuir. Mantenho em aberto o que afirmei em cima: a possibilidade de ele ter prosseguido uma trajectória idêntica à descrita, durante a qual se familiarizou com as contas e o cálculo, mas esperando descobrir dados mais completos sobre os seus ascendentes, pais e tios, para poder seguir a pista dos seus negócios e aquisição de saberes. Com base no *Tratado*, Marques de Almeida coloca a hipótese de ele “ter viajado ou comerciado muito com praças europeias”, em especial com Medina del Campo e Antuérpia²⁶. Sobre as viagens nada posso dizer, embora seja notória a sua “sedentarização”, de resto característica dos mercadores desde aquela altura²⁷, durante os anos em que está documentado. Quanto à experiência no trato com o exterior, todos os documentos a confirmam, aludindo a uma geografia mercantil familiar ao Porto de meados do século XVI. Qualitativamente, não será excessivo dizer que B. Fernandes era um homem com uma cultura comercial sólida, acumulada na sua prática profissional e teorizada na obra que compôs.

²⁴ *La repubblica internazionale del denaro tra XV e XVII secolo*, eds. Aldo De Maddalena e Hermann Kellenbenz. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1984. Ver também sobre o mesmo assunto Elisa Soldani, cit., p. 65, e a bibliografia por ela indicada: Ramada Curto e Anthony Molho, A. De Maddalena (na obra citada), Avner Greif, entre outros.

²⁵ “La repubblica internazionale”, p. 9-10.

²⁶ ALMEIDA, A. A. Marques de – *Aritmética como descrição do real (1519-1679)*. Volume I. Lisboa: CNCDP/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, p. 87.

²⁷ Com origens medievais no Mediterrâneo, este fenómeno estendeu-se por todo o mundo comercial europeu; veja-se *Il Rinascimento italiano e l'Europa*. Volume IV, a cura di Franco Franceschi, Richard A. Goldthwaite, Reinhold C. Mueller. Treviso: Fondazione Cassamarca e Angelo Colla Editore, 2007, em particular a secção “Commerciare fuori della patria”, com capítulos de Maria Fusaro, Giovanna Petti Balbi, James D. Tracy e Rita Mazzei. Afirma-se a ideia de que a minimização dos riscos conduziu a esta sedentarização e à transformação do mercador num gestor de informação e de reputações dos seus familiares e agentes. A partir de então, o principal problema para os homens de negócios é encontrar funcionários em quem possam confiar e que estejam capacitados para administrar os negócios no exterior. Penso que as estratégias seguidas, destacando-se a preferência pelos familiares sempre que isso era possível, foram justificadas por este novo quadro.

NEGÓCIOS DE BENTO FERNANDES

Em cena desde 1552, Bento Fernandes acompanhou um tempo de mudança na economia do Porto, com o início da exploração do mercado açucareiro do Brasil, que triunfará em definitivo pouco depois do seu desaparecimento, desde os anos de 1570 em diante. Também viveu um período em que a forte limitação de movimentos (para o exterior) imposta aos cristãos-novos, e a proibição da saída de metais forçava²⁸ uma pouco conhecida associação com mercadores de fora da sua confissão e condição. Estas parcerias, que consistiam na utilização de um testa-de-ferro cristão-velho encarregado de importar as mercadorias, no meu entender decorriam daquelas limitações e da necessidade de salvaguarda dos bens e capitais, que seriam confiscados em caso de acusação de heresia²⁹. Tratava-se de um recurso experimentado noutras ocasiões. Foi assim que os cristãos-novos procederam nas décadas de 1530 e 1540 aquando da grande deslocação de gentes e capitais de Antuérpia para Ferrara. Para evitar o confisco de bens pelos comissários de Carlos V na Lombardia, muitos dos seus bens e fazendas foram movimentados em nome de mercadores de outras nações e confissões com quem tinham fortes laços empresariais - por exemplo, no âmbito do chamado *Consórcio da Pimenta* - caso dos Guicciardini.³⁰ Seguindo uma tradição não exclusiva de Portugal³¹, Bento dedicava-se à importação e distribuição de têxteis ingleses³², castelhanos³³ e flamengos³⁴, que guardava na sua loja da rua da Ponte de São Domingos, visitada por compradores/comerciantes de Amarante, Aveiro, Braga e Lamego, entre outros. Esta era a base da sua actividade até finais dos anos 1550. Para os anos 1558-1565 não temos livros notariais e isso impede-nos de saber desde quando passou a dar mais atenção a outros negócios, muito mais interessantes. Tudo se terá precipitado, no entanto, com o fortalecimento da sua ligação aos interesses da rede do cunhado António da Fonseca.

²⁸ Indispensáveis para pagar compras no estrangeiro; limitação que também explica o amplo uso da letra de câmbio e de crédito.

²⁹ Em grande parte este assunto remete para a chamada *Lei dos conluios*, comentada por ALBUQUERQUE, Ruy de – *A Lei dos Conluios de 1570. Algumas notas*. Separata de “Ciência Técnica e Fiscal”, nºs 47-48. Lisboa: Ministério das Finanças, 1963. Aquele que me parece mais evidente na organização de Bento Fernandes é Melchior Rodrigues, prebendeiro da Sé cuja mulher, Catarina Machada, foi escolhida por Bento para madrinha do seu filho Miguel (ver apêndice documental).

³⁰ Devo esta informação a António Andrade. Ver ANDRADE, António Lopes - *Os senhores do desterro de Portugal. Judeus portugueses em Veneza e Ferrara em meados do século XVI*, in “Veredas-Revista da Associação Internacional de Lusitanistas”, 6 (2006), p. 65-108, e *De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família*, in *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao século XXI*, “Cadernos de Cultura”, nº 25 (Novembro de 2011), p. 5-17.

³¹ Basta ver o exemplo do conhecido Simão Ruiz, de Medina del Campo.

³² 22 de Julho de 1552: recebeu panos de Inglaterra de António de Freitas no valor de 72800 reais (fazia parte de uma associação onde estavam Duarte de Tovar, Jácome Rodrigues, Bento Rodrigues, Diogo Rodrigues e Francisco Nunes, que encomendou 300 mil reais de panos de Inglaterra e Flandres); ADP – *Po 1º*, 3ª série, liv. 6, fl. 248.

³³ 10 de Dezembro de 1557: compra 25000 reais de roupa de Castela a João Navarro; ADP – *Po 1º*, 3ª série, liv. 15, fl. 33v.

³⁴ 28 de Abril de 1565: compra 65500 reais de panos da Flandres a Melchior Rodrigues, prebendeiro do Cabido; ADP – *Po 1º*, 3ª série, liv. 20, fl. 50v.

Nascido em Lamego no seio de uma família de cristãos-novos, Fonseca era irmão de Jácome e Jerónimo da Fonseca, de Isabel Nunes e do conhecido Rui Fernandes, autor da *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas*³⁵. Esta investigação sobre Bento Fernandes introduz mais uma irmã: Genebra da Fonseca. Cristãos-novos, membros de uma forte rede de negócios de tipo familiar, os Fonseca/Nunes/Fernandes alicerçaram os seus interesses nos principais portos do reino: os Fonseca e Rui Fernandes, em Lisboa, Genebra da Fonseca no Porto, onde casou com Bento Fernandes, possivelmente na segunda metade da década de 1530³⁶. A partir destes portos projectaram a sua influência sobre a comunidade portuguesa do Mediterrâneo, em especial a que se fixou em Roma. Quando o ambiente carregou com a entrada do tribunal da Inquisição e os primeiros processos, que afectaram esta família, Jácome seguiu para a corte papal (então defensora dos interesses cristãos-novos sob o pontificado de Júlio III), onde montou uma influente rede bancária dedicada à expedição de bulas e concessão de créditos, activa pelo menos desde 1543³⁷. Ameaçado pelo papado de Paulo IV (Giovanni Pietro Caraffa, 1555-1559), abertamente hostil aos cristãos-novos, Jácome retirou-se para Salónica não sem antes preparar a sucessão na direcção da empresa, que caberia ao irmão António da Fonseca, tornado protector da família³⁸. Este já estava em Roma em 1556, solidificando discretamente a sua posição, que já era considerada a mais poderosa entre os mercadores portugueses, quando Pio IV (1559-1565) foi eleito papa, havendo suspeitas de ele próprio ter participado na morte de Caraffa. Em Dezembro de 1562, coroando este poder, Fonseca era nomeado administrador da Igreja de Santo António dos Portugueses.

Terá sido nesta altura que se aprofundou a ligação de Fonseca com o cunhado do Porto. A partir de 1565 (quando se recupera a sequência dos livros notariais) até à sua morte em 1570, todo o labor de Bento Fernandes passou a ser dominado pelo despacho de bulas e documentos papais, e pelas operações bancárias e cambiais que essas petições exigiam, sempre em associação com Fonseca, e colocando em prática tudo o que sabia da arte. Antes de 1566, Bento recebera (por intermediação do cunhado) procuração do Cardeal Alexandre Farnésio para tratar de todos os negócios referentes à administração dos seus benefícios em Portugal, entre os quais avultava o mosteiro de Santo Tirso e todas as suas igrejas anexas, mantendo-as em boa conta, mandando construir casas e tulhas, como

³⁵ Ver o estudo introdutório a FERNANDES, Rui – *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas*, ed. de Amândio Jorge Morais Barros. Porto: Caleidoscópio/Direcção Geral de Cultura do Norte, 2012.

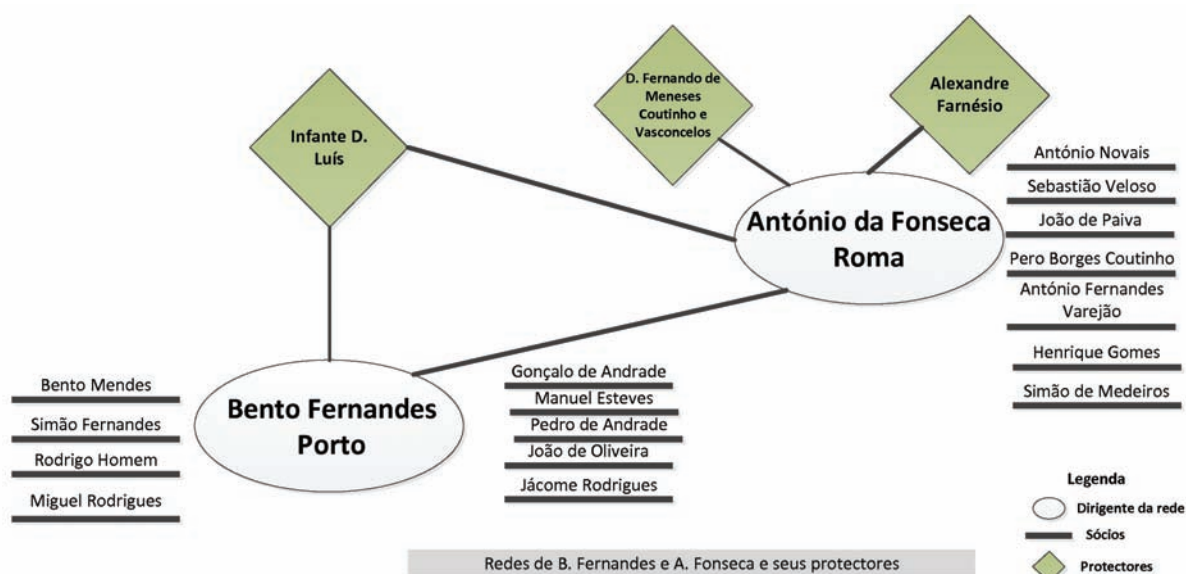
³⁶ Pois em 14 de Novembro de 1540 baptizaram o seu filho Miguel na Sé (ver apêndice documental). Miguel Fernandes ampliará a rede do pai, tornando-se um conhecido mercador do Porto no último quartel do século XVI.

³⁷ Todos estes dados, e mais alguns que se seguem sobre esta família, no importante estudo de NOVOA, James Nelson – *A Sixteenth Century voyage of legitimacy: the paths of Jácome and António da Fonseca from Lamego to Rome and Beyond*, policopiado, em vias de publicação. Agradeço a James N. Novoa o facto de me ter facultado o manuscrito e outros esclarecimentos que me deu.

³⁸ Acolhendo a viúva de Rui Fernandes, por exemplo, conseguindo que ela pudesse abandonar Portugal; graças ao estudo de James Novoa e à documentação por si estudada consigo resolver agora o problema do ano da morte do corógrafo da terra de Lamego, fixando-a no final de Dezembro de 1559; *Corpo Diplomático Portuguez*, tomo 8, p. 311-312.

fez nas terras da igreja de Vila Nova dos Infantes, Guimarães, e nas de S. João da Foz³⁹; cumprirá esta função até às vésperas da sua morte, em 1570⁴⁰. Estes anos – e infelizmente perdemos uma boa parte da acção, como se viu – são de viragem na vida da cidade; a atenção que lhe prestaram homens como António da Fonseca, e a multiplicação destas transacções bancárias, neste contexto da arrematação de rendas e benefícios, e no da mercancia pura e dura, com o financiamento de empresas de navegação e de fretes, são a melhor prova disso.

E as formas de organização, que resultaram na ascensão destes homens e das invejáveis posições que eles ocuparam no trato. Não me vou deter aqui na complexidade do tema das redes de negócios na Época Moderna, da sua natureza, estratégias e resultados⁴¹. Fonseca montou uma rede



³⁹ ADP – Po 1^o, liv. 30, fl. 172v e seguintes.

⁴⁰ Entre muitos exemplos: ADP – Po 1^o, 3^a série, liv. 21, fl. 18v; idem, liv. 34, fl. 175v. Os dois Alexandre Farnésio que se conhecem neste tempo têm esta relação com o norte Portugal, desde que fizeram amizade com D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, embaixador dos reis D. Manuel e D. João III. O primeiro, e mais conhecido, tornou-se papa de Roma com o título de Paulo III (1534-1549), e o seu “protegido” (*nepote*) Alexandre Farnésio, 1520-1589, (cardeal neto do papa e, assim, valido do seu avô, filho de Pedro Luís Farnésio, duque de Parma) recebeu Viseu, então *vacante*, e as rendas aquando da queda em desgraça de Miguel da Silva; com esse rendimento, sustentou o bispo português até à sua morte, em Roma, em 1556. A partir de então, passou a desfrutar delas como suas. O V Concílio de Latrão (1514) recomendava a protecção de familiares para que não caíssem na indigência; a nomeação de cardeais “protegidos” (*Nepoti*) era justificada assim. Podiam receber benefícios consideráveis: o nosso Alexandre Farnésio acumulou simultaneamente 64 benefícios, mais a vice-chancelaria romana. *The Papacy: An Encyclopedia*, Philippe Levillain, ed. Routledge, 2002, entrada de Reinhard, Wolfgang – “Nepotism”, p. 1031–1033; EKLUND, Robert B. Jr., HERBERT, Robert F., and TOLLISON, Robert D. – “The economics of the Counter-Reformation: Incumbent-Firm reaction to market entry”. *Economic Inquiry*, 42, 4, 2004, October, p. 703

⁴¹ O assunto está na moda e a literatura é imensa (embora muita nada tenha a ver com história). Ver boas análises e teorização do problema em SUBRAHMANYAN, Sanjay – *Merchant Networks in the Early Modern World*. Wiltshire, Ed. Ashgrave Variorum, 1996 e YUN CASALILLA, B. – “Perspectivas para la investigación en historia económica y social de Palencia: consumo y redes de comercialización”, in CALLEJA GONZÁLEZ, M^a V. (Coord.), *Actas del III Congreso de Historia de Palencia*, Vol. 3, 1995, pp. 51-70.

que se valeu de patronos influentes – e estas redes valer-se-ão sempre de personagens influentes nas cortes e nas cidades –, ampliou a sua geografia e deu protagonismo a agentes, como Bento Fernandes, que, por seu turno, criaram “subsistemas” que funcionavam de acordo com as mesmas regras, integravam parentes e membros próximos da família (caso dos Andrade, descendentes do Licenciado Diogo de Andrade, de Lamego, e aparentados com os Fonseca, na rede de Bento), e em proveito da organização geral.

Para Bento Fernandes, pertencer a esta rede era garantia de lucro elevado e em bases regulares. Sobre Fonseca escreveu um dia o embaixador Diogo Mendes de Vasconcelos: “E o sollicitador deste breve e d’outros tais he segundo me diserão Antonio Lopez, o qual com hum seu genro por nome Simão Lopez e com um Jacome da Fonseca que d’aqui fogio os dias pasados pera Salonique ordenarão nesta corte huma certa alquimia de fazer expedições de pessoas dese reino *tendo la por respondente a hum Antonio da Fonseca, morador em Lixboa, irmão do dito Jacome da Fonsequa com a qual alem de roubarem os humeens com lhe levarem a mais cruel e desacustumada onzena que se nunca vio que he seiscentos e vinte reis por hum cruzado em espaço de cinco meses fazem muito grande deserviço a Deus e a Vossa Alteza* porque sendo pessoas sospeitas na fe e que antre os bons portugueses que aqui residem são havidos por judeus por evidentes sinais se entremetten em cousas ecclesiasticas”⁴². Para que se tenha uma ideia mais precisa deste poder veja-se o que disse Álvaro Velho em carta escrita do concílio de Trento (27 de Agosto de 1562) a Lourenço Pires de Távora: “Por letras do doutor Antonio Pinto entendera Vossa Senioria a prisam d’Antonio de aseca (*sic*) a causa foi por conspirar na morte de Sua Santidade com alguns francezes *querimunnus galeseo (sic)*, e que tambem eram luteranos. prenderão a Antonio da Affonseca e a muitos francezes hua noute da qual mudança soou Italia toda com mil pareceres distinctos infinitamente agravava mais o caso o temerce tanto o papa e fazeremlhe guardia brava. Antonio Pinto se socorre logo ... ao senhor embaxador eu sulusitei admiravelmente porque logo foram cartas a Sua Santidade Borromeo e do Cardeal Simonetta outras, e lhe mandei ofrecer letra de todo o concilio a Sua Santidade sobre Antonio d Affonseca, e lhe iria hum socorro mais apressado que o de Mazagão, a cousa spantou loguo aos que não conhesiam as calidades das ditas pessoas a mim nam porque nenhua couza he tam impropria ao dito Affonseca como conspirar em morte d um papa porque para a d um pato nam tem spirito nem é Cassio nem Bruto e muito menos tem condição nem engenho de ugonotto”⁴³.

Movimentação de letras, cálculo de câmbios, pedidos de créditos e tráficos de influências passavam agora pela loja de Bento Fernandes na rua da Ponte de São Domingos. David Igual Luis, lembra-nos esta coincidência de funções na banca, câmbio e finança na mesma pessoa⁴⁴. É naquele

⁴² *Corpo Diplomatico Portuguez*, tomo 7, p. 378-379.

⁴³ A carta prossegue com outros pormenores. *Corpo Diplomatico Portuguez*, tomo X, p. 14.

⁴⁴ IGUAL LUIS, David – *Los agentes de la banca internacional: cambistas y mercaderes en Valencia*, in “Revista d’Història Medieval”. Universidad de

estabelecimento que encontramos no dia 5 de Junho de 1565 o cavaleiro fidalgo André Golias solicitando-lhe um crédito de 200 ducados de “câmara velhos” para António da Fonseca os dar em Roma a Sebastião Veloso, ali estante, para benefício de Gonçalo Mendes d’Antas, abade de São Tomé, do arcebispado de Braga. Bento entregou-lhos em três cópias de apólices que Golias lhe prometeu pagar ao câmbio corrente nas praças romanas na altura em que Veloso enviase as letras, acrescidas de dois e meio por cento pelo seu trabalho⁴⁵.

Entretanto, Bento já usufruía do estatuto de cidadão do Porto há alguns anos. E recentemente casara (por volta de Junho de 1564) uma filha, Maria da Fonseca, com Rodrigo Homem, a quem oferecera dote de 400 mil reais e umas casas na rua de São Miguel, provavelmente aquelas em que ele próprio vivia e ainda se comprometeu a pagar 88 mil reais que o genro devia a Melchior Rodrigues, de uma parceria que ambos tinham⁴⁶. A partir de então Homem, originário de Braga (e há muitas famílias conversas do Porto procedentes de Braga, Guimarães, Viana e outras partes do Minho), passa a integrar a rede de Bento Fernandes (de resto, já o podemos ver incluído no diagrama apresentado em cima), partilhando todos os seus negócios, mesmo o dos panos, a que nunca deixou de se dedicar⁴⁷.

Todos estes dados fazem crer que estamos perante um mercador abastado, da primeira linha dos homens de negócios do Porto. Sim e não. Este assunto levanta a questão da qualidade dos mercadores portuenses deste tempo.

Quem eram? É correcto agrupá-los todos sob aquela capa geral ou devemos distingui-los? E que critérios podemos usar para determinar as clivagens e hierarquias entre todos os homens que se entregavam à mercancia? F. Ribeiro da Silva mostrou-nos que havia diferenças entre mercadores⁴⁸, vocábulo que abrangia um conjunto heterogéneo, pluriactivo, que tanto agrupava simples vendedores como homens de negócios de grandes cabedais que reservavam uma parte da sua actividade à finança e à banca. Neste caso devemos centrar-nos apenas nos níveis mais elevados – dos que mantinham redes internacionais aos que redistribuíam as fazendas importadas – entre os quais se diferenciam os “mercadores de sala ou de sobrado e os de loja” e, neste último caso, mais uma distinção (e hierarquia): entre os cidadãos e os não cidadãos⁴⁹.

Valencia, nº 11, 2000, p. 105-138.

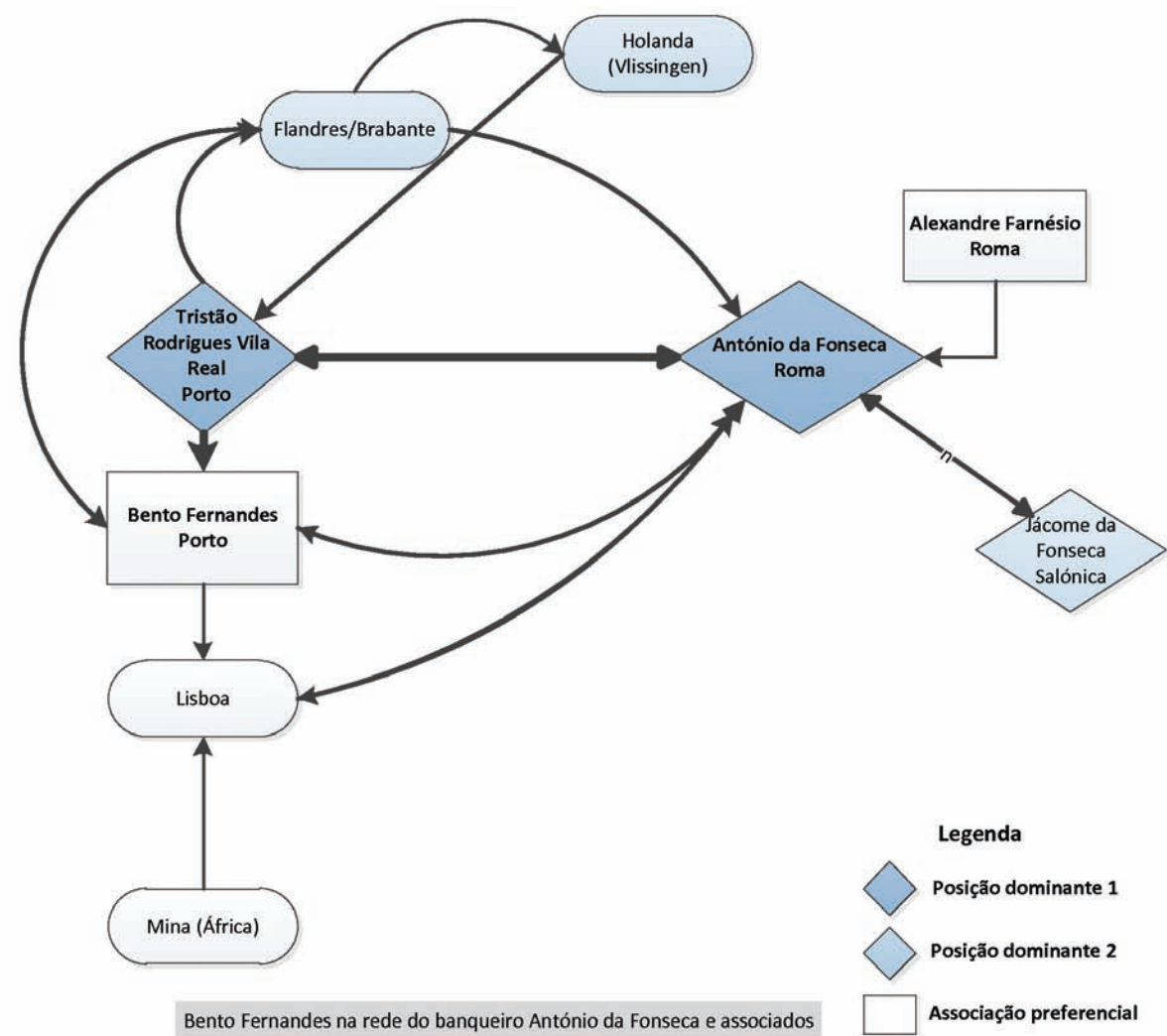
⁴⁵ ADP – Po 1º, 3ª série, liv. 20, fl. 178v.

⁴⁶ ADP – Po 1º, 3ª série, liv. 20, fl. 64v.

⁴⁷ ADP – Po 1º, 3ª série, liv. 22, fl. 81v; compra a Palos Rodrigues, cavaleiro, rendeiro da Alfândega, panos da Flandres no valor de 112060 reais em 17 de Outubro de 1565.

⁴⁸ SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640): os homens, as instituições e o poder*. Volume I. Porto: Arquivo Histórico/Câmara Municipal do Porto, 1988, p. 112-117. Um debate sobre as definições de mercador em Patrice Pujade, na obra citada, p. 127-132, entre outras.

⁴⁹ SILVA, Francisco Ribeiro da – *o.c.*, p. 113-114.



Bento fez parte do nível mais elevado da “segunda linha” de homens de negócios do Porto: a dos mercadores de loja detentores do estatuto de cidadão⁵⁰. O diagrama acima explica um pouco melhor esta condição.

Entre muitos comentários que se podiam fazer a este esquema – desde logo o papel das Províncias Unidas no negócio portuense em meados do século XVI – permito-me destacar a presença, ou melhor, a omnipresença, de Tristão Rodrigues Vila Real. Cristão-novo, originário do Minho

⁵⁰ Que não sabemos como foi obtido: se por herança familiar se por intercessão do infante D. Luís, seu patrono.

e desde muito cedo radicado no Porto, onde alcançou estatuto de cidadão, trabalhava com a Flandres – correspondendo-se com os portuenses Tovar –, com a Holanda através do porto de “Frangelingas⁵¹”, e com o Mediterrâneo graças à ligação com António da Fonseca. Há muito tempo que venho recolhendo materiais sobre este mercador que, como é sabido, teve um fim trágico nos cárceres da Inquisição de Coimbra, onde se suicidou ao fim de três interrogatórios⁵². Vila Real liderava uma complexa rede de interesses que, praticamente, abrangia todos os sectores do negócio de meados do século XVI: importador de livros, de açúcar, de têxteis europeus, de pastel dos Açores, de escravos que vendia para o (emergente) Brasil e para as Índias de Castela, gestor de negócios envolvendo o ouro da Mina que Fonseca era acusado de desviar para a Flandres, dedicado à finança e à banca, fiador de cavaleiros-fidalgos e de mercadores da cidade e de fora dela, e financiador do arcebispo de Braga, esteve presente na maioria das transacções que envolveram Bento Fernandes, interferindo abertamente ou participando como testemunha dos actos notariais⁵³.

Como Tristão Rodrigues, Dinis Eanes, Henrique Gomes, Lopo Nunes Vitória, os Bentalhados, os Tovar, entre outros, tinham a mesma capacidade de intervenção e o mesmo volume de negócios. Começava a escrever-se um importante capítulo da história da cidade.

CONCLUSÃO: O TRATADO DA ARTE DE ARISMETICA E A LEGITIMAÇÃO DE UMA ELITE

No meio disto tudo, o livro de Bento Fernandes parece uma coisa menor. Não é. Desde logo, porque ao contrário de muita obra literária, corográfica e científica do século XVI, este manual aritmético e algébrico foi publicado e protegido por direitos de autor, se assim podemos chamar ao facto de ele ter obtido privilégio real para o exclusivo da impressão por tempo de doze anos. Isto é: não se protegia o trabalho em si, mas o suporte físico, o livro⁵⁴. Este exclusivo de impressão pressupõe a existência de um negócio de livros na cidade, cuja dimensão ignoramos, a não ser que parece muito mais importante do que normalmente se diz⁵⁵; para lá do impressor do livro de Fernandes, Francisco Correia, conhecem-se outros: Gaspar Preto (possivelmente sócio de Correia), António Vaz⁵⁶ e desconhece-se o negócio de abastecimento de livros a centros de impressão

⁵¹ Actual cidade de Vlissingen (Zelândia, Países Baixos).

⁵² Torre do Tombo – *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Coimbra, proc. 806.

⁵³ Exemplos: ADP – *Po 1º*, 3ª série, liv. 18, fl. 41 (12 de Outubro de 1558, compra de têxteis fornecidos por Luís Garcês, tabelião do judicial), liv. 20, fl. 9 (12 de Abril de 1565, fiador de Francisco Teles, fidalgo, às rendas de Santa Maria de Sousela, Braga), liv. 20, fl., no mesmo dia 12 de Abril de 1565, fiador do senhor Lopo Cardoso e de Gaspar Gonçalves, igreja de S. João de Ovil, Baião), etc.

⁵⁴ TT – *Chancelaria de D. João III*, Privilégios, liv. 3º, fl. 205. Ver apêndice documental, doc. 1.

⁵⁵ MATOS, Marina de Moraes Freitas de – “Impressores, editores e livreiros no Porto do século XV ao século XVIII”, in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, 16. Coimbra: Atlântida, 1970, p. 105-120.

⁵⁶ ADP – *Po 1º*, 3ª série, liv. 4, fl. 37 (em 1552 e referente aos dois).

consagrados como Coimbra, a cargo, entre outros, do inevitável Tristão Rodrigues Vila Real, que em 1571 vendeu 134220 mil reais de livros da Flandres ao conhecido António de Marins⁵⁷.

Publicado em 1555, o *Tratado da Arte de Arismetica*, proclama uma nova mentalidade mercantil⁵⁸, mais preparada, mais confiante para se afirmar num ambiente transformado pela expansão dos negócios internacionais e necessitado de instrumentos que apetrechassem os mercadores portugueses com ferramentas que lhes permitissem competir com os poderosos rivais flamengos e italianos: “porque alguns mercadores sobre ho tomar ou dar dinheiro ha cambio em Inves para pagar em Medina del Campo ou em outra qualquer feira d’Espanha ou tomamdo e dando em Espanha pera lhe responderem em Inves nam serem tam espertos nem esperimentados como ho sam os framen-gos e italianos que andam mais correntes neste contratar”⁵⁹.

É, mais uma vez, a movimentação de dinheiro, o câmbio, o uso da letra de câmbio. A utilização da “rezam”, não como era entendida nos tratados medievais, como um conceito para distinguir entre o bem e o mal, mas como um cálculo: o cálculo do lucro, sem qualquer subtilidade, manifestando abertamente aquilo que a Idade Média consideraria usura.

Há muito pouco nesta obra que lembre os tempos medievais. Talvez os referenciais geográficos, a Flandres, o Mediterrâneo, a evocação dos turcos como inimigos temidos no mar⁶⁰, os comércios de cereais e, quase no fim, a propriedade senhorial e o lazer da caça⁶¹. Tudo o resto é novidade. A atitude proactiva dos mercadores contrasta com a relativa passividade de muito do comércio medieval dirigido aos nossos portos. Evocam-se os negócios do império, que a historiografia teima em centrar em Lisboa: as especiarias, para exemplificar a “regra de quarto e vintena com quebra” e demonstrar a familiaridade dos comerciantes do Porto com essas mercadorias⁶². A finança (inclusive com a inclusão de contas com os *pardaus* indianos⁶³), o jogo dos câmbios e as transacções de metais preciosos (explicando até os diferentes tipos de ligas⁶⁴) que, como já vimos, dominavam os interesses destas redes. O conhecido capítulo das “contas da Flandres” e, muito importante, todo o discurso relativo às diferentes formas de companhias comerciais (chãs, com tempo, com tempo à razão de tantos por cento, de meio, terço, quarto e quinto, de tempo declarado,

⁵⁷ ADP – *Po 1º*, 3ª série, liv. 39, fl. 137v. Sobre António Mariz, cf. ALMEIDA, António José de, OP – A mobilidade do impressor quinhentista português António de Mariz. In MARTINS, Fausto Sanches (coord.) – *Artistas e artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa: actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Porto: FLUP, 2005. Disponível on-line em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6113.pdf>

⁵⁸ SOUSA, Ivo Carneiro de – *A sensibilidade da literatura portuguesa dos séculos XV e XVI às matemáticas (índices e problemas para um estudo de história cultural)*. Porto: Faculdade de Letras, 1985, disponível on-line em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8297/2/artigo6041.pdf>

⁵⁹ FERNANDES, Bento – *o.c.*, fl. 41-41v.

⁶⁰ No entanto, continuavam a sê-lo no século XVI.

⁶¹ *Tratado*, fl. 201. Aos pássaros e à raposa.

⁶² *Idem*, fl. 86, 123.

⁶³ *Idem*, fl. 77.

⁶⁴ *Idem*, fl. 197, 220-234, sobre a prata, e a partir daqui sobre o ouro.

etc., e as formas de lucro e quebrados)⁶⁵ cujas variantes e complexidade se ocultam nos actos notariais que costumamos usar. Por fim, entre todas as contas e regras aritméticas e algébricas, Fernandes ainda exemplificou alguns temas aludindo às paixões dos “gentis-homens pelas donzelas” e ao jogo de dados, que era uma quase-obsessão da sociedade em geral⁶⁶.

Se António da Fonseca tinha prestígio suficiente para dominar os trabalhos de algumas das mais importantes sessões do Concílio de Trento e se Tristão Rodrigues Vila Real movimentava influências a uma escala internacional, a estes homens ainda lhes faltava reconhecimento social e poder político. Assim, o livro de Fernandes aparece como mais uma peça de legitimação, pela competência e demonstração de cultura, deste grupo, que usava outras formas para se mostrar à sociedade como uma elite respeitável. Recusando certos encargos que lhe eram impostos, por exemplo, na festa do *Corpus Christi*, exigindo o reconhecimento do direito de cidadãos, de que muitos desfrutavam, no vestir e no tratamento. A fundação da confraria de Nossa Senhora das Neves, de 1556⁶⁷, parece destacar um desejo de afirmação de identidade, essencial para a constituição desta elite urbana, das relações entre si e dos mecanismos de solidariedade consagrados desde a Baixa Idade Média, perseguindo objectivos múltiplos, que iam desde a assistência à propaganda do grupo. A par de nomes como António Barbalho, Gabriel Álvares, Francisco Rodrigues, Dinis Eanes, António de Freitas, Manuel Vaz, António Nunes, Gil Correia, Tomás Nunes e Álvaro Eanes estava Bento Fernandes, cidadão do Porto, mercador e aritmético.

APÊNDICE DOCUMENTAL

Documento 1

1540. Novembro. 14. Porto

Registo do nascimento de Miguel, filho de Bento Fernandes e Genebra da Fonseca

Arquivo Distrital do Porto - Paroquiais, freg. da Sé, liv. B-1, fl. 15

[Na margem:] Miguel. Este dia [14 de Novembro de 1540] bautizo el Maestre Escuela a Miguel hijo de Bento Fernandez mercader y de sua mujer Genebra da Fonseca. Fueron padrinhos Pedro Donis menpostero de los cativos y madrinha Catarina Machado molher de Melchior Fernandez escrivano morador en la Rua Chã.

Documento 2

1555. Março. 15. Lisboa.

⁶⁵ Idem, fl. 49-53, 55 e seguintes, 176, 179 e seguintes.

⁶⁶ Idem, 212, 216, 213.

⁶⁷ ADP – *Convento de S. Domingos*, nº 4310, fls. 349-353. Ver apêndice documental, doc. 2.

Alvará régio concedendo a Bento Fernandes, cidadão do Porto, a seu pedido, o exclusivo por dez anos, da impressão do livro de aritmética que estava a escrever.

Torre do Tombo – *Chancelaria de D. João III*, Privilégios, liv. 3º, fl. 205

Publicado em DESLANDES, Venâncio Augusto – *Documentos para a história da Typographia Portuguesa nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1882, Parte II, p. 18-19 e em ALMEIDA, A.A. Marques de – *Aritmética como descrição do real (1519-1679)*. Volume I. Lisboa: CNCDP-Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, p. 86, de onde se reproduz.

El Rei faço saber a quantos este meu alvara virem que Bemto Fernamdes cidadão da cidade do Porto e nela morador me enviou dizer que elle fazia hum liuro de quatro mãos de papel de todas as ciencias e artes de comta dellgarismo e de comta e peso e medida, feyto por muito sotil arte, o qual a sua custa e despesa manda imprimir na dita cidade. E que me fizera huua pitição em que me pidira ouesse por bem sob certa pena, que pessoa alguma não podesse imprimir o dito livro nem trazelo de fora ympremido a estes Reynos por tempo de doze annos. E que antes de lhe dar despacho eu pasara huua minha provisão pera o corregedor da comarca da dita cidade ver o dito livro com pesoas esperementadas na dita arte, e o que achasse com seu parecer me escreuese, o quall uyo o dyto livro e fez a dita deligencia como polla provisão lhe era mamdado a qual me enviou com sua resposta: pedimdo me o dito Bemto Fernamdez que vista a dita deligencia e avendo respeito ao muyto trabalho que levou em fazer o dito liuro ouese por bem de lhe fazer a dita merce que pessoa alguma o não podese ympremir nem trazer impremido de fora, sob perdimento dos ditos liuros e de dinheiro no que receberia merce. E visto seu requerimento e deligencia do dito corregedor e emformação que se do caso tomou ey por bem e me praz que por tempo de dez annos pessoa alguma não possa em meus Reynos e senhorios imprimir nem vemder o dito livro darismetica saluo o dito Bemto Fernamdes sob pena de cimquenta cruzados e perdimento dos ditos liuros ametade pera quem o acusar e a outra metade pera os catiuos. Noteficoo asy a todas minhas justiça e lhes mamdo que cumprão e fação ymteiramente comprir este meu alvaraa como se nele comtem. O bacharel Luis Lopez o fez em Lisboa a XV de Março de mill e quinhentos cimquoemta e cimquo”.

Documento 3

1556. Dezembro. 04. Porto.

Contrato entre mercadores do Porto e o convento de S. Domingos, da mesma cidade, sobre a fundação da confraria de Nossa Senhora das Neves que os primeiros ali desejavam erguer.

ADP – *Convento de S. Domingos*, nº 4310, fls. 349-353.

Publicado em BARROS, Amândio Jorge Morais – “Irmandades do mar”. (Marinheiros, mercadores e inquisição no Porto dos séculos XV e XVI”, in *Actas do Simposio Internacional de Historia Maritima do século XII ao XVI “Pontevedra e o Mar”*”, ed. Calo Lourido. Pontevedra: Concello de Pontevedra, 2003, p. 90-91.

Anotação em letra do século XVIII: “Tresladado no livro novo a folh: 187” e no alto de cada folha, retro, a anotação quinhentista: “da confraria dos mercadores”.

“Em nome de Deus Padre e Filho e Espírito Santo hum soo Deus Noso Senhor amem. Saybaom os que este estromento de comtrato e obrygũaçam vyrem que no ano do nacimemto de Noso Senhor Jhesus Christo de myll e quynhemtos e cimquoemta e seys anos aos quatro dias do mes de Dezembro em ha muy nobre e sempre liall cidade do Porto no moesteyro de Sam Domymguos na casa do capitollo homde estavam juntos chamados per som de campa tamgida segumdo seu bom e amtiguo custume *convém a saber*: ho muito reveremdo padre pryor frey⁶⁸ Dioguo do Rosayro e ho padre sob prior frey Riginaldo de Mello, ho doutor frey Joham Freyre, ho padre frey Dioguo de Cezymbra, ho padre frey Jorge da Bareyra, ho padre frey Allberto de Leyrya, ho padre frey Manuell de Marvylla, ho padre frey Joham de Berbedo, ho padre frey Nycollao da Costa e frey Framcisquo e frey Mateus Diaz, frey Tomas Nogueyra, frei Framcisquo de Lacerda, frey Manuell de Sam Marçall, frey Myguell, frey Amtonyo e frey Pedro Martir e ho padre frey Bras camtor de hũa parte em nome

[fl. 349v]

do dito moesteiro e comvemto delle e da houtra parte Amtonio Barbalho e Graviell Alvarez mordomos que hora sam da comfrarya dos mercadores da dita cidade que hora novamemte se instetuyo e bem asy Framcisquo Rodriguez juiz da dita comfrarya e Denys Eanes escriptvãõ della foy dito por os ditos hoficiaes da dita comfrarya que comsydiramdo elles e hos mays comfrades sua fraqueza umana em que se haya mester hobras espytuaes que defemdã e escusem culpas dyamte do Senhor Deus has quaes não podiam haver hefeito perfeito sem serem formadas de carydade que he ho fundamemto de todas has vertudes que elles tinham hora novamemte hordenada hũa comfrarya ha louvor do Senhor Deus da ymvoçaçam de Nosa Senhora das Neves e que os comfrades da dita comfrarya tinham necesydade de hũa capella pera nella se dizerem suas mysas e se cumpryrem seus estatutos e haverem pera yso sacerdotes sobre ho que asemtaram com hos ditos pryor e padres e comvemto do dito moesteiro e se comcertaram na maneyra seguemte *convém a saber*: diseram elles pryor e padres que pera yso davam ha capella de

[fl. 350]

Nosa Senhora da Esquada que estaa no allpembre do dito moesteiro sobre ho harquo de Sam Domymguos ha entrada da porta travesa do dito moesteiro que estaa sobradada pera que nella se diguam has mysas da dita comfrarya e nella tenham os comfrades se quyserem has cousas necessaryas da dita comfrarya ha quall capella lhe davam perpetuamemte pera sempre pera ha dita comfrarya se nella mynystrar e pera se quyserem elles comfrades na dita capella fazerem hasemtos pera se hasemtarem e pera poerem orguãaos e arquas pera ha cera e ornamentos e que posam mudar ho altar que estaa na dita capella de Nosa Senhora pera quallquer parte que ha elles comfrades mylhor parecer na dita capella e asy posam habryr ha parede da dita capella escomtra ha igreja que vay ter sobre ho altar de Sam Gomçallo na parte homde jaa estouve em outro tempo haberto e pera que posam fazer hum coro em ho vãao da igreja do dito moesteyro sobre ho dito altar de Sam Guomçallo pera ho que se ha-de habryr

[fl. 350v]

ha dita parede e que posam habryr ha porta da serventia da dita capella e ha fazerem mayor e pera que posam hallarguar ha esquada pera homde se servem pera ha dita capella e pera ha dita largura thomar do chãao e do vãao ho que pera yso for necessaryo e que os mordomos da dita comfrarya que ora sam e pelos tempos forem terem has chaves da porta da dita capella e has chaves do coro do coro terem hũa hos padres

⁶⁸ Emendada esta palavra.

do dito moesteiro e houtra os mordomos por que seram duas fechaduras⁶⁹ e que elles padres que ora sam do dito mosteyro e ao diamte pellos tenpos forem pera todo sempre emquamto ho mundo durar diram no alltar da dita capella hũa misa cantada⁷⁰ com seus horguãaos que tamgera ho padre que tamger hos da casa do dito moesteiro e sera da ymvoçam de Nosa Senhora com ha colleta do Esprito Santo e comomoraçam dos comfrades e dita todas has quyntas feiras do ano pella menhãa hacabada ha pryma e hos comfrades daram ha cera e elles padres hos hornamemtos e hallem das mysas das quyntas feyras dyram em cada hum

[fl. 351]

ano pera todo sempre duas mysas cantadas com diacono e sobdiacono e emcemso e todo ho mays necesaryo com suas besporas e sallva e hũa destas duas mysas per dia de Nosa Senhora do O que he ho horago delles comfrades e ha outra per dia de Nosa Senhora das Neves e mays no oytavayro do dya dos finados em cada hum ano pera todo sempre em ha dita capella hũa mysa cantada com seu noturno e ladaynha e respomso pellas allmas dos comfrades e poeram em ho meo da dita capella sua esa cuberta de preto e se dara ha custa da dita comfrarya d'esmolla em cada hum ano das ditas mysas, bespora, noturno, ladaynha e respomso quatro myll reis e estes quatro myll reis dados per dia de Nosa Senhora <da Anunciaçam primeiro seguinte> e dahy em diamte em cada hum ano per ho dito dya pera todo sempre e começaram hos padres has mysas e ho mays do dia de Nosa Senhora do O primeiro seguymte e dahy em diamte em cada hum ano pera todo sempre. E que ho pryor e padres do dito moesteiro que

[fl. 351v]

hora sam e ao diamte forem nam hocuparam ha dita capella com cousa allgũa senam com as cousas da dita comfrarya como hacima dito he nem comsymtiram estar nella homyziados nem homyziado e porem que quamto he ha quallquer comfrade da dita comfrarya que se lhe nam tolhera ha elle e ha seus decendemtes e hacemdemtes estar per vya de homyziados na dita capella hacollhidos e que semdo caso ho que Deus nam pирmita que os padres que forem pello tempo em diamte do dito moesteiro quyserem hir contra este comtrato e fazerem da dita capella outra cousa pera darem ha houtra pessoa hou pessoas em prejuizo delles comfrades que elles ho não posam fazer e fazemdo que ho dito moesteiro e convento lhe compoera todas has perdas e guastos que na dita capella fezerem e tem feitos e pella maneyra hatras dita diseram elles partes *convém a saber*: hos ditos padres em nome do dito moesteiro e seu convento

[fl. 352]

e hos ditos Amtonyo Barbalho, Gravyell Alvarez, Francisquo Rodriguez e Denys Eanes em nome da dita comfrarya e comfrades della por serem pera fazerem este comtrato emlegidos per os mays comfrades que asy e da maneyra que se neste estormemto comthem que asy pormetião e se hobryguavam como de feito hobryguaram hũa parte ha houtra e ha houtra [a outra] asy ho terem, manterem e compyrem deste dya em diamte pera sempre asy como cada parte he e for hobryguado por este estormemto e comtra yso nam hirem em parte nem em todo em juizo nem fora delle e pera se asy comprir hobryguaram elles hofficiaes da dita comfrarya has rendas e beens della e hos ditos padres has rendas e beens do dito moesteiro e asy o outorguaram e haceytaram elles padres por parte do dito mosteyro e seu convento e elles hoficiaes da dita comfrarya por parte della e seus comfrades e desta nota pidyram cada hum seu estormemto e hos que mais comprirem que houtorgaram huns aos outros e eu taballião

⁶⁹ Na margem esquerda, em letra diferente (posterior?), anotado: "duas chaves".

⁷⁰ Na margem esquerda a seguinte anotação: *hic*.

[fl. 352v]

ho haceytey em nome dos ausemtes não presentes quamto com dereito poso e devo e se houtorguou asy este comtrato com declaraçam que posto que hatras digua que terem hos hofficiaes da dita comfrarya ha chave da porta⁷¹ da serventia da dita capella que tambem hos padres do dito moesteiro terem hũa chave e sera nesta maneyra *convém a saber*: se fara hũa fechadura que cada hũa das ditas chaves ha habra.

E decllararam que posto que elles padres dam ha dita capella pera ha dita comfrarya que se emtemde pera has cousas da dita comfrarya e se ha dita comfrarya mynstrar na dita capella nam tolhemdo aos padres do dito moesteiro usarem de darem nella sepultura e tambem recolherem allguns homyziados pesoas homradas e conhecidas e sem sospeita de mall fazerem as cousas da capella e que sejam pesoas cidadãaos da dita cydade e que amdem na guovernança da dita cidade des⁷² precuradores della em mais graao da guovernança em diante e não de menos e porem

[fl. 353]

de quallquer callidade que sejam hos confrades da dita comfrarya e seus desendemtes e hasendemtes se poderam homiziar na dita capella e asy o outorguaram. E tambem estando ha esto presentes Amtonio de Freitas, Bemto Fernandez, Manuell Vaaz, Amtonio Nunez, Gyll Correa e Tomas Nunez e Allvar'Eanes moradores na dita cidade e confrades da dita comfrarya houtorguaram neste comtrato. Testemunhas que presentes estavam: Amtonyo Diaz e Symão Alvarez pedreyros e moradores na dita cidade e Amtonyo d'Aguyar sobrynho de mim taballião que ho escrepvy. (Segue-se a declaração do tabelião, escrita pela sua mão): E este estromento eu Gaspar de Couros pubrico tabaliã das notas por Ell Rei noso senhor na cidade do Porto e seus termos fiz tyrar de minha nota ao escripvam que tenho por Sua Allteza e o sobescrepvi e no começo de cada folha via mea regra desta minha letra, aparo e tinta que diz / da confraria dos mercadores e em testemunho de verdade aqui asynei de meu pubrico sinall que tal he. E nam faça duvida na intrellinha que diz / d'Anunciaçam primeiro seguinte / que se fez por verdade". Segue-se o sinal do tabelião e a seguinte nota: "A paga deste vai no estromento dos mercadores que tudo paguam os mercadores".

Documento 4

1570. Janeiro. 15. Porto

Registo do nascimento de Manuel, filbo de Rodrigo Homem e de Maria da Fonseca, e neto de Bento Fernandes

Arquivo Distrital do Porto - Paroquiais, freg. da Sé, liv. B-1, fl. 67v, 2^a numeração

[Na margem:] A Manoel. Aos quinze dias de Janeiro de 1570 anos bautizei eu Francisco Paez arcipreste desta See a Manoell filho de Rodrigo Homem e de sua molher Maria da Fonsequa moradores na Rua de Sa'Miguell. Forão compadres Migell Fernandez e Janebra da Fonsequa.

[Assinado:] Ho Arcipreste.

⁷¹ Na margem esquerda: "duas chaves".

⁷² Riscado: "pre".

LA EPÍSTOLA *DE MEDICIS PHILOLOGIS* DE G. FRANCK VON FRANCKENAU (WITTEMBERG, 1691)

ANA ISABEL MARTÍN FERREIRA

Universidad de Valladolid

RESUMO

En la epístola *De medicis philologis* Franckenau (1643-1704) expone su concepto de Filología y elabora un censo de los médicos humanistas europeos de los siglos XVI y XVII. Es una especie de *canon* que presenta los principales médicos de Italia, Francia, Alemania, España y Portugal y otros países. El texto muestra cómo ha cambiado el concepto de médico-filólogo, pasado el esplendor del Humanismo médico. Ya no se relaciona el término con la crítica textual, la traducción y el comentario de textos, sino con el conocimiento exhaustivo de la Antigüedad y el dominio de diferentes ciencias: Historia, Derecho, Filosofía, Literatura y Medicina. Es la *iatrophilologia*.

PALAVRAS-CHAVE

Medicina, Filología, *iatrophilologia*, siglos XVI y XVII.

ABSTRACT

In the epistle *De medicis philologis* Franckenau (1643-1704) explains his concept of Philology and provides a census of the European Humanist physicians of the sixteenth and seventeenth centuries. It is a kind of *canon* presenting leading physicians from Italy, France, Germany, Spain and Portugal, amongst other countries. The text shows how the concept of the doctor-philologist has changed, after the heyday of Medical Humanism. The term is no more associated with textual criticism, translation and commentary of texts, but with comprehensive knowledge of the Antiquity and the mastery of different sciences: History, Law, Philosophy, Literature and Medicine. This is the *iatrophilologia*.

KEYWORDS

Medicine, Languages, *iatrophilologia*, sixteenth and seventeenth centuries.

1. DEL MÉDICO FILÓLOGO AL IATROPHILOLOGUS

La Historia de la Medicina, y con ella cuantos nos hemos dedicado en los últimos decenios al estudio de los textos médicos del siglo XVI, habla de médicos filólogos y de médicos humanistas para referirse a una serie de figuras ligadas a la tradición hipocrático-galénica, a través de la edición, comentario y traducción de los principales monumentos de la medicina grecolatina (incluida la bizantina) y, ocasionalmente, de la literatura antigua en general¹. Como es sabido, el Humanismo, entendido como “el movimiento que se propuso en los siglos XIV-XVI restaurar el ideal educativo de la Antigüedad a través de los *studia humanitatis*, por medio de las artes del lenguaje, adquiridas mediante la imitación de los grandes autores grecolatinos”², impregnó también los saberes propios de los médicos a través de la sólida formación que recibían. Algunos de ellos fueron antes filólogos que médicos, latinistas y helenistas, dedicados al cotejo y restauración de los textos, pues los consideraban deturpados por la tradición medieval y el escolasticismo arabizante. Esta actividad no excluyó, no obstante, el ejercicio práctico de la medicina y en la mayoría de los casos su labor estuvo unida a la actividad docente en las pujantes universidades de la época moderna, también al contacto -no exento de polémicas- con otros humanistas de diferentes países y, desde luego, a los avances en el terreno editorial, gracias a la nueva tecnología del libro. A grandes rasgos, tampoco puede decirse que fuera un movimiento lineal y universalmente extendido; esta circunstancia es bien palpable al menos en el caso español, estudiado por nuestro proyecto de investigación de la Universidad de Valladolid³. Se distinguen en la medicina humanista hispana varias etapas: desde las reticencias iniciales ancladas en el conservadurismo medieval, pasando por su apogeo en las décadas centrales del siglo XVI, hasta llegar a una última fase, en torno a finales de la misma centuria, donde cabe hablar de un humanismo de tipo ambiental, cuando no de un claro neoescolasticismo, propio de la Contrarreforma, fruto de la cerrazón, de las directrices sociopolíticas y religiosas del momento, y marcado por la obcecada negación de los avances científicos que prelude el siglo XVII.

Frente a esta situación, es precisamente en el siglo XVII cuando empieza a ser relativamente frecuente encontrar el compuesto *iatrophilologia* y también el correspondiente *iatrophilologus* en las

¹ Entre la abundante bibliografía al respecto, cf. BAADER, G., “Medizinische Theorie und Praxis zwischen Arabismus und Renaissance Humanismus”, en KEIL, G.-MOELLER, B.-TRUSEN, W. (eds.), *Der Humanismus und die oberen Fakultäten*, Weinheim: Acta Humaniora-VCH, 1987, p. 185-213; FOSSEYEU, M., “L’Humanisme médical au XVIème siècle”, *Bulletin de la Société Française d’Histoire de la Médecine*, 28 (1934) p. 75-95; GRANJEL, L.S., *La medicina española renacentista. Vol. II. Historia general de la medicina española*, Salamanca 1980; SCHMITZ, R.-KEIL, G. (eds.), *Humanismus und Medizin*, Weinheim, 1984; WEAR, A.-FRENCK, R.-LONIE, I.M. (eds.), *The medical Renaissance of the XVI Century*, Cambridge, 1985.

² MONTERO, E., “El médico filólogo en el siglo XVI”, en GARCÍA HOURCADE, J.L.-MORENO YUSTE, J.M. (coords.), *Andrés Laguna. Humanismo, ciencia y política en la Europa Renacentista*, Valladolid: Junta de Castilla y León, 2001, p. 93-121 (93-94).

³ Cf. BLANCO PÉREZ, J.I., *Humanistas médicos en el Renacimiento vallisoletano*, Burgos: Universidad, 1999; CONDE PARRADO, P., *Hipócrates Latino. El “De medicina” de Cornelio Celso en el Renacimiento*, Valladolid: Universidad, 2003; GONZÁLEZ MANJARRÉS, M.A., *Andrés Laguna y el Humanismo médico*, Valladolid: Junta de Castilla y León, 2000; MARTÍN FERREIRA, A.I., *El Humanismo médico en la Universidad de Alcalá (siglo XVI)*, Valladolid: Universidad, 1995; PÉREZ IBÁÑEZ, M^a.J., *El Humanismo médico del siglo XVI en la Universidad de Salamanca*, Valladolid: Universidad, 1997; SANTAMARÍA HERNÁNDEZ, M^a.T., *El Humanismo médico en la Universidad de Valencia (siglo XVI)*, Valencia: Consell Valencià de Cultura, 2003.

obras de los autores del norte y centro de Europa para indicar esta doble competencia del médico, fruto de una determinada formación. Se trata de un término que nos remite a otros similares de la época, también usados profusamente en los textos médicos: *iatrosophia*, *iatromathematica*, *chymiatría* o *iatromechanica*. Todos vienen a incidir en las relaciones de la medicina con otras especialidades, que van desde la química hasta la filosofía, pasando por la astrología o la magia. Y estas *iuncturae* se entienden especialmente bien en un siglo marcado por los avances científicos en general y por los de la medicina en particular, cuando la actividad científica y su difusión -salvando las distancias- va adoptando formas análogas a las modernas⁴. A partir de un momento dado, sobre todo en el panorama europeo, el neologismo *iatrophilologia* no indica tanto un especial concepto de la filología, aplicada a la medicina, sino que señala un tipo especial de medicina que hunde sus raíces en la centuria anterior. Los autores germánicos de las que podemos considerar primeras historias de la medicina enarbolan la bandera de los médicos humanistas de finales del siglo XV y sobre todo del XVI porque los consideran el punto de partida de este movimiento. Así, por ejemplo el polígrafo Hermann Conring (1606-1681)⁵, con la perspectiva de un siglo después, explica el cambio que se produjo en la medicina del siglo XVI, y las diferentes vías a las que dio lugar, con estas palabras:

Hoc itaque statu res medica mansit, donec circa annum millesimum quingentesimum novam iterum faciem ars nostra induere coepit. Nam circa illa tempora ipsa tum Hippocratis tum Galeni genuina scripta ex Graeco in latinum verti atque in lucem edi coeperunt. Et primus quidem in utrumque curam impendit Nicolaus Leonicensis Ferrariensis, vir elegantiori doctrina plane imbutus, qui duos praeclaros discipulos reliquit, Antonium Musam Brasavolam et Joannem Manardem, utrumque Ferrariensem, quibus tertium nulli inferiorem Joannem Baptistam Montanum Veronensem summo iure iungimus. Circa eadem tempora nonnulli laxatis ingenii habenis, variis modis Artem excoluerunt, veterum medicorum non perinde reverentes. Itaque inter illos qui ab exordio seculi decimi sexti floruerunt, magnum est magistrorum discrimen. Alii scilicet ne latum quidem unguem a Galeni placitis discedere voluerunt, atque adeo in verba illius magistri quasi iuraverunt. (...). Alii (...) in multis a Galeno dissentire non dubitaverunt. (...) Fuere et qui pressius voluerunt videri sectari Hippocratem (...). Non defuerunt etiam qui Arabum partes acriter defenderint et summis viribus pro illis pugnaverint...

Y lo mismo cabe decir de Albrecht von Haller, cuando en su monumental *Bibliotheca medicinae* repasa este periodo, inaugurado por los médicos italianos⁶, cuyos continuadores son los *iatrophilologi*

⁴ Por ejemplo, se asiste a la fundación de Academias de sabios, de las primeras revistas científicas (*Acta eruditorum*), se hacen muy frecuentes las exposiciones públicas y defensas de tesis en las universidades (*dissertationes*), etc. Cf. DIEPGEN, P., *Historia de la medicina*, trad. española, Barcelona: Labor, 1932, p. 179-195.

⁵ *Hermannii Conringii in Universam artem medicam singulasque eius partes... Introductio*, Helmestadii: Georg-Wolfangi Hammii, 1687, p. 52.

⁶ Así inicia el libro IV, dedicado a los *instauratores*: ... novam tamen periodum hic ordimur, cum et Alexander Benedictus his annis ceperit eminere, et ad meliorem conditionem artem reformare, et Nicolaus Leonicensis Arabum certissimus inimicus, et ad naturam ipsam Jacobus Berengarius paulo post medicos revocaverit, et Antonius Benivenius rariora a se adnotata descripserit, bonae etiam artes non in sola Italia nunc effloruerint, sed in reliquis Europae regiones undique se sparserint, quarum cives ad Academias Italas confluebant, medici etiam potissimum (*Bibliotheca medicinae practicae qua scripta ad partem medicinae practicae facientia a rerum initiis ad A. MDCCCLXXV recensentur. Tomus I*, Bernae-Basileae, 1776, p. 473).

del siglo XVII. Al tratar esta centuria, por sus páginas desfilan filólogos, bibliófilos y filósofos que se sirven de la medicina y/o contribuyen a su conocimiento y divulgación en diversos sentidos (a veces metafóricos) y sobre todo médicos de formación filológica, calificados de *eruditissimi*, *litteratissimi*, con un estilo muy peculiar que desborda polimatía, como tendremos ocasión de comprobar.

Teniendo en cuenta las numerosas interferencias y trasvases de conocimientos entre diferentes disciplinas que se observan en los textos, H. Jaumann⁷ ha clasificado en tres grupos las acepciones del término *iatrophilologia*: en primer lugar el compuesto se refiere a la formación de base del médico que tiene una doble competencia y se ha formado también en las *artes* y la historia en general; en segundo lugar se puede entender como el intercambio recíproco de conocimientos entre la medicina y otras disciplinas paralelas, mientras que por último con él se puede hacer referencia al uso de la medicina en sentido metafórico. En el primer grupo es bastante frecuente encontrar títulos que se refieren a *tractatus*, *exercitationes* o *disputationes* calificadas de *medico-philologicae* o *philologo-medicae*⁸. En el segundo, paralelo al anterior, se engloban un conjunto de obras nada desdeñable en las cuales la medicina se aborda desde la óptica de otras disciplinas: literatura, política, teología o jurisprudencia⁹. Y, finalmente, paradigma del tercero pueden considerarse obras que se apoyan en la metáfora de la medicina para desarrollar otro tipo de disciplinas o la convierten en un pretexto literario¹⁰.

Con todo, la mezcla propia de este modo de entender la medicina en multitud de textos obliga al estudioso alemán a reconocer que hay híbridos inclasificables; por ejemplo, la obra del bibliófilo Gabriel Naudé¹¹, por no hablar de la extensión de la analogía médica en la sátira latina a lo largo de los siglos XVI y XVII¹². También lo es en buena medida Franckenau, un representante típico de este movimiento del Barroco.

⁷ JAUMANN, H., "Iatrophilologia. Medicus philologus und analoge Konzepte in der frühen Neuzeit", en *Philologie und Erkenntnis. Beiträge zu Begriff und Problem frühneuzeitlicher Philologie*, R. HAFNER, ed., Tübingen: Niemeyer, 2001, p. 151-176.

⁸ Cf. FRANCK, G., *Tractatus philologico-medicus de cornutis* (Heidelberg, 1678); GESNER, C., *Libellus de lacte... philologus pariter ac medicus* (Zürich 1541); MEIBOM, H., *Exercitatio philologico-medica de incubatione in fanis* (Helmstedt 1659); WEDEL, G. W., *Exercitationum medico-philologicarum decades I-X* (Jena 1687-1701), etc.

⁹ Entre el elenco de obras citadas por Jaumann encontramos, por ejemplo: CASTRO, Rodrigues de, *Medicus politicus, sive de officiis medico-politicis tractatus* (Hamburgo, 1614); GRATAROLO, G., *De vino, memoria... et valetudine literatorum* (Estrasburgo, 1565); Van den SANDEN, M., *Theologia medica sive commentationes de medicis, morbis et medicinis evangelicis* (Colonia, 1635); ZACCHIA, P., *Quaestiones medico-legales, in quibus omnes ex materiae medicae, quae ad legales facultates videntur pertinere proponuntur* (Leipzig, 1630), etc.

¹⁰ Se trata sobre todo de obras que contemplan la filosofía como *medicina moralis* o *medicina mentis* o acuden a explicar la teoría política mediante paralelos médicos, incluso la labor del gramático como médico de los textos (cf. JAUMANN, p. 166-169).

¹¹ Cf. NAUDÉ, G., *ΠΕΝΤΑΣ quaestionum iatro-philologicarum* (Genevae, apud Samuel Chouët, 1647).

¹² Estudiada por S. KIVISTÖ en su monografía *Medical Analogy in Latin Satire*, UK: Palgrave Macmillan, 2009.

PAULI
ZACCHIAE
ROMANI,
TOTIUS STATUS ECCLESIASTICI
PROTO-MEDICI GENERALIS,
QUÆSTIONUM
MEDICO-LEGALIUM
TOMUS TERTIUS,

Quo continentur

CONSILIA ET RESPONSALXXXV.
Ad Materias Medico-Legales pertinentia;

NEC NON

DECISIONES
SACRÆ ROTÆ ROMANÆ,

AD PRÆDICTAS MATERIAS SPECTANTES,

A

CL. D. LANFRANCO ZACCHIA
collectæ.

Opus omnibus Medicinæ & Juris Utriusque Peritis,
nec non Tribunalium (Ecclesiastici, Civilis) Assessoribus
maximè necessarium.

CUI PRÆTER CONSILIORUM ET DECISIONUM ELENCHOS ACCESSIT
Index Rerum Notabilium accuratissimus.

Cum Gratia & Privilegio Sacræ Cesar. Majestatis.



FRANCOFVRTI AD MOENVM.

Sumtibus JOHANNIS MELCHIORIS BENCARD.

M DC LXXXVIII.

CATALOGVS
AUCTORUM
IN
NOVIS AD
PAULI ZACCHIAE
QUÆSTIONES MEDICO-LEGALES
NOTIS
ALLEGATORUM

GEORGIO FRANCO.

Quorum numerus ultra Mille longè adicend.

A	Augustinus, Thod. Bolin. JC. Fabin. Sclerus. Petrus Rabanus. Elmoldus Rabanus. Hieronimus Barthelemy. Paulus Barthelemy. Augustinus Parvulus. Hicronymus Barthelemy. Johannes Casar Barthelemy. Frodoicus de Barry. Cæsar Barthelemy. Cæsar Barthelemy Arus. Erasmus Barthelemy. Thomas Barthelemy. Bernardus JC. Cæsar Barthelemy. Johannes Barthelemy. Johannes Barthelemy. Johannes Barthelemy. Daniel Barthelemy. Andreas Barthelemy. Alexander Barthelemy. Guillelmus Barthelemy. Johannes Barthelemy. Johannes Barthelemy. Bernardus Barthelemy. Barthelemy Barthelemy. Georgius Barthelemy. Cyprianus Barthelemy. Joh. Bernus. Joh. Beccaria. Cornelius Douglon. Johannes Douglon. Lorenzianus Douglon. Biblar Sacra. Joh. Fredericus Edgen. Lodovicus Edgen. Joh. Nicol. Rosangar. Petrus Barthelemy. Bernardus. Carolus Edgen. Henric. Bucerus. Johannes Bodinus. Johannes. M. A. Sever. Bodinus. Martina Bodinus. Johannes Bodine. XXX 4 Joh.	Barthelemy, Thod. Bolin. JC. Fabin. Sclerus. Petrus Rabanus. Elmoldus Rabanus. Hieronimus Barthelemy. Paulus Barthelemy. Augustinus Parvulus. Hicronymus Barthelemy. Johannes Casar Barthelemy. Frodoicus de Barry. Cæsar Barthelemy. Cæsar Barthelemy Arus. Erasmus Barthelemy. Thomas Barthelemy. Bernardus JC. Cæsar Barthelemy. Johannes Barthelemy. Johannes Barthelemy. Johannes Barthelemy. Daniel Barthelemy. Andreas Barthelemy. Alexander Barthelemy. Guillelmus Barthelemy. Johannes Barthelemy. Johannes Barthelemy. Bernardus Barthelemy. Barthelemy Barthelemy. Georgius Barthelemy. Cyprianus Barthelemy. Joh. Bernus. Joh. Beccaria. Cornelius Douglon. Johannes Douglon. Lorenzianus Douglon. Biblar Sacra. Joh. Fredericus Edgen. Lodovicus Edgen. Joh. Nicol. Rosangar. Petrus Barthelemy. Bernardus. Carolus Edgen. Henric. Bucerus. Johannes Bodinus. Johannes. M. A. Sever. Bodinus. Martina Bodinus. Johannes Bodine. XXX 4 Joh.
----------	--	--

2. LA OBRA DE GEORG FRANCK VON FRANCKENAU¹³, UN *IATROPHILOLOGUS*

Se entenderá mejor cuanto hemos dicho, si tenemos en cuenta que a lo largo de su vida, Franckenau (1643-1704) fue historiador, filólogo, astrónomo, botánico y poeta ocasional que completó su amplísima formación con los estudios de Medicina, en los que se doctoró el año 1666 en Estrasburgo. Este fue el punto de partida de su actividad docente como botánico y anatomista de gran renombre en la época de las revoluciones científicas. Gracias a su fama, se le abrieron las puertas de la Universidad de Heidelberg, a la que estuvo ligada la mayor parte de su carrera profesional (1672-1689); en esta prestigiosa institución calvinista detentó los cargos de rector (1678) y vicescanciller (1680). Sin embargo, la época que le tocó vivir, dominada por la inestabilidad de las fronteras del Imperio Germánico, con los franceses presionando por el Oeste y los problemas causados por los otomanos en el Este, le obligaron a retirarse a Frankfurt en el año 1688 y, posteriormente, a ejercer como médico al servicio de Johann Georg III, elector de Sajonia, quien lo nombró profesor de Medicina en Wittemberg, una labor desempeñada con tal éxito que le ofrecieron una cátedra más relevante y el puesto de Decano de la Facultad de Leipzig. Franckenau rechazó la oferta, pero al parecer lo que nunca dejó de pensar fue en su vuelta a Heidelberg. Sorprendentemente, aunque los electores sucesivos siguieron dispensándole un trato de favor, en 1694 se trasladó a Dinamarca para ocupar el puesto de médico personal del rey Christian V, cuando la monarquía sueca era protagonista activa de la historia alemana. Allí fue nombrado consejero áulico y continuó ejerciendo su labor con el monarca sucesor, Federico IV, hasta el final de sus días, ocurrido el 16 de junio de 1704.

Franckenau también fue un miembro destacado de varias sociedades científicas: la *Royal Society* de Londres, la *Academia Caesareo-Leopoldina Naturae Curiosorum* (la llamada *Leopoldina*) y la italiana *Accademia Patavina dei Ricovrati*, y alcanzó la condición de noble gracias al emperador Leopoldo en 1692; llevó el título de conde palatino “de Franckenau” desde 1693. En este contexto, el mismo que vio nacer las primeras publicaciones científicas periódicas, algunas de las cuales contaron con su firma, escribió su extensísima obra científica, publicada íntegramente en latín. Su producción incluye textos de contenido médico, botánico, filológico, teológico y *curiositates* en general. Estos son sus títulos más relevantes; los hemos recopilado y ordenado cronológicamente para que pueda observarse la variedad de contenidos:

-*Institutionum medicarum synopsis*, Heidelberg 1672.

-*Lexicon vegetabilium usualium*, Estrasburgo 1672. Fue reeditada en varias ocasiones; en la segunda

¹³ Cf. BAUER, A.W., “Georg Franck von Franckenau. Repräsentant einer empirischen Heilkunde im Zeitalter des Barock”, en DOERR, W. et al. (eds.), *Semper Apertus. Sechshundert Jahre Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg 1386-1986. Band 1. Mittelalter und frühe Neuzeit (1386-1803)*, Berlin, 1985, p. 440-462 y KIVISTÖ, S., “G.F. von Franckenau’s *Satyra sexta* (1674) on Male Menstruation and Female Testicles”, en A. KORHONEN - K. LOWE (eds.), *The Trouble with Ribs: Women, Men and Gender in Early Modern Europe, Studies across Disciplines in the Humanities and Social Stories 2*, Helsinki, 2007, p. 82-102.

edición (Estrasburgo 1685) y en la de Leipzig de 1698 ya recibe el título general de *Flora Francica*, por el que es más conocida¹⁴.

-*Tractatio qua lupanaria ... ex principiis medicis improbantur*, Halle 1743 (en realidad fue una exposición pública realizada el año 1674 en Heidelberg publicada a título póstumo).

-*Tractatus philologico-medicus de cornutis, in quo varia curiosa delibantur ex theologorum, iurisconsultorum, medicorum, philosophorum, politicorum atque philologorum monumentis*, Heidelberg 1678.

-*Bona nova anatomica*, Heidelberg 1680.

-*Parva bibliotheca zootomica*, Heidelberg 1680. Es la primera bibliografía moderna dedicada a la anatomía comparativa.

-*ΣΩΤΗΡΙΟΝ, ut serus in coelum redeat diuque laetus intersit...*, Heidelberg 1681. Poema de circunstancias, panegírico escrito con motivo del advenimiento como nuevo Elector Palatino de Carlos II Wittelsbach.

-*Ad anatomem suspensi ... habendam ... invitat Georgius Francus*, Heidelberg 1683.

-*De calumniis in medicos et medicinam*, Heidelberg 1686.

-*Exercitatio medica de pericardio*, Estrasburgo 1690.

-*De medicis philologis*, Wittenberg 1691.

-*Propempticon inaugurale de ψαμμισμῶ*, Wittenberg 1695.

-*Disquisitio epistolaris succi nutritii per nervos transitum eiusque effectus in corpore humano expendens*, Leipzig 1696.

-*De palingenesia, sive resuscitatione artificiali plantarum, hominum et animalium a suis cineribus, liber singularis*, Halle 1717.

-*Satyrae Medicae XX*, Leipzig 1722. Editadas póstumamente por su hijo¹⁵, a ellas añadió varios opúsculos más de su progenitor; de ahí que el título completo de esta obra sea: *Satyrae medicae XX, quibus accedunt dissertationes VI varii simulque rarioris argumenti, una cum oratione de studiorum noxa, editae ab autoris filio, Georgio Friderico Franck de Franckenau*.

Muchos de estos textos, y otros más conservados en la Bayerische Staatsbibliothek y la Biblioteca Universitaria de Edimburgo¹⁶, apenas superan las veinte páginas y fueron en origen disertaciones y discursos presentados en sesiones académicas tanto en Heidelberg como en Wittenberg; en algunas es posible identificar a los ponentes en aquellos actos donde el doctor Franckenau actuaba

¹⁴ Se trata de la tercera edición, dedicada al rey de Noruega.

¹⁵ Secretario del rey danés, fue autor de la famosa *Sacra Themidis Hispanae Arcana, Iurium Legumque Ortus, Progressus, Varietates & Observantiam* (Hannover 1703) y de la *Bibliotheca Hispanica historico-genealogico-heraldica* (Leipzig 1724). Dos controvertidas obras que le valieron la acusación de plagio por parte de Gregorio Mayans.

¹⁶ Cf. KELLY, W.A., *A catalogue of seventeenth century medical and scientific imprints in Edinburgh libraries*, Edimburgo: Scottish Centre for the Book Napier University, 2008, p. 94-97.

como *praeses*, iniciaba el debate y dirigía las réplicas de los *respondentes* (los aspirantes al doctorado) que tenían que defender sus argumentos en público. La autoría de muchas de ellas se atribuye erróneamente en los catálogos de los fondos bibliográficos a Franckenau, que, como presidente del tribunal, prologa el texto y concluye con los parabienes y *laudatio* del nuevo doctor.

3. LA EPÍSTOLA DE MEDICIS PHILOLOGIS

Esta epístola literaria, perteneciente a su época de magisterio en Wittengerg fue publicada por el impresor de la universidad Matthaeus Henckelius¹⁷, el año 1691 (el autor fecha la misiva el 21 de enero de ese mismo año). Está dedicada a Gottfried Thomasius (1660-1746)¹⁸, de Leipzig, médico, filósofo del entorno de Leibniz, teólogo, bibliófilo y entonces recién doctorado. Tiene una extensión de 28 páginas sin numerar, contando la portada, y se encuentra profusamente anotada a pie de página (cada llamada a nota se realiza empleando una letra del alfabeto griego). A modo de colofón, tras la fórmula de despedida se incluyen unos *addenda* (p. 27-28) destinados a completar el listado de médicos italianos.

El texto puede dividirse en tres partes:

1. *Exordio*: Definición y características de la filología. Utilidad. Fundadores. Características del filólogo ideal. Otros ilustres filólogos de la historia (p. 3-9):

ΦΙΛΟΛΟΓΙΑ est, pernobilis Thomasi, quae a teneris amoeniora perbenigne allicit ingenia, ut probe nosti, mentesque nostras mira sua dulcitudine blandissime commovere adsolet!

Franckenau comienza comparando la filología con la doncella de Marciano Capela, *De nuptiis Philologiae et Mercurii*¹⁹, cuya lectura recomienda encarecidamente. Describe esta enciclopedia latina como *enchiridion* para conocer los secretos de todas las artes. Pero más allá de la alegoría, la filología es para Franckenau *vera curiositas*, según Tertuliano²⁰, y *eruditio*, según Suetonio²¹, términos que

¹⁷ El original de este opúsculo en cuarto, forma parte de una edición colectiva, depositada en la Bayerische Staatsbibliothek de Múnich.

¹⁸ *Georgius Francus, viro experientissimo Gothofredo Thomasio lipsiensi, phil(ologo) et medic(inae) doct(ore) nuper creato, fautori et amico oculissimo S(alutem) Plurimam) D(icit)*. Para hacernos una idea del destinatario, nada mejor que echar un vistazo a la ingente *Bibliothecae Thomasianae sive locupletissimi thesauri ex omni scientia librorum praestantissimorum rarissimorumque quos olim possedit Gottofredus Thomasius*, en tres volúmenes, editada entre 1765 y 1770 en Nüremberg por el bibliógrafo Wolfgang F. Panzer. En el prefacio repasa la vida de Thomasius y por él sabemos que era natural de Leipzig, que se formó en Bélgica e Inglaterra, que regresó a Leipzig para estudiar medicina y se doctoró en 1689 en Wittenberg, mediante un acto del que formó parte Franckenau.

¹⁹ Rememora los versos que Febo le dedica a la *doctissima Virgo*. Franckenau maneja la edición veneciana de 1499 editada por Franciscus Vitalis Bodianus y el comentario de Hugo Grotius.

²⁰ Sin duda está pensando en el fragmento inicial de *De testimonio animae*, cap. I.1: *Magna curiositate et maiore longe memoria opus est ad studentum, etc.* (Corpus christianorum. Series Latina I, Turnhout: Brepols, 1954, *Tertulliani Opera*, pars I, p. 175 [ed. R. Willems]).

²¹ Cf. Calígula, capítulo 53. Cita siguiendo el comentario de Isaac Casaubon (1595).

resume en la definición tomada de Focio²²: la filología es *ιστορική πολυμάθεια*; es decir, comprende para nuestro autor todo lo que el amante de la sabiduría desea saber y es útil para poetas, oradores e historiadores:

Ista literas elegantiores a tenebris, blattarum tinearumque penuariis, in apicum profert, laceras sanat, deturpatas emendat, illustramentisque exornat! Eadem *φιλολογία* poetas roborat, comit oratores, historicos confirmat, ut *πολυπαλαιομαθοσύνης* sive omnigenae antiquae eruditionis genuinam promam condam dignissime appellemus. Philologia (utar verbis elegantissimi polyhistoris ac medici clarissimi Henrici Meibomii²³) verae eruditionis sal est, qua nisi condiatur, exit in putredinem.

Además la Filología es necesaria para dedicarse a la Teología, la Jurisprudencia, la Medicina y la Filosofía. Vemos, pues, cómo Franckenau, en este ejercicio retórico sigue un guion propio de cualquier discurso epidíctico: tras la definición del tema, alabanza incluida, no falta la referencia a su *utilitas*. Y tampoco falta el tópico del “primer inventor”: Eratóstenes de Cirene. El elenco de fundadores para Franckenau²⁴ lo forman Aristóteles, Eratóstenes, Calímaco, Aristófanes de Bizancio, Dídimo, Saleuco, Pánfilo, Palemón, Varrón, Estilón, Cornuto, Ateyo el filólogo, Dionisio de Halicarnaso y Longino. Incluso reivindica la inclusión entre los primeros filólogos de los masoretas y *soferim* hebreos, encargados de velar por la pureza de las sagradas escrituras y realizar copias fidedignas de estos textos.

Con estos modelos, adaptando a su propósito los versos que Enio dedicó a Servilio Gémino²⁵, el filólogo ideal debe ser:

Ingenium, cui nulla malum sententia suadet
Ut faceret facinus levis, haut malus, doctus, fidelis,
Suavis homo, facundus, suo contentus, beatus;
Scitus, secunda loquens in tempore; commodus verbum
Paucum, multa tenens antiqua, sepulta vetustas
Quae facit, et mores veteresque novosque tenentem.
Multorum veterum leges divumque hominumque
Prudentem, qui dicta loquive tacereve posset.

²² Toma estas citas de Iohannes Wowerius (Johann von Wovern), jurista y filólogo, autor *De polymathia tractatio* (ed. 1603, cap. XVI, p. 116). También se ha dado una vuelta Franckenau por las definiciones del término recogidas en repertorios como el de Guarino Favorino, *Lexikon... Dictionarium Varini Phavorini... magnum illud ac perutile multis variisque ex autoribus collectum, totius linguae graecae commentarius* (Basilea 1538), el *Onomasticon* de Julio Pólux (Venecia 1502¹) y el *Lexicon universale* de J.J. Hoffman (4 vols., Lión 1698).

²³ Se refiere a la obra *Exercitatio ... de incubatione in fanis* (op. cit.), fol. 1^r.

²⁴ Citado por la obra de Thomas Reinesius, *Variarum lectionum libri tres* (Utrecht 1640), fol. 1ss.

²⁵ Recogidos en Aulo Gelio, *Noches Áticas*, XII, 4.1.



THOMÆ BARTHOLINI
DE
UNICORNU

OBSERVATIONES NOVÆ.

*Secunda editioe Auctiores &
emendatiores editæ à Filio*
CASPARO BARTHOLINO.



AMSTELÆDAMI,
Apud HENR. WETSTENIUM,
MDCCLXXVIII.

Otros ilustres cultivadores de la filología han sido en su opinión Julio César, Augusto, Tiberio y Germánico y una larga lista de almas *qualis neque candidiores / terra tulit, neque quis me sit devinctior alter*²⁶.

2. *Narratio-Argumentatio*: Los médicos también se han dedicado a la filología y a otros muchos campos del saber relacionados con ella. No por eso han abandonado su profesión sino que la han enriquecido. Los saberes médicos, asimismo, han contribuido al esclarecimiento de numerosas obras de la Antigüedad. Elenco de médicos filólogos agrupados por nacionalidades (p. 9-24).

La primera idea se condensa en la frase: *Et vel maxime medici opus habent πολυμαθημοσύνη seu amplissimo philologiae studio*. Porque lo primero que hay que conocer son los términos del *ars* al que uno se dedica, *ob saevam, quae artis optima devastavit vocabula, barbariem*. Como vemos vuelve sobre las palabras repetidas por tantos médicos humanistas del siglo XVI que él resume con Rodrigo de Castro, aunque reconoce a pie de página que el origen de la cita se debe a Francisco Vallés²⁷:

Verum enimvero linguarum peritia omnino opus est; nam sermone latino non potest medicus carere sine magna turpitudine; graeco nec sine turpitudine nec sine artis dispendio. Non enim habemus materna lingua medicorum monumenta, sed graece, latine et pleraque arabica.

En general los médicos deben poseer un conocimiento exhaustivo de la Antigüedad, y de todas las *artes*, aunque ello haya dado lugar a polémicas, cuando han sido poetas, anticuarios, críticos, rétores, políticos y teólogos, antes que médicos, en opinión de algunos. A esta objeción, al posible abandono del objeto central de su profesión por el estudio de otras disciplinas²⁸, Franckenauf responde con la autoridad de Descartes²⁹, cuya obra será pilar fundamental para el desarrollo de la filosofía y la ciencia en occidente: *Et certe ab his studiis esset, manca foret tota Medicina, et nisi blanda reciprocatione suam aliis disciplinis Medicina et Physica foenerarent lucem, perpetuis et plusquam cimmericis ipsaemet damnarentur tenebris!*

Si los médicos no hubieran sido filólogos, no se habrían podido restituir los textos genuinos de Hipócrates, Platón, Aristóteles, Teofrasto, Dioscórides, Celio Aureliano, Galeno, Teodoro Prisciano, Celso, Sereno Samónico y tantos otros. Y por otra parte, argumenta nuestro autor, sin los conocimientos propios de la medicina tampoco podrían entenderse a fondo las obras de Hesíodo, Virgilio, Lucrecio, Arato, Manilio, Ateneo, Aristóteles, Teofrasto, Plinio, Alejandro de Afrodisia, Anacreonte, Ovidio, Horacio, Juvenal, Persio, Marcial, Apolodoro, Luciano y un largo etcétera. Por abreviar diremos que en esta defensa del estudio de las antigüedades desde la óptica de la medicina,

²⁶ Horacio, *Sermones* I, V, 41-42.

²⁷ Así es en efecto; cf. *Controversiarum medicarum et philosophicarum libri X*, en el prefacio al libro VI.

²⁸ La objeción parte sin duda del texto de Francis Bacon, *De dignitate et augmentis scientiarum libri X* (Londres 1623¹), libr. IV, cap. 2 (lo cita solo como Baco de Verulamio).

²⁹ La primera edición del *Discours de la methode* se publicó en Leiden (1637).

consume nuestro médico dos páginas de preguntas retóricas encadenadas, del tipo *Quis sine natura de rerum natura T. Lucreti Cari eleganter enucleateque dicet? Quis Arati et Manilii sublimia meditamenta rite adtinget?* Para que nos hagamos una sucinta idea del estilo alambicado reproducimos el final de esta larga secuencia:

Quis iocos Plauti Terentiive acute arguteque solvet? ... Quis de re numaria sagacius magisque cate divinabit? ... Quis chorographica Strabonis, Pausaniae luculente dilucidabit? Quis denique chronologiam medicam universalem, medicorumque vitas operosissime concinnabit? Ut infinita alia silentii peripetasmate obvolvam? Quis demum toties repetitis vicibus tam sollers, tam argutus, addo tam promptus ad isthaec esse poterit, ac ἰητρὸς φιλόσοφος (addo καὶ φιλόλογος)?

Llegado este punto, Franckenau imita claramente a Capela, con su juego alegórico, y, planteando la premisa de que la Gramática y la Filosofía dan su aprobación y todos los conocimientos que conforman la *πολυϊστορίας diversitas* se complacen en ello, “llama a escena” a algunos representantes del “coro” de los médicos³⁰, que dirigirán Demócrito, Antifón, Aristóteles y Galeno:

-En primer lugar cita a los médicos italianos (23), entre los cuales se encuentran, por ejemplo, Hugo Benzi³¹, Giovanni Manardo, Fracastoro, Cardano, Mercurial, Leonicensi, Ulises Aldrovandi y Bartolomeo Castelli. Al final (*Addantur sequentia Italici*) se añaden 39 nombres más. Entre ellos, Prospero Alpino, Matthioli, Matteo Silvatico, Cesalpino, Giambattista della Porta, Hermolao Barbaro y Antonio Musa Brassavola.

-A continuación nombra a los franceses (50): Guillaume Rondelet, Jean de Gorris, Jean Fernel, Anuce Foës, Jacques Dubois, Martin Akakia, Antoine Menjot, Symphorien Champier, Charles Estienne, etc. Lo que nos sorprende es la inclusión en el listado del bibliotecario Gabriel Naudé y el filólogo Guillaume Budé.

-Los médicos germanos (en amplio sentido del término³²) son los más numerosos, lógicamente. Menciona 124 nombres: Euricio Cordo, Jano Cornario, Cornelio Agripa, Conrad Gesner, Theodor Zwinger, Adriano Junio, Joachim Camerarius, Charles de l'Écluse, Günther von Andernach, Levinus Lemnius, Leonhard Fuchs, Jorge Agricola, etc.

-Hispanos y lusitanos suman 16 nombres: Alfonso Núñez, Guillaume Ader³³, Andrés Laguna, Gaspar Caldera de Heredia, Cristóbal Orozco, Francisco Vallés, Juan Bravo de Piedrahita, Juan Lázaro Gutiérrez, Amato Lusitano, Nicolás Monardes, García de Orta, José de Acosta, Pedro López

³⁰ Todos los nombres de los médicos aparecen lógicamente con su nombre latino. Preferimos utilizar aquellos por los que resultan más conocidos sobre todo ante el vernáculo alemán.

³¹ Repetido en los *addenda*.

³² Aún no existe Alemania ni la lengua alemana tiene un contorno totalmente definido respecto a los límites geográficos de su utilización. Por eso con “germano” Franckenau puede incluir a los que hoy serían holandeses, belgas, etc.

³³ Aunque al parecer era de Toulouse. Autor de *Enarrationes de aegrotis et morbis in Evangelio* (1620).

(*Petrus Lopesius Avissensis*), Juan Bustamante de la Cámara, Juan Gallego de la Serna y Luis Lemos. Tras ellos, *ex aliis pluribus terris regnisque*, aparecen algunos nombres entre los que destacan Jean Jacques Chifflet, Thomas Linacre y Caspar y Thomas Bartholin.

Reconoce que no ha agotado la que llama *profundissimam ... iatrophilologorum abyssum* y que vendrán más tras ellos *et veluti pumiliones insistent gigantum humeris*.

3. Despedida (p. 25-27).

Se despidе de Thomasius deseándole que pueda contarse entre los autores mencionados, ya que posee la herencia intelectual recibida de sus formadores: su padre, en Leipzig, y los filólogos Isaac Vossius, en Inglaterra, y J. G. Graevius en Bélgica. Le pide que no se arredre ante los detractores de la filología (*nec te ἀφιολόγων καὶ μισομούσων terreat sinisteritas*); ni siquiera ante la autoridad de Celso y Séneca, cuando reclaman del médico que, antes de ser elocuente, cure³⁴. De manera alegórica, Hygia le concede el 'bravo' por sus méritos, con el aplauso de la Universidad, y a los parabienes se une Juno, entendemos que posiblemente en alusión al inminente casamiento del joven Thomasius³⁵. Personalmente, Franckenau le reitera los votos expresados el día de su doctorado, para que pueda emular, en diferentes aspectos, a Hipócrates, Aristóteles, Galeno, Musa y Erasítrato:

Repeto votum ardentissimum, quod pro cancellarius tui ... Deo T.O.M. sacravi: senio et candore Hippocratem, prudentia Aristotelem, praxeos ubertate Galenum, Antonium Musam honorum cumulo, sostri denique opulentia Erasistratum, si non superetis, saltem adaequetis! Bene vale!

P.P. e museo meo Vitembergensi, non semel intercalato calamo, XII Kl. Febr. ∞ IX Id cc

4. CONCLUSIÓN

Más allá de las razones personales que Franckenau tuviera para establecer vínculos con estudiosos relacionados con Leipzig, en un momento determinado de su vida, esta epístola literaria le brinda la ocasión de hacer una alabanza del médico filólogo, evidentemente desde una óptica germana y desde la concepción de la filología en el siglo XVII. Un siglo después del apogeo del Humanismo médico los *iatrophilologi* se presentan como sus herederos naturales y descubrimos que se han ampliado los límites cronológicos del fenómeno a la vez que se han restringido los geográficos. Por no hablar de los contenidos. El listado de nombres del texto dice más por sus ausencias que por las presencias: faltan muchos traductores, editores y críticos de textos médicos de la talla de

³⁴ Se refiere Franckenau a la famosa cita del proemio de Celso *morbos autem non eloquentia sed remediis curari* y de Séneca en la epístola 75 en la que expone la necesidad de experimentar, más allá de la palabra.

³⁵ *En bravejum meritis tuis pridem destinatum offert Ἔγεια manu promtissima adplaudentibus patribus et civibus academicis universis et fortean paullo post luno luga. Euge Feliciter!*

W. Copp o J. Caius, faltan A. Vesalio y L. Lorenzano, por ejemplo, también los españoles Pedro Jaime Esteve y Cristóbal de Vega; por otra parte, se incluyen textos medievales posiblemente porque se tiene en cuenta la difusión contemporánea de los textos (p.e. Mateo Silvático y las *Pandectae*) sin entrar en la crítica de los contenidos. La idea del médico filólogo se hace coincidir en muchos casos con la del lexicógrafo, polígrafo, “polihistórico”, coleccionista de antigüedades, a veces fatuo, capaz de llenar volúmenes con las notas eruditas acumuladas a lo largo de las dos últimas centurias. Dicho esto a grandes rasgos, pues este espacio no nos permite un análisis más profundo de la cuestión.

Está clara la importancia dada al origen italiano del movimiento, también observamos que muchas nacionalidades se confunden, y que los autores germanos se llevan la palma en número de citas (muchos son contemporáneos del autor)³⁶. Otra de las críticas que cabe hacerle a esta historiografía sesgada del humanismo médico es que pudo depender en buena medida de los fondos bibliográficos disponibles en el entorno de Franckenau. Aunque como contrapartida, este ejercicio literario nos muestra qué textos fueron capaces de romper sus fronteras, políticas y religiosas, en un momento determinado de la convulsa historia de Europa.

No obstante, esta *iatrophilologia* entendida como *πολυμαθεία* tuvo la virtud de ampliar, reunir y consolidar los tesoros de etapas precedentes, más creativas y originales desde el punto de vista estrictamente filológico, de velar por el legado de la lengua griega –todo ello en el entorno científico- y, sobre todo, tuvo la virtud de preparar los espíritus para el periodo más glorioso de la *Altertumwissenschaft* sin imaginar, ni de lejos, la separación que un día conocerían las ciencias y las letras.

³⁶ En el mismo año 1691, Daniel Wilhelm Moller publica en Wittenberg su *Indiculus medicorum philologorum ex Germania oriundorum*, dedicado precisamente a Franckenau.

BIBLIOGRAFIA

- BAADER, G., “Medizinische Theorie und Praxis zwischen Arabismus und Renaissance Humanismus”, en KEIL, G.-MOELLER, B.-TRUSSEN, W. (eds.), *Der Humanismus und die oberen Fakultäten*, Weinheim: Acta Humaniora-VCH, 1987, p. 185-213.
- BAUER, A.W., “Georg Franck von Franckenau. Repräsentant einer empirischen Heilkunde im Zeitalter des Barock”, en DOERR, W. *et alii* (eds.), *Semper Apertus. Sechshundert Jahre Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg 1386-1986*. Band 1. Mittelalter und frühe Neuzeit (1386-1803), Berlin, 1985, p. 440-462.
- BLANCO PÉREZ, J.I., *Humanistas médicos en el Renacimiento vallisoletano*, Burgos: Universidad, 1999.
- CONDE PARRADO, P., *Hipócrates Latino. El “De medicina” de Cornelio Celso en el Renacimiento*, Valladolid: Universidad, 2003.
- DIEPGEN, P., *Historia de la medicina*, trad. española, Barcelona: Labor, 1932.
- FOSSEYEU, M., “L’Humanisme médical au XVIème siècle”, *Bulletin de la Société Française d’Histoire de la Médecine*, 28 (1934) p. 75-95.
- GONZÁLEZ MANJARRÉS, M.A., *Andrés Laguna y el Humanismo médico*, Valladolid: Junta de Castilla y León, 2000.
- GRANJEL, L.S., *La medicina española renacentista. Vol. II. Historia general de la medicina española*, Salamanca 1980.
- JAUMANN, H., “Iatrophilologia. Medicus philologus und analoge Konzepte in der frühen Neuzeit”, en *Philologie und Erkenntnis. Beiträge zu Begriff und Problem frühneuzeitlicher Philologie*, R. HAFNER, ed., Tübingen: Niemeyer, 2001, p. 151-176.
- KELLY, W.A., *A catalogue of seventeenth century medical and scientific imprints in Edinburgh libraries*, Edimburgo: Scottish Centre for the Book Napier University, 2008.
- KIVISTÖ, S., “G.F. von Franckenau’s *Satyra sexta* (1674) on Male Menstruation and Female Testicles”, en A. KORHONEN - K. LOWE (eds.), *The Trouble with Ribs: Women, Men and Gender in Early Modern Europe, Studies across Disciplines in the Humanities and Social Stories* 2, Helsinki, 2007, p. 82-102.
- KIVISTÖ, S., *Medical Analogy in Latin Satire*, UK: Palgrave Macmillan, 2009.
- MARTÍN FERREIRA, A.I.; *El Humanismo médico en la Universidad de Alcalá (siglo XVI)*, Valladolid: Universidad, 1995.
- MONTERO, E., “El médico filólogo en el siglo XVI”, en GARCÍA HOURCADE, J.L.- MORENO YUSTE, J.M. (coords.), *Andrés Laguna. Humanismo, ciencia y política en la Europa Renacentista*, Valladolid: Junta de Castilla y León, 2001, p. 93-121
- PÉREZ IBÁÑEZ, M^a.J., *El Humanismo médico del siglo XVI en la Universidad de Salamanca*, Valladolid: Universidad, 1997.
- SANTAMARÍA HERNÁNDEZ, M^a.T., *El Humanismo médico en la Universidad de Valencia (siglo XVI)*, Valencia: Consell Valencià de Cultura, 2003.
- SCHMITZ, R.-KEIL, G. (eds.), *Humanismus und Medizin*, Weinheim, 1984.
- WEAR, A.-FRENCH, R.-LONIE, I.M. (eds.), *The medical Renaissance of the XVI Century*, Cambridge, 1985.

POESIA LATINA DE DOIS JESUÍTAS: DIOGO DE SANDE E FRANCISCO DE MENDONÇA

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

Universidade Federal do Amazonas

RESUMO

Neste artigo, o Autor contextualiza e apresenta os originais e as traduções de dez composições poéticas latinas de dois escritores portugueses quase coetâneos e aos quais aproxima também o mesmo hábito religioso e parecida destreza no domínio do idioma do Lácio. As injunções da missão ou a disciplina da Ordem inaciana obrigaram ambos a viverem e morrerem longe da pátria. Além do valor intrínseco destas composições literárias até hoje praticamente desconhecidas, e transpostas para vernáculo por outro exemplo da diáspora, salienta-se o pendor tecnicista exemplificado numa destas composições: com o que se acata e respeita o tríplice lema sob o qual se organizou este encontro, que decorre na Casa insigne onde se guardam dois raros cimélios bibliográficos associados aos nomes dos dois jesuítas quinhentistas.

PALAVRAS-CHAVE

Humanismo, poesia neo-latina, jesuítas, pré-barroco

ABSTRACT

This article aims to present the transcription and translation into Portuguese of ten latin poems whose authors were almost contemporary and connected by a similar dexterity in the use of Latin. Also they were both Jesuits. In obedience to superior commands or injunctions of missionary needs, both lived and died far from his native country (Portugal). Besides the intrinsic value of this litterary compositions, until now nearly unknown, and translated by an other *victim* of "Portuguese diaspora", claims our interest the 'technicist' flavour we can taste on a poem by Father Mendonça: thereby this article obeys to the threefold motto under which the present event was summoned, celebrating also a Library among whose treasures is possible to find two rare books by the Authors now selected and translated.

KEYWORDS

Humanism, XVIth Century Latin Poetry, Jesuits, pre-Baroque

Emparceirei neste trabalho dois autores que é possível aproximar, por um lado, pela identidade da profissão religiosa, como membros da Companhia de Jesus, e pela idade – pois, embora pertencentes a diferentes gerações, ainda foram coetâneos¹ –, e, por outro, devido a uma notável dexteridade e elegância no manejo da língua poética latina. Procurando ser fiel à epígrafe sob a qual se organizou e convocou este colóquio e simultaneamente homenagear a nobre entidade que o patrocina, escolhi escritores e composições em que avultam algumas das tendências e pendores mais específicos do Humanismo português e que, de uma forma ou de outra (como mais adiante se verá), se encontram ligados à BPMP. É também certo que o vocábulo *diáspora* vem muito de molde para caracterizar o percurso vital das três entidades humanas sobre as quais assenta esta comunicação: o autor da mesma, português do Minho obrigado a emigrar para a Amazónia para ganhar o seu sustento, o também minhoto Pe. Duarte de Sande, cujos últimos decénios de vida transcorreram no Oriente entregue à propagação da fé cristã, e o aristocrata lisbonense Pe. Francisco de Mendonça, que, depois de uma existência passada em diferentes cidades da pátria, foi procurador em Roma da sua província religiosa, acabando por morrer em solo estrangeiro. Finalmente, numa das composições deste mesmo Pe. Mendonça, vislumbra-se, de par com algumas características da emergente estética e *forma mentis* barroca, um gosto ou interesse ‘tecnicista’: com o que se torna tríplice e pleno o foro com que me apresento neste encontro, em que se irá falar sobre *humanismo, ciência e diáspora*.

1.

O jesuíta Duarte de Sande tem o seu nome sobretudo associado a um livro interessantíssimo para o conhecimento da mentalidade tanto europeia como japonesa dos finais do século XVI: o *DE MISSIONE LEGATORVM IAPONENSIVM AD ROMANAM CVRIAM Rebusque in Europa ac toto itinere animaduversis DIALOGVS EX EPHEMERIDE IPSORVM LEGATORVM COLLECTVS ET IN SERMONEM LATINVM VERSVS Ab Eduardo de Sande sacerdote Societatis IESV*, ou seja, na tradução do meu Mestre e Amigo o Prof. Américo da Costa Ramalho, que fez, e publicou em 1997 a 1ª versão integral da obra para idioma moderno: “Diálogo sobre a missão dos embaixadores japoneses à Cúria romana e as coisas que eles observaram na Europa coligido do diário

¹ Nesta comunicação não me debruço sobre as biografias dos autores, que os interessados poderão conhecer consultando as obras dos investigadores jesuítas que *ex professo* se ocuparam delas. Lembro apenas que Duarte de Sande, natural de Guimarães (ou mais precisamente, ao que suponho, de alguma das quatro freguesias de nome Sande que se incluem neste concelho minhoto), professou na Companhia de Jesus em 1562, ensinou retórica no Colégio das Artes em Coimbra e embarcou para o Oriente em 1578, tendo sido reitor dos Colégios da Companhia de Baçaim e Macau, cidade onde morreu em 1600. Quanto ao Pe. Francisco de Mendonça (que nos textos mais antigos aparece grafado *Mendoza*, de acordo aliás com a lídima origem do nobilíssimo sobrenome), foi filho de D. Álvaro da Costa, armeiro-mor de D. Sebastião, e neto do 2º governador-geral do Brasil, D. Duarte da Costa, e de sua esposa D. Maria de Mendonça (de quem tomou o sobrenome quando abraçou a vida religiosa), e nasceu em Lisboa em 1573, ingressando na Companhia de Jesus em Coimbra, no ano de 1587, contra a vontade da família. Doutorou-se em Teologia, em Évora, em 1609, e foi reitor dos Colégios desta cidade e de Coimbra. Em 1625 foi eleito procurador geral da Província portuguesa em Roma; adoeceu na viagem de regresso à pátria, vindo a falecer no dia 3 de Junho de 1626, no Colégio da Companhia, em Lyon, na França.

dos próprios embaixadores e vertido para latim por Duarte de Sande, sacerdote da Companhia de Jesus”,² livro de dilatado e informativo título, ao gosto do tempo, que teve a sua primeira edição em Macau, no ano de 1590, constituindo a terceira produção³ saída dos prelos que a mesma missão japonesa trouxe de Portugal e que, por muitos anos, imprimiria milhares de exemplares de obras em língua nipónica, com fins sobretudo apologéticos, ainda que não de forma exclusiva. Sobre o elegante e vivo latim deste livro não subsistem dúvidas que ele pertence ao sacerdote vimaranense, existindo porém alguma diversidade de opiniões acerca do grau de originalidade que lhe cabe no traçado geral e pecúlio extra-narrativo do *De Missione*, diálogo que, como se sabe e o próprio título em parte indica, tem como base diários de viagem, apontamentos e relações impressas proporcionadas ao compilador pelos viajantes nipónicos e seus acompanhantes. A este respeito surgiu alguma polémica entre os que, por um lado, como o Professor Ramalho, defendem arduamente a exclusividade da autoria literária do Pe. Sande,⁴ e, por outro, o numericamente mais nutrido partido, que podemos apelidar de “pró-italiano”, dos que têm como mais novel e bem apetrechado porta-voz o britânico J. F. Moran, e cuja opinião se pode cifrar nas seguintes palavras:

“A full reconsideration of the question shows conclusively that de Sande is not and does not claim to be the true author, and that the work was originally composed in Spanish by Valignano.”⁵

Não é agora meu propósito ocupar-me desta questão, que é de somenos importância para o ponto de vista sob o qual me ocupo aqui do Pe. Sande: ou seja, como autor literário novilatino. Desejava apenas lembrar, e até para justificar a escolha de um dos dois autores que elegi para a minha comunicação, que a BPMP possui⁶ um dos três exemplares hoje existentes em solo português deste raríssimo espécime da tipografia quinhentista.

² A 1ª edição desta tradução saiu em Macau, no ano de 1997. Dela a Imprensa da Universidade de Coimbra e o Centro Científico e Cultural de Macau fizeram, em 2009, uma 2ª edição, repartida por dois tomos, com estabelecimento do texto latino do Professor Sebastião Tavares de Pinho.

³ A primeira obra composta por esta impressora, pelo menos em terras do Oriente, foi a *Oratio habita a Fara D. Martino, Iaponio, suo et sociorum nomine, cum ab Europa redirent, ad Patrem Alexandrum Valignanum, Visitatorem Societatis IESV, Goae in D. Pauli Collegio, pridie Non. Iunii, Anno Domini 1587, CVM FACVLTA TE Inquisitorum et superiorum. Goae. Excudebat Constantinus Douratum, Iaponium, a aedibus Societatis IESV, 1588.* (“Discurso pronunciado por D. Martinho Hara, japonês, em seu nome e dos seus companheiro, quando regressaram da Europa, dirigido ao Pe. Alexandre Valignano, Visitador da Companhia de Jesus, em Goa, no Colégio de S. Paulo, a 4 de Junho de 1587. Com autorização dos inquisidores e dos superiores. Em Goa. Impresso por Constantino Dourado, japonês, nas casas da Companhia de Jesus. 1588.”) Deste raríssimo opúsculo, de nove folhas, fizemos a transcrição e tradução para português, que juntamente com outras peças da mesma temática integram um voluminho intitulado *Adenda ao livro De Missione legatorum Iaponensium: as orationes de Gaspar Gonçalves e de Martinho Hara*, inédito há mais de dois anos, como prova do desinteresse que os conventículos que em Portugal se consagram aos estudos sino-nipónicos parecem votar ao idioma latino.

⁴ Veja-se sobretudo o artigo: “O Padre Duarte de Sande, S. I., verdadeiro autor do *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam (... Dialogus)*”, apud *Para a História do Humanismo em Portugal (III)*, Lisboa, INCM, 1998, pp. 209-220.

⁵ J. F. Moran, “The Real Author of the *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam...Dialogus*”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, volume 2, June 2001, pp. 7-21.

⁶ Com a cota: Y´-1-79.



Ora, ainda que parcas e subordinadas a diferentes desígnios estéticos e sub-gêneros literários, chegaram até hoje, para além do *De Missione*, mais algumas mostras da escrita de Duarte de Sande. Na verdade, dele nos restam vinte e tal cartas, das quais duas, relativamente longas, dada a sua categoria de *cartas ânuas*, se encontram hoje impressas, e com as quais – no caso destas últimas – informava, *prima facie* os confrades, mas, de facto, talvez visando, como amiúde sucedia, alcançar, por via da imprensa, o orbe católico em geral, muito interessado nesta variedade quinhentista de literatura exótica, das dificuldades e sucessos da atividade missionária jesuítica em terras do Extremo Oriente, ou, no caso das missivas até hoje manuscritas e guardadas nos arquivos da Companhia e outros, dava conta miúda aos seus dirigentes em Roma de situações concretas e de casos por vezes melindrosos para os quais se requeriam medidas rigorosas devidamente sancionadas pela autoridade do prepósito-geral.⁷ Previsivelmente, este tipo de produção escrita não tem intenção estética e visa sobretudo um escopo prático e informativo, pelo

que da sua leitura não podemos coligir grande coisa acerca dos dotes literários de quem a pratica, embora vez ou outra algum torneio de frase mais elegante ou uma metáfora imprevista nos façam entrever o antigo mestre de retórica, sensível às musas e cativo da variegada beleza que a Criação constantemente põe diante dos seus olhos.

Já o mesmo não sucede, como aliás seria de esperar, com os testemunhos do seu engenho literário que ficaram manuscritos até hoje nos repositórios em que a Companhia de Jesus transcrevia as mais seletas produções do estro poético, fôlego oratório ou inspiração dramática dos alunos e

⁷ João Paulo Oliveira e Costa e Ana Fernandes Pinto editaram as *Cartas Ânuas do Colégio de Macau (1594-1627)*, Macau, CTMCDP e Fundação Macau, 1999. – Nesta coletânea encontramos duas cartas ânuas de Duarte de Sande: a correspondente ao ano de 1594, que ocupa as pp. 55-67; e a que regista a atividade do Colégio e seus membros no ano de 1595, nas pp. 68-79. O CHAM apresentou na década de 90 do passado século um projeto intitulado "Jesuítas Portugueses no Extremo Oriente nos séculos XVI-XVII", que tinha como principal desígnio a transcrição e edição crítica do epistolário de oito jesuítas. Fazia parte deste número Duarte de Sande, do qual se arrolaram 22 cartas. Que saibamos, a transcrição anotada das mesmas não foi até hoje entregue ao domínio público. Ao Doutor Rui Loureiro agradeço penhorado a pronta e gentil cooperação com que contribuiu para a elaboração desta nota.

mestres do seu Colégio de Coimbra, e com os quais, ao mesmo tempo que se abrihantavam com o lustre da beleza os certames e festividades que faziam parte do calendário académico, se apontava ao escopo pedagógico e religioso de propor modelos de comportamento e glorificar virtudes, situação que sobretudo se verificava nos dias de sueto anualmente consagrados à exaltação de D. João III, patrono da Companhia e responsável pela entrega do *seu* Colégio das Artes à mesma em 1555, e da Rainha Santa Isabel, padroeira da cidade de Coimbra.⁸ Nestas composições, o já então provável professor de Retórica Duarte de Sande, revela com desembaraçada mestria o domínio tanto do dístico elegíaco como das elegâncias e louçainhas de uma prosa oratória de recorte ciceroniano, pondo ambas as modalidades literárias a serviço quase exclusivo do exalçamento da santa esposa do rei D. Dinis.

É que, e entrando já de pleno nos textos que vou apresentar, as composições literárias latinas da autoria de Duarte de Sande que logrei descobrir nos códices jesuíticos *rerum scholasticarum* são em número de onze, repartindo-se do modo seguinte, de acordo com os temas e sub-géneros literários: seis poemas e duas orações laudatórias dedicados à Rainha Santa, dois “enigmas” em verso e uma breve oração lida numa cerimónia de colação do grau de bacharel. Quanto às *orationes*, duas – ou seja, a 1^a *de laudibus* de Santa Isabel e a breve alocução académica –, foram pronunciadas em 1572⁹, e a outra, ou seja, a 2^a consagrada à Rainha Santa, em 1573¹⁰. Destes três textos talvez me ocupe algum dia, fazendo-os figurar, juntamente com a versão lusitana, numa nutrida antologia das muitas e valiosas peças oratórias que integram estes códices manuscritos, reduzidos ao mais injusto silêncio pelo preconceito e vesânia anti-jesuítica dos intelectuais bem pensantes nacionais dos derradeiros dois séculos e pico.

A produção versística consta de um total de 136 versos, ou melhor, de 68 dísticos elegíacos, metro clássico que o Autor exclusivamente utilizou, para nele vazar a sua inspiração, por um lado, de vate lírico-hagiográfico (em 6 poemas, cuja extensão varia entre 5 e 10 dísticos) e, por outro, de expositor engenhoso de “enigmas”, ou seja, gravuras alegóricas ou simbólicas penduradas nas paredes, que o texto poético latino colocado ao lado deveria esclarecer (em 2 composições, ambas de 14 dísticos).

⁸ A descrição e síntese das composições que integram os mais conhecidos acervos manuscritos da produção humanística da principal escola jesuíta portuguesa nos séculos XVI e XVII pode ver-se nos três seguintes artigos de Sebastião Tavares de Pinho: “Literatura humanística do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra no século XVI”, Congresso de História da Universidade no VII Centenário, Actas, Coimbra, 1991, pp. 67-86; “O Colégio das Artes na Universidade de Coimbra, e a tradição clássica no início do século XVI”, *Biblos*, Coimbra, 68 (1992), pp. 49-76; “Um códice latino de literatura jesuítica quase desconhecido: o Códice 1963 da Livraria dos ANTT”, *HVMANITAS*, Coimbra, 57 (2005), pp. 351- 382.

⁹ *Oratio de laudibus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae habita ab Eduardo de Sande Conimbricae anno 1572*, ff. 124 r^o-130 v^o do códice 993 da BGUC; neste mesmo códice e no mesmo f. 130 v^o inicia-se a *Oratio ad baccalariatus gradum consequendum habita 1572 Ab eodem*, que acaba no recto do f. 132.

¹⁰ *De laudibus Diuae Elisabethae Lusitanorum Reginae oratio secunda habita ab Eduardo de Sande Conimbricae anno 1574*, ff. 161 r^o-169 v^o do mesmo códice citado na nota anterior.

Destes “enigmas”,¹¹ bem nutridos de lardo mitológico, colige-se o trato contínuo do mestre de retórica com os autores clássicos cujo ensino ministrava, como também, no caso de um deles, a data da sua composição, uma vez que versa sobre a Liga Santa, aliança político-estratégica da iniciativa de Pio V, celebrada em Maio de 1571 entre o Papado, a Espanha, as repúblicas de Veneza e Génova, o ducado de Sabóia e a Ordem de Malta, com o propósito de derrotar a esquadra turca, desígnio alcançado com a estrondosa vitória de Lepanto, conseguida em Outubro desse mesmo ano. A outra composição lúdica fornece também alguma achega, conquanto sumamente vaga, para a determinação da época da sua composição, uma vez que, numa das notas manuscritas que a acompanham, se diz: “Quando o velho reverdecer fazendo-se o edifício novo”, entenda-se, do Colégio das Artes. Ora, é sabido que a construção das novas instalações desta academia, embora iniciadas em 1568, só se concluíram em 1616. Atendendo ao que já dissemos, facilmente se colhe que Sande escreveria estes versos no lustro imediatamente após aquela 1ª data.

No que toca às composições que caracterizei como lírico-hagiográficas, o seu interesse, em minha opinião, radica mais na fruição estética que proporciona à nossa sensibilidade o bom manejo da linguagem poética latina, do que no lastro doutrinal, cultural ou histórico que oferecem ao nosso “faro” e interesse de eruditos. Em boa verdade, em conformidade com as características da poesia hagiográfica,¹² que aliás teve nos séculos XVI e XVII o seu período áureo (pelo menos na vertente humanística), nestes seis carmes, Duarte de Sande mostrou-se menos preocupado com a exatidão histórica dos episódios biográficos do que com o exalçamento da humildade, piedade, religiosidade e fortaleza de ânimo da santa, que propõe aos moços estudantes como modelo de perfeição cristã que devem procurar imitar.

2.

Tão-pouco me ocuparei aqui de alguma das duas facetas pelas quais hoje mais se recorda, ainda que mui raramente, o nome do jesuíta Francisco de Mendonça: a de pregador vernáculo¹³ e a de exegeta bíblico, autor de um ponderoso comentário ao *Livro dos Reis*. Homem de intensa atividade religiosa e intelectual, da variedade dos seus interesses dá prova a vasta coletânea na qual os

¹¹ De entre os variados exercícios que a *Ratio studiorum* jesuítica confiava aos membros das “academias de retóricos e humanistas”, nas quais os alunos com mais crescida bossa literária se podiam juntar para reuniões ordinariamente dominicais, constava o de “comporem e interpretarem inscrições, descrições e enigmas.” *Código pedagógico dos jesuítas*. *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus*, versão portuguesa e notas de Margarida Miranda, Lisboa, Esfera do Caos Editora, 2009, pp. 262-263.

¹² Sobre este tema vejam-se os dois seguintes artigos de Carlota Miranda Urbano: “S. Francisco Xavier e a poesia hagiográfica novilatina em Portugal”, Coimbra, *HVMANITAS* 58 (2006), pp. 369-390; “Epopeia novilatina e hagiografia: alguns exemplos em Portugal”, Coimbra, *HVMANITAS* 57 (2005), pp. 383-402.

¹³ Embora durante a sua vida se tenham publicado avulso alguns poucos sermões, o grosso da sua produção parenética só foi coligida e publicada postumamente, a partir do ano de 1632, em que saiu a lume a *Primeira Parte dos Sermões*.

confrades de Lyon compilaram um razoável número de obras suas, que é de supor o acompanhariam em manuscrito no momento em que a morte o colheu, inesperadamente e em idade ainda vigorosa, naquela cidade francesa. Com efeito, sob o seu nome publica o editor Jacob Cardon, no ano de 1631, uma obra de 350 ff., a duas colunas, com o seguinte noticioso e dilatado título: *Viridarium sacrae et profanae eruditionis, a P. Francisco de Mendonça, Olysiponensi, Societatis IESV, doctore Theologo, olim in Conimbricensi Academia primario eloquentiae magistro, et Philosophiae professore, postea in Eborensi diuinarum Oraculorum interprete, satum excultumque. Posthuma proles*,¹⁴ ou seja: “Vergel de sagrado e profano saber, semeado e cultivado pelo Padre lisboeta Francisco de Mendonça, da Companhia de Jesus, doutor em Teologia, em tempos professor catedrático de eloquência e professor de Filosofia do Colégio de Coimbra e posteriormente professor de Sagrada Escritura no de Évora. Obra póstuma.”

Como se vê pelo teor do início do título, já nos encontramos em pleno período barroco. Passando ao índice, verificamos que as espécies vegetais postas à nossa disposição se repartem por nove talhões (digamos assim) representativos dos diferentes pendores e aptidões do nobre jesuíta alfacinha. Interessa-nos para o presente escopo o *Liber nonus*, que ostenta o fragante subtítulo de *De floribus poeticis* (“Das flores poéticas”), que se esparzem do f. 321 ao 350. Aí encontraremos as seguintes composições: *Dialogus de sacratissima Assertoris Christi Passione*, (“Diálogo sobre a sacratíssima Paixão do libertador Cristo”, peça de teatro) *Cunae Bethlemici Infantis*, (“Berço do menino de Belém”) *Augustissimae Eucharistiae miracula*, (“Milagres da santíssima eucaristia”) *Virginis Magnae Matris Purificatio*, (“Purificação da Virgem grande Mãe”) *Ignatius, Societatis IESV auctor ac parens sanctissimus, ut quemdam e scelerum lacu extrahat, in lacum se abdit*, (“Inácio, fundador e progenitor da Companhia de Jesus, retira-se para o interior de uma cisterna, a fim de arrancar certa pessoa do tremedal dos pecados”) *Francisci Xaverii Herois sanctissimi illustria facta*, (“Brilhantes feitos do santíssimo herói Francisco Xavier”) *Vrsulae et sociarum laurea triumphalis*, (“Coroa triunfal de Úrsula e suas companheiras”) *Victricis Catharinae Mausoleum*, (“Túmulo da vencedora Catarina”) *Erenae Virginis Lusitanae Martyrium triumphale*, (“Martírio triunfal da virgem portuguesa Erena”) *Historiae laudes*, (“Louvores da história”) *Nascenti Virgini Magnae Matri, quae tunc scholastico anno nascenti initium auspiciatissimum faciebat*, (“Ao nascimento da Virgem grande Mãe, que tornava muitíssimo auspicioso o ano escolar que então se iniciava”) *Ad Vrsulam et comites beatissimas* (“A Úrsula e às suas bem-aventuradas companheiras”) e, por derradeiro, as duas composições que aqui ousamos apresentar e traduzir.

À primeira deu o Autor o título de *Amoenissima Tiburtini nemoris consideratio* (“Mui aprazível contemplação dos jardins de Tívoli”) e foi presumivelmente escrita entre 1625 e 1626, durante a sua estadia em Roma como procurador-geral da província portuguesa da Companhia de Jesus. Consta de 76 versos, ou melhor, de 38 dísticos elegíacos, nos quais descreve as maravilhas dos ainda hoje

¹⁴ Esta 1ª edição faz parte do riquíssimo acervo de obras em latim da BPMP, que também possui a que da mesma obra no ano seguinte saiu dos prelos de Petrus Henningius, de Colónia, que também consulte na mesma Biblioteca portuense.

célebres Jardins da Villa de Este, situados na localidade, próxima de Roma, de Tívoli, e começados a construir por iniciativa do cardeal Hipólito II de Este (1509-1572), a quem secundaram na monumental edificação seus sobrinhos e herdeiros, os também cardeais Luigi de Este (1538-1580) e Alessandro de Este (1568-1624). Nesta composição vemos exemplificadas algumas das particularidades mais características da mentalidade barroca: o interesse pelo visual e a necessidade de fazer o leitor compartilhar com o Autor da experiência deste como sujeito observador. O gosto pelo detalhe e o descritivismo exaustivo são a primeira consequência desta *forma mentis* a que Mendonça não escapa.

Outra feição do homem barroco que aqui sobremaneira avulta é o interesse e sedução pelo artifício, ou melhor, pelos mecanismos, engrenagens e artefactos, a que tão grande desenvolvimento se deu no século XVII, e que tem como reflexo uma espécie de íntima convicção de que a Natureza é uma imitação ou, pelo menos, inferior à Arte. Neste sentido parecem significativos os seguintes versos:

Artis opus natura suum miratur, et artis
Ludum experta, “minor sum”, canit, “arte minor”.¹⁵

Curiosamente, mas de facto em lógica consonância com esta exaltação que no presente poema encontramos das recentes invenções da mecânica e da hidráulica, vemos desterrado desta composição o pessimismo sobre o presente que é da praxe associar à mentalidade barroca. É que Mendonça não pertence ao grupo dos *laudatores temporis acti* e, na polémica entre antigos e modernos, não trepidaria em terçar armas por estes últimos:

Iam meritas antiqua trahant monumenta ruinas,
Hoc se se astrorum cursibus aequet opus!¹⁶

A composição com que se encerra o “Vergel”, e também a minha apresentação dos dois vates jesuítas, vincula o Pe. Francisco Mendonça ao humanismo duro e estreme, digamo-lo assim, para caracterizarmos de alguma forma a corrente literária e cultural que encontrou o seu auge nas primeiras décadas do século XVI e teve como figura de proa o, embora polifacético, sempre enigmático Erasmo de Roterdão. Como tópicos tendentes a uma definição sumária, apontaria, no plano estético-cultural, a predileção pelos poetas mais grados da época de Augusto, sobretudo Horácio e Virgílio, o recurso moderado à mitologia e o menos moderado aos *exempla* da História antiga, sobretudo os transmitidos pelas biografias plutarquianas. No que tange às ideias, esta vertente do humanismo, que acabou talvez por ser a grande vencida no tumultuar de guerras fratricidas em

¹⁵ “Natura admira a sua obra de arte, mas vendo / Da arte a obra, exclama: ‘A Arte me supera!’” Vv. 28-29. – Visão contrastante com a normalmente adjudicada à estética clássica, de que são síntese feliz os versos seguinte do neo-clássico sevilhano Manuel Maria de Arjona: *En vano con espléndido aparato / Finge el arte solícito grandezas: / Natura vence con sencillo ornato / Tan altivo disfraz.*

¹⁶ “Os antigos monumentos merecem hoje arrastar consigo as suas ruínas / E esta obra nivelar-se com a alta carreira dos astros!” Vv. 75-76.



que se tornou a vida da Europa a partir do seu segundo decénio, pode sintetizar-se com a palavra *irenismo*, ou seja, em resúmdas contas, a crença na eficácia do diálogo para dirimir os conflitos humanos, sejam religiosos, políticos ou económicos. Desta crença ou ideologia podem considerar-se como brevíário ou catecismo dois longos textos erasmianos, que em tempos traduzi para português como *A Guerra e Queixa da Paz*, mas que nos originais latinos se intitulavam respectivamente *Dulce bellum inexpertis* e *Querela Pacis*.¹⁷

Ora, o título latino daquele primeiro texto erasmiano é idêntico ao do 2º poema do Pe. Mendonça que traduzi, e é a versão latina, tornada *adagium* ou provérbio, de um verso de Píndaro. Erasmo incluiu pela primeira vez este próloquio na edição de 1517 dos seus popularíssimos *Adagia*, fazendo dele pretexto para o mais importante e influente ensaio que escreveu sobre o absurdo e desumanidade da guerra. Foi com certeza tendo presente o texto erasmiano, constante de alguma das inúmeras edições dos *Adagia* – e que seria de fácil acesso para o catedrático de eloquência do Colégio das Artes, para quem aquele inesgotável repositório de cultura clássica constituiria obra de consulta proveitosa e amiadada –, que o nosso Autor se propôs escrever esta elegantíssima composição. Nela, aliás, não é tanto o fervor bélico que é verberado (e não deixa de ser curioso e com o seu quê de irónico lembrar aqui que Francisco de Mendonça era filho, neto e bisneto do armeiro-mor dos reis de Portugal, cargo que se manteve por muitíssimo tempo na sua família), mas antes a desmesura da ambição, que leva o homem a abalançar-se a empresas arriscadas e a arrostar o desconhecido, para tardiamente, e após doloroso escarmento, se arrepender. É, como se vê, tópico velhíssimo glosado pelos poetas clássicos, cuja influência me parece bem patente no donoso poema que me atrevi a traduzir.

1. DUARTE DE SANDE

TEXTOS LATINOS

[136 vº]¹⁸

Regina tria uirtutis impedimenta uicit: muliebrem naturam, matrimonium, regiam dignitatem

Duarte Sande

Femina, nupta fui, moderatrix incluta regni,
Quae tria celsa solent sistere ad astra gradum.

¹⁷ Com esse título as publiquei em livro, editado no ano de 1999 pelas Edições 70, de Lisboa.

¹⁸ Esta composição e as três seguintes foram transcritas do códice 993 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Dum sexus premit et curis dum taeda fatigat,
Dum sublime leuat pulchra corona caput:
Femineam Christus cinxit munime mentem,
Esset ut assiduis illabefacta malis;
Addita religio soluit mea pectora curis
In superasque animum transtulit una plagas,
Denique deiecit summissio tempora, gemmis
Tollebat fulgens qua diadema suis.
Perge igitur nec te retinacula lenta morentur,
Inuia diuinus peruia reddit amor.

De fortitudine reginae

Aliud ab eodem

Reginam ualido munitam robore cernens,
Oppugnare animum Sors uiolenta parat:
Ergo cadit roseo constantia flore iuuentae,
Quam uita inconstans, quam leuis illa fuit!
Fertur in uxorem rabida rex efferus ira,
Pectora reginae dum male fida putat.
Hinc pater, hinc natus committere proelium temptant:
Alter in alterius stat caput ense minax.
Illa immota manet, casus uoluuntur [miros].
Vis reginae animum frangere nulla potest.
“Decepit”, Fortuna inquit, “me femina uultu,
Feminea est facies, mens generosi ducis.”

De religione Elisabethae in matrimonio

Ab eodem

Miramur tectis claustroque inclusa profundo
Si superi uirgo flagret amore poli:
Quam miranda magis medio matrona tumultu,
Quae uixit famulis undique cincta suis
Imbuit aetherei, sed cultu pectora [Christi],
Caelestis curans nil nisi Regis opes.
[137] Hanc ego perpetua dignam reor esse corona:
Scilicet, haec prudens Elisabetha fuit,
Namque, ut Sol radiis media caligine fulget,
In taedis pietas religioque uiget.

De submissione animi in regio statu

Ab eodem

Dum Fortuna uidet reginam robore septam,
In uarios mentem uersat iniqua dolos.
Sternitur ante pedes, titulos proponit auorum,
Certans cum morum nobilitate genus.
Tot famulos famulasque offert, tot dona,
Purpureas uestes, stemmata, scepra, domos.
Omnia contemnit sapiens Regina nec ullo
Aura leuis flatu pectora firma mouet.
“Illa”, ait, “in tanto quae me certamine uicit,
Non fuit in terris edita, lapsa polo est.”

[797]¹⁹

Ad reginam

Duarte de Sande

Elisabeth triplici caput exornate corona,
Nam multa imperio subdidit illa suo.
Ferrea [debitum], quod Lusitania scepro
Paruit et dominae colla premenda dedit.
Protinus argento [sequitur] caelata, potentum
Quod uerbis domuit pectora saeua ducum.
Ultimus ex auro poscit diadema triumphus
Frena potens, tenuit quod meliora sui.

Aliud

Morte cadit regni nitor imperiique potestas
Transit ut accensis flamma corusca rogis
Atque ita limitibus clauduntur nomina certis
Regia maiestas, scepra superba, duces.
Non tamen hoc cunctis fatum inuiolabile, quando,
Elisabeth, solio nobiliore sedes.
Quod tibi mors rapuit, cumulauit Christus et auctum
Tradidit, imperio nec spoliata manes
Dumque aliis tumido mutatur purpura fastu,
Signa capis regni tu potiora tui.

¹⁹ Esta composição e a imediatamente a seguir foram transcritas do Códice 3308 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

[134]²⁰

**Aenigma de societate inita inter Summum Pontificem et christianos principes, nomine
uulgari *Liga***

Duarte de Sande

Aspicis ut nimio pomaria culta labore
 Approperent rabido perdere dente ferae.
Aspicis ut soluant, transfixo corpore, poenas,
 Custodum et ualidas experiantur opes.
Nec uulpem natura sagax tueatur ab ictu
 Tela nec effugiant sanguinolenta lupi.
Attamen immanis furiali percitur aestu,
 Saeuit aper nullo per loca cuncta metu.
Exsuperat cunctos ab eodem sanguine natos,
 Nam suffusa nigro uiscera felle gerit.
Cumque alii latebris siluarum antrisque recondant
 Corpora et apta sibi tesca inamoena colant.
Surgit Hyperborei de culmine montis, ad Austrum
 Currit et Eoas occiduasque plagas,
Quin etiam pulchras arces uiridesque recessus
 Lectaque flagranti dulcia Sole petit.
Quid cum Pierio rudis est tibi bellua fonte?
 Quid tibi cum saeuo docta Minerua sue?
Signa ferae aspicient, [potes] a Latoide missam
 Credere ut aeneos in Calydonis agros.
Obstat Atalante, uirgo clarissima, quae non
 Faece caret penitus, sit generosa licet.
At uincit reliquas constanti mente sorores,
 Quas subito natas mors inimica tulit.
Prima suem figit, sed, non satiata cruore,
 Membra parat manibus dilacerare suis,
Non tamen ut quondam parient certamina praedae,
 Namque etiam Astraea femina munus habet.

²⁰ Esta composição e a seguinte foram transcritas do códice conimbricense mais acima citado.

[149]

A Universidade e o nosso Colégio

Estava ãa matrona reverenda com um bordão em a mão. Diante dela, dous filbos: um de verde, outro de vermelho. Detrás, duas filbas: ãa com coroa. Da outra parte, um velbo honrado com filhas detrás de si e diante alguns mancebos, que se iam do velbo pera a matrona. A matrona é a Universidade, os filbos e filbas Direito Civil e Canónico, Medicina e Teologia. O velbo, o Colégio; as filbas, as ciências que nele se ensinam: os mancebos, estudantes que passam do Colégio pera a Universidade.²¹

Duarte de Sande

O quam te memorem, uultu matrona uerendo,
Quam icarii sexus plurima turba colit!
Si memorare uelis, citius memorabitur orbis
Et loca qua circum, quam bibis, unda fluit.
Sed genus [expediui] subolem fratremque minorem,
Qui mihi perpetuo foedere iunctus adest.
Edita cum primum clara sum stirpe sub auras
Firmaui baculo, quae mihi uita, gradum.
Prodiga sed baculi dextra est, fulcire labantes
[150] Quae solet et fragiles sistere saepe pedes:
Quod si serua negat, cui credita cura tuendi,
Turba dolet casum debilitata suum.
Ancipiti ne forte duos e nomine natos
Ignarus mensae pinguiã dona putes.
Hunc Iouis armiger decorat, pons inclutus illum,
Saepe graui structus robore saepe ruens.
Si rursus dubitas, recti te forma docebit
Corporis artificii non bene flexa manu.
Altera geniali frontem diademate cingit
Filia, fraterno conspicienda choro.
At miseranda soror pretio precibusque fatigat
Quos tristis residens pallor in ore fugat.
Hanc ultra subolem caros mihi tradit alumnos
Femineae frater prolis honore fruens.
Ille ostenta opes manibus, sed caeca iuuentus
Munificum gaudet deseruisse senem.
Tempus erit primo reiuersens flore senectus,
Cum captet uultu pectora multa suo.

²¹ Este texto e o título encontram-se em português no manuscrito.

TRADUÇÕES

[136 vº]²²

A rainha venceu três empecos à virtude: a natureza feminina, o casamento e a dignidade real

Duarte de Sande

*Fui mulher, fui casada e, do reino, ilustre governante:
Três empecos que soem reter a marcha para os celsos astros.
Enquanto meu sexo me oprime e com cuidados o matrimônio me afadiga
E a cabeça se alteia com a formosa coroa,
Cristo cercou de muralhas meu feminil espírito
Para que os incessantes males não me abalem;
Ajuntou-se a religião pra livrar de cuidados meu coração,
Do mesmo passo que elevou minh' alma às célicas moradas.
Enfim, a humildade abateu a fronte onde, com suas gemas,
O esplendente diadema se exalçava.
Portanto, vai avante, e não te detenham os morosos liames:
O amor divino facilita e aplanas as pedregosas vias.*

Sobre a fortaleza da rainha

Outro do mesmo

*Ao ver a rainha defendida por potente vigor,
A violenta Sorte aparelha-se para atacar-lhe o ânimo:
Ora, a coragem esvai-se com a rósea flor da mocidade,
E, inconstante como a vida, assim passou ligeira!

Conta-se que o rei contra a esposa se arrebatou em sanhuda ira,
Ao cuidar que lhe era desleal o coração da rainha.
De uma parte o pai, da outra o filho se aprestam pra travar peleja:
Ameaçando-se mutuamente,
Cada um mantém-se firme em matar co' a espada o outro.
Ela permanece impávida. — Sucedem-se casos espantosos:
Violência alguma pode quebrantar o ânimo da rainha.
“A mulher”, diz a Fortuna, “iludiu-me com o semblante:
O rosto é feminino, o espírito de um valoroso general.”*

²² Esta composição e as três seguintes são tradução dos textos latinos que se encontram no códice 993 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Sobre a religiosidade de Isabel no matrimónio

Pelo mesmo

*Admiramo-nos se a jovem, encerrada sob tecto
E vivendo em fundo claustro, se abrasa no amor do alto Céu:
Quão mais admirável a senhora imersa no tráfego mundano,
Por todos os lados cercada de seus servos!
Mas embebeu seu peito com o culto do etéreo Cristo,
Só curando dos tesoiros do Rei celestial.
[137] Digna é esta, penso eu, de imortal coroa.
Tal foi, como é claro, a sábia Isabel,
Pois, como entre as trevas com seus raios resplandece o Sol,
No matrimónio viçam a religião e a piedade.*

Sobre a humildade na condição régia

Pelo mesmo

*Quando a Fortuna vê a Rainha fortemente abroquelada,
Refalsada trama em seu espírito embustes vários.
Prostra-se a seus pés, põe-lhe por diante os títulos dos avoengos,
Pondo à compita a linhagem com a nobreza de costumes.
Oferece-lhe inúmeros servos, servas sem conta,
Incontáveis dons e terras, purpúreas vestes, grinaldas, ceptros, paços.
A sábia Rainha tudo despreza, e nem uma
Ligeira brisa com seu sopro move aquele firme peito.
“Essa”, diz então, “que me venceu em tão renhida lide,
Na Terra não nasceu: caiu dos Céus.”*

[797]²³

À rainha

Duarte de Sande

*Adornai com tripla coroa a cabeça de Isabel,
Pois com seu poder muito foi o que senboreou.
A de ferro lhe cabe, porque Portugal lhe obedeceu ao cetro
E, para que o tomasse como cousa sua,
Como a ama lhe ofereceu a cerviz.*

²³ Esta composição e a imediatamente a seguir são tradução dos textos latinos que se encontram no códice 3308 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

*Segue-se depois a cinzelada em prata, pois com palavras
Os peitos dominou cruéis de poderosos chefes.
Diadema de ouro pede a derradeira vitória:
Porque com mão poderosa dominou-se a si mesma, que é o bem maior.*

Outro

*Com a morte vai-se o lustre da coroa e se desvanece o poder do senhoria
Como em funéreas piras a luzente chama,
E assim, dentro de estreitas balizas, os nomes se encerram
'Régia majestade', 'soberbos cetros', 'chefes'.
Esta sina não é porém para todos sem excepção,
Pois, ó Isabel, vemos como te assentas em mais nobre sólio.
O que a morte te arrebatou, acrescentou-o Cristo e fê-lo aumentar
E privada não ficas do régio poder,
E enquanto aos outros a púrpura se tinge de inflada altivez,
Tu tomas as mais estimáveis armas do teu reino.*

[134]²⁴

Enigma

Sobre a aliança feita entre o Sumo Pontífice e os príncipes cristãos, denominada Liga na língua vulgar

Duarte de Sande

*Vês como as feras²⁵ com dente raivoso pressa se dão para assolar
Os pomares cultivados com sobejo trabalho.²⁶
Vês como, trespassando-lhes o corpo, punem os guardiões
E à prova lhes põem as vigorosas forças,²⁷
E que nem a astuta natura protege dos golpes a zorra
Nem os lobos escapam dos sanguinosos dardos.²⁸*

²⁴ Esta composição e a seguinte são tradução de textos latinos que se encontram no códice conimbricense atrás referenciado.

²⁵ Ao lado, no manuscrito: *Ferae sunt uarii christianae rei publicae hostes.* ("Feras são os diversos inimigos da cristandade.")

²⁶ Ao lado, no manuscrito: *Intellige christiana res publica, quam Christus sanguine suo ueluti pomarium conseuit.* ("Entende: a cristandade que, como um pomar, Cristo com o seu sangue plantou.")

²⁷ Ao lado, no manuscrito: *Custodes a fera poenas experientes: reges sunt christiani qui ui armorum rem publicam christianam tutati sunt.* ("Os guardiões castigados pela fera são os reis cristãos que com a força das armas defenderam a cristandade.")

²⁸ Ao lado, no manuscrito: *Nomine uulpum et luporum intellige haereticos [rabidos] tyrannosque crudeles qui tandem extincti sunt.* ("Com a designação de 'raposas' e 'lobos' entendem-se os [enraivecidos] hereges e os cruéis tiranos, que foram ao cabo destruídos.")

Todavía o medonbo javardo,²⁹ possesso de vesana fúria,
 Sem qualquer temor, ensandecido se lança por todos os lugares.
 Avantage-se a todos os que nasceram do mesmo sangue,
 Pois tem entranbas impregnadas de negra bile,³⁰
 E quando os outros ocultam os corpos nos recessos e antros das florestas
 E habitam sáfaras brenbas que bem lhes quadram,
 Levanta-se ele dos visos das montanhas hiperbóreas,³¹
 Arremete para o Sul
 E se dirige para as terras do Levante, para as do Poente,
 E até para as formosas acrópoles e vicejantes soidões
 E para as doçuras libadas pelo esplendente Sol.
 Que tens tu a ver, ó intratável besta-fera, com a fonte das Musas?³²
 Que a ver tens tu com a sábia Minerva, ó cru porco-montês?³³
 Ver-se-ão os pendões da fera: podes cuidar que enviada por Diana,³⁴
 Como para os éneos³⁵ campos de Cálidon.³⁶
 Faz-lhe frente Atalanta, moça ilustríssima, que de todo isenta
 Não está de liga,³⁷ ainda que de nobre estirpe.
 Mas vence com firmeza as restantes irmãs,³⁸
 Que a hostil morte, assim que nasceram, de improviso arrebatou.
 Foi a primeira a trespassar o javardo, mas, não satisfeita com a sangueira,
 Aparenta-se para esquarterar-lhe os membros com as suas mãos,

²⁹ Ao lado, no manuscrito: *Aper est Turcarum immanissimus tyrannus*. ("O javardo é o terribilíssimo sultão dos Turcos.")

³⁰ Ao lado, no manuscrito: *Reliqui apri carent felle, ut docet Plinius, hic [uero licet] ut [ostendatur] crudelitas eius*. ("Os demais javalis não têm fel, consoante ensina Plínio, mas [é possível aqui se pretenda significar] a sua crueldade.")

³¹ Ao lado, no manuscrito: *In Hyperboreis montibus: in Scythia, in qua sunt hi montes, fuit origo Turcarum*. ("Nos montes hiperbóreos: os Turcos são originários da Cítia, na qual se encontram estes montes.")

³² Ao lado, no manuscrito: *Turcarum tyrannus sub sua ditione habet Boeotiam et Ioniam et alia loca Musis consecrata*. (O sultão dos Turcos tem debaixo da sua soberania a Beócia, a Jónia e outras regiões consagradas às Musas.)

³³ Ao lado, no manuscrito, imediatamente após as palavras citadas na nota anterior, encontram-se algumas que no seu todo não lográmos decifrar, com a exceção das seguintes, bastantes para a inteligência da alusão textual: [...] *Athenis olim Mineruae* [...]. ("Em Atenas, outrora [consagrada?] a Minerva [...]")

³⁴ Numa tradução literal escreveríamos "pela Latoída". Veja-se a nota *infra*.

³⁵ De Eneu, antepassado de Eneias, mítico rei de Cálidon.

³⁶ Ao lado, no manuscrito: *Signa Turcarum lunam continent, quae est etiam Diana [...] et Latois a Latona matre. Haec autem Diana in Calcedonya, Graeciae prouincia, aprum immisit*. ("Os pendões dos Turcos exibem a Lua, que também é Diana [...] e 'latoída' por causa de Latona, sua mãe. Por outro lado, esta Diana lançou o javali sobre a Calcedónia [sic], província da Grécia.")

³⁷ Ao lado, no manuscrito: *Atalante significat feminam quam pinximus, uulgo liga. Non omnino caret faece. Nomine [autem] ipso eam prae se fert, cum faex auri lusitane dicatur liga*. ("Atalanta representa a mulher que pintámos, vulgarmente designada por 'liga'. Não está totalmente isenta de liga. [Por outro lado,] com o próprio nome se dá a conhecer, uma vez que em português se chama 'liga' às fezes do ouro.") – Lembre-se que, segundo o mito, deveu-se à destemida moça Atalanta o primeiro dos golpes que puseram termo à vida do monstruoso javali que a despeitada Diana lançara, para assolá-lo, sobre o território de Cálidon.

³⁸ Ao lado, no manuscrito: *Vincit sorores: alias similes societates initas quae diremptae sunt*. ("Vence as irmãs: outras alianças semelhantes a esta, que se fizeram e se dissolveram.")

*Não porém de modo a que algum dia as presas origem pelejas,
Pois, embora mulher, cargo tem de Astreia.*³⁹

[149]

A Universidade e o nosso Colégio

Estava ũa matrona reverenda com um bordão em a mão. Diante dela, dous filhos: um de verde, outro de vermelho. Detrás, duas filhas: ũa com coroa. Da outra parte, um velho honrado com filhas detrás de si e diante alguns mancebos, que se iam do velho pera a matrona. A matrona é a Universidade, os filhos e filhas Direito Civil e Canónico, Medicina e Teologia. O velho, o Colégio; as filhas, as ciências que nele se ensinam: os mancebos, estudantes que passam do Colégio pera a Universidade.⁴⁰

Duarte de Sande

*Oh possa eu evocar-te, matrona de tão respeitável catadura,
A quem venera a mor parte da prole icária.⁴¹
Se quiseres evocar-me, mais prestes se evocará o Universo
E as paragens em torno às quais correm as águas que bebes.⁴²
Mas [ofereci] descendência e um irmão mais moço
Que a mim se ajunta com perpétua liança.
Assim que em nobre berço vi a luz da vida
Apoiei minhas passadas a um bordão, que me é vida,⁴³
Mas é pródiga a dextra do bordão, por uso tendo
[150] Dar amparo aos que cambaleiam e amiúde avigorar pernas sem forças,
Razão por que, se se recusa a dar a criada
A quem foi confiado o cuidado de guardar,
Lastima sua mofoina o alquebrado povo.⁴⁴
Por mor do nome ambíguo, não imagines tu,
Na tua ignorância, que são os dois irmãos gordurentos dons da mesa.⁴⁵
A um condecora-o o armígero de Jove, ao outro a ilustre ponte,*

³⁹ Ao lado, no manuscrito: *Astreae munus habet: quare ad leges huius societatis pertinet, seruato iure, spolia subactasque prouincias distribuere.* ("Tem a função de Astreia: porque concerne às leis desta aliança repartir os despojos e as regiões conquistadas em consonância com o direito.")

⁴⁰ Este texto e o título encontram-se em português no manuscrito.

⁴¹ Ao lado, no manuscrito: "Estudantes e ciências".

⁴² Ao lado, no manuscrito: "Porque *uniuersitas* quer dizer em latim 'todo o mundo'. *Et loca*: Coimbra, porque é Universidade de Coimbra."

⁴³ Ao lado, no manuscrito: "Foi instituída por Cristo e apegou-se ao báculo, que é a renda, sem a qual não pode haver Universidade."

⁴⁴ Ao lado, no manuscrito: "A criada é a arca onde se guarda a renda, donde se dá às vezes com dificuldade."

⁴⁵ Ao lado, no manuscrito: "Os filhos podiam pare[cer] cousas de mesa pola dúvida do [nome], porque [*ius*], que quer dizer 'direito', quer também dizer [caldo]."

Bastas vezes erguida com firme solidez, outras tantas aluída.⁴⁶
 Se persistes na dívida, esclarecer-te-á a postura direita
 Do corpo, onde o artifice se divisa com mal fechada mão.⁴⁷
 A outra⁴⁸ filha cinge a fronte com rico diadema,
 Fazendo-se notar no coro das irmãs.
 Mas a lastimável irmã, com prêmios e rogos importuna
 Aqueles a quem demove a triste e permanente lividez do semblante.⁴⁹
 Demais desta descendência, confia-me os caros alunos
 O irmão, gozando da honra da feminil prole.⁵⁰
 Ele com as mãos mostra a riqueza, mas a cega mocidade
 Regozija-se por o generoso velho ter deixado.⁵¹
 Tempo virá, quando o velho revestir o primitivo viço,
 Em que com seu novo parecer há-de cativar os corações de muitos.⁵²

2. FRANCISCO DE MENDONÇA

TEXTOS LATINOS

[350]⁵³

Amoenissima Tiburtini nemoris consideratio

Qua Tiburtini se tollit gloria montis,
 Qua liquidas Anio uoluit amoenus aquas,
 Villa iacet, uillaeque inter penetralia surgit
 Diues natura, ditius arte nemus.
 5 Scilicet umbroso specus est fabricata recessu,
 Molliter in curuos undique flexa sinus.
 Huius multicolor pingit conuexa lapillus,
 Et uariis caelat conchula picta notis.

⁴⁶ Ao lado, no manuscrito: "O Direito Civil é honrado com as águias, que são os sinais dos imperadores, porque se chama *ius caesareum*. O Canônico é [dito] da ponte de Roma que se chamou *sublicius pons*, que caiu muitas vezes e foi [reedificada], donde se chamaram [os] pontífices e *ius pontificium*."

⁴⁷ Ao lado, no manuscrito: "Porque se chama *direito*, que [se] significa na palavra *recti*."

⁴⁸ Ao lado, no manuscrito: "Teologia, com coroa por ser rainha das ciências."

⁴⁹ Ao lado, no manuscrito: "Medicina, porque rogam e dão partido aos [que] querem ouvir Medicina."

⁵⁰ Ao lado, no manuscrito: "Estudantes que passam do Colégio."

⁵¹ Ao lado, no manuscrito: "*Opes*, ou o saber ou o castigo que é riqueza e proveito dos estudantes. Mas não querem eles tanta liberalidade."

⁵² Ao lado, no manuscrito: "Quando o velho reverdecer fazendo-se o edifício novo, então se moverão mais a ficar nele."

⁵³ A paginação é a da 1ª edição.

Hinc serpunt hederæ natiuo brachia lapsu,
 10 Illinc in flexus ductilis herba meat.
 Qua male iunguntur bibulo cum pumice tofi,
 Antrum multiplicis luminis instar hiat.
 Multa cauernosis uolucris sedet hospita rimis
 Daedala quam duro fecit in aere manus.
 15 Qui cernunt ueras imitantia signa uolucres,
 Non caelata putant aere, locata putant.
 Spirat auis quaecumque suo maculata colore,
 Vt libet, argutis gestibus ora mouet.
 Excutit haec plumas, pedibus micat illa, canorum
 20 Haec leuat, haec uoluit, deprimit illa caput.
 Multa etiam impexas rostro discriminat alas,
 Multaque luminibus circuit antra suis.
 Altera miranti blanditur syrmate uulgo;
 Altera, dum crispat colla superba, tumet.
 25 Et nihil ut uiuae ficta sub imagine formae
 Desit, quaeque suum funditat ore melos.

 Artis opus natura suum miratur, et artis
 Ludum experta, “Minor sum”, canit, “arte minor?”
 Et quaeris, quae tanta gerat miracula uirtus?
 30 Accipe: in hac Siculus claudicat arte faber.

 Labitur occultis effusa meatibus unda,
 Qua parte aerias aerea fallit auis.
 Hanc ubi paulatim per gyrum ducta recludit
 Vertebra, continuis haustibus urna bibit.
 35 Inde per arcanos emendicata canales,
 Ad uolucrum longo ducitur orbe pedes;
 In quibus exiguo reserata foramina clauo
 Nacta subit, uentrem mox adit, inde caput.
 Nec mora, libratas aequali pondere moles
 40 Intus obit, medios perfluit usque sinus.
 Mox, ubi machinulas intrinsecus unda uolutat,
 Dulcibus alituum cantibus aura sonat.
 Non ita concentus numerorum lege solutus,
 Compositos seruat uox animosa modos.
 45 Intenti mediis, grauibus sociantur acuti,
 Aequalique omnes omnibus arte soni.
 Cuncta simul referunt placidos uolitantia cantus:
 Distinguit proprium singula uoce melos.
 Cantat olor, geminatque suos lusciniæ questus;
 50 Concinit ad numerum dulcis acanthis aquae.

Quae uolucres late caelo potiuntur aperto,
 Huc medio uertunt Solis ab axe uiam:
 Miranturque suas alieno in corpore uoces,
 Alternosque cient per caua lustra sonos.
 55 Hic etiam uolucrum turmis inimica, diei
 Nescia, secluso fornice sedit auis.
 Haec inter, rotulis undarum mole solutis,
 Exserit obscuro limine torua caput.
 Mox ut quaeque prior (dictu mirabile) frontem
 60 Aspicit e tristi rupe micare, silet.
 Illa dehinc collum extollit, iam pectora; tandem
 Prosilit, et misero carmen ab ore trahit.
 Continuo totus sistit concentus, et inter
 Tam multas solum noctua stridet aues.
 65 Cum tamen ex oculis iterum se proripit hostis,
 Antraque cimberia nocte sepulta petit,
 Maiores iterant nemorosa per auia plausus
 Inque suos redeunt uoce priore choros.
 O quae tam uiuas simulant per inania uoces!
 70 Tam bene quae uitam fingit in aere manus!
 Cedite Sicaniis olim fabricata caminis!
 Cedite Phidiaca signa dolata manu!
 Cedite fusa cauis Temeses fornacibus aera!
 Cedite Daedaleis ora polita rogis!
 75 Iam meritas antiqua trahant monumenta ruinas,
 Hoc se se astrorum cursibus aequet opus!

Dulce bellum inexpertis

Numquam saeua tulit miseri discrimina belli,
 Qui cupit ardentem Martis adire globos.
 Nescius armorum miles petit arma: sed odit
 Qui uidet a crudo saucia membra Deo.
 5 Gestit in extremum conscendere nauita litus,
 Qui tumidas nullo proscidit aere uias:
 Si tamen undarum sulcauit in aequore moles
 Naufragus, aequoreas effugit ille minas.
 Optat obire nouas utroque in cardine sedes,
 10 Qui positas neutro uidit in axe plagas:
 Qui tamen Arctoi senserunt frigora uenti,
 Quique sub Australi derigere gelu,
 Ire nec e regno patriisue penatibus audent,
 Ne subeant gelidae tristitia damna niuis.

15 Pellaeus iuuenis dum nescit, feruida quantas
 Euibret e medio uertice zona faces,
 Scire cupit terras medio sub sole iacentes
 Et Nili arcano nobile fonte caput:
 Hic tamen expertus, rapidis arentia flammis
 20 Litora et aetheris ignibus usta fugit.
 Icarus ignotas agitare per aera pennas,
 Molirique nouum nescius optat iter,
 Ardet inexpertus ferri super aethera: tales
 Forsitan expertus nollet inisse uias.
 25 Et Phaethon loris patrios torquere iugales
 Postulat et patrios flectere nescit equos:
 Cum tamen ad caeli medium conscenderit axem,
 Senserit et uerso frena labare iugo;
 Forsitan, et currus numquam tetigisse paternos
 30 Tale nec imperium sustinuisse uolet.

TRADUÇÕES

[350]

Mui aprazível contemplação dos jardins de Tívoli

*Lá por onde se alteia de Tibur⁵⁴ o ufano oiteiro,
 Lá por onde o Ávio aprazível rola sua límpida leiva,
 Uma quinta se encontra: e nesta, em seus recessos,
 Ergue-se um jardim, se rico por obra de Natura,
 Mais rico ainda por obra da Arte.
 É que no umbroso retiro um túnel se abriu
 Que, em curvos rodeios, suave serpeia por todas as partes.
 Por dentro o pintam pedrinhas de vária cor
 E incrustadas se vêem miúdas conchas de diversos matizes.
 De um lado, os braços da hera enleiam-se seguindo seu natural pendor,
 Do outro, a flexuosa grama se enrosca e encurva.
 Onde mal se ajustam as porosas pomes com a pedra tufo,
 Aí, qual grande olho, abre-se uma gruta.
 Da caverna nas fendas poisam-se e hospedam-se aves inúmeras
 Que engenbosa mão moldou em duro bronze.
 Quem contempla as esculpidas aves imitando as verdadeiras*

⁵⁴ Nome latino da atual Tívoli.

*Não as imagina cinzeladas em bronze, mas cuida que ali poisaram.
Cada uma destas em si mostra a cor que lhe pertence
E, como lhe praz, a cabeça volve com vividas visagens.
Esta, sacode as penas, aquela saltita, essa
Ergue a sonora cabeça, roda-a aquela outra e esta aqui a abaixa.
Há outras muitas que com o bico alisam as descompostas asas,
Circunvagando outras os seus olhos pela caverna.
Com a formosa cauda esta encanta a multidão em pasmo,
Incha aquela, ao tempo que ensoberbada encrespa a gorja.
E para que, sob fingida aparência, nada falte
Da forma viva, cada uma delas solta o canto que lhe é próprio.*

*Natura admira a sua obra de arte, mas vendo
Da Arte a obra, exclama: “A Arte me supera!”
E perguntas: “Qual a alta capacidade que cria tamanhas maravilhas?”
Crê-me: nesta arte o artífice siciliano sai vencido.*

*A água espalha-se correndo por secretos canais.
Nesta parte, às aéreas induzem em erro as éreas aves.
Quando abre passagem à linfa uma cavilha que aos poucos se roda,
A urna a vai bebendo com sorvos contínuos.
Depois, deslizando através de ocultos veios, por longo giro
É conduzida até às patas das aves,
Nas quais ascende pelos orifícios que depara,
Abertos por pequeno prego,
Dirige-se depois ao papo e, enfim, à cabeça.
Penetra sem detença no interior dos corpos de peso parelho
E corre até ao meio da cavidade.
Depois, quando a água move dentro as engrenagens,
A viração ecoa os doces cantos da alígera grei.
A toada não se eleva forra da lei da harmonia,
Intrépida a voz se cinge a ritmos em boa ordem:
Com os intensos, os médios se consorciam, os graves com os agudos
E, com igual arte, os sons associam-se todos uns com os outros.
Toda a raça volátil solta em uníssono aprazível cântico,
Cada um o matizando com o timbre que lhe é próprio.
Canta o cisne e o rouxinol requebra os seus queixumes;
Mavioso, o pintassilgo gorjeia ao ritmo da água.
As aves que livres gozam do céu aberto
Para aqui fazem rota deixando o vasto pólo
E pasmam de em alheio corpo escutar suas vozes,
Soltando pelos profundos bosques cantos à compita.
Também aqui aquela ave que é hostil aos bandos de pássaros
E ignora o dia, também ela poisou nesta fechada galeria.
Activada a engrenagem com o impulso das águas,*

*Ei-la que minaz assoma a cabeça na escura morada.
Mal alguma das demais aves vê que o rosto lhe surge
Do torvo abrigo, (coisa de espanto!) logo se cala.
Mas ela ergue o pescoço, e logo o peito, e enfim
Estira-se, soltando ao vento um cântico mofino.
Logo logo cessa por inteiro o geral cantar
E, entre tão numerosas aves, ressoa só a coruja.
Mas quando o inimigo volve a afastar-se da vista
E se dirige para os cimérias antros, na noite sepultados,
Através dos inacessos bosques recomeça mais forte o bater de asas
E tornam, com a voz de antes, aos seus cantos em coro.*

*Oh quão vivas são as vozes que imitam através dos ares!
Como foi perfeita a mão que imitou em bronze a vida!
Dai-vos por vencidos, ó artefactos saídos das forjas dos Sicanos!
Dai-vos por vencidas, ó imagens talhadas pela mão de Fídias!
Dai-vos por vencidos, cobres fundidos nos ocios fornos de Témese!
Dai-vos por vencidos, rostos fraguados pelas dedáleas chamas!
Os antigos monumentos merecem hoje arrastar consigo as suas ruínas
E esta obra nivelar-se com a alta carreira dos astros!*

Doce é a guerra para os que a não conhecem

*Nunca suportou os cruéis perigos da mofina guerra
Quem almeja integrar os fogosos esquadrões de Marte.
Vai empós dela o soldado que não provou peleja,
Odeia-a o que vê os corpos dilacerados pelo impiedoso deus.
Anseia o nauta por embarcar rumo às mais remotas costas,
Antes de alguma vez a sua quilha fender o encapelado mar.
Mas se nas águas se achou náufrago por entre montanhas de vagas,
Vê-lo-ás esquivar-se aos perigos do mar.
Deseja percorrer novas terras em ambos os pólos
Quem nunca viu as regiões que se situam quer num quer noutra:
Os que porém curtiram os frios do vento norte
E os que congelaram sob a austral geada,
Esses ousio não sentem para deixar sua terra e lar
E expor-se às agressões da gélida neve.
O moço de Péla,⁵⁵ quando não conhecia quantos fogos a ardente zona empunha,*

⁵⁵ Alexandre Magno.

*Sentia ávido desejo de conhecer as terras
Que se acham sob o Sol equatorial
E (em arcana fonte) as nobres cabeceiras do Nilo:
Mas, ensinado pela experiência, foge dos lugares
Abrasados por terríveis chamas,
Foge das praias que requeima um céu de fogo.
Ícaro deseja agitar através do ar plumas que não são suas
E nesciamente abrir um caminho novo.
Sem experiência, eis que se abrasa ao deslocar-se sobre o ar:
Se a tivesse, de seguro não teria escolhido um tal caminho.
E Faetonte pretende manobrar com as rédeas as parelhas do pai
E não sabe como dirigir os cavalos paternos:
E ao elevar-se para o meio dos céus
E percatar-se que já não segura as rédeas do desgovernado carro,
Talvez deseje nunca ter tocado no paterno coche
Nem no carro do pai ter detido um tal poder.*

AMATO LUSITANO, DIOGO PIRES E PEDRO SANTERNA: OS CAMINHOS ENTRECruzADOS DE UM MÉDICO, DE UM POETA E DE UM JURISCONSULTO PORTUGUESES*

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Centro de Línguas e Culturas
Universidade de Aveiro

RESUMO

Os cristãos-novos portugueses começaram a estabelecer-se e a operar na praça de Ancona desde 1532, um movimento que está na origem do extraordinário empório que os portugueses ajudaram a construir no recém-criado estado papal nas décadas seguintes. Este estudo procura demonstrar como o círculo literário formado em Ancona, no início da década de 50 do século XVI, congregando alguns nomes maiores da comunidade judaico-portuguesa, como os de Amato Lusitano e de Diogo Pires, a que acrescem os de Ambrósio Nicandro de Toledo e de Roberto de Nobili, propiciou as condições para a edição e publicação do primeiro tratado de seguros marítimos (Veneza, 1552), escrito, não por acaso, por um jurisconsulto e mercador português, Pedro Santerna ou Pedro de Santarém (Petrus Santerna Lusitanus).

PALAVRAS-CHAVE

Pedro Santerna, Diogo Pires, Amato Lusitano, Ambrósio Nicandro, Benvenuto Stracca, Ancona

ABSTRACT

The Portuguese New Christians settled and started operating in the trading centre of Ancona since 1532 and this movement is in the root of the extraordinary emporium that the Portuguese merchants helped to build in the course of the following decades in the newly created papal state. This study seeks to demonstrate how the literary circle formed in Ancona, at the beginning of the 50's in the 16th century, by bringing together some of the most prestigious names of the Jewish-Portuguese community, such as those of Amato Lusitano and Diogo Pires, joined by Ambrósio Nicandro de Toledo and Roberto de Nobili, set the conditions for the edition and publication of the first treatise on marine insurance (Venice, 1552) written, not by chance, by Pedro Santerna or Pedro de Santarém (Petrus Santerna Lusitanus), a Portuguese jurist and merchant.

KEYWORDS

Pedro Santerna, Diogo Pires, Amato Lusitano, Ambrósio Nicandro, Benvenuto Stracca, Ancona

* Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto de investigação «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano» do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no quadro do Projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

1. INTRODUÇÃO

As relações familiares e de profunda amizade entre Amato Lusitano e Diogo Pires são por demais conhecidas e evidenciadas ao longo do percurso comum trilhado desde Portugal, sempre na companhia e ao serviço da família Pires-Cohen, até se estabelecerem, a partir de 1547, na praça de Ancona, nas margens do Adriático¹. Ao invés, até há pouco quase nada se sabia sobre a enigmática figura do ilustre português², conhecido segundo a tradição como Pedro de Santarém ou Pedro Santerna³ (Petrus Santerna Lusitanus), cuja única mas significativa prova de existência conhecida radicava no facto de ter dado à estampa, em Veneza, em 1552, aquele que é considerado o primeiro tratado de seguros marítimos⁴. Este livro ostenta no rosto o nome do seu autor sob a forma Petrus Santerna Lusitanus e foi dedicado a Vincenzo de Nobili⁵, sobrinho materno do papa Júlio III, que o nomeou governador de Ancona.

Não obstante as sombras que envolvem Pedro Santerna, deve acentuar-se que a obra do juriconsulto português nunca foi esquecida em Portugal, antes pelo contrário, graças ao empenho de Moses Bensabat Amzalak, por cuja iniciativa foi publicada a tradução portuguesa de Miguel Pinto de Meneses⁶, e do Grémio de Seguradores e do Instituto de Seguros de Portugal⁷, que promoveram uma edição fac-similada do tratado, acompanhada de versões em português, inglês e francês⁸.

¹ Para uma análise pormenorizada da constituição e das actividades da família eborense Pires-Cohen, veja-se o nosso trabalho: A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas, 2005 (reprodução policopiada – dissertação de doutoramento), cuja primeira parte (pp. 1-134) traça um esboço biográfico de Diogo Pires e da sua família.

² Referimo-nos ao estudo notável de Domenico MAFFEI, “Il giureconsulto portoghese Pedro de Santarém autore del primo trattato sulle assicurazioni (1488)”: *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, vol. LVIII (1982) 703-728 (*Estudos em homenagem aos Profs. Manuel Paulo Merêa e Guilherme Braga da Cruz – I*).

³ Embora o autor do tratado seja referido tradicionalmente como natural de Santarém, não é possível comprová-lo em absoluto nem através do manuscrito nem através do livro. A este respeito, cf. D. Maffei (1982) 706, notas 7 e 8. Adoptou-se, por isso, a forma Santerna, gravada no texto impresso, uma provável corrupção de *Sanctarenensis*.

⁴ *Petri Santernae Lusitani iuris utriusque doctoris peritissimi ac famosissimi, tractatus de assecurationibus et sponsionibus mercatorum nunc primum in lucem datus, cum repertorio et summariis*. Per eximium iu. Vt. Censurae Doct. D. Io. Baptistam Triumphum. Venetiis, apud Baltassarem Constantinum ad signum Diui Georgii, 1552.

⁵ Cf. P. MESSINA, “De Nobili, Vincenzo”: *Dizionario biografico degli Italiani* 38 (Roma 1990) 766-768.

⁶ M. B. AMZALAK, *O tratado de seguros de Pedro de Santarém*. Lisboa, 1958. No prefácio deste volume (1-26), Amzalak apresenta um estudo sobre o autor e a obra (1. Notas biográficas, 2. Edições e 3. Os seguros segundo Pedro de Santarém), retomando e enumerando os seus trabalhos anteriores sobre a matéria.

⁷ Agradecemos ao Instituto de Seguros de Portugal a oferta da edição comemorativa que foi promovida, em Outubro de 2007, por ocasião do I Centenário da Supervisão de Seguros em Portugal. Esta reedição acrescenta, em relação às duas anteriores do Grémio de Seguradores, um prefácio notável de Pedro Romano Martinez.

⁸ O Grémio de Seguradores patrocinou, em 1961 e em 1971, a edição de um único volume com a reprodução anastática da edição do tratado de 1558, acompanhada da versão portuguesa (de Miguel Pinto de Meneses), inglesa e francesa, e precedida do estudo introdutório supra referido de Amzalak de 1958. Assinala-se, ainda, a publicação de uma outra edição do tratado acompanhada da mesma tradução portuguesa, com um texto preambular de José Hermano Saraiva: Pedro de Santarém, *Tractatus de assecurationibus et sponsionibus*. Lisboa, Difusão Cultural, 1988.

À primeira vista não nos pareceu haver nada que pudesse relacionar Amato Lusitano e Diogo Pires com Pedro Santerna, salvo a assunção da comum origem portuguesa⁹, mas uma análise mais fina levou-nos, paulatinamente, a estabelecer uma série de relações que podem ajudar não só a compreender o contexto da criação e da publicação do tratado de seguros marítimos, mas também a lançar uma nova luz sobre o seu autor. Isso apenas foi tornado possível graças a um estudo aprofundado da acção e das relações da família Pires-Cohen, em particular de Amato Lusitano e de Diogo Pires, no período em que a Casa Pires assentou arraiais na cidade de Ancona (1547-1555). É precisamente durante esses anos que começam a vir a lume, em prelos venezianos e florentinos, tanto as principais obras de Amato Lusitano como a do próprio Pedro Santerna. Com efeito, a publicação das *Centúrias de Curas Medicinai*s (Florença, 1551) e dos *Comentários* de Amato Lusitano a Dioscórides (Veneza, 1553)¹⁰ principia nos primeiros anos da década de 50, à semelhança do que ocorre com o tratado de Pedro Santerna (Veneza, 1552).

2. A CHEGADA DE AMATO LUSITANO E DE DIOGO PIRES A ANCONA

Na sequência do penoso processo de falência da sociedade comercial que os Pires haviam estabelecido formalmente com o duque de Ferrara, em 1541, os membros da família, entre os quais figuram Amato Lusitano e Diogo Pires, começaram a deslocar-se para o estado papal de Ancona por volta de 1547, onde passaram a estabelecer a sede principal das suas actividades¹¹. A falência da sociedade com Hércules II constituiu um golpe bastante profundo em toda a organização da Casa Pires, constituindo, a nosso ver, a razão fundamental que motivou a saída de Ferrara¹².

A praça de Ancona, porém, não era, de forma alguma, um lugar estranho à família. Basta recordar que os Pires se encontram entre os primeiros mercadores portugueses a estabelecer-se e a manter relações comerciais privilegiadas com o porto adriático, ponto nevrálgico onde se cruzavam

⁹ Há notícia de que Pedro de Azevedo comunicou a Moses Bensabat Amzalak as suas suspeitas de que Pedro de Santarém poderia ter sido um cristão-novo, o que até ao presente não se confirmou (cf. M. B. AMZALAK, *O tratado de seguros de Pedro de Santarém*. Lisboa, 1958, p. 10). Note-se, porém, que a recente descoberta de um manuscrito do tratado, de 1488, remete, inclusivamente, a sua génese para a década anterior à da Conversão Geral dos judeus em Portugal (1497).

¹⁰ Para uma relação das edições das obras do médico albicastrense, veja-se o catálogo bibliográfico organizado por João José Alves DIAS, *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.

¹¹ Nos comentários a Dioscórides, Amato Lusitano afirma ter visto pela primeira vez uma certa planta, precisamente no decurso de uma viagem de Ferrara para Ancona, em Maio de 1547: *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae doctoris Amati Lusitani medici ac philosophi celeberrimi, quibus non solum Officinarum Seplasiariis, sed bonarum etiam literarum studiosis utilitas adfertur, quum passim simplicia Graece, Latine, Italice, Hispanice, Germanice, et Gallice proponantur*. Venetiis, [apud Gualterum Scotum], 1553, 400-401 (Lib. IV, en. 54: *De trago siue traho*). As citações desta obra, ao longo deste trabalho, serão feitas a partir da primeira edição, mencionada daqui em diante, de forma abreviada, como *In Dioscoridis*.

¹² Para uma análise pormenorizada do percurso e actividades da família Pires em Ferrara, cf. A. M. L. ANDRADE, "De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família": *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 25 (2011) 5-16.

as rotas do Ocidente e do Oriente¹³. A família Pires-Cohen, através da empreendedora D. Guiomar, tia de Amato Lusitano e de Diogo Pires, foi pioneira neste movimento de deslocação de norte para sul, que viria, com o passar do tempo, a assumir uma dinâmica e uma dimensão extraordinárias. Esta intensa actividade, iniciada em 1532, está na origem do empório que os cristãos-novos portugueses ajudaram a construir no estado papal, sobretudo no decurso das décadas de 40 e 50¹⁴. A Nação Portuguesa de Ancona apenas veria terminados os seus dias de desenvolvimento e prosperidade com os acontecimentos dramáticos dos tristemente célebres autos-de-fé de 1556, sob o pontificado de Paulo IV, a que Amato conseguiu escapar com vida, não sem ter perdido para sempre alguns dos seus familiares mais chegados e a quase totalidade dos seus bens e haveres¹⁵.

As actividades comerciais em Ancona de Manuel Henriques, irmão de Diogo Pires e primo de Amato, estão referenciadas desde 1537 e intensificam-se bastante durante a década de 40, passando a ser o agente principal dos Pires no estado papal até à transferência da família de Ferrara para Ancona. Manuel Henriques pratica o comércio de tecidos importados do norte da Europa, dedicando-se igualmente ao comércio de peles e couros, havendo um número significativo de registos documentais das suas operações de importação e exportação no Archivio di Stato di Ancona.

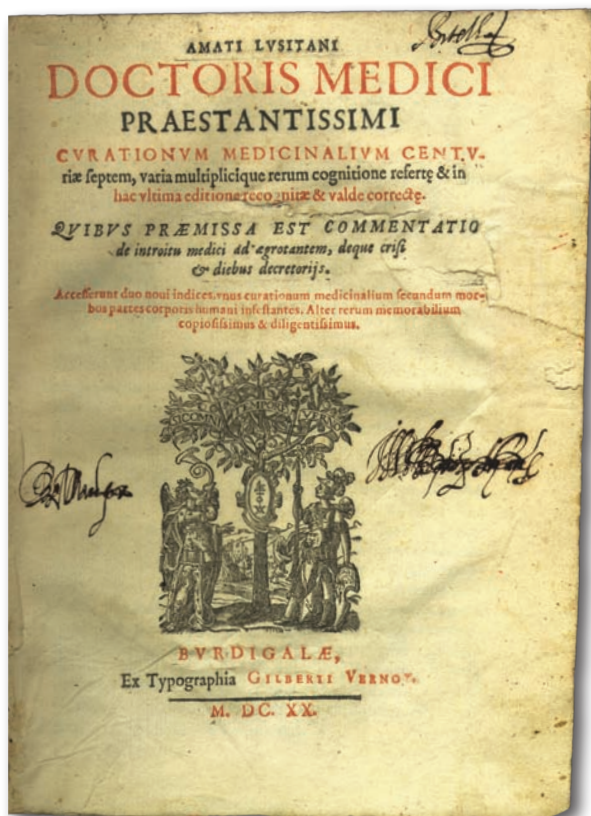
Não obstante o fulgor de tempos passados, os Pires não mais recuperariam totalmente das perdas avultadas que haviam sofrido em Ferrara devido à falência da sociedade comercial com Hércules II. Por conseguinte, a deslocação para Ancona ficou marcada por um declínio acentuado da actividade comercial. Em sentido inverso, porém, corria a projecção alcançada por Amato Lusitano e por Diogo Pires: um adquirira merecida fama enquanto médico e professor da Universidade de Ferrara, o outro enquanto poeta de eleição com obra publicada e reconhecida nos círculos humanísticos. Um e outro estabeleceram laços estreitos e duradouros com os mais elevados círculos culturais, académicos e literários, primeiro em Lovaina e Antuérpia, depois em Ferrara.

Não se estranha, por isso, que tanto Amato Lusitano como Diogo Pires tenham alcançado rapidamente em Ancona o reconhecimento dos seus méritos nas artes em que ambos se distinguiram. A comprová-lo estão as relações privilegiadas que ambos estabeleceram nos anos passados em Ancona, não só com vários membros da família Nobili, a quem o papa Júlio III havia incumbido

¹³ Sobre o papel nevrálgico da praça de Ancona no século XVI, cf. Jean DELUMEAU, "Un ponte fra Oriente e Occidente: Ancona nel Cinquecento": *Quaderni Storici* 13 (1970) 26-47.

¹⁴ Sobre os primeiros mercadores portugueses a estabelecer-se em Ancona, cf. Viviana BONAZZOLI, "Ebrei italiani, portoghesi, levantini sulla piazza commerciale di Ancona intorno alla metà del Cinquecento": Gaetano Gozzi (a cura di), *Gli Ebrei e Venezia: secoli XIV-XVIII*. Atti del Convegno internazionale organizzato dall'Istituto di storia della società e dello stato veneziano della Fondazione Giorgio Cini (Venezia, Isola di San Giorgio Maggiore, 5-10 giugno 1983). Milano, Edizioni Comunità, 1987, 727-770; V. BONAZZOLI, "Una identità ricostruita. I portoghesi ad Ancona dal 1530 al 1547": *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 5 (2001-2002) 9-38; Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559): I suoi rapporti col governo ducale e la popolazione locale ed i suoi legami con le Nazioni Portoghesi di Ancona, Pesaro e Venezia*. Tomo I [-II]. A cura di Laura Graziani Secchieri. Firenze, Leo S. Olschki, 2011, 189-196.

¹⁵ Sobre a tragédia da família Pires em Ancona, cf. A. M. L. ANDRADE, "Amato Lusitano em Ancona: a tragédia da família Pires": *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 26 (2012) 20-27.



10

da governação do estado papal, mas também com Ambrósio Nicandro de Toledo, professor de línguas clássicas, primeiro em Florença e depois em Ancona, humanista consagrado pela sua edição do *De bello Punico* de Sílio Itálico¹⁶, dedicada a Lourenço de Médicis.

Tal como sucedera em Ferrara em redor do humanista Lilio Gregorio Giraldi¹⁷, organiza-se também em Ancona, por volta de meados do século XVI, um círculo literário restrito, que congregava pelo menos quatro figuras de gerações e origens distintas, ligadas por estreitos laços de amizade, de respeito e admiração mútuos: Amato Lusitano, Diogo Pires, Ambrósio Nicandro e Roberto de Nobili¹⁸, o jovem filho do governador de Ancona. As actividades e as relações estabelecidas entre estes quatro humanistas em Ancona propiciaram, como é nosso objectivo comprovar neste estudo, as condições que conduziram à publicação do primeiro tratado de seguros marítimos escrito por alguém que, à semelhança de Amato Lusitano (Amatus Lusitanus) e de Diogo Pires (Didacus Pyrrhus Lusitanus), tem gravada a sua origem portuguesa na folha de rosto do livro que escreveu (Petrus Santerna Lusitanus).

3. MANIFESTAÇÕES DO CÍRCULO HUMANÍSTICO DE ANCONA

As obras de Amato Lusitano, em particular as *Curationum Medicinalium Centuriae*, evidenciam a intensa actividade clínica praticada em Ancona pelo médico albicastrense, fornecendo-nos nomes, datas, locais e outros dados preciosos sobre cada um dos seus inúmeros pacientes, oriundos de

¹⁶ Sillii Italici *Opus de bello Punico secundo summa cura Ambrosij Nicandri castigatum, restitutum multis carminibus quae in alijs desyderantur*. [Impressum Florentiae, opera & sumptu Philippi Iuntae, 1515 mense Martij].

¹⁷ Lilio Gregorio Giraldi colocou Diogo Pires como um dos principais interlocutores dos seus famosos *Dialogi duo de poetis nostrorum temporum* (Ferrara, 1551), tendo cabido ao poeta eborense a apresentação dos poetas portugueses e espanhóis, e ingleses. Assinala-se a publicação de uma edição crítica desta obra, acompanhada de versão italiana: L. G. GIRALDI, *Due dialoghi sui poeti dei nostri tempi*. A cura di Claudia Pandolfi. Presentazione di Walter Moretti. Ferrara, Corbo, 1999.

¹⁸ Cf. P. MESSINA, "De Nobili, Roberto": *Dizionario biografico degli Italiani* 38 (Roma 1990) 759-762.

todos os estratos sociais. As relações privilegiadas que Amato manteve com vários membros da família Nobili, por indicação de quem muito provavelmente foi chamado para assistir, em Maio de 1550, o próprio Sumo Pontífice em Roma, comprovam-se directamente nos seus relatos clínicos. Assim, é sabido que Amato assistiu a irmã e o sobrinho do papa Júlio III, respectivamente, Jacoba del Monte¹⁹ e Vincenzo de Nobili²⁰, a quem foi dedicado, convém recordá-lo, o tratado de seguros marítimos de Pedro Santerna. Ao próprio governador de Ancona, Amato dedica também o esboço de um tratado sobre a *radix Sinarum*, que tencionava escrever sobre a matéria²¹.

Os contactos com a família Nobili não são exclusivos de Amato Lusitano, pois há notícia de que Diogo Pires mantinha estreitas relações de amizade com Roberto de Nobili, filho do governador de Ancona. O jovem escreve uma carta de Ancona, datada de 20 de Maio de 1552, solicitando um salvo-conduto que permitisse a Diogo Pires, «per essere circonciso»²², viajar para Roma sem receio de ser incomodado pela Inquisição. Nessa missiva, dirigida a Pier Giovanni, um procurador paterno em Roma, Roberto de Nobili traça um retrato laudatório das qualidades excepcionais do humanista português, que é, nas suas próprias palavras, «un gran poeta e gran letterato greco e latino»:

Reverendo Pier Giovanni,

Io non vi scrivo troppo spesso, per non aggiungere alle fatiche, che vi da il Signor Padre, ancora le mie. Nondimeno per le cose virtuose, e che apportano onore, e laude, non posso fare, ch' io non vi dia questa briga.

È qui in Ancona un Misser Didaco Pirro Portuguese conosciuto tra gli Uomini letterati, e forse tra le librerie lo conoscete per fama. Egli vien qui quasi ogni giorno insieme con Misser Nicandro, dove non si ragiona mai, se non di lettere; e da loro ragionamenti, e lezioni ne cavo non meno utile, che diletto, talchè abbiamo qui ordinata quasi un' Accademia, e ragionando latino, mi sento molto giovare dalla pratica loro.

Questo Misser Didaco è un gran Poeta, e gran letterato, greco, e latino; e io diletandomi di favorire simili persone, e giovar loro, per quanto si stendono le mie forze, e gli fo molte carezze, e lo trattengo per quanto si conviene.

Esso desideraria, per essere circonciso, aver un salvo condotto da Nostro Signore di potere stare in Roma a sua piacimento, senza pericollo dell' Inquisizione, siccome egli per le sue virtù l' ha ottenuto in molte Città d' Italia.

¹⁹ AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, prima et secunda, multiplici variaque rerum cognitione refertae*. Parisiis, apud Sebastianum Niuellium, 1554 (Cent. II, Curat. 1: *Curatio prima in qua agitur de destillatione calida*).

²⁰ AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, tertia et quarta hac (quam uides) enchiridii forma nunc primum editae, addito indice copiosissimo*. Lugduni, apud Ioannem Franciscum de Gabiano, 1556 (Cent. IV, Curat. 44: *De stomachi subuersione, nausea et podagra simul affligentibus*).

²¹ AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, prima et secunda*, op. cit., (Cent. II, Curat. 31: *Curatio trigesima prima, in qua agitur de methodo et uera regula propinandi decoctum radices Sinarum, pro Iulio III tertio pontifice maximo: ad illustrissimum ac iuxta humanissimum Dominum Vicentium de Nobilibus, Anconae aequissimum praesidem*).

²² Através desta carta sabe-se que Diogo Pires já era circuncidado aos 35 anos. O rito da circuncisão, para muitos dos judeus portugueses na diáspora, apenas foi praticado em Ferrara, a partir do momento em que se estabeleceram no ducado de Hércules II, no final da década de trinta. Ferrara foi, como é sabido, uma das poucas cidades italianas em que os judeus portugueses puderam assumir publicamente, sem receio de represálias, o culto do judaísmo.

Pertanto intenderete diligentemente, se è cosa facile, e come si potrà fare a compaciarlo di questo suo desiderio, e scrivetemene, che in ogni modo lo voglio favorire, a aiutare, atteso ch'è persona, oltre le lettere, molto gentile, e umana; e convertendolo, como spero, disegno di servirmene, como farò ancora degl' altri, se mai potrò, avendo fermo proposito di vivere, e morire con le persone dotte. Altro non accade dire, se non che voi vi serviate di me in tutte quelle cose, che voglio, perchè non ho minor desiderio di giovarvi del Signor mio Padre; e state sano, che Nostro Signore vi consevi.

D' Ancona a 20. di Maggio del 52.²³

Nesta tertúlia literária participavam quase diariamente Diogo Pires e Ambrósio Nicandro, sendo muito provável que o próprio Amato Lusitano também fizesse parte deste círculo restrito, tanto mais que Ambrósio Nicandro se tornara, além de paciente, um dos seus melhores amigos, desde que o médico albicastrense se instalou em Ancona. O provento Ambrósio Nicandro, professor de línguas clássicas do patriciado anconitano, manteve relações de profunda amizade tanto com Amato Lusitano como com Diogo Pires. As obras de um e de outro espelham sobejamente esta ligação privilegiada, favorecida pela partilha de uma origem comum, já que todos provinham da Península Ibérica, pelo amor da poesia e pelo exercício apaixonado do magistério das línguas clássicas.

Diogo Pires exerceu, com alguma regularidade, uma actividade privada no ensino das línguas e literaturas clássicas, tendo ministrado, nos vários locais por onde peregrinou, aulas particulares para os jovens das classes mais favorecidas. Acrescente-se, ainda, que o humanista português era amigo pessoal ou convivia de perto com vários colegas que desempenhavam o seu magistério em escolas italianas ou ragusinas, de que são exemplo o próprio Ambrósio Nicandro, Angelo Grillo, Antonio Riccoboni, Camillo Camilli ou Pier Vettori.

Com efeito, tanto Diogo Pires como Amato Lusitano demonstram nas suas obras uma profunda e genuína amizade com o humanista toledano, como se procurará verificar de seguida através dos exemplos mais significativos na obra de ambos. Assim, uma carta de Ambrósio Nicandro dirigida a António Barberini, datada de 13 de Fevereiro de 1553, teve honras de prefácio da quarta *Centúria de Curas Medicinai*s. Trata-se de um retrato expressivo das qualidades humanas e profissionais de Amato, dadas a conhecer pelo seu paciente e amigo:

Non multos ab hinc annos uenit in hanc urbem quidam medicus homo minime malus, natione Lusitanus, qui iam pridem commentaria in Dioscoridem scripserat, quae ego uidendi cupidus accepi et legi, quae tamen nunc Venetiis et ex aedibus Scotti sunt edita, in quibus multam et uariam inueni eruditionem: praeter quam enim, quod herbarum, arborum nomina, quae ibi a Dioscoride ponuntur, multis et uariis idiomatis sunt

²³ A carta de Roberto de Nobili foi publicada modernamente por P. KOLENDIĆ, "Nekoliko pesama humaniste Didaka Pira": *Zbornik Istorija Književnosti Srpske Akademije Nauka i Umjetnosti. Odeljenje literature i jezika* 2. Beograd, »Akademija«, 1961, 46. Antes disso, a carta foi apresentada na biografia do cardeal escrita por Bernardino NARO, *Vita del venerabil servo di Dio cardinale Roberto Nobili, bibliotecario della Santa Romana Chiesa, pronepote del sommo pontefice Giulio* 3. Urbino, nella stamperia della ven. cappella del ss. Sacramento per Antonio Fantauzzi, 1728, 10, bem como na edição das obras do humanista Giulio POGIANO, *Epistolae et orationes olim collectae ab Antonio Maria Gratiano nunca ab Hieronymo Lagomarsino...* Volumen I. Romae, excudebat generosus Salomonius bibliopola, 1762, 4-5.

declarata, sunt in his difficilia in medicina loca et docte et prudenter disputata. Quid multis moror, illis commentariis adductus, uolui experiri an scriptorum doctrina cum ipso homine consentiret, deprehendi hominem longe doctiorem quam eius scripta ostendebant, quem coepi amare ob uirtutes, eratque ipsa amabilis re et nomine, uocatur enim Amatus.²⁴

‘Não há muitos anos veio ter a esta cidade um médico de modo nenhum insignificante, de nacionalidade portuguesa, o qual em tempos escrevera uns comentários sobre Dioscórides de que eu, muito interessado, ouvira falar e li. Foram agora editados em Veneza na tipografia de Scotto. Neles encontrei muita e variada erudição. Com efeito, além de serem dados a conhecer em muitas e várias línguas os nomes de ervas e árvores que lá são apresentados por Dioscórides, os pontos difíceis em medicina são também examinados com saber e prudência. Detendo-me em vários passos, levado por esses comentários, quis verificar se a ciência dos escritores estava de acordo com o próprio indivíduo, concluindo que ele era muito mais sabedor do que se patenteava no seu trabalho escrito. Daí começar eu a estimá-lo pelas suas qualidades, sendo amável de nome e de facto, pois chama-se Amato.’²⁵

Nesta extensa carta, a publicação dos comentários de Amato a Dioscórides mereceu, desde logo, uma recepção muito calorosa da parte de Ambrósio Nicandro, que afirma ter lido em tempos a versão manuscrita, aproveitando para fazer, então, uma recensão muito elogiosa do livro acabado de sair dos prelos venezianos²⁶. As referências ao humanista toledano ocorrem também no próprio livro de comentários a Dioscórides (Veneza, 1553), quando Amato, a propósito do lódão²⁷, afirma ter sido o próprio Ambrósio Nicandro, «uir doctissimus et humanissimus», quem lhe mostrou esta planta, pela primeira vez, durante um passeio em Ancona, na aprazível colina de São Ciriaco²⁸.

Do mesmo modo, a obra poética de Diogo Pires também evidencia, em duas ocasiões, as excelentes relações que este mantinha com Ambrósio Nicandro. Assim, num poema dedicado *Ad Nicandrum*²⁹, integrado na colectânea poética *Cato Minor*, o humanista português lamenta-se de não ter podido visitar o amigo, em Ancona, em razão de uma febre que o assaltara. Mais significativo, ainda, é o facto de uma das dez odes de pendor horaciano que integram os *Lyrice*, no mesmo livro, dirigidas a figuras das relações do poeta eborense, ter sido dedicada também a Ambrósio Nicandro.

²⁴ AMATO LUSITANO, *Amati Lusitani doctoris medici praestantissimi curationum medicinalium centuriae septem, varia multiplicique rerum cognitione refertae et in hac ultima editione recognitae et valde correctae*. Burdigalae, ex typographia Gilberto Vernot, 1620, 359.

²⁵ Reproduz-se a tradução das *Centúrias de Curas Medicinais* de Amato Lusitano (Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, s/d, vol. III, pp. 9-10), da autoria de Firmino CRESPINO, a quem se deve a tradução integral desta obra, feita a partir da edição completa das sete centúrias, publicada em Bordéus, em 1620.

²⁶ Alguns anos mais tarde, o médico Pietro Andrea MATTIOLI tornava pública a sua reacção violenta a esta obra de Amato Lusitano com a publicação da *Apologia adversus Amatum* (Veneza, 1558).

²⁷ *In Dioscoridis*, op. cit., 148 (Lib. I, en. 153: *De loto*).

²⁸ Acerca da rara beleza deste local, muito procurado no tempo de Amato, recomenda-se a leitura dos comentários eruditos de Mario SANTORO, *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1991, 78-81.

²⁹ Diogo PIRES, *Cato Minor siue disticha moralia ad Ludimagistros Olysiipponenses [...]*. Venetiis, apud Felicem Valgrisium, 1596, 162.

TRACTATUS PERUTILIS
ET QUOTIDIANUS, DE ASSECU-
RATIONIBUS ET SPONSIONIBUS MER-

CATORUM à D. PETRO SANTER-

NA LUSITANO J. C.

D. EDITUS.

DE SPONSALIBVS MERCATORVM,

PRIMA PARS.

SUMMARIUM.

- 1 *Mercatores maris pericula pensantes, an res suas in casu adverse fortune per stipulationem tueri possint.*
- 2 *Conventio, qua unus alterius infortunium in se suscipit, pretio periculi convento an licita sit habenda.*
- 3 *Assecurationis materia, an in terris maritimis sit practicable.*
- 4 *Qui res suas per mare deferri patitur, an depauperari dicatur.*
- 5 *Conventio qua quis pretium periculi in se sumit, an de jure valida sit censenda.*
- 6 *Assumere periculum simpliciter in se, non facit illicitam stipulationem.*
- 7 *Assecurationis stipulatio an sit contractus nominatus vel innominatus.*
- 8 *In contractibus innominatis, an susceptio periculi facit illicitam conventionem.*
- 9 *In mutuo semper usura est prohibita secundum canonicos & Theologos.*
- 10 *Distinctio certa circa materiam cap. final. de usur.*
- 11 *Cap. fin. de usur. quomodo à Docto. intelligatur.*
- 12 *Si mutuans pecuniam recipit pretium periculi, & ipsam assecuravit, nec constat de animo, an is ut usurarius sit judicandus.*
- 13 *Animus semper in dubiis bonus presumitur.*
- 14 *Verbum, Censemus, an significat judicare.*
- 15 *Dictio, quoque, an sit implicativa sequentium.*
- 16 *Papa an judicet de occultis.*
- 17 *Intellectus novus cap. fin. mente tenendus.*
- 18 *Verus sensus cap. fin. & communis secundum Doct.*
- 19 *An Papa loquatur in casibus dubiis.*
- 20 *Papa an judicet aliquem in dubio usurarium.*
- 21 *In dubiis an presumatur delictum.*
- 22 *In dubiis semper debemus presumere factum eo modo quo licet.*
- 23 *Facta semper debent intelligi esse concepta bono animo.*
- 24 *Una presumpcio aliam tollit.*
- 25 *Dictiones, quoque, & alix aliquando stant improprie.*
- 26 *Recipiens pecuniam causa portandi ultra mare, si pretium in se accipit, an usurarius sit judicandus.*
- 27 *Omnis usura etiam nautica est prohibita.*
- 28 *Susceptio periculi in se non facit illicitam conventionem.*

PARS PRIMA.

Variis atque assiduis Mercatorum illecebris adductus ego Petrus Santerna Lusitanus utriusque Juris Doctor, ut opusculum de assecurationibus & sponsionibus mercatorum, quæ vulgari sermone Apostolæ nuncupantur, conficerem: et si mihi rem fore arduam,

As breves linhas que precedem o poema traçam um curioso esboço biográfico do humanista espanhol, falecido com mais de 70 anos, durante o pontificado de Paulo IV:

Nicander, homo Hispanus Toleti natus, in miserabili illa sub Borbonio Urbis direptione, bona admisit. Inde in agrum Picenum ueniens, Anconitanam iuuentutem aere publico Graece et Latine docuit. Celebrauit heroico carmine, quod postea edidit, D. Cyriacum illius urbis praesidem atque custodem; moritur septuagenario maior sub Caraffa Pontifice Maximo.³⁰

‘Nicandro, de origem espanhola, nascido em Toledo, perdeu os bens no tristemente célebre saque de Roma, às ordens de [Carlos III de] Bourbon. A seguir, vindo para os campos de Piceno, instruiu com salário público a juventude anconitana na Língua Grega e Latina. Celebrou em carne heróico, que depois publicou³¹, São Ciriaco, patrono e protector daquela cidade; morre com mais de setenta anos sob o pontificado de Caraffa.’

Nesta ode, Diogo Pires celebra a morte do seu querido amigo, desterrado em terra alheia, à semelhança do que fez mais tarde no epitáfio a Amato Lusitano³². A condição de desterrados, afinal, unia estes três amigos na Ancona de Quinhentos.

AS CONEXÕES COM O *TRACTATVS DE ASSECVRATIONIBVS ET SPONSIONIBVS MERCATORVM* DE PEDRO SANTERNA

Até à recente publicação do estudo de Domenico Maffei³³, pouco ou nada se sabia sobre a figura de Pedro Santerna Lusitano, o ilustre autor do tratado de seguros, publicado em Veneza, em 1552, a não ser o que se podia deduzir da própria obra³⁴. Maffei, porém, apresentou novíssimos dados sobre o autor e sobre a génese desta obra, em resultado da descoberta e estudo minucioso de um manuscrito do tratado de Santerna, à guarda da Biblioteca Apostólica Vaticana, datado de 1488³⁵. Além disso, este historiador do direito comprovou também que Pedro Santerna foi aluno

³⁰ *Cato Minor*, op. cit., 189-191.

³¹ Ambrósio Nicandro publicou, de facto, um pequeno livro de poesia em honra de São Ciriaco, de grande raridade, cuja descrição é a seguinte: *Cruix inuenta. Cyriacus discruciatas. Addita est aedis Lauretanae origo*. [Imprimebat Anconae: Gennadius de Monteferrato mag. sen. Anconitani impressor: curarunt tamen imprimendum sumptu publico clariss. ciues Ioan. Baptista Benincasa, Iac. Angelus equites splendidiss. & Iac. Boncamb. Fredduc. IIII viri ab expensis Anconitanae reip., III K. Aprilis 1532].

³² Para uma análise literária da ode a Nicandro e de outros poemas de Diogo Pires, em que a presença da morte é dominante, cf. Carlos Ascenso ANDRÉ, *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra, Minerva, 1992, 404-409. A edição e tradução do epitáfio de Amato foram publicadas por Américo da Costa RAMALHO, *Latim renascentista em Portugal* (antologia). Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – I.N.I.C., 1985, 216-217.

³³ D. MAFFEI (1982) 703-728.

³⁴ Uma relação pormenorizada das edições do tratado de Pedro Santerna, tanto independentes como em conjunto com o *De mercatura seu de mercatore tractatus* de Benvenuto Stacca, pode ser encontrada em D. MAFFEI (1982) 716-718, n. 32. A este respeito, veja-se também a nótula de M. L. SOARES (1995) 99-101.

³⁵ Ms. Vat. Lat. 5922 (*Tractatus de assecurationibus et fideiessionibus mercatorum do: lusitani*). Veja-se a descrição e análise minuciosa do manuscrito do tratado de Pedro Santerna em D. MAFFEI (1982), *maxime* 704-706 e 728.

na Universidade de Perugia, uma vez que foi escolhido, juntamente com o seu colega Tommazo Diplovatazio, pelo mestre Baldo Bartolini como testemunha do doutoramento do seu filho Mariano Bartolini, em Junho de 1489³⁶. Estes são os primeiros dados externos ao tratado, publicado em letra de forma muito depois da sua composição, que permitem integrar, pela primeira vez, o seu autor num tempo e num espaço específicos.

Entre a redacção do manuscrito do tratado de Pedro Santerna (1488) e a sua primeira edição (Veneza, 1552), transcorreram cerca de 64 anos, tendo-se entretanto perdido o rasto do seu autor, muito provavelmente em consequência da sua morte. Convém, pois, indagar que razões terão estado por detrás do reaparecimento do tratado do jurisconsulto português, em meados do século XVI, nas mãos de uma família de Ancona, e terão favorecido a sua edição e publicação. Procurar-se-á, tanto quanto possível, dar resposta a estas questões, à luz do estudo das relações existentes entre o editor e o dedicatário do tratado, por um lado, e os elementos do círculo literário já descrito, por outro, sobretudo no que concerne aos dois membros da família Pires, Amato Lusitano e Diogo Pires, e a Ambrósio Nicandro de Toledo.

O tratado de Pedro Santerna apresenta uma dedicatória, dirigida a Vincenzo de Nobili, governador de Ancona, assinada por um quase desconhecido Gianbattista Trionfi (Ioannes Baptista Triumphus), advogado de Ancona. O dedicatário apresenta-se, inequivocamente, como editor do tratado, afirmando ter consagrado muito do seu tempo e esforço («una cum nonnullis meis laboribus ac uigiliis») a preparar a edição do livro do jurisconsulto português. Por outra parte, Benvenuto Stracca, famoso advogado anconitano, publica o célebre *De mercatura seu de mercatore tractatus*³⁷, em 1553, no ano seguinte ao do jurisconsulto português. Nesta obra, afirma ter tido conhecimento do manuscrito do tratado de Pedro Santerna, de que faz inclusivamente uso em algumas passagens. O tratadista anconitano permite-se, aliás, tecer algumas considerações sobre a melhor forma de editar o manuscrito, revelando tê-lo consultado com o consentimento do possuidor, o reverendo Pietro Trionfi³⁸. A verdade, porém, é que essa tarefa coube ao seu colega Giambattista Trionfi, «aduocatus Anconae ac Doctor minimus».

Convém notar que Benvenuto Stracca, nascido numa família de mercadores, é figura bem conhecida de Ambrósio Nicandro, porquanto foi um dos alunos do humanista toledano³⁹. O tratado *De mercatura seu de mercatore* abre precisamente com dois poemas laudatórios de Ambrósio

³⁶ Cf. D. MAFFEI (1982) 709-710. As referências feitas no esboço autobiográfico de Diplovatazio comprovam a participação do português como testemunha do doutoramento e, além disso, atribuem-lhe, sem margem para dúvidas, a autoria do tratado de seguros marítimos («...electus fui ab ipso domino Baldo insimul cum domino Petro Portugalensi doctissimo scholari, qui tractatum de securitate navium composuit...»).

³⁷ B. STRACCA, *De mercatura, seu mercatore tractatus*. Venetiis, 1553. Esta é a primeira edição deste célebre tratado, que foi publicado várias vezes em conjunto com o de Pedro Santerna, a partir de 1556.

³⁸ Para uma análise deste passo e das variantes nas diversas edições do tratado de Benvenuto Stracca, cf. D. MAFFEI (1982) 718-719, n. 34.

³⁹ Cf. M. SANTORO (1991) 27.

Nicandro, que atribui ao antigo discípulo o título de «honor Anconae et gloria rara fori»⁴⁰. É claro que Stracca não podia desconhecer o círculo literário, em cujo centro estava o seu velho mestre de línguas clássicas, como não podia desconhecer a existência em Ancona de um conjunto alargado de famílias de mercadores portugueses de grosso trato, com larga experiência, adquirida nas maiores praças do velho e do novo mundo. Diogo Pires e Amato Lusitano, o poeta e o médico, pertencem a uma dessas famílias, em cuja direcção esteve até à morte, nos autos-de-fé de Ancona, em 1556, o mercador Henrique Pires⁴¹.

Benvenuto Stracca conhece, de facto, os elementos do círculo literário referido. A comprovação surge, inequívoca, num texto do próprio jurisconsulto anconitano, a que até agora não se havia prestado a devida atenção⁴². Trata-se da dedicatória do *De nautis, nauibus et navigatione tractatus*⁴³ ao jovem Roberto de Nobili, que estava prestes a ascender à púrpura cardinalícia (22/12/1553), sendo mais tarde um dos primeiros bibliotecários da Biblioteca Apostólica Vaticana, nomeado por Paulo IV (1555-1559)⁴⁴. É sabido que Vincenzo de Nobili pretendeu proporcionar ao filho uma esmerada educação humanística, servindo-se para isso de alguns mestres de renome, como Ambrósio Nicandro, Giulio Pogiani, Girolamo Ponzio e Dionisio Lippio. Nesta dedicatória, Stracca tece rasgados elogios ao jovem que se faz rodear de homens das letras. O próprio Roberto de Nobili o diz, como vimos antes, na carta ao procurador paterno em favor de Diogo Pires. Porém, é muito significativo que sejam nomeadas na dedicatória de Stracca apenas três figuras centrais na formação humanística do distinto discípulo, estando à cabeça Ambrósio Nicandro, seguido do próprio Diogo Pires e de Dionisio Lippio⁴⁵:

Habes namque praeceptores optimos doctissimosque uiros et famae haud obscurae, Nicandrum Toletanum, Didacum Lusitanum⁴⁶ et Dionysium, habes aetatem oportunissimam, etenim in graecarum

⁴⁰ B. STRACCA, *De mercatura, seu mercatore tractatus*. Venetiis, 1553, fl. *1v.

⁴¹ Sobre a acção determinante desta figura destacada da Nação Portuguesa, cf. A. M. L. ANDRADE, "Pires, Henrique": *Dizionario storico dell'Inquisizione*, diretto da Adriano Prosperi con la collaborazione di Vincenzo Lavenia e John Tedeschi. Pisa, Edizioni della Normale, 2010, vol. III, 1225.

⁴² Refira-se, porém, que este texto foi mencionado de passagem a propósito de Ambrósio Nicandro, ainda que sem a identificação do *Didacus Lusitanus*, na obra de Francisco Javier LAMPILLAS, *Ensayo historico-apologético de la literatura española contra las opiniones preocupadas de algunos escritores modernos italianos...* Parte segunda de la literatura moderna. Tomo segundo traducido del italiano al español por D^{ña}. Josefa Amar y Borbon. Zaragoza, en la oficina de Blas Miedes, 1784, 317.

⁴³ Este tratado integra o *De mercatura, seu de mercatore tractatus* (Veneza, 1553, 123r-171r), não possui frontispício independente, mas tem dedicatória própria.

⁴⁴ Roberto de Nobili é o segundo cardeal bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana, onde curiosamente se encontra o manuscrito do tratado de Pedro Santerna.

⁴⁵ Identificamos o "Dionysium" referido na dedicatória com o humanista Dionisio Lippio, preceptor de Roberto de Nobili.

⁴⁶ Deve notar-se que o gentílico *Lusitanum*, associado ao nome de Diogo Pires na primeira edição do tratado de Stracca (Veneza, 1553), surge corrompido em várias edições subsequentes, sob a forma *Lusitandum*, nomeadamente nas duas saídas a lume em Lião, em 1556. Não nos surpreenderia que houvesse nesta alteração o propósito de dissociar o nome do poeta português tanto da obra do jurisconsulto anconitano quanto da figura do jovem cardeal, na sequência do longo e conturbado processo que conduziu aos autos-de-fé dos cristãos-novos portugueses no final da Primavera de 1556. Entre as quase três dezenas de mártires, estava Henrique Pires, o pai de Diogo Pires e tio de Amato Lusitano.

latinarumque litterarum studio tantum profecisti quantum ea aetate nemo unquam alius habes parentem tui cupidum atque amantissimum, et qui te semper ad bona studia hortatur et monet...⁴⁷

‘Tens, é certo, óptimos e doutíssimos preceptores e de não obscura fama, Nicandro de Toledo, Diogo [Pires] Lusitano e Dionisio [Lippio], tens, na verdade, uma idade muito favorável, tiveste êxito no estudo das letras gregas e latinas, tanto quanto nesta idade nunca alguém logrou alcançar, tens um pai amigo e que muito te ama e que sempre te exorta e incita aos bons estudos...’

Voltemos, agora, a nossa atenção para o tratado de Pedro Santerna, em particular para a figura de Gianbattista Trionfi, sem nunca perdermos de vista os restantes dados desta complexa equação, cuja solução se encontrará, decerto, algures na aprazível cidade de Ancona de meados de Quinhentos. As figuras do editor do tratado (Gianbattista Trionfi) ou do possuidor do manuscrito (Pietro Trionfi), que partilham o mesmo apelido, não foram, que saibamos, identificadas com precisão, mas é muito provável que façam parte da mesma família⁴⁸. Muito menos se sabe como é que o manuscrito do tratado surge nas mãos desta família anconitana, apesar de haver quem sugira, embora sem fundamento documental, que Pedro Santerna teria sido um agente da família Trionfi, a qual teria ficado, por isso, na posse do manuscrito⁴⁹.

Não temos a pretensão, evidentemente, de conseguir esclarecer totalmente as muitas dúvidas em que está envolvido o percurso do manuscrito e o seu autor. Estamos em crer, porém, que a resposta a estas e outras questões advirá do avanço do conhecimento sobre o estabelecimento e as actividades da Nação Portuguesa de Ancona, após a perda definitiva da independência do ducado, com a passagem ao domínio papal, em 1532.

Alguns anos antes de Hércules II ter procurado atrair para os seus domínios os mercadores cristãos-novos portugueses, estantes nas praças do norte da Europa, as autoridades responsáveis pelo novo estado papal desencadearam algumas acções semelhantes, embora de menor dimensão, junto dos mesmos destinatários. Os predecessores de Paulo IV, interessados sobremaneira no desenvolvimento económico de Ancona, favoreceram a vinda dos cristãos-novos portugueses para a cidade dórica através da concessão de privilégios e liberdades assinaláveis⁵⁰. Entre 1532 e 1533, houve várias famílias que responderam afirmativamente aos primeiros apelos, materializados na carta-patente do cardeal Benedetto Accolti a favor dos mercadores «Levantini, Turchi, Greci, Ebrei»⁵¹, tendo enviado para Ancona representantes das suas casas comerciais, cuja sede estava,

⁴⁷ *De nautis, nauibus et nauigatione tractatus*: B. STRACCA, *De mercatura, seu mercatore tractatus*. Venetiis, 1553, 133v.

⁴⁸ Vejam-se os escassos dados coligidos e as hipóteses colocadas por D. MAFFEI (1982) 716-723, em particular as notas 34 e 39.

⁴⁹ Filippo M. GIOCHI – Alessandro MORDENTI, *Annali della tipografia in Ancona. 1512-1799*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1980, xlvii (Sussidi eruditi, 35).

⁵⁰ Sobre os privilégios atribuídos aos cristãos-novos portugueses pelos antecessores de Paulo IV, cf. A. TOAFF (1989) 115-137; S. SIMONSOHN (1985) 234-267; Renata SEGRE (1985) 130-132; A. di LEONE LEONI (2000) 47-54 e 65-68; V. BONAZZOLI (2001-2002) 9-11.

⁵¹ A carta-patente do cardeal Benedetto Accolti, primeiro governador pontifício de Ancona, em 1532, foi publicada por P.-M.-N.-J. GÉNARD (s. d., circa 1870) 247-249 (*Vrijbrief van Kardinaal Benedictus de Accoltis – 21/09/1532*); A. di LEONE LEONI (2000) 87-88, doc. 1.

então, estabelecida na Flandres, em Inglaterra ou mesmo em Portugal. A família Pires foi uma das primeiras a estabelecer-se em Ancona, em 1533, através da viúva Dona Guiomar, quando Henrique Pires ainda permanecia em Portugal na companhia do filho, Diogo Pires, e do sobrinho, Amato Lusitano. Esta deslocação de pessoas e de capitais para Ancona e o início imediato das operações comerciais exigiram, naturalmente, a aquisição e a contratação de um conjunto de bens e serviços junto das entidades existentes na cidade, mormente junto de notários, advogados e tribunais, para registo e salvaguarda dos interesses e dos negócios dos mercadores recém-chegados⁵². Nos anos seguintes, a comunidade judaico-portuguesa foi crescendo e ganhando uma importância e notoriedade cada vez maior, fruto da sua notável capacidade, experiência e perfeita articulação em intrincadas redes familiares, que operavam activamente nas maiores praças, desde Portugal até ao Império Otomano.

Ora, os contactos entre mercadores da Nação Portuguesa e vários membros da família Trionfi, a que pertence o editor do tratado, recuam até 1532, quando em Janeiro desse ano o mercador Gomes Rodrigues de Lisboa «acquistò dal mercante Gerolamo Trionfi una casa sita in Ancona in parrocchia San Nicola (vicino alla sinagoga degli Ebrei italiani), al prezzo di 800 scudi d'oro»⁵³; em 1539, o mesmo Gerolamo Trionfi de Ancona assume uma dívida para com Fernando Álvares, como forma de pagamento de «pannillani detti di Carcassona» adquiridos ao mercador português⁵⁴; em 18 de Fevereiro de 1552, o nome do mercador Antonio Trionfi surge num extenso rol de credores cristãos e judeus de uma sociedade falida (mais de 70% dos créditos eram detidos por judeus portugueses)⁵⁵; em Março de 1555, o mesmo mercador anconitano surge como fornecedor de tecidos importados ao cristão-novo português Jacob Mozzo, agente de Beatriz de Luna e um dos mártires dos autos-de-fé de 1556⁵⁶. Mais significativo, ainda, é o facto de Estêvão Pires, «Ancone degens», em Agosto de 1540, ter nomeado como procurador o mercador Giovanni Trionfi de Ancona (nome quase igual ao do editor), para o representar numa causa contra Bernardo Rodrigues⁵⁷. Importa notar que Estêvão Pires (primo de Amato e de Diogo Pires) é, juntamente com Henrique Pires, um dos líderes da Casa Pires, tendo representado superiormente os interesses da família em

⁵² Sobre os traços característicos da cultura comercial da comunidade judaico-portuguesa de Ancona, marcada pelo «ricorso al notariato per la registrazione di costituzioni di società, trasferimenti di obbligazioni, stipulazioni di contratti di assicurazione o di cambio, vendite a termine, fideiussione, ecc.», cf. V. BONAZZOLI (1987) 740-746.

⁵³ Archivio di Stato di Ancona, not. A. Pavesi, reg. 950, fl. 15v: *Emptio Domus Gomes Rodrigues Hispani*. Sobre os pormenores deste contrato, cf. A. di LEONE LEONI (2000) 29. Sobre o percurso e actividades do mercador Gomes Rodrigues de Lisboa, cf. A. di LEONE LEONI (2011) 164-167; V. BONAZZOLI (2001-2002) 10-13. Esta investigadora refere-se a Gerolamo Trionfi como «esponente ragguardevole del patriato mercantile anconetano».

⁵⁴ Cf. V. BONAZZOLI (2001-2002) 20, n. 47.

⁵⁵ Cf. V. BONAZZOLI (1987) 728 e 750-751, n. 10.

⁵⁶ Cf. A. di LEONE LEONI (2011) 201, n. 83.

⁵⁷ Cf. A. di LEONE LEONI (2011) 269 e 677, doc. 161; V. BONAZZOLI (2001-2002) 33.

Antuérpia, onde recebeu em finais de 1534 o próprio Amato Lusitano, saído de Portugal por ordem do tio materno, Henrique Pires⁵⁸.

Não sabemos, é certo, qual a relação exacta entre todos estes mercadores anconitanos e Gianbattista Trionfi, o editor do tratado de Pedro Santerna, mas é muito provável que estejamos na presença da mesma família, pois todos são naturais da cidade dórica e partilham o apelido Trionfi. Coloca-se também a hipótese de o mercador Giovanni Trionfi poder ser identificado com o editor, dada a semelhança entre os nomes de ambos⁵⁹. Seja como for, o editor Gianbattista Trionfi não desconheceria nem os principais nomes da comunidade judaico-portuguesa, que operavam na cidade há décadas e eram presença quotidiana junto dos notários e advogados da praça, nem, como é forçoso, os membros do já referido círculo literário, a que o seu colega Benvenuto Stracca alude na dedicatória a Roberto de Nobili.

As nossas suspeitas de que o mercador Giovanni Trionfi possa ser identificado com o editor do tratado de Pedro Santerna (Ioannes Baptista Triumphus) adensam-se por haver notícia da existência de um advogado também chamado Giovanni Trionfi. Com efeito, em 1542, o mercador Sebastião Rodrigues Pinto, em Ferrara, nomeia como procuradores o advogado Giovanni Trionfi e o judeu português Iacob Gabalho para o representarem na disputa com Francisco de Oliveira, residente em Ancona, delegando poderes para que ambos pudessem intervir em seu nome diante do prefeito ou do governador desta cidade⁶⁰. Sebastião Rodrigues Pinto, membro de uma notável família de cristãos-novos portugueses, proveniente da comunidade de Londres⁶¹, estabelece-se em Ferrara no início da década de 40, onde intervém mais tarde a favor dos Pires junto de Hércules II, garantindo dessa forma o pagamento das dívidas resultantes da falência da sociedade comercial entre Henrique e Estêvão Pires e o próprio duque. Ainda em Ferrara, Diogo Pires publica, no seu primeiro livro de poesia, uma carta⁶², datada dos Idos de Janeiro de 1542, dirigida ao próprio Sebastião Rodrigues Pinto, em casa de quem afirma ter recitado o extenso poema *Caroli V Imperatoris ex Algeria urbe reditus*⁶³, inspirado no regresso de Carlos V de Argel.

⁵⁸ Sobre a forma como Amato Lusitano abandonou Portugal rumo a Antuérpia, onde foi acolhido por Estêvão Pires e alvo de um processo, acusado de emigração ilegal, em finais de 1534, cf. A. M. L. ANDRADE, "Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia": I. O. CASTRO – V. ANASTÁCIO (coord.), *Revisitar os Saberes – Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, 9-49.

⁵⁹ No que respeita à onomástica italiana, convém recordar que Gianbattista Trionfi é igual a Giovanni Battista Trionfi (Ioannes Baptista Triumphus), que pode ser o mesmo que simplesmente Giovanni Trionfi.

⁶⁰ Cf. A. di LEONE LEONI (2011) 269 e 677, doc. 161.

⁶¹ Sobre a constituição e actividades comerciais da poderosa família Pinto por toda a Europa, cf. V. BONAZZOLI (2001-2002) 13-14; A. di LEONE LEONI (2011) 296-299.

⁶² Diogo PIRES, *Carminum Liber Vnus. Ferrariae*, apud Franciscum Rubrium, 1545, fls. Aiiiv-Aiiiiiv.

⁶³ *Carm.*, fls. Biv-Ciiii.



A. Palazzo del capitan	N. Palazzo di S. Luce	PA. Cantiera di S. Felice	OO. Porcella
B. Palazzo di S. Maria	O. Palazzo di S. Agostino	CC. Chiesa di S. Maria	PP. La chiesa di S. Maria
C. Palazzo di S. Pietro	F. La Piazza di S. Marco	DD. La chiesa di S. Pietro	QQ. Porcella alla legge
D. Palazzo di S. Paolo	Q. Il Palazzo di S. Giovanni	EE. Il Palazzo di S. Paolo	RR. Porcella della chiesa
E. Palazzo di S. Andrea	R. La Piazza di S. Andrea	FF. La chiesa di S. Andrea	S. Porta Pia
F. Palazzo di S. Luca	S. Il Palazzo di S. Luca	GG. Cantiera di S. Andrea	SS. Chiesa di S. Andrea
G. Palazzo di S. Matteo	T. La Piazza di S. Matteo	HH. Palazzo di S. Matteo	TT. Palazzo di S. Matteo
H. Palazzo di S. Giacomo	V. Il Palazzo di S. Giacomo	II. Palazzo di S. Giacomo	UU. Palazzo di S. Giacomo
I. Palazzo di S. Filippo	X. Il Palazzo di S. Filippo	KK. Palazzo di S. Filippo	LL. Palazzo di S. Filippo
L. Palazzo di S. Nicola	Z. Palazzo di S. Nicola	MM. Palazzo di S. Nicola	NN. Palazzo di S. Nicola
M. Palazzo di S. Antonio	AA. Palazzo di S. Antonio		

ANCONA civitas Pneni cel
 Adriaticum posita, nobilissimo p
 non extat in tota Italia comm
 Nomen habet a situ, qui cubiti
 Meriaturà est infionis frum
 vino, reliquisq; ad humanum e
 vetus fatem undique redolet



eberrima, ad mare
 ortu est ornata, quo
 odior neq; capacios.
 flexuram refert,
 ento abundat et
 nifum necessarijs,

- | | | | |
|--------------------------------|--|------------------------|-----------------------|
| 7 S. Bartholomeo vesco monast. | 19 S. M ^o all' misericordia | 31 S. Rosa | 33 S. Lillo |
| 8 S. Maria noua | 20 S. Spirito | 32 S. Agostino | 29 S. Giovanni alcola |
| 9 S. Catarina | 21 S. Ermano | 33 S. Lino | 28 S. Crispino. |
| 10 S. Tancolo | 22 S. Giorgio | 34 S. Licio | |
| 11 S. Antonio | 23 S. Pietro | 35 S. Liberata uis. | |
| 12 S. Sebastiano | 24 S. Orsola | 36 S. Francesco zepoli | |
| 13 S. Spirito all' alla morte | 25 S. Niccolò | 37 S. Martino | |
| 14 S. Anna | 26 S. Jacovonana | 38 S. Maria del verde | |
| 15 S. Franc. | 27 S. Spirito | 39 S. Marco | |
| 16 S. Spirito vecchio | 28 S. M ^o alla Vigna | 40 S. Luca | |
| 17 S. Pellegrino | 29 S. Alfraso ^o e moree | 41 S. Claudio badia | |
| 18 S. Nefina | 30 S. M ^o d' A. P. | 42 S. Giovanni | |

Cum Perulicis

ANCONA NA 2ª METADE DO SÉC. XVI.
 IN
 BRAUN, GEORG, ET AL. - CIVITATES ORBIS
 TERRARVM: LIBER PRIMVS [-TERTIVS].
 COLONIAE AGRIPPINAE: APVD
 GODEFRIDVM KEMPENSEN, 1582.
 BPMP RES-XVI-C-4

Não é de excluir a possibilidade de tanto o mercador como o advogado, ambos nomeados como Giovanni Trionfi, serem a mesma pessoa. Alguns anos mais tarde, em meados da década de 50, estão atestadas mais ocorrências deste mesmo nome, desta feita atribuído a um indivíduo associado à representação e defesa dos superiores interesses da cidade de Ancona. A ascensão de Paulo IV, no final da Primavera de 1555, trouxe uma profunda alteração na política da Cúria romana, até então favorável aos cristãos-novos portugueses estabelecidos há mais de duas décadas no estado papal⁶⁴. No dia 25 de Maio de 1555, Giovanni Trionfi foi um dos embaixadores enviados a Roma, em representação de Ancona, para festejar a ascensão ao sólio pontifício do cardeal Caraffa⁶⁵. Pouco tempo depois, em meados de Agosto, quando estavam já em marcha as primeiras detenções, torturas e interrogatórios dos mercadores portugueses, a mando dos comissários pontifícios, o “Consiglio di Ancona”, perante a difícil situação que se vivia na cidade, decidiu enviar a Roma o mesmo Giovanni Trionfi, para rogar ‘la conservazione et utile delle nostre doane, mercantie, traffico et commercio’⁶⁶.

As relações comprovadas entre os mercadores portugueses, incluindo a família Pires, e o advogado/mercador Giovanni Trionfi, bem como o aparecimento de um outro Giovanni Trionfi em defesa dos interesses de Ancona (e dos próprios mercadores portugueses que viram os seus bens apresados pelos comissários pontifícios) revelam uma grande proximidade entre a comunidade judaico-portuguesa e a família Trionfi. Admitimos que mercador, advogado e embaixador podem ser a mesma pessoa, não excluindo mesmo que seja o próprio editor do tratado de Pedro Santerna⁶⁷. As relações muito próximas entre os mercadores portugueses e a família Trionfi justificam, de alguma forma, que a edição do tratado seja entregue ao cuidado do advogado Gianbattista Trionfi, em detrimento do seu colega Benvenuto Stracca. Não consideramos descabido que o próprio manuscrito do tratado de Pedro Santerna possa ter chegado às mãos da família Trionfi através dos judeus portugueses estabelecidos em Ancona, desde o início da década de trinta. É muito provável, até, que possam ter sido mercadores portugueses a insistir com Gianbattista Trionfi para que este editasse um tratado, cuja utilidade se mantinha bem actual, não obstante as várias dezenas de anos transcorridas desde a sua redacção. A comunidade judaico-portuguesa tinha um interesse prático na edição do tratado e tinha condições para o patrocinar, tanto mais que o livro havia sido escrito por um conterrâneo. E, neste aspecto, convém não descurar a influência que os membros

⁶⁴ A bibliografia exaustiva sobre a perseguição e a condenação dos judeus portugueses, em Ancona, sob o pontificado de Paulo IV, pode ser encontrada em P. C. IOLY ZORATTINI (2001-2002) 39-40, n. 2. Mais recentemente, A. di LEONE LEONI (2011) 487-523, dedicou dois capítulos da sua obra monumental à tragédia de Ancona.

⁶⁵ Cf. R. SEGRE (1985) 130-132. Os embaixadores de Ancona, Angelo Ferretti e Giovanni di ser Calisto Trionfi, são descritos como «Membri di due fra le principal famiglie del patriziato anconetano» (131, n.1).

⁶⁶ Cf. R. SEGRE (1985) 138-140.

⁶⁷ Estamos em crer que uma investigação mais aprofundada no âmbito da história da cidade, em particular nos valiosos fundos do Arquivo de Estado de Ancona, poderá fornecer respostas mais concretas sobre a família Trionfi.

do círculo literário, sobretudo Diogo Pires e Ambrósio Nicandro, devem ter exercido para que o tratado de Pedro Santerna viesse a lume, tanto junto da comunidade judaico-portuguesa como das mais altas autoridades da cidade, com quem privavam.

5. CONCLUSÃO

A experiência e o saber que estes mercadores detinham no comércio internacional eram notáveis, fosse nos tradicionais produtos portugueses⁶⁸, fosse nos que provinham dos novos domínios, e desenvolveram-se bastante com o início da expansão, ainda no século XV, alcançando o apogeu com a descoberta do caminho marítimo para a Índia, em 1498. Assim se compreende que o emporio de Lisboa seja uma referência central no tratado de Pedro Santerna, como é compreensível que nunca surja referenciada expressamente a praça de Antuérpia, numa época em que as diversas nações de mercadores estavam ainda estabelecidas sobretudo em Bruges⁶⁹.

Seja no tempo em que o tratado de Pedro Santerna foi redigido (1488), seja no tempo em que foi editado (1552), as actividades marítimas estiveram sempre no centro do negócio, do poder e do saber. Houve, por isso, significativos avanços científicos em várias artes, ciências e técnicas, directa ou indirectamente relacionadas com a navegação e com o comércio, numa época em que Portugal, na feliz expressão camoniana, dava novos mundos ao mundo. Os humanistas portugueses deram, como é evidente, um contributo decisivo num tempo em que a modernidade despontava. Aqui se inscreve o notável contributo do juriconsulto Pedro Santerna, homem de negócios e diplomata, que compõe o tratado de seguros marítimos⁷⁰ a pedido de alguns mercadores seus amigos, a cujas questões e problemas, fundados em casos práticos, ele procurou dar a melhor resposta:

Variis atque assiduis mercatorum illecebris adductus, ego Petrus Santernus (sic) Lusitanus utriusque Iuris Doctor ut opusculum de assecurationibus et sponsionibus mercatorum, quae vulgari sermone *apostae* nuncupantur conficerem, etsi mihi rem fore arduam magnique laboris, et cunctis hominibus, quoquomodo prodesse non dubitarem, cum tamen pro comperto haberem, materiam ipsam, et illis ceterisque amicis nostris fore admodum fructuosam, pro uiribus nostris, eorum uotis ac postulationibus minime deesse uolui.⁷¹

⁶⁸ O próprio Amato Lusitano, pouco tempo depois de chegar a Antuérpia, ainda sob o nome de João Rodrigues, celebra dois contratos de afretamento com mestres da Bretanha no Verão de 1535, para a importação de figos e outras mercadorias do Algarve. Veja-se a edição dos documentos em A. M. L. ANDRADE, "Ciência, Negócio e Religião...", op. cit., 47-49, doc. 3 e 4.

⁶⁹ No seguimento das rebeliões flamengas de 1484 e 1488, cujo epicentro se localizou em Bruges, a colónia portuguesa, anteriormente aí estabelecida, foi a primeira a mudar-se de forma gradual para Antuérpia, onde já estava instalada por volta de 1496. A Feitoria de Flandres transfere-se também para Antuérpia, onde passa a residir o feitor régio. Sobre a orgânica, o funcionamento e as actividades da Feitoria portuguesa, cf. A. B. FREIRE (1920).

⁷⁰ Para um enquadramento histórico e jurídico dos seguros marítimos em Portugal nos séculos XV e XVI, cf. E. V.-C. PINTO (1998) 257-290. Veja-se também o estudo notável de H. CASADO ALONSO (2003) centrado na análise de centenas de apólices de seguros marítimos referentes ao comércio português, registadas em Burgos na segunda metade de Quinhentos.

⁷¹ PEDRO DE SANTARÉM (1552), fl. 3v.

‘Eu Pedro de Santarém, português, doutor em ambos os Direitos, instado várias e frequentes vezes por mercadores meus amigos, para fazer um opúsculo sobre os seguros e promessas dos mercadores, que em linguagem vulgar se chamam *apostas*, embora não duvidasse da grande e árdua dificuldade da matéria e da sua utilidade para todos os homens, não quis de modo algum e na medida das minhas posses frustrar os seus desejos e rogos, convencido, como estou, de que o seu conhecimento será em extremo frutuoso, tanto para eles como para outros amigos nossos.’⁷²

Fosse em Lisboa, fosse em Antuérpia, fosse em Veneza, em qualquer porto comercial⁷³, haveria sempre mercadores e marinheiros portugueses interessados na matéria do tratado de Pedro Santerna.

A cidade de Ancona, em meados de Quinhentos, não foi exceção.

⁷² Tradução de Miguel Pinto de Meneses, PEDRO DE SANTARÉM (2007).

⁷³ Recordemos a figura do navegador português Rafael Hytlodeu, protagonista da *Utopia* de Thomas More, cujo peregrinar pelas praças mais importantes da Europa, de Antuérpia a Lisboa, é bem o retrato deste tempo novo. Cf. Thomas MORE, *Utopia ou a melhor forma de governo*. Tradução, com prefácio e notas de comentário de Aires A. Nascimento. Estudo introdutório de José V. de Pina Martins. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009 (2.^a edição revista).

BIBLIOGRAFIA

- AMATO LUSITANO, *Amati Lusitani doctoris medici praestantissimi curationum medicinalium centuriae septem, varia multiplicique rerum cognitione refertae et in hac ultima editione recognitae et valde correctae*. Burdigalae, ex typographia Gilberto Vernot, 1620.
- AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, prima et secunda, multiplici variaque rerum cognitione refertae*. Parisiis, apud Sebastianum Niuellium, 1554.
- AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, tertia et quarta hac (quam uides)enchoridii forma nunc primum editae, addito indice copiosissimo*. Lugduni, apud Ioannem Franciscum de Gabiano, 1556.
- AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae doctoris Amati Lusitani medici ac philosophi celeberrimi, quibus non solum Offinarum Seplasiariis, sed bonarum etiam literarum studiosis utilitas adfertur, quum passim simplicia Graecae, Latinae, Italicae, Hispanicae, Germanicae, et Gallicae proponantur*. Venetiis, [apud Gualterum Scotum], 1553.
- AMATO LUSITANO, *Centúrias de Curas Medicinaiis*. Volume I [-IV]. Prefácio e tradução Firmino Crespo. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, s/d [4 vols.].
- AMZALAK, M. B., *O tratado de seguros de Pedro de Santarém*. Lisboa, 1958.
- ANDRADE, A. M. L., “Pires, Henrique”: *Dizionario storico dell’Inquisizione*, diretto da Adriano Prosperi con la collaborazione di Vincenzo Lavenia e John Tedeschi. Pisa, Edizioni della Normale, 2010, vol. III, 1225.
- ANDRADE, A. M. L., “Amato Lusitano em Ancona: a tragédia da família Pires”: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 26 (2012) 20-27.
- ANDRADE, A. M. L., “Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia”: CASTRO, I. O. – ANASTÁCIO, V. (coord.), *Revisitar os Saberes – Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, 9-49.
- ANDRADE, A. M. L., “De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família”: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 25 (2011) 5-16.
- ANDRADE, A. M. L., *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas, 2005 (reprodução policopiada – dissertação de doutoramento).
- ANDRÉ, C. A., *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra, Minerva, 1992.
- BONAZZOLI, V., “Ebrei italiani, portoghesi, levantini sulla piazza commerciale di Ancona intorno alla metà del Cinquecento”: Gaetano Gozzi (a cura di), *Gli Ebrei e Venezia: secoli XIV-XVIII*. Atti del Convegno internazionale organizzato dall’Istituto di storia della società e dello stato veneziano della Fondazione Giorgio Cini (Venezia, Isola di San Giorgio Maggiore, 5-10 giugno 1983). Milano, Edizioni Comunità, 1987, 727-770.
- BONAZZOLI, V., “Una identità ricostruita. I portoghesi ad Ancona dal 1530 al 1547”: *Zakbor – Rivista di Storia degli Ebrei d’Italia* 5 (2001-2002) 9-38.
- CASADO ALONSO, Hilario, “Los seguros marítimos de Burgos. Observatorio del comercio internacional portugués en el siglo XVI”, *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto, III Série, vol. 4 (2003) 213-242.
- DELUMEAU, J., “Un ponte fra Oriente e Occidente: Ancona nel Cinquecento”: *Quaderni Storici* 13 (1970) 26-47.
- DIAS, J. J. A., *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal – Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos – Centro de Estudos Históricos da Univ. Nova de Lisboa, 2011.
- FREIRE, A. B., *Notícias da Feitoria de Flandres*. Lisboa, Arquivo Histórico Português, 1920.
- GÉNARD, P.-M.-N.-J., “Personen te Antwerpen in de XVIe eeuw, voor het «feit van religie» gerechtelijk vervolgd. Lijst en ambtelijke bijhorige stukken”: *Antwerpsch Archievenblad/Bulletin des Archives d’Amers* 7 (s. d., circa 1870) 114-472.
- GIOCHI, F. M. – MORDENTI, A., *Annali della tipografia in Ancona*. 1512-1799. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1980, xlvii (Sussidi eruditi, 35).
- GIRALDI, L. G., *Due dialoghi sui poeti dei nostri tempi*. A cura di Claudia Pandolfi. Presentazione di Walter Moretti. Ferrara, Corbo, 1999.

- IOLY ZORATTINI, P. C., “Ancora sui giudaizzanti portoghesi di Ancona (1556): condanna e riconciliazione”: *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d’Italia* 5 (2001-2002) 39-51.
- KOLENDIĆ, P., “Nekoliko pesama humaniste Didaka Pira”: *Zbornik Istorija Književnosti Srpske Akademije Nauka i Umjetnosti. Odeljenje literature i jezika* 2. Beograd, »Akademija«, 1961, 1-47.
- LAMPILLAS, F. J., *Ensayo histórico-apologético de la literatura española contra las opiniones preocupadas de algunos escritores modernos italianos... Parte segunda de la literatura moderna. Tomo segundo traducido del italiano al español por D^a. Josefa Amar y Borbon. Zaragoza, en la oficina de Blas Miedes, 1784.*
- LEONE LEONI, A. di, “Per una storia della nazione portoghese ad Ancona e a Pesaro”: P. C. IOLY ZORATTINI (a cura di), *L’identità dissimulata: giudaizzanti iberici nell’Europa cristiana dell’età moderna*. Firenze, L. S. Olschki, 2000, 27-97.
- LEONE LEONI, A. di, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559): I suoi rapporti col governo ducale e la popolazione locale ed i suoi legami con le Nazioni Portoghese di Ancona, Pesaro e Venezia*. Tomo I [-III]. A cura di Laura Graziani Secchieri. Firenze, Leo S. Olschki, 2011.
- MAFFEI, D., “Il giureconsulto portoghese Pedro de Santarém autore del primo trattato sulle assicurazioni (1488)”: *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, vol. LVIII (1982) 703-728 (*Estudos em homenagem aos Profs. Manuel Paulo Merêa e Guilberme Braga da Cruz – I*).
- MESSINA, P., “De Nobili, Roberto”: *Dizionario biografico degli Italiani* 38 (Roma 1990) 759-762.
- MESSINA, P., “De Nobili, Vincenzo”: *Dizionario biografico degli Italiani* 38 (Roma 1990) 766-768.
- MORE, T., *Utopia ou a melhor forma de governo*. Tradução, com prefácio e notas de comentário de Aires A. Nascimento. Estudo introdutório de José V. de Pina Martins. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009 (2.^a edição revista).
- NARO, B., *Vita del venerabil servo di Dio cardinale Roberto Nobili, bibliotecario della Santa Romana Chiesa, pronepote del sommo pontefice Giulio 3*. Urbino, nella stamperia della ven. cappella del ss. Sacramento per Antonio Fantauzzi, 1728.
- PEDRO DE SANTARÉM, *Petri Santernae Lusitani iuris utriusque doctoris peritissimi ac famosissimi, tractatus de assecurationibus et sponsonibus mercatorum nunc primum in lucem datus, cum repertorio et summariis*. Per eximium iu. Vt. Censurae Doct. D. Io. Baptistam Triumphum. Venetiis, apud Baltassarem Constantinum ad signum Diui Georgii, 1552.
- PEDRO DE SANTARÉM, *Tractatus de assecurationibus et sponsonibus*. Lisboa, 2007 (Edição Comemorativa do I Centenário da Supervisão de Seguros em Portugal).
- PINTO, E. V.-C., “Os seguros marítimos nas rotas portuguesas do Ultramar: uma perspectiva histórico-jurídica (séculos XV-XVI)”: *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa* 39, n.º 1 (1998) 257-290.
- PIRES, D., *Carminum Liber Vnus*. Ferrariae, apud Franciscum Rubrium, 1545.
- PIRES, D., *Cato Minor sine disticha moralia ad Ludimagistros Olyssipponenses [...]*. Venetiis, apud Felicem Valgrisium, 1596.
- POGIANO, G., *Epistolae et orationes olim collectae ab Antonio Maria Gratiano nunca ab Hieronymo Lagomarsino... Volumen I*. Romae, excudebat generosus Salomonius bibliopola, 1762.
- RAMALHO, A. C., *Latim renascentista em Portugal* (antologia). Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – I.N.I.C., 1985.
- SANTORO, M., *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1991.
- SEGRE, R., “Nuovi documenti sui Marrani d’Ancona (1555-1559)”: *Michael IX* (1985) 130-233.
- SIMONSOHN, S., “Marranos in Ancona under Papal Protection”: *Michael IX* (1985), 234-267.
- SOARES, M. P., “Nótula a propósito de Pedro de Santarém”: *Brotéria* 141, n.º 1 (1995) 99-101.
- STRACCA, B., *De mercatura, seu mercatore tractatus*. Venetiis, 1553.
- TOAFF, A., “L’ Universitas Hebraeorum Portugallensium di Ancona nel cinquecento. Interessi economici e ambiguità religiosa”: *Mercati, mercanti, denaro nelle Marche (secoli XIV-XIX)*. *Atti del Convegno – Ancona, 28-30 maggio 1982*. Ancona, Presso la Deputazione di Storia Patria per le Marche, 1989, 115-145.

NO RASTO DO HUMANISMO FILOLÓGICO EUROPEU: EDIÇÕES QUINHENTISTAS DE RETÓRICAS CLÁSSICAS NA BPMP

BELMIRO FERNANDES PEREIRA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

RESUMO

No espólio da Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP) abundam exemplares de obras representativas do humanismo português, mas sente-se a falta de edições de autores greco-latinos de tipografia portuguesa. Para tentar compreender esta aparente incongruência, o A. descreve espécimes de retóricas clássicas que estão hoje à guarda da BPMP e que foram editados nas principais casas impressoras europeias. Estes livros, provenientes do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, pelas marcas de leitura que apresentam, interessam à história do humanismo crítico e filológico.

Tendo estudado a evolução dos estudos retóricos em Portugal durante os sécs. XV e XVI (*Retórica e eloquência*, Lisboa, INCM, 2012), o A. destaca neste trabalho algumas conclusões a que chegou, por forma a reconhecer essas vias de acesso ao humanismo filológico europeu e a caracterizar o processo de transmissão dos clássicos greco-latinos.

PALAVRAS-CHAVE

Retórica, autores clássicos, filologia, humanismo, história do livro e da leitura.

ABSTRACT

The collection of the Public City Library of Porto comprises many works illustrative of the Portuguese humanism. Nonetheless it lacks Portuguese typography editions of Greek and Latin authors. In an attempt to understand this apparent inconsistency the A. describes specimens of classical rhetorical treatises kept in the Public City Library of Porto (also known as BPMP in Portuguese) that were printed in the major European printing houses. These books, which come from the Santa Cruz Monastery of Coimbra, are of great interest to the study of critical and philological humanism due to the reading marks found in them.

Having studied the evolution of rhetorical studies in Portugal during the 15th and 16th centuries (*Retórica e eloquência*, Lisboa, INCM, 2012), the author highlights some of the conclusions he came to, in order to acknowledge those ways of access to European philological humanism and to characterize the process of transmission of Greek and Latin classics.

KEYWORDS

Rhetoric, classical authors, philology, humanism, history of books and reading.

No séc. XV, começou a emergir uma cultura palaciana e laical que veio a materializar-se num inusitado interesse pela tradução de textos latinos. D. Pedro, Fr. João Verba e Vasco Fernandes de Lucena traduzem o *De Officiis*, o *De amicitia* e o *De senectute* de Cícero, o *De re militari* de Vegécio, o *De regimine principum* de Egídio Romano, o *Panegírico de Trajano* de Plínio-o-Moço, o *De ingenuis moribus* de Pier Paolo Vergerio. A pedido de D. Duarte, Alonso de Cartagena dá também uma versão em castelhano do *De inuentione*. Pouco a pouco, do espaço eclesiástico expande-se a cultura antiga ao mundo profano e da corte; os príncipes de Avis favorecem a difusão dos autores clássicos e esse saber – saber retórico e de filosofia prática – torna-se fonte de distinção social, factor de progresso protegido e desejado.

No declinar do século, é já manifesta uma nova *forma mentis* que resulta da propagação do humanismo. Restabelecida a comunicação entre a *ars bene dicendi* e a *ars recte loquendi*, orientada agora para a aquisição da *eloquentia*, superando-se a fragmentação das artes do discurso, restaura-se a concepção holística da *doctrina* que distinguia o modelo quintilianista. As orações universitárias pronunciadas no Estudo Geral de Lisboa postulam essa unidade sob a égide da gramática, *origo et fundamentum omnium liberalium artium*¹. Era a gramática para Quintiliano a ciência de falar e escrever correctamente, de ler e interpretar os autores, conhecimento enciclopédico que a relacionava com a retórica mas igualmente com a métrica, a música, a astronomia, a filosofia².

Ora, se à *recte loquendi scientia* tinham subtraído os gramáticos tardios a *poetarum enarratio* e se fora essa versão incompleta, transmitida por Santo Isidoro, que vigorara durante a Idade Média, o regresso humanista às fontes antigas, recuperando a vertente crítica da gramática, de novo lhe alarga o horizonte³. Assim, o ensino dos humanistas visa, em primeiro lugar, a *eloquentia*, faculdade que a arte aperfeiçoa quando os preceitos são aprendidos pela imitação. O que valida a regra já não será tanto a prescrição dos gramáticos quanto o *usus*, a prática dos autores clássicos; o escopo da gramática humanística passa a ser o de ensinar o latim dos melhores autores antigos. Mas, claro está, esta empresa só poderia ser bem sucedida, isto é, só teria repercussão profunda, se ganhasse o espaço escolar, se o seu núcleo constitutivo — o acesso ao saber através da *eloquentia* — encontrasse adequada formulação pedagógica. Portanto, o êxito deste ensino renovado depende agora de duas condições: que os modelos, os textos recuperados ou restaurados dos clássicos, estejam disponíveis, que a resposta humanista imprescindível a tal diálogo seja valorizada, afinal as duas vertentes do humanismo que no entender de Kristeller identificam o Renascimento, idade nova inaugurada pelos herdeiros dos *dictatores* medievais.

¹ Uma velha ideia sempre repetida mas da qual não se retiravam todas as consequências, cf. Cassiodoro, *Inst.* 2.4; Santo Isidoro de Sevilha, *Orig.* 1.5; Rábano Mauro, *De inst. cler.* 3, 18; João de Salisbúria, *Metalog.* 1.13.

² Vd. *IO* 1.4.4-5.

³ Em Santo Isidoro não é apenas o *intellectus poetarum* que desaparece mas também a dimensão escritural da arte, a *scribendi ratio*, vd. *Orig.* 1.5.1.

A *Ars eloquentiae* atribuída a Cataldo, miscelâneas quatrocentistas que se guardam em Évora e Coimbra, a gramática de Estêvão Cavaleiro testemunham quer o esforço laborioso de dotar as classes de novos instrumentos pedagógicos, quer um inegável interesse pela arte retórica que adquire maior importância no magistério gramatical. No último quartel do séc. XV, alargando-se o horizonte com a vulgarização do livro e da escrita, a aprendizagem do latim passa a orientar-se para a execução das várias realizações elegantes⁴.

Ainda que de forma incipiente, nas artes de Cataldo, João Vaz e Cavaleiro ressurgem o método preconizado pelos *Praeexercitamenta* de Hermógenes difundidos por Prisciano: na reformulação de um texto, no desenvolvimento de uma *sententia* ou de uma *chria*, o princípio fundamental é a *uariatio*, a arte de dizer de várias maneiras a mesma coisa, condição indispensável para o uso do *iudicium* numa retórica do *ethos*. A primazia concedida ao *usus*, em detrimento da *praeceptio*, favorece não só a formação da consciência histórica, como o desenvolvimento da noção de identidade pessoal. Por isso a questão do *aptum* e dos *genera dicendi*, quer dizer, o problema da imitação, se transforma num dos debates centrais no humanismo renascentista.

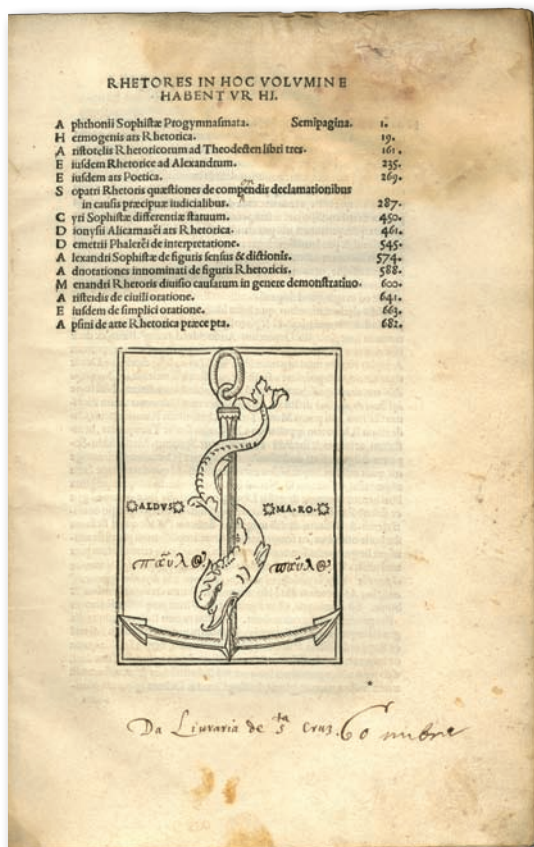
A gramática, nos discursos em louvor de todas as ciências, de D. Pedro de Meneses, André de Resende e Jerónimo Cardoso, engloba agora todos os conhecimentos indispensáveis à composição e à crítica, competências que valorizando a *scribendi ratio* definem um novo tipo de homem douto, próprio de uma sociedade *letrada* em que a escrita e a leitura por via do livro impresso substituem anteriores formas de comunicação⁵.

A difusão do humanismo, que o leva das cortes e palácios às escolas e universidades, não deixou de acompanhar o processo de institucionalização do próprio ensino; a escola torna-se ‘instituição’, «estrutura parcial da sociedade, que desempenha uma função específica, que possui certas normas, que realiza ao longo de várias gerações objectivos explícitos que a tornam conhecida e aceite»⁶. O que se diz do ensino, de certo modo pode aplicar-se também à arte da impressão, ao comércio livreiro, à organização de bibliotecas. Uma manifestação eloquente dessa institucionalização dos estudos encontra-se na fachada plateresca da Universidade de Salamanca: ali, a circundar o medalhão que representa os Reis Católicos, está escrito em grego: *oi basileis te enkyklopaideia, aute tois basileusi*: «os Reis à Universidade, esta aos reis».

⁴ Vd. Don Paul ABBOTT, «Rhetoric and writing in the Renaissance», *A Short History of Writing Instruction*, ed. J. Murphy, Mahwah (NJ), Lawrence Erlbaum Associates, 2001, 145-172.

⁵ Sobre a prática e a teoria da *leitura* humanista, considerada enquanto fundamento de toda a produção textual, vd. E. RUMMEL, *Humanistic-Scholastic Debate in the Renaissance and Reformation*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1995; K. MEERHOFF (ed.), *Autour de Ramus: texte, théorie*, Québec, Nuit blanche, 1997, 235-387; *idem*, «La passion du sujet: entre logique et littérature», *Ethos et pathos: le statut du sujet rhétorique*, ed. F. Cornilliat, Paris, Honoré Champion Éditeur, 2000, 107-118; P. MACK, «Ramus reading: the Commentaries on Cicero's *Consular orations* and Vergil's *Eclagues and Georgics*», *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 61 (1998), 111-141; *idem*, «Rhetoric, ethics and reading in the Renaissance», *Renaissance Studies* 19 (2005), 1-21.

⁶ Vd. Alain BIROU, *Vocabulaire pratique des sciences sociales*, Paris, Éditions Économie et humanisme, 1969.



131

Em Portugal, não foi de forma diversa que o humanismo se desenvolveu. A D. João II, o rei que fazia e desfazia marqueses e duques, convinha esta nova cultura; enquanto factor de distinção social, não só servia para afirmar o poder régio, como legitimava uma nova nobreza levantada sobre a velha. Por isso trouxe D. João II Cataldo para Portugal e enviou bolseiros para Itália e Diogo de Gouveia para Paris. E à rainha D. Leonor muito ficou a dever a expansão da imprensa. Chegam as figuras maiores da tipografia portuguesa: os alemães Valentim Fernandes, Nicolau da Saxónia e Hermam de Campos, o italiano João Pedro Buonhomini de Cremona, o francês Germão Galharde. A partir de 1500, depois da publicação das *Epistolae et Orationes* de Cataldo, a tipografia portuguesa coloca-se ao serviço do humanismo. A produção editorial, é verdade, dirigia-se sobretudo ao livro devoto e litúrgico, mas outro tanto sucedia em toda a parte. O interesse de D. Leonor pelos livros está bem documentado; pelo inventário dos volumes que legou ao Mosteiro da Madre de Deus, sabe-se que na livraria da *rainha velha* prevaleciam as obras de devoção e teologia, no entanto havia aí também duas dezenas de títulos de literatura profana, alguns escritores antigos e meia dúzia de autores dos sécs. XV e

XVI⁷. No tempo de D. Manuel, na livraria real, os clássicos e os Padres da Igreja ganharão mais relevo, Tito Lívio, Salústio, Virgílio, Ovídio, Plutarco, Flávio Josefo, Justino, São João Clímaco, São Gregório Magno, São Jerónimo, Santo Agostinho⁸.

Na viragem do século, formara-se já uma vívida consciência das mudanças em curso na vida intelectual do país, num círculo limitado, porém muito significativo, porque não só beneficiava da protecção régia como de possibilidades de comunicação que o integravam na *respublica litteraria*. Neste ponto se revelam concordantes os testemunhos de Estêvão Cavaleiro, Henrique Caiado

⁷ Vd. Isabel Vilares CEPEDA, «Os livros da Rainha Dona Leonor, segundo o códice 11352 da Biblioteca Nacional de Lisboa», *Revista da Biblioteca Nacional* 2 (1987) 51-81.

⁸ Vd. J. M. Sousa VITERBO, «A livraria Real, especialmente no Reinado de D. Manuel», *Historia e Memorias da Academia das Ciencias de Lisboa*, NS, 2^a Classe, t. IX, parte I (1902) 1-73.

e Cataldo Parísio Sículo. A correspondência do humanista italiano, apesar de omissões nada inocentes, ao retratar o ambiente cultural da corte e da alta nobreza, mostra como era considerável já o número daqueles que podiam corresponder às novas exigências culturais. O magistério de Cataldo não se revelou inconsequente; todos os seus discípulos demonstram grande interesse por livros e pela sua difusão: D. Jorge em 1499 concedia protecção a certo Martim Vaz, primeiro *livreiro* de que há notícia; o conde de Alcoutim mantinha boas relações com o impressor Valentim Fernandes, D. Leonor de Noronha, sua irmã, traduzia do latim a *Cronica geral* de Marcantonio Sabelico; D. Diogo de Sousa, ainda no Porto, tinha em Rodrigo Álvares, tipógrafo e editor-livreiro, e em Juan de Pores, editor salmantino, fiéis colaboradores.

A recepção do humanismo inicia-se, portanto, no tempo de D. João II, desenvolve-se no reinado de D. Manuel, completa-se com a política cultural de D. João III. As reformas escolares promovidas nas décadas de 1530-1540, a instituição de novos pólos de irradiação humanista, reclamam maior abundância de meios, indispensáveis à formação do *gentilomo*, que há-de ser também *pius uir dicendi peritus*. Verifica-se, então, uma mudança de rumo: depois da influência italiana, sobretudo em razão da política de D. João III, torna-se agora o humanismo norte-europeu o nosso interlocutor principal. A vinda de mestres da área renano-flamenga, a formação parisina-lovaniense dos bolsiros régios, o acolhimento da obra de Erasmo são factores que não podem ser ignorados para se compreender a reorientação que sofrem então os estudos. A repercussão das obras de Agrícola, Erasmo e Melanchthon, o acolhimento das suas doutrinas, a circulação dos manuais de Clenardo, Vaseu, Ringelberg e Trebizonda modificam equilíbrios na economia das artes, interferem no modo de entender os autores clássicos. Os processos inquisitoriais dos *bordaleses*, as edições conimbricenses de Grouchy, Ringelberg e Trebizonda testemunham a força desta corrente, sobretudo no ensino da retórica e da dialéctica. A multiplicação dos centros humanísticos, a vinda de mestres formados nas melhores escolas, o desenvolvimento da imprensa, o crescimento do mercado livreiro, a queda dos preços dos livros, a estreita ligação que se estabelece entre a arte tipográfica e o saber humanístico, todos estes factores vêm a contribuir, por meados do século, para um conhecimento da cultura clássica nunca antes alcançado.

Na segunda metade de Quinhentos, o regresso à influência italiana só reforçará esta realidade. Com o ciceronianismo jesuítico retorna uma concepção pedagógica orientada para a *eloquentia*. Mas, como não podia ser ignorada a lição erasmiana, nem a redescoberta de Dionísio de Halicarnasso, Demétrio de Faléron ou do Pseudo-Longino, é um outro Cícero que se propõe à imitação, o Cícero imitador de Demóstenes que combina *suauitas* e *uis oratoria*, *copia* e *emphasis*, tudo regulando pelo critério do *apte dicere*. O interesse por Horácio e Aristóteles só contribui para dar suporte teórico e espessura histórica ao renovado paradigma ciceroniano. Correspondendo às necessidades da apologética, os autores greco-latinos institucionalizam-se; a *cativa estrangeira*, os *despojos do Egipto* integram-se definitivamente na ortodoxia doutrinal. A neutralidade moral da cultura antiga convém

a uma retórica militante que não hesita em tomar as armas do inimigo. Nesta perspectiva se compreenderá a história do livro greco-latino em Portugal no séc. XVI.

O rigor filológico no uso dos textos, o teor retórico de uma formação intelectual que valoriza sobremaneira a poesia, a história, a filosofia moral, foram aprendidos por dezenas de portugueses ao longo das duas últimas décadas do séc. XV. O facto de entre nós nenhum impressor se ter abalçado a publicar um autor antigo antes de, em 1529, Martinho de Figueiredo dar a lume o seu comentário ao prólogo de Plínio segundo a lição de Poliziano, não significa que anteriormente os textos clássicos não estivessem disponíveis e menos ainda que não fossem apreciados. No entanto, mesmo depois, por via da exiguidade do nosso mercado, foram raras as edições de clássicos gregos e latinos feitas em Portugal. Algumas ficaram a dever-se justamente ao benemérito impressor do comentário de Martinho de Figueiredo.

Em 1521, Germão Galharde editara já os *Castigos e enxemplos de Catom*. Deste opúsculo guarda a BPMP um exemplar que constitui testemunho valioso da permanência de velhas práticas no ensino elementar. Da edição dos *Libri minores* preparada por Antonio de Nebrija, onde comparecem, entre outros textos, os *Catonis disticha Moralia*, a par das *Aesopi Fabulae* e da *Paraenesis* de Isócrates (Granada, Sancho de Nebrija, 1534), há também um espécime nesta biblioteca.

Os *Disticha Catonis* pela sua brevidade há séculos que eram muito apreciados. À roda de 1325 Albertino Mussato, no prefácio do *De obsidione*, conta como muito o importunou a guilda dos notários de Pádua para que desse forma métrica a um relato que fizera da vitória obtida sobre Cangrande della Scala. E a corporação não deixava de lhe impor condições: que o mestre atendesse à necessidade de se fazer compreender pelos seus leitores, como recomenda Catão no opúsculo que atribuem a Séneca⁹. Em Espanha nos sécs. XV-XVI, os *Disticha* tornaram-se um autêntico êxito editorial, conhecendo pelo menos quinze edições¹⁰. Entre nós o sucesso não terá sido menor. Os *Disticha* figuravam na biblioteca de D. Duarte, foram editados por Germão Galharde, ouviu-os D. João III em lições de Latim e, como há muito notou Costa Ramalho, deles tirou Gil Vicente nada menos do que um hexâmetro dactílico para o pôr na boca da Forneira da tragicomédia *Triunfo do Inverno*: «Meu Senhor, *contra verbosos/ noli contendere verbis*»¹¹. Quanto à autoria dos *Disticha*, Erasmo, que os editou em 1513, no prefácio pondera «Creio que apenas se dizem de Catão pelo facto de as sentenças que apresentam serem dignas de um Catão». Em 1540 um filólogo cauteloso, sob a designação

⁹ «Plurimum enim unumquemque delectat, quod intelligit, respuitque fastidians, quod non apprehendit. Illud quoque Catonis, qui de moribus censuit, in exemplum adductis, quod L. Annaeo Senecae imputatur opusculum», vd. R. WITT, *In the Footsteps of the Ancients: the Origins of Humanism from Lovato to Bruni*, Leiden, Brill, 2000, pp. 130-133.

¹⁰ Vd. Victor INFANTES, «El Catón hispánico: versiones, ediciones y transmisiones», *Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, ed. J. M. Lucía Megías, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá de Henares, 1997, II, pp. 839-846; sobre o valor das ilustrações didácticas das portadas vd. V. INFANTES – Ana MARTÍNEZ PEREIRA, «La imagen gráfica de la primera enseñanza en el siglo XVI», *Revista Complutense de Educación* 10 (1999), 73-100.

¹¹ Vd. A. Costa RAMALHO, *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, IAC, pp. 162-167.

de Filerasmo, fazia imprimir em Milão os comentários do roterdamês e em 1580 ainda certo Angelo Mazza sofreria penas de ordem espiritual por guardar exemplares do *De duplici copia*, do *De conscribendis epistolis* e dos *Disthica Catonis* erasmianos¹². A pervivência desses apotegmas também a confirma Marcel Bataillon, porque foi precisamente num verso do Pseudo-Catão que encontrou um dos elos que prendem o livro II do *Guia de pecadores* de Frei Luís de Granada ao *Enchiridion* do roterdamês¹³.

Aos originais latinos, Germão Galharde, no entanto, parece preferir as traduções: em 1522 dá a lume uma epístola de S. João Crisóstomo; em 1531, edita o *De Amicicia, paradoxas e sonbo de Scipião tirado em linguagem portuguesa per Duarte de Resende*; em 1536 faz imprimir a *Tragedia delos amores de Eneas y de la Reyna Dido como los recuenta Vergilio enel quarto libro de su Eneida*. Destas edições não se conhecem aqui exemplares.

De facto, não deixa de causar estranheza que à abundância de obras humanistas não corresponda, no fundo antigo da BPMP, um número igualmente significativo de espécimes da nossa, ainda que escassa, produção editorial de textos clássicos. Não encontramos o comentário de Figueiredo ao prólogo da *História Natural*, nem as edições de Boécio (Coimbra, 1534?, Lisboa, 1592), nem as tragédias de Séneca (*Thyestes*, *Troas*, Coimbra, António de Mariz, 1559; *Hercules furens*, *Medea*, Coimbra, António de Mariz, 1560), nem as comédias de Plauto (*Aulularia*, *Captivi duo*, *Stichus*, *Trinummus*, Coimbra, João de Barreira, 1567), nem os epigramas de Marcial (Coimbra, João de Barreira, 1569), nem as *Metamorfoses*, os *Fastos*, os *Tristia*, as *Epistulae ex Ponto* de Ovídio (Évora, Andres de Burgos, 1574; Lisboa, António Ribeiro, 1575), nem o *Historiarum ab urbe condita decadae primae liber primus* de Tito Lívio (Lisboa, Simão Lopes, 1593).

Do rudimentar *Lexicon Graecum et Hebraicum* de D. Heliodoro de Paiva (Coimbra, in monasterio Sanctae Crucis, 1532), de que dão testemunho vários bibliógrafos, não admira a ausência porque de todo se lhe perdeu o rasto, mas não se encontram também as *Institutiones* de D. Máximo de Sousa (Coimbra, 1535), nem as *Graece nominum ac uerborum inflexiones tyronum* (Coimbra, ex officina Antonii a Mariz, 1594), gramática de grego elaborada a partir do manual de Clenardo, nem algumas selectas destinadas ao ensino desta língua, por exemplo, os *Aliquot opuscula graeca ex uariis autoribus collecta*, (Coimbra, ex officina Antonii a Mariz, 1583).

Repetidas vezes, pelo menos em 1575, 1576 e 1591, publicaram os jesuítas em Lisboa as *Epistolae* de Cícero, singelas edições escolares livres de qualquer aparato crítico ou paratextual. Se também estas faltam na BPMP, tal já não sucede no caso das *Tusculanae* impressas em 1593 e 1595. Ao facto talvez não seja alheia a importância que alcançou o tratado ciceroniano a que Margolin chamou «guide spirituel de la Renaissance». Foram as *Tusculanas* tidas em grande conta por Niccolò Perotti,

¹² Vd. S. Seidel MENCHI, *Erasmus in Italia, 1520-1580*, Torino, Bollati Boringhieri, 1987, pp. 270-306.

¹³ Vd. M. BATAILLON, *Erasmus en España*, México, FCE, 1966, pp. 598-599.

Erasmus, Johann Camerarius, e tal apreço perdura entre os jesuítas, em Tomé Correia e até em autores como Frei Amador Arrais.

Já de outro tipo de antologias produzidas no âmbito jesuítico parece estar bem fornida a BPMP. Conservam-se todas as *Siluae* dadas à estampa em Lisboa, em 1587, 1588, 1593 e 1594; estas selectas organizadas segundo o critério da erudição e elegância recolhem trechos de Plauto, Terêncio, Tito Lívio, Cícero, Séneca, Ovídio, Plínio, Estácio e Juvenal.

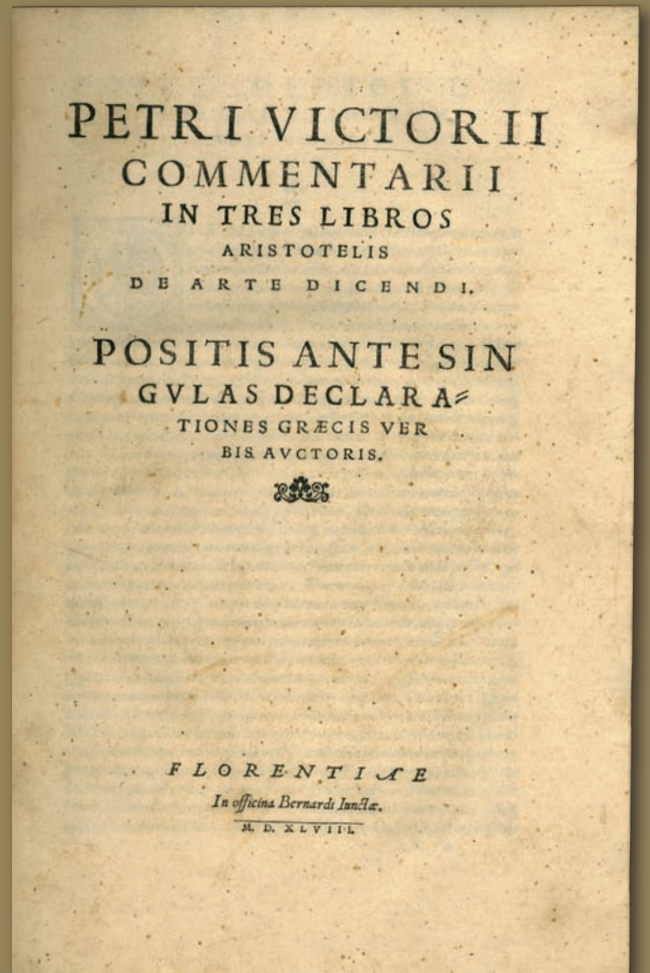
Ora muito contrasta este panorama com a riqueza do núcleo de literatura novilatina. Na BPMP podemos ler grande parte das obras dos pedagogos, poetas e prosadores humanistas editadas em Portugal: os *Poemata* de Cataldo, a *Antimoria* e os *Epigramata* de Aires Barbosa, as *Institutiones Grammaticae Latinae* de Clenardo, o *Enquiridion* e o *De copia verborum & rerum* de Erasmo, o *Cõmentarius de rebus in India apud Diu gestis* de Diogo de Teive, o *De patientia christiana* de Jorge Coelho, o *De nuptijs* de Manuel da Costa, os *Problemata* de António Luís, de Jerónimo Cardoso o *Libellus*, de Jerónimo Osório os tratados *De gloria* e *De regis institutione et disciplina*, de Lopo Serrão o *De senectute*, de Duarte de Sande o *De missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam dialogus*. E, além destes e de outros textos novilatinos, possui ainda a BPMP uma notável colecção de *orationes*, um discurso deliberativo, duas *laudationes* fúnebres, várias orações epidícticas, ou seja, os discursos de D. Garcia de Meneses, Arnold Fabrice, Belchior Beliago, Pedro Fernandes, Jerónimo Cardoso, Inácio de Morais, André de Resende, Hilário Moreira, António Pinto.

Como explicar esta incongruência? Como entender a diminuta presença das já de si raras edições nacionais dos clássicos greco-latinos perante a grande cópia de textos humanísticos de tipografia portuguesa? A esta aparente contradição, talvez não seja estranha a origem do núcleo fundamental do espólio antigo da BPMP. Por isso, para dar algum sentido a estas observações, passemos agora a considerar livros raros que constituem preciosos testemunhos da recepção do humanismo europeu. Desta forma talvez se possa compreender melhor a escassez de edições portuguesas de autores clássicos.

De facto, a bibliografia quinhentista da BPMP oferece outras vias de acesso aos autores antigos. Não nos vamos ocupar da edição do *Organon* preparada por Grouchy, nem da circulação de textos de Aristóteles e muito menos dos *Commentarii* dos Conimbricenses. Deixaremos de lado também a gramaticografia e a lexicografia, embora merecessem atenção, pois o fundo comum destas tecnografias é consabidamente de matriz greco-latina. Permite-se apenas notar a existência de um valioso espécime do *Onomastikon* de Júlio Pólux editado em Basileia, *apud Simonem Grynaeum*, em 1536 (BPMP, I-2-2). Quanto ao manancial de textos e doutrinas dos antigos que a literatura enciclopédica e a tratadística retórica disponibilizava, lembre-se somente o contributo que deu a *Rhetorica Ecclesiastica* de Frei Luís de Granada (Lisboa, António Ribeiro, 1576) para a propagação das ideias de Hermógenes e quanto o *De Arte Rhetorica* de Cipriano Soares (Coimbra, João de Barreira, 1562) concorreu para o conhecimento directo das fontes gregas e latinas, pois o compêndio do



170



209

P. Soares, de que existem aqui vários exemplares, limita-se, por assim dizer, a pôr em ordem de batalha as doutrinas de Aristóteles, Cícero e Quintiliano. Valerá a pena, sim, deter a nossa atenção num núcleo significativo de clássicos gregos e latinos na sua maioria proveniente de Santa Cruz de Coimbra. É, sobretudo, entre os títulos remanescentes da livraria deste mosteiro que deparamos com exemplares editados pelos principais impressores europeus, livros que pelo seu valor cultural ou pela sua raridade merecem ser estimados.

No séc. XV a edição de textos gregos era tecnicamente difícil: os manuscritos gregos não eram acessíveis; poucos impressores possuíam tipos gregos; a fraca legibilidade das fontes, próximas do cursivo dos exilados bizantinos, complicava a leitura. Por outro lado, e não menos importante, o número reduzido de leitores do grego tornava qualquer iniciativa em termos económicos uma operação de risco. Só um editor qualificado e de recursos abundantes poderia cometer tal empresa. Com efeito, foi Aldo Manuzio quem entre 1495-1498 ousou preparar a primeira colecção das obras de Aristóteles, mas nelas não incluiu nem a *Poética* nem a *Retórica*. Editá-las-á em 1508-09 nos *Rhetores graeci*, volume que, apesar da tiragem modesta, conheceu algum êxito, pois em 1515 Aldo completa a colecção com as *Rhetorum Graecorum Orationes*.

Ora daquela edição aldina de 1508 há um exemplar na BPMP (I-11-2). De grande valor parece este espécime que foi dos frades cruzios de Coimbra, pois faculta na língua original praticamente todas as fontes da retórica greco-bizantina: além do tratado de Aristóteles, oferece a *Retórica a Alexandre*, os *progymnasmata* de Aftónio, as obras de Hermógenes, Dionísio de Halicarnasso e Demétrio de Faléron, os opúsculos dos sofistas Sopater, Ciro, Alexandre, Menandro, Aristides e Apsines. Dos *Rhetores Graeci* Paul Brandes registou a existência de dezassete exemplares em bibliotecas europeias e americanas, mas não refere o volume conservado no Porto¹⁴. A edição aldina de 1508 marca a fortuna da *Retórica* de Aristóteles nas quatro décadas seguintes e foi certamente um dos factores que mais contribuíram para que se intensificasse, também em Portugal, a atenção ao tratado aristotélico. O trabalho de restituição crítica, no entanto, só avançará em 1548 com a publicação dos *Commentarii* de Pietro Vettori, obra que ainda hoje não pode ser dispensada pelos estudiosos da retórica aristotélica. Precisamente, dessa edição dos *Commentarii in tres libros Aristotelis de arte dicendi* existe na BPMP (L-13-69) uma espécie também proveniente do Mosteiro de Santa Cruz. E a mesma origem coimbrã tem outro volume com os *Commentarii* de Vettori ao *De elocutione* de Demétrio de Faléron, escólios publicados em Florença em 1562 (L-13-67).

Quanto a Cícero, os melhores trabalhos filológicos também aqui se encontram muito bem representados. A título ilustrativo, refira-se somente o exemplar dos *In omnes de arte rhetorica M. Tullii Ciceronis libros commentaria*, publicados em Veneza por Paolo Manuzio em 1551 (K-13-33); além do

¹⁴ Vd. P. BRANDES, *A History of Aristotle's Rhetoric with a Bibliography of Early Printings*, Metuchen (NJ), Scarecrow Press, 1989, p. 94.

texto da *Ad Herennium* e de todos os tratados retóricos ciceronianos, traz este volume comentários de humanistas renomados em que se incluem autores suspeitos como Melanchthon e Hegendórfino (o expurgador limitou-se a rasurar-lhes os nomes). Não faltam os escoliastas mais autorizados da oratória do Arpinate, Mário Vitorino, Ascónio Pediano, Jorge de Trebizonda (Veneza, apud Aldi filios, 1547, BPMP, I-8-12), nem as *Observationes in M. T. Ciceronem*, o célebre dicionário ciceroniano de Mario Nizolio na edição de Lyon, apud Antonium Vincentium, 1552 (BPMP, K-14-21).

Menção especial merecem as edições ciceronianas de Aquiles Estaço. Do mais categorizado filólogo português do séc. XVI por vezes ainda se escreve que teve escassa repercussão em Portugal, por ter vivido e publicado fora do país ou por os seus títulos pouco representarem no nosso património bibliográfico. Ora tais assertos exigem correcção, pois ao número já nada despreciando de exemplares conhecidos, há que acrescentar espécimes como as *Castigationes ac explanationes in Topica M. Tullii Ciceronis* (Lovaina, impensis uiduae Arnoldi Birckmanni, 1552: BPMP, I-6-25), os *Commentarii in librum Ciceronis de Fato* (Lovaina, ex officina Seruatii Sasseni, 1551: BPMP, I-6-25) e os *Commentarii ad De optimo genere oratorum* (Lovaina, excudebat Seruatius Sassenus, 1552: BPMP, I-6-25). Destas três obras de Aquiles Estaço existem exemplares na BPMP, que passaram despercebidos durante muito tempo porque têm estado indevidamente catalogados como textos de Cícero.

Para concluir, do terceiro dos grandes retores clássicos avulta antes de mais um incunábulo da *Institutio Oratoria* de Quintiliano, na edição de Lignamine concorrente da *editio princeps* produzida por Campana, também em Roma, em 1470. Para a história da leitura humanista de Quintiliano afigura-se de algum valor um outro exemplar que se guarda na BPMP: as *M. F. Quintiliani Institutiones Oratoriae eiusdem declamationes* saídas dos prelos parisienses de Badius Ascensius em 1536. O texto da *Institutio* traz ainda os comentários de Mosellanus com portada de 1535.

Neste livro (BPMP, K-13-39), o facto que mais deve ser frisado é a existência de abundantes notas manuscritas: no prómio; em todo o livro I; no livro II a partir do cap. XIV; no livro III do cap. VIII (*De Suasoria seu Deliberatiua, et Prosopopeia*) até final; no prómio e no cap. I do livro VI; no livro VIII, do prómio ao cap. III (*De ornatu*), no cap. IV (*De Amplificatione*) e, sobretudo, no cap. VI (*De tropis*); no livro IX, nos caps. III (*De figuris uerborum*) e IV (*De Compositione*); ao longo de todo o livro XII. Não há notas marginais nos livros IV e V, no livro VII, nem nos livros X e XI. Em geral, além de identificar muitas citações, estas notas remetem para passos paralelos de Cícero, Aristóteles e Platão, mas não faltam também remissões para autores modernos, sobretudo para Erasmo e Rodolfo Agrícola, mais um sinal, a juntar a muitos outros, do profundo influxo que o humanismo do Norte exerceu entre nós no segundo quartel de Quinhentos.

Outras obras marcantes do humanismo filológico e retórico podem ser encontradas na BPMP, na sua maioria em edições deste período. A superabundância de excelentes edições estrangeiras constituirá, por certo, uma das razões para a ausência de não poucos clássicos de tipografia portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- ABBOTT, Don Paul, «Rhetoric and writing in the Renaissance», *A Short History of Writing Instruction*, ed. J. Murphy, Mahwah (NJ), Lawrence Erlbaum Associates, 2001, pp. 145-172.
- BATAILLON, Marcel, *Erasmus en España*, México, FCE, 1966.
- BIROU, Alain, *Vocabulaire pratique des sciences sociales*, Paris, Éditions Économie et humanisme, 21969.
- BRANDES, Paul, *A History of Aristotle's Rhetoric with a Bibliography of Early Printings*, Metuchen (NJ), Scarecrow Press, 1989.
- CEPEDA, Isabel Vilares, «Os livros da Rainha Dona Leonor, segundo o códice 11352 da Biblioteca Nacional de Lisboa», *Revista da Biblioteca Nacional* 2 (1987) 51-81.
- INFANTES, Victor – MARTÍNEZ PEREIRA, Ana, «La imagen gráfica de la primera enseñanza en el siglo XVI», *Revista Complutense de Educación* 10 (1999) 73-100.
- INFANTES, Victor, «El Catón hispánico: versiones, ediciones y transmisiones», *Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, ed. J. M. Lucía Megías, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá de Henares, 1997, II, pp. 839-846.
- MACK, Peter, «Ramus reading: the Commentaries on Cicero's *Consular orations and Vergil's Eclogues and Georgics*», *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 61 (1998) 111-141.
- MACK, Peter, «Rhetoric, ethics and reading in the Renaissance», *Renaissance Studies* 19 (2005) 1-21.
- MEERHOFF, Kees (ed.), *Autour de Ramus: texte, théorie*, Québec, Nuit blanche, 1997, pp. 235-387-
- MEERHOFF, Kees, «La passion du sujet: entre logique et littérature», *Ethos et pathos: le statut du sujet rhétorique*, ed. F. Cornilliat, Paris, Honoré Champion Éditeur, 2000, pp. 107-118.
- MEIRINHOS, J. – COSTA, J., *Tipografia Portuguesa do Séc. XVI nas Coleções da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 2006.
- MENCHI, S. Seidel, *Erasmus in Italia, 1520-1580*, Torino, Bollati Boringhieri, 1987.
- PEREIRA, Belmiro Fernandes, *Retórica e eloquência em Portugal na época do Renascimento*, Lisboa, INCM, 2012.
- RAMALHO, A. Costa, *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, IAC, 1969.
- RUMMEL, E., *Humanistic-Scholastic Debate in the Renaissance and Reformation*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1995;
- VITERBO, J. Sousa, «A livreria Real, especialmente no Reinado de D. Manuel», *Historia e Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, 2ª Classe, t. IX, parte I (1902) 1-73.
- WITT, R., *In the Footsteps of the Ancients: the Origins of Humanism from Lovato to Bruni*, Leiden, Brill, 2000.

ANDRÉ DE RESENDE NA INQUISIÇÃO DE ÉVORA E A APOLOGÉTICA ANTI-JUDAICA: CIÊNCIA TEOLÓGICA, DOCTRINA E CASTIGO (1541). UM AUTÓGRAFO INÉDITO¹

*NOVOS DOCUMENTOS PARA AS BIOGRAFIAS DE ANDRÉ
DE RESENDE E JORGE COELHO*

HUGO MIGUEL CRESPO

Centro de História
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

RESUMO

Nos finais de 1541 o humanista André de Resende, uma das glórias literárias do Portugal renascentista, e enquanto esperava a prometida pensão do falecido cardeal-infante D. Afonso, é chamado pelo inquisidor-geral infante D. Henrique para analisar o conteúdo teológico de duas cartas do cristão-novo Pêro Álvares, preso pelo Tribunal do Santo Ofício de Évora, por forma a aferir as suas heresias. O acusado, um converso e poderoso mercador eborense com fortes ligações à casa real portuguesa havia escrito, já preso, várias cartas tanto ao inquisidor-geral como a preeminentes eclesiásticos (entre os quais muito provavelmente Resende), apelando à sua misericórdia quanto às *cruezas* perpetradas pela Inquisição lusa, usando para isso exemplos bíblicos retirados em particular do Novo Testamento. Este texto procura analisar em pormenor o debate teológico e a exegese bíblica presente nas cartas e na resposta de Resende, o seu mais extenso autógrafo conhecido, contribuindo para a clarificação do muito debatido erasmismo resendiano. Torna-se claro que o seu comprometimento com a *philosophia Christi* de Erasmo, pelo menos a partir de 1541 é algo que deixou no passado. Mas para compreender a ortodoxia 'feroz' de Resende atentamos para o posicionamento do seu patrono face aos cristãos-novos e o envolvimento pessoal do cardeal D. Afonso no seu castigo e na aferição das suas crenças ainda quando o Santo Ofício não estava totalmente estabelecido no reino. Para além de oferecermos aqui pela primeira vez e em apêndice o texto de Resende, analisamos documentos até agora desconhecidos da sua vida ao serviço dos cardeais D. Afonso e D. Henrique.

PALAVRAS-CHAVE

André de Resende; Erasmismo; Inquisição; Literatura anti-judaica; Exegese bíblica

¹ Agradecemos ao Paulo Tremeceiro do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) as facilidades concedidas à consulta de documentação em mau estado de conservação e ao nosso colega e amigo António Andrade a leitura atenta do nosso texto e a oportunidade e convite para o fazer publicar em letra de forma nestas *actas*. Aos amigos Pedro Pinto e Hélder Carvalho agradecemos algumas referências importantes e a discussão de certos temas da nossa investigação.

ABSTRACT

At the end of 1541 the humanist André de Resende, one of the literary glories of Renaissance Portugal, while waiting for his pension promised by the late Cardinal Infante Afonso, is requested by the Inquisitor General Infante Henrique to analyse the theological contents of two letters, in order to ascertain heresies written by the New Christian Pêro Álvares, imprisoned by the Holy Inquisition in Évora. The accused, a powerful merchant and *converso* from Évora, with high-level contacts at the Portuguese royal court, had written while in prison several letters filled with biblical *exempla* taken mainly from the New Testament which he addressed to both the Inquisitor General and preeminent ecclesiastics (amongst them most probably Resende himself), appealing to their mercy regarding the harsh procedures observed by the Portuguese Inquisition. This paper aims to examine in detail the theological debate and biblical exegesis present in these letters and the reply written by Resende, the longest autograph of his still extant, while clarifying the much debated chronology of Resende's Erasmism. It becomes clear that his previous commitment to Erasmus's *Philosophia Christi* changes, and from 1541 onwards he distances himself from earlier views. In order to understand Resende's fierce orthodoxy we focus upon his patron's position regarding New Christians and the personal involvement of Cardinal Afonso in the judgement of their beliefs and the execution of their punishment during a period when the Holy Inquisition was yet not fully established in the realm. Besides providing here in the Appendix Resende's text, we analyse previously unknown documents concerning this humanist's life in the service of Cardinals Afonso and Henrique.

KEYWORDS

André de Resende; Erasmism; Inquisition; Anti-Jewish Literature; Biblical Exegesis

*A José Augusto Martins Ramos.
A José Vitorino de Pina Martins, in memoriam.*

*Olhei e vi uma espécie de mão que se dirigia para mim, segurando
um manuscrito enrolado. Abri-o diante de mim: estava escrito
nas duas faces; e lia-se: «Lamentações, gemidos e choros.»
Ez 2,9-10²*

*Eu non entendo quomo o Spiritu Sancto se apparta tanto dos
boons príncipes, & dos sacerdotes de Christo, & allumia
çapateiros & picheleiros.
André de Resende³*

*[...] porque hos homens em nenbãa cousa amostrão mais ho
Jntrinsico de seus pensamentos que no que screuem.
Damião de Góis⁴*

I.

Habitúamo-nos a olhar os nossos humanistas com uma tal reverência e assombro perante o seu incrível saber e manejo das ferramentas que deram substância à nossa cultura que, pela minguada de documentação afora a obra escrita que nos legaram, tendemos a relevar as naturais idiossincrasias do seu verdadeiro perfil psicológico na impossibilidade de o traçar com o rigor exigido, dada a escassez documental. Ao contrário do epistolar, cultivado com rigores de arcana retórica, onde o humanista esconde o seu verdadeiro *rosto*, o registo polemista, a crítica ou o juízo, revela, de forma inapelável, os contornos da *psique* autoral. Concebida na sua dimensão de crítica desassomburada e franca, bandeira clara de um partido ‘integrista’ vencedor que caracteriza a concepção espiritual do Quinhentos português, em especial junto à cúspide do poder temporal, a invectiva teológica que é cerne do presente estudo revela um aspecto insuspeito de um dos nossos maiores humanistas, Lúcio Ângelo André de Resende⁵ (ca. 1500-1573). Ele que foi também um influente

² As versões portuguesas dos textos bíblicos são da *Bíblia Sagrada. Versões dos Textos Originais*, (coordenação conjunta de José Augusto Martins RAMOS e Herculano ALVES), Lisboa – Fátima, Difusora Bíblica. Franciscanos Capuchinhos, 2000.

³ Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fl. 224v., artigo 12 da resposta de André de Resende ao memorial de Pêro Álvares, cristão-novo.

⁴ Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, Processo 17170, fl. 147 v. (leitura nossa). Trata-se do processo inquisitorial de Damião de Góis. Veja-se, por todos, José Pedro PAIVA, “«Católico sou e não luterano»: o processo de Damião de Góis na Inquisição (1571-1572)”, in *Damião de Góis. Um humanista na Torre do Tombo*, (catálogo de exposição), Lisboa, Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, 2002, pp. 20-42.

⁵ Sobre André de Resende veja-se, entre outros, Francisco Leitão FERREIRA, “Vida de André de Resende. Biografia inedita [Primeira versão]”, in *Archivo historico portuquez*, 7, 1909, pp. 339-375; IDEM, “Notícias da vida de André de Resende”, in *Archivo historico portuquez*, 7, 1909,

teólogo⁶ da corte dos cardeais-infantes D. Afonso e D. Henrique que, com cerca de dez anos ingressara nos Dominicanos de Évora. Oferecemos aqui na íntegra o mais extenso autógrafo do humanista [Fig. 1], até hoje identificado (doze páginas), precedido da sua análise contextual e das suas *marginalia* que nos ajudam a conhecer de forma transparente a sua *forma mentis*. – vide Documentos 1 e 2.

Datáveis dos finais de 1541, estas importantes páginas da mão do humanista contêm a sua argumentação teológica em resposta a duas missivas do mercador eborense e cristão-novo Pêro Álvares, no decurso do seu longo processo inquisitorial (435 fls.).⁷ Não se trata, é claro, de mais uma ‘obra’ resendiana, mas sim de um conjunto de *censores* que, de resto, só podemos apreender integralmente no confronto com as missivas que lhe estão na origem. Censuras que, no entanto e como nenhum seu escrito que nos tenha chegado, nos informam sobre o seu pensamento teológico, a sua aderência à ortodoxia católica e seu célere distanciamento face ao erasmismo e à *philosophia Christi*. Com tal invectiva teológica Resende tornava-se, em grande medida, responsável, como veremos, pela condenação do réu e sua entrega ao braço secular, sendo um dos primeiros relaxados em carne do Tribunal do Santo Ofício de Évora, *queymado em corpo aos 23 de Setembro de 1543 annos* (fl. 1). E isto volvidos apenas oito anos do regresso à pátria lusa, em 1533, afastado já do convívio de irenistas, pacifistas e erasmistas pela Europa do Renascimento, quer em Alcalá de Henares (ca. 1513-1520), Salamanca (1521-1526), Paris (até 1528), Lovaina (até 1531) e em Bruxelas, Antuérpia e mesmo Bolonha, estando então ao serviço do embaixador D. Pedro Mascarenhas junto da corte imperial de Carlos V.

pp. 393-417, 8, 1910, pp. 62-69, pp. 161-184 e 9, 1914, pp. 177-248; IDEM, “Vida de André de Resende. Apêndices. Epheméride histórica”, in *Archivo histórico português*, 9, 1914, pp. 249-257; Luís de MATOS, “Das relações entre Erasmo e os Portugueses”, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, 4, 1963, pp. 241-251; Maria Manuela de Barroso de ALBUQUERQUE, “André de Resende. O Drama dum Humanista Português”, in *Euphrosyne*, 1, 1967, pp. 107-134; José Vitorino de Pina MARTINS, “Aspectos do Erasmismo d’André de Resende”, in *Euphrosyne*, 3, 1969, pp. 87-163; Américo da Costa RAMALHO, “Sobre uma ode de André de Resende”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, 8, 1974, pp. 539-542; Odette SAUVAGE, “Resende, plus humaniste que chrétien? A propos de son poème sur Saint Vincent, patron de Lisbonne”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, 8, 1974, pp. 115-129; José Vitorino de Pina MARTINS, “Le poème d’André de Resende et la culture de l’humanisme”, in RESENDE, André de, *Vincentius leuita et martyr*, (reprodução facsimilada da edição de Luís Rodrigues, Lisboa, 1545; introdução de José Vitorino de Pina MARTINS), Paris – Braga, École Pratique des Hautes Études – IV.º Section, Centre de Recherches sur le Portugal de la Renaissance – Barbosa & Xavier, 1981, pp. 55-93; John R. C. MARTYN, “The relationship between Lúcio Ângelo André de Resende and Iohannes Secundus”, in *Humanistica Lovaniensia*, 37, 1988, pp. 244-254; Ivo Carneiro de SOUSA, “Duas vidas e um pequeno livro que André de Resende ofereceu à sua cidade de Évora”, in PEREIRA, Fernando António Baptista, (coordenação científica de), *Do Mundo Antigo aos Novos Mundos. Humanismo, Classicismo e Notícias dos Descobrimentos em Évora (1516-1624)*, (catálogo de exposição), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, pp. 77-117; Joaquim Chorão LAVAJO, “Hagiologia de André de Resende e o Santoral Eborense”, in *Eborensia*, 14, 27-28, 2001, pp. 135-168; Virgínia Soares PEREIRA, *Aegidius Scallabitanus. Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000; e os diversos estudos sobre o humanista reunidos em *Cataldo & André de Resende. Congresso Internacional do Humanismo Português*, (actas de colóquio), Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2002.

⁶ Não é sem alguma perplexidade que vemos escrito por Joaquim Chorão LAVAJO, “André de Resende e a História Religiosa de Portugal”, in *Cataldo & André de Resende* [...], pp. 171-184, ref. p. 171, que Resende *não pode ser considerado um teólogo, no sentido estrito do termo*. Ora a sua formação, funções e obra (e este autógrafo em particular) o desmentem absolutamente. Diríamos mesmo que Resende deve ser considerado um teólogo em todos os sentidos do termo.

⁷ Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquirição de Évora, Processo 8628.

1. 2 genero de blasphemia e, dizer q serue com ho cheiro dos allumiados q falta pouco para se chamar propheta. / el attribuir a si ho d'ido de Hieremias, eu non sou tornado, seguido a ti pastor. q se faz preso por preegar vidade.
2. 2 falsament diz q Hieremias dizia alho pouco & ahas principes ho que faziam. por hos veer andar afastados de fazer mia, e se veerem pr regimentos de leterados. e fez tras ~~contas~~ ^{contas} sobre ho mees allumiados por q ha propheta de Hieremias ho principal q reprende e idola mia do pouso. cap. 1. dereliquerunt me & libaverunt dijs alienis, & adorauerunt opus manuum suar. cap. 2. quid inuenerunt patres vestri in me, quia elongauerunt a me, & ambulauerunt post dani tatum. Este ho mees quer dar a entender nisto, q ho fffr nosso snor faz ernegas nistr q e ho mees allumiado, & por ser natural ho no tee en conta.
3. 2 poe falso testimonho aa sancta inquisicao, q toma de empreitada consumir ho pouso da nacam. por q ha sancta inquisicao pretende appatar hos leprosos da companhia dos saos, por q hos outros se non faze leprosos, & isto com toda mia. e ha proua disso seia q assi castigasse christaos velhos, & com ho mesmo rigor. & per ventura mais, q hos novos.
4. 2 clarament se confessa ser judeu. pois diz q ettei q sancta gloria haia hos tornou christaos per forza mettendo se a si. & poe falso testimonho en ettei nosso snor, & no fffr nosso snor, d'endo q buscam leis para hos consumir.
5. 2 quando diz q diram hos egyptios q sou ho gentes, & diz q no fora do regno, mas nobres do regno murmuram. da entender q nos somos gentios q assi nos chamam, etis, gois. iij. gentio. o. ij. gentio.
6. 2 onde diz do bezerro. e pergunta q maior peccado podia ser. digo q igual heresia & blasphemia e, dizer este bezerro e ds, & dizer ho messias no e vido, iesu christo no foi messias.
7. 2 onde diz q ha peccado do bezerro foi perdoado, diz falso. qua posto q no cap. 32. do exodo, diga, placatusq est dnus ne faceret malum quod locutus fuerat. no se entende q lhes perdoou ho peccado, mas q hos no quis destruir todos, quomo no principio dixera. dimitte me ut irascatur furor meus contra eos & deleam eos. & q lho no per doasse mostra se no cap. 32. do mesmo capitulo. qua depois q moises fez ha vingança, dixea ds. Auferat aut dimitte eis hanc no xam, aut dele me de libro r. & Respondeo the ds. qui peccat uerit mihij delebo eum. Ego aut in die ultionis visitabo & hoc peccat ege. Ierussu ego dnus populum pro reatu vultu. Has quae pala uras nos manifestam q lhes no perdoou, mas q temporalment punio muitos no corpo, & se no ho uue condigna penitencia, punira eternalment nas almas. / & sentir ho contrario e heresia.

Só a ignorância desta insuspeita actividade do autor do *Erasmi encomium* pode explicar o desabafo, posto em ode, do humanista e poeta novilatino cristão-novo, Diogo Pires⁸, dedicada ao seu amigo e conterrâneo Resende e datável de 1568. Nela, Pires confessa a sua imensa dor pela expulsão da pátria – *hic focus / Expulsi Patriis flemus* –, pela ausência da mãe e, o que é mais significativo, pela morte do pai nas fogueiras da Inquisição em Ancona, depois do exílio português: *Me desiderium matris, et aspera / Pressus sorte parens in lachrymis dies / Noctes in lachrymis ducere perpetes / Crudeli serie iubent*.⁹ Não podemos sequer intuir o entendimento que Resende teria (se acaso alguma vez a pudesse ter lido) face a tamanho desabafo emocional, ele que, no seu alinhamento anti-herético e apologia anti-judaica, tinha feito condenar à morte um *homem de nação*, mercador importante de Évora e, muito provavelmente, das relações dos Pires-Cohen, família eborense do seu amigo Diogo Pires, irmanados antes, em 1537, pela admiração que ambos nutriam por Erasmo, plasmada em letra de forma nos *D. Erasmi Roterodami epitaphia* pela mão do mestre de grego Rutger Ressen (Rogério Réscio).

II.

Procuramos, através de um estudo mais vasto que aqui damos a conhecer o referente a Resende, contribuir para a historiografia inquisitorial¹⁰ com um olhar crítico sobre a figura do ‘inquisidor’, ou antes, a do teólogo que exerce essa função, ora como juiz ora como censor, e da estrutura mental, especialmente religiosa e teológica, que a amparam e a corporizam. Debruçámo-nos inicialmente na actuação inquisitorial praticamente desconhecida, mas muito relevante, de Pedro Margalho¹¹, que uma historiografia baseada no progresso e na vanguarda, fez do crítico de Erasmo, na conhecida

⁸ Do humanista veja-se, por todos, António Manuel Lopes ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI*, (dissertação de doutoramento em Literatura, apresentada à Universidade de Aveiro), 2005 (texto policopiado), maxime pp. 29-134.

⁹ Edição e tradução em Américo da Costa RAMALHO, *Para a história do humanismo em Portugal*, Volume 1, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra – Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988, pp. 142-143: *A mim, a saudade da minha mãe e o meu pai, vítima de triste sorte, me forçam a passar em lágrimas os dias, em lágrimas as noites continuas, em cruel sucessão*.

¹⁰ Veja-se Jorge Borges de MACEDO, “A Tentativa Histórica «Da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal» e as Insistências Polémicas”, in HERCULANO, Alexandre, *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, 13.^a edição, Volume 1, Lisboa, 1976, pp. XI-CXXXIV. Com efeito, mais se tem estudado a vítima preferencial do mesmo tribunal – vide João Lúcio de AZEVEDO, *História dos Cristãos Novos Portugueses*, 2.^a edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1975. O estudo fundamental para a problemática da Inquisição com alteração do questionário é o de Francisco BETHENCOURT, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa, Temas & Debates, 1996.

¹¹ Nascido em Elvas entre 1471 e 1473, terá chegado a Paris nos inícios da década de noventa atraído pela universidade, tendo estudado súmulas e lógica até atingir o grau de bacharel em 1494. Licenciou-se em artes no mesmo período do ano seguinte, recebendo o barrete doutoral em teologia em 1510. Entre 1510 e 1517 ensina artes e teologia em Valladolid e súmulas em Salamanca desta data até 1525. Do seu magistério escolástico em Salamanca resultaram os dois volumes que compõem a sua obra impressa mais importante: os *Margallea logices*, de 1520 e o *Phisices compendium*. Depois de se doutorar em cânones em 1528 regressa ao reino como mestre de teologia de D. Afonso ingressando a partir de 1530 na carreira universitária portuguesa chegando a vice-reitor. A partir de 1533 fixa-se em Évora na qualidade de cônego da Sé. O posto de preceptor do cardeal D. Afonso ocupa-o Margalho em Lisboa – nomeado por alvará de 2-V-1530 –, depois de ter abandonado Salamanca a 19-VIII-1529, juntando-se assim ao seu amigo e antigo colega de Salamanca, o helenista Aires Barbosa, mestre do purpurado luso desde 1523. Logo em 25-V-1532 é encarregado pelo seu pupilo de agir como juiz numa questão entre Alcobça, do qual o cardeal era comendatário, e os vigários das igrejas dos seus coutos. Para a sua biografia veja-se, por todos, Luís Ribeiro SOARES, *Pedro Margalho*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000. A análise decorrente da nossa investigação sobre Pedro Margalho será publicada em lugar próprio.

Assembleia de Valladolid (1527), um escolástico obscurantista e ultrapassado e, desta forma, espírito igualmente responsável pelos infortúnios do teólogo de Roterdão – *Além disso*, [Erasmus], *tu criticaste a apatia dos costumes e acutilaste os erros com a lança da palavra verdadeira. Daí as lágrimas, daí a dor, – e a razão dos males que sofreste*.¹² Paradoxalmente, é precisamente o autor destas linhas, André de Resende ou, talvez melhor, Frei André de Resende OP, a figura que nos permite melhor adentrar nessa corte eborense de teólogos agindo, a mando dos príncipes purpurados, na esfera do Tribunal do Santo Ofício. Esta é, pois, uma abordagem aos círculos de teólogos numa *Ebora humanística*¹³ que orbitaram em torno das figuras tutelares dos nossos cardeais-infantes e que exprimiram o seu pensamento teológico em sede inquisitorial num período cultural e espiritualmente complexo e que se define na dialéctica entre as armas e as letras, por um lado, na oposição entre práticos e teóricos e, bem assim, por outro, nos movimentos ora de abertura ora de conservadorismo, em clara oscilação pendular presente no domínio da facção ‘integrista’ e contra-reformada contra o derrotado humanismo irénico, erasmista, evangelista ou apenas progressista ou reformador.¹⁴ Dialéctica e antagonismos expressos, tão eloquentemente, nas escolhas editoriais¹⁵ mas, também, nas estratégias pedagógicas¹⁶, dentro e fora do reino – cujos percursos contribuíram para o extremar de posições entre os formados em Paris, Lovaina ou Salamanca.

¹² Cf. André de RESENDE, *Elogio de Erasmo (Erasmii Encomium)*, (estabelecimento do texto e tradução de Walter de Sousa MEDEIROS e José Pereira da COSTA; introdução de Artur Moreira de Sá), Lisboa, Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia, 1961, p. 27.

¹³ Referimo-nos ao epíteto preconizado por Luís de MATOS, “*Ebora Humanística 1490-1550*”, in *A Cidade de Évora*, 59, 1976, pp. 5-21. Veja-se igualmente Américo da Costa RAMALHO, “*Algumas figuras de Évora no Renascimento*”, in *A Cidade de Évora*, 65, 1982-1983, pp. 5-20; e Joaquim LAVAJO, “*As Humanidades em Évora*”, in PEREIRA, Fernando António Baptista, (coordenação científica de), *Do Mundo Antigo aos Novos Mundos* [...], pp. 43-75.

¹⁴ Este quadro dialéctico da nossa cultura quinhentista foi traçado por José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, 1 Volume em 2 Tomos, Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos – Universidade de Coimbra, 1960 e IDEM, *A política cultural da época de D. João III*, 1 Volume em 2 Tomos, Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos – Universidade de Coimbra, 1969. Vejam-se igualmente as obras de José Vitorino de Pina MARTINS, *Humanisme et Renaissance de l’Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, 1 Volume em 2 Tomos, Lisboa – Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989; Luís Filipe BARRETO, *Descobrimentos e Renascimento. Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982; IDEM, *Caminhos do saber no Renascimento Português. Estudos de história e teoria da cultura*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986; Jean-Claude MARGOLIN e José Vitorino de Pina MARTINS, (organização conjunta de), *L’Humanisme Portugais et l’Europe*, (actas de congresso internacional), Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1984; e José Vitorino de Pina MARTINS, (organização de), *O Humanismo Português 1500-1600*, (actas de congresso), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1988. Sobre esta questão ao nível da espiritualidade vide José Sebastião da Silva DIAS, *O Erasmismo e a Inquisição em Portugal. O processo de Fr. Valentim da Luz*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias – Universidade de Coimbra, 1975; e Manuel Augusto RODRIGUES, *Do Humanismo à Contra-Reforma em Portugal*, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1981. Para uma análise do contexto ibérico, veja-se Marcel BATAILLON, *Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, 2.ª edição, Madrid – Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1966; IDEM, *Études sur le Portugal au temps de l’Humanisme*, Paris, Centro Cultural Português – Fundação Calouste Gulbenkian, 1974; e Eugenio ASENSIO, “*El erasmismo y las corrientes espirituales afines. Conversos, franciscanos, italianizantes*”, in *Revista de Filología Española*, 36, 1952, pp. 31-99.

¹⁵ Sobre a temática dos impressos em Portugal no século XVI, veja-se Jorge Borges de MACEDO, “*Livros impressos em Portugal no século XVI. Interesses e formas de mentalidade*”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, 9 (*Homenagem a Marcel Bataillon*), 1975, pp. 183-221; sobre questões tipográficas atinentes a humanistas portugueses, veja-se Francisco Leite de FÁRIA, *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época*, Lisboa, Comissão Organizadora do IV Centenário da Morte de Damião de Góis – Secretaria de Estado da Cultura, 1977.

¹⁶ Veja-se o importante estudo de Luís de MATOS, “*O Ensino na Corte durante a dinastia de Avis*”, in MARTINS, José Vitorino de Pina, (organização de), *O Humanismo Português 1500-1600* [...], pp. 499-592 e o já clássico, aplicado ao caso da casa ducal de Bragança, em Vila Viçosa, bem perto de Évora, do mesmo autor, *A corte literária dos duques de Bragança no Renascimento*, Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança, 1956.

A Lovaina e, em concreto, ao Colégio Trilingue, ocorreu, para além do exegeta Frei Jerónimo de Azambuja OP¹⁷, onde se doutorou, também Damião de Góis em 1539, procurando igualmente aperfeiçoar-se nas línguas latina, grega e hebraica, numa altura em que se afastara das mercadorias materiais e decidido pelas espirituais – no dizer de Barros –, cidade onde havia estado em convívio e aprendizagem com Rutger Resen e Konrad Goclenius (Conrado Goclénio) – a quem Resende, seu antigo aluno de *latinitas*, dedica o poema *Encomium urbis academiae Lovaniensis* (1530) –, ambos professores no Colégio Trilingue, e à qual retornava depois do seu périplo por Itália. De resto Góis nutriu sempre apreço especial por aquela cidade do Brabante e, em particular, pelo seu ambiente cultural, tendo mesmo feito publicar um seu elogio intitulado *Vrbis Louaniensis obsidio* (1546). De igual modo, a ela se dirigiram vultos da cultura humanística portuguesa de Quinhentos como Inácio de Moraes, Frei Brás de Barros e Frei Diogo de Murça, sem esquecer Resende, que aí estadeia entre 1529 a 1531, antes de ser afastado pelos Dominicanos daquela cidade dado, não só o apreço público do humanista por Erasmo, mas também por este lhe ter publicado o poema *Erasmii encomium* (1531) sem o seu consentimento, o que o colocou em sérios problemas junto da sua ordem.

III.

Compreendida a fenomenologia inquisitorial¹⁸ ao nível das cúrias pontifícia e régia¹⁹ pelo trabalho incontornável de Herculano, ainda nos faltam as visões parcelares só possíveis com o estudo dos círculos de pressão em torno desses mesmos centros decisórios: os procuradores dos cristãos-novos

¹⁷ Muito embora José Nunes CARREIRA, "Frei Jerónimo da Azambuja: Hebraísta e Exegeta da Era da Expansão", in *Mare Liberum*, 10 (II Congresso Luso-Espanhol sobre Descobrimientos e Expansão Colonial), 1995, pp. 407-422, na p. 407 afirma que *Se hoje me debruço sobre Frei Jerónimo de Azambuja, conhecido internacionalmente pelo topónimo alatinado de Oleaster, não é por o autor não estar estudado.*, a verdade é que persistem diversos erros quer quanto aos seus aspectos biográficos, quer quanto aos bibliográficos. Vejam-se Albano VILELA, "Um exegeta português do Concílio de Trento: Oleastro. No IV centenário da sua morte (1563-1963)", in *Brotéria*, 78, 1964, pp. 16-28; Domingos MAURÍCIO, "Azambuja, (D. Jerónimo de)", in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Volume 3, Lisboa, Editorial Verbo, 1965, p. 202; António Augusto Martins MARQUES, "A obra exegetica de Fr. Jerónimo de Azambuja: Breve comparação dos comentários", in *Theologica*, 1, 1966, pp. 123-150 e pp. 293-327; IDEM, "Frei Jerónimo de Azambuja e a sua Actividade Inquisitorial", in *Lusitania Sacra*, 8, 1964-1966, pp. 193-216; José Nunes CARREIRA, "Exege-se e humanismo no século XVI português", in FARINHA, António Dias, CARREIRA, José Nunes, e SERRÃO, Vítor, (coordenação conjunta de), *Uma Vida em História. Estudos em Homenagem a António Borges Coelho* [...], pp. 397-419; e Ana Cristina da Costa GOMES e Nuno Miguel BAPTISTA, "O Retrato de um Humanista e de um Inquisidor: Fr. Jerónimo de Azambuja", in BERNAL PALACIOS, Arturo, (direcção de), *Praedicatores, Inquisitores – II. Los Dominicos y la Inquisición en el mundo ibérico e hispanoamericano*, (actas de colóquio), Roma, Istituto Storico Domenicano, 2006, pp. 575-609.

¹⁸ Não podemos concordar com a afirmação de Michèle Janin-Thicos TAILLAND, *Inquisition et Société au Portugal. Le cas du Tribunal d'Évora 1660-1821*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2001, p. 17: *L'intérêt des historiens s'est surtout porté sur la fondation et l'établissement du tribunal, c'est ce qui est aujourd'hui bien connu*. Com efeito, aquilo que de melhor se conhece são os aspectos relacionados com as vítimas e muito menos os do funcionamento institucional e quadros internos de cujo conhecimento, desde o contributo de António Baião, pouco se tem avançado – vide António BAIÃO, "A Inquisição em Portugal e no Brasil. Subsídios para a sua historia.", in *Arquivo historico portuguez*, 4, 1906, pp. 205-236 e pp. 389-424; 5, 1907, pp. 1-17, pp. 94-102, pp. 192-215, pp. 272-306 e pp. 411-425; 6, 1908, pp. 42-56. Sobre as vítimas veja-se J. Torres VEIGA, "Uma longa guerra social, os ritmos da repressão inquisitorial em Portugal", in *Revista de História Económica e Social*, 1, 1978, pp. 55-68.

¹⁹ Veja-se Maria do Rosário Themudo BARATA, "Inquisição: questões prévias", in BARRETO, Luís Filipe, et al., (coordenação conjunta de), *Inquisição Portuguesa. Tempo, Razão e Circunstância*, (actas de colóquio internacional), Lisboa – São Paulo, Prefácio – Arké, 2007, pp. 23-28.

junto da cúria apostólica²⁰ (já com importante investigação em curso) e os teólogos que serviram a cúria régia, estudo de que aqui nos ocupamos parcelarmente.

Para devidamente aferir o círculo destas figuras de eclesiásticos, teólogos e canonistas que serviram a casa dos dois purpurados torna-se necessário atentar para a *aula regis*, já que não podemos esquecer que estes dois prelados são ao mesmo tempo infantes da casa real, participando activamente na corte e suas actividades e com ela se deslocando. É, então, olhando em torno de D. João III²¹ e D. Catarina de Áustria²², mas também dos infantes D. Maria²³ – discípula de Frei João Soares (depois bispo-conde de Coimbra), D. Julián de Alva (futuro bispo de Portalegre e de Miranda do Douro), Joana Vaz e Luísa Sigeia –, com *casa* própria desde 1537 no Paço do Campo de Santa Clara em Évora, e D. Luís²⁴ – aluno de Diogo Ortiz de Villegas (futuro bispo de S. Tomé e de Ceuta), Lourenço de Cáceres, Pedro Nunes (que lhe dedica o *Tratado da esphera*) e D. Francisco de Melo (futuro bispo de Goa) –, e atentando para a composição das suas casas, seus oficiais e servidores, mormente os que desempenhavam os altos cargos de confessores, pregadores e capelães régios, que podemos entender a tónica que presidia a tão destacada tarefa, não esquecendo, naturalmente, os bispos portugueses²⁵ a ela afectos.²⁶

Não podemos esquecer nem menosprezar o verdadeiro peso destes homens das sagradas letras (ou dos cânones) que, do alto da sua posição doutrinária, souberam influir no pensamento e na acção dos nossos purpurados, influência, de resto, de todos conhecida à época, patente no poderoso

²⁰ Sobre Duarte da Paz, e outros agentes cristãos-novos na cúria papal, veja-se Alexandre HERCULANO, *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Volume 1, [...], pp. 243-260; James Nelson NOVOA, "The Departure of Duarte de Paz from Rome in the light of documents from the Vatican Secret Archive", in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 7, 2007, pp. 273-300; e IDEM, "The Vatican Secret Archive as a source for the history of the activities of the agents of the Portuguese New Christians (1532-1549)", in *Miscelanea di Studi dell'Archivio Segreto del Vaticano*, 3, 2009, pp. 171-196.

²¹ Veja-se Ana Isabel BUESCU, *D. João III. 1502-1557*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

²² IDEM, *Catarina de Áustria (1507-1578). Infanta de Tordesilhas. Rainha de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2007, e Annemarie JORDAN-GSCHWEND, *A rainha colecionadora: Catarina de Áustria*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.

²³ Veja-se Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas damas*, 2.ª edição, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional, 1994.

²⁴ Figura a merecer um estudo aprofundado, D. Luís recebeu, no entanto, a atenção de Sylvie DESWARTE-ROSA, "Espoirs et Désespoir de l'Infant D. Luis", in *Mare Liberum*, 3, 1991, pp. 243-298 (com abundantes notas bibliográficas e documentação). Sobre a produção e consumo de objectos preciosos, prata e armaria na casa do infante veja-se o nosso estudo, "«*lhe nam faltou mais que não nascer Rei*»: splendore et magnificentia no «tesouro» e guarda-roupa do infante D. Luís", in *Artis*, 9-10, 2010-2011, pp. 163-186.

²⁵ Tema bem explorado foi precisamente a ligação dos nossos arcebispos e bispos com a casa real, especialmente no que toca à nomeação régia de tão importantes cargos eclesiásticos – vide José Pedro PAIVA, *Os Bispos de Portugal e do Império 1495-1777*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. Sobre a ligação destes homens com o Tribunal do Santo Ofício veja-se do mesmo autor, "Os bispos e a Inquisição portuguesa (1536-1613)", in *Lusitania Sacra*, 15, 2003, pp. 43-76.

²⁶ Sobre os confessores veja-se João Francisco Marques, "Franciscanos e Dominicanos Confessores dos Reis Portugueses das duas Primeiras Dinastias. Espiritualidade e Política", in CARVALHO, José Adriano Freitas de, (direcção de), *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Porto, Faculdade de Letras – Instituto de Cultura Portuguesa, 1993, pp. 53-60. Destacamos D. Frei Diogo da Silva OFM, antigo desembargador, bispo de Ceuta e inquisidor-geral e que foi precisamente confessor de D. João III – vide Manuel Pereira GONÇALVES, "O Franciscano Frei Diogo da Silva (1485-1541) 1.º Inquisidor Geral do Reino de Portugal", in *Itinerarium*, 35, 133-134, 1989, pp. 67-91.

testemunho de Pêro Álvares, influente mercador cristão-novo de Évora²⁷, dito o *juden grande e*, como veremos, pela acção de Resende, um dos primeiros relaxados em carne naquela cidade: *espero em Deus que no Rejno aja tamta quyetude / que as palauras ditas e Rezois que avera venha tudo a soseguo desta triste nação / que pera falar verdade diguo senbor se Representa / e sabe-o dizer quallquer omem / que pera fymjir que estes são os yproquetas das oracois largas que falao muito he muito manso ao primçepe com cor de Deus.*²⁸

Há a sublinhar, também, a certeza que estes teólogos tinham de que a sua opinião era tida em linha de conta, expressando grande confiança nas decisões dos seus patronos. Da confiança que depositava Resende no inquisidor-geral infante D. Henrique, são eloquentes as suas palavras em resposta ao cristão-novo Pêro Álvares, peça central do presente estudo: *assi confiamos nos que ho Jffante nosso Senhor quomo piedoso principe & Summo Sacerdote que haa de rogar por ho peccado do Seu pouoo, pediraa a Deus que lhes perdõe, e porem quomo ministro & Zelador de Deus, ainda que com door de Seu coraçam, puniraa has blasphemias, pois para ipso lbe allegam ho exemplo de Moises, que comquanto dizia Quiescat ira tua, et esto placabilis etc. [cf. Ex 32,12] dixit depois Si quis est domini, iungator mihi. Ponat vir gladium super femur suum etc. & occidat unusquisque fratrem, & amicum, & proximum suum. Cecideruntque in die illo quasi viginti tria milia hominum. [cf. Ex 32,26-28].*²⁹ Ou seja, não repugnava ao humanista ouvir dizer a um príncipe da Igreja: *cada um de vós mate o irmão, o amigo e o vizinho!*

Se hoje contamos com um considerável conjunto de obras historiográficas que nos ajudam a caracterizar a personalidade do cardeal-infante D. Henrique³⁰ (31-I-1512 – 31-I-1580), já o seu irmão mereceu menos interesse. Quanto a D. Henrique, os estudos mais recentes contemplam desde

²⁷ Assim o caracteriza em termos sintéticos Elias LIPINER, *Gonçalo Anes Bandarra e os cristãos-novos*, Trancoso, Câmara Municipal de Trancoso – Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 1996, p. 116, n. 27: *Pero Álvares, mercador de Évora, era um cristão-novo letrado, amigo dos nobres do Reino e com acesso ao paço Real*. Veja-se igualmente Susana Bastos MATEUS, “Álvares, Pêro”, in PROSPERI, Adriano, (direcção de), *Dizionario storico dell’Inquisizione*, Volume 1, Pisa, Edizioni della Normale, 2010, pp. 51-52. A data do auto da fé onde foi queimado é 23-IX-1543 e não Dezembro, como refere a autora.

²⁸ Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Officio*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fl. 205. Ver *infra* discussão sobre esta carta dirigida ao infante D. Henrique.

²⁹ Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Officio*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fl. 224, artigo 8. Trata-se da resposta à carta ou memorial escrita por Pêro Álvares, mercador cristão-novo de Évora e criticada *item por item* por André de Resende – *vide* discussão *infra*. Que assim se sacrificassem irmãos, amigos e vizinhos, parecia igualmente natural ao inquisidor D. João de Melo – que fez não raro as vezes de inquisidor-mor por D. Frei Diogo da Silva OFM nos primeiros tempos da Inquisição –, como se depreende da famosa carta que escreveu a D. João III por ocasião de um dos primeiros autos-da-fé celebrados em Lisboa – Cf. ANTT, *Gavetas*, Gaveta 2, Maço 2, Documento 40, fl. 2v.: *çertifiquo a uosa alteza que de njnhã cousa estou tam espantado como dar Nosso Senhor tanta paçiençia em fraqueza humana / que viesem os filhos levar seus pais a queimar. e as mulheres. seus maridos. e hũs Jrmãos aos outros e que nam ouuese pessoa que falase nem chorase nem fezese njnhum outro moujmento se nam despidiem-se hũs dos outros com suas benções como que se partisem pera tornarem ao outro dia*. Damos aqui uma leitura nossa embora esteja publicado em vários sítios. Está datada de 14-XI-[1542 ou 1544?] – *vide* Alexandre HERCULANO, *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Volume 3, [...], p. 190, n. 1.

³⁰ Sobre a figura de D. Henrique, veja-se Amélia POLÓNIA, *D. Henrique. O cardeal-rei*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005; Giuseppe MARCOCCI, *I Custodi dell’Ortodossia. Inquisizione e Chiesa nel Portogallo del Cinquecento*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 2004; P. Manuel Madureira DIAS, “Espiritualidade do Cardeal D. Henrique”, in *Eborensia*, 1, 1-2, 1988, pp. 71-86; Maria Amélia Polónia da SILVA, “Recepção do Concílio de Trento em Portugal. As normas enviadas pelo cardeal D. Henrique aos bispos do reino, em 1553”, in *Revista da Faculdade de Letras. História*, 7, 1990, pp. 133-143; e IDEM, *O Cardeal-Infante D. Henrique, Arcebispo de Évora. Um prelado no Limiar da Viragem Tridentina*, (dissertação de mestrado em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Porto, 1999 (texto policopiado) publicada em edição de autor, no Porto, em 2005.

a sua formação com o jurisconsulto Gaspar Moreira, numa primeira fase, completada pelos estudos proporcionados pela chamada, para preceptores, dos humanistas Aires Barbosa (com quem Resende se instruíra em Salamanca nos anos de 1521 a 1526), Nicolas Cleynaerts (Nicolau Clenardo)³¹ recrutado por Resende na mesma *alma mater salmanticensis*, Pedro Nunes³², Jan Was (João Vaseu) e D. Simão Pires, mas também a sua acção no campo da organização diocesana, actividade pastoral, nas regências durante a menoridade de D. Sebastião, na administração do Tribunal do Santo Ofício, na direcção do Estado e, igualmente, na fundação do Colégio do Espírito Santo, depois convertido na Universidade de Évora, pelo contacto com os jesuítas, destacando-se sobremaneira o seu confessor P. Leão Henriques SJ e com Frei Luís de Granada OP, seu próximo colaborador. O seu antecessor no bispado de Évora e, por assim dizer, na púrpura, o cardeal-infante D. Afonso³³, é figura tanto do maior interesse quanto pouco estudada, mesmo considerando os estudos muito recentes sobre alguns aspectos da sua dimensão mecenática³⁴ e seu governo episcopal em Évora.³⁵

Vejamos em traços breves a sua biografia. Nasceu em Évora a 23-IV-1509 tendo sido, desde logo, destinado por seu pai para a vida eclesiástica. O barrete cardinalício, de cardeal-diácono apenas lhe foi entregue completados os dezoito anos, o que veio a acontecer em Lisboa, a 28-V-1526 – recordado num epigrama do seu mestre Aires Barbosa³⁶, publicado nas peças finais da sua *Antimoria*, que dedicou ao seu discípulo. Provido no bispado de Viseu a 23-II-1519, governou-o até 20-II-1523, data em que foi elevado a arcebispo de Lisboa e perpétuo administrador do bispado

³¹ Veja-se Victor CHAUVIN e Alfonse ROERSCH, *Étude sur la vie et les travaux de Nicolas Clénard*, Bruxelas, Hayez, 1900; Alfonse ROERSCH, "Un grand humaniste belge", in *Revista da Universidade de Coimbra*, 11, 1933, pp. 423-442; IDEM, *Correspondance de Nicolas Clénard*, 3 Volumes, Bruxelas, Palais des Académies, 1940-1941; Manuel Gonçalves CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal*, 4.ª edição, 2 Volumes, Coimbra, Coimbra Editora, 1954-1975; e Joaquim Chorão LAVAJO, *Nicolas Clénard et l'enseignement des langues classiques et orientales*, Separata de *Romana Arabica*, 1996.

³² Sobre o cosmógrafo e matemático veja-se, por todos, Henrique LEITÃO, "Para uma biografia de Pedro Nunes: o surgimento de um matemático, 1502-1542", in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 3, 2003, pp. 45-82. Sobre as relações de Nunes com o cardeal vide Joaquim de CARVALHO, "Pedro Nunes, mestre do Cardeal infante D. Henrique", in *A Cidade de Évora*, 7, 21-22, 1950, pp. 3-13.

³³ Sobre o cardeal-infante veja-se Isaías da Rosa PEREIRA, "Sínodo diocesano de Évora em 1534", in *Anais* [da Academia Portuguesa de História], 20, 1971, pp. 171-232 (importantíssimo estudo e edição das actas do sínodo diocesano de Évora de 1534 convocado pelo cardeal-infante D. Afonso) e Sebastião Tavares de PINHO, "André de Resende e o cardeal-infante D. Afonso em torno do sermão pregado no sínodo de Évora de 1534", in *Eborensia*, 1, 1-2, 1988, pp. 39-70. Vide Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, (nova edição preparada por Damião PERES), Volume 2, Porto – Lisboa, Livraria Civilização Editora, 1968, pp. 51-52, p. 580 e pp. 637-638; Domingos MAURÍCIO, "Afonso (Cardeal Infante D.)", in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Volume 1, Lisboa, Verbo, s.d., cols. 543-544; Jerónimo Alcântara GUERREIRO e António Alberto de Banha de ANDRADE, "Afonso, Cardeal Infante D.", in ANDRADE, António Alberto Banha de, (direcção de), *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Volume 1, Lisboa, Editorial Resistência, 1980, pp. 42-43; e Sebastião Tavares de PINHO, "O poema *Consecratio* de Jorge Coelho e a origem da palavra «lusiadas»", in RAMALHO, Américo da Costa, et al., *III Reunião Internacional de Camonistas. Actas*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1987, pp. 317-339.

³⁴ Veja-se Sebastião Tavares de PINHO, "O cardeal-infante D. Afonso, prelado e mecenas do Humanismo português", in *Eborensia*, 38, 2006, pp. 21-44.

³⁵ Veja-se José Pedro PAIVA, "Um príncipe na diocese de Évora: o governo episcopal do cardeal infante D. Afonso (1523-1540)", in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 7, 2007, pp. 127-174.

³⁶ Veja-se Walter de Sousa MEDEIROS, *Aires Barbosa. Escorço biobibliográfico seguido do texto da versão da Antimoria*, (dissertação de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa, 1953 (texto dactilografado).

de Évora, até à sua morte a 21-IV-1540. O seu zelo pastoral e as suas preocupações reformadoras, que contaram com o apoio e saber de André de Resende, ficam patentes nas reformas que levou a cabo nas dioceses que administrou, às quais proveio com todo um plano reformador, expresso em acções como a convocação do sínodo diocesano de Évora em 1534 (onde Resende proferiu o sermão de abertura), a publicação das constituições do bispado de Évora (1534) e das de Lisboa (1537), a reforma litúrgica que empreendeu na sua sé eborense e a revitalização da música sacra. Mas não apenas na qualidade de teólogo serviu Resende o seu mecenas, tendo o humanista compilado a seu mando um livro, hoje desaparecido, de inscrições romanas – *Antiqua Epitaphia ou Monumenta Romanorum*, e a quem o ofereceu logo a 1-X-1533, esperando o natural patrocínio da sua publicação.

À casa do cardeal, e segundo a documentação referente à década de trinta do *Corpo Cronológico* do nosso arquivo nacional, pertenciam Domingos Álvares – arcebispo de Oriola, vigário-geral e doutor em direito canónico –, doutor João Monteiro, doutor Luís Afonso, Rodrigo Monteiro e Mateus Esteves, todos desembargadores do auditório eclesiástico, Pedro Margalho, Cristóvão de Figueiredo (pintor do cardeal), Mateus de Aranda (mestre de polifonia e cantochão na sé, tendo publicado duas obras custeadas pelo cardeal), Diogo Afonso (secretário pessoal e notário apostólico), Luís Gonçalves Botafogo (notário apostólico e escrivão da câmara), Luís Álvares de Proença (escrivão da câmara e mestre na sé), D. António de Valasco (capelão), D. Cristóvão (capelão), André de Resende, D. Garcia de Meneses (vedor da fazenda), Álvaro Fernandes (chanceler), Lourenço Soares de Melo (mordomo-mor e vedor), Simão de Sousa Tavares (fidalgo da casa real e seu estribeiro-mor), Sebastião Colaço (guarda-reposte) e André Rodrigues de Beja (uchão). Sabemos pelo próprio Francisco de Holanda³⁷, que o afirma no seu *Da Pintura Antiga*, cap. XIII – *Mas n'este lugar seja-me a mi licito dizer como eu fui o primeiro que n'este Reino louvei e apregoei ser perfeita a antiguidade, e não haver outro primor nas obras, e isto em tempo que todos quasi querião zombar d'isso, sendo eu moço e servindo ao Infante Dom Fernando e ao serenissimo Cardeal Dom Afonso, meu senhor. E o conhecer isto me fez desejar de ir ver Roma*.³⁸ – que pertencia à casa do cardeal-infante na qualidade de seu moço da câmara, tendo provavelmente para ela transitado após a morte do infante D. Fernando, duque da Guarda, ocorrida a 7-XI-1534.³⁹ Como quer que seja, ao cardeal-infante chama de *meu senhor*, o que significa que por estes tempos de juventude, Holanda terá cultivado o amor das *antigualbas* no ambiente propício da *casa* do cardeal, repleto de cultores das *humaniores litterae*, como o *mestre grego*, Aires Barbosa, Resende (a quem agradece uma indicação epigráfica no seu poema *Vincentius leuita et martyr*, atribuindo-lhe o

³⁷ Sobre Francisco de Holanda, vide Sylvie DESWARTE-ROSA, *Ideias e imagens em Portugal na época dos Descobrimentos. Francisco de Holanda e a teoria da arte*, Lisboa, Difel, 1992. Desde há muitos anos esperamos desta autora a sua prometida biografia.

³⁸ Cf. Francisco de HOLANDA, *Da Pintura Antiga*, (introdução e notas de Angel GONZÁLEZ GARCIA), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 87.

³⁹ Sobre as ligações de Francisco de Holanda ao cardeal-infante D. Afonso, veja-se Rafael MOREIRA, *Novos Dados Sobre Francisco de Holanda*, Separata de *Sintria*, 1-2 (1), 1982-1983, pp. 619-692.

epíteto de *Lusitanus Apelles*), ou Jorge Coelho – a quem dedica dois epigramas –, aí permanecendo até à sua viagem de estudo a Itália (1537-1540).

Figura importante na caracterização dos círculos de letrados da *Évora humanística* ainda durante a acção e patrocínio de D. Afonso é, precisamente, Jorge Coelho⁴⁰, poeta novilatino e ‘rival’ de Resende quanto às atenções paças (e às tenças régias e favor do cardeal), cujas ligações à *casa* de D. Afonso não estão até ao momento satisfatoriamente aclaradas. A nossa investigação sobre o humanista – para além de ter já comprovado a sua filiação ao bailio Frei João Coelho, dado que assim nos surge no livro de moradias de D. João III e onde assina a 10-VII-1526⁴¹ –, fixa-o ao serviço da casa real, em Almeirim, desde pelo menos 24-IV-1526, data em que o rei faz mercê a este *fydalgo de minha Casa* de 30.000 reais, sobrevivendo o recibo assinado pelo humanista e datado de 3-V-1526⁴², a que se soma em 27-IV-1526, o privilégio de poder andar em mula, sendo aí referido como *escudeiro de minha casa esprivam d’amte o ouuidor do meu capelam-moor*.⁴³ Igualmente inédita e desconhecida é a carta de padrão de tença vitalícia⁴⁴ no valor de 30.000 reais anuais dada pelo rei a Jorge Coelho *fidalguo de minha casa filho do bailio que Deus perdoe* dada em Évora, 18-V-1537, estando já fora do *Liuro de mjnha ffazenda*, portanto já não no serviço régio, já que transitara para a do infante D. Henrique.

Parece ter sido figura do agrado de D. Afonso e seu protegido até à morte prematura do cardeal, ao qual dedicou a *Consecratio*, largo poema sobre a sua sagração episcopal (1536) e, igualmente, um outro sobre a vitória contra o Turco publicado junto com o seu *De patientia christiana* (1540)⁴⁵, e que abre com uma epístola-dedicatória dirigida ao cardeal-infante, uma obra que conta já, dada a morte do cardeal, com o patronato do infante seu irmão. Ao serviço do inquisidor-geral devota a sua pena, sendo, para além de secretário pessoal do infante – desde pelo menos 1538, quando surge

⁴⁰ Humanista português, foi secretário particular do cardeal-infante D. Henrique, cónego da sé de Évora, comendatário do Mosteiro de S. Jorge, perto de Coimbra e escrivão do Tribunal do Santo Ofício. Terá estudado em Salamanca. Fez imprimir em 1536 em Santa Cruz de Coimbra o poema *Consecratio* dirigido ao cardeal-infante D. Afonso e a suas expensas, ostentando o raro cimélio as suas armas. Faleceu a 28-VIII-1563. Sobre a sua vida e obra veja-se Américo da Costa RAMALHO, *Latim Renascentista em Portugal*, 2.ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994, p. 127, n. 4; Sebastião Tavares de PINHO, “O poema *Consecratio* de Jorge Coelho e a origem da palavra «lusiadas»”, [...], pp. 317-339, IDEM, “Dois epigramas de Jorge Coelho dedicados a Francisco de Holanda”, in *Boletim de Estudos Clássicos*, 9, 1988, pp. 97-99; IDEM, “Coelho (Jorge)”, in AAVV, *Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Volume 1, Lisboa – São Paulo, Editorial Verbo, 1995, cols. 1186-1187.

⁴¹ Cf. ANTT, *Moradias da Casa Real*, Maço 1, Livro 7 (*Contos do Reino e Casa*, Núcleo Antigo 142), fl. 95v. Apresentámos este documento no nosso “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes *alias* Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). Em torno da guarda-roupa, livraria e mantearia do rei”, in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 10-11, 2011, pp. 587-688, ref. pp. 589-590, n. 6.

⁴² Cf. ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 34, Documento 36.

⁴³ Cf. ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Doações, Ofícios e Mercês, Livro 12, fl. 51v.

⁴⁴ Cf. ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Doações, Ofícios e Mercês, Livro 24, fl. 117.

⁴⁵ Sobre esta obra, veja-se José Gomes BRÁS, *Contribuição para o estudo do Humanismo em Portugal. Algumas considerações sobre a obra do humanista Jorge Coelho*, (dissertação de licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa, 1942 (texto dactilografado).

registado no *Livro da fazenda* do infante D. Henrique com 20.000 reais de tença anual⁴⁶ –, também notário do Tribunal do Santo Ofício desde a sua criação, como se pode ver, por exemplo no processo movido contra o humanista Duarte Gomes⁴⁷ onde é responsável pela redacção de vários actos (1542-1543). A riqueza que acumulou ao serviço da casa real e do cardeal-infante foi considerável já que – para além da tença anual do seu senhor recebia também aquela já referida vitalícia do rei e à qual renunciou vendendo-a a Cristóvão Correia em 15-III-1545 por 280.000 reais⁴⁸ – auferia avultados rendimentos provindos de igrejas nos bispados de Viseu e Lamego, num total de sete.⁴⁹ De igual forma por estes instrumentos notariais fica patente o considerável número de criados a seu serviço – Gregório Quinteiro, Pêro Veloso e Francisco de Matos –, todos com assinaturas belíssimas a evidenciar o altos estudos que possuíam.

Já dos serviços que André de Resende prestou a D. Afonso restaram dois diplomas que cremos totalmente desconhecidos da sua biografia e que atestam a alta estima do purpurado face ao humanista e teólogo da sua casa. A 28-III-1538, de Lisboa, mandava o cardeal-infante ao seu tesoureiro que se pagasse a Afonso de Proença, seu meirinho, 5.000 reais que, da *Renda d'Alcobaça*, lhe tinha mandado pagar de *hñas casas em que pousa frey Andre de Resende*.⁵⁰ Tratava-se, portanto, de um certo tipo de aposentadoria, que se pode referir a uma sua estadia em Lisboa ao serviço do seu príncipe. Dos diplomas mais expressivos da estima do cardeal-infante e seu amigo – relação próxima que o epistolário latino entre ambos confirma – temos um seu mandado de 29-XII-1539, portanto poucos meses antes da morte de D. Afonso, em que ordena fossem dados a André de Resende 5.000 reais para *hum vestido* (um conjunto de peças de roupa), quantia que o mesmo recebeu a 15-I-1540, assinando o recibo em Évora que, assim, conta como mais uma assinatura autógrafa do humanista, até hoje desconhecida da historiografia.⁵¹ **[Fig. 2]** Não se trata do seu hábito dominicano de túnica branca, escapulário e capa negra com capuz, que o humanista passara a não poder usar, a par do seu título de Frei, por ordem do provincial reformador Jeronimo de Padilla e imposição dos seus confrades – coisa que o desgostou profundamente como revela no testamento –, mas sim de um ‘traje áulico’ como competia a um oficial palatino, oferecendo este documento um testemunho importantíssimo para a cronologia certa (1539) desta resolução dominicana. Já não era a Ordem

⁴⁶ Cf. Biblioteca Pública de Évora (BPE), Cód. CVII/1-29, fls. 35v. (1538), 51v. (1539-1541), 82v. (1542-1544) e 147v. (1545-1548).

⁴⁷ Veja-se Hugo Miguel CRESPO, “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes [...]”, *passim*.

⁴⁸ Cf. Arquivo Distrital de Évora (ADE), *Notariais*, Évora, Livro 7, fls. 5-6v.

⁴⁹ Cf. ADE, *Notariais*, Évora, Livro 5, fls. 118-119. Trata-se de uma procuração de 2-III-1545 em que Jorge Coelho confere ao seu criado Gregório Quinteiro, por um período de um ano, o poder de arrendar em seu nome as referidas igrejas.

⁵⁰ Cf. ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 61, Documento 20.

⁵¹ Cf. ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 68, Documento 110. O mandado, assinado pelo cardeal-infante, vem datado de 29-XII-1540, sendo claro quer pela assinatura do *cardeal* (falecido antes dessa data), quer pela data do recibo de Resende, tratar-se do ano anterior; trata-se então do uso da datação pelo ano da Encarnação, que fazia começar o ano depois do dia de Natal.

(B) 76

afis de nosse... mandamos
que a foy... e mais...
e mais... e mais...
e mais... e mais...
e mais... e mais...
O. cardinal. J. J. J.



Ho... Andre... e mais...
e mais... e mais...
e mais... e mais...
e mais... e mais...
e mais... e mais...
fieri Andre Resende

Ho... Andre... e mais...

[FIG. 2] MANDADO DO CARDEAL-INFANTE D. AFONSO AO SEU TESOUREIRO PARA QUE FOSSEM DADOS A ANDRÉ DE RESENDE 5.000 REAIS PARA UM VESTIDO, SEGUIDO DO RECIBO COM A ASSINATURA AUTOGRAFA DO HUMANISTA (ÉVORA, 29-XII-1539 E 15-I-1540). ANTT, CORPO CRONOLÓGICO, PARTE I, MAÇO 68, DOCUMENTO 110.

dos Pregadores que assegurava o seu vestir, mas o seu príncipe, alterando-se de forma inapelável a imagem exterior do teólogo, agora egresso, um padre secular. De que *vestido* se tratava na realidade não o podemos garantir, mas temos por certo não seria nem libré com as cores do cardeal, nem um áulico gibão, calças e ferragoulo (*vestido*), mas sim um traje de letrado, de doutor: de pano de lã negro composto de *sotana* (roupeta longa, mais tarde chamada sotaina), capa com seu capelo (o nosso capuz), mantéu, ou loba e barrete (*bonete*).⁵² Não deixa de ser revelador que mesmo depois desta data, neste recibo e no processo de Pêro Álvares, continue a assinar enquanto frade, como que recusando a sua nova condição ‘áulica’.

Após a morte do cardeal é calorosamente *agasalhado* pelo infante D. Duarte, integrando a sua casa como seu mestre até à morte do 4.º duque de Guimarães poucos meses depois, a 20-IX-1540.⁵³ É entre este período, em que o humanista deixa a corte e se recolhe, como o próprio escreve⁵⁴, *já corrido de tamanhos embates da fortuna, à minha pátria, e livraria*, portanto às suas pousadas eborenses, e o ingresso como pregador do infante D. Henrique, que data o autógrafa de que nos ocupamos e esta participação nos ‘negócios’ do Santo Ofício, quando o cardeal, como diz Resende, *se quis servir de mim*.⁵⁵ De 1540 a 1548, enquanto não começa a receber pelos seus serviços ao novo cardeal (1545), espera pelo cumprimento do testamento de D. Afonso de que colhemos informação num outro diploma inédito e desconhecido exarado pela chancelaria régia. Tinha o rei à morte do cardeal seu irmão assegurado o pagamento das suas dívidas e de parte das tenças vitalícias que recebiam os seus servidores – *E porquanto mestre Andre de Resemde e hũa das pessoas que tinham tenças do dito Jfante cardeal e aquele a deyxou em seu testamento e tinha per hum padrao trjmta mjl reais e dous moyos de trigo em sua vyda segumdo vy per hum Rol asynado pelo dito Jfante dom Lajs meu Jrmão [...], i.é, o testamenteiro –*, ficando Resende habilitado a receber a sua terça parte (12.000 mais 6.000 reais referentes ao valor estimado do trigo), paga por inteiro anualmente a partir de 1-I-1548 no almoxarifado de Évora, por carta régia dada em Lisboa, 20-IX-1548.⁵⁶

À semelhança de tantos outros servidores do falecido cardeal, transita pois, mesmo que não directamente, para a do seu irmão inquisidor-geral, *príncipe com que viuo*, como o próprio afirma por

⁵² Sobre as tipologias vestimentares deste período veja-se o nosso “Trajar as Aparências, Vestir para Ser: o Testemunho da Pragmática de 1609”, in SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e, (coordenação de), *O Luxo na Região do Porto ao Tempo de Filipe II de Portugal (1610)*, Porto, Universidade Católica Editora, 2012, pp. 93-148, *maxime* pp. 100-103. Sobre o traje de letrado veja-se Carmen BERNIS, *El traje y los tipos sociales en El Quijote*, Madrid, Ediciones El Viso, 2001, pp. 109-136.

⁵³ Não se mantém ao serviço da casa ducal porque, na verdade, só se estabelece *casa* a seu filho, nascido póstumo em Março de 1541, o Senhor D. Duarte, depois condestável, após a sua maioridade, por volta de 1557.

⁵⁴ Cf. André de RESENDE, *Vida do Infante D. Duarte*, in RESENDE, André de, *Obras Portuguesas*, (prefácio e notas de José Pereira TAVARES), Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1963, pp. 71-132, ref. pp. 80-81.

⁵⁵ Cf. IDEM, *ibidem*, p. 81.

⁵⁶ Cf. ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Doações, Ofícios e Mercês, Livro 67, fls. 95v-96.

duas vezes em carta autógrafa e remanescente a D. João de Castro, datada de 16-III-1547.⁵⁷ Nesta altura passava os dias na tipografia lisboeta de Luís Rodrigues a supervisionar a publicação do seu *Breuiarium Eborensis* (1548), obra que lhe havia sido encomendada por D. Afonso anos antes. No entanto, no *Livro da fazenda* do cardeal surge registado já e como pregador, no período de 1545 a 1548 com o *mantimento ordenado* de 30.000 reais, a que se somam outros 8.000 de vestimenta e dois moios de trigo e outros tantos de cevada por dia.⁵⁸ Também do período de serviço ao purpurado temos um outro diploma de igual modo desconhecido da sua biografia (embora o humanista lhe faça menção da titularidade no testamento), desta vez dimanado da chancelaria régia: uma carta de apresentação à abadia da Igreja de S. Salvador de Tonda, do concelho de Besteiros, de padroado régio (*jus praesentandi*), dirigida ao bispo de Viseu, D. Gonçalo Pinheiro. Trata-se de um *beneficium* certamente já prometido por D. João III, datando este diploma de Lisboa, 26-VII-1557 (com alvará incluso de Lisboa, 20-VII-1557), pouco mais de um mês depois da morte do rei e do início da regência de D. Catarina em nome do seu neto D. Sebastião, o outorgante deste diploma.⁵⁹

Vistos os servidores, olhemos de novo a figura do cardeal-infante D. Afonso. Se da sua acção governativa na diocese de Évora conhecemos as suas linhas de força, já do seu zelo religioso em matérias de fé – que irá ser determinante, quanto a nós, na formação religiosa do seu irmão e sucessor na mitra –, em particular na administração da justiça eclesiástica muito à semelhança do que irá ser a acção do Tribunal do Santo Ofício, sabe-se ainda pouco, sendo de relevar o facto de se deverem ao cardeal os regimentos da justiça diocesana mais antigos que chegaram aos nossos dias, o de Lisboa (de 8-X-1535, contido no *Livro dos Estilos da Cúria de Lisboa*) e o de Évora (de 16-XII-1535).⁶⁰ Com efeito, e não nos poderemos deter em minúcia na sua participação activa e forte, são disso claro testemunho os processos de Lourenço Álvares e Roberto⁶¹, para além do já conhecido (pelo menos algo citado) da cristã-nova Guiomar Fernandes, cujo feito-crime (*Feito da Justica do cardeall...*) tem início a 25-I-1533⁶², estando já encarcerada no aljube do cardeal em Évora, por ocasião da leitura do libelo acusatório, e para o qual chamara D. Afonso, o *doctor nosso mestre*

⁵⁷ Cf. ANTT, *Colecção de São Lourenço*, Livro 4, fls. 52-53.

⁵⁸ Cf. BPE, Cód. CVIII/1-29, fl. 169.

⁵⁹ Cf. ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Privilégios, Livro 5, fls. 176v.-177.

⁶⁰ Veja-se Isaías da Rosa PEREIRA, *Livro dos Estilos da Cúria de Lisboa*, Separata da *Lumen*, 1964 e IDEM, "L'Officialité diocésaine de Lisbonne au XVI^e siècle", in *Année Canonique*, 17, 1973, pp. 805-815. Para uma referência actual ao tema, veja-se José Pedro PAIVA, "Dioceses e organização eclesiástica", in AZEVEDO, Carlos Moreira de, (direcção de), *História Religiosa de Portugal*, Volume 2 (*Humanismos e Reformas*, coordenado por João Francisco MARQUES e António Camões GOUVEIA), Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 186-199, *maxime* 194-199.

⁶¹ O processo de Roberto foi integralmente publicado por Isaías da Rosa PEREIRA, "Um processo inquisitorial antes de haver Inquisição", in *Anais [da Academia Portuguesa da História]*, 27, 1982, pp. 193-277.

⁶² Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 3316, fl. 1.

*Pedro Margalho Juiz por especiall mandado em esta causa*⁶³, realizando-se inclusivamente as sessões em Évora, nas *pousadas do doutor mestre Margalho desembargador do muito excelente principe Senhor dom Afonso cardeal e Infante de Purtugall*.⁶⁴ Dos atritos entre a justiça diocesana, (junto e potenciada pela obstinação do cardeal) e o nuncio e seus conciliadores rescritos papais, serve como testemunho o facto da ré ter suplicado em 1535 pela conclusão do seu processo, escusando-se para isso de usar do perdão-geral de 1533 (fl. 74). O primeiro referido, instaurado a um escudeiro e oficial do aparelho de Estado (fora almoxarife e recebedor) em Freixo de Espada à Cinta, importante elo de ligação entre a coroa e as abastadas comunidades de cristãos-novos do norte do reino (que *ho seguem como a Rey*) desde pelo menos 1503, é um fragmento em arruinado estado de conservação e contém um interrogatório preliminar e um outro, já depois de lido ao réu o seu libelo acusatório, actos que tiveram lugar em Évora, no aljube do cardeal, a 17-VII-1533.⁶⁵ Álvares fora preso, ao que parece e entre outras coisas, por ter duvidado da virgindade de Maria, por possuir os seis volumes da bíblia poliglota de Alcalá, a do cardeal Cisneros, e por ser tido entre a comunidade como rabi e, pela análise do processo e confissão de Diogo Mendes que com ele privara e se aconselhara, também cabalista.⁶⁶ Mas não apenas nestes processos podemos vislumbrar a acção punitiva do cardeal face aos seus fiéis, tendo sobrevivido, por exemplo, um mandado (Lisboa, 25-X-1537) em que ordena ao seu vigário-geral fosse dada sentença de condenação e alvará para que André Mendes, preto forro, preso em Évora por *certos crymmes*, fosse cumprir os seus dois anos de degredo para África.⁶⁷

Se não tivesse lugar no reino a prática processual inquisitória contra cristãos-novos e a instauração de processos ou feitos-crime⁶⁸, como se poderiam entender as palavras de Clemente VII na bula de perdão *Sempiterno Regi* emitida a 7-IV-1533⁶⁹, anulando-os – *et lites huiusmodi penitus extinguentes* –, salvo os que fossem relapsos, e reservando à cúria apostólica a defesa e controlo dos casos de heresia? Quer a recusa régia de devidamente fazer publicar a longa bula do perdão, quer o conflito daí resultante, que envolveu o nuncio Marco Vigerio della Rovere⁷⁰ em confronto com os desembargadores

⁶³ IDEM, *ibidem*, fl. 2.

⁶⁴ IDEM, *ibidem*, fl. 1.

⁶⁵ Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 11722, fls. 5-10v.

⁶⁶ Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 7468, fl. 54v. Pulicaremos oportunamente estas importantes peças processuais. A confissão data de 2-X-1543.

⁶⁷ Cf. ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 59, Documento 110. Assina a provisão dos membros do auditório, certamente como desembargador, D. João de Melo.

⁶⁸ Sobre este período inicial veja-se, Maria José Pimenta Ferro TAVARES, "A Inquisição de 1531 a 1539: o Inquisidor-mor D. Diogo da Silva", in TAVARES, Maria José Pimenta Ferro, *Judaísmo e Inquisição. Estudos*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, pp. 147-173.

⁶⁹ Publicada no *Corpo Diplomático Português* [...], Volume 2, [...], pp. 430-440.

⁷⁰ Sobre o nuncio della Rovere veja-se, D. Charles-Martial DE WITTE OSB, *La correspondance des premiers nonces permanents au Portugal 1532-1533*, Volume 1, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1986, pp. 37-47.

do cardeal, concorrem, juntamente com as palavras de Clemente VII, anulando os processos em curso instaurados a mando de D. Afonso – *Ac eosdem carceratos uel alias detentos, et exules, etiam a carceribus, exiliis, et bannis, quibus occasione criminum heresis et apostasie, ac blasphemiae huiusmodi detenti et condemnati existunt, relaxamus et liberamus, ac relaxari et liberari mandamus (ibidem)* –, para rever a existência de uma ‘máquina’ inquisitorial, mesmo que em tudo semelhante à processologia corrente no tocante às questões heréticas cuja responsabilidade penal recaía na administração diocesana e respectivo Tribunal ou Auditório Eclesiástico (no próprio processo de Pêro Álvares lemos *neste audytorio da Samta Jmquysyção*, fl. 348) e onde pontuavam neste período teólogos como Margalho⁷¹ ou, como veremos mais adiante, Resende.

De resto, de outra forma não se poderia explicar o breve *Dilecte fili* de 4-V-1535 de Paulo III exortando D. Afonso a que não procedesse judicialmente contra os cristãos-novos, em claro desrespeito para com a bula do perdão-geral de 1533, que reservava a aferição da ortodoxia dos conversos (*ad fidem Christianam conversos*) apenas à cúria pontifícia e seus delegados.⁷² Com efeito, conheciam bem os cristãos-novos com acesso privilegiado à corte de D. João III, o teor da bula do perdão-geral e as dilações na sua publicação, como nos testemunha Pêro Álvares na missiva dirigida ao infante D. Henrique: *o mereçemento esta na hobediencya do primçepe ao samto padre por omde o pouo ho hobedeçe por meio do primçepe / como houve neste Rejno / que perdoana o papa todo o pequado e como veo tornarão a Roma com embargos / veo a notyça do pouo djserão e muito bem que vao embargo / ey-lla Rede desfejta / e porem como Deus e conformador de todo bem e perdao ouve efejto e sua alteza catolequo que tem suas boas horas apesar dos escamdallos.*⁷³

IV.

Para o erguer ou, no dizer de João de Barros, para o *despertar da mortalha das letras*, de toda uma complexa e intrincada teia de relações interpessoais que, nas suas dinâmicas, definem estratégias de individuação especular face aos centros decisórios, de poder e de projecção individual, que se estabelecem e se definem face à púrpura cardinalícia, não podem faltar algumas aproximações a

⁷¹ De resto, um dos primeiros momentos de envolvimento de Margalho com os ‘negócios’ da Inquisição é a incumbência régia de trazer à corte lusa o famoso inquérito a que tinham procedido os inquisidores de Llerena, em 1525, para averiguação do assassinato do espião cristão-novo Henrique Nunes, o *firme-fé*, o que fez em 1527 quando era ainda mestre em Salamanca – veja-se Alexandre HERCULANO, *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Volume 1, [...], pp. 184-197, especialmente sobre Margalho pp. 195-196 n. 47; e Israël-Salvator RÉVAH, “Les marranes portugais et l’Inquisition au XVI^e siècle”, in RÉVAH, Israël-Salvator, *Études Portugaises*, (edição de Charles AMIEL e prefácio de José Vitorino de Pina MARTINS), Paris, Centro Cultural Português – Fundação Calouste Gulbenkian, 1975, pp. 185-229, ref. p. 201.

⁷² O breve foi publicado por Shlomo SIMONSOHN, *The Apostolic See and the Jews*, Volume 4, Toronto, Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1990, pp. 1973-1974, doc. 1738.

⁷³ Cf. DGARQ/ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fl. 208v.

figuras de topo no *facies* cultural português de Quinhentos, como Damião de Góis⁷⁴ – na aproximação com o *Commentaria in Mósi Pentathecum* (1556-1559) de Jerónimo de Azambuja nos similares processos exegéticos, mormente no seu *Ecclesiastes de Salamam* de 1538 –, João de Barros⁷⁵ e Diogo de Sá.⁷⁶ Tais relações interpessoais, da maior importância para aferir os essenciais vectores deste quadro situacional, estruturam-se em torno da família real e dos dois purpurados. Transparecem nelas os laços de amizade ou tão-só de proximidade, estabelecidos nos lugares e tempo de formação humanística, universitária, ou mesmo na carreira oficial, na política externa. São relações que se afinam pela convivência no aparelho de Estado ou que se devem ao contacto áulico. O seu ‘lugar’ de afirmação é, ora o epistolário, ora a dedicatória de obras – como as *Exercitationes animi in Deum* que Luis Vives dedicou em 1535 a João de Barros e que conheceria a letra de forma em 1543 –, ou mesmo da sua oferta – como o exemplar da *Fides, Religio, Moresque Aethiopum* (1540), hoje em Évora, que Góis envia a Barros, ou a oferta da *Patientia Christiana* por Jorge Coelho aos cardeais Pietro Bembo e Jacopo Sadoletto –, ou através de *carmina* que se enviam ou dedicam a este ou àquele amigo humanista, a este ou àquele patrono que se procura enaltecer – igualmente as cartas-dedicatórias que pressupõem o patrocínio da impressão das obras a quem vão dirigidas –, a propósito de uma banalidade qualquer – ou tendo por tema uma pintura, ao modo de *εκφρασις*, *descrição*, caso dos epigramas do juriconsulto Manuel da Costa dirigidos a Francisco de Holanda sobre um seu retrato da infanta D. Maria –, ou unidos pelo sentimento de perda de alguém querido – caso do conjunto de poemas neolatinos produzidos no círculo erasmista eborense constituído por Resende, Clenardo, Jean Petit, D. Francisco de Melo e André Cotrim, a propósito da morte de Erasmo em 1536.

Uma teia de inter-conectividades é o que caracteriza esta *galáxia* de áulicos humanistas e teólogos, erasmistas e evangélicos uns, ‘integristas’ outros, que se define nas suas relações de proximidade e mesmo antagonismo social na *Ebora humanística*. Nesta cidade e por esses anos estadeavam na corte figuras como D. Miguel da Silva, Garcia de Resende, Gil Vicente, João de Barros, Francisco Geraldês, Gregório Lopes, Jorge Coelho, Jean Petit, depois bispo de Cabo Verde, D. Gaspar de

⁷⁴ Sobre Góis, veja-se, entre outros, Amadeu TORRES, *Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana*, (prefácio de José Vitorino de Pina MARTINS), 2 Volumes, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1982; IDEM, “Damião de Góis e o erasmismo. Âmbito conceptual e dados vivenciais”, in MARTINS, José Vitorino de Pina, (organização de), *O Humanismo Português 1500-1600 [...]*, pp. 69-87; e Luís Filipe BARRETO, *Damião de Góis. Os Caminhos de um Humanista*, Lisboa, CTT Correios de Portugal – Clube do Coleccionador dos Correios, 2002.

⁷⁵ Sobre o humanista, veja-se, entre outros, Israël-Salvator RÉVAH, *Le colloque Ropicapnefma de João de Barros. Genèse, structure et technique*, Separata do *Bulletin hispanique*, 64 bis (*Mélanges offerts à Marcel Bataillon par les hispanistes français*), 1962, pp. 572-592; António Alberto Banha de ANDRADE, *João de Barros. Historiador do pensamento humanista português de Quinhentos*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1980; Joaquim Veríssimo SERRÃO, “João de Barros: entre Erasmo e o Império”, in MARTINS, José Vitorino de Pina, (organização de), *O Humanismo Português 1500-1600 [...]*, pp. 31-53; e António Borges COELHO, “João de Barros e a questão judaico-cristã-nova”, in *Oceanos*, 27, 1996, pp. 75-82.

⁷⁶ Sobre Diogo de Sá, cavaleiro fidalgo, filho de Fernão de Sá Soutomaior e primo de Mem de Sá e Francisco Sá de Miranda, veja-se Ana Cristina da Costa GOMES, *Diogo de Sá. Os Horizontes de um Humanista*, (prefácio de Luís Filipe BARRETO), Lisboa, Prefácio, 2004; e IDEM, *Diogo de Sá no Renascimento Português*, 2 Volumes, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2012.

Leão⁷⁷ (capelão do cardeal D. Henrique e primeiro arcebispo de Goa, autor do *Desengano de perdidos*), João Vaseu – que em Évora dedica-se, quer ao trabalho de revisão da gramática latina de Cleonardo, quer ao *labor limae* que coloca na edição dos *adagia* erasmianos –, D. João de Melo⁷⁸, André de Resende, Luís Teixeira, Francisco de Holanda – que na capital transtagana inicia a sua maior realização, o magnífico álbum *De aetatibus mundi imagines* –, Pedro Nunes, D. Francisco de Melo, Pedro Margalho, Joana Vaz, Rodrigo Sánchez (mestre de latim da infanta D. Maria, filha de D. João III), Cristóvão Rodrigues Acenheiro (bacharel em cânones e cronista), Mateus de Aranda, Nicolau Chanterene (escultor régio e arauto), Inácio de Morais ou mesmo Jorge Ferreira de Vasconcelos, autor da *Comedia Eufrosina*, publicada a sua segunda edição em Évora, por André de Burgos, em 1561. Trata-se de toda uma *constelação* de figuras cimeiras do nosso humanismo de Quinhentos que orbitaram em torno da corte e do paço⁷⁹ e que passaram e deixaram a sua marca na história de Évora, num período feliz para a cidade transtagana – na dinâmica itinerante da família real e de parte do aparelho estadual –, empenhada em suplantar as cidades de Lisboa e Coimbra, dada a escolha régia de aí permanecer por largos períodos de tempo, sendo dos mais importantes, o compreendido entre 27-V-1531 e 7-VIII-1537⁸⁰, embora tenha regressado a 29-V-1544 e aí se tenha fixado a corte até ao fim de 1545.

É a esta cidade cosmopolita – e que reflecte sobremaneira nos seus ambientes palacianos e burgueses a *galáxia* de culturas que então aportavam à corte, animando-a com exotismo, cor e festa: uma urbe pejada de negros (como os escravos de Cleonardo), mouriscos e indianos que, por este tempo, reclamava do *princeps* a possibilidade de acolher a universidade, que surgem associados os personagens que tratamos, num período em que o rei e os seus oficiais mais próximos procuram insistentemente junto da corte apostólica a instalação do Tribunal do Santo Ofício, cuja publicação solene e definitiva terá lugar em 1536 na sua Sé e em presença do cardeal-infante D. Afonso.⁸¹ É, pois, nesta *Ebora humanistica* que se desenvolve e é expedido todo o processo quer diplomático junto da cúria pontifícia para envidar a concretização do tribunal, quer do afinamento processual

⁷⁷ Veja-se D. Gaspar de LEÃO, *Desengano de perdidos*, (edição e introdução de Eugenio ASENSIO), Coimbra, Universidade de Coimbra, 1958. Trata-se precisamente de uma obra de apologética anti-herética, publicada em Goa, no ano de 1573.

⁷⁸ Veja-se Ana Cristina Cardoso da Costa GOMES, "D. João de Mello (?-1574) e o Arcebispado de Évora. Subsídios para o estudo da sua vida e obra", in *A Cidade de Évora*, 3, 1998-1999, pp. 59-83; IDEM, "Subsídios para o estudo da vida e obra do arcebispo de Évora D. João de Melo", in *Clio*, 9, 2003, pp. 107-126; e IDEM, "Castro, João de Melo e", in PROSPERI, Adriano, (direcção de), *Dizionario storico dell'Inquisizione*, Volume 1, [...], p. 304.

⁷⁹ No que diz respeito aos espaços ocupados pela casa real em Évora vide Túlio ESPANCA, "Palácios Reais de Évora", in *A Cidade de Évora*, 4, 2, 1946, pp. 21-77.

⁸⁰ Sobre a estadia da família real em Évora neste período veja-se Maria de Deus Beites MANSO, *Évora, capital de Portugal 1531-1537*, 2 Volumes, (dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa, 1990 (texto policopiado).

⁸¹ Veja-se António Borges COELHO, *A Inquisição de Évora. 1533-1668*, 2.ª edição, Lisboa, Caminho, 2002.

inquisitorial que caracteriza o período de formação da instituição e dos seus recursos materiais e humanos, antes desta perder o lugar cimeiro para Lisboa na rede inquisitorial nacional.

V.

A acuidade da problemática que aqui tratamos e que evidencia a profunda fissura epistemológica entre os dois tipos de interpretação escriturística é, desde logo, colocada em evidência na literatura apologética anti-herética e anti-judaica⁸², produção que visava, no Portugal de Quinhentos e após a conversão forçada dos judeus ibéricos⁸³, uma doutrinação eficaz dos conversos e a consolidação da fé dos cristãos iletrados. Produção polemista e apologética que, à minguia de um provimento espiritual efectivo por parte, quer dos arcebispos e bispos portugueses, quer dos teólogos formalistas e ‘integristas’ que habitavam a corte e se mantiveram alheios ao ‘drama cristão-novo’ e que levou os conversos, no dizer de Révah, a um certo agnosticismo, a uma perda de identidade, ou ao ‘erro’ de que nos fala o réu Pêro Álvares. Citando **Mt 13,25** (!), e sua parábola do semeador, na carta que enviou a D. Henrique, afirma: *os que dormirão sao os çeçerdotes que dormjirão e não derao doutrina por omde a Jemte creou njguilha* [isto é, *joio*].⁸⁴ Tal provimento foi, pois, tomado, por parte de leigos como João de Barros⁸⁵ ou Diogo de Sá, como responsabilidade para si mesmos, enquanto empenhados cristãos conhecedores da Escritura.⁸⁶ Basta lembrar, neste particular, as palavras eloquentes de Sá quando, no prólogo da sua *Inquisição e segredos da fé* (ca. 1562)⁸⁷, – um tratado sobre a fé, de estrutura dialogal,

⁸² Sobre esta produção vide Maria Idalina Resina RODRIGUES, “Literatura e anti-semitismo (séculos XVI e XVII)”, in RODRIGUES, Maria Idalina Resina, *Estudos Ibéricos. Da Cultura à Literatura. Séculos XII a XVII*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1987, pp. 289-325.

⁸³ Sobre a problemática da conversão forçada dos judeus ibéricos veja-se Giuseppe MARCOCCI, «... per capelli adductos ad pillam». Il dibattito cinquecentesco sulla validità del battesimo forzato degli ebrei in Portogallo (1496-1497)”, in PROSPERI, Adriano, (direcção de), *Salvezza delle anime, disciplina dei corpi. Um seminario sulla storia del battesimo*, Pisa, Scuola Normale Superiore, 2006, pp. 339-423. O estudo em epígrafe foca também o problema da identidade dos conversos, tema tão polémico do ponto de vista historiográfico – vide IDEM, *I Custodi dell’Ortodossia* [...], pp. 31-40.

⁸⁴ Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Offício*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fl. 203v. Vide *infra*.

⁸⁵ Referimo-nos a João de BARROS, *Diálogo evangélico sobre os artigos da fé contra o Talmud dos Judeus*, (edição, introdução e notas de Israël-Salvator RÉVAH), Lisboa, Livraria Studium Editora, 1950 (esta obra e edição será doravante referida por *Diálogo evangélico*).

⁸⁶ A estas duas obras originárias da pena de humanistas cristãos leigos acrescenta-se o *Espelho de cristãos-novos* de Frei Francisco MACHADO, O. Cist., *The mirror of the new christians (Espelho de cristãos novos)*, (edição, tradução e introdução de Mildred Evelyn Dordick VIEIRA e Frank Ephraim TALMAGE), Toronto, Pontifical Institute of Medieval Studies, 1977. Trata-se da edição e tradução inglesa do *Espelho de cristãos-novos* que se encontrava inédito na forma manuscrita na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Secção de Reservados, *Manuscritos, Códices*, COD. 6747. Sobre a obra em epígrafe, vide Frank Ephraim TALMAGE, “The New Portugal and the New Christians”, in *Association for Jewish Studies Newsletter*, Fevereiro, 1975; IDEM, “*To Sabbatize in Peace* [...]”, pp. 265-285, esp. 278-283; Israël-Salvator RÉVAH, “Introdução”, in BARROS, João de, *Diálogo evangélico* [...], pp. XI-XC. Francisco Machado, ao contrário do que acontecera com a versão portuguesa, conseguiu ver publicada a versão latina do *Espelho de cristãos-novos*, depois de devidamente censurada e expurgada de qualquer referência aos inquisidores e à literatura judaica – o *Veritatis repertorium*, Coimbra, 1567. A obra apresenta licença de Frei Bartolomeu de Santarém, prior de Alcobaca (Outubro de 1566), por parte da Ordem de Cister e, por parte do Tribunal do Santo Offício, de Frei Manuel da Veiga (29-VI-1567) e, bem assim, de uma carta-dedicatória ao cardeal-infante D. Henrique (Dezembro de 1564).

⁸⁷ No que diz respeito à *Inquisição e segredos da fé*, veja-se Frank Ephraim TALMAGE, “*To Sabbatize in Peace: Jews and New Christians in Sixteenth-Century Portuguese Polemics*”, in *Harvard Theological Review*, 72, 3, 1981, pp. 265-285; José da Silva HORTA, “A categoria de Gentio em Diogo

próximo mais da *disputatio* medieval do que do diálogo renascentista de matriz ciceroniana⁸⁸, onde o Cristão expõe a validade das suas doutrinas ao Judeu – e que inclui dedicatória ao cardeal-infante D. Henrique, afirma: *me pareço necessário que [...] disese outras cousas principais que aos Iudeus obstinados & a todo género de hereges, confirmão em suas heresias & lhes deu sempre causa a entenderem mal a Escripura do Velho Testamento em que o Nouo está tão figurado.*⁸⁹ Esse mau entendimento, face às Escrituras, Sá explica pelo completo desconhecimento da língua hebraica pelos próprios judeus, apontando das suas razões que *pendem todas de não saberem de raiz & de seus princípios o modo como antre os da lei natural & d'escriptura forão introduzidas as letras & seus caratheres & sciências.*⁹⁰ Essa ignorância da língua, Sá atribui à diáspora que sempre definiu o povo de Abraão: *Despois, lançados os Iudeus de seus fins & habitações, misturados com outras nações, esquecerão-se délla & de muitas significações de Vocablos, & não sábem outros Vocablos Hebreos que os que se poem na Escripura: & ainda daquelles ignorão a significação da maior parte.*⁹¹ O argumento colocado em maior evidência contra a errónea interpretação por parte dos judeus, a atestar a sua perfídia⁹² intencional é, no entanto, a forma como os massoretas ao apor os diacríticos enquanto notação das vogais, manipularam o sentido e alteraram a verdade do texto consonântico: *conuocárão grande multidão de Rabbis junto de Babilonia de Egipto, & abi quão cautamente poderão trabalhárão de falsificar & peruerter as Scripturas.*⁹³ Neste particular afirma Diogo de Sá que *se não ha de dar credito algum aos intérpretes Iudeus que sempre se jactáram de peruerter a Scriptura do sentido*

de Sá: funções e níveis de significação”, in *Clio*, 10, 2004, pp. 135-156; Ana Cristina Costa GOMES, “Um caso de censura literária preventiva: o manuscrito quinhentista *Inquisição e Segredos da Fé*”, in BARRETO, Luís Filipe, et al., (coordenação conjunta de), *Inquisição Portuguesa [...]*, pp. 513-526; e José Augusto MOURÃO e Ana Cristina da Costa GOMES, «*Epilogo da Fé*» e «*Prólogo*» da *Inquisição e Segredos da Fé de Diogo de Sá: texto e contexto*, Separata de *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, Volume 2, Braga, Faculdade de Filosofia – Universidade Católica Portuguesa, 2005.

⁸⁸ Sobre as duas vertentes da estruturação do discurso dialogal na literatura portuguesa de Quinhentos, uma ciceroniana, cultivada por Erasmo nos *Colloquia* e outra ainda medieval, do tipo da *disputatio* escolástica, vide Jorge A. OSÓRIO, “O diálogo no humanismo português”, in MARTINS, José Vitorino de Pina, (organização de), *O Humanismo Português 1500-1600 [...]*, pp. 383-412. Com efeito, se Barros se aproximou do tipo dialogal ciceroniano e humanista nas suas obras didáticas – de gramática – o mesmo não aconteceu nem com a *Ropicapnefma* nem com o *Diálogo evangélico*, sendo de afastar qualquer indício de erasmismo nessa estruturação discursiva, uma vez que a referência a Erasmo e seus *colloquia* na *Ropicapnefma* faz de Erasmo um cultor de um tipo discursivo antigo, ao modo dos da Antiguidade – *Não lhe pareça que o digo por os de Erasmo, que estes já são velhos, mas por alguns novos portugueses que vós e eu temos ouvido.* (cf. *ed. cit.*, Volume 2, [...], p. 5). De afastar é igualmente a natureza ciceroniana da obra de Sá já que anula toda a naturalidade do discurso, consubstanciando-se, sim, como uma extensa *silva locorum*. De resto, apenas com Frei Amador Arrais, já nos finais de Quinhentos (1589), tem lugar esse tipo de discurso num diálogo de feição anti-herética e anti-judaica – vide Giuseppe MARCOCCI, “«... per capillos adductos ad pillam» [...], pp. 401-402.

⁸⁹ Cf. Diogo de SÁ, *Inquisicam, E segredos Da Fee, Contra a obstinada perfidia dos Iudeus: e Contra Gentios e Hereges. Em que se declarão muitos e muy difficultosos lugares da Sagrada Scriptura, do Velho e Nouo Testamentos: e do Talmud e Targu, e de muitos liuros e Rabbis Hebraicos e Chaldeos, Gregos e Latinos*, [ca. 1562] – ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Conselho Geral, Livro 175, fls. 2v.-3. Doravante *Inquisição e segredos da fé*.

⁹⁰ IDEM, *ibidem*, fl. 3.

⁹¹ IDEM, *ibidem*, fls. 4v.-5. Mais à frente (fl. 6v.) continua: *E no tempo de Adriano, depois do nascimento de Christo çento & quatro anos depois que os Iudeus forão lançados de seus fins, & misturados com nações estranhas & com estranhas lingoas, esqueceram-sse da antiga lingoa hebraica & do cultu da honrra de Deus & da significação dos Vocablos hebreos.*

⁹² Sobre estes aspectos, veja-se a síntese de José Augusto MOURÃO e Ana Cristina da Costa GOMES, «*Epilogo da Fé*» e «*Prólogo*» da *Inquisição e Segredos da Fé de Diogo de Sá: texto e contexto [...]*, *passim*.

⁹³ Cf. Diogo de SÁ, *Inquisição e segredos da fé*, fl. 7v. (sublinhado nosso).

Verdadeiro.⁹⁴ e que *toda a Scriptura que agora tem os Hebreos asi pontuáda, he já interpretáda & trazida ao sentido & intento delles por aquelles pontos a que se não deue dar fee algũa*.⁹⁵ É de apontar esta preocupação filológica, se bem que de fundo provavelmente mais doutrinal, já que é bom de ver que corresponde ao que melhor de crítica textual se faz hoje ao texto bíblico, procurando a(s) verdade(s) do texto – aquilo que os exegetas de antanho denominavam por *espírito da letra*, ou a inspiração divina oculta sob a palavra – através da manipulação do texto consonântico: *O que craramente se pode Ver tirando os pontos porque sem elles se acha a Verdáde: posto que já pela maior parte ignorão a significação dos Vocablos Hebreos antigos, & de todo ficão cegos, ignorantes & confusos*.⁹⁶ Resta averiguar se o humanista segue exactamente o seu conselho de crítica textual. Lembremos que dos exegetas portugueses de Quinhentos apenas Francisco Foreiro⁹⁷ chegou tão longe, indo ao ponto de corrigir o texto consonântico.

Um outro aspecto, pensamos, de relevar no texto de Sá é o que diz respeito aos dois níveis de leitura que propõe para a sua obra e que, assim, revelam os dois patamares qualitativos de acesso à mesma, um dirigido aos *indoctos* e iletrados que se deveriam ficar pelo corpo do texto e suas referências às *auctoritates* e outro, endereçado aos letrados, que nas *marginalia* poderiam encontrar os lugares citados e *os expositores Hebreos & Chaldeos, Gregos & Latinos trazidos nos lugares neçessareos pera confusão dos falsos entendedores & mais çerteza dos fieis*.⁹⁸ Sendo a obra dirigida prioritariamente aos judeus conversos fica claro que o aparato das *marginalia* de extrema erudição, em latim, grego, hebraico e aramaico, a eles se dirigia⁹⁹ já que a franja de letrados lusos conhecedores dessas línguas, mormente as duas orientais, além de muito diminuta, devia esses conhecimentos precisamente ao estudo da Teologia e das Sagradas Escrituras e certamente não necessitaria que Diogo de Sá lhes indicasse o verdadeiro sentido do texto bíblico. Se fica claro que aos conversos lhes reconhecia estatura intelectual para que, através da leitura das *marginalia*, conhecessem os seus erros, não deixa o autor de ridicularizar o Judeu, caracterizando-o mais como ouvinte atento do Cristão e, assim, espécie de discípulo, pelas brevíssimas questões que Diogo de Sá lhe permite colocar ao Cristão e que não enformam particularmente de argumentação, mas apenas servem para apoiar a doutrinação deste, estimulando, com o questionário, a explicitação das doutrinas católicas. É o próprio humanista,

⁹⁴ IDEM, *ibidem*, fls. 7-7v.

⁹⁵ IDEM, *ibidem*, fl. 8.

⁹⁶ IDEM, *ibidem*, fl. 8v. (sublinhado nosso).

⁹⁷ Sobre o exegeta, veja-se José Nunes CARREIRA, *Filologia e Crítica de Isaías no Comentário de Francisco Foreiro (1522?-1581). Subsídios para a História da Exegese Quinhentista*, Coimbra, 1974.

⁹⁸ Cf. Diogo de Sá, *Inquisição e segredos da fé*, fl. 9v.

⁹⁹ IDEM, *ibidem*, fl. 205: *Pelo que não ha duuida algũa o Messias ser Deus e ser o mesmo denunciador da penitência que no Velho Testamento foi tão apregoada como verás em todos os lugares referidos na margem a que [eu Cristão] te remeto [Judeu] se mais quiseres saber porque seria mui longa a materia que diso podia tractar.*

na figura do Cristão, que o admite dizendo: *Quanto mais duuidas poseses tanto mais entenderás o que duuidares: e se sem paixão teneres o animo, das mesmas duuidas tirarás grande fructo.*¹⁰⁰

É, então, precisamente no contacto mais ou menos profundo com a Sagrada Escritura e com as línguas originais em que as suas histórias doutrinárias foram expostas que os dois lados do combate – inquisidores e acusados – se irmanam e aproximam, sendo paradigmático o caso de Jerónimo de Azambuja, já que em simultâneo inquisidor e um dos mais brilhantes exegetas bíblicos portugueses de Quinhentos que, malgrado o perigo de incorrer em heresia pelos seus pares – como o foi pela censura inquisitória pouco posterior –, defendia resolutamente quer a *hebraica ueritas*, isto é, a preferência pelo texto massorético em detrimento da *Vulgata*, sacralizada em Trento, quer a utilização dos comentários rabínicos para resolução de questões filológicas (*ad litteram*) e interpretativas (*ad mores*).

VI.

Veríssimo Serrão, ao apresentar a obra de Odette Sauvage sobre o itinerário erasmiano de André de Resende, diz-nos sobre o humanista que o seu nome *s’inscrit en lettres d’or dans l’histoire de la Renaissance portugaise. Cet esprit ouvert, qui voulut élargir ses connaissances en fréquentant les Universités européennes et sut se faire partout des amitiés enrichissantes, est, par son oeuvre poétique, ses discours et ses lettres, ses écrits historiques et archéologiques, l’une des gloires de l’Humanisme lusitanien.*¹⁰¹ No entanto, a estas vestes, aliás justíssimas, de grande cultor das *humaniores litterae*, devemos juntar outras, a de insuspeito ‘conselheiro’ do Tribunal do Santo Ofício em matérias de fé, sua doutrina e ortodoxia, bem como de ‘religião’ e língua hebraicas e até de literatura rabínica – as *rabinarias* a que se refere o humanista; termo que contrasta bem com a simpatia com que o *Talmud* era visto pelo seu antigo mestre de hebraico, Clenardo.¹⁰² De resto, sabíamos já quanto à sua participação nestes domínios da censura teológica, pelos estudos de Silva Dias, que o humanista fora chamado, anos mais tarde, por D. Henrique para examinar a tradução em vernáculo da obra de Frei Jacques de Milão OFM, *Estímulo do amor divino*, tendo saído dos prelos de Germain Gaillard em 1550.¹⁰³

¹⁰⁰ IDEM, *ibidem*, fl. 192v.

¹⁰¹ Cf. Joaquim Veríssimo SERRÃO, “Avant-propos”, in SAUVAGE, Odette, *L’itinéraire érasmien d’André de Resende (1500-1573)*, (prefácio de Joaquim Veríssimo SERRÃO), Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1971, pp. 7-9, ref. p. 7.

¹⁰² Estima expendida por Clenardo em carta dirigida ao bispo de Cabo Verde, Jean Petit, datada de Fez, 4-XII-1540 – cf. Manuel Gonçalves CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal*, 4.^a edição, Volume 1 [...], p. 327: *Inserem estes livros muitas passagens dignas de lição e aprazíveis.*

¹⁰³ Sobre esta obra pietista, durante largo tempo atribuída a S. Boaventura, sua impressão em língua lusa e influência na espiritualidade nacional vide José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Volume 1, Tomo 1, [...], pp. 269-271.

Nos seus estudos sobre o messianismo cristão-novo e suas principais figuras, que resultaram na sua obra *O sapateiro de Trancoso e o alfaiate de Setúbal*, Elias Lipiner¹⁰⁴ dava a conhecer o processo, já referido, de Pêro Álvares. Da nossa leitura atenta do feito-crime vemos tratar-se de um cristão-novo baptizado com dois anos, portanto da primeira geração de conversos de 1497, um mercador e figura importante em Évora e do círculo de figuras maiores do messianismo cristão-novo de Quinhentos como o alfaiate de Setúbal, o ‘messias’ Luís Dias¹⁰⁵, mestre Gabriel, o licenciado Francisco Mendes (físico do cardeal D. Afonso), o antigo desembargador Gil Vaz Bugalho ou João Fernandes. Estamos perante um influente cristão-novo que e para além de, segundo diz, frequentar a casa do Duque de Bragança, D. Teodósio I – diz-nos Lipiner¹⁰⁶ com alguma ingenuidade que *para com ele discutir assuntos da teologia hebraica* – e a do outrora governador da Índia, Nuno da Cunha, onde lera livros luteranos (fl. 177), era, ou assim o tinha, amigo do Conde da Castanheira, D. António de Ataíde. Com dois anos e em Évora tinha sido feito cristão, contando entre os padrinhos o Licenciado Borges, secretário de D. Afonso de Portugal, bispo de Évora, com quem viveu algum tempo (fl. 176v). De resto, do rol de testemunhas requeridas para sua defesa (fls. 26-30) constam António Godinho (capelão do rei), Mateus Rodrigues (escudeiro do cardeal), André Crato (capelão do infante D. Henrique), Pedro Margalho, o bispo de Santiago, D. João Parvi, o bispo de Safim, D. Gonçalo Pinheiro, o arcebispo do Funchal, D. Martinho de Portugal, o conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, o conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama ou Rui de Melo, alcaide-mor de Elvas. Da familiaridade do réu com a família real, em particular com o infante D. Luís, é clara a forma como, a propósito da pouca confiança que lhe merecia a nomeação do *mamçebo* Pedro Álvares de Paredes¹⁰⁷ para a Inquisição, vindo da de Llerena, relata a D. Henrique: *dej Senhor comta disto / ao serenjsemo Jfamte dom Lujs e Respondeu-me não a tamtos velhos na terra eu dise hay esta o bispo de Cojmbra ou hobriguem o bispo de Çejta que amde na corte / e o Jfamte dise o bispo de Cojmbra e muito velho / dise eu senhor abi esta o senhor Jfamte dom Amrique que o pode fazer que por sua alta proeça tem em sy todas as calidades pera o poder ser e oulhara por a comciemça del Rey noso senhor e omra d’el Rey voso pay* (fl. 205). A natureza próxima ao infante estendia-se igualmente, como o próprio diz, à troca epistolar (fl. 213v). A proximidade

¹⁰⁴ Cf. ELIAS LIPINER, *O sapateiro de Trancoso e o alfaiate de Setúbal*, [...], pp. 107-110, pp. 125-158 (cap. V *Dois círculos concêntricos*, sobre Pêro Álvares) e *passim*; IDEM, *Os baptizados em pé. Estudos acerca da origem e da luta dos cristãos-novos em Portugal*, Lisboa, Vega, 1998, pp. 255-273 (cap. *Pêro Álvares Eborense. O Homem que queria implantar o Evangelho como regimento da Inquisição*); e IDEM, *Gonçalo Anes Bandarra e os cristãos-novos*, [...], p. 116, n. 27 já citado *supra*.

¹⁰⁵ Para além das obras de Lipiner, veja-se Elvira Azevedo MEA, “Dias, Luís (*detto* il Messia di Setúbal)”, in PROSPERI, Adriano, (direcção de), *Dizionario storico dell’Inquisizione*, Volume 1, [...], p. 477.

¹⁰⁶ Cf. ELIAS LIPINER, *O sapateiro de Trancoso* [...], p. 190.

¹⁰⁷ Sobre o inquisidor, veja-se Susana Bastos MATEUS, “Álvarez de Paredes, Pedro”, in PROSPERI, Adriano, (direcção de), *Dizionario storico dell’Inquisizione*, Volume 1, [...], p. 52. Licenciado em Cânones foi nomeado para a Inquisição de Évora a 5-IX-1541, transitando depois para a de Lisboa a 2-III-1559, retornando a 27-XI-1565 para a de Évora, cidade onde obteve benefícios eclesiais e foi cônego na sé.

ao rei também transparece ao referenciar o réu duas audiências que teve, uma *em casa da Rainha*, no dia em que se instituiu a Inquisição (fl. 204v.) e outra pouco antes de ser preso onde lhe fez ver o poderoso argumento da memória futura: *oulbaj senhor que a vosa caronjqua / a de ser lida por os soçesores Juntante com a d'el Rey voso paj fazej senhor cousa com que nam ajais mjster hũ omem que viuua pera sempre que vos desquillpe* (fl. 207). Mas também à corte imperial chegavam os seus apelos escritos, tendo recebido confirmação de Francisco de los Cobos y Molina, *secretario universal* de Carlos V, que o imperador havia lido a sua missiva em que expunha as ‘cruzas’ do procedimento inquisitorial luso (fls. 204v. e 213). Na verdade, de nada lhe valeram os apelos que fez junto do inquisidor-geral, mesmo quando estes revelam uma grande proximidade ao poder: *oulbe vossa alteza muito sua concyemçya e faça o que lhe peço* (fl. 214).

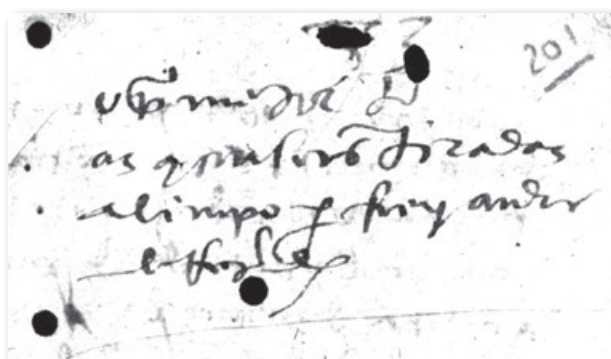
Do seu processo ressaltam, então, duas extensas cartas-memoriais – que Lipiner data erradamente de 1 e 24 de Setembro de 1541¹⁰⁸ quando são, efectivamente, dos dias 1 e 30 (derradeiro) daquele mês¹⁰⁹ –, enviadas a D. Henrique e a um religioso ali não identificado (falta a folha do sobrescrito com o ‘endereço’) e recolhidas no seu processo e, bem assim, ressaltam as respostas, ou censuras de âmbito teológico, expendidas, muito provavelmente a mando do infante, da autoria de Frei André de Resende.¹¹⁰ No entanto, passou praticamente despercebido ao autor o alcance desta circunstância, que ligava, assim, o humanista ‘erasmiano’ ao aparelho inquisitorial, mas não como réu como tantos humanistas com quem privou e foi amigo. Com efeito, Lipiner parece quase ignorar quer a figura quer as respostas do humanista – *um ramificado debate sobre problemas teológicos e exegéticos contemporâneos, levantados nos memoriais, e que não vem a propósito serem tratados neste ensaio.*¹¹¹ –, atendo-se mais, como seria de esperar, nas novidades e importância do discurso inflamado e ‘místico’ do réu, quer nesse estudo, quer num capítulo que lhe dedicou n’ *Os baptizados em pé*, lembrando-o igualmente no seu *Gonçalo Anes Bandarra e os cristãos-novos*. No entanto, se os memoriais são ricos testemunhos do destemor de alguns cristãos-novos ainda influentes na corte e na qualidade de declaração de um projecto utópico de diálogo inter-religioso, como o são as abordagens puramente teóricas e livrescas, sem qualquer repercussão efectiva na sociedade portuguesa, dada a sua recepção nula ou muito restrita – caso das obras de João de Barros, Diogo de Sá e da de Francisco Machado na sua versão vernacular –, já as *censuras* de Resende emergem nesse debate pela efectividade da doutrinação teológica e na eficácia da política doutrinal anti-judaica e, deve acrescentar-se também, anti-luterana.

¹⁰⁸ IDEM, *ibidem*, p. 151.

¹⁰⁹ Respectivamente ANTT, *Tribunal do Santo Officio*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fls. 201-215v. e fls. 217-221v.

¹¹⁰ Elias LIPINER, *Os baptizados em pé* [...], p. 267.

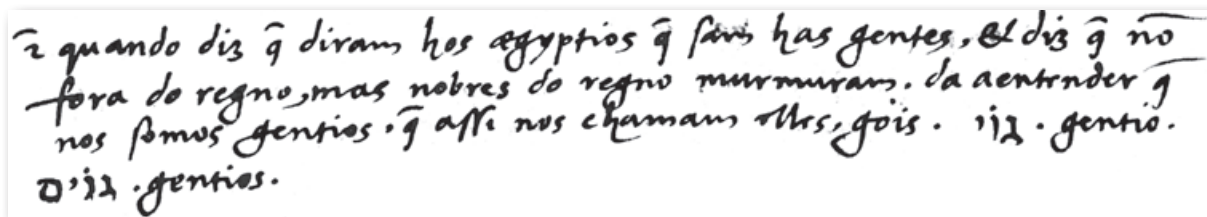
¹¹¹ IDEM, *O sapateiro de Trancoso* [...], p. 151.



[FIG. 3] PRIMEIRA PÁGINA DA CARTA-MEMORIAL DIRIGIDA POR PÊRO ÁLVARES AO INFANTE D. HENRIQUE (1-X-1541). ANTT, TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO, INQUISIÇÃO DE ÉVORA, PROCESSO 8628, FL. 201 (PORMENOR).

Trata-se então de um raro autógrafo de Resende, como prova a indicação, no canto superior direito do fl. 201, no início da carta de Pêro Álvares ao infante D. Henrique: *o prometer tem as commiões tiradas a limpo per frej Andre de Resende*. [Fig. 3]. Da natureza autógrafa dos seis fólhos (doze páginas) não se pode duvidar, tanto pela ‘nota’ referida, como pela comparação com outros manuscritos, caligráficos e ‘cursivos’, já confrontados por Sebastião Tavares de Pinho, que não conheceu este de que nos ocupamos.¹¹² Como particularidade que o distingue dos restantes conta neste caso o precioso manuscrito com exemplar da sua escrita na língua hebraica, escrevendo o teólogo as palavras יג gentio e o plural ייג, gentios. [Fig. 4]

O modelo caligráfico próprio a Resende não é senão a humanística ‘cursiva’, ‘inclinada’ ou dita *itálica* e que se firmou neste período como a escrita comum aos humanistas ou, como era apelidada



[FIG. 4] INÍCIO DAS CENSURAS AUTÓGRAFAS DE ANDRÉ DE RESENDE (1541). ANTT, TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO, INQUISIÇÃO DE ÉVORA, PROCESSO 8628, FL. 224. (PORMENOR COM O DUCTUS EM HEBRAICO).

¹¹² Veja-se Sebastião Tavares de PINHO, “André de Resende: o manuscrito do sermão do Sínodo de Évora (1534) e outros autógrafos”, in *Cataldo & André de Resende* [...], pp. 219-256.

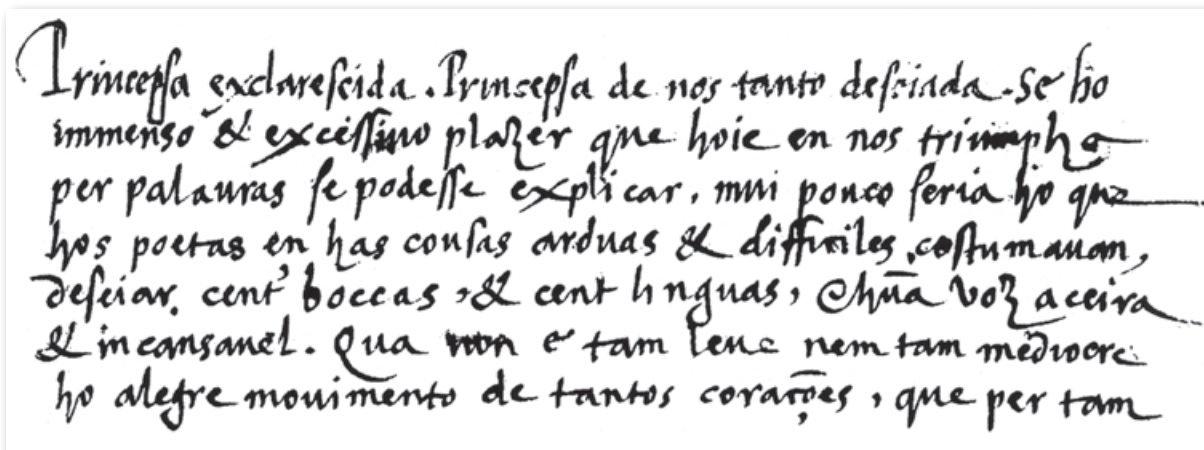
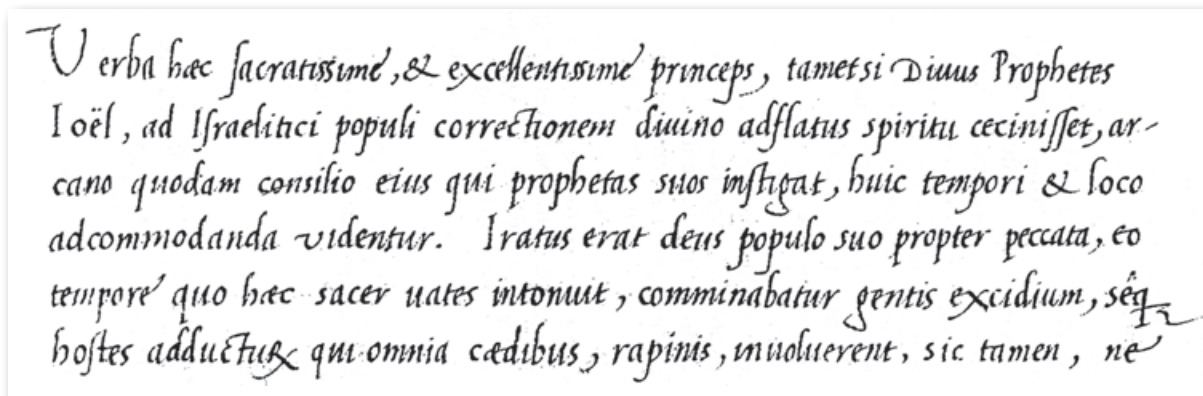


FIG. 5 INÍCIO DA 'FALA' AUTÓGRAFA DE ANDRÉ DE RESENDE NA 'ENTRADA' DA PRINCESA D. JOANA DE ÁUSTRIA (1552). CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (PORMENOR).

na época, *cancellaresca corsiva* (da chancelaria papal responsável pela expedição dos breves) [Fig. 6], uma derivação da gótica cursiva com forte influência da *littera antiqua*, afinal a medieva minúscula carolina que os filólogos, bibliófilos, copistas e notários renascentistas tomaram como herdeira do modelo gráfico clássico e desenvolveram, antes da corsiva, como humanística redonda nos finais do século XIV e com a qual produziram cópias corrigidas dos clássicos, uma escrita bela, limpa, elegante e legível, em oposição à escrita gótica livresca, artificiosa e ornamental, a *littera scholastica*.¹¹³ O modelo preciso usado por Resende parece-nos ser uma interpretação 'sua' mas muito fiel da *cancellaresca formata* [Fig. 7], visível em especial nos exemplares mais caligráficos do seu *ductus* (ordem de sucessão e sentido dos traços que compõem cada letra), como na acta do sermão inaugural do Sínodo de Évora de 1534 [Fig. 8] onde exhibe uma esmeradíssima caligrafia de tipo solene (uma regularidade, possível pelo uso de um espaçado regramento, e um módulo muito grande, belíssimos), ou na 'colectânea' de cartas trocadas entre si e o seu *amicus* cardeal D. Afonso (que pôs a limpo e que D. Manuel II adquiriu para a sua biblioteca), ou mesmo na missiva que dirigiu a D. João de Castro e até nas correcções em bela e legível caligrafia que deixou em exemplares impressos de obras suas a testemunhar o alto cuidado filológico que nisso punha. Verifica-se mesmo uma afinidade estreita entre a sua escrita caligráfica (menos personalizada que a sua escrita usual ou corrente) e a famosa do paduano Bartolomeo Sanvito, importante copista e calígrafo (*scriptor librarius*) com

¹¹³ Veja-se a este propósito Berthold Louis ULLMAN, *The Origin and Development of Humanistic Script*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1960; Alfred J. FAIRBANK e Richard W. HUNT, *Humanistic Script of the Fifteenth and Sixteenth Centuries*, Oxford, Bodleian Library, 1960; James WARDROP, *The Script of Humanism. Some Aspects of Humanistic Script 1460-1560*, Oxford, Clarendon Press, 1963; Bernhard BISCHOFF, *Latin Palaeography. Antiquity and the Middle Ages*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, pp. 145-149 (*Humanistic script*); e Thomas FERENZ, *L'introduzione della scrittura umanistica nei documenti e negli atti della curia pontificia del secolo XV*, Vaticano, Scuola Vaticana di Paleografia, Diplomatica e Archivistica, 2005.

obra até inícios de Quinhentos, cujo modelo gráfico é a par daquele que o editor e filólogo Aldo Manuzio difundiu através dos seus prelos a partir de 1501 nas edições ‘de bolso’, os *enchiridion*, dos clássicos que imprimiu. Caracteriza-se então a escrita de Resende [Figs. 8 e 9], tanto na versão caligráfica como na corrente, por um *módulo* (dimensão e proporção das letras) mais quadrado – ao invés do mais estreito e apertado da pura *cancellaresca corsiva* que, no entanto, adota ligeiramente



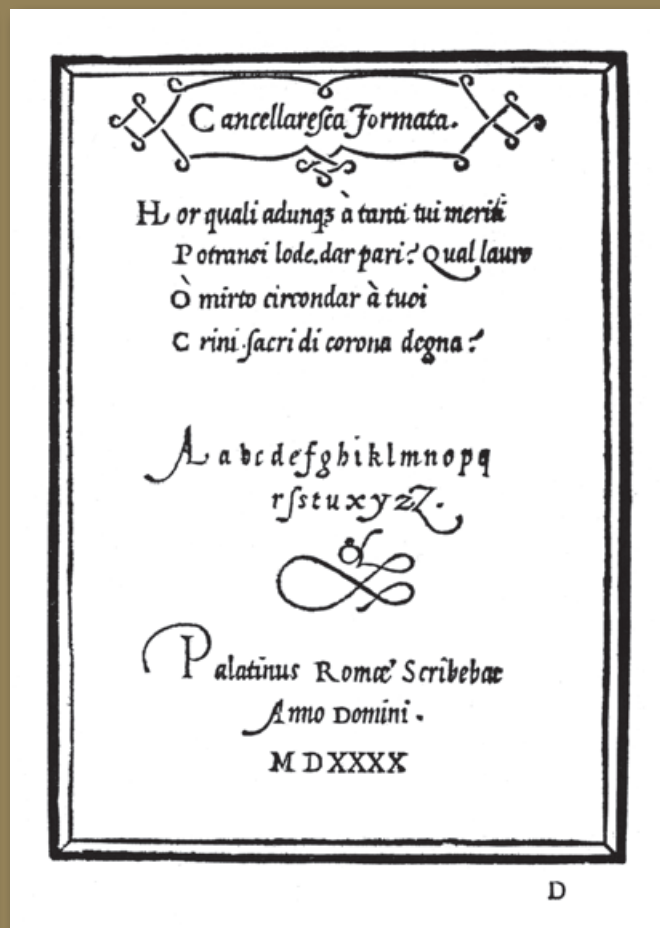
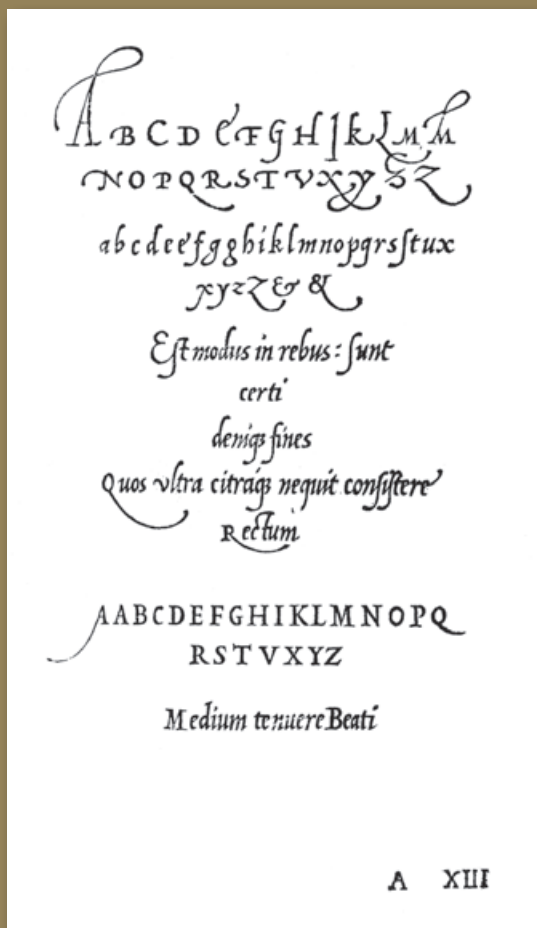
[FIG. 8] DUCTUS CALIGRÁFICO DE ANDRÉ DE RESENDE NO SERMÃO INAUGURAL DO SÍNODO DE ÉVORA (1534). ARQUIVO DO CABIDO DA SÉ METROPOLITANA DE ÉVORA, CEC 5-IX, FL. 7V. (PORMENOR).



[FIG. 9] DUCTUS 'CORRENTE' DE ANDRÉ DE RESENDE. ANTT. TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO, INQUISIÇÃO DE ÉVORA, PROCESSO 8628, FL. 224 (PORMENOR MUITO AUMENTADO).

na versão mais solene –, um *ductus* regular, espaçado, pouco inclinado e pouco anguloso, onde se evidencia uma relação de simetria do corpo da letra face às hastes e às caudas.

No autógrafo que aqui editamos observa-se, no entanto, se não uma escrita cursiva pelo menos um *ductus* mais expedito, onde o número de traços no desenhar da letra é menor tanto como o é a sua regularidade, sem perder com isso beleza e inteira legibilidade própria a uma *lettera all'antica*. O *módulo* é um pouco mais pequeno (ca. 2x2mm o corpo, e 6mm de altura desde a haste à cauda) se comparando com a caligrafia solene das actas do Sínodo de 1534, devendo-se a sua grande clareza e legibilidade a um *ductus* pouco comprimido, resultando num *peso* ligeiro, onde quase não se verifica contraste entre traços grossos e finos, numa escrita que diremos filiforme. Nas *marginalia* que



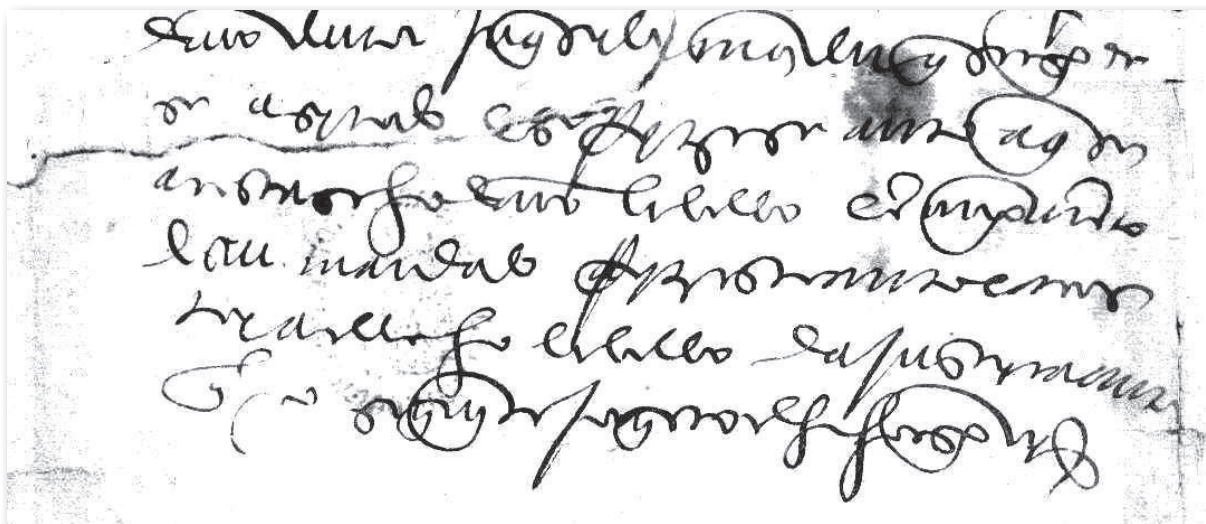
[FIG. 6 E 7] À ESQUERDA, A CANCELLARESCA CORSIVA DE LUDOVICO DEGLI ARRIGHI, LA OPERINA [...], ROMA, 1522, FL. AXIIR; E À DIREITA, A CANCELLARESCA FORMATA DE GIOVANNI BATTISTA PALATINO, LIBRO NEL QUAL S'INSEGNA A SCRIVER OGNI SORTE LETTERA [...], ROMA, 1561, FL. D1R.

deixou nas cartas de Pêro Álvares, o *módulo* chega a ser miniaturizado, sem perder as características do seu *ductus* (ca. 1x1mm o corpo e 3,5 mm de altura deste a haste à cauda), embora se torne por vezes mais angulosa por razões de espaço e pelo biselado da pena (mais evidente). Das características da sua escrita usual, e comparação com a sua solene, ressaltamos: o traçado do ‘d’ apenas num movimento contínuo ascensional; a simplificação do traçado do ‘g’, de três traços (com o desenho da oval do corpo da letra) para dois traços de movimento contínuo (com ligação à letra seguinte) e um único levantar da pena (no entanto já previsto na *cancellaresca corsiva* de Arrighi); a opção, diremos ‘pessoal’, por um ‘h’ caudato de haste recta, onde a cauda se enrola para a direita no sentido da escrita (indício de cursividade) ou se liga mesmo à seguinte; ou a preferência manifesta no uso do ‘s’ longo (caudato) em início de palavra para maior rapidez, ao contrário do que prefere na versão caligráfica quando o usa quase somente em nexos, como ‘st’. Da aprendizagem ou posterior adopção deste modelo por parte de Resende podemos dizer pouco, dado o que falta saber (quase tudo) sobre a introdução do novo modelo nos círculos letrados e da corte em especial quanto ao ensino.¹¹⁴ O que fica claro é que ao contrário de outros humanistas lusos, só a custo se observa na escrita de Resende (e apenas na versão cursiva) algum substracto gótico, a evidenciar uma aprendizagem segura do modelo humanístico e uma quase total diluição desses caracteres aquando da possível adopção do novo modelo gráfico nos centros europeus que percorreu nos seus anos de formação, se a aprendizagem não tiver sido já nacional e em tenra idade, durante o magistério do gramático humanista Estêvão Cavaleiro. Os insignificantes casos que detectamos no texto que ora editamos de 1541, e já não os encontramos, por exemplo, no autógrafo da *Fala que fez* na entrada da princesa D. Joana de Áustria em finais de 1552 [Fig. 5], prendem-se com a rapidez posta na execução, portanto com a cursividade: o ‘d’ e o nexos gótico ‘de’ logo no cabeçalho, a que se junta o nexos ‘dos’ (em *allumiados*, l. 1) com ‘s’ final espiralado dextrógiro e o ‘R’ gótico de *se Regerem* na l. 6 [Fig. 1]. Certo é que a partir da publicação em 1522 de *La Operina da imparare di scriuere littera cancellarescha* de Ludovico degli Arrighi, dito Vicentino, o ensino e prática do novo modelo gráfico ficava acessível sendo fácil de ver [Fig. 6] quanto a escrita de Resende deve ao mestre calígrafo de Veneza e Roma, *scrittore de breui apostolici*, cujo projecto de difusão foi depois continuado pelas obras de G. Antonio Tagliente (1524) e G. Battista Palatino (1540) [Fig. 7], manuais que tanto contribuíram para a implantação do novo modelo gráfico.¹¹⁵

¹¹⁴ Temos entre mãos um estudo aprofundado sobre a bela escrita humanística do 5.º Duque de Bragança, D. Teodósio I no contexto da cultura quinhentista lusa, ele que além de possuir alguns manuais de escrita na sua vasta biblioteca terá encomendado ao seu pintor e fresquista Giraldo Fernandez de Prado dois tratados de caligrafia (1560-1561), ainda hoje remanescentes, para ensinar a arte caligráfica aos seus filhos. Sobre estas obras e autor veja-se, Vítor SERRÃO, “Maniera, Mural Painting and Calligraphy: Giraldo Fernandez de Prado (c. 1530-1592)”, in AFONSO, Luís Urbano, et al., *Out of the Stream. Studies in Medieval and Renaissance Mural Painting*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007, pp. 115-140.

¹¹⁵ Sobre estas obras veja-se, Oscar OGG, (introdução de), *Three Classics of Italian Calligraphy. An Unabridged Reissue of the Writing Books of Arrighi, Tagliente and Palatino*, Nova Iorque, Dover, 1953; e Emanuele CASAMASSIMA, *Trattati di Scrittura del Cinquecento Italiano*, Milão, Edizioni Il Polifilo, 1966. Sobre a obra do Vicentino veja-se Paul STANDARD, *Arrighi’s Running Hand. A Study of Chancery Cursive*, Nova Iorque, Taplinger, 1979.

Mas os velhos modelos continuaram em uso, já que a renovação era lenta dada a natureza geracional de tais mestres das primeiras letras. Em jeito de comparação, sublinhe-se o contraste gritante entre a humanística de Resende e o cursivo veloz de grande angulosidade do poeta e seu ‘rival’ na corte dos purpurados, o secretário do infante D. Henrique, o humanista Jorge Coelho, que exhibe uma escrita de tradição ainda totalmente gótica. [Fig. 10]



[FIG. 10] ASPECTO DA ESCRITA DE JORGE COELHO NO PRIMEIRO AUTO (DE APRESENTAÇÃO DO LIBELO ACUSATÓRIO) DO PROCESSO CONTRA O CRISTÃO-NOVO LUÍS DIAS, ALFAIATE E ‘MESSIAS’ DE SETÚBAL (7-V-1538). ANTT, TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO, INQUISIÇÃO DE LISBOA, PROCESSO 3734, FL. 1V. (PORMENOR)

Passemos então da forma ao conteúdo do manuscrito resendiano. O particular interesse deste autógrafa prende-se com a sua natureza enquanto *censuras* de âmbito teológico que aqui iremos analisar em particular quanto ao argumento escriturístico. Não profundamente analisadas por Lipiner¹¹⁶, as cartas-memorial de Pêro Álvares [Fig. 11], revelam-nos um utópico projecto de reforma dos estilos inquisitoriais que o réu destemidamente faz apresentar ao infante D. Henrique e que comprovam o sentimento de descrédito que a nova instituição merecia por parte dos conversos nestes tempos de afinação da máquina inquisitorial, confiantes de que o seu prestígio junto da cúria apostólica, belas letras (retórica) e as suas moedas de ouro os salvariam da perseguição. Foi muito também por esse descrédito e certo destemor, visto como insolente desrespeito, que se viu preso Pêro Álvares, como o próprio sublinha na sua crítica contra o temível João de Melo na carta

¹¹⁶ Elias LIPINER, *O sapateiro de Trancoso* [...], pp. 149-154 (cap. V, 9) e IDEM, *Os baptizados em pé* [...], pp. 255-273.

ao infante: *hya Senhor a todas [as] aodiamças de Joam de Mello elle Receamdo-se de mjm pasados algus dias / paresemdo-lhe que eu estoruava / que nao houvese muito que fazer / que era o meio / delle medrar me çhamou apartamdo-se comjguo / com seos espriuães dizemdo que lhe era dito que eu falaua contra a Jmquisição e fazia por os presos [...] / e porem senhor certo mjinba alma chorou amte Deus de ver vomtade tam danada / a omem que o carguo todo tynha em sua mão (fl. 205).*

A publicação futura e anotada das extensas cartas-memorial de Pêro Álvares (que por motivos de espaço aqui não poderíamos fazer) dará precioso contributo para o estudo quer do movimento messiânico de que Álvares foi arauto, quer da literatura que o susteve, sendo de analisar as fontes rabínicas – as *rabinarias* ou *rabinices* de que fala Resende – e, igualmente, a tónica mística que as caracteriza e que Resende toma por *selada* ou discurso *emburilhado*, todos aspectos a que a análise de Lipiner esteve alheia. Fazem parte estas duas missivas de toda uma estratégia epistolar do réu que assentou na vã esperança de que os seus interlocutores, do alto das suas prerrogativas, impedissem a plena implantação do Santo Ofício ou, pelo menos, limitassem os seus *terores, çruezas e Ryguores*, fazendo *Justiça com Rosto de misericordja que Deus diz que sejamos mjsericordiosos como noso padre espiuall* (fl. 204, cita **Lc 6,36**). Nestas duas há referências a umas quantas outras que terá enviado e que não sobrevivem: a Frei João Soares, depois bispo-conde de Coimbra (fls. 212v.-213), ao provincial dominicano Jeronimo de Padilla (fl. 211v.), ao infante D. Luís, ao imperador e ao rei (fl. 204v.). Como fundamento evangélico (cita **Mt 17,20, Lc 1 e Mt 21,21, Mc 11,23**) da sua temerária iniciativa epistolar diz: *os primçipes senbor am d'oulhar pera as palauras do mjinjmo homem / e muito majs quamdo sao prelados majs obrigaçao quamdo vam fundadas em Deus / que o Redemtor o da por emxemplo e doutrina / no avamjelho* (fl. 202v.). Quanto ao conteúdo destas que nos chegaram, na que enviou ao infante, e já preso de *tam aspera prisão*, inflamado *com este chejro dos alumjados* e tomando o exemplo de Jeremias (**Jr 17,16-17**), diz-lhe que, à semelhança do profeta, não quer fazer outra coisa *se não dizer aos primçepes e ao pouo as cousas que elles fazião / que os via amdar afastados de fazer misericordja como Deus mandaua / e Rejiam-se per outros Rejimentos de letrados* (fl. 201). E sublinha que o seu *fundamemto não é Reprouar a Samta Jmquisição somente dar lembranças o por omde se deue leuar ordem / de misericordja* (fl. 201), e isto lembrando como poderoso argumento a memória de D. Manuel I: *se deuja d'oulhar que el Rey voso paj que samta gloria aja o não deixou em testamemto que nos consumjsem* (fl. 201). Perante o escrutínio inquisitorial lembra de novo o velho rei – *vosu paj nos tornou çrestãos por força e seus filbos buscam leys pera nos consumjr* (fl. 201v.) – e, usando o texto de Jeremias, diz ao futuro cardeal: *usais as doutrinas dos omems / e deixais as de Deus* (fl. 202). Comparando os réus, que no interrogatório tudo dizem e se confundem à ‘verdade’ pretendida pelo inquisidor, a S. Paulo, *tam alumjado / que tamtos mjlagres vio fazer ao Redemtor*, que também ele *neguo tres vezes somente de medo da carne e que depois por vomtade confesou o que tynha neguado e ofereçeo-se ao saçrificyo / as cousas de Deus* (fl. 202), sublinha Pêro Álvares, *depojs que lhe foy Reuelado, que o apóstolo espreueo se não Jrmãos perdoay amjguos e a Jmjguos / com toda doutrina que se pode espreuer tudo fundado em misericordia se Deus fora serujdo de çruezas hũ vaso tam cheo dellas amtes d'allumjado*

sua lingua tam qustumada dellas / não lamçara cem çeumes da lesa majestade (fls. 202-202v.). Mas um dos argumentos mais fortes que usa para forçar o futuro cardeal a que *oulhase com olhos de misericordia* não pode ser senão a terrível coincidência das mortes de tantos membros da família real¹¹⁷ em tão curto espaço de tempo quando, ao referir-se à troca epistolar que manteve com o infante D. Luís, afirma: *depois da morte de nove Jfamtes e Jfamtas d'el Rey voso paj e d'el Rey noso senhor quatro anos pasados depois que a Jmquisyçao se prouicou nesta cidade [...] em que lhe dej lembrança segumdo meu parecer o Risiko que via e lhe dise que eu o tynha dito a sua alteza / por os melhores termos que eu pudera que Deus era Justo Jujz* (fl. 213v.). Nada tinha de inocente a associação causal entre as sucessivas mortes e a data de implantação do tribunal e suas *çrueças*, como se de castigo divino se tratasse, embora na corte se tomasse também o mesmo argumento mas *a contrario sensu*.

Já a que, quase sem dúvida, dirigiu a Resende, apodando-o de influente e ‘virtuoso’, e dizendo-lhe – *Os vertuosos dam atreuimemto aos homens com elles communjcarem ajmda que aja pouqua comverçaõ / e muitas majs quando sao Relijiosos e porque vossa senhoria esta fama tem / e com hiso tamta parte se dizer ter com ho senhor Jfamte dom Amrique / me deu ousadja espreeur a presemte* (fl. 217) – debruça-se sobre a superioridade do homem mesmo face aos anjos, a *bênção* em que se tornou o pecado de Adão, dado que a *geraçãõ humana* pôde, com livre *alujdro* tornar-se mais perfeito que o homem primevo, portanto ‘justo’, que tendo possibilidade de fazer o mal o não faz, ao contrário – diz o réu – do infante D. Henrique, inquisidor-geral, *que pode xequtar muitos homes ou dar-lhe pemdemça de muita Jmfamea pode-o fazer porque ho Rejimemto e lej fecta pera hiso por omde parece que fara Justica buscar maneira de misericordia e não fazer o que podia fazer* (fl. 218). É o tópico da crueldade humana em oposição à misericórdia divina que o réu, estribado no texto bíblico, procura colocar em evidência, deixando recado e lição ao inquisidor-geral: *am-de trabalhar os primçepes pera amarem omems que doutrinem omems emtam se chamarao catolequos / e os primçepes que amao homes pera fazer castigos na tera usao como tyranos* (fl. 218v., riscado pelo próprio réu).

As respostas¹¹⁸ de Resende apresentam-se, então, em *itens* ou *artigos*¹¹⁹, sendo de grande interesse também as *marginalia* que deixou na carta dirigida ao religioso não identificado – muito provavelmente o próprio teólogo, dado que ao contrário da missiva ao cardeal, esta anotou sem cerimónias, o que também explicaria a presença do nosso humanista num processo inquisitorial –, já que, pela sua natureza, são apontamentos rápidos, instantâneos velozes que, na rapidez do cálamo, expressam bem a essência das *censuras* posteriores e o modo como elas foram elaboradas pelo humanista.

¹¹⁷ Contabilizamos oito de 1536 a 1541; são eles o infante D. Dinis e o príncipe D. Manuel, filhos do rei (1537), D. Beatriz, duquesa de Sabóia, irmã do rei (1538), príncipe D. Filipe, filho do rei e D. Isabel, imperatriz (1539), e os infantes D. António, filho do rei, cardeal D. Afonso e D. Duarte, duque de Guimarães, irmãos do rei (1540). Pode ser que o nono se referisse ao infante D. Fernando, filho de D. Manuel I (1534).

¹¹⁸ Vide DOCUMENTOS 1 e 2.

¹¹⁹ Os artigos serão doravante referidos por I,1 a 45 (DOCUMENTO 1) e II,1 a 57 (DOCUMENTO 2).

De facto, observa-se que as mais graves do ponto de vista teológico, escreveu-as Resende em latim, uma vez que era essa a língua do debate teológico e da invectiva doutrinária – cf. I,11: *maledetor quet scripturam. & haeresis Lutherana* (fl. 218); I,12: *haeres.* (fl. 218); I,37: *est heresi[s]* (fl. 220); I,38: *heresis est.* (fl. 220v.); I,39: *heresis porque anima spiritus est. & incorpora.* (fl. 220v.); I, 40: *frivololum & literaliter intelligit hereticum.* (fl. 220v.); I, 45: *mas mal aventurada. heresis.* (fl. 221).

Resende começa sempre o seu articulado procurando tomar a *proposiçam* teológica expendida pelo réu, sublinhando as cartas autógrafas de Pêro Álvares e numerando todas as proposições que considera serem de rebater. Deixa, no entanto, muitos trechos delas sem lhes retirar coisa alguma. E isto, ou porque não entende a linguagem, caracterizando alguns pontos como *selada* (cf. II,34.41: *emburilhado*), ou como *rabinaria*, ou mesmo *nécia rabinaria* (cf. II,13.31.44), ou porque necessitam de maior clarificação por parte do réu (cf. I,7, II,35). Chega mesmo a exigir a alegação da Escritura (cf. I,31: *Allegue honde diz ho Psalmista.*, e na *marginalia* fl. 219v.: *non sei onde ho psalmista isto diga.*; I,33, na *marginalia* fl. 219v.: *proua disto? paruojea.*), indo ao ponto de afirmar da não (ou má) teologia do réu (cf. I,7, II,32.35). Para isso apresenta a *censura* respectiva por meio de argumentação exegética, da qual ressalta o uso abundante do Antigo Testamento, em oposição ao Novo Testamento que o réu usara de forma tão prenhe como surpreendente (ou talvez não), mas que o teólogo considera como mau uso ou má interpretação (cf. I,11.13 e II,16.52). Sublinhe-se que o réu na carta que dirige a D. Henrique afirma que o Evangelho é *agua da fonte viva* (fl. 202), expressão que Erasmo no seu *Enchiridion militis Christiani* (1504) usa a propósito de Cristo, na metáfora do rochedo, na sua carta-prefácio à segunda edição (1518) deste importantíssimo *Manual do cavaleiro cristão* dirigida a Paul Volz e em que sumariza a sua obra e doutrina, considerada a primeira ‘obra prima’ erasmiana.¹²⁰ É claríssimo, pois, o evangelismo do réu, que entendia as Sagradas Escrituras muito à maneira como o teólogo de Roterdão (e tantos outros humanistas cristãos antes dele) as entendera, base do seu pensamento teológico e da *praxis* religiosa que procurou implementar através de toda a sua obra e em particular neste *enchiridion*.

Mas se em alguns artigos chega André de Resende a fazer juízos de valor sobre o réu (I,8: *temerario e presumptuoso.*, ou I,26: *proposiçam e douda & temeraria. & heretica*), já noutros o nosso humanista acusa de grande sarcasmo, dizendo: (I, 37: *Beem anitados stariamom. se São Paulo & hos outros apostolos non entenderam has palauras de Christo*; II,12.24: *Sei que este homeem dormia, quando logo se ho Sancto Officio começou, & se pregou perdão-geeral de todo ho passado*; e II,47); II,22: *pera a Semana faz ho lobo porque abo*

¹²⁰ Veja-se Desiderius ERASMUS, *Enchiridion militis Christiani* [...], Basileae, Apud Io. Frobenium, 1518; consultámos também a tradução francesa com erudita introdução de A. J. Festugière, publicada em Paris, J. Vrin, 1971. Sobre o pensamento teológico de Erasmo veja-se, entre outros, Ernst-Wilhelm KOHLS, *Die Theologie des Erasmus*, Basileia, Helbing & Lichtenhahn – Friedrich Reinhardt Verlag, 1966; John B. PAYNE, *Erasmus: his Theology of Sacraments*, Richmond, John Knox Press, 1970; Erika, RUMMEL, *Erasmus and his Catholic Critics*, 2 Volumes, Nieuwkoop, De Graaf, 1989; Manfred HOFFMAN, *Rhetoric and Theology: The Hermeneutic of Erasmus*, Toronto, University of Toronto Press, 1994; e Erika RUMMEL, “The theology of Erasmus”, in BAGCHI, David, e STEINMETZ, (direcção conjunta de), *The Cambridge Companion to Reformation Theology*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004, pp. 28-38.

Domingo non va aa egreja. E se artigos há que mereceram da pena de Resende apenas o tirar da proposição (cf. I,1-6.8-21.23-24.26-31.33-36.38-45 e II,1.3-6.9-14.18-30.32-39.42-46.48-57), noutras expendeu largamente o seu conhecimento escriturístico para derrubar os argumentos e ‘teologia’ do réu, nomeadamente nas *censuras* à longa carta ao cardeal. É o que de seguida analisaremos de forma mais profunda, recorrendo à análise dos mesmos passos bíblicos na exegese *ad mores* de Jerónimo de Azambuja ao *Pentateuco*, mas também nas obras de João de Barros e de Diogo de Sá.

Aspecto a relevar, antes de mais, nas *censuras* de Resende diz respeito à versão utilizada do texto bíblico. Como se verifica pela nossa edição crítica, o nosso humanista utiliza com grande fidelidade a versão da *Vulgata* – descontando insignificantes divergências – o que, conjugado com o facto de, por vezes, se equivoocar quanto à localização do passo específico, leva-nos a pensar que está a citar a *Vulgata* de cor, evidência de um conhecimento profundo do texto sagrado. Há, no entanto, um caso curioso (II,47) em que prefere o texto grego de **2 Sm 23,5-6**, fazendo sobre ele uma versão latina própria, dizendo: *ou como ha letera grega mais expressamente diz*. Prefere, no entanto, não a *hebraica ueritas* mas a versão da *Septuaginta*, cujos méritos foram sobejamente postos em relevo por Erasmo nas notas à sua tradução. Sobre as semelhanças, ao nível da técnica intelectual, entre Resende e o seu *amicus*, nunca é demais lembrar a bela síntese de Pina Martins: *se a mesma ortodoxia os unia no vínculo da mesma Igreja, o irenismo erasmiano havia de diluir-se pouco a pouco nas ideias religiosas de Resende, vivendo a segunda metade da sua vida em pleno período de Reforma católica*.¹²¹ Vê-se claramente que o irenismo ou pacifismo religioso de Resende, se dele foi partidário alguma vez, diluiu-se bem mais cedo do que a ciência e crítica contemporânea mais informada alguma vez supôs. De resto, o erasmismo de Resende é bem mais um erasmismo formal que teológico, aproximando-se o humanista essencialmente no que toca às preocupações filológicas de Erasmo¹²², patente na preferência do grego neste texto bíblico.

Mas torna-se necessário, antes de mais – até pelo que nos informam estas *censuras* da cronologia, em bases seguras, do pensamento teológico de Resende –, definir o que se entende por erasmismo, não só pelo que de herança reformadora dos humanistas cristãos do *Quattrocento* recebera o pensamento e obra de Erasmo, mas também pela evolução ou afinação desse mesmo pensamento ao longo da sua vida. Diz-nos Pina Martins, que muito conviveu com os seus textos e meditou na sua obra, que: *O erasmismo é philosophia Christi, a religião interior, a fidelidade à autenticidade evangélica, o desprezo da letra pelo culto do espírito, o pacifismo, a aversão à violência; mas também a sátira contra a corrupção das autoridades civis e eclesiásticas, contra a corrupção das próprias instituições na medida em que elas se deixam*

¹²¹ Cf. José Vitorino de Pina MARTINS, “Aspectos do erasmismo de André de Resende”, in MARTINS, José Vitorino de Pina, *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI. Estudo e textos*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1973, pp. 81-148, ref. p. 83 (sublinhado nosso).

¹²² Sobre o erasmismo filológico de Resende, vide IDEM, *ibidem*, pp. 96-111.

*plasmam ou deformar pela preocupação histórica do temporal corrompendo-se: portanto sátira religiosa, social e mesmo política.*¹²³ Mas erasmismo é também crítica às falsas devoções (empolamento do culto dos santos e das relíquias), ao monaquismo como sinónimo de perfeição espiritual, às pomposas celebrações externas em detrimento do conteúdo espiritual ou aos formalismos rituais e defraudadores da substância litúrgica (*as caerimoniae*), mas de igual modo, tanto a **valorização da misericórdia divina face à justiça humana**, como a **oposição a esquemas inquisitoriais e defesa da tolerância e liberdade de consciência** e, em consequência dessa visão interior, essencialista e cristocêntrica da prática religiosa, também um apelo à desclericalização da Igreja e um propugnar pelo acesso mais directo dos fiéis tanto à liturgia como às Sagradas Escrituras (evangelismo).¹²⁴

E para aqueles críticos que, por forma a avaliarem o grau de erasmismo de um dado autor, afirmam que a evidência só pode (ou deve) ser a citação textual da obra de Erasmo, diremos que erasmismo mais que um *corpus* textual é uma filosofia, uma *praxis*, e que é na acção de um indivíduo, como o nosso Resende, que podemos avaliar o comprometimento com tal prática espiritual. Torna-se evidente que desde logo a participação do nosso humanista num processo inquisitorial e sua poderosa invectiva teológica, responsável pela condenação do réu ao lume do Santo Ofício, só podem desmentir qualquer proximidade da *praxis* espiritual de Resende àquela que Erasmo propôs à Cristandade, e isto não no ocaso da vida do nosso humanista como pretendem ainda alguns¹²⁵, mas logo em 1541 e antes do Concílio de Trento ter tido lugar (1545-1563). Quanto à cronologia do erasmismo de Resende disse-nos Pina Martins: *O erasmismo resendiano não oferece dúvidas, portanto, nos anos de 1531-1536, digamos até, na década 1530-1540. E depois?*¹²⁶ Com o autógrafa aqui editado podemos responder, contrariando o juízo benevolente do saudoso mestre, que não apenas o cruzadismo de Resende teria merecido a reprovação de Erasmo, mas certamente o teria muito escandalizado o exame e brutal escrutínio inquisitorial à fé de um converso cujo sincretismo herético fora revelado e posto em evidência pela pena do humanista, escorado numa ortodoxia implacável de que, ao serviço dos nossos purpurados infantes, foi arauto e baluarte e nunca vítima, como o foi o príncipe dos humanistas lusos, Damião de Góis. Não se poderá mais, quanto a nós, sustentar que

¹²³ Cf. IDEM, *Humanismo e erasmismo* [...], p. 26.

¹²⁴ Seguimos aqui bem de perto, naquilo que tomou da análise à obra de Silva Dias sobre Fr. Valentim da Luz, o texto de Amadeu TORRES, "Damião de Góis no V.º Centenário do seu Nascimento: Erasmismo e 'Philosophia Christi', in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 58, 2002, pp. 943-952, ref. pp. 948-949.

¹²⁵ É o caso da autora que mais recentemente e em grande profundidade se tem debruçado sobre a obra de Resende, Virgínia Soares PEREIRA, *Aegidius Scallabitanus* [...], pp. 209-217 e pp. 220-226, onde expende que no texto que edita – de difícil datação, dados os diversos períodos de escrita e *labor limae*, e que se estendem de 1544 até 1567 –, surgem, quer citações das suas obras, como sublinha o facto do nosso humanista, a propósito do culto dos santos, referir-se a Erasmo como *amicus meus*, defendendo-se, na obra dialogal em que era um dos interlocutores, de ingratidão quanto à memória do Roterdamês de que alguns lhe acusavam. Como quer que seja parecem claras as razões de Resende para nunca ter publicado esta obra, terminada anos antes de falecer, como a autora, de resto, sublinha (p. 225).

¹²⁶ Cf. José Vitorino de Pina MARTINS, "Aspectos do erasmismo de André de Resende" [...], p. 95.

o humanista *foi sempre erasmiano no seu espírito*.¹²⁷ Dificilmente o poderia ter sido, já que a partir do regresso ao reino e ao serviço, primeiro, de D. Afonso e, depois, de D. Henrique, esteve Resende sempre na tutelar ‘companhia’ do velho mestre Margalho.

Mas vejamos o razoado do humanista em resposta a Pêro Álvares e sua proposta evangélica quanto à moderação dos ‘estilos’ do Santo Ofício. O que estava em causa era o excesso da punição e justiça humana (inquisitorial), em contraste com a misericórdia divina e o exemplo do texto sagrado. Em I,22, Resende procura contrapor que muito embora Jeremias e S. João não pregassem a morte como obra de Deus – *e nunca disseram a príncipe, matai* –, utiliza o teólogo o exemplo de Moisés que, mesmo sendo *mitissimus*, muito humilde (cf. Nm 12,3) disse: quem tal fizer *será punido com a morte* (cf. Lv 20,2), *o blasfemo sairá do acampamento* (cf. Lv 24,14), *será apedrejado por todo Israel* (cf. Lv 20,2 e 24,14) *e será eliminado do seu povo* (cf. Lv 19,8); e mandou e disse também que *cada um de vós mate o irmão, o amigo e o vizinho* (cf. Ex 32,27); e pelo pecado do bezerro e porque os levitas o fizeram disse-lhes *consagrai-vos desde hoje ao Senhor* (cf. Ex 32,29). Aduz igualmente o teólogo o exemplo do profeta Elias que mandou prender os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os matou no vale de Quichon (cf. 1 Rs 18,40) e, bem assim, o de Josias que *sacrificou os sacerdotes dos lugares altos* (cf. 2 Rs 23,20). Estes exemplos juntam-se a outros (cf. 1 Cr 2,7 e Js 7,25) de que faz uso para refutar a opinião de Pêro Álvares em I,25 – nas *marginália*, fl. 219: *contrario esta na Scriptura* –, de que Deus não castiga os errados mas usa com eles de misericórdia.

Com efeito, Pêro Álvares procurara convencer o infante (fls. 201v. e ss. e 207v. e ss.) de que o ‘pecado do bezerro de ouro’ (tomando por antonomásia o pecado cristão-novo de não reconhecerem o Deus verdadeiro) fora perdoado, o que Resende desmente em II,7, referindo-se depois à vingança de Moisés (cf. I,20), já aduzida em I,22 que é completada em I,8 no poderoso texto que acima citámos na confiança de Resende para com o seu mecenas, encontrando no patriarca o precursor do próprio inquisidor-geral (!), *zelador de Deus*, e aplicando-lhes as seguintes palavras para anular o pecado de Israel ou, por antonomásia, dos cristãos-novos que insistem no pecado de judaizar: *Item quanto abo que diz que ho exemplo de Moises deue andar ante hos olhos dos príncipes diz verdade. E assi confiamos nos que ho Jffantte nosso Senhor quomo piedoso príncipe E Summo Sacerdote que haa de rogar por ho peccado do Seu pouoo, pediraa a Deus que lhes perdõe, e porem quomo ministro E Zelador de Deus, ainda que com dor de Seu coraçam, puniraa as blasphemias, pois para ipso lhe allegam ho exemplo de Moises, que comquanto dizia: Quem é pelo Senhor junte-se a mim! Cinja cada um de vós a espada sobre a coxa e cada um de vós mate o irmão, o amigo e o vizinho. E cerca de três mil homens morreram nesse dia.* (cf. Ex 32,26-28). A argumentação, como vemos, era forte e precisamente exarada do Antigo Testamento.

Parecer um pouco diferente tinha Jerónimo de Azambuja na análise *ad mores* deste capítulo, cujos aspectos mais violentos parecem-lhe pouco importar, atribuindo a culpa do pecado a Aarão.

¹²⁷ IDEM, *ibidem*, p. 95.

Sobre **Ex 32,27**, que a versão de Sanctes Pagnines que utiliza, mais conforme à *hebraica ueritas*, lia *Occidite unusquisque fratrem suum, amicum, et propinquum*, afirma: *Propter iniuriam Dei uindicandam, non est curandus frater, non amicus, neque filius, aut uxor. Solet Deus ab ira quiescere morte peccatorum. Nō poterit (ait Dñs ad Iofuah) Israel stare coram inimicis suis, nisi de medio tollatur, qui abstulit anathema. Si quæras cur plures fuerint occisi de tribu Leui, respõsio est, quia p[er] eos peccatum uenerat, maxime culpa Abaron: qui à peccato populū debuisse retrahere Neq[ue] huiusmodi interfectores erant à peccato immunes: sed solet Deus p[er] alios peccatores, alios punire, quemadmodū Iudæos p[er] Chaldæos.*¹²⁸ Neste particular elucida-nos igualmente João de Barros, não tão irénico como Jerónimo de Azambuja e mais conforme a opinião de André de Resende, pela boca do Evangelho, no seu *Diálogo evangélico*, já depois de ter aludido a **Nm 25,9**, diz: *Pois se Deos por esse homicidio feito com zelo de sua honrra assi agalardoou a Phines e consagrou as mãos dos filhos de Levi tintas do sangue de seus filhos e irmãos [cf. Ex 32,27] que foram em o pecado do bezerro, que galardam te parece [dirige-se ao Talmud] que mereciam os teus mayores pella morte de Christo Jesu se Elle fora o profeta sonhador que tu dizes? Porque Deos é justo em todolos seus caminhos, e santo em todalas suas obras que fez, e o módo do castigo é a medida do peccado. E estas verdades de Deos a Escritura as diz e aprova per exemplos, em os castigos e misericordias que obrou acerca de vos outros per os pecados e penitencias que fizestes. Os quais castigos e misericordias, primeyro que lhe sobreviessem, Deos lhos denunciou com limitaçam de tempo e circunstancias do caso.*¹²⁹ Do mesmo parecer é Diogo de Sá, pela boca do Cristão quando, citando S. Anselmo, expende que todos os judeus são semelhantes aos brutos animais, tudo porque, acrescenta aludindo a S. Crisóstomo, são obstinados e entendem mal a Escritura, permanecendo cegos à sua verdade: *No Egipto descendestes, & daquella seruidam, fazendo abi tanto o que não deueis, Vos liurou Deus. Liures do Egipto, adorastes o Bezerro: & Vossos filhos a Belphegor sacrificastes.* e mais à frente afirma: *tão soberbos Vos sentistes, que clamastes que o filho de Deus fosse crucifícado. E onde tanto cuidastes que podieis, que matastes o que resuscitaua os mortos: se conseguio a Vingança do Senhor, com ser a Çidáde destroida & os Iudeos desbaratados. E onde contra Deus podestes clamár, abi diz Agostinho [à margem: In Psal. 68.] que permittio o mesmo Deus que não podésseis habitár. Deu a morte do Filho de Deus Vida ao mundo: & os que o matarão mortos & perdidos ficarão.*¹³⁰ A esta vingança de Deus, no entanto, Diogo de Sá não deixa de fazer atentar para o porquê da gravidade da punição infligida por Moisés nestes termos e referindo-se a **Ex 32,27**, pela boca do Cristão, espécie de *alter ego* do humanista, diz: *Na Velha Lei & na Noua, hñs mesmos grãos tem os bons ou máos prepositos: que se Viste a Moises ser omiçida, Ve por cuia causa o foi.*¹³¹

¹²⁸ Cf. Frei Jerónimo de AZAMBUJA OP, *Commentaria in Exodum*, Lisboa, João Blávio de Colónia, 1557, fol. 83, pag. 2. col. 1 (usamos o sistema de citação preconizado pelo próprio autor).

¹²⁹ Cf. João de BARROS, *Diálogo evangélico*, p. 65.

¹³⁰ Cf. Diogo de SÁ, *Inquisição e segredos da fé*, fls. 149-150v., ref. fls. 150-150v. (sublinhado no original).

¹³¹ IDEM, *ibidem*, fl. 171v.

O tema do ‘pecado do bezerro de ouro’ (**Ex 32,4-8**), sua lição escriturística e ‘mistério’, junto com a destruição (**Ex 32,19**) e destino das primeiras tábuas da Lei (**Ex 31,18**), parecem ter sido de especial interesse para Pêro Álvares que anos antes havia debatido o episódio com o duque de Bragança, D. Teodósio I, como o réu afirmou nas suas confissões a propósito do convívio com o ‘messias’ de Setúbal, Luís Dias, saído no auto da fé de 23-X-1541 em Lisboa: *que ele ouuira dizer ao duque de Bragança [no palácio de Lisboa] que a causa porque Moyses dejtara as tauoas da mão fora porque nos dez mandamentos no pecado da Jdolatria mandana nenhũa Remisam se nam serem logo executados por honde pelo pecado do bezerro era necysarjo todo [o] pouo de Jsrael morrer e portanto por ele não pereçer as deitou e as não tornou a Deus* (fls. 396v.-397). Na interpretação do pobre ‘messias’ as primeiras tábuas *não forão quebradas que se quebrarão aos ffilhos de Jssac porque as nam mereçerão ver que no Juiço seram outra vez aparecidas* (fl. 397v.).

Quanto às increpações de Pêro Álvares ao *munus* e actuação de João de Melo na Inquisição de Évora, André de Resende é rápido em as desconsiderar por completo no que toca ao futuro arcebispo de Évora (cf. II,26: *irreuerentemente tracta Joam de Mello por fazer ho que deue.* e II,45.55 onde refuta as alegações do réu, sem mais, por *falso testemunho*), invectivando as proposições contra Álvares de Paredes pela sua natureza, que qualifica de *douda & temeraria. & heretica.* (cf. I,27), quando o réu sugere que se Deus fosse bem servido em juízes que usam da crueldade, com certeza agraciaria o juiz, neste caso Álvares de Paredes, com a graça de fazer milagres. Resende, nas *marginalia* ao memorial (cf. fl. 219, com furos de bibliófago) escreve: *he necessario que ho executor faça milagres. [...]ssar [mil]agre faz, se conforme a Deus & iustiça executa. se isto fezesse ho boom executor, preuaricaria.* Neste particular se insere o principal repúdio pela instituição inquisitorial por parte do réu, o que o leva a apontar o dedo aos letrados e religiosos de *orações largas* – qualifica-os de *fariseos ypocretas e çegos* (fls. 202-202v.) – que corrompem o coração do *princeps*, logo censurado por André de Resende em I,44 e II,2.12: *Jtem põe falso testemunho abos sacerdotes, que mostram textos factos por homeens / e chama-lhes hypocritas & phariseos, quasi ala clara. Eu non entendo quomo ho Spiritu Sancto se apparta tanto dos boons príncipes, & dos sacerdotes de Christo, & allumia çapateiros & picbeleiros.* (cf. II,13.16.21.27.47.49). Não podemos deixar de comparar com o que, anos antes e dirigindo-se ao cardeal D. Afonso e à sua *corte* eclesiástica eborense (vindos de todos os pontos da diocese), proferiu sobre os conselheiros do *princeps* no sermão inaugural do sínodo-geral de 1534: *Os conselheiros vivos muitas vezes enganam, deixam-se levar pelos affectos, lisonjeiam, adulam, e desviam da verdade os seus conselhos a favor dos príncipes, aos quais exortam a reconhecerem-se como príncipes, e nunca lhes lembram que são homens semelhantes aos outros.*¹³² É clara a inversão consoante o público a que se dirige o humanista e o respeito que lhe merecem os seus interlocutores e, também, indício claro do afrouxar do espírito reformador e erasmista que poucos anos antes tanto o animava.

¹³² Cf. André de RESENDE, *Vocate coetum, congregate populum...* (edição e tradução de Miguel Pinto de MENESES), in *Algumas obras de André de Resende*, Volume 1 (1531-1551), Lisboa, Edições Távola Redonda – Câmara Municipal de Évora, pp. 237-269, ref. p. 259.

Mas vejamos alguns pontos tocantes à doutrina, que balizam o ‘diálogo’ entre o teólogo ortodoxo e o réu ‘herético’, em matérias que tanto nos adentram no erasmismo como no luteranismo. Em primeiro lugar a invectiva que Resende faz na *censura* II,15, acusando o réu de expender juízos sobre o ouro das igrejas cristãs, parecendo ignorar diversos passos bíblicos onde o Templo de Jerusalém era descrito como riquíssimo nessa matéria preciosa. Para Pêro Álvares, *o templo daquelle tempo as Reliquias delle erão os dez mamdammentos e ditos de Mouses espirados por o Espirito Samto, insistindo depois que as Reliquias do templo sao as palauras de Noso Redemtor / e de São Paulo / e dos apostollos depois d’alumjados* (fl. 202v). Mas na verdade, e o réu o não desconheceria, a expressão *ouro puro*, é utilizada vinte e sete vezes no Antigo Testamento, sendo que vinte e quatro surgem precisamente no *Éxodo*. Assim, aduz o teólogo o capítulo 25 desse livro dizendo: *ha arca de dentro & de fora era toda dourada, & com hũa corõa de ouro & circulos de ouro* [cf. **Ex 25,11**]. *& dous cherubijns de ouro* [cf. **Ex 25,18**]. *& mesa dourada* [cf. **Ex 25,23-24**], *& sobre vaso de ouro. & coroa de ouro. thuribulos, phialas* [**Ex 25,29**; φιάλας, ex. **2 Rs 25,15**: φιάλας τας χρυσαας, *as bacias o que era de ouro puro.*], *copos, calizes, candeeiros, spherulas* [cf. **Ex 25,31**; estas *spherulas* são as maçanetas, botões ou esférulas que enfeitavam o candelabro], *espiuitadores* [cf. **Ex 25,38**]. *campainhas. tudo per mandado de Deus, de ouro purissimo. Et no templo que Salomon fez, tudo era cheo de ouro. paredes, preegos. almofarizes. hacte hos conces das portas.* [as dobradiças – cf. **1 Rs 7,50** e **2 Cr 4,22**] *columnas* [cf. **1 Rs 7,48-50**] / *e tantas cousas que me enfado de has dizer. & non pode ser que este homeem isto non leesse, se non por dizer mal do templo dos christãos & da denaçam & liberalidade do pouoo para ho serviço do templo, vai com Luthero. & beem o declara logo. dizendo que haa muitos retauolos & imageens de vulto muito dourado. Hos candeeiros d’ouro, do templo de Salomon, & hos cherubijns de ouro, cheirauam beem a este homeem. & Sancta Maria dourada, fede-lhe.* Esta poderosa invectiva do humanista, perfumada de sarcasmo, é importante a vários títulos, não só porque também Erasmo criticara fortemente as *caerimoniae* (*Enchiridion*, pp. 20-21), argumentando precisamente que tal excesso era próprio ao judaísmo (hoje dir-se-ia a religião hebraica antiga ou pré-sinagoga), como também porque o argumento de Resende assenta tanto na ‘miopia’ como no preconceito: é que aduzindo declaradamente o texto mosaico, o humanista parece confundir Pêro Álvares com um judeu, não o tomando como verdadeiro cristão, mesmo que converso, circunstância reforçada pelo facto de o réu citar preferencialmente o Novo Testamento, denunciando até a falta de doutrinação cristã que acometia aos conversos por parte dos prelados lusos. Muito deve ter escandalizado o teólogo Resende esta evidência – já que não acusa tanto o réu de judaísmo mas de herege e luterano –, a ele que convivera e tanto se amigara com renomados cristãos-novos em Salamanca ou Lovaina, como Diogo Pires, estes que sentindo-se *lusitani* de alma e coração, viveram no regresso ao reino, depois dos anos de formação, a ilusão de que eram *de facto* cristãos e de que aqui poderiam viver perfeitamente integrados, engano que cedo os levou para a fuga e para o desterro. À semelhança de Erasmo, e dos reformadores, apela o réu não só ao infante que atente às perigosas devoções a santos e à bizarrice de certos cultos (fl. 211), mas também à fraca qualidade do clero em matéria espiritual, dizendo com certa graça que os

çepçerdotes que sao os serujdores dormem como tem dez mjll reais de Renda e porque tomarao ho abeto de Sam Pedro loguo querem ter mulla / e no tempo dos samtos hamdauao a pee (fl. 211v).

Um outro ponto de relevância teológica diz respeito à grandeza do homem – a sua *dignitate*, como se lhe referiu na sua famosa *oratio* o jovem humanista Giovanni Pico della Mirandola, obra fundacional para o humanismo¹³³ – e seu lugar no cômputo da obra divina, matéria que havia ocupado os humanistas neoplatônicos do *Quattrocento*. É que se para Erasmo, como para Resende, *o homem, tão digno porque reflecte a grandeza divina, é um pobre ser miserável cuja salvação depende de Cristo, já que de outro modo se perderia*.¹³⁴, já para Pêro Álvares – na carta que endereçou, cremos, ao nosso humanista – o homem, herdeiro do perfeito varão primevo, Adão, recebeu de Deus *o domjnjo sobre todo o creado / e bemzeo Deus e embora por Respeito do pecado perdeu esta prefeição [...], no entanto foj-lhe dado alujdro pera se tornar a’ prefeiçãoar* (fl. 217). Na missiva ao infante escrevera o réu que *ho omem e de quatro allememtos como ho be hũa alemarea e o majs pequeno bichenbo da terra este omem tem em hũa corpo tam grande hũa mjnjma parte que lhe deço do çeo que he alma / e tomando de sy de seu alujdrrio tall Reção que a materea dos quatro ellememtos os faça da materea d’alma* (fl. 210). A ‘segurança’ do réu na superior condição humana vinha-lhe da interpretação bíblica: *diz ho salmjsta que çreou Deus ho omem hũa pouquo menor que os hamjos [cf. Sl 8,6, cit. em Heb 2,7] que no tempo da sua criação menos era que os amjeos e por amjo foj deitado / e depos le-se omem lutar com hamjo e vemçe-llo* (fl. 217, cf. Gn 32,24-28). Esta primazia entende-a o réu como a *bemcao primeira* que a breve trecho, como pensa ao igual de tantos outros messiânicos do seu tempo, se *comprira no dia de Juiço que emtam serao todos prefeitos que terão mais grão do que tinha Adão no tempo que prefeito estana / amtes que pequase* (fl. 217).

Entronca pois a posição do réu no aceso debate teológico travado ao tempo sobre a justificação¹³⁵ – isto é, o acto pelo qual Deus faz passar uma alma do estado de pecado para o da graça, removendo a culpa e a pena ao pecador, declarando-o como justo pela expiação oferecida pelo sacrifício de Cristo – e o livre arbítrio, matérias cujos principais contendores, em particular sobre este último, foram Erasmo e Lutero.¹³⁶ Dizia Pêro Álvares que no tempo dele não havia justos e *nao hos ha porque as Justefiquaçois d’aguora sao saber fazer pouca miserjcordia* (fl. 219v). Se por um lado esta constatação é do tipo negativo, já o nível em que coloca o homem face à hierarquia celeste, como

¹³³ Veja-se Giovanni PICO DELLA MIRANDOLA, *Discurso sobre a dignidade do Homem*, (tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado GANHO), Lisboa, Edições 70, 1989.

¹³⁴ Cf. José Vitorino de Pina MARTINS, “Aspectos do erasmismo de André de Resende” [...], p. 120.

¹³⁵ Veja-se “Justification. IV. La doctrine de la justification à l’époque de la Réforme”, in VACAN, A, et al., *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Tomo 8, 2.ª Parte, Paris, Librairie Letouzey et ané, 1925, cols. 2131-2192.

¹³⁶ Veja-se E. Gordon RUPP e Philip S. WATSON, (edição, tradução, introdução e notas de), *Luther and Erasmus: Free Will and Salvation*, Filadélfia, The Westminster Press, 1969. Sobre a teologia de Lutero veja-se, entre outros, Paul ALTHAUS, *The Theology of Martin Luther*, Filadélfia, Fortress Press, 1966; Bernhard LOHSE, *Martin Luther’s Theology: Its Historical and Systematic Development*, Minneapolis, Fortress Press, 1999; Scott HENDRIX, “Luther”, in BAGCHI, David, e STEINMETZ, (d direcção conjunta de), *The Cambridge Companion to Reformation Theology*, [...], pp. 39-56; e no mesmo volume, Robert KOLB, “Confessional Lutheran theology”, [...], pp. 68-79.

vimos, e a capacidade para a obtenção da graça divina e da santificação, com ‘olhos’ de misericórdia e com base no *liberum arbitrium* – pelas boas obras e mercê divina (sinergismo) e desde que nunca incorrendo em pecado mortal –, recusado liminarmente pelo reformador, desmentem qualquer luteranismo por parte do réu naquilo que a doutrina protestante tinha como esteio doutrinário, isto é, a justificação com base apenas na fé em Cristo e pela graça de Deus (*sola fide*), e também do condicionamento da acção do crente (*seruum arbitrium*) pela predestinação, dada a natureza incapacitante – diz Lutero – do pecado humano, que impede o crente de actuar pelas suas próprias escolhas, nunca assim contribuindo para a sua salvação, que depende exclusivamente de Deus, do desígnio divino.

Curiosa é a invectiva (I,38) que Resende faz a Pêro Álvares quando este expende que se, por um lado, *Deus com seu espírito que é este ar invisível que entre nós anda e que sostem a terra*, por outro afirma também que *este espírito de Deus que é ar e está no coração onde está a alma*, rebatendo o teólogo que *heresia é dizer que o ar é espírito de Deus, salvo se entende abusivamente espírito, por vento* (nas *marginalia*, no topo, fl. 220v.: *Se diz que ho ar he spirito de Deus, heresis est.*). Para este passo da carta de Pêro Álvares, André de Resende aponta três proposições heréticas (I,38-40), insurgindo-se então contra a convicção do réu de que *a alma é da matéria deste ar* (I,39) e que o Espírito de Deus é um *ar e de tal qualidade que quando a alma faz pecado logo se aparta dela* (I,40). Refere-se, certamente, Pêro Álvares ao termo hebraico, normalmente feminino, para espírito (*spiritus*, πνευμα) que é רִיחַ, *espírito, vento, sopro, mente* (*ventus, halitus, principium vitale, spiritus*), que tem como ideia principal a de *ar em movimento* (mesmo em **Heb 1,7** é esse o sentido de πνεύματα, *vento*), campo sémico utilizado por Pêro Álvares mas que não foi considerado por Resende, também ele conhecedor da língua hebraica. Não o foi porque como nas *marginalia* a I,39 faz notar: *heresis porque anima spiritus est, & est incorporea* (fl. 220v.) Iguualmente na *censura* II,44 denomina de *rabinaria* o passo onde Álvares diz ser a alma feita da matéria dos quatro elementos. Sobre o vocábulo רִיחַ diz-nos Reuchlin: *Dilatavit. trāslatio nostra uertit respiravit. Iob. xxxij. Loquar et respirabo paululum. [cf. Jb 32,20] hebrei sic. Loquar et dilatabitur mihi. nam pectoris latitudo respirationi plurimū seruit atq[ue] spiritui humano. sic. 1. Regū. xvi. et refocillabat[ur] Saul. [sic! cf. 1 Sm 16,23] id est respiravit latiore pectore. Inde spiritus ut in eodē loco. Recedebat enim ab eo spiritus malus. significat etiam uentū seu flatū. Iob. i. Repente uentus uehemēs irruit. [cf. Jb 1,19] Numeri xvi. Fortissime deus spirituū omnis carnis. [cf. Nm 16,22] et scripsit sapiēs rabi Iacob filius Eleazar. quod ab hoc uocabulo denominent[ur] naues רִיחֵי עֹרֹת eo q[uod] uento ducantur. Isaie. xliij. Et detraxi uentos uniuersos. [cf. Is 43,14] uoluit dicere naues omnes. sic. etiam significatur pala seu uentilabrum quo fruges ad uentum purgantur. Isaie. xxx. Sicut in aera uentilatū est. [cf. Is 30,24] hebrei sic. quod uentilat in pala & uentilabro.¹³⁷ Já sobre רִיחַ, diz-nos Münster: *Chald. רִיחַ spiritus, animus, spiraculū. halitus. uentus. In singulari numero est cōmunis generis. in plurali uero fa.*¹³⁸ O curioso*

¹³⁷ Cf. Johann REUCHLIN, *De rudimentis hebraicis libri tres*, In aedibus Tho. Anshelmi, 1506, pp. 486-487.

¹³⁸ Cf. Sebastian MÜNSTER, *Dictionarium hebraicum*, Apud Frob., 1523, p. 440.

do caso, a que se junta a clarificação de André Resende do termo *gentio* na língua hebraica (cf. II,5), é o facto de Pêro Álvares, no seu processo – nas contraditas ao testemunho de Jorge Fernandes, o *labaredas* – afirmar que não sabia o hebraico (fl. 187v).¹³⁹ Não desconheceria Resende o vocabulário usado em **Jo 20,22** quando Jesus, depois da Ascensão, surge no meio dos discípulos saudando-os e oferecendo-lhes o Espírito Santo – *em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.* – ou aquando do dom do Espírito Santo em **Act 2,1-4** o texto diz: *Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. [...] Todos ficaram cheios do Espírito Santo.*

Por diversas vezes o nosso humanista condena, como vimos, as asserções de Pêro Álvares identificando-as como eivadas de luteranismo¹⁴⁰ (cf. I,11.19.24.29.30.37.43 e II,14.19.27.33), como quando rejeita *expositores (sola scriptura)* ou seja, a recusa da interpretação ou exegese quando se detetam nas Escrituras alguma incongruência ou oposição (cf. I,30 e II,14.33). Na verdade, mais que ser arauto da *sola scriptura*, tinha o réu afirmado que *as palauras de Deus sem espíqulação se am de comprir que elle sabe o que faz e o que diz / diz o profeta que os seus pemsamentos não são como os dos omes* (fl. 219v, cf. **Is 55,8**). O mesmo luteranismo encontra Resende também na crítica ao papa (II,34-35), desafiando a *potestate papae*, quando o réu tinha antes afirmado que ao papa *o pouo ho hobeдеçe por meio do príncepe* (fl. 208v).

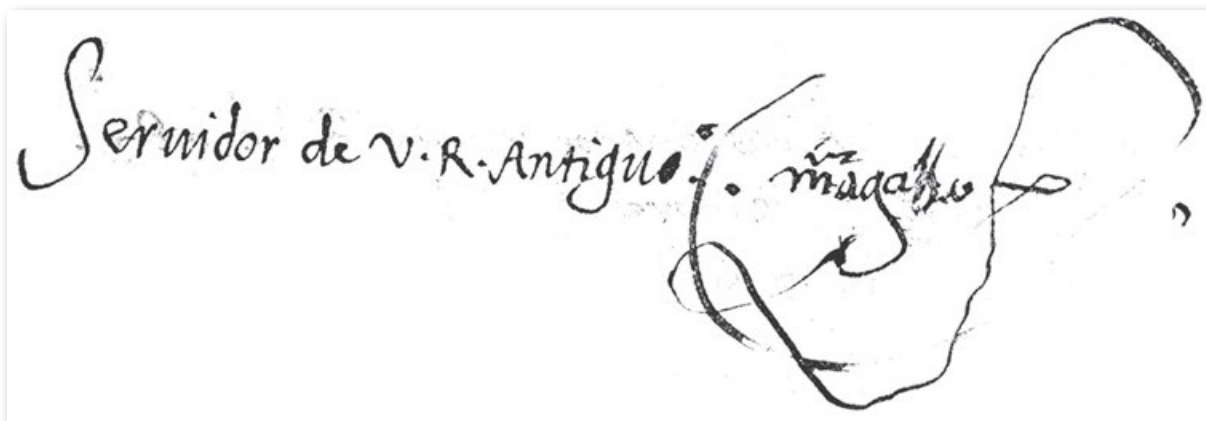
E por fim, se escandalizara o humanista ver o réu comparar-se ao profeta e ter-se por *alumjado*, tocado pelo Espírito Santo (II,1), repudia igualmente a Resende querer Pêro Álvares ser tomado como mártir em I,45 apontando nas *marginalia: mas mal aventurada [morte]. heresis* (fl. 221). Parecer muito à semelhança do que dirá Pedro Margallo **[Fig. 12]** contra outro réu da Inquisição de Évora, Afonso Fernandes de Medellín: *Como muitos destes que morrendo por seus erros, iactan-se que morrem por Deus, e non declaram quem he este Deus por quem morrem que re vera non est deus, pois nom he sub ratione deo trino et uno ./ ho que tambem vossas mercees deuiam de oulbar, que algños destes que por seus erros morrem sam hauídos dos outros por martyres, e vam lbes tomar ha cinza como de martyres.*¹⁴¹

Mal aventurada morte é o que reclama, então, o promotor da justiça nas suas alegações finais contra Pêro Álvares, onde é claro o peso das *censtras* de André de Resende no desfecho do processo. Diz claramente e sem lugar a dúvidas o promotor: *E nas suas cartas assinadas por Elle que no feito andão larguamente o da a entender quod sapit opinionem luteranam como nos apontamentos que sobre ellas o padre frei Andre fez: e tirou dellas // se pode ver: que vão no fim [à margem: digno retro a fo. 105] destas rezões por*

¹³⁹ Veja-se também – ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fls. 405v-406. Veja-se Elias LIPINER, *O sapateiro de Trancoso e o alfaiate de Setúbal* [...], pp. 109-110.

¹⁴⁰ Sobre este aspecto – o que faz ligar a introdução de correntes protestantistas em Portugal e o repúdio aos santos, que Pêro Álvares também alude – diz-nos Joaquim Chorão LAVAJO, “Hagiologia de André de Resende e o Santoral Eborense” [...], p. 139: *Uma das razões porque André de Resende obstaculizou liminarmente o protestantismo foi o facto de este ter abandonado ou minimizado o culto dos santos.* Neste ponto da luta contra os heterodoxos estava já Resende empenhado desde que começara, ainda em vida do cardeal D. Afonso e por sua incumbência, a reunir os materiais necessários para a publicação do *Breviário Eborense* e, claro está, muito especialmente do seu *Santoral*.

¹⁴¹ Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 5998, fl. 64v.



[FIG. 12] ASSINATURA AUTÓGRAFA DE PEDRO MARGALHO NUM SEU PARECER QUE FEZ ESCREVER, EM FINAL DE VIDA, A PROPÓSITO DA APLICABILIDADE DO PERDÃO-GERAL DE PAULO III PELA BULA *DUDUM POSTQUAM* DE 11-IV-1537 AO RÉU AFONSO FERNANDES DE MEDELLÍN (ANTERIOR A 22-X-1553). ANTT, *TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO*, INQUISIÇÃO DE ÉVORA, PROCESSO 5998, FL. 64V. (PORMENOR).

*onde pollas mesmas cartas dado que outra prova nom ouuera pois som assinadas por elle Réu e elle as nom negua se podia condenar E pronuntiar por apostata e hereie.*¹⁴² E talvez como mártir tenha sido tomado o réu pela restante comunidade cristã-nova da *Ebora humanistica* de Resende. O nome do humanista, é claro e porque não era desembargador da casa de D. Henrique ou juiz do seu Auditório Eclesiástico, mas seu pregador e teólogo, não consta da sentença de condenação, que vai assinada pelo infante, pelo bispo de Angra, por Pedro Álvares de Paredes e por João de Melo, constando também a assinatura de Pedro Margalho, como único não inquisidor.¹⁴³

VII.

Derrubar a argumentação dos cristãos-novos face aos centros decisórios, mormente a cúria apostólica – ora pendente para os seus ducados áureos, ora sensibilizada pela violência espiritual infligida pela coroa portuguesa desde o baptismo forçado –, quer no ponto de vista estritamente teológico ou escriturístico, como no do campo da legislação, mormente a canónica. Essa é, quanto a nós, uma das principais razões pelas quais D. Henrique chamou até si, e manteve bem perto do seu círculo, humanistas conhecedores da língua (hebraico e aramaico) e cultura dos cristãos-novos – cultura religiosa e literária, entenda-se, especialmente a rabínica –, cujo comportamento religioso procurou conhecer para purificar à luz da teologia cristã, como o exegeta Frei Jerónimo de Azambuja OP e Frei André de Resende OP. Talvez seja esta, afinal, a grande lição que conheceu e soube

¹⁴² Cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fls. 384-387 (alegações finais do promotor), ref. fls. 386-386v.

¹⁴³ IDEM, *ibidem*, fls. 412-414.

aproveitar do seu mestre Nicolau Clenardo – com quem Resende se instruíra, igual que o próprio futuro cardeal, no hebraico –, antes de o ‘abandonar’, deixando-o sem a prometida pensão vitalícia. Para converter é necessário conhecer a língua do converso e da teologia antagónica que se procura primeiro entender, para depois derribar com sólidos argumentos: *Certo plausível é o estudo da língua hebraica, não tanto para melhor inteligência do Antigo Testamento, como para haver entre nós gente nela amestrada, que possa sair a campo com a palavra ou com a pena. [...] Na Espanha [entenda-se, Hispania, a Península Ibérica] porém, [...], além doutras vantagens, haveria a de melhor esclarecer a fé cristã. [...] Há ainda outra razão para convencer poderosamente o inquisidor-mór. Importância quase maior ligam os judeus ao seu Talmud, que aos 24 livros que nós chamamos Velho Testamento, e todo o seu empenho está em bem conhecer as questões talmúdicas. E se outra vantagem não houvesse, haveria a de poder o inquisidor manter em sua casa um judeu até conseguir ver traduzido em vulgar o Talmud, e assim ver com os próprios olhos até onde podia levar as suas funções. [...] Doutra forma, quanto contra eles declamarem os pregadores, resultará perdido quase sempre.*¹⁴⁴

Tratava-se de todo um plano de apologia anti-herética cujo diálogo inter-religioso pressuposto apenas se permitiu a teólogos credenciados e íntimos conhecedores do *munus* inquisitorial, escapando, naturalmente, a essa categoria, quer João de Barros, quer Diogo de Sá, sem nos esquecermos de Francisco Machado que, já pela moderação do seu discurso frente aos conversos no *Espelho de cristãos-novos*, já pelas referências pouco elogiosas à instituição e aos métodos inquisitoriais, viu à sua obra ser recusado o *imprimatur*, porque escrita em vernáculo. Lembremos o benevolente *conselho* dirigido por D. Henrique a Damião de Góis, de Évora, a 28-VII-1541, aquando da proibição da sua *Fides*, fazendo-lhe ver que seria bem melhor aplicar-se a *obra doutra qualidade* e que não envolvessem questões de fé.¹⁴⁵ Com efeito, o problema dos conversos continuava sem resposta, sendo claro o alheamento dos prelados lusos quando, por ocasião da proposta de Julho de 1592, do cardeal-arquiduque Alberto de Áustria, inquisidor-geral, para a redacção de um catecismo¹⁴⁶ a fim de obviar à necessidade de instrução dos cristãos-novos, responderam negativamente em unísono, à excepção do bispo de Algarve, D. Francisco Cano (30-VIII-1589 a 1593)¹⁴⁷, contando-se nos negativos o parecer de D. Frei Amador Arrais (30-X-1581 a 16?-II-1598).¹⁴⁸

¹⁴⁴ Carta de Clenardo a Jean Petit, datada de Fez, 4-XII-1540, onde se referia à inconveniência da expulsão dos judeus de Espanha e à Inquisição – *Se em Espanha tanto se despendsse em acolher os cristãos-novos, como em exterminá-los, cuidado não se refugiariam aqui [no Norte de África] tantos, todos os dias*, lembremos que a fuga dos cristãos-novos preocupava igualmente Barros, no *Diálogo evangélico*, talvez pensando na fuga de capitais – cf. Manuel Gonçalves CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal*, 4ª edição, Volume 1 [...], pp. 326-327. Atente-se na insistência do humanista *noutras vantagens* em se conhecer o hebraico e o *Talmud*, a indiciar quer um respeito pela cultura do outro – a literatura sapiencial rabínica –, quer uma valorização pedagógica, em se alargar o conhecimento linguístico dos letrados, das gentes – as *humaniores litterae* em sentido abrangente e ecuménico.

¹⁴⁵ Veja-se, sobre a questão, a arguta análise de Luís Filipe BARRETO, *Damião de Goes* [...], pp. 73-85.

¹⁴⁶ Sobre esta questão, vide Giuseppe MARCOCCI, “«... per capillos adductos ad pillam» [...], pp. 403-404.

¹⁴⁷ Cf. José Pedro PAIVA, *Os Bispos de Portugal e do Império* [...], p. 577.

¹⁴⁸ IDEM, *ibidem*, p. 584.

40

L. ANDR. RESENDII
Oratio habita Conimbricæ

In Gymnasio Regio, anniuersario
dedicationis eius
die.



Quarto Calendas Iulij.

M. D. LI.

As figuras destes teólogos, e no particular a de André de Resende, nos seus trajectos, evidenciam-nos, na sua íntima relação com a casa real e seu serviço, portanto com os quadros dominantes e do poder, as profundas idiossincrasias que caracterizam estes tempos de viragem. Podíamos ser tentado a extremar o nosso posicionamento crítico face às atitudes de figuras que ora se definem melhor como ‘inquisidores’ ora como humanistas. Mas não podemos apressar o julgamento, *fazendo desse lugar outro, não o Texto, mas o Pretexto*¹⁴⁹, restando-nos atentar na perspectiva lúcida de Borges de Macedo quando afirma: *A continuidade do humano não se atinge pela sequência evolutiva mas pela permanência das realizações próprias.*¹⁵⁰ Destes percursos ressalta, como figura ímpar, o cardeal-infante D. Afonso, já que centro de toda uma dinâmica que urge melhor compreender. Talvez, assim, possamos entender algo da personalidade do seu sucessor na púrpura, tendo presentes as palavras de Clenardo ao próprio D. Henrique: *Sobre a morte de vosso irmão, só isto direi a Vossa Alteza: que se sustente com altos exemplos, para que não perca nada do seu ânimo religioso.*¹⁵¹

APÊNDICE DOCUMENTAL

Documento 1

Parecer de André de Resende refutando, por artigos, a carta que Pêro Álvares, cristão-novo, enviara a um teólogo desconhecido do círculo do infante D. Henrique a 30-IX-1541 (cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fls. 217-221v.), onde declara as heresias em que o mesmo incorreu.

[1541], [Évora], Autógrafo de André de Resende.

ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fls. 222-223v. (transcrição nossa).

“Estas heresias diz Pêro Aluarez
naquella sua carta.

1. *Jtem primeiramente que os que dizem que o peccado de Adam foi grande perda para ha geeraçam humana, non stam no certo que antes foi grande mercee.*
2. *Jtem que ha beemçam que Deus deu a Adam, foi para d[e]lectes exteriores.
Jtem onde diz que por Respecto do peccado perdeo Adam ha perfeiçam, e foi lançado da terra dos delectes, & que passaria pella morte. & que Deus ho maldixe. isto claro é contrario do que antes dixे que ho peccado foora mercee.*

¹⁴⁹ Cf. Luís Filipe BARRETO, *Descobrimientos e Renascimento [...]*, p. 7.

¹⁵⁰ Cf. Jorge Borges de MACEDO, “Livros impressos em Portugal no século XVI [...]”, p. 186.

¹⁵¹ Transcrição de uma carta de pêsames dirigida por Clenardo ao infante seu discípulo por ocasião do falecimento de D. Afonso, que se permite citar numa missiva a Jean Petit, datada de Fez, 5-VII-1540 – cf. Manuel Gonçalves CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal*, 4.^a edição, Volume 1 [...], p. 323.

3. *Item que per ho liure arbitrio que foi dado a¹⁵² Adam se podia tornar a perfeicionar e que pello arbitrio quem a Deus conheseer haueraa communicaçam com Deus, e a beem-auenturança interior. no que da entender que Adam ante do peccado non tinha libre arbitrio que e heresia. & que per humanas forças se podia toornar aa primeira innocentia, que e heresia. & que ha beemçam que lhe Deus dera, non era para mais que para sempre viuer en delectes exteriores, que e heresia. /*
4. *Item que ho merescimento do homeem nesta vida é de tanto grado, que precede todo ho criado assi no ceo quomo na terra.*
5. *Item que no tempo da criaçam, ho homeem foi criado menor que hos angeos, & que por angeo foi lançado. & que depois se lee que homeem luctou com angeo & ho venceo. & que angeos fooram enviados a homeens com embaxadas. no que da a entender que hos homeens sam de maior dignidade commuumente que hos angeos. que é heresia / e non teem respecto ahos mysterios daquella lucta etc.*
6. *Item que diz que ha maldiçam de Adam, en suor de teu rostro etc.¹⁵³ fica por bençam ahos homeens, é heresia. Saluo se elle entende que se hos homeens com humildade & pacientia soffrem esta maldiçam quomo castigo do iusto Juiz Deus, que lhes accepta Deus esta humildade. mas comtudo nunca e verdade que ha maldiçam de Adam seia beemçam nossa.*
7. *Item non entendo ha theologia deste homeem, se se elle non declarar no que diz que no dia do Juizo se compriraa ha beemçam primeira. porque se ho entende pello que Deus dixeu quomo criou Adam **Crescite & multiplicamini, & replete terram**, Gen. 1.¹⁵⁴ é desuergonhadissima heresia. & vai aaquillo que hos phariseus diziam a Christo da mulher que teuera septe maridos, cuia seria depois da Resurreiçam da carne. ahos quaes Christo respondeo. **Erratis nescientes scripturas** etc.¹⁵⁵ Se entende que depois do Juizo sera ho homeem mais perfectio. que necessario e ha comparaçam de Adam? porque Adam no Paraiso com toda sua perfeiçam era **viator**. & ho seu corpo non tinha hos dotes que tẽeram hos corpos dos beem-auenturados, que depois do Juizo seraam com elles iunctos. & mais pois sam comprehensores, non haij comparaçam de hũo stado, a outro. Mas has palauras deste homeem, non pretendem outra cousa se non ho que dixeu antes, pois diz que ha beemçam primeira se compriraa. & certo que vai com o erro dos millenarios. /fl. 222v./*
8. *Item que a seu parecer cedo seraa ho Juizo. é temerario e presumptuoso.*
9. *Item que ha visãõ de Deus era delecte a Moises, & espanto ahos outros. isto e falso, porque hos outros non viam a Deus, se non haquelles terrores / nem ho mesmo Moises. poreem disto pode-se en algũa maneira escusar.*
10. *Item que ho homem foi lançado entre has alimarias para se purificar do seu arbitrio, e ho boom arbitrio e trazer Deus diante. Deuanea. e parece que non sabe que cousa é arbitrio, pois diz que entre bestas se hauia de purificar.*
11. *Item torce ha Scriptura de Salamon. [sic] pode fazer mal, e non ho fez. applicando isto aho Jffante nosso senhor, e aho senhor inquisidor-maior. que posto que podem fazer mal, non ho deuem fazer. no que falla irreuerentemente da Sancta Inquisiçam / e iulga que ho castigo della e mal fazer. sendo pello contrario, que serem hos hereges castigados, e grande misericordia. assi que aqui vai com Luthero.*

¹⁵² Ms.: palavras "que foi dado a" entrelinhadas.

¹⁵³ N.E.: refere-se a **Gn 3,19**: *Comerás o pão com o suor do teu rosto, / até que voltes à terra de onde foste tirado; / porque tu és pó e ao pó voltarás.*

¹⁵⁴ NE: refere-se a **Gn 1,22**: *Deus abençoou-os, dizendo: «Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra.»*

¹⁵⁵ NE: refere-se a **Mt 22,29**: *Jesus respondeu-lhes: «Estais enganados, porque desconheceis as Escrituras e o poder de Deus.*

12. *Item que se nesta cidade houuer cem homeens que meresçam [ser] queimados, non tem muito merescimento. ainda que com dizer, non tem muito merescimento, parece que tempera ou modifica esta proposiçam, contudo claro e que sente mal da Santa Inquisiçam.*
13. *Item no que allega do Euangelho. se peccar teu hirmão.¹⁵⁶ torce muito ha auctoridade. porque isto non entende dos peccados da heresia, pois diz ho texto se peccar contra ti. / & ho herege non pecca contra hũo proximo particularmente, mas e blasphemo contra Deus, & contra ha lei, & contra toda ha christandade. e e pernicioso para toda ha congregaçam ./*
14. *Item sobre haquella parte. dize ho aa Eggreia [sic]. En dizer que da correiçam fraterna veem muito merescimento, e da accusaçam non da Deus galardam, manifestamente e heresia. porque non menos merescimento teem quem accusa com caridade & zelo de Deus, que quem com ha mesma caridade admõesta.*
15. *Item que hos quatro elementos sam senbores da alma.*
16. *Item que dos neptos de Adam por diante começou ha gente [a] peccar. quomo que ho mesmo Adam non peccara, & Caim seu filho.*
17. *Item do que sobuerteo Deus todos hos homeens. e que non sobuerteo homeens, se non alimarias. beem se pode salvar, com dizer que falla allegoricamente.*
18. *Item que de Abraham tornou Deus a começar ha geraçam humana.*
19. *Item onde diz que non quer fazer tam maos dos que screueram sobre has cousas de Deus muitas cruezas, qua pode ser que era entam necessario, mas dos que subcederam que usaram dellas. & que fazem dellas mais fundamento que de texto. En tudo isto vai com Luthero.*
20. *Item onde diz que hos prophetas non fizeram leis para castigar homeens. e manifesta heresia. porque Moises ha fez. ou Deus per elles.*
21. *Item que hos principes que amam homeens para fazer castigos na terra, usam quomo tyrannos. / posto que apagou ha palaura tyrannos, assi ha apagou, que quis que fosse lida. / e contudo, porque diz que non usam ganhar saluaçam, que lha non da ho Euangelho, heresia e. porque ho Euangelho non tira ha Justiça que e maxime castigar hos maos damnadores da republica, & principalmente das almas. & quem isto procurar com caridade, hauera saluaçam, & teem muito merescimento. / fl. 223/*
22. *Item que Hieremias e São Joam. e Esaias & outros.¹⁵⁷ porque fooram Sanctificados n[om] falaram se non misericordia. e nunca dixeram a príncipe. matai,¹⁵⁸ que non usam de Deus. Manifestamente impugna ha Sancta Inquisiçam. e hereticamente falsa ha Scriptura. Qua posto que São Joam nem Hieremias isto non preegaram, teemos ha lei de Deus en que a Moises tantas vezes dixे. quem tal fezer etc. morte moriatur.¹⁵⁹ & e[s]ce¹⁶⁰ blasphemum extra castra,¹⁶¹ & lapidabit eum omnis Israel.¹⁶² & peribit anima illa de*

¹⁵⁶ N.E.: refere-se a **Mt 18,15** e **Lc 17,3**.

¹⁵⁷ Ms.: palavras entrelinhadas "e outros."

¹⁵⁸ Ms.: palavra riscada "ho".

¹⁵⁹ NE: refere-se a **Lv 20,2**: *Todo o israelita ou estrangeiro, residente em Israel, que sacrificar o seu filho, será punido com a morte. Será apedrejado pelo povo da sua terra.*

¹⁶⁰ Ms.: furo de insecto bibliófago sobre a palavra. Leitura reconstituída.

¹⁶¹ NE: refere-se a **Lv 24,14**: *«Faz sair o blasfemo para fora do acampamento: todos os que o ouvirem imponham as mãos sobre a sua cabeça, e que toda a comunidade o apedreje.*

¹⁶² N.E.: refere-se livremente a **Lv 20,2** juntando a citação à anterior de **Lv 24,14** acomodando o teólogo o sentido que queria expressar.

- populo suo.¹⁶³ / & Moises *que* foi mitissimo [sic]¹⁶⁴, segundo diz a Scriptura. mandou & dixe Exodi. 32. **occidat unusquisque fratrem & amicum & proximum suum.**¹⁶⁵ por ho peccado do bezerro. & porque hos filhos de Leui ho compriram, dixe-lhes. **Consecrastis manus vestras hodie domino.**¹⁶⁶ / & Helias ho grande Zelador de *Deus*, mandou prender hos prophetas de Baal¹⁶⁷ *que* eram *quatrocentos e cinquenta*¹⁶⁸. & **duxit eos ad torrentem Cyson, & interfecit eos ibi.** 3. Reg. 18.¹⁶⁹ Et ho boom rei Iosias. 4. Reg. 23. **occidit uniuersos sacerdotes excelsorum.**¹⁷⁰ & outros muitos exemplos.
23. *Item* diz que se estes prophetas ho non houueram de merescer, non foram sanctificados. ho *que* e heresia. porque haquella sanctificaçam foi doom gratuito de *Deus*.
24. *Item* que hos Iudeos se perderam porque saíram das palauras diuinias, quomo se perderaam todos hos *que* ho assi fizeram posto *que*¹⁷¹ com bõa intençam ho façam. per duas maneiras e heresia. Primeira, *que* vai com Luthero *que* nhũa cousa admite se non ho texto. & segunda com dizer que posto *que* com bõa intençam ho façam.
25. *Item que* ho *que Deus* fallou para castigar hos errados vai com tanta *miseriçordia*, *que* nhũo homeem padesceraa, saluo se tomar por tençam, dizer, *quero* morrer. Ja mostrei ho contrario. & claro tambem se mostra no castigo que Iosue deu a Achar **super anathemate.**¹⁷² Iosue. 7. **Lapidauit eum omnis Israel, & cuncta quae illius erant igne consumpta sunt.**¹⁷³
26. *Item que* quem faz castigo com crueza & rigor, faria milagres e seria sanctificado, se *Deus* deste castigo foosse seruido. e *que* ho licenciado Pedro Aluarez de Paredes, segundo has execuções tem fectas, diuera fazer milagres neste regno. Esta proposiçam é douda & temeraria. & heretica. qua non se segue que quem faz ho que deue conforme a conscientia & seu officio, haia logo de fazer milagres.

¹⁶³ N.E.: refere-se a **Lv 19,8**: *Quem o comer suportará o peso da sua iniquidade, porque profanou o que foi consagrado ao Senhor, e será eliminado do seu povo.*

¹⁶⁴ NE: refere-se a **Nm 12,3**: *Na realidade, Moisés era um homem muito humilde, mais que todos os homens que há sobre a face da terra.*

¹⁶⁵ N.E.: refere-se a **Ex 32,27**: *Ele disse-lhes: «O Senhor, o Deus de Israel, diz o seguinte: Cinja cada um de vós a espada sobre a coxa. Passai e tornai a passar através do acampamento, de uma ponta à outra, e cada um de vós mate o irmão, o amigo e o vizinho»*

¹⁶⁶ N.E.: refere-se a **Ex 32,29**: *Moisés disse: «Consagrai-vos desde hoje ao Senhor porque, sacrificando o vosso filho e o vosso irmão, atraístes hoje sobre vós uma bênção.»*

¹⁶⁷ N.E.: refere-se a **1Rs 18,22**: *Elias continuou: «Só eu fiquei, como único profeta do Senhor, enquanto que os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta.*

¹⁶⁸ Ms.: "CCCCL".

¹⁶⁹ N.E.: refere-se a **1 Rs 18,40**: *Disse-lhes então Elias: «Prendei agora os profetas de Baal; não deixeis fugir um só deles!» Prenderam-nos, e Elias levou-os ao vale de Quichon, onde os matou.*

¹⁷⁰ N.E.: refere-se a **2 Rs 23,20**: *Todos os sacerdotes dos lugares altos, que ali havia, sacrificou-os sobre os altares, e queimou ossos humanos sobre eles. Depois voltou para Jerusalém.*

¹⁷¹ Ms.: letra riscada "s".

¹⁷² N.E.: refere-se a **1 Cr 2,7** onde a Acar é-lhe dado esse epíteto, como se lê na *Vulgata*: *fili Carmi Achar qui turbavit Israhel et peccavit in furto anathematis*. Engana-se, no entanto, o teólogo, confundindo Acar (cf. **1 Cr 2,7**) com Acan (cf. **Js 18-26. 22,22**). Pode-se ter dado o caso de, lembrando-se Resende que Acan havia sido, com toda sua família (vide n. *infra*), delapidado e queimado no Vale de Acor (sendo que Acor significa *portador de desgraças*), o confundisse com Acar.

¹⁷³ N.E. refere-se a **Js 7,25**: *Chegado ali, Josué disse: «Já que foste a nossa perdição, que o Senhor faça com que te percas hoje.» E todos os filhos de Israel os apedrejaram: depois de os apedrejarem, foram queimados no fogo.*

27. *Item que ho Licenciado Pedro Alvarez de Paredes houuera de deixar ha execuçam a outros para tambem serem sanctos, e non tomar toda ha sanctidade para si. Beem claro se mostra este boom homeem lastimado das execuções que ho senhor inquisidor fez en Llerena. & lexando suas irreuerentes mordeduras. ho que diz que diuera lexar ha execuçam a outros, é falso. porque nhão official de tal officio deue de lexar de fazer ho que por beem do officio e obrigado, que preuaricaria.*
28. *Item que en todo ho tempo ho iusto faz milagres. & que non haij h agora iustos. & que has iustificações d'agora sam usar de pouca misericordia.*
29. *Item que haa muitos logares na Cristaandade en que haa oragos de sanctos en que ha gente pos tanta deuaçam que ia alli Deus non lembra. e heresia Lutherana / e manifesta mentira. qua en nhuma parte he tal orago / nem Guadalupe nem Sanctiago. En todos estes se teem Deus por Senhor, & hos sanctos por seruos & criaturas. / fl. 223v. /*
30. *Item que has palauras de Deus sen speculaçam se ham de comprir. vai a Luthero que nhã exposiçam da Scriptura quer, se non ha sua. & claro e, que quando has palauras de Deus teem en si alguma obscuridade, ou [pa]rescem contrarias a outras tambem de Deus, que se ham de specullar, hacte se claro entender ho que Deus per ellas manda.*
31. *Item que ho Sol segundo hos astrologos é cent [sic] vezes maior que ha terra. e que ho Psalmista tambem ho diz. Allegue onde ho diz ho Psalmista.*
32. *Item que haa outros planetas maiores que ho Sol. diga quaes. & posto que esto non seia heresia. aho menos e contrario aa Scriptura. creauit Deus duo luminaria magna.¹⁷⁴ ho que todos expõem, respectu aliarum stellarum.*
33. *Item ho que diz que ho homeem a comparaçam da terra, e maior que ho Sol a comparaçam do Ceo. & ha proua que dipso da, sam paruoices.*
34. *Item que se ho homeem non fora criado sobre ha terra, non se podeeram sosteër hos Ceos, & ho nelles criado. e que por sua grandeza se sobuerteram se non fosse ha virtude do homeem. e heresia.*
35. *Item que ho homeem teem poder sobre todo ho criado, e que ho ceo lhe obedesce.*
36. *Item que soo Deus teem virtude continua para fazer milagre. da a entender que outrem teem virtude non continua para ipso. que e heresia. porque ninguem pode fazer milagre effectiuo se non Deus.*
37. *Item que has palauras que Christo falou nhão homeem humano lhe pode dar intendimento ainda que tenha virtude. ho que en duas maneiras e heresia. primeiro que vai com Luthero en non querer exposiçam de Sancto algão. Segundo. que e falso dizer que ainda que tenha virtude. porque esta virt[u]de certo e que haa de ser do Spiritu Sancto. do qual Christo dixit. docebit vos omnia, & suggeret vobis omnia quaecumque dixerit vobis.¹⁷⁵ & assi hos prophetas entenderam has cousas diuinas. Beem auidados stariamos, se São Paulo & hos outros apostolos non entenderam has palauras de Christo.*
38. *Item que Deus com seu spiritu que e este ar inuisiuel que entre nos anda, sosteem ha terra. heresia e dizer que ho ar e spirito de Deus. Saluo se entende abusiamente spiritu, por vento. e que spirito de Deus possessiue. hoc criatura de Deus mas parece que non entende isto assi, pois diz que este spiritu de Deus que e ar sta no coraçam onde sta ha alma.*
39. *Item que ha alma e da materia deste ar. e heresia. que ha alma e immaterial & incorporea.*

¹⁷⁴ N.E. refere-se a **Gn 1,16**: *Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; fez também as estrelas.*

¹⁷⁵ N.E.: refere-se a **Jo 14,26**: «Fui-vos revelando estas coisas enquanto tenho permanecido convosco;²⁶ mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há-de recordar-vos tudo o que Eu vos disse.»

40. *Item que este ar e de tal qualidade, que quando ha alma faz peccado, logo se apparta della. se isto entende aho pee da letra, e heresia. se allegoricamente, e paruoice friuola.*
41. *Item diz que haquellas lembranças faz todas, porque assi ho teem para si. aqui confirma que lhe applazem [sic] estas heresias.*
42. *Item que ha morte de tantos principes, sam por ho peccado da lei fecta. se ho entende pella instituçam [sic] da Sancta Inquisiçam. e heresia.*
43. *Item quanto diz acerca do fructificar na multiplicaçam dos filhos, tudo vai com Luthero, e Judaiza. e posto que ho Riscou, assi ho Riscou que se lee mui claro.*
44. *Item contra hos sacerdotes falla irreligiosa e mentirosamente.*
45. *Item que se morresse e com sua morte fenecesse ha tribulaçam do Regno e da naçam, que tal morte seria beem aventurada. Se entende que ha naçam tomando nelle castigo se emendaria, beem diz. se per outra via, muito Judaiza. e porem morrendo elle com taes opiniões sua morte seraa mal aventurada.”*

Documento 2

Parecer de André de Resende refutando, por artigos, a carta que Pêro Álvares, cristão-novo, enviara ao infante D. Henrique a 1-IX-1541 (cf. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fls. 201-215v.) e onde declara as heresias em que o mesmo incorreu.

[1541], [Évora], Autógrafo de André de Resende.

ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, Processo 8628, fls. 224-227v. (transcrição nossa).

“+

Da carta de Pêro Alvarez para
ho Jffante nosso Senbor.

1. *Item genero de blasphemia é, dizer que screue com ho cheiro dos allumiados que falta pouco para se chamar propheta ./ & attribuir a si ho dicto de Hieremjas, eu non som toruado, seguindo a ti pastor.¹⁷⁶ que se faz preso por preegar verdade.*
2. *Item falsamente diz que Hieremias dizia aho pouoo & ahos principes ho que faziam. por hos veer andar afastados de fazer misericórdia, e se Regerem por regimentos de leterados. e fezerem cruexas¹⁷⁷ sobre homeens allumiados porque ha prophetia de Hieremias ho principal que reprende e Idolatria do pouoo. cap. 1. **dereliquerunt me & libauerunt dijs alienis, & adoraverunt opus manuum suarum.**¹⁷⁸ cap. 2. **Quid inuenerunt patres vestri in me, quia elongauerunt a me, & ambulauerunt post vanitatem.**¹⁷⁹ Este homeem quer dar a entender nisto, que ho Jffante nosso Senbor faz cruexas nelle que e homeem allumiado, & por ser natural ho non teem en conta.*

¹⁷⁶ N.E.: refere-se a **Jr 17,16**.

¹⁷⁷ Ms.: palavra entrelinhada sobre riscada “castigos”.

¹⁷⁸ N.E.: refere-se a **Jr 1,16**: *Então julgá-las-ei / em razão das suas maldades: / por me terem abandonado para oferecer incenso a outros deuses, / adorando a obra das suas próprias mãos.*

¹⁷⁹ N.E.: refere-se a **Jr 2,5**: *Assim fala o Senhor: / ‘Que injustiça encontraram em mim os vossos pais / para me abandonarem, / indo atrás da nulidade dos ídolos? / Eles próprios se tornaram nulidade.’*

3. *Item* põe falso testemunho aa Sancta Inquisiçam, *que* toma de empreitada consumir ho pouoo da naçam. porque ha Sancta Inquisiçam pretende appartar hos leprosos da companhia dos sãos, por *que* hos outros se non façam leprosos, & isto com toda *misericórdia*. e ha proua dipso seia *que* assi castiga¹⁸⁰ christãos-velhos, & com ho mesmo rigor, & per uentura mais, *que* hos novos.
4. *Item* claramente se confessa ser Judeu. pois diz *que* El Rei *que* Sancta gloria haia hos tornou christãos per força, mettendo-se a si. & põe falso testemunho en El Rei nosso *Senhor*, & no *Jffante* nosso *Senhor*, dizendo *que* buscam leis para hos consumir.
5. *Item* quando diz *que* diram hos Aegyptios *que* sam as gentes, & diz *que* non fora do regno, mas nobres do regno murmuram, da a entender *que* nos somos gentios. *que* assi nos chamam elles, gois. יג. gentio. םיג. gentios.
6. *Item* onde diz do bezerro. e pergunta *que* maior peccado podia ser. digo *que* igual heresia & blasphemia e, dizer este bezerro e *Deus*, & dizer ho messias non e vijndo, Iesu Christo non foi messias.
7. *Item* onde diz *que* ho peccado do bezerro foi perdôado, diz falso. qua posto *que* no cap. 32. do Exodo, diga. **placatusque est dominus ne faceret malum quod locutus fuerat.**¹⁸¹ non se entende *que* lhes perdôou ho peccado, mas *que* hos non quis destruir todos, quomo no principio dixerá. **dimitte me ut irascatur furor meus contra eos & deleam eos.**¹⁸² & *que* lho non perdôasse mostra-se no¹⁸³ fin do mesmo capitulo. qua depois *que* Moises fez ha vingança, dixé a *Deus*.¹⁸⁴ **Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro etc.**¹⁸⁵ & Respondeo-lhe *Deus*. **Qui peccauerit mihi delebo eum. Ego autem in die ultionis visitabo & hoc peccatum eorum. Percussit ergo dominus populum pro reatu vituli.**¹⁸⁶ Has quaes palauras nos manifestam *que* lhes non perdoou, mas *que* temporalmente punio muitos no corpo, & se non houue condigna penitentia, puniraa eternalmente nas almas / & sentir ho contrairo é heresia. /fl. 224v./
8. *Item* quanto aho *que* diz *que* ho exemplo de Moises deue andar ante hos olhos dos principes. diz verdade. & assi confiamos nos *que* ho *Jffante* nosso *Senhor* quomo piedoso principe & Summo Sacerdote *que* haa de rogar por ho peccado do Seu pouoo, pediraa a *Deus* que lhes perdôe, e porem quomo ministro & Zelador de *Deus*, ainda *que* com door de Seu coração, puniraa has blasphemias, pois para ipso lhe allegam ho exemplo de Moises, que comquanto dizia **Quiescat ira tua, et esto placabilis etc.**¹⁸⁷ dixé depois **Si quis est domini, iungator mihi. Ponat vir gladium super femur suum etc. & occidat**

¹⁸⁰ Ms.: riscado "m" final.

¹⁸¹ N.E.: refere-se a **Ex 32,14**: *E o Senhor arrependeu-se das ameaças que proferira contra o seu povo.*

¹⁸² N.E.: refere-se a **Ex 32,10**: *Agora, deixa-me; a minha cólera vai inflamar-se contra eles e destruí-los-ei. Mas farei de ti uma grande nação.»*

¹⁸³ Ms.: letras riscadas "cap".

¹⁸⁴ Ms.: palavra riscada "Obsecro". N.E.: o teólogo estava a iniciar a referência pelo começo de **Ex 32,31**.

¹⁸⁵ N.E.: refere-se a **Ex 32,31-32**: *Moisés voltou para junto do Senhor e disse: «Ah, este povo cometeu um grande pecado. Fizeram para si um deus de ouro.»³² Apesar disso, perdoa-lhes este pecado, ou então apaga-me do livro que escreveste.»*

¹⁸⁶ N.E.: refere-se a **Ex 32,33-35**: *O Senhor disse a Moisés: «Apagarei do meu livro aquele que pecou contra mim.»³⁴ Vai agora, e conduz o povo para onde te disser. O meu anjo caminhará diante de ti. Mas no dia da prestação de contas, puni-los-ei pelo seu pecado.»³⁵ O Senhor castigou o povo, por ter instigado Aarão a fazer o bezerro.*

¹⁸⁷ N.E.: refere-se a **Ex 32,12**: *Não é conveniente que se possa dizer no Egito: 'Foi com má intenção que Eles os fez sair, foi para os matar nas montanhas e suprimi-los da face da Terra!' Não te deixes dominar pela cólera e abandona a decisão de fazer mal a este povo.*

unusquisque fratrem, & amicum, & proximum suum. Cecideruntque in die illo quasi viginti tria milia hominum.¹⁸⁸ Exod. 32.¹⁸⁹

9. *Item* ho perdão de homeem a homeem haa de ser muito ligeiro de perdõar. Isto non e de homeem a homeem. qua per heresia directe peccam contra Deus. posto que indirecte contra ho proximo. Hos apostatas da fee non peccam directe contra ho Jffante nosso Senhor, para que ligeiramente lhes haia de perdõar.
10. *Item* onde diz non haia outra força, para que depois de christãos, digamos que ho non somos. beem mostra que ho non e.
11. *Item* acerca da correçam fraterna, ia no outro papel sta respondido. & ia fooram admoestados. e perdõados. e ainda ahos que pedem misericórdia non lha negam, de modo que tirada contumacia, tudo e misericordia.
12. *Item* põe falso testemunho ahos sacerdotes, que mostram textos fectos por homeens / e chama-lhes hypocritas & phariseos, quasi ala clara. Eu non entendo quomo ho Spiritu Sancto se apparta tanto dos¹⁹⁰ boons príncipes, & dos sacerdotes de Christo, & allumia çapateiros & picheiros.
13. *Item* exposiçam que traz do dicto de Christo Matth. 23. **Vae vobis¹⁹¹ duces caeci, qui dicitis, quicumque iuraverit per templum, nihil est. Qui autem iuraverit in auro templi, debitor est.**¹⁹² e pura exposiçam Rabinesca. e poren afin de iniuriar hos sacerdotes e leterados.
14. *Item* que por nhũa cousa se perdeo ho pouo de Israel, se non por ho muito que se screueo. alem de ser falso isto. ho fin porque ho diz, vai com Luthero en non querer expositores.
15. *Item* que naquelle tempo¹⁹³ non tinham templo en que possessem ouro. é manifesta mentira. porque Exod. 25. ha arca de dentro & de fora era toda dourada, & com hũa corõa de ouro & circulos de ouro. & dous cherubijns de ouro. & mesa dourada, & sobre vaso de ouro. & coroa de ouro. thuribulos, phialas¹⁹⁴, copos, calizes, candeeiros, spherulas, espiuitadoiros. campainhas. tudo per mandado de Deus, de ouro purissimo. Et no templo que Salomon fez, tudo era cheo de ouro. paredes, preegos. almofarizes. hacte hos couces das portas. columnas / e tantas cousas que me enfado de has dizer. & non pode ser que este homeem isto non leesse, se non por dizer mal do templo dos christãos & da deuaçam & liberalidade do pouoo para ho seruiç[o] do templo, vai com Luthero. & beem o declara logo. dizendo que haa muitos retauolos & imageens de vulto muito dourado. Hos candeeiros d'ouro, do templo de Salomon, & hos cherubijns de ouro, cheiraum beem a este homeem, & Sancta Maria dourada, fede-lhe. /f. 225/

¹⁸⁸ N.E.: refere-se a **Ex 32,26-28**: *Moisés foi colocar-se à entrada do acampamento e gritou: «Quem é pelo Senhor junte-se a mim!» Todos os filhos de Levi se uniram em volta dele.²⁷ Ele disse-lhes: «O Senhor, o Deus de Israel, diz o seguinte: Cinja cada um de vós a espada sobre a coxa. Passai e tornai a passar através do acampamento, de uma ponta à outra, e cada um de vós mate o irmão, o amigo e o vizinho»²⁸ Os filhos de Levi fizeram o que Moisés lhes ordenara, e cerca de três mil homens morreram nesse dia, entre o povo.*

¹⁸⁹ Ms.: letras rasuradas de "33".

¹⁹⁰ Ms.: palavra rasurada de "de".

¹⁹¹ Ms.: palavra riscada "phariseais".

¹⁹² N.E.: cita provavelmente de uma tradução sua do original grego, **Mt 23,16** que a *Vulgata* lê: *vae vobis duces caeci qui dicitis quicumque iuraverit per templum nihil est qui autem iuraverit in aurum templi debet*. Tradução portuguesa do grego: *Ai de vós, guias cegos, que dizeis: 'Se alguém jura pelo santuário, isso não tem importância; mas, se jura pelo ouro do santuário, fica sujeito ao juramento.'*

¹⁹³ Ms.: palavra rasurada sobre "templo".

¹⁹⁴ N.E.: trata-se de *fialas*, termo português que veio do latim *fiala*, taça, e que é mera transliteração do termo grego *φιάλη*, ης taça ou vaso para água ou vinho na Grécia antiga. Resende pode tanto estar a usar o termo já totalmente português, como estar a referir-se ao plural acusativo *φιάλας*.

- [1]6. *Item* sobre ho passo, **Si habueritis fidem Sicut granum Sinapis**.¹⁹⁵ digamos *que* ha sua torta exposiçam vai directa. & *que* hos montes sam hos principes & leterados *que* andam afastados de *Deus*, & se leuantam. pois se elle faz ho minimo &¹⁹⁶ *que teem fee*, declare en quem [t]eem fee.
17. *Item que* hũo homeem abalou a *Deus*. se ho entende aho pee da letera, é heresia. porque *Deus* diz, **Ego**¹⁹⁷ **dominus, & non mutor**.¹⁹⁸ Malach. 3. & Numeri 23. **Non est deus ut homo ut mentiatur, nec quasi filius hominis ut mutetur**.¹⁹⁹
18. *Item* compara-se ahos prophetas, *que* por serem de baxa qualidade & naturaes, hos *non* ouuiam, e perseguiam por descobrirem has cruexas. / & no que diz que quem fala, entendendo por si, *que* e porque traz ho sentido nipso e *non* na fazenda, *que* lhe chamam maniaco, eu diria *que* maniaco *non*, Zeloso da honrada naçam, si.
19. *Item* na exposiçam da parabola da Semente, acerca de *non* arrancar ha **zizania**, vai todo Lutherano / e contra ha Sancta Inquisiçam.
20. *Item* no *que* diz, *que* se se culpar a si, *que* ho Soltem com sua pendença. Certo este e ho uso da Sancta Inquisiçam, a quem confessa & pede *misericórdia*, dar-lha. & *non* se deue dar a obstinados. relapsos, que damnam ha republica. porque se fazem indignos della. posto que castiga-llos com ho mais graue castigo, tambeem e misericordia, ou por se mais *non* damnarem, ou porque entram en accordo. de seus desatinos. Experientia no Judeo do çapato, *que* en Llerena foi queimado, & se conuerteo e morreo Christão. & pois assi foi, maior misericordia foi para elle mactarem-lhe ho corpo, para saude da alma, *que* lhe dar ha saude do corpo & leixar-lhe morrer ha alma.
21. *Item* grande mal quer este homeem ahos Sacerdotes.
22. *Item* acerca da ordem da Sancta Inquisiçam *que* diz que vai contra razam e Justiça / Responda ho Jffante nosso Senbor a quem toca, pois ho faz tam mal. e hos Senbores inquisidores. mas ho *que* eu entendo, é *que* pera ha Semana faz ho lobo porque aho Domingo *non* vai aa egreja. [sic]
23. *Item* acerca do Imperador. *non* é de creer *que* tam catholico principe faça ho *que* *non* deue.
24. *Item* aho [que] diz do perdão e Remissam geeral. Sei que este homeem dormia, quando logo se ho Sancto Officio começou, & se preegou perdão-gẽeral de todo ho passado.
25. *Item que* El Rey nosso Senbor hauia d'auer perdas, por respecto da Inquisiçam. posto *que* diga por caso das *testemunhas* falsas, claro e que tira de rostro aho Sancto Officio. /fl. 225v./
26. *Item* confessa *que* foi admõestado. e irreuerentemente tracta Joam de Mello por fazer ho *que* deue.
27. *Item* no mal que quer ahos religiosos parece *que* vai com Lutherano.
28. *Item* hũa das cousas por *que* hos infiees se *non* conuertem, é por ho proceder contra hos conuertidos / e *que* vidas e fazendas stam en Risiko. / põe falso testemunho aa nossa fee.

¹⁹⁵ N.E.: refere-se a **Mt 17,19**: *Então, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram-lhe em particular: «Porque é que nós não fomos capazes de expulsá-lo?»*

¹⁹⁶ Ms.: entrelinhado.

¹⁹⁷ Ms.: palavra riscada "Suum".

¹⁹⁸ N.E.: refere-se a **ML 3,6**: *É que Eu sou o Senhor e não mudo de opinião; por isso, vós, filhos de Jacob, não fostes destruídos.*

¹⁹⁹ N.E.: refere-se a **Nm 23,19**: *Deus não é homem para mentir; / um ser humano que procure consolação. / Porventura Ele diz e não faz? / promete e não cumpre?*

29.²⁰⁰

30. *Item que* ho peccado do bezerro foi *beem* castigado / e contra ho *que* dixे ariba no articulo. 7. onde dixе *que* foora perdoado.
31. *Item* ho *que* diz ho diaboo formou ho bezerro e non Aaron *nem* hos Judeus, é pura Rabinaria, e manifestamente contra ha Scriptura. porque Exod. 32. Elles *constrangeram* Aaron / dizendo. **Surgens fac nobis deos.**²⁰¹ e com grande aguça lhe deeram suas Joyas. e Aaron ho formou ass[i], aa semelhança do *deus* Apis do Egypto. ho *que* logo se proua no mesmo *capítulo*. **quas quum ille accepisset, formauit opere fusorio, & fecit ex eis vitulum conflatilem.**²⁰² ho *que* Rabi Salomon expõe, *que* Aaron ho debuxou en hũa tauoa, e hos officiaes ho fundiram assi. Et pois hos mesmos Rabijns Judeos isto confessam, noua Rabinaria é, querer excusar hos Judeos, com dizer *que* ho diaboo ho formou. *nem* val que alleguem ho *que* Aaron por se excusar dixе a Moises Lancei has Joyas no fogo, & sahio esse bezerro²⁰³, porque como expõe Sancto Augustinho, fallou per compendio por se excusar. e *porem* mentio. *nem* se deue tanto attentar aho *que* Aaron da en Resposta a Moises irado, quanto aho *que* ho mesmo Moises screue *per* Sprito Sancto dizendo *que* hos Judeos dixeram *que* lhes fezesse ho *deus*, e que elle ho formou e fez bezerro. / e ho *que* diz da gloria de *Deus* que sta sentada sobre has quatro potencias, e *que* hũa e en figura de touro quomo Ezechiel vio, tudo e nescia Rabinaria / e faz iniuria aa Sancta Scriptura, com querer excusar hos Judeos. e ha mais exposiçam, quer e tal, que se non deue chamar heretica, mas mera Judia.²⁰⁴
32. *Item que* ho peccado ou merescimento sta na carne. podemos lançar isto aa bõa parte / porque este ho *meem* sabe mal theologia. ha voontade *que* é Rainha das operações per sua liure eleiçam faz ou peccado, ou merescimento.
33. *Item* falso e dizer *que* has leis fezeram embaraço aho directo diuino. e no *que* diz *que* isto faz ho muito scripto. Reciprocamente condena has exposições dos doctores com Luthero. / fl. 226/
34. *Item* ho *que* Diz, quomo perdõa ho Sancto pad[r]e ho peccado en ter[c]eira pessõa. non entendo *que* selada e esta. haa mester. *que* se declare porque parece sentir mal **de potestate papae**. e non sei que mais vai deuanendo.
35. *Item* no artigoo 35. onde diz, ho Sancto padre despensa hũa graça *etc.* haa mester *que* se declare / porque aalem de sua maa theologia parece *que* vai contra ha impetracam da Sancta Inquisiçam.
36. *Item* no artigoo 36. diz *que* entendo nas perguntas do doctor Joam de Mello que hũos dous presos por se dourar falaram en elle / podem-se ver os dictos dos outros.
37. *Item que* pello rigor dos processos vem ha mangra aho Regno.
38. *Item que* lhes non fazem Justiça. e *que* por causa disto *em* Castella haa males / e por isso sam diminuidas has cousas da cristandade.
39. *Item que* por duas almas se perdere*m* por Rigor seraa consumido todo ho Regno.

²⁰⁰ Ms.: espaço deixado em branco para ser preenchido posteriormente, o que não veio a acontecer. André de Resende deixou um espaço para cerca de três a quatro linhas.

²⁰¹ N.E.: refere-se a **Ex 32,1**: *Vendo que Moisés demorava a descer do monte, o povo reuniu-se à volta de Aarão e disse-lhe: «Vamos” Façamos para nós um deus que caminhe à nossa frente, pois a Moisés, esse homem que nos persuadiu a sair do Egípto, não sabemos o que lhe terá acontecido.»*

²⁰² N.E.: refere-se a **Ex 32,4**: *Recebeu-as das mãos deles, deitou-as num molde e fez um bezerro de metal fundido. Então exclamaram: «Israel, aqui tens o teu deus, aquele que te fez sair do Egípto.»*

²⁰³ N.E.: refere-se a **Ex 32,24**: *Eu disse-lhes: ‘Quem tem ouro?’ Despojaram-se dele e entregaram-mo; lancei-o ao fogo e saiu este bezerro.*

²⁰⁴ Ms.: esta última parte do artigo vai assinalada à margem com uma chamada.

40. *Item* que diz por hũo ou certos homeens que forçaram hũa moça que destruyo [sic] *Deus* e mandou que fossem sobre aquelle pouou e tribo / faz ho peccado dos gabaonitas muito leue. quomo *quer* que ha Scriptura Judicum. 19. diga que todos hos que ho ouuiram²⁰⁵ **conclamabant nunquam res talis facta est in Israel ex eo die quo ascenderunt patres nostri de aegypto, usque in praesens tempus.**²⁰⁶ porque alem da abominauel maneira com que mactaram ha molhe[r] casada, eram todos taes quomo hos de Sodoma. dos quaes diz ha Scriptura, **homines autem regionis illius erant filij gemini.** [sic]²⁰⁷ & post. **venerunt viri ciuitatis illius filij Belial, & circumdantes dumum senis clamantes pulsare, ceperunt, Educ virum qui ingressus est ad te ut abutamur eo.**²⁰⁸ & ho velho daua-lhes ha filha & ha outra e dizia **Educam eas ad vos ut homilietis** [sic] eas, & **vestram libidinem compleatis, tantum obsecro ne scelus hoc contra naturam operem[ini] in virum.** Et nolebant adquiescere sermonibus eius.²⁰⁹ / & depois indo-lhes pedir que entregassem hos homeens que tal fezeram cap. 20. **Miserunt nuncios** [sic] **ad omem tribum Benjamin qui dicerent, Tr[adi]te homines de Gabaa qui hoc flagitium perpetrarunt, ut mor[ian]tur, & auferatur malum de Israel.**²¹⁰ Hos quaes non quiserom, m[as] ante se fezerom prestes par'a guerra. Assi que non foi ia por ho [pec]cado de hũo ou certos. mas por peccado de toda ha communida[de]. Et perguntaria eu hagara a este homeem que pois *Deus* tanto fo[lgou] com misericórdia, porque mandou destruir estes & quasi toda hũa tribo²¹¹ por tam pouca cousa quomo elle diz?, & que quer dizer. **Tradite homines de Gabaa [ut] moriantur, & auferatur malum de Israel?** Se, **malum** chamam haquelle / hos que com perfidia Iudaica & outras taes ab[on]nações corrompem & vam contra ha fee, & damnam ha repu[blica] porque non morreraam, **ut auferatur malum / ex vero Israel?** / fl. 226v./
41. *Item* ho numero 41. sta tam emburilhado, que s'este non declarar non lhe posso tomar proposiçam algũa.
42. *Item* que ho principe que cargo teem e non Remedeou, ajnda que se torne São Hieronymo na penitencia, e lexe seu stado, e se vaa aas montanhas, non seraa ouvido, porque causou peccado alheo. / isto e pura hereisia, e blasphemia contra ha voontade de *Deus*. nem pode dizer que ho diz a modo de falar, porque começou com a ttençam, dizendo. Olhae *Senbor* ho que digo. /
43. *Item* que mysterio da criaçam do mundo non consiste se non na criaçam do homem.
44. *Item* ha alma do homem deceo do ceo. / se non fala per metaphora, e erro reprovado. porque has almas non decem do ceo, mas nouamente en cada hũo sam criadas. / e que pella razam faz ho homem ha carne, a

²⁰⁵ Ms.: palavras entrelinhadas "hos que ho ouuiram".

²⁰⁶ N.E.: refere-se a **Jz 19,30**: Quem via isto exclamava: «Nunca aconteceu nem se viu tal coisa, desde o dia em que os filhos de Israel subiram da terra do Egipto até este dia. Pensai bem nisto! Consultai-vos sobre isto e pronunciad-vos!»

²⁰⁷ N.E.: refere-se a **Jz 19,16**: Eis que, ao anoitecer, um velho veio do seu trabalho no campo. O homem era da montanha de Efraim; era viajante de Guibé; os habitantes do local eram filhos de Benjamin.

²⁰⁸ N.E.: refere-se a **Jz 19,22**: Enquanto restauraram as forças, eis que os homens da cidade, homens perversos, cercaram a casa, bateram com violência e disseram ao velho, dono da casa: «Manda cá para fora o homem que entrou para a tua casa, a fim de o conhecermos».

²⁰⁹ N.E.: refere-se a **Jz 19,24-25**: Eis a minha filha que está virgem e a concubina dele; vou fazê-las sair; abusai delas; fazei-lhes o que vos agrada! A este homem, porém, não lhe façais uma infâmia desta natureza!»²⁵ Os homens, porém, não quiseram ouvi-lo; então o homem, o levita, tomou a sua mulher e levou-lha lá para fora; eles conheceram-na e satisfizeram com ela a sua luxúria durante toda a noite, até ao amanhecer; deixaram-na livre só de manhãzinha.

²¹⁰ N.E.: refere-se a **Jz 20,12-13**: As tribos de Israel enviaram mensageiros a toda a tribo de Benjamin a dizer: «Que crime é este que se cometeu no meio de vós?»²³ Agora entregai-nos esses homens malvados que estão em Guibé e nós os mataremos e arrancaremos o mal de Israel.» Os filhos de Benjamin, porém, não quiseram dar ouvidos à voz de seus irmãos, os filhos de Israel.

²¹¹ Ms.: palavras entrelinhadas "e quasi toda hũa tribo".

que elle chama ha materia dos quatro elementos, da materia da alma. Erra en cuidar *que* ha alma e material e ia na outra carta se tocou esta Rabinaria. / e *que* cada alma *que* se salua e mais cousa ante *Deus que* todo ho criado.

45. *Item* contra ho Inquisidor Joam de Mello / falso testemunho.
46. *Item* confessa *que* fallou com ho de Setuuel [sic], e *que* ho gabou. e que ho *que* lhe ho dicto homem fallou, lhe paresceo muito, porque lhe falou de seu gosto. e *que* lho non parescera se lho dixerá hũo meestre en theologia. / e eu creo-lhe isto sem ho Jurar.
47. *Item que* Daudid non fez diligencia sobre ho guardar da lei. Nisto a meu ver, faz grande injuria a Daudid. porque se he verdade ho *que* Daudid dixé, quomo ho he, Reg. 2. cap. 23. ²¹² **Cuncta enim salus mea, et omnis voluntas mea, nec est quicquam ex ea, quod non germinet, Preuaricatores autem quasi spinæ euellentur uniuersi, quæ non tolluntur manibus, & si quis tangere voluerit eas, armabitur ferro, & ligno lanceato, ignique succensæ comburetur usque ad nihilum.**²¹³ / ou quomo ha letera grega mais expressamente diz. **Omnis Salus**²¹⁴ **mea, & omnis voluntas mea in domino, quia non germinabit mihi prauaricator. Sed omnes hi, tanquam spinæ etc.**²¹⁵ eu non vejo *que* desta auctoridade se possa collegir, se non que todos hos *que* contra ha lei faziam, hos arrancaua da terra quomo spinhas. **maxime** dizendo elle, **Iniquos odio habui.** & ha razam porque lhes tinha odio, **& legem tuam dilexi.** ²¹⁶ de modo *que* quem mais ama ha lei de *Deus*, maior aborrescimento deue tẽer ahos *que* vam contra ha lei de *Deus*. ho *que* eu creo *que* Daudid fez. e quem tambem lembrado foi da Justiça *que* a Joab *que* tanto por elle fez, en testamento mandou mattar. e a Semei *que* ho injuriou.²¹⁷ quomo creeremos *que* hos *que* fizessem injuria a *Deus*, hos non castigasse? / **fl. 227** / e *que* non possesse muita diligencia em fazer guardar ha lei de *Deus*? Diz Pedr'Alvarez. non ho lemos. Eu digo si lemos. *que* pois elle diz que toda sua voontade era en ho *Senhor*, e nhũo preuaricador da lei ²¹⁸ a poder *que* elle podesse iria avante, *que* isto quer dizer, **non germinabit / mihi**, mas antes hos arrancaria e quomo spinhas hos queimaria, claro e *que* quando lhe tal caso aa mão viesse, faria conforme aa lei. diz Pedr'Alvarez. Non ho achamos expresso. que se segue? que ho non fez? modo de argumentar dos Lutheranos. **Non inuenitur hoc in sacris literis, ergo non debet fieri.** Mostre Pedr'Alvarez *que* viesse a notitia de Daudid que algũos quebrantauam ha lei, e que hos non castigou, e eu lhe confessarei ho *que* quer. posto *que* non deuo. qua *nem* por Daudid ser negligente nipso, se segue *que* hos outros Reis non deuem põer diligencia en fezer guardar ha lei. pois tẽemos exemplos de Moises a quem esto mais pertence e de outros. Nem menos has obras todas de Daudid se ham de imitar pois sua vida non foi spelho de boom viuer.

²¹² Ms.: palavra riscada "Toda".

²¹³ N.E.: refere-se a **2 Sm 23,5-7**: *Não é estável a minha casa / aos olhos de Deus? / Porque Ele fez comigo uma aliança perpétua, / aliança firme e imutável. / Ele faz germinar a minha salvação / e a minha alegria.⁶ Todos os malvados são / como os espinhos do deserto / que ninguém recolhe com as mãos. /⁷ Aquele que os toca arma-se de um ferro / ou de um pau aguçado: / e são, por fim, queimados no fogo.*»

²¹⁴ Ms.: palavra entrelinhada sobre riscada "**voluntas**".

²¹⁵ N.E.: versão latina própria de Resende sobre a tradução da *Septuaginta* de **2 Sm 23,5-6**: ου γαρ ουτως ο οικος μου μετα ισχυρου διαθήκην γαρ αιώνιον έθετό μοι ετοιμήν εν παντι καιρω πεφυλαγμένην ότι πασα σωτηρία μου και παν θέλημα ότι ου μη βλαστήση ο παράνομος⁶ ώσπερ άκανθα εξωσμένη πάντες αυτοί ότι ου χειρι λημφθήσονται.

²¹⁶ N.E.: cita **Sl 119[118],113**: *Odeio a hipocrisia, / mas tenho afeição à tua lei.*

²¹⁷ N.E.: refere-se a **2 Sm 16,5-13**.

²¹⁸ Ms.: palavra riscada.

- E quanto hao que diz que Dauid fazia muito por ho sacerdocio para louvar a Deus e non para com elles fazer Regimento para gouernar ho pouuo, e beem pello contrario. porque tanta parte eram entam hos sacerdotes, que nhũa cousa²¹⁹ faziam hos boons reis e gouernadores sen seu conselho. e ho mesmo Dauid assi ho fez com Sadoch²²⁰ Sacerdote, e com Nathan²²¹ propheta.*
48. *Jtem que elles peccam a bõa tençam. se esta palaura²²². elles. entende por hos que Judaizam, e manifesta blasphemia.*
49. *Jtem no que diz que ha causa por onde hos pouoos obedesceram a El Rei de Anglaterra [sic] e duque de Saxonia, foi por hos sacerdotes non usarem beem, e viuerem dissolutamente ./ donde soube Pedr'Alvarez isto, e que certeza teem dipso?*
50. *Jtem que no proceder da Inquisiçam se faz injustiça.*
51. *Jtem outra vez lança sobre ha Sancta Inquisiçam ha morte de tantos principes.*
52. *Jtem que ho pastor non haa de ser estrangeiro. mal expõe ho Sancto Euangelho. e no que mais diz contra ho Inquisidor Pedr'Aluar[ez] de Paredes, toda ha culpa e do Jffante nosso Senhor, que mande ca vijr tal homeem.*
53. *Jtem confessa que falou contra ha Sancta Inquisiçam.*
54. *Jtem outra vez confirma que ha mangra foi castigo da Inquisiçam e prophetiza que ainda vijraa outra mangra sobre hos corpos.*
55. *Jtem contra ho Inquisidor Joam de Mello, falso testemunho. /fl. 227v./*
56. *Jtem que hos de Gouea foram injustamente executados. e ho Julgador non Julgou quomo Deus manda ./*
57. *Jtem que communmente quando algũo cristão-nouo enoja algũo cristão-velho, iura-lhe que haa de ir accusar. grande falsidade /”*

²¹⁹ Ms.: palavras riscadas "ou has".

²²⁰ N.E.: cf. **2 Sm 15,24.27.29.35. 17,15. 19,12** e **1 Rs 1,8. 1,32. 1,34.38-39.44-45. 2,35.**

²²¹ N.E.: cf. **2 Sm 7,2-4. 7,17. 12,1.5.7.13.15.25** e **1 Rs 1,8.10-11.22-24.32.34.39.44-45.**

²²² Ms.: letra final "s" riscada.

MEDICINE, LEARNING AND SELF REPRESENTATION IN SEVENTEENTH CENTURY ITALY. RODRIGO AND GABRIEL DA FONSECA

JAMES W. NELSON NOVOA

Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste
Universidade de Lisboa
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

RESUMO

Este artigo incide sobre Rodrigo da Fonseca (c.1550-1622) e sobre Gabriel da Fonseca (c.1586-1668), dois médicos portugueses de origem cristã-nova, respectivamente tio e sobrinho. Ambos seguiram um percurso comum em Itália, estudando na Universidade de Pisa e notabilizando-se no mundo da Medicina e da Ciência nos alvares do século XVII na Península Itálica. Rodrigo tornou-se um professor de renome nas universidades de Pisa e de Pádua, autor de um copioso *corpus* de textos médicos; Gabriel foi médico pessoal de cardeais, vice-reis espanhóis e papas em Nápoles e Roma, para além de exercer o magistério na Universidade de Roma. Enquanto médicos afamados, granjearam elevado reconhecimento, para si e para as suas famílias, no exercício da Medicina e da Ciência.

PALAVRAS-CHAVE

Medicina, Ciência, Cristão-novo, Portugal, Itália

ABSTRACT

The article deals with Rodrigo (ca-1550-1622) and Gabriel da Fonseca (ca-1586-1668), two Portuguese physicians of New Christian origin who were respectively uncle and nephew. They followed similar paths in Italy, studying at the University of Pisa and becoming important fixtures in the medical and scientific world of the early seventeenth century in the Italian peninsula Rodrigo becoming a renowned professor at the universities of Pisa and Padua, an author of a copious *corpus* of medical texts and Gabriel going on to become the personal physician of cardinals, Spanish viceroys and popes in Naples and Rome, in addition to teaching at the university of Rome. Both used Medicine and Science through their roles as acclaimed doctors to carve out a place of esteem for themselves and their families.

KEYWORDS

Medicine, Science, New Christian, Portugal, Italy

From the Medieval period numerous Portuguese physicians were associated with universities in the Italian peninsula. Their names have graced the lists of medical students in such storied universities as those of Pisa, Siena, Bologna and Padua.¹ A considerable number of these would go on to practice their trade in Italy for prolonged periods of time, others remaining there for the rest of their lives.² For many, it was a way of attaining positions of prestige which they could not easily attain back home. With an Italian university education behind them they could hone their skills in some of the courts and states of the Italian peninsula, practicing medicine, writing and publishing scientific works and being sought after for their expertise. The Italian context put them into direct contact with some of the most prestigious minds in Europe, allowing them to be conversant with the most pressing debates in medical practice and theory of the moment. Many were drawn to fill the ranks of physicians in Italy on account of the manifold advantages, at once economic, social and intellectual, which the context could offer them.

For others leaving the peninsula was often the only option. A noteworthy number of these individuals were of Jewish origin, descendants of those Portuguese who were forcibly converted to Christianity in 1497 and were obliged to leave by fear of Inquisitorial prying into their uncomfortable and compromised *converso* family past or on account of possible exclusion from the medical profession in Portugal or Spain. The tribunal of the Inquisition was first introduced in earnest in Portugal in 1536.³ As a result, the distinction which was created by the forced conversion, between New and Old Christians, could have fatal consequences due to the suspicions of their continued allegiance to Jewish belief and practice. The sixteenth century saw a continuous series of measures calculated to reinforce the distinction and exclude Portuguese of Jewish origin from certain professions and trades. From the second half of the sixteenth century New Christians in Portugal were excluded from the most elite colleges at the University of Coimbra, a measure which was further

¹ I must express my gratitude to the colleagues who, in their own different ways, assisted me in the elaboration of this article. Thanks goes out to Giulia Adorni, Lucia Frattarelli Fischer, Madalena Peschiera, Susana Bastos Mateus, Ana Fernandes, Francesco Guidi Bruscoli, Marie-Laure Ville, António Manuel Lopes Andrade and Margherita Palumbo. In addition I must acknowledge the assistance of the staff at the places in which I consulted my research: the Archivio di Stato of Rome, the Archivio di Stato of Florence, the library of the University of Ottawa, the National Gallery of Canada (Ottawa) and the Casanatense Library of Rome. The research for this article was possible by a postdoctoral fellowship from the Fundação Para a Ciência e a Tecnologia of Portugal.

On Portuguese students in general in the fifteenth century see Virgínia Rau, "Alguns estudantes e eruditos portugueses em Itália no século XV", in *Do Tempo e Da Historia*, 5, 1972, pp. 29-99.

² On Portuguese medical students who left the Iberian peninsula to work abroad see Mário Sérgio Farelo, "On Portuguese Medical Students and Masters Travelling Abroad: An Overview from the Early Modern Period to the Enlightenment", in *Centres of Medical Excellence? Medical Travel and Education in Europe, 1500-1789*, Eds. Ole Peter Grell, Andrew Cunningham and Jon Arrizabalaga, Ashgate, Surrey, 2010, pp. 127-147.

³ On the Inquisition in Portugal see Alexandre Herculano, *History of the Origin and Establishment of the Inquisition in Portugal*, Prolegomenon by Yosef Hayim Yerushalmi, Translated by John C. Branner, Ktav, New York, 1972, António José Saraiva, *The Marrano Factory. The Portuguese Inquisition and its New Christians 1536-1765*, (Herman Prins Salomon and I.S.D. Sassoon eds), Brill, Leiden, 2001, Giuseppe Marcocci, *I custody dell'ortodossia. Inquisizione e chiesa nel Portogallo del Cinquecento*, Edizioni di Storia e Letteratura, Roma, 2004.

ratified at the beginning of the seventeenth century.⁴ King Sebastian (1557-1578) had already made a concerted effort to favor the access of Old Christians to the medical profession in Portugal and in 1604 a royal decree by Philip II of Portugal (1578-1621) officially excluded individuals of Jewish origin from studying or practicing medicine.⁵

As a result many had to make concerted efforts to either conceal their Jewish origins or at least not draw attention to them in Portugal and Spain. The simplest solution was often that of leaving Iberian lands for other destinations in which, if their past may have continued to dog them, nonetheless, they could aspire to live more securely and build successful careers.⁶ A true diaspora ensued among some of the nation's brightest and best minds which was to last for centuries. The strategies for leaving the country were multiple. At times some left on the own. Entire families fled together often enduring a difficult journey. In other cases the departure of whole families was gradual. Their aim was to find a place where they could thrive unhindered and in which their origins would not be a problem.

One such case in which the clear desire for professional enhancement and wariness of social exclusion likely went hand in hand was that of the prominent Portuguese doctors and scholars, Rodrigo da Fonseca (1550?-1623) and Gabriel da Fonseca (1586?-1668). Their true origins have always been shrouded in mystery but their Jewish past has been remarked upon by scholars for some time.⁷ Two documents which are published here, allow us to better understand the relation between them, their activities and careers or at least the version of the facts which they wanted to render public. Both chose to study and receive their medical training in Pisa and subsequently flourished in different ways.

RODRIGO AND GABRIEL DA FONSECA. PORTUGUESE DOCTORS MINTED IN PISA.

It would seem likely that Rodrigo da Fonseca was born at one point around 1550 in Lisbon. His father is alternatively mentioned as Diegus Alosius (Diogo Luis in Portuguese) and Iacobus

⁴ Fernanda Olival, "Rigor e interesses: os estatutos de limpeza de sangue em Portugal", in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 4, 2004, pp. 155, João Manuel Vaz Monteiro de Figueirôa, "A honra alheia por um fio": os estatutos de limpeza de sangue no espaço de expressão ibérica (sécs. XVI-XVII), Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação Para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2011, pp. 187-207. Albert A. Sicroff, *Los Estatutos de limpieza de sangre: controversias entre los siglos XV y XVII*, Taurus, Madrid, 1985.

⁵ Fernanda Olival, "Rigor e interesses: os estatutos de limpeza de sangue em Portugal", in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 4, 2004 pp. 158-159, João Manuel Vaz Monteiro de Figueirôa, "A honra alheia por um fio": os estatutos de limpeza de sangue no espaço de expressão ibérica (sécs. XVI-XVII), Unpublished Doctoral dissertation presented at the Universidade do Minho, 2009, pp. 194-209.

⁶ On the Portuguese New Christian diaspora see José Lúcio de Azevedo, *História dos Cristãos Novos Portugueses*, Clássica editora, Lisboa 1975, Cecil Roth, *A History of the Marranos*, Jewish Publication Society of America, Philadelphia 1941, Israel Salvador Révah, 'Les Marranes', in *Revue des Études Jueves*, 3.1.118 (1959-1960): pp. 29-77.

⁷ Harry Friedenwald, *The Jews and Medicine. Essays, Vol. II*, The Johns Hopkins Press, Baltimore, 1944, pp. 724-725.



96

Alosius (likely Jácome Luís in Portuguese) in documents from the University of Pisa archive.⁸ It is unknown when he went to Pisa but already in 1575 a certain *Rodericus Ferdinandus Fonseca* appears as having obtained his first degree in Philosophy from that University and two years later received a degree in medicine.⁹ It was followed immediately by a teaching career which was to span several decades between Pisa and Padua. In 1575 he was already a *lettore* of Logic, a post which he held until 1578.¹⁰ This was followed by an appointment as a *Straordinario* lecturer in Philosophy which he held in Pisa from 1579 to 1584.¹¹ This initial lecturing in Philosophy was followed by teaching in Medicine, something for which Pisa was, at the time, one of the most prestigious centres of the Italian peninsula.¹² From 1584 to 1615 he was *ordinario* of theoretical medicine there.¹³

The choice of Pisa was not the fruit of chance. It had already been a well known academic center frequented by Portuguese students from the waning Middle Ages onwards. Under Cosimo I de' Medici

(1519-1574) the Tuscan state became a Grand Dukedom in 1569. As part of his well calculated strategy to gain legitimacy for his state and establish it as an important player in European affairs Cosimo I made a concerted effort to attract important men of science and commerce to Tuscany.

⁸ Giuliana Volpi Rosselli, "I portoghesi nell'ateneo pisano in epoca medicea (1543-1737)", in *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650esimo anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Edizioni ETS, Pisa, 1994, p. 128.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ *Ibid* p. 132 and Jonathan Davies, *Culture and Power. Tuscany and its Universities 1537-1609*, Brill, Leiden, 2009, pp. 254-257.

¹¹ Giuliana Volpi Rosselli, "I portoghesi nell'ateneo pisano in epoca medicea (1543-1737)", in *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650esimo anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Edizioni ETS, Pisa, 1994, p. 132 and Jonathan Davies, *Culture and Power. Tuscany and its Universities 1537-1609*, Brill, Leiden, 2009, pp. 258-261.

¹² Manlio Iofrida, "La filosofia e la medicina (1543-1737)", in *Storia dell'università di Pisa, vol. 1, 1343-1737*, Pacini editore, Pisa, 1993, pp. 289-338.

¹³ Giuliana Volpi Rosselli, "I portoghesi nell'ateneo pisano in epoca medicea (1543-1737)", in *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650esimo anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Edizioni ETS, Pisa, 1994, p. 132 and Jonathan Davies, *Culture and Power. Tuscany and its Universities 1537-1609*, Brill, Leiden, 2009, pp. 262-293. On Fonseca's years of teaching in Pisa see Barbara Marangoni "Un medico portoghese nello studio di Pisa Rodrigo Fonseca", in *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650esimo anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Edizioni ETS, Pisa, 1994, pp. 209-221.

One of his moves was to dedicate his attention to strengthening the Tuscan universities of Pisa, Siena and Florence, allotting them funds to have prestigious professors on their payroll, a policy which was pursued by his successors.¹⁴ Another aspect of Cosimo I's policies was the privileges he offered to groups of people to settle in Tuscany. Chief among them was a privilege made out in 1549 to Portuguese New Christians, granting them the right to settle, obtain rights paramount to Tuscan subjects and to live freely from harassment from Inquisitorial prying into their religious conduct provided they live at least outwardly as *bona fide* Christians.¹⁵ Such policies were expanded by Grand Duke Ferdinando I de' Medici (1549-1609) when he promulgated the *leggi livornine* which granted a further set of privileges to Portuguese and Spanish New Christians, Jews, Muslims, Greeks and others to settle in the port town of Livorno in 1591 and 1593.

It was on the heels of Cosimo I's privileges to Portuguese New Christians that Rodrigo studied in Pisa and he consecrated himself as a recognized authority in medical theory and practice in Pisa during Ferdinando I's reign (1587-1609). They were years in which the Iberian presence in the University of Pisa, particularly among the number of students studying there, was particularly important.¹⁶ During his years as a professor of Medicine there he published the works he is best known by, which set him apart as an original contributor to medical science. He made a name for himself as a commentator of the works of Hippocrates (460 B.C.-c. 370 B.C) and for his work on fever.¹⁷

¹⁴ For Tuscan universities in the period see Jonathan Davies, *Culture and Power. Tuscany and its Universities 1537-1609*, Brill, Leiden, 2009.

¹⁵ Lucia Frattarelli Fischer, "Gli ebrei, il principe e l'Inquisizione" in Michele Luzzati (ed), *L'Inquisizione e gli ebrei in Italia*, Laterza, Bari, 1994, pp. 217-231, 'Cristiani nuovi e nuovi ebrei in Toscana fra Cinque e Seicento. Legittimazioni e percorsi individuali', in Pier Cesare Ioly Zorattini, (ed), *L'identità dissimulata. Giudaizzanti iberici nell'europa cristiana dell'età moderna*, Leo Olschki, Firenze, 2000, pp. 99-149, 'Ebrei a Pisa e Livorno nel Sei e Settecento tra Inquisizioni e garanzie granducali', in *Le Inquisizioni cristiane e gli ebrei. Tavola rotonda nell'ambito della conferenza annuale della ricerca. (Roma, 20-21 dicembre 2001)*, Accademia Nazionale dei Lincei, Rome, 2003, pp. 253-295, 'Il principe, i nuovi cristiani e gli ebrei', in *Vivere fuori dal Ghetto. Ebrei a Pisa e Livorno (secoli XVI-XVIII)*, Zamorani, Torino, 2008, pp. 15-68, Susana Mateus Bastos and James Nelson Novoa, "De Lamego para a Toscana: o périplo do médico Pedro Furtado, cristão-novo português", in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n°5, 2006, pp. 313-338, James Nelson Novoa, "I procuratori dei cristiani nuovi a Roma e i retroscena dei privilegi di Cosimo de Medici di 1549", in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n. 10-11, 2011, pp. 281-296.

¹⁶ Giuliana Volpi Rosselli, "Il corpo studentesco, i collegi e le accademie", in *Storia dell'università di Pisa, vol. 1, 1343-1737*, Pacini editore, Pisa, 1993, pp. 401-402.

¹⁷ The titles published by Rodrigo da Fonseca during his tenure as professor of Medicine in Pisa are the following: *Roderici a Fonseca Lusitani Olysiptonensis medicinam in Pisana Academia profitentis De calculorum remediis qui in renibus et vesica gignunt libri duo ad Sixtum quintum Pontifex maximus et felicissimus*, Roma, apud Joseph Angelum Ruffinellum, 1586, *Roderici a Fonseca. In primum et secundum Aphorismorum librum commentaria ordine contexta, quo puncta doctoratus exponi solent*, Florentia apud Bartholomaeum Sermatellium, 1590, *Roderici a Fonseca Lusitani Olysiptonensis medicinam in Pisana academia publice profitentis, In Hippocratis legem, commentarium, quo perfecti medici natura explicatur*. Romae ex typographia Titi et Pauli de Dianis fratrum, 1586, *Roderici a Fonseca Lusitani Olysiptonensis, medicinam ordinariam in alma Pisana academia profitentis, In septem Aphorismorum Hippocratis libros commentaria, eo ordine contexta, quo doctoratus puncta exponi consueverunt. Quibus accessere eiusdem auctoris insingulas sententias adnotationes, quae, non modo clariorem doctrinam reddant, verum etiam omnes ambiguitates tollant; opus cunctis artis medicae studiosis perutile ac necessarium. Tractatus de febrium acutarum et pestilentium remediis, diateticis, chirurgicis et pharmaceuticis*, Venetiis apud Franciscum de Fanciscis Senenem, 1595, *Roderici a Fonseca Lusitani Olysiptonensis medicinae in alma Pisana academia professoris ordinari in Hippocratis prognostica commentarii quibus universa eius doctrina in conclusiones deducitur, earumque adduntur demonstrationes ac notatu dignissima summa dicendi facilitate exponuntur. Opus cunctis artis medicae studiosis perutile ac necessarium*. Patavi apud Franciscum Bolzetam bibliopolam Patavinum, 1597, *De tuenda valetudine et producenda vita liber*, Florentiae apud Bartholomaeum Sermatellium Juniore, 1602, *Del conversare la sanità. Opera di Roderigo Fonseca tradotta del latino in toscano da Poliziano Mancini da Montepulciano*, In Firenze nella Stamperia di Antonio Sermartelli, 1603, *De hominis excrementis*, Pisis apud Joannem Baptistam Borchetum, 1613.

It was also during those years that he made out a will on October 12, 1609 from which some important biographical details can be gleaned.¹⁸ Prepared before a notary in Pisa, it also presents us with indications of how integrated he was in Pisa and its university there at the time.¹⁹ Ill, facing the prospect of death, Fonseca asked that he be buried in Pisa's *campo santo*, with a funeral presided over by chaplains from Pisa's cathedral, brothers from the convent of San Nicola and members of the confraternity of Santa Lucia dei Rucucchi and in addition he destined money for one hundred masses to be said for his soul. In the will he stipulated that his mother, Felipa Nunes, was charged with ensuring that ten girls be given dowries for which he left one hundred scudi. He also left twenty scudi to the orphan's hospital of Pisa, likely the *Ospizio dei trovatelli*, created in the thirteenth century. He designated his son, Diogo, as his universal heir and in case of his death his goods and wealth should go to his two young daughters Violante and Dionisia, who, as they were not adults, would have the estate administered for them by Rodrigo's mother, his sister Graça Dinis or his nephew Gabriel da Fonseca or another nephew Duarte Lopes, a resident in Rome. He leaves his wife Branca as the legal guardian of his children along with his mother, his sister Graça and several other relatives in Pisa and in Rome, including his nephew Gabriel da Fonseca.

By the time of the writing of the will Gabriel was, in fact, fully ensconced in the Pisan academic milieu, we must assume, at least in part, thanks to his prestigious uncle. Gabriel's name first appears in 1603 when he apparently began his studies in Pisa.²⁰ He received his first degree in 1609 with Rodrigo acting as his *promotore*.²¹ Like his uncle before him Gabriel lost no time in climbing the rungs of academic life in Pisa. The same year he obtained his degree he became, like Rodrigo did, a *lettore* in Logic, a post which he held until 1611.²² As we shall see however his real success took him to heights which likely neither he nor his uncle probably could have imaged.

RODRIGO AND GABRIEL BEYOND PISA

In spite of having laboured on for decades as a *lettore ordinario* of medicine and having published a number of important works Rodrigo likely felt frustrated and slighted at the University of Pisa. In 1610 he petitioned the Grand Duke, Cosimo II de' Medici (1590-1620) to be granted the

¹⁸ The will is published as document 1 in the appendix. I must acknowledge Lucia Frattarelli Fischer for having pointed out the existence of the will in her article "Strategie di insediamento", in *Vivere fuori dal Ghetto. Ebrei a Pisa e Livorno (secoli XVI-XVIII)*, Zamorani, Torino, 2008, p. 74 and having further divulged its contents with me in private exchanges.

¹⁹ I must thank Maddalena Peschiera for her assistance in the transcription of the document.

²⁰ Giuliana Volpi Rosselli, "I portoghesi nell'ateneo pisano in epoca medicea (1543-1737)", in *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650esimo anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Edizioni ETS, Pisa, 1994, p. 131.

²¹ *Ibid*, p. 128.

²² *Ibid*, p. 132 and Jonathan Davies, *Culture and Power. Tuscany and its Universities 1537-1609*, Brill, Leiden, 2009, p. 293.

coveted position of *lettore sopraordinario* of theoretical medicine, a rare honour which would have effectively granted him a permanent chair there, citing his longstanding service in Pisa in spite of lucrative offers which had come his way. In addition he also hoped for a substantial increase in his salary, only just, he argued, given the amount of works he had published and the years he had taught.²³ His requests were rebuffed by the academic authorities of the Dukedom citing, among other things, Rodrigo da Fonseca's mercantile interests which distracted him from his work.²⁴ Several years of continued frustrated attempts followed during which he inflated his demands until, in 1615, Fonseca accepted an offer from the University of Padua to which he went, dying there in 1622.²⁵

Gabriel left the University of Pisa before his uncle did. It could be that Rodrigo urged him on to avoid the life of stagnation which he must have felt he had fallen into. A hitherto unpublished autobiographical account, composed by Gabriel da Fonseca in 1656 provides us with the version of Gabriel's life and contexts which he wanted rendered public. One of several autobiographies requested of professors at the University of Rome during the seventeenth century, it provided the means by which Gabriel could tell his story, embellish it, providing the kind of self-image which he wished to evoke in the Roman society in which he found himself in. Though some of the details are to be taken with a grain of salt with some details contradicting what later appears in a will which was made out in 1668 it is, nevertheless, interesting insofar as it provides us with the image he wished to project about himself, as a courtier, a man of science and a physician, linked, in particular, to the Iberian presence in the Italian peninsula.²⁶

In his account Gabriel claims to have been born in Lamego, in the north of Portugal, in 1586. He states that his father was named Diogo Rodrigues Fonseca and was a native of Lisbon while his mother was named Isabel Gomes. His father was sent to Lamego as a royal treasurer and it was his uncle, Rodrigo da Fonseca who prodded him on to study in Pisa.

In his written account of his life story it is the period in Pisa, a short one in the whole span of his life, which is given the greatest attention. This period of his intellectual formation was obviously important and as the account was destined to confirm him as a prestigious doctor, entrusted with

²³ Barbara Marangoni "Un medico portoghese nello studio di Pisa Rodrigo Fonseca", in *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650esimo anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Edizioni ETS, Pisa, 1994, pp. 210-211.

²⁴ *Ibid*, p. 212.

²⁵ *Ibid*, pp. 213-221.

²⁶ The account is to be found, along with others in the archival source Cartari-Febei, called so because it assembled and organized by Carlo Cartari (1614-1697) who had found it in the person library of Monsignor Francesco Maria Febei (1616-1680). The archival source, Cartari-Febei, is currently held at the Archivio di Stato of Rome. I am most indebted by Dr. Giulia Adorni of the said archive for pointing out the existence of the document. On Cartari see the article by Armando Petrucci in the *Dizionario Biografico degli Italiani*, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 1977, pp. 783-786. The account itself is published as document 2 in the documentary appendix. I must thank Maddalena Peschiera for her assistance in the transcription.

university teaching and with the health of prelates and popes. He makes a point of mentioning the names of fellow doctors, professors and influential men in Pisa with whom he was in contact to show that he was conversant with some of the most important minds in the Italian peninsula, on equal footing with them, a respected man of science and learning.

In his account he provides a laudatory portrait of his uncle, depicting him as a cultivated and esteemed professor, doctor and man of erudition in Pisa. He mentions his uncle's contacts with some of Pisa's intellectual elite, especially his friendship with the cultivated archbishop Carlo Antonio dal Pozzo (1547-1607) who held the see of Pisa between 1582 until his death in 1607, a member of Ferdinando de' Medici's inner circle and man of power in the Tuscan city, something which could be attested to by the archbishop's equally well known nephew, a student in Pisa at the time who went on to become an erudite collector and skilled diplomat Cassiano da Pozzo *junior* (1588-1657).²⁷

He stresses the fact that the years in Pisa put him into contact with some of the most important intellectuals of the beginning of the seventeenth century such as the scholar and doctor Girolamo Mercuriale (1530-1606)²⁸ and Fortunio Liceti (1577-1657) the man of science and philosopher²⁹ He boasts that such was the esteem in which he was held in Pisa on account of his precocious learning that he was honoured presenting a series of philosophical conclusions in public on feast days which were printed and commented by the erudite friend of Galilei Galileo (1564-1642) and curial official Monsignor Giovanni Battista Ciampoli (1590-1643),³⁰ Giovanni Nardi (1585 ca-1654) the important doctor who went on to become court physician to Ferdinando de' Medici II (1610-1670),³¹ and Arturo Pannocchieschi d'Elchi (ca-1564-1614), the provveditor of the University of Pisa. According to him it was his reputation which made Pannocchieschi d'Elchi intervene to give him his lectureships in Logic and Philosophy.

According to the account he was led from Pisa to Rome to tend to the health of the bishop of Seville, Gaspar de Borja y Velasco (1580-1645), the Spanish aristocratic prelate who was made cardinal in 1611. Borja y Velasco maintained a permanent presence in the Eternal City for years,

²⁷ On the friendship see Lucia Frattarelli Fischer "Strategie di insediamento", in *Vivere fuori dal Ghetto. Ebrei a Pisa e Livorno (secoli XVI-XVIII)*, Zamorani, Turin, 2008, p. 72. On Carlo Antonio dal Pozzo see the entry by Enrico Stumpo pp. 202-204 by Cassiano da Pozzo *junior* see the entry also by Enrico Stumpo in the *Dizionario Biografico degli italiani*, vol. 32, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 1986, pp. 209-213.

²⁸ On Mercuriale see Alessandro Arcangeli and Vivian Nutton, *Girolamo Mercuriale: Medicina e Cultura nell'Europa del Cinquecento*, Leo S. Olschki, Firenze, 2008, Nancy G. Siraisi, "History, Antiquarianism and Medicine: The Case of Girolamo Mercuriale", in *Journal of the History of Ideas*, vol. 64, num. 2, 2003, pp. 231-251 and the article on him by Giuseppe Ongaro in the *Dizionario biografico degli italiani*, vol. 73, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 2009, pp. 620-625.

²⁹ On Liceti see the entry on him by Giuseppe Ongaro in the *Dizionario Biografico degli italiani*, vol. 65, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 2005, pp. 69-73.

³⁰ On Ciampoli see the entry on him by Augusto De Ferrari in the *Dizionario Biografico degli italiani*, vol. 25, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 1981, pp. 147-152.

³¹ On Nardi see the article by Elisa Andretta in the *Dizionario Biografico degli italiani*, vol. 77, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 2012, pp. 772-774.

RODERICI
A FONSECA,

MEDICI · AC · PHILOSOPHI
consumatissimi, in Pisana Acad. Medicinæ
professoris Primarij

De Hominis Excrementis Libellus .

AD · ILL.^M · ET · REV.^M

DOMINICVM
RIVAROLAM
S.R.E. CARDINALEM AMPLISSIMVM.



PISIS; Apud Io. Baptistam Boschettum, & Ioannem Fontanum Socios, Superiorum permissum, 1613.

becoming Spain's ambassador from 1616 to 1619. A master of political and curial intrigue he was privy to the goings on in both Madrid and Rome. He was the kind of powerful man whom a young outsider like Fonseca would need to stake out a name for himself in the court of Rome and elsewhere. He followed him to Naples when he became viceroy there in for a few months in 1620 and entered the service of the next viceroy cardinal Antonio Zapata y Cisneros (1550-1635) who held the viceroyship from 1620 to 1622, becoming the main overseer of medicine (*protomedico*) in the kingdom, even teaching at the University of Naples.

He then returned to Rome serving as doctor to the ambassadors of Spain in Rome, presumably Borja y Velasco who served again from 1631 to Diego de Saavedra Fajardo (1584-1648) who was ambassador in 1631 and Manuel de Moura de Corte Real (1590-1651) from 1632 to 1644 which apparently enabled a son of his to enter ecclesiastical life as a naturalized Spaniard. His new arrival to Rome took place in the heady atmosphere of the papal court dominated by the humanist Maffeo Barberini (1568-1644) who reigned as pope Urban VIII (1623-1644) during a period which saw a flurry of cultural life in the city and the court, a context we can only assume that Fonseca must have actively interacted with.

Undoubtedly Fonseca's stellar moment in Rome was his entry into the papal household of Pope Innocent X (1574-1655).³² In his autobiographical description he provides no dates though he claims that he was in the service of the Pamphili family for twenty five years. Giovanni Battista Pamphili himself became pope in 1644 so it is likely that he was assumed as his *Medico Segreto* shortly after his election. Luigi Gaetano Marini (1742-1815) in his *Degli archiatri pontifici* (1784) claims that he was in Innocent's employ but does not give a date.³³ In his short autobiography Gabriel claims to have first served popes at the conclave which elected Urban VIII (19 July 1623-6 August 1623) and later was one of the physicians at the one which elected Innocent X (9 August 1644-15 September 1644) a claim supported by Marini.³⁴ He was to remain in Innocent's employ until 1654 when, on March 26 the increasingly decrepit and irritable Pontiff had him expelled from his service on account of his siding with a barber in a decision to draw blood from the ailing pope.³⁵ In his autobiographical account he is, naturally, tactfully silent about his dismissal from the pope's service.

His work for Innocent X must have helped to earn him his job at the University of Rome. In Filippo Maria Renazzi's (1742-1808) *Storia dell'università di Roma* (1803) he is credited with having

³² On Innocent X's Rome see the studies in *Innocenzo X Pamphili, Arte, e potere a Roma nell'Età Barocca*, a cura di Alessandro Zuccari/Stefania Macioce, Logart press, Roma, Cassa di Rismparmio di Roma, 1990.

³³ Luigi Gaetano Marini, *Degli Archiatri Pontifici vol I*, In Roma nella stamperia Pagliarini, 1784, p. XLII.

³⁴ *Ibid.*

³⁵ Giacinto Gigli, *Diario di Roma, vol II, 1644-1670*, a cura di Manlio Barberito, Editore Colombo, Roma, 1994, p. 703.

been a professor of medicine there for twenty three years with a salary of five hundred scudi.³⁶ The documents of the archive of the university of Rome indicate that he was first on its payroll in 1646, taken on as professor *In Medicina pratica* and that in 1667 he had worked for twenty two years, retiring the following year, the year in which he died.³⁷

Rome is presented as the place of his consecration as a doctor of renown, a place he was to call home and decided to stay in spite of overtures to work for Ferdinando de Medici II and Emperor Ferdinand III (1608-1657). He claims to have been the author of only one work, which saw the light of day *Medici Oeconomia* which he composed in his youth but was only published in Rome in 1623 presumably after his return to the city from Naples, in spite of having penned at least two other works which he deemed unworthy of being published.³⁸ Unlike his uncle Gabriel became famous for his skill as a doctor not his writings. He ends his account, in fact, with the names of prominent physicians with whom he was in contact and who held him in esteem: the Irish doctor and professor at Bologna Niall Ó Glacáin (1563-1653), Marco Aurelio Severino professor at the University of Naples (1580-1656)³⁹, Antonio Santorello (1583-1653) professors of medicine at the University of Naples and Giulio Cesare Benedetti Guelfaglione (died 1656), a doctor to popes Innocent X and Alexander VII (1599-1667).⁴⁰

Gabriel da Fonseca is of course best remembered by the work which was to be forever associated with his name, the Fonseca family chapel, by Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), in the church of San Lorenzo in Lucina Bernini apparently worked on his masterwork between 1668 and 1675, a lasting tribute to a man who wished to carve out a place of posterity himself and his family in the city and court he had adopted as a home.⁴¹

³⁶ Filippo Maria Renazzi, *Storia dell'università di Roma detta comunemente la Sapienza che contiene anche un saggio storia della letteratura romana dal principio del secolo XIII sino al declinare del secolo XVIII*, vol. III, 1803. p. 188.

³⁷ *I Maestri della Sapienza di Roma dal 1514 al 1787: i rotuli e altre fonti*, (a cura di Emanuele Conte), Roma, Istituto storico italiano per il Medio Evo, 1991, pp. 295, 378. In 1668 he appears as a *lector iubilatus*, *Ibid*, p. 384.

³⁸ Gabriel da Fonseca, *Medici oeconomia in quae ad perfecti medici munus attinent brevibus explanantur*, Romae, apud Andream Phaeum, 1623.

³⁹ On Severino see Maria Conforti, "Medicine, History and Religion in Naples in the Seventeenth and Eighteenth Centuries", in *Medicine and Religion in Enlightenment Europe*, eds. Ole Peter Grell and Andrew Cunningham, Ashgate, Aldershot, 2007, pp. 68-70.

⁴⁰ On Benedetti see Alfonso Dragonetti, *Le vite degli illustri aquilani*, Francesco Perchiazzi editore, Aquila, 1847, pp. 69-70.

⁴¹ On the chapel see Judy Dobias, "Gian Lorenzo Bernini's Fonseca Chapel in S. Lorenzo in Lucina", in *The Burlington Magazine*, vol. 120, n. 899, Feb. 1978, pp. 65-71, Bruno Contardi, "Precisazioni sul Bernini nella Cappella Fonseca", in *Studi di Storia dell'Arte*, 1, 1990, pp. 273-283, Giuseppe Careri, *Bernini. Flights of Love, the Art of Devotion*, (Trans. Linda Lappin), Chicago, The University of Chicago Press, 1994, pp. 11-50, Rudolph Wittkower, *Bernini. The Sculptor of the Roman Baroque*, New Photographs by Pino Guidolotti, Phaidon Press, New York, 1997, pp. 295. Fabio Barry, "New Documents on the decoration of Bernini's Fonseca Chapel", in *The Burlington Magazine*, 2004, pp. 396-399. On Bernini's activities in Rome see *Bernini scultore. La nascita del Barocco in Casa Borghese*, (a cura di Anna Coliva/Sebastian Schütze, Edizioni de Luca, Roma, 1998, *The Life of Gian Lorenzo Bernini by Domenico Bernini*, A Translation and Critical Edition, with introduction and commentary by Franco Mormando, 2011, Franco Mormando, *Bernini. His life and his Rome*, Chicago, University of Chicago Press, 2011.

He died, apparently on 20 May 1668, an esteemed and celebrated old man, in Baroque Rome, long from his native land in the north of Portugal.⁴²

SELF REPRESENTATION AS MEN OF SCIENCE

Both men found fame and fortune in the Italian peninsula through their skills as physicians. It was first in Pisa then in Padua, Rome and Naples that they became noted figures, on par with their Italian peers, able to hold their own as doctors and men of Science. In doing so they were able to get beyond what could have been a compromised and suspect family past. They were careful to not draw attention to it when they mentioned their Portuguese families. In the case of Gabriel and his autobiography of 1657 he evoked a prestigious family past and gave some biographical details which were perhaps intentionally misleading and which contradict the information contained in his will, written out more than ten years later.⁴³

One thing Gabriel does mention in passing is his relation, through his mother, to one António da Fonseca (ca1515-1586), a well known Portuguese resident of Rome. A prominent banker who lived in the city for more than thirty years, becoming an important member in the Portuguese community there, he chose to have himself, his wife and his descendants buried in a family chapel which he selected and founded in the Spanish national church of San Giacomo degli Spagnoli.⁴⁴ He was the first member of a family of *converso* origin from Lamego to settle and remain in the city. Over generations it would intermarry with Roman families and assimilate became a prominent family in Rome responsible for cultural patronage until the late eighteenth century of which Gabriel's decision to have another Fonseca chapel built in San Lorenzo di Lucina is another example. By mentioning António da Fonseca as a member of his family in his autobiographical account he reveals his New Christian origins. These origins are, of course, not mentioned explicitly, nor were they by António da Fonseca himself even though they were not entirely unknown during his lifetime.

Leaving Portugal and the possible problems which these origins could cause them both Rodrigo and Gabriel made names for themselves in Italy. By carefully choosing the University of Pisa

⁴² The date is provided by Diogo Barbosa Machado (1682-1772), in his *Biblioteca lusitana histórica, crítica e cronológica na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da ley da Graça até o tempo presente*, Lisboa, na officina de António Isidoro da Fonseca, 1741, p.

⁴³ In the will, made out on December 10, 1668 Gabriel da Fonseca mentions his father as *Diego Luigi della città di Lamego di Portogallo* and his mother as *Isabella Cardosa Fonseca*. Busta 56, Testamenta et Donationes ab anno 1667 usque 1672, unpaginated. Not. 30, Sez. 19, Archivio Storico Capitolino di Roma.

⁴⁴ On António da Fonseca see the following articles: Susana Bastos Mateus and James Nelson Novoa "A Sixteenth Century Voyage of Legitimacy. The Paths of Jácome and António da Fonseca from Lamego to Rome and Beyond", in *Hispania Judaica*, 2012 (in print), James Nelson Novoa, "From the Eternal City to the Sublime Gate: The FONSECAS of Lamego betwixt and between Rome and the Ottoman Empire", in *Oriente Moderno*, (in print), "Unicorns and bezoars in a Portuguese house in Rome: António da Fonseca's Portuguese inventories", in *Agora, Estudos Clássicos em Debate*, 14.1, 2012, (in print).

as the place for their medical formations and to launch their careers they were able to be known as solid, *bona fide* practitioners of the art of Medicine in the Italian peninsula. Rodrigo affirmed himself as a teacher and scholar, an author of authoritative medical works which were published, read and commented on by his contemporaries, a man sought after by some of the most important centres of learning of the time. Gabriel made a name for himself as a skilled, hands on practitioner of medicine, procured by popes, viceroys and emperors. In their own way both elaborated a carefully worked out strategy of self representation through medicine, science and scholarship, presenting themselves as reputable doctors and intellectuals, members of an elite community in seventeenth century Italy and Europe. Their potentially troublesome origins behind them in Portugal they trod paths of success in the Italian peninsula which welcomed them.

Document 1

Testamentum.

[31 v] In Dei nomine amen. Anno ab incarnatione Domini nostri Iesu Christi millesimo secentesimo nono, stile florentino et ibio (sic) more presentis indictione 8, die duodecima mensis octubris, Paulo V Pontefice Maximo et serenissimo domino Cosimo Medices Hetrurie magno duce dominante. Actum Pisis in uno ex talami domus infrascripti domini testatoris, in quo iacebat in lecto, site prope Arnun in cappella Sancti Niccole, coram et presentibus ibidem infrascriptis septem testibus: magnifico et excellenti Philosophie et Medicine doctore domino Francesco quondam Sebastiani de Anselmis cive pisano, magnifico et excellenti domino Mattheo quondam domini Horatii de Carraris Bargense, magnifico et excellenti iuris utrisque doctore domino Thommas, domino Dydaci Enriquez, domino Ferdinando Stephani Inoya Lopez, domino Emanuele Joannis Fernandes Pinto, iuniore Ferrandi Gomez Lusitanibus et Domenico Alexandri del Setaiuolo cive pisano proprio ore infrascripti dominis testatoris vocatis, habitis et rogatis patet omnibus qualiter et quomodo testamentum hinc est quod:

Multus magnificus et excellens Philosophie et Medicine doctor dominus Rodericus quondam magnifici Dydaci Fonseca Lusitanus, Pisis commorans familiariter, mihi notario notus sanus gratia Domini nostri Iesu Christi a quo bona cuncta procedent, mente, visu, et intellectu, licet corpore languens et timens occultum Dei iudicium et humane fragilitatis statum, cum apud mortales nil sit certius morte, nilque incertius hora eius, et volens, quandocumque mori contigerit, modo infrascripto testatus decedere, ideo sic [32 r] testatur seque et bona sua sic ordinat et disponit in hunc qui sequitur modum et formam videlicet:

In primis cum anima sit corpore dignior ceterisque verbis humanis preferenda ideo eam omnipotenti Dei eiusque Virginis Gloriosissime totique curie celestis Paradisi commendavit et commendat, corpus vero suum quando mori contigerit sepelliri voluit in camposanto huius civitatis in eius sepultura, et in eius funere, tum intervenire voluit capellanum pisane cathedrales ecclesie, fratres Sancti Nicole et confraternitatem Sancte Lucie Pisarum, prohibens tamen vocari dominos doctores, fiatque tale mortuorum impensa infrascripto heredi seu eius tutoribus bene visa.

Item iure legati reliquit et legavit illis piis locis Florentie et Pisarum quod delinquere tenetur per validitate presentis testamenti.

Item amore Dei et in refrigerium anime sue reliquit (sic) et legavit venerabili Universitati cappellaque dicte cathedrales ecclesie Pisis elemosinam infrascriptis tutoribus bene visam ad hoc ut venerabiles cappellani ecclesie predictae celebrent in dicta ecclesia in refrigerium anime domini testatoris centum missas de funebris, celebrarique incipiant die sequenti post obitum ipsius si non fuerit impedita, sive autem altera immediate, et quam primum fieri potuit celebrentur.

Item amore Dei et pro remedio anime sue reliquit et legavit decem puellis bona fama natisque bonis parentibus erigendi dominam Philippam Nunez, matrem dicti domini testatoris, scutos centum monete et sic decem pro qualiter pro dote seu parte dotis cuiuslibet earum que electio et solutio fieri debeat infra annum a die obitus ipsius domini testatoris, omni meliore modo.

Item amore Dei iure legavit reliquit et legavit Hospitali Orphanorum Pisarum scutos viginti monete solventes infra sex menses ab obitum dicti domini testatoris, omni meliore modo.

Item omnibus autem aliis suis bonis mobilibus, immobilibus, iuribus, actionibus, presentibus et futuribus suum heredem universalem instituit, fecit et esse voluit Dydacum, eius filium legitimum et volens cui reliquit omnia bona sua et quatenus decederet ante vigesimum sue etatis annum substituit eidem vulgariter, pupillariter et per fideicommissum Violantem et Dyonisiam, eius sorores filias dicti domini testatoris. Et quatenus ipse in pupillari etate obiret, substituit ultime decederit vulgariter et per fideicommissum prefata domina Philippa Nunez eius matrem, cui [33 v]

substituit vulgariter et per fideicommissum magnificam Dominam Gratiam de Nis, sororem dicti domini testatoris, seu substituit vulgariter et per fideicommissum multum magnificum et excellentem Philosophia et Medicina doctorem dominum Gabrielem de Fonseca, nepotem ex sorore dicti domini testatoris, filios legitimos et naturales magnifici Domini Antonii Gomes Lusitani, Rome degentis, nepotes ex sorore ipsius domini testatoris, nec non dominum Philippum magnifici et excellenti domini Odoardi Lopez Rome commorantis similiter eius ex sorore nepotem, et quemlibet predictorum ut supra aequis portionibus et quatenus predictus dominus Dydacus eius filius et heres superviveret (quod Deo placeat) voluit per eum dari dote provisionis eius sororibus prout conveniens fuerit in casu matrimonii temporalis et iuxta conditionem dicti Dydaci, nec non ad placitum et particularem satisfactionem predictarum Philippe Nunez et Gratie de Nis, ac etiam magnifice domine Blance earum matris uxoris dicti domini testatoris et hec omnia et omni meliori modo.

Item dictus dominus testator declaravit et respondere mandavit ut infra vulgari sermone videlicet:

Che si restringhino quanto prima tutti gli effetti del negotio cantante in detto signor testatore e tutto si reduca e pnga (sic) in denari contanti e fin tanto che non sarà eseguito quanto sopra, canti detto negotio nel modo che canta di presente, ma ristretto che sarà il tutto, cessi e manchi detto negotio, et I denari si ponghino sopra il Monte di Pietà della città di Fiorenza o in altro luogo sicuro, a beneficio di detto erede, et in questo mentre che durerà detto negotio le sottoscrissioni (sic) che occorreranno fare si faccino dal sopradetto signore dottore Grabrielo Fonseca e dal signore Francesco Lopez Pinto et a qualunche (sic) di dette sottoscrissioni si presti fede come se fosse sottoscrizione di detto signore testatore, e così dichiara evvole (sic) in ogni meliore modo.

Tutores autem et pro debito tempore curatores predictorum suorum filiorum fecit, constituit, deputavit, et esse voluit predictam dominam Blancam eius uxorem, quatenus vidua permaneat et donec vidua steterit, nec non ipsas dominas Philippam et dominam Gratiam, praeterea predictum dominum Antonium Gomez de Urbe eius cognatum, dominum Franciscum Lopes similiter eius cognatum, Pisis degentem, dominum Franciscum Gomez de Morais Pisis commorantem, dominum Gabrielem Fonseca [33 r] et dominum Dominicum

Roderiquez de Lamego, Pisis degentem, ita ut tres ex eius cum una predictarum mulierum possint facere omnia que erunt facienda pro utilitate dictorum suorum filiorum omni meliore modo.

Et hanc dixit esse et esse velle suam ultimam voluntatem quam volere voluit iure testamenti et si iure testamenti non valeret, valeat et valere voluit iure codicillorum, seu donationius causa mortis et cuiuslibet alterius ultime voluntatis omnique olio meliori modo, cassando, invitando et annullando quecumque alia testamenta, codicillos, donationes causa mortis et quoslibet alias ultimas voluntates ab eo factas usque in presentem diem, stante semper firmo suprascripto testamento omni meliori modo, cum aliis clausulis in forma plenissima extendendis. Rogans me etc.

Archivio di Stato di Firenze, Notarile moderno, 8369, fols. 31 v-33 r.

Document 2

Ab ipsomet die 6 martii 1657

(fol. 226 r) Desiderando Vostra Signoria Illustrissima saper per honorevolezza della Sapienza de Roma alla quale come legittimo Rettore con ogni vigilanza presiese la qualità di lettori che in essa esercitano varie professioni per obedire alli suoi commani dirò di me quel che nella sua mi richiede.

Circa dunque la nascita mia dirò come io sono nato nel Regno di Portogallo nella città di Lamego nell'anno 1586⁴⁵ nel fine del mese di febraro come consta dalla fede del Batesimo che io ho, et se bene mio padre chiamato Diego Rodriguez Fonseca fosse nato nella città di Lisbona come pure mia Madre chiamata Isabella Gomez et vivessero in essa, fu però dal Re mandato a detta città di Lamego con carica di thesoriero Regio, offitio di stima, et questo in risguardo di haver li nostro antepassati servito nelle guerre con offitii honorati li Re di Portogallo per li quali servitii furono premiati con esser annoverati fra li gentilhuomini nibili di palazzo con la parte per loro et suoi descendent. Mia madre, come dico, fu gentildona et parente di un certo Antonio Fonseca che fondò una capella in San Iacomo delli spagnoli con lascita di sei dote de cinquanta scudi l'una intitolata la Resurrectione, che ancor qui in Roma vi sono molte persone che cognoscono la sua persona et nascita.

Restai in tenera età⁴⁶ senza padre di maniera che a mala pena lo conobbi et così fui subito chiamato a Pisa da un mio zio chiamato Roderigo Fonseca, lettore insigne di Medicina, che dapoi fu chiamato alla prima lettura di Medicina di Padova con salario di 1600⁴⁷ ducati dove morse (sic) di 75 anni⁴⁸, il quale è ben noto per le molte opere da lui stampate et così ben ricevute per tutto che di molte d'esse vi è già la settima edizione della qualità del quale ne (sic) (226 v) et molta stima che il Gran Duca Ferdinando ne faceva, puol esser degno testimonio il signore cavaliere del Porto che all'hora studiava in quello studio, in casa dell'Arcivescovo suo zio del qual era questo mio zio molto cordiale amico et⁴⁹ servitore.

⁴⁵ The year 1596 was crossed out and substituted with 1586.

⁴⁶ "di anni 5 in 6" added in at the margin.

⁴⁷ "1500" crossed out and "1600" added in at the margin.

⁴⁸ "75 anni" added in

⁴⁹ Illegible word crossed out.

Studiai in quello studio sette anni doppo haver atteso alle lettere humane, nella Medicina sotto l'insigne Geronimo Mercuriale, ben conosciuto per tutta l'Europa per le molte opere stampate, con grande applauso ricevute et per l'eloquenza et eruditione di che era dotato, degno zio di Illustre signore Merleno, Auditor di Rota in questa corte, parimente studiai sotto la disciplina di questo mio zio in casa del quale vivevo. Nella filosofia hebbe per Mastro il Dottor Libri fiorentino, ma principalmente Fortunio Liceti, all'hora lettore di essa in quello studio che andò a Padova et doppo esser stato a Bologna nella lettura del eminente e ritornato a Padova dove al presente legge, famoso per le sue opere.

Doppo haver finito le studi prima d'esser addorato (sic) fui honorato d'una lettura straordinaria che si legge nelle giorni di festa con obbligo però di tenere conclusioni pubbliche al fin dell'anno stampate, nelle quali mi argumentò Monsignore Ciampoli et il Dottor Nardi che fu Medico del Gran Duca et ultimamente riprese li argomenti Monsignore Arturo poveditore dello studio con grande fervore disputando sopra la filosofia di che ne era ben istruito.

Doppo esser addorato per la buona informatione che Monsignore Arturo si degnò di fare della persona mia fui honorato di una lettura prima di Logica et dipoi di Filosofia che per alcuni anni esercitai in quello studio.

Fui dipoi chiamato a Roma per Medico del signore cardinale Borgia, travagliato da diverse infermetà dove parimente servì li signori Imbasciatori di Spagna et essendo fatto Vicere di Napoli detto signore cardinale Borgia vi andai per suo medico et fui fatto protomedico generale del (227 r) Regno et hebbi una lettura di Medicina in quello studio, dove pure servì il signore cardinale Zappata, Vice Re.

Ritornando poi a Roma esercitai in essa la professione et per haver servito li Signori Imbasciatori di Spagna la Maestà Cattolica mi fece gratia della naturalezza di Spagna per un mio figlio poter ottener entrata ecclesiastica in quei Regni.⁵⁰

Servì poi la felice memoria di Papa Inocentio X, havendo prima servita la sua casa, cioè li suoi parenti da 25 anni, come pur hoggi servo tutti. Fui honorato per un mio figlio⁵¹ in quel Pontificato prima di un beneficiato di San Pietro et dappoi di un canonicato di Santa Maria Maggiore, havendoli concesso la Maestà Cattolica il brevetto maggior et hebbe ancora l'altro figlio che havea la naturalezza alcune entrate in Spagna per un breve fattimi di essa⁵² per un breve fattimi di essa et hebbe la lettura (sic).

Sono stato eletto due volte medico del conclave et nella⁵³ electione della Beata memoria di Papa Urbano e di Papa Inocentio X.

Sono stato chiamato due volte dal Gran Duca per legger a Pisa con grossa provisione et titolo di medico suo che non accettai per non lasciar Roma dove il Signore Iddio mi ha fatto contra ogni mio merito tante gratie.

Ultimamente nel conclave della felice electione del Sommo Pontifice Alessandro settimo fui chiamata (sic) a servire l'Imperatore con grossa provisione come consta per tre lettere scritte all'excellentissimo signore

⁵⁰ In the margin the year 1611 is added in at the end of fol. 226 v.

⁵¹ "per un mio figlio" added in.

⁵² "per un breve fattimi" added in at the margin.

⁵³ "della" cancelled out and corrected in the text.

cardinale Colonna ho veduto l'ultima del 1654 scritta dall'imperatore con il sigillo grande,⁵⁴ che, per trovarmi già in età grave et non mutare clyma così diverso, nè lasciar questa città temperata nella quale ricevo tanti honori et gratie non ho voluto accettare quanto partito per altro molto honorevole et utile.

Libri non ne ho stampato, se non una piccola operetta chiamata *Medici Aeconomia*. (227 v) composta nella mia gioventù, et se bene havevo messo insieme cento casi seguiti, *Consultationes febrium pestilentia que Roma grassate Sunt anno Domini 1622, quibus accesserunt nonnullae alie ex conclavi oborte anno 1623*⁵⁵ et da me vistati l'amalati di febre maligne et pestifere che seguirono l'anno 1622 con gran mortalità con l'evento et medicamente applicati aggiuntovi li scoli dove si trattava della theorica et dell'indicazione di rimedi con tuttociò non mi è parso darla in luce per non esser totalmente di mia sodisfatione. Composi parimente un libretto intitolato *Convivia Medicinalia* che pur non mi è parso darlo fuori. Lascio da parte l'altri scritti delle letioni che per non parermi migliori di quelli moderni che ultimamente hanno stampati li lascio nelle tenebre.

Circa l'autori che, nelle sue opere, mi hanno honorato è stato de forastieri Nellano Glaca Hybernese che mi scrive una epistola, lettore che fu in Bologna di Medicina nella Cathedra chiamata di Eminentia, Severino Napolitano, Antonio Santorello, de nostri il signore Giulio Cesare de Benedictis de bona memoira, il signore Sinibaldi et altri che per hora non mi sovengono.⁵⁶ Medico due volte eletto dal sacro collegio nella morte di Gregorio XV e di Urbano VIII.

Et questo è quello che con ogni sincerità et verità posso rispondere alle dimande fattemi da Vostra Signoria Illustrissima. Piaccia al Signore Iddio siano tutte le mie fatiche et corso de mia vita diretto al servizio di sua Divina Maestà come di cuore desidero et procuro con che facendoli humile riverentia li prego dal Signore il colmo d'ogni bene.

Di casa 3 di Marzo 1657.

Di Vostra Signoria Illustrissima et Reverendissima.

Devotissimo et obligatissimo Servitore

Gabriele Fonseca⁵⁷

Cartari Febei, 64, fols. 226 r-227 v, Archivio di Stato di Roma.

⁵⁴ "ho veduto l'ultima del 1654 scritta dall'imperatore con il sigillo grande" added at the bottom of the page.

⁵⁵ The title is added in as a marginal addition on fol. 227 v.

⁵⁶ "Medico due volte eletto dal sacro collegio nella morte di Gregorio XV et di Urbano VIII" added in at the bottom of the page.

⁵⁷ There is a short sentence at the end of the page added in by another hand: "Comprò la casa dove habita per? scudi 13 mila dalli Bonaventur."

BIBLIOGRAFIA

PRIMARY MANUSCRIPT SOURCES

BUSTA 56, Testamenta et Donationes ab anno 1667 usque 1672, unpaginated. Not. 30, Sez. 19, Archivio Storico Capitolino di Roma.

CARTARI FEBEI, 64, fols. 226 r-227 v, Archivio di Stato di Roma.

NOTARILE MODERNO, 8369, fols. 31 v-33 r, Archivio di Stato di Firenze.

PRIMARY PRINTED SOURCES

BERNINI, Domenico. *The Life of Gian Lorenzo Bernini by Domenico Bernini*, A Translation and Critical Edition, with introduction and commentary by Franco Mormando, 2011.

CONTE, Emanuele. (ed), *I Maestri della Sapienza di Roma dal 1514 al 1787: i rotuli e altre fonti*, Roma, Istituto storico italiano per il Medio Evo, 1991.

DOMINICIS, Claudio de. "La famiglia Fonseca di Roma." In *Strenna dei romanisti*. 1992, 159-174.

FONSECA, Gabriel da, *Medici oeconomia in quae ad perfecti medici munus attinent brevibus explanantur*, Romae, apud Andream Phaeum, 1623.

FONSECA, Rodrigo da. *Roderici a Fonseca Lusitani Olyssiponensis medicinam in Pisana Academia profitentis De calculorum remediis qui in renibus et vesica gignunt libri duo ad Sixtum quintum Pontifex maximus et felicissimus*, Roma, apud Joseph Angelum Ruffinellum, 1586.

FONSECA, Rodrigo da. *Roderici a Fonseca Lusitani Olyssiponensis medicinam in Pisana academia publice profitentis*, In *Hippocratis legem, commentarium, quo perfecti medici natura explicatur*. Romae ex typographia Titi et Pauli de Dianis fratrum, 1586,

FONSECA, Rodrigo da. *Roderici a Fonseca*. In *primum et secundum Aphorismorum librum commentaria ordine contexta, quo puncta doctoratus exponi solent*, Florentia apud Bartholomaeum Sermatellium, 1590.

FONSECA, Rodrigo da. *Roderici a Fonseca Lusitani Olyssiponensis, medicinam ordinariam in alma Pisana academia profitentis*, In *septem Aphorismorum Hippocratis libros commentaria, eo ordine contexta, quo doctoratus puncta exponi consueverunt. Quibus accessere eiusdem auctoris insingulas sententias adnotaciones, quae, non modo clariorem doctrinam reddant, verum etiam omnes ambiguitates tollant; opus cunctis artis medicae studiosis perutile ac necessarium. Tractatus de febrium acutarum et pestilentium remediis, diateticis, chirurgicis et pharmaceuticis*, Venetiis apud Franciscum de Franciscis Senenem, 1595.

FONSECA, Rodrigo da. *Roderici a Fonseca Lusitani Olyssiponensis medicinae in alma Pisana academia professoris ordinari in Hippocratis prognostica commentarii quibus universa eius doctrina in conclusiones deducitur, earumque adduntur demonstrationes ac notatu dignissima summa dicendi facilitate exponuntur. Opus cunctis artis medicae studiosis perutile ac necessarium*. Patavi apud Franciscum Bolzetam bibliopolam Patavinum, 1597.

FONSECA, Rodrigo da. *De tuenda valetudine et producenda vita liber*, Florentiae apud Bartholomaeum Sermartellium Junioem, 1602.

FONSECA, Rodrigo da. *Del conversare la sanità. Opera di Roderigo Fonseca tradotta del latino in toscano da Poliziano Mancini da Montepulciano*, In Firenze nella Stamperia di Antonio Sermartelli, 1603.

FONSECA, Rodrigo da. *De hominis excrementis*, Pisis apud Joannem Baptistam Borchetum, 1613.

GIGLI, Giacinto. *Diario di Roma, 1644-1670*, 2 vols, a cura di Manlio Barberito, Editore Colombo, Roma, 1994

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca lusitana histórica, crítica e cronológica na qual se comprehende a notícia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da ley da Graça até o tempo presente*, Lisboa, na officina de António Isidoro da Fonseca, 1741.

MARINI, Luigi Gaetano. *Degli Archiatri Pontifici vol I*, In Roma nella stamperia Pagliarini, 1784.

RENAZZI, Filippo Maria. *Storia dell'università di Roma detta comunemente la Sapienza che contiene anche un saggio storia della letteratura romana dal principio del secolo XIII sino al declinare del secolo XVIII*, vol. III, 1803.

SECONDARY SOURCES

ANDRETTA, Elisa. "Giovanni Nardi", in *Dizionario Biografico degli italiani*, vol. 77, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 2012, pp. 772-774.

ARCANGELI, Alessandro and Nutton, Vivian. *Girolamo Mercuriale: Medicina e Cultura nell'Europa del Cinquecento*, Leo S. Olschki, Firenze, 2008.

- AZEVEDO, José Lúcio de. *História dos Cristãos Novos Portugueses*, Clássica editora, Lisboa 1975.
- BARRY, Fabio. “New Documents on the decoration of Bernini’s Fonseca Chapel”, in *The Burlington Magazine*, 2004, pp. 396-399.
- CARERI, Giuseppe. *Bernini. Flights of Love, the Art of Devotion*, (Trans. Linda Lappin), University of Chicago Press, Chicago, 1994.
- COLIVA, Anna and Schütze, Sebastian. (a cura di), *Bernini scultore. La nascita del Barocco in Casa Borghese*, Edizioni de Luca, Roma, 1998.
- CONFORTI, Maria. “Medicine, History and Religion in Naples in the Seventeenth and Eighteenth Centuries”, in *Medicine and Religion in Enlightenment Europe*, eds. Ole Peter Grell and Andrew Cunningham, Ashgate, Aldershot, 2007, pp. 63-78.
- CONTARDI, Bruno. “Precisazioni sul Bernini nella Cappella Fonseca”, in *Studi di Storia dell’Arte*, 1, 1990, pp. 273-283.
- DAVIES, Jonathan. *Culture and Power. Tuscany and its Universities 1537-1609*, Brill, Leiden, 2009.
- DOBIAS, Judy. “Gian Lorenzo Bernini’s Fonseca Chapel in S. Lorenzo in Lucina”, in *The Burlington Magazine*, vol. 120, n. 899, Feb. 1978, pp. 65-71.
- DRAGONETTI, Alfonso. *Le vite degli illustri aquilani*, Francesco Perchiazzi editore, Aquila, 1847.
- FARELO, Mário Sérgio. “On Portuguese Medical Students and Masters Travelling Abroad: An Overview from the Early Modern Period to the Enlightenment”, in *Centres of Medical Excellence? Medical Travel and Education in Europe, 1500-1789*, Eds. Ole Peter Grell, Andrew Cunningham and Jon Arrizabalaga, Ashgate, Surrey, 2010, pp. 127-147.
- FERRARI, Augusto De. “Giovanni Battista Ciampoli”, in *Dizionario Biografico degli italiani*, vol. 25, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 1981, pp. 147-152.
- FIGUEIRÓA, João Manuel Vaz Monteiro de. “*A honra alheia por um fio*”: os estatutos de limpeza de sangue no espaço de expressão ibérica (sécs. XVI-XVII), Unpublished Doctoral dissertation presented at the Universidade do Minho, 2009.
- FRIEDENWALD, Harry. *The Jews and Medicine. Essays*, 2 vols, The Johns Hopkins Press, Baltimore, 1944.
- FRATTARELLI FISCHER, Lucia. “Gli ebrei, il principe e l’Inquisizione” in Michele Luzzati (ed), *L’Inquisizione e gli ebrei in Italia*, Laterza, Bari, 1994, pp. 217-231.
- FRATTARELLI FISCHER, Lucia. “Cristiani nuovi e nuovi ebrei in Toscana fra Cinque e Seicento. Legittimazioni e percorsi individuali”, in Pier Cesare Ioly Zorattini, (ed), *L’identità dissimulata. Giudaizzanti iberici nell’europa cristiana dell’età moderna*, Leo Olschki, Firenze, 2000, pp. 99-149.
- FRATTARELLI FISCHER, Lucia. “Ebrei a Pisa e Livorno nel Sei e Settecento tra Inquisizioni e garanzie granducali”, in *Le Inquisizioni cristiane e gli ebrei. Tavola rotonda nell’ambito della conferenza annuale della ricerca. (Roma, 20-21 dicembre 2001)*, Accademia Nazionale dei Lincei, Rome, 2003, pp. 253-295.
- FRATTARELLI FISCHER, Lucia. “Il principe, i nuovi cristiani e gli ebrei”, in *Vivere fuori dal Ghetto. Ebrei a Pisa e Livorno (secoli XVI-XVIII)*, Zamorani, Torino, 2008, pp. 15-68.
- FRATTARELLI FISCHER, Lucia. “Strategie di insediamento”, in *Vivere fuori dal Ghetto. Ebrei a Pisa e Livorno (secoli XVI-XVIII)*, Zamorani, Torino, 2008, pp. 69-136.
- HERCULANO, Alexandre. *History of the Origin and Establishment of the Inquisition in Portugal*, Prolegomenon by Yosef Hayim Yerushalmi, Translated by John C. Branner, Ktav, New York, 1972.
- IOFRIDA, Manlio. “La filosofia e la medicina (1543-1737)”, in *Storia dell’università di Pisa, vol. 1, 1343-1737*, Pacini editore, Pisa, 1993, pp. 289-338.
- MARANGONI, Barbara. “Un medico portoghese nello studio di Pisa Rodrigo Fonseca”, in *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650esimo anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Edizioni ETS, Pisa, 1994, pp. 209-221.
- MARCOCCI, Giuseppe. *I custody dell’ortodossia. Inquisizione e chiesa nel Portogallo del Cinquecento*, Edizioni di Storia e Letteratura, Roma, 2004.
- MATEUS, Susana Bastos and Nelson Novoa, James. “De Lamego para a Toscana: o périplo do médico Pedro Furtado, cristão-novo português”, in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n °5, 2006, pp. 313-338.

- MATEUS, Susana Bastos and Nelson Novoa, James. "A Sixteenth Century Voyage of Legitimacy. The Paths of Jácome and António da Fonseca from Lamego to Rome and Beyond", in *Hispania Judaica*, 2012 (in print).
- NELSON NOVOA, James. "I procuratori dei cristiani nuovi a Roma e i retroscena dei privilegi di Cosimo de Medici di 1549", in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n. 10-11, 2011, pp. 281-296.
- NELSON NOVOA, James. "From the Eternal City to the Sublime Gate: The FONSECAS of Lamego betwixt and between Rome and the Ottoman Empire", in *Oriente Moderno*, (in print).
- NELSON NOVOA, James. "Unicorns and bezoars in a Portuguese house in Rome: António da Fonseca's Portuguese inventories", in *Agora, Estudos Clássicos em Debate*, 14.1, 2012, (in print).
- MORMANDO, Franco. *Bernini. His life and his Rome*, University of Chicago Press, Chicago, 2011.
- OLIVAL, Fernanda. "Rigor e interesses: os estatutos de limpeza de sangue em Portugal", in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 4, 2004, pp. 151-182.
- ONGARO, Giuseppe. "Fortunio Liceti", in *Dizionario Biografico degli italiani*, vol. 65, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 2005, pp. 69-73.
- ONGARO, Giuseppe. "Girolamo Mercuriale" in *Dizionario biografico degli italiani*, vol. 73, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 2009, pp. 620-625.
- PETRUCCI, Armando. "Carlo Cartari", *Dizionario Biografico degli Italiani*, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 1977, pp. 783-786.
- RAU, Virgínia. "Alguns estudantes e eruditos portugueses em Itália no século XV", in *Do Tempo e Da Historia*, 5, 1972, pp. 29-99.
- RÉVAH, Israel Salvador. 'Les Marranes', in *Revue des Études Juives*, 3.1.118 (1959-1960): pp. 29-77.
- ROTH, Cecil. *A History of the Marranos*, Jewish Publication Society of America, Philadelphia 1941.
- SARAIVA, António José. *The Marrano Factory. The Portuguese Inquisition and its New Christians 1536-1765*, (Herman Prins Salomon and I.S.D. Sassoon eds), Brill, Leiden, 2001.
- SICROFF, Albert A. *Los Estatutos de limpieza de sangre: controversias entre los siglos XV y XVII*, Taurus, Madrid, 1985.
- SIRAISI, Nancy G. "History, Antiquarianism and Medicine: The Case of Girolamo Mercuriale", in *Journal of the History of Ideas*, vol. 64, num. 2, 2003, pp. 231-251.
- STUMPO, Enrico. "Carlo Antonio dal Pozzo", in *Dizionario Biografico degli italiani*, vol. 32, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 1986, pp. 202-204.
- STUMPO, Enrico. "Cassiano da Pozzo iunior", in *Dizionario Biografico degli italiani*, vol. 32, Istituto della enciclopedia italiana, Roma, 1986, pp. 209-213.
- VOLPI ROSSELLI, Giuliana. "I portoghesi nell'ateneo pisano in epoca medicea (1543-1737)", in *Toscana e Portogallo. Miscellanea storica nel 650esimo anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Edizioni ETS, Pisa, 1994, pp. 117-132.
- VOLPI ROSSELLI, Giuliana. "Il corpo studentesco, i collegi e le accademie", in *Storia dell'università di Pisa*, vol. 1, 1343-1737, Pacini editore, Pisa, 1993, pp. 367-468.
- WITTKOWER, Rudolph. *Bernini. The Sculptor of the Roman Baroque*, New Photographs by Pino Guidolotti, Phaidon Press, New York, 1997.
- ZUCCARI, Alessandro/Maciocce, Stefania, (eds). *Innocenzo X Pamphili, Arte, e potere a Roma nell'Età Barocca*, Logart press, Cassa di Rismparmio di Roma, 1990.

D. JERÓNIMO OSÓRIO E O *DE GLORIA*: UM *BEST-SELLER* EUROPEU DE QUINHENTOS¹

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

Centro de Línguas e Culturas
Universidade de Aveiro

RESUMO

Este texto faz uma abordagem ao tratado *De gloria* do humanista português D. Jerónimo Osório, referindo, também, alguns aspetos da vida do autor. No que se refere ao texto, aborda-se a questão das suas edições, a opção pelo diálogo, a escolha do local e data e, ao nível estilístico, apresenta-se uma amostragem da utilização das cláusulas métricas.

PALAVRAS-CHAVE

D. Jerónimo Osório; *De gloria*; diálogo; cláusulas métricas.

ABSTRACT

This paper presents an approach to the treatise *De gloria* by the Portuguese humanist D. Jerónimo Osório; some aspects of the author's life are also raised. With regard to the text, the matter of its editions is addressed as well as the option for dialogue and the choice of place and date. With regard to the stylistic level, a sample of the use of metric clauses is presented.

KEYWORDS

D. Jerónimo Osório; *De gloria*; dialogue; metric clauses.

¹ Este trabalho, sob uma nova roupagem e com alguns acrescentos, aborda diversos aspetos da nossa tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: João Manuel Nunes Torrão, *D. Jerónimo Osório e o tratado De gloria*. I. Estudo. II. Edição Crítica. Coimbra, 1991 (tese de doutoramento policopiada). As referências que surgirem serão feitas mediante a indicação do tomo e do número da página.

ASPETOS DA VIDA

D. Jerónimo Osório (1514 ou 1515-1580) terá sido, na altura, um dos portugueses mais conhecidos na Europa culta. De facto, as suas obras, além de serem numerosas, tiveram um número de edições extraordinário e, além disso, a maior parte dessas edições veio a lume fora de Portugal².

A data do seu nascimento tem estado envolta em alguma polémica com alguns autores a defenderem o ano de 1506, baseando-se, essencialmente, nas referências à sua morte encontradas num passo da sua *Vita*³ escrita pelo sobrinho homónimo e outros a pugnarem pelo ano de 1514 (ou mesmo 1515) ancorando-se num outro episódio dessa mesma *Vita*. A primeira data é a mais encontrada em enciclopédias e foi defendida também, numa fase inicial, por Joaquim Veríssimo Serrão⁴ e depois por Henrique Castelo Madeira⁵ e ainda hoje, numa rápida pesquisa na internet é esta a data mais encontrada para o nascimento. A segunda foi defendida, em primeiro lugar por Luís de Matos⁶, a que se seguiu Léon Bourdon⁷; mas tarde, Sebastião Tavares de Pinho⁸ também a defende e nós próprios acabámos por aduzir alguns argumentos em seu favor⁹. Mais recentemente, no seguimento de outros trabalhos onde esta temática também é abordada¹⁰, António Guimarães Pinto volta a defender a colocação da data de nascimento entre 1514 e 1515¹¹ e, de facto, para nós, a data mais provável é mesmo finais de 1514 ou mesmo o início de 1515.

O HUMANISTA

D. Jerónimo Osório, para além de sacerdote, e, mais tarde, bispo de Silves (depois, Algarve), foi também humanista (com especial gosto pela controvérsia) e educador e, além disso, revelou-se

² Sobre esta temática veja-se o estudo de Francisco Leite de Faria, "As muitas edições de obras de D. Jerónimo Osório": *Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 1 (1981) 116-131.

³ A *Vita* aparece inserida em Hieronymi Osorii Lusitani Episcopi Algarbiensis, *Opera Omnia*. Hieronymi Osorii Nepotis Canonici Eboensis Diligentia. Romae, Ex Bibliotheca Georgii Ferrarii, MDXCII. Veja-se uma tradução portuguesa em: D. Jerónimo Osório, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*. Tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, [1996] 33-64.

⁴ Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, "Portugueses no Estudo se Salamanca (1250-1550)": *Revista da Faculdade de Letras*, III série, Lisboa, n. 5 (1962).

⁵ Cf. Henrique Castelo Madeira, *Jerónimo Osório, pedagogo e moralista cristão à luz da obra De regis institutione et disciplina*. Roma, tese dactilografada, 1970.

⁶ Luís de Matos, "La place du possessif dans le *De rebus Emmanuelis gestis* de Jerónimo Osório": *Mélanges de philologie, de littérature e d'histoire anciennes offerts à J. Marouzeau par ses collègues et élèves étrangers*. Paris, 1948.

⁷ Cf. Léon Bourdon, "Jerónimo Osório et Stanislas Hosius —(1565-1678)": *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, XXIII, (1958) 1-105.

⁸ Sebastião Tavares de Pinho, "Poética e poesia em D. Jerónimo Osório": *Humanitas*, 35 36 (1983-84), 221-270.

⁹ Veja-se a nossa tese de doutoramento acima referida, *maxime* I, 19-29.

¹⁰ D. Jerónimo Osório (1996), 68, n. 17.

¹¹ D. Jerónimo Osório, *Opera Omnia I. Paráfrases a Job e à Sabedoria de Salomão*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra-Universidade do Algarve, [Portugaliae Monumenta Neolatina vol. IV], 2009, 9

também uma pessoa com particular interesse pela política nacional da altura e, por coincidência, acaba por morrer no fatídico ano de 1580, tal como Camões.

Aquele que viria a ser Bispo de Silves revelou-se um escritor com grande fecundidade e, além disso, as suas obras tiveram na altura uma vastíssima difusão quer em termos nacionais quer, de modo particular, na Europa, revelando-se aquilo a que hoje chamaríamos, sem qualquer hesitação, um *best-seller*. De facto, a sua vasta obra, que teve um número muito elevado de edições, como teremos oportunidade de pormenorizar para uma obra em concreto, reúne, segundo a contagem de Leite de Faria¹², vinte e seis títulos, embora talvez seja preferível contar apenas vinte e cinco, se não contarmos os extratos de uma obra como um título autónomo. De todas estas obras foram editadas em vida treze e as restantes só vieram a lume em 1592, em Roma, na edição dos *Opera omnia*. A sua primeira obra a ser editada foi o *De nobilitate civili et christiana*, em 1542, seguida do *De gloria*, cuja edição *princeps* é de 1549.

Esta obra apresenta uma riqueza temática muito assinalável, indo desde os tratados filosófico-teológicos até à poesia, passando ainda pela exegese bíblica, pela história, pela epistolografia e pela controversia.

De acordo com as informações que o seu sobrinho deixou expressas, o humanista

Sendo indisputável a superioridade do seu latim, decidiu empenhar todas as suas forças em reparar o dano que resultara de há muito se terem perdido, por injúria do tempo, os livros que Cícero escrevera acerca da Glória, da República e da Consolação. Razão que o moveu a redigir, em Coimbra, o livro *Sobre a Glória*, e muitos anos depois o livro *Sobre a Ensinança do Rei*. Acerca da Consolação, porém, assentou que ele, por si só, nada poderia acrescentar, em substância e subtileza, àquele santo livro de Job, todo ele envolto num cendal de sentenças misteriosas; e foi assim que, servindo-se daquele género literário que, usando uma palavra grega, chamamos paráfrase, o verteu para latim e comentou.¹³

Como é óbvio, não se pode pretender encontrar nestas obras uma reconstituição dos textos de Cícero, mas antes uma composição adequada ao século XVI europeu das temáticas gerais que o Arpinate teria abordado nessas suas obras perdidas. De facto, D. Jerónimo Osório, que era conhecido como o ‘Cícero Português’, sem deixar de plasmar nestas obras todo o seu profundíssimo conhecimento da obra de Cícero, não deixou de incorporar também de forma profunda as ideias da atualidade que ele entendia serem as melhores sobre cada um dos assuntos a tratar e onde não poderiam faltar as ligações profundas à religião católica que ele professava e defendia, como sacerdote e como bispo. A este nível, de modo algum lhe poderia ser atribuída a fama ambígua e, seguramente, maliciosa, que acompanhou Pietro Alcyonio, autor de um diálogo intitulado *Medicis legatus*

¹² Cf. Op. cit.

¹³ Tradução de A. Guimarães Pinto em D. Jerónimo Osório (1996), 38.

sine de exilio. De facto, alguém pôs a circular o boato de que ele teria encontrado um manuscrito de Cícero que, depois de copiado, teria sido destruído para apagar qualquer rasto de plágio.¹⁴

Não seria nunca este o caso no que se refere a D. Jerónimo Osório.

O DE GLORIA

Centremo-nos, agora, no *De gloria*. Tendo sido a segunda obra do nosso autor, foi a obra que mais divulgação teve na sua forma latina original — vinte e nove edições¹⁵ se também contabilizarmos a edição bilingue saída em Lisboa em 2006¹⁶ — e, se tivermos em atenção também as traduções e a publicação de excertos fica em terceiro lugar, logo depois do *De nobilitate* e do *De regis institutione et disciplina*¹⁷.

Das suas vinte e nove edições na forma latina original, treze vieram a lume em vida do autor — a *princeps*, como já vimos, em 1549, em Coimbra e as três últimas em Londres em 1580¹⁸, ano da morte do autor e as restantes em Florença (1552), Alcalá (1568, 1572), Basileia (1571, 1573, 1576), Colónia (1576), Bilbao (2 edições em 1578). A sua divulgação pela Europa foi de tal maneira grande que Tom Earle não hesita em colocar esta obra entre as três obras portuguesas que considera terem tido mais sucesso em Inglaterra, entre 1540 e 1640, nomeadamente através dos exemplares existentes em Oxford e Cambridge¹⁹. Na realidade, não se trata só do *De gloria* já que, por norma, o *De nobilitate* sempre lhe aparece associado, surgindo em segundo lugar na edição (as exceções são as edições de 1552 em que surgem edições autónomas e, mais tarde, em 1792, de Coimbra, em que a ordem aparece invertida).

Além das edições que estão documentadas e que aparecem referidas no estudo de Leite de Faria já mencionado, Barbosa Machado fala na existência de mais quatro — Basileia (1556), Colónia (1577

¹⁴ Sobre este assunto, veja-se M.-M. de la Garanderie, *Christianisme et lettres profanes (1515-1535). Essai sur les mentalités des milieux intellectuels parisiens et sur la pensée de Guillaume Budé*. Lille, 1976, 113-114.

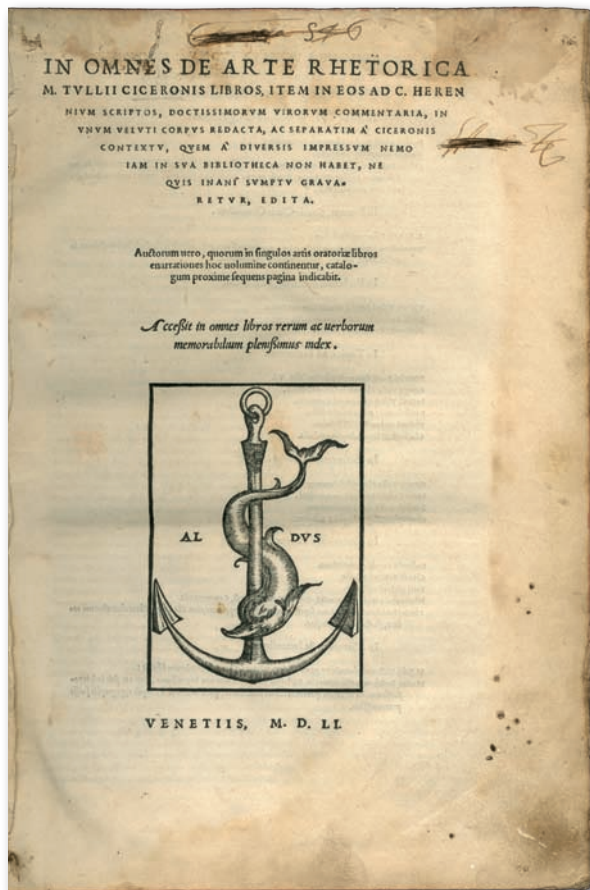
¹⁵ Não contabilizámos a edição feita por nós em 1991, já que está apenas policopiada, nem a primeira tradução portuguesa desta obra, publicada só em 2005 — D. Jerónimo Osório, *Tratado da Glória*. Tradução, introdução e anotações de A. Guimaraes Pinto. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005 — uma vez que não incorpora o texto latino.

¹⁶ D. Jerónimo Osório, *Tratado De Gloria*. Edição crítica de João Nunes Torráo. Coordenação e introdução de António Moniz. Tradução do texto latino e notas de António Moniz, Manuel Naia da Silva, Maria Leonor Santa Bárbara e Maria Alcina dos Mártires Lopes. Lisboa, Edições Colibri, 2006.

¹⁷ Veja-se Francisco Leite de Faria, op. cit.

¹⁸ Estas três edições, sendo autónomas, em termos factuais, aparentam pertencer a uma mesma impressão já que, salvaguardando a folha de rosto, as diferenças são mínimas entre elas. Fica-se com a clara sensação de que se tratou de uma impressão custeada por três patrocinadores diferentes que se terão unido para baixar os custos da edição, modificando apenas a folha de rosto.

¹⁹ Tom Earle, "Three Portuguese Best-Sellers in Early Modern Oxford and Cambridge, with a finding list": Teresa Pinto Coelho (ed.), *The Treaty of Windsor (1386) and 620 Years of Anglo-Portuguese Relations*. 2006. O texto e a respetiva informação bibliográfica foram encontrados na internet: o primeiro em: http://www.mod-langs.ox.ac.uk/files/windsor/4_earle.pdf e em http://www.mod-langs.ox.ac.uk/events/port/windsor/4_earle.pdf (últimas consultas em 28.12.2012) e a segunda em: <http://www.mod-langs.ox.ac.uk/earle> (última consulta em 28.12.2012).



57

e 1594) e Paris (1608) —, embora só mencione sete das vinte e oito que Leite de Faria refere. Este último autor não aceita a existência de nenhuma destas quatro edições já que, nas suas palavras “a primeira não existiu certamente pois a obra não se imprimiu em Basileia antes de 1571, como se lê no prólogo da que nesse ano aí se publicou” e as outras “não as encontrei, nem sequer mencionadas por quem me infunda confiança e por isso duvido muito de que tenham existido”²⁰. Embora, no geral, aceitemos os argumentos de Leite de Faria, pomos a hipótese séria de ter existido, pelo menos, a edição de Colónia de 1577. De facto, no estudo que realizámos na nossa tese de doutoramento, chegámos à conclusão de que, em termos de transmissão textual, há fortíssimas probabilidades de dois conjuntos de edições estarem dependentes desta hipotética edição de Colónia²¹.

O DIÁLOGO

De todas as obras de D. Jerónimo Osório só três — e precisamente aquelas em que ele tentou ‘reparar o dano’ da perda de obras de Cícero — foram escritas em forma dialogada, ainda que, no caso de *Paraphrasis in Iob* estejamos perante uma situação particular e bastante afastada dos dois exemplos anteriores já que a forma dialogada desta obra

tem forçosamente de estar associada à natureza do original de que é uma paráfrase.

Ora o diálogo, que aparece desde muito cedo na literatura clássica, não chegou a apresentar dentro dessa mesma literatura um enquadramento teórico que permita que se fale, de forma absoluta, em género literário. De facto, só em 1562, é que Carlo Sigonio²², por sinal colega de Jerónimo Osório na sua primeira estada em Itália, ‘teoriza’ sobre o diálogo, mas limitando-se a elaborar *a posteriori* as normas que a sua observação permitiu encontrar em Platão, Xenofonte e Cícero, mas aplicando também à sua ‘teorização’ as ideias defendidas por Aristóteles, atendendo a que era impossível verificar a prática do Estagirita já que as suas obras dialogadas se tinham perdido.

²⁰ Cf. op. cit. 122.

²¹ Sobre este assunto, veja-se a nossa tese de doutoramento, *maxime* l.47-51.

²² Caroli Sigoni, *De dialogo liber*. Venetiis, Jordanum Ziletum, MDLXII.

Há, realmente, na Antiguidade, uma prática do diálogo que passa por autores como Platão, Xenofonte, Ésquino, Aristóteles, Plutarco e Luciano, na Grécia. Já em Roma, é a figura de Cícero que sobressai, embora também possamos falar de Varrão, de Séneca e de Tácito. E se é verdade que não havia leis estabelecidas e, por isso, cada autor tinha a liberdade de poder adaptar o discurso dialógico às suas próprias necessidades de expressão, também não deixa de ser evidente que não estamos perante uma liberdade absoluta atendendo, nomeadamente, ao facto de já Cícero falar em *mos dialogorum*²³ e em *consuetudo dialogorum*²⁴.

Esta longa prática do diálogo aparece consubstanciada em duas grandes opções que correspondem a duas maneiras de o encarar: uma, praticada sobretudo por Platão, a que J. Andrieu²⁵ chama ‘dialogue dramatique’ — diálogo dramático; a outra, seguida por Aristóteles e por Cícero, a que o mesmo autor chama ‘dialogue en récit’ ou também ‘dialogue narratif’ — diálogo narrativo. Um e outro permitem ainda um diálogo em segundo grau, isto é, um outro diálogo dentro da intervenção de uma das personagens e que pode ser apresentado em situações diversas.

O diálogo da Antiguidade, seguramente com influência do pendor confessional e autobiográfico de Séneca e de Marco Aurélio, acaba depois por evoluir, em Santo Agostinho, para o solilóquio e, só mais tarde, no Renascimento, volta a ser recuperado, começando, naturalmente, pela Itália e daí irradiando para os outros países europeus.

Em Itália, poderemos dizer que é Petrarca o primeiro que começa a assumir o diálogo clássico, embora a sua obra ainda esteja a meio caminho entre o solilóquio de Santo Agostinho e o diálogo ciceroniano. Será, pois, Leonardo Bruni a apresentar de maneira mais evidente as características do diálogo do Arpinate e, depois, vamos ainda encontrar Lorenzo Valla, Poggio Bracciolini, Leon Battista Alberti, Nicolau de Cusa, Pietro Bembo, Castiglione, e muitos outros. Mas também fora de Itália o diálogo foi largamente cultivado. A título de exemplo, poderemos falar de Erasmo, Tomás Moro, Margarida de Navarra, Alfonso de Valdés, Juan de Valdès, Michel Servet, Étienne Dolet, Leão Hebreu, Luísa Sigeia, Francisco de Holanda, Frei Amador Arrais, João de Barros, Garcia da Orta e, como já dissemos, D. Jerónimo Osório.

Como teve oportunidade de mostrar, ainda que de forma muito breve, A. Guimarães Pinto²⁶, a obra do nosso autor enquadra-se, embora de forma relativa, nos preceitos que o seu colega e amigo Carlo Sigonio só haveria de apontar em edição de 1562, mas, que, com grande probabilidade, teriam sido assunto de discussão neste grupo de amigos.

²³ *Fam.* 9.8.1.

²⁴ *Brutus* 218.

²⁵ J. Andrieu, *Le dialogue antique. Structure et présentation*. Paris, 1954, 285-286.

²⁶ D. Jerónimo Osório (2005), 13-19.

O autor vai, pois, utilizar o diálogo e fá-lo, a nosso ver, por várias razões, mas em que sobressaem duas. A primeira é de ordem didática e é apontada pelo próprio autor quando diz:

Vt autem id commodius efficerem, uenit in mentem mihi complecti his libris ea quae quondam de gloria et dignitate, in sermone quodam a me cum hominibus amicissimis habito, cum essem Bononiae, uersata sunt. In quo sermone multa sunt adducta quae totius gloriae uim atque rationem facilius aperient²⁷

‘Ora a fim de mais acomodadamente poder levar a cabo este intento, ocorreu-me encerrar nestes livros aqueles assuntos que outrora foram versados acerca da glória e da dignidade em certo diálogo, que, quando me encontrava em Bolonha, mantive com varões muito meus amigos. Neste diálogo apresentaram-se muitas matérias que revelarão com maior clareza a essência e modo de ser de toda a glória.’²⁸

A segunda, embora não seja apresentada formalmente, também a conseguimos descortinar no texto osoriano. De facto, o autor começa por apontar a ambiguidade da glória dizendo que o seu desejo pode levar o homem a dois caminhos antagónicos: o caminho do bem e o caminho do mal. Ora, se isto é assim, tem toda a lógica apresentar estes dois caminhos através de uma estrutura literária que possibilite de forma clara a apresentação dos prós e dos contras de cada um para ver se é possível chegar a uma conclusão. Para isso, nada melhor do que o diálogo já que este, através da utilização de diferentes personagens, permite pôr em confronto as visões diferentes do tema que está em discussão.

Mas estamos perante um diálogo especial já que o autor, mais do que um verdadeiro diálogo, apresenta, para sermos exatos, uma sequência de monólogos, intercalados, aqui e ali, por alguns pequenos diálogos. Se quiséssemos utilizar o enquadramento que Jacqueline Ferreras²⁹ deu ao diálogo ficaríamos a hesitar entre duas opções:

à primeira chama ‘diálogo fechado com uma discussão aparente’ e aí uma personagem funciona como porta-voz do autor e concede aos seus interlocutores uma relativa capacidade dialética; e, embora o leitor se aperceba da intenção e posição do autor, os interlocutores têm a capacidade de exprimirem as suas objeções, ainda que sempre numa relação do género mestre discípulo, já que a personagem do autor aparece sempre numa relação de autoridade;

à segunda dá o nome de ‘diálogo fechado baseado na discussão’ e nele os diversos interlocutores apresentam visões diferentes sobre o assunto em discussão e acabam por evoluir para uma posição intermédia.

²⁷ Atendendo a que a nossa edição crítica publicada em 2006 acompanhada de tradução (D. Jerónimo Osório (2006)) apresenta alguns problemas (pontuais, no texto, e bastante complicados no aparato crítico), faremos as citações do texto osoriano pela nossa tese de doutoramento, já referida anteriormente. Veja-se, no caso presente, II. 7.

²⁸ Para os textos do *De gloria*, utilizaremos a tradução de A. Guimarães Pinto. Cf. neste caso, D. Jerónimo Osório (2005) 30-31.

²⁹ Jacqueline Ferreras, *Les dialogues espagnols du XVIIe siècle ou l'expression littéraire d'une nouvelle conscience*. Lille-Paris, 1985, 1058 e seguintes.

No entanto, o *De gloria* acaba por não coincidir exatamente com nenhuma destas classificações, apresentando antes um conjunto de elementos de ambas. Assim, parece preferível enquadrar esta obra numa espécie de opção intermédia que foi defendida por Peter Burke³⁰, a partir da obra de J. Ferreras, e a que chama ‘disputation’ em que ‘ são apresentados diferentes pontos de vista, mas um dos oradores está destinado a vencer, de maneira mais ou menos subtil’. De facto, a posição de Osório fica muito clara desde o início, mas isso não impede a apresentação de argumentos de sentido contrário pelos dois outros intervenientes, Agustín e Matal, sem que, em qualquer momento, exista uma relação de mestre-discípulo. Além disso, a discussão, por vezes acalorada, não vai caminhar para uma posição intermédia, antes vai levar a que todos concordem com a posição inicial de Osório ainda que, naturalmente, ela tenha sido bastante desenvolvida ao longo da discussão e, se assim se pode dizer, apareça apresentada, pelo menos de forma aparente, sob um outro ângulo.

O *De gloria* aparece dividido em cinco livros, mas esta estrutura externa não tem uma correspondência muito rigorosa com a estrutura interna. De facto, a mudança de livro não fica a dever-se a grandes pausas e, em rigor, só a divisão do livro terceiro para o livro quarto, se justificaria plenamente já que coincide com o fim da intervenção de Agustín contra a glória e o início da contra-argumentação de Osório.

Ao nível da estrutura interna, vista a um nível geral, poderemos considerar três etapas:

1. A dedicatória a D. João III; 2. O enquadramento do diálogo; 3. O diálogo propriamente dito e depois, já dentro do diálogo, a posição inicial de Osório a favor da glória, a forte argumentação de Agustín defendendo a posição contrária e, finalmente, a contra-argumentação do português para defender o seu ponto de vista.

A dedicatória a D. João III aparece de forma autónoma na edição de 1549, sob a forma de epístola, mas, a partir de 1552, aparece enquadrada no texto geral a abrir o livro primeiro. Poderá ser dividida em três partes: a primeira que engloba uma visão genérica do tema da glória, apontando as vantagens e inconvenientes e a razão de ser de uma obra que aborde esta temática; a segunda é a dedicatória propriamente dita a D. João III; a terceira faz um elogio das qualidades do rei português.

O enquadramento do diálogo apresenta dois grandes tópicos: começa pela referência ao local, primeiro de uma forma genérica, remetendo para a cidade de Bolonha, e depois de maneira um pouco mais concreta, ainda que indefinida, apontando para uma casa de campo nos arredores da cidade, de seguida há a indicação e a apresentação das personagens: Antonio Agustín, Jean Matal e o próprio autor, embora o autor pouco diga sobre si próprio.

Como já dissemos, o diálogo propriamente dito, para além da posição inicial de Osório a favor da glória, poderá ser dividido em duas enormes secções: a primeira em que se faz o ataque à glória

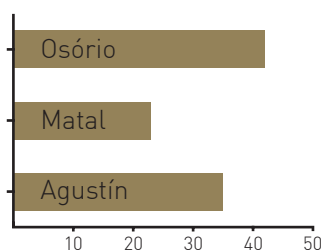
³⁰ Peter Burke, “The Renaissance dialogue”: *Renaissance Studies. Journal of the Society for Renaissance Studies* 3.1 (1989) 1-2.

e que é, basicamente, protagonizada por Agustín; e a segunda em que a glória é defendida e que tem como principal interveniente Jerónimo Osório. Contudo, estas duas secções não são estanques nem exclusivas já que a primeira, que ocupa os dois primeiros livros, contempla também, como já vimos, a defesa da glória feita por Osório e a segunda, que preenche os três livros restantes, também admite uma entrada em cena de Jean Matal com ataques à glória, mas termina num consenso generalizado sobre as vantagens da glória no contexto em que ela é apresentada pelas últimas intervenções de Osório.

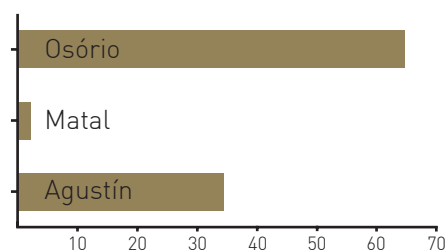
Mencionámos acima que o autor, mais do que um verdadeiro diálogo, apresenta uma sequência de monólogos. Vejamos agora em que nos baseamos para fazer essa afirmação.

O diálogo apresenta oitenta e três (83) intervenções, sendo trinta e cinco (35) na primeira pessoa (Jerónimo Osório) e quarenta e oito (48) na terceira pessoa — vinte e nove (29) à conta de Agustín e dezanove (19) pertencentes a Matal. Estes dados permitem-nos ver que estamos, claramente, perante um diálogo em que prevalece a primeira pessoa, que, de forma clara, aparece a orientar a discussão. Mas estes elementos tornam-se ainda mais evidentes se contabilizarmos não apenas o número de intervenções mas também o espaço atribuído a cada interveniente. Não sendo possível cronometrar as intervenções de cada um, façamos essas contas através do número de linhas que as respetivas falas ocupam na obra. Nesta perspetiva, verificamos que Jerónimo Osório ocupa 3244 linhas³¹, que Agustín se espraia por 1680 linhas e que Matal se limita a apenas 90 linhas. Em percentagem, se considerarmos o número de intervenções, Osório aparece com 42%, Agustín com 35% e Matal com 23%, mas se olharmos para o espaço dessas mesmas intervenções, a situação é a seguinte: Osório sobe para 64,5%, Agustín desce, ligeiramente, para 33,5 % e Matal cai de forma drástica para menos de 2%.

Intervenções



Espaço



³¹ Seguimos, como é óbvio, a nossa edição crítica e as linhas incompletas foram contadas como linhas inteiras.

DE REBVS,
EMMANVELIS REGIS LV.
SITANIÆ INVICTISSIMI VIRTUTE
ET AVSPICIO GESTIS LIBRI
DVODECIM.



Auctore Hieronymo Osorio
EPISCOPO SYLVENSI.



OLYSIPPONE.
Apud Antonium Gondifaluū Typographum.

Anno Domini, M. D. Lxxj.

CVM PRIVILEGIO REGIO.

Montorio. wntesojunferencia o d. com



Como aspetos curiosos, assinalem-se ainda os seguintes: a intervenção mais longa da obra tem setecentas e setenta e uma (771) linhas e pertence a Jerónimo Osório; há onze (11) intervenções que ultrapassam as cento e cinquenta (150) linhas; e a intervenção mais longa de Matal tem apenas ... quinze (15) linhas.

Estes números permitem-nos, no mínimo, duas conclusões:

em primeiro lugar, e com grande relevância, a importância assumida por Osório com bastante mais de metade de todo o texto da obra;

em segundo lugar, o apagamento claro de Matal que surge assim com um papel claramente secundário deixando que Osório fique, na prática, apenas com um adversário, Antonio Agustín.

Matal, de facto, quase se limita a assistir ao diálogo entre os outros dois e a quebrar a monotonia das suas longas intervenções com incisivos que, regra geral, se ficam por três ou quatro linhas. É ainda sintomático que as suas intervenções mais longas se situem na altura em que o tema que está em discussão não é a glória, mas antes a edição crítica das *Pandectas*. De qualquer modo, a sua última intervenção um pouco mais longa — oito (8) linhas — acaba por introduzir o tema da humildade cristã em oposição à glória e, com isso, a discussão que estava prestes a terminar, pois Agustín já se dava por vencido, acaba por se reavivar³².

Acabámos de dizer que Matal serve, basicamente, para quebrar a monotonia das longas intervenções e o próprio autor parece ter-se apercebido desse problema já que optou por introduzir alguns interlocutores fictícios nas intervenções das suas personagens. Assim, Agustín, na tentativa de melhor defender as suas posições, põe a intervir alguns homens desejosos de glória para contradizerem as posições de Osório. Esta intervenção adquire uma grande vivacidade já que Agustín não se limita a introduzi-los, antes os apresenta, põe-nos a falar, corta-lhes a palavra para interpelar diretamente Osório, dá-lhes novamente a palavra, interrompe-os de novo para fazer um resumo do que eles poderiam dizer, volta a pô-los a falar e termina com nova interpelação a Osório³³.

Mais tarde, e novamente numa intervenção de Agustín, vamos encontrar um outro interlocutor fictício na pessoa de um amante e defensor dos duelos. Neste caso, trata-se de um animadíssimo despique verbal em que o defensor desta forma de luta advoga vigorosamente a sua causa, enquanto Agustín vai introduzindo novos argumentos com frases que não chegam a atingir uma linha para concluir com uma longa descrição de um duelo em que, através da acumulação de uma série de aspetos negativos, fica clara uma inequívoca condenação deste género de combate³⁴. Este repúdio pelo duelo vai ser, mais tarde, corroborado por Jerónimo Osório.

³² Il.194.

³³ Il. 56-59.

³⁴ Il. 74-78.

Mas os homens desejosos de glória vão voltar a aparecer, desta vez numa intervenção de Osório. De facto, como Agustín os pôs a falar diretamente com o português, este vai reservar-lhes também uma resposta pessoal.

Um outro aspeto que merece uma referência especial é o papel do riso nesta obra. De facto, se tivermos em atenção que estamos perante uma obra que se enquadra, de algum modo, no campo filosófico e que apresenta um conjunto de argumentos de raízes bíblicas e teológicas, não estaríamos à espera que o riso surgisse com esta abundância. Na realidade, por onze vezes, a intervenção de uma personagem é introduzida pelos participípios presentes *ridens*³⁵ e *arridens*³⁶ — cinco (5) vezes para Agustín e três (3) para cada um dos outros, para além de uma situação de riso generalizado, apresentada com a forma verbal *arrisimus*³⁷ e na qual há uma reminiscência clara de um texto ciceroniano³⁸.

Pensamos que este aspeto é utilizado propositadamente por Osório para dar maior verosimilhança ao seu texto. De facto, os três interlocutores são três estudantes relativamente jovens (o mais velho, de acordo com o ano em que a obra é situada — 1542 — é Jerónimo Osório e teria cerca de vinte e oito anos) que, além disso, aparecem classificados como *amicissimi*, pelo que não é de estranhar que se divirtam e brinquem uns com os outros.

O LOCAL E A DATA

Um número significativo de textos em diálogo apresenta com particular cuidado o local onde os interlocutores se reúnem e o enquadramento temporal em que o diálogo se realiza.

Neste caso, porém, o autor não se preocupou muito com a identificação do local nem do tempo em que esta conversa se realizou, mas, mesmo assim, sempre foi deixando alguns elementos que nos permitem ficar com uma ideia aproximada.

O local aparece referido logo no início de uma forma muito vaga — *in suburbano quoddam*³⁹ — havendo, um pouco mais à frente, uma pequena explicitação — *huius loci amoenitate*⁴⁰. Só muito mais tarde, já no livro quarto, nos são dadas mais algumas informações que situam os interlocutores em um lugar com flores, possivelmente, um jardim, e com bastante sombra obtida através de videiras entrelaçadas com ulmeiros

³⁵ Il.21; Il.24; Il.55; Il.70; Il.82; Il.86; Il.143; Il.145; Il.152.

³⁶ Il.12; Il.94.

³⁷ Il.21.

³⁸ *De oratore* 2.29-30.

³⁹ Il.11 — 'em certa casa de campo dos arrabaldes'.

⁴⁰ Il.11 — 'a amenidade deste lugar'.

in his saltem sedibus floridis et amoenis, inter has ulmos tam suis frondibus quam adiunctis
uitibus totum hunc locum opacantes⁴¹.

‘nestes lugares floridos e aprazíveis, entre estes olmos que sombreiam todo este sítio tanto com
as suas frondes como com as vides que os cingem.’⁴²

Como é óbvio, temos de ter em atenção que estamos, naturalmente, perante a descrição de um
típico *locus amoenus*⁴³ e, por isso, não terá de haver uma coincidência muito rigorosa entre o local
descrito e a realidade, mas isso não pode anular a descrição que é feita e, sobretudo, a opção do
autor por escolher esta e não outra.

Sublinhe-se a escolha de um local perto de Bolonha — com a sua grande atividade cultural —,
mas, em simultâneo, um lugar aprazível e fora da cidade para poder mostrar o afastamento dos três
interlocutores dos seus afazeres habituais.

No que ao tempo diz respeito, vamos também encontrar alguma indefinição, mas também
alguns pormenores que nos permitem tirar algumas conclusões.

A ação é colocada depois da vinda de Agustín e de Matal da cidade de Florença o que nos leva
para depois da janeiro de 1942 e tem de se situar antes do regresso a Portugal de Osório, o que terá
acontecido em meados desse mesmo ano. Já vimos também, através da descrição do *locus amoenus*,
que teremos de avançar para a primavera e não ficarmos situados no inverno já que não haveria
flores nem videiras e ulmeiros frondosos.

Além disso, o próprio texto nos vai dar, pela positiva ou pela negativa, mais algumas indicações.
Assim, o diálogo não apresenta pausas que justifiquem uma mudança de dia nem sequer o tempo
para tomar uma refeição e a conversa termina quando já era noite:

Nox enim nos, ut uidetis, nec opinantes oppressit⁴⁴
‘É que a noite, como vedes, surpreendeu-nos desprevenidos’.⁴⁵

Tinha havido, aliás, já no livro quinto, uma tentativa de Osório de adiar o resto da discussão
para o dia seguinte porque já se estava a aproximar a hora do pôr do sol:

Sed partim quod arbitrer aures uestras iam audiendo defessas esse, partim quod solem praecipit-
tantem aspicio, hac extrema parte nunc supersedere constitui. Si placet igitur perorationem in alium
diem reseruemus⁴⁶

⁴¹ Il.152-153.

⁴² D. Jerónimo Osório (2005) 169.

⁴³ Veja-se o estudo sobre este tópico, em que se fala sobretudo da Idade Média, mas em que não se deixa de lado a Antiguidade: E. R. Curtius, *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter*. Bern, 1948 [Trad. port.: *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro, 1957], *maxime* 200-205.

⁴⁴ Il. 202.

⁴⁵ D. Jerónimo Osório (2005) 213.

⁴⁶ Il. 177.

‘Mas, em parte porque penso que os vossos ouvidos já estão fatigados de escutar, em parte porque vejo o Sol a declinar, decidi abster-me por agora desta última parte. Por isso, se vos apraz, deixemos a peroração para outro dia.’⁴⁷

Esta ideia não é aceite já que Agustín não a aprova com o argumento de que, se o dia não fosse suficiente, a discussão se poderia prolongar pela noite dentro:

Nos autem non audiendo defessi, ut inquis, sed ualde oblectati sumus, et sermonem nostrum, si dies non suffecerit, possumus in multam etiam nocte producere.’⁴⁸

‘Além disso, nós não estamos fatigados de escutar, conforme dizes, mas sobretudo encantados, e, se o dia não chegar, também podemos prolongar a nossa conversa pela noite fora.’⁴⁹

Parece-nos, pois, que fica claro que a conversa teve lugar num dia de primavera e que decorreu numa tarde, tendo entrado, ainda, pelo início da noite.

O ESTILO: AS CLÁUSULAS MÉTRICAS

Osório ficou conhecido como o ‘Cícero português’ e há até um episódio narrado na sua vida que aponta nesse sentido:

‘Nesta cidade [Bolonha], aconteceu que, andando ele uma ocasião a passear, como é costume, acompanhado por pessoas da terra e por estudantes, houve alguém que, ao vê-lo, disse aos seus acompanhantes, apontando com o dedo para Osório.

— Vede e olhai para alguém que, se quiser, ressuscitará Cícero de entre os mortos.’⁵⁰

Osório levou este episódio tão a peito que aprofundou o seu estudo das obras do Arpinate e acabou por compor os seus livros de forma a que fica bastante clara a influência do escritor latino.

De facto, quer no estilo quer no vocabulário quer nas referências torna-se evidente que estamos perante um admirador e um seguidor de Cícero.

Deixemos de lado, neste momento, as influências textuais⁵¹ e abordemos uma outra situação.

Na verdade, um leitor de Osório ao envolver-se no seu período longo e elaborado, enriquecido por uma linguagem sinonímica e, por vezes, tautológica, verifica que há uma preocupação rítmica na construção do discurso. Além disso, a justaposição de orações coordenadas ou a sequência de

⁴⁷ D. Jerónimo Osório (2005) 191.

⁴⁸ II.177.

⁴⁹ D. Jerónimo Osório (2005) 191.

⁵⁰ D. Jerónimo Osório (1996) 37.

⁵¹ Veja-se o nosso trabalho sobre esta temática em I. 259-303.

subordinadas e a própria disposição sintagmática na frase obedecem a uma simetria tão perfeita que toma os longos períodos de um fácil entendimento e de uma harmonia rítmica difícil de reproduzir em tradução vernácula e todos estes aspetos apontam claramente para Cícero.

Além disso, é ponto assente que os autores renascentistas tinham consciência da utilização da prosa métrica por Cícero e, em menor grau, por outros autores latinos, nomeadamente César, Salústio, Tito Lívio e, mais tarde, Séneca, Plínio, o Moço, Apuleio, Suetónio, entre outros.

Não é, pois, de estranhar que as cláusulas métricas ciceronianas⁵², que tanta fortuna teriam, mesmo ao longo da Idade Média, como por exemplo na obra de Santo Agostinho⁵³, tenham merecido de Osório um tratamento especial⁵⁴.

Iremos utilizar apenas uma amostragem, mas os elementos que, de seguida, apontamos parecem-nos mais do que suficientes para demonstrar que Osório faz uma utilização consciente deste processo estilístico tão ao gosto do Arpinate. De facto, seria fastidioso fazer o levantamento das cláusulas métricas para a totalidade do *De gloria*. Por esse motivo, as indicações que fornecemos dizem respeito, apenas, ao **livro primeiro**.

Limitar-nos-emos, também, a considerar as cláusulas finais, isto é, aquelas que estão seguidas de uma pontuação forte, nomeadamente o ponto final, o ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação e, ainda, os dois pontos.

Muitas foram as cláusulas encontradas: mas também deparámos com alguns passos em que não conseguimos identificar nenhuma; além disso, em um ou outro caso, nem sequer a variante dos *cursus* foi possível aplicar. É de assinalar, no entanto, que encontramos, com alguma frequência, cláusulas que, para Cícero, seriam consideradas medíocres, nomeadamente a heroica e as que incluem o dactilo como primeiro elemento.

No livro primeiro, encontramos quatrocentos e trinta e três finais, e só vinte e cinco não apresentam nenhuma cláusula das habitualmente utilizadas; destes vinte e cinco, porém, cinco ainda se apresentam sob a forma de *cursus*.

Encontrámos um total de quatrocentas e oito (408) cláusulas e ainda cinco (5) *cursus*. Vejamos agora a frequência de cada uma das cláusulas: **dispondeu**— setenta e cinco vezes; **dicoreu** — cinquenta e nove vezes; **crético-espondeu** — trinta e seis vezes; **heroica** — trinta e cinco vezes; **espondeu-crético** — trinta e três vezes; **duplo crético** — vinte e cinco vezes; **espondeu-dicoreu** — vinte e cinco vezes; **iambo-espondeu** — vinte e uma vezes; **espondeu-péon 1.º** — vinte vezes;

⁵² Serviu de guia ao nosso trabalho neste aspeto: L. Laurand, *Études sur le style des discours de Cicéron avec une esquisse de l'histoire du 'cursus'*. Tome II. Paris, 1926, 156 e ss.

⁵³ Como se sabe, há até um estudo dedicado à análise das cláusulas em uma das obras de Santo Agostinho: Graham Reynolds, *The clausulae in the Civitate Dei of St. Augustine*. Washington, 1924.

⁵⁴ Breves considerações sobre o tema em Henrique Castelo Madeira, *Hieronymus Osorius Lusitanus, praeclarus litterarum humanarum cultor eius-que opus De gloria dictum*. Romae, 1968, 76 e 79-80.

péon 1.º-espondeu — dezasseis vezes; **crético-iambo** — onze vezes; **crético-dicoreu** — onze vezes; **péon 4.º-espondeu** — dez vezes; **troqueu-péon 1.º** — oito vezes; **crético-dispondeu** — sete vezes; **dáctilo-péon 1.º** — sete vezes; **dáctilo-crético** — seis vezes; **crético-péon 1.º** — cinco vezes; **iambo-crético** — três vezes; **dáctilo-tríbraco-espondeu** — três vezes; **espondeu-péon 4.º** — duas vezes; **péon 1.º-crético** — uma vez; **cursus uelox** — três vezes; **cursus dispondiaico** — uma vez; **cursus tardus** — uma vez.

Como se vê, Osório deu larga preferência às cláusulas constituídas pela repetição de um pé: **dispondeu, dicoreu e duplo crético**. É de salientar, no entanto, a vasta utilização da cláusula heroica, embora esta fosse considerada medíocre por Cícero e, por consequência, pouco recomendada o seu uso. Registemos, por último, o facto de as restantes cláusulas, que, na ótica de Cícero, eram consideradas medíocres (genericamente, as que englobavam o dáctilo), terem na obra de Osório uma utilização muito restrita.

É evidente que esta utilização repetida das cláusulas métricas não surge por mero acaso. Julgamos até que ela encontra a sua justificação em duas ordens de fatores. O primeiro, que, em princípio, terá atuado a nível inconsciente, está relacionado com o profundo conhecimento que Osório tinha de toda a obra de Cícero e do ritmo da sua linguagem. A segunda tem a ver com o seu desejo de imitar o Arpinate, nomeadamente através da reconstituição das suas obras perdidas. Ora, como o *De gloria* era uma das obras desaparecidas de Cícero, a sua reconstituição deveria passar, em termos formais, por uma imitação fiel dos processos estilísticos do grande tratadista romano, já que, ao nível ideológico, Osório assume, conscientemente, a rutura imposta pelo correr dos séculos e a afirmação dos valores do cristianismo em que o nosso humanista se baseia.

CONCLUSÕES

Do que foi dito facilmente se conclui que D. Jerónimo Osório foi um dos humanistas portugueses mais conhecidos na Europa do seu tempo já que as suas obras tiveram múltiplas edições e enorme circulação. No caso concreto do *De gloria*, o autor conseguiu fazer jus ao nome pelo qual era conhecido, ‘Cícero Português’, já que pelo estilo utilizado, pela assunção do diálogo, pelas reminiscências textuais e até pela especificidade da utilização das cláusulas métricas, alcançou concretizar um texto que, não podendo ser confundido com um texto original do Arpinate, dada a envolvimento ideológica e epocal com que Osório o enforma, apresenta muitos paralelos com os textos do autor de uma das épocas mais grandiosas da literatura latina.

BIBLIOGRAFIA

- CAROLI SIGONI, *De dialogo liber*. Venetiis, Jordanum Ziletim, MDLXII.
- CÍCERO, *Brutus* (J. Martha) Paris, 1966.
- CÍCERO, *Ad familiares*. (L.C. Purser), Oxonii, 1901 [num. reimpr.]
- D. JERÓNIMO OSÓRIO, *Opera Omnia I. Paráfrases a Job e à Sabedoria de Salomão*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra-Universidade do Algarve, [Portugaliae Monumenta Neolatina vol. IV], 2009.
- D. JERÓNIMO OSÓRIO, *Tratado da Glória*. Tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- D. JERÓNIMO OSÓRIO, *Tratado De Gloria*. Edição crítica de João Nunes Torráo. Coordenação e introdução de António Moniz. Tradução do texto latino e notas de António Moniz, Manuel Naia da Silva, Maria Leonor Santa Bárbara e Maria Alcina dos Mártires Lopes. Lisboa, Edições Colibri, 2006.
- D. JERÓNIMO OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*. Tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, [1996].
- E. R. CURTIUS, *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter*. Bern, 1948 [Trad. port.: *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro, 1957].
- FRANCISCO LEITE DE FARIA, “As muitas edições de obras de D. Jerónimo Osório”: *Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 1 (1981) 116-131.
- GRAHAM REYNOLDS, *The clausulae in the Civitate Dei of St. Augustin*. Washington, 1924.
- HENRIQUE CASTELO MADEIRA, *Hieronymus Osorius Lusitanus, praeclarus litterarum humanarum cultor eiusque opus De gloria dictum*. Romae, 1968.
- HENRIQUE CASTELO MADEIRA, *Jerónimo Osório, pedagogo e moralista cristão à luz da obra De regis institutione et disciplina*. Roma, tese dactilografada, 1970.
- HIERONYMI OSORII LUSITANI Episcopi Algarbiensis, *Opera Omnia*. Hieronymi Osorii Nepotis Canonici Eborensis Diligentia. Romae, Ex Bibliotheca Georgii Ferrarii, MDXCII.
- J. ANDRIEU, *Le dialogue antique. Structure et présentation*. Paris, 1954.
- JACQUELINE FERRERAS, *Les dialogues espagnols du XVIe siècle ou l'expression littéraire d'une nouvelle conscience*. Lille-Paris, 1985.
- JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO, *D. Jerónimo Osório e o tratado De gloria*. I. Estudo. II. Edição Crítica. Coimbra, 1991 (tese de doutoramento policopiada).
- JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO, “Portugueses no Estudo se Salamanca (1250-1550)”: *Revista da Faculdade de Letras*, III série, Lisboa, n. 5 (1962).
- L. LAURAND, *Études sur le style des discours de Cicéron avec une esquisse de l'histoire du 'cursus'*. Tome II. Paris, 1926.
- LÉON BOURDON, “Jerónimo Osório et Stanislas Hosius —(1565-1678)”: *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, XXIII, (1958) 1-105.
- LUÍS DE MATOS, “La place du possessif dans le De rebus Emmanuelis gestis de Jerónimo Osório”: *Mélanges de philologie, de littérature e d'histoire anciennes offerts à J. Marouzeau par ses collègues et élèves étrangers*. Paris, 1948.
- M.-M. DE LA GARANDERIE, *Christianisme et lettres profanes (1515-1535). Essai sur les mentalités des milieux intellectuelles parisiense et sur la pensée de Guillaume Budé*. Lille, 1976.
- PETER BURKE, “The Renaissance dialogue”: *Renaissance Studies. Journal of the Society for Renaissance Studies* 3.1 (1989).
- SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO, “Poética e poesia em D. Jerónimo Osório”: *Humanitas*, 35 36 (1983-84), 221-270.
- TOM EARLE, “Three Portuguese Best-Sellers in Early Modern Oxford and Cambridge, with a finding list”: Teresa Pinto Coelho (ed.), *The Treaty of Windsor (1386) and 620 Years of Anglo-Portuguese Relations*. 2006: http://www.mod-langs.ox.ac.uk/files/windsor/4_earle.pdf e http://www.mod-langs.ox.ac.uk/events/port/windsor/4_earle.pdf e ainda <http://www.mod-langs.ox.ac.uk/earle>.

ARTE MÉDICA: BREVE OLHAR SOBRE ALGUNS IMPRESSOS QUINHENTISTAS E SEISCENTISTAS DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

JÚLIO MANUEL RODRIGUES COSTA

CITCEM - Fac. Letras, Universidade do Porto
CMP - Biblioteca Pública Municipal do Porto

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo primordial contribuir para a divulgação do livro médico, considerado em sentido lato (medicina, matéria médica, história natural, ...), impresso em prelos quinhentistas e seiscentistas e atualmente pertencente às coleções patrimoniais da Biblioteca Pública Municipal do Porto. A abordagem apresentada privilegia a enumeração e a reflexão de conjunto sobre um núcleo de fontes impressas relevantes para a história da medicina em Portugal e na Europa (incluindo livros médicos de autores portugueses, judeus ou cristãos-novos na diáspora), enfatizando alguns cimélios emblemáticos. Referem-se ainda marcas de posse e antigos possuidores, bem como manifestações de censura literária em alguns destes impressos.

PALAVRAS-CHAVE

Livro médico (sécs. XVI e XVII); Medicina renascentista; Antigos possuidores; Censura literária; Biblioteca Pública Municipal do Porto

ABSTRACT

The aim of this work is mainly to contribute for the disclosure of some medical books, here considered in a wide sense (medicine, materia medica, natural history, ...), printed in sixteenth and seventeenth centuries and currently belonging to the heritage collections of Oporto Municipal Public Library. The approach focuses on a listing and a reflection about a set of relevant printed sources for the history of medicine in Portugal and Europe (including medical books of Jewish physicians of the 'Portuguese Nation' in diaspora), giving emphasis to some representative and rare books. Identifying marks and previous owners are also mentioned, as well as demonstrations of literary censorship in some of these printed books.

KEYWORDS

Early modern medical books; Renaissance medicine; Previous owners; Literary censorship; Oporto Municipal Public Library

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Em Portugal e sensivelmente até ao último quartel do século XX, a história da medicina foi escrita por um punhado de distintos autores, quase todos médicos, e registada numa bibliografia pioneira, hoje algo restrita e exangue¹; salvo uma ou outra exceção, as novas correntes metodológicas na historiografia da medicina e o novo modelo, complexo e interdisciplinar, da história do livro² só nas últimas duas a três décadas começaram a merecer a atenção e o labor de investigadores oriundos de várias áreas: medicina, mas também filosofia, história, sociologia, linguística, ciências exatas e aplicadas, arte, documentação e bibliotecas. Porque depositárias da maioria das fontes primárias do saber médico, as bibliotecas assumem um papel basilar para o conhecimento da especificidade do livro médico e da sua inteligibilidade, numa perspetiva histórica.

A Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP) possui um relevante – em termos quantitativos e qualitativos – acervo patrimonial de diversas tipologias incluindo manuscritos e incunábulos³. O seu fundo de livro antigo é seguramente um dos maiores do país englobando várias dezenas de milhares de espécies bibliográficas, entre as quais pontuam obras de medicina impressas em prelos estrangeiros (maioritariamente) e portugueses. Não obstante os expressivos progressos verificados nos últimos anos no domínio da catalogação retrospectiva, a grande maioria das espécies quinhentistas e seiscentistas da BPMP não estão ainda processadas bibliograficamente, achando-se apenas referenciadas muito sucintamente em catálogos manuscritos. Tal lacuna obriga necessariamente a compulsar estes instrumentos de pesquisa num processo algo moroso, por vezes intrincado, que dificulta o acesso à informação. Um dos méritos do projeto “Humanismo, Diáspora e Ciência”⁴ – resultante de oportuna parceria entre a Universidade de Aveiro / Centro de Línguas e Culturas e o Município do Porto / Biblioteca Pública Municipal – consistiu, precisamente, na elaboração de um

¹ É, todavia, de inteira justiça realçar os trabalhos pioneiros de Maximiano Lemos, Ricardo Jorge, Joaquim Alberto Lima, M. Ferreira de Mira e Luís de Pina, ainda hoje textos de referência muito úteis para a história da medicina em Portugal.

² Uma excelente síntese sobre as perspetivas mais recentes na historiografia do livro e do saber médico, abordando o panorama nacional e internacional, encontra-se em COSTA, Palmira Fontes da – Os livros e a ordem do saber médico: perspectiva historiográfica. In COSTA, Palmira Fontes da ; CARDOSO, Adelino (org.) – *Percursos na história do livro médico: 1450-1800*. Lisboa: Colibri, 2011. P. 13-32.

³ Embora extravasando o âmbito cronológico deste texto registre-se, no que aos impressos concerne, que a BPMP possui um pequeno mas valioso núcleo de prototipografia médica. A biblioteca portuense guarda textos quatrocentistas importantes, alguns deles agrupados em *Articellas*. Hipócrates está bem representado por sete títulos; entre estes, destacaríamos os famosos *Aphorismi* (Veneza, 1492) e a edição Florentina, 1494, das *Sententiae* comentada por Galeno. Deste último autor, que canonizou a conhecida doutrina dos humores, pode-se consultar a influente *Ars medica* (Veneza, 1492). O legado do conhecimento árabe está presente em Avicena (*De animalibus* e em vários comentários a outros textos seus por autores latinos) e, sobretudo, na obra mais famosa de Avenzohar, *Tajsir fi 'l-mudāwāt wa 't-tadbir* (Veneza, 1496) e no conhecido *Colliget*, de Averróis (tradução latina do *Al-Kulliyat ft AlTibb*, também em edição veneziana de 1496). Entre outros incunábulos médicos existentes, mencionem-se ainda duas edições venezianas do *Breviarium medicinae*, ambas de 1497 e, da Escola Médica de Salerno, o *Regimen sanitatis salernitanum*, de 1500.

⁴ Iniciativa desenvolvida no âmbito do projeto de investigação “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, financiado pela FCT (PTDC/CLE-LLI/101238/2008), que tem promovido a realização de vários ciclos de conferências, a tradução de fontes documentais e publicação de textos, centrados na obra do insigne médico albicastrense explorando, complementarmente, saberes e confluências entre história, literatura e ciência.

catálogo balizado temática e cronologicamente e que, não sendo exaustivo (nem poderia ser, nas circunstâncias), contribui para minorar os obstáculos acima referidos no que concerne à adequada descrição catalográfica e divulgação pública destes fundos, em suporte gráfico e eletrónico.

Neste enquadramento, circunscrevo o meu trabalho a um levantamento e seleção de obras de medicina que aqui considero em sentido lato, isto é, num amplo abraço que congregou a matéria médica e abrangeu, entre outros, ramos do conhecimento como a botânica, zoologia, química e história natural. Também não foi esquecida, antes salientada, a estreita ligação existente entre medicina e filosofia na partilha de afinidades e na procura mútua de um mesmo quadro de inteligibilidade⁵. Deparei-me, naturalmente, com dificuldades e exigências de investigação e pesquisa (levantamento de cotas, localização das espécies, compulsando, quase sempre, as obras *in manu* e elaborando as correspondentes referências bibliográficas) inerentes a uma tarefa que se veio a revelar de alguma envergadura até porque condicionada pelo parco tempo disponível. De todo o modo, creio ter conseguido compilar uma amostra significativa e representativa de obras de arte médica (e das mais disciplinas e letras que com esta outrora dialogaram e interagiram) que integram o fundo patrimonial da BPMP e contribuir, de algum modo, para a sua divulgação.

A abordagem que aqui apresento privilegia a enumeração e a reflexão de conjunto sobre um relevante núcleo de impressos médicos, quinhentistas e seiscentistas, da BPMP, em detrimento de uma análise mais fina da historiografia do livro e do saber médico ou de aspetos mais particulares ou multidisciplinares relacionados com a *ars medica* que serão evidenciados com proficiência por outros especialistas em ensaios apresentados nesta publicação. Salvo quando expressamente indicado em contrário, todos os autores, títulos e edições que refiro no texto integram os fundos patrimoniais da BPMP e a maioria consta referenciada bibliograficamente no catálogo também apresentado neste volume.

2. IMPRESSOS PORTUGUESES

A produção tipográfica em Portugal no séc. XVI foi, como se sabe, reduzida quando comparada com a abundância de títulos e exemplares dados à estampa em prelos europeus. No que concerne à *ars medica* e como já foi assinalado⁶, os livros quinhentistas impressos em oficinas tipográficas

⁵ Sobre a estreita ligação entre filosofia e medicina, veja-se, por exemplo, CARDOSO, Adelino – Filosofia e inteligibilidade médica. In *Arte médica e imagem do corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII*. Lisboa: BNP, 2010. P. 15-30. Esta afinidade é bem patente em vários textos de autores médicos como António Luís (15-- -1565) ou Francisco Sanches (ca1551-1623), só para mencionar dois portugueses bem conhecidos.

⁶ Refiro-me ao estudo de MACEDO, Jorge Borges de – Livros impressos em Portugal no século XVI: interesse e formas de mentalidade. Paris: FCG, 1975. P. 212. Sep. de: *Arq. Centro Cultural Português*, 9. Vários catálogos entretanto publicados por diversas bibliotecas portuguesas, recensando exemplares quinhentistas de produção tipográfica nacional, têm confirmado globalmente muitos dados apresentados neste estudo alicerçado na *Bibliografia* de Anselmo e Proença. Em suma: em Portugal e ao longo de todo o séc. XVI, terão sido apenas publicados cerca de 20 títulos relativos a questões médicas (excluindo neste número lições impressas destinadas ao ensino universitário), o que atesta bem a

nacionais foram reduzidíssimos, sendo muito escassos os existentes na BPMP. Neste período, a influência galénica manteve-se pujante, assim como a estreita ligação dos autores médicos portugueses com a tradição do comentário aos textos das *auctoritates*, em detrimento da observação empírica. A título de exemplo, António Luís, médico patologista e conhecedor da língua grega, traduziu e comentou para latim vários escritos de Hipócrates, Galeno e Avicena, tendo igualmente desempenhado papel importante na reforma da Universidade promovida por D. João III; deste erudito professor de medicina na Universidade de Coimbra, possui a BPMP, encadernadas num mesmo volume, as seguintes obras editadas em Lisboa: *Problematum libri quinque*, 1539, *De occultis proprietatibus...* e *De re medica opera...*, ambas impressas em 1540.

Na área a que hoje chamaríamos de higiene ou saúde pública, refira-se o impresso *Recopilacam das cousas que conuem guardar se no modo de preseruar a cidade de Lixboa...*, resultante do relatório dos médicos espanhóis Tomás Álvares e Garcia de Salcedo y Coronel e elaborado aquando da epidemia de peste que devastou Lisboa em 1569. Elencando as providências mais adequadas para prevenir, atenuar e tratar o contágio de pestilências e compilando prescrições relativas à profilaxia individual e coletiva, esta publicação – de certo modo, atípica para a época, porque muito baseada na observação e na experiência – veio a merecer no séc. XIX o relevo e o encómio científico de Ricardo Jorge⁷. Desta obra, possui a biblioteca portuense duas edições: a primeira de 1569 (rara) e a impressão de 1580.

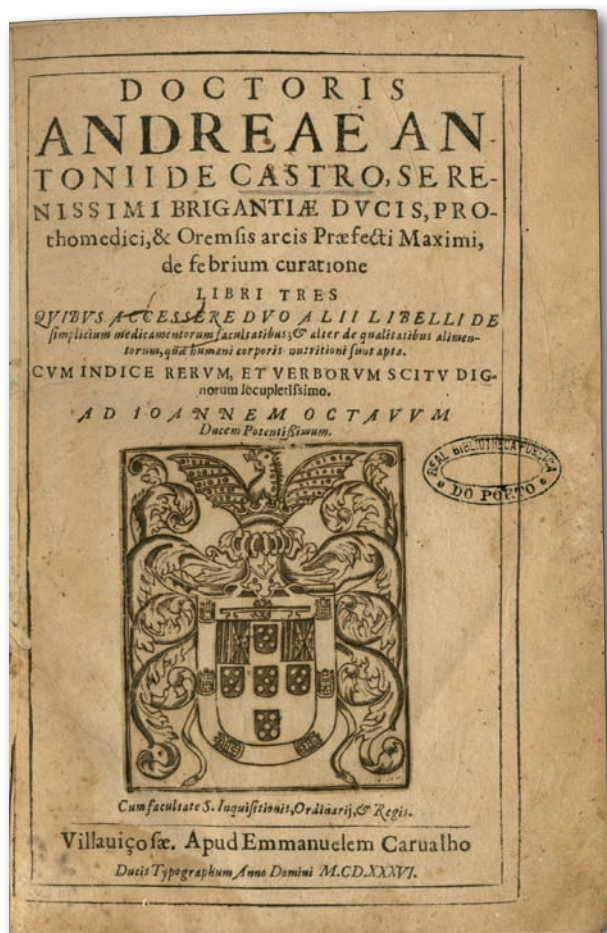
Merecedora de atenção e estudo, até pela sua extrema raridade (apenas conhecemos 2 exemplares e, infelizmente, o da BPMP está mutilado na página de rosto), é a obra *Brevis disceptatio medica in qua quaedam objecta diluuntur*, da autoria de Jorge de Sá Sotomaior; muito pouco se sabe sobre o autor e nada sobre este texto médico que não ostenta qualquer local, nome do impressor ou data de edição, mas que conjecturamos ter sido impresso nos primeiros anos da década de 50 da centúria de Quinhentos⁸, provavelmente em Coimbra.

Durante o século XVII e relativamente ao século anterior, são já mais numerosas na BPMP as obras médicas saídas dos prelos nacionais. A maioria delas ainda imbuída da doutrina clássica, nomeadamente da vulgata galénica, mas algumas afluindo já os novos tempos e avanços científicos. A crença na astrologia e astronomia e a sua influência sobre o organismo humano, continuam bem presentes em trabalhos como *Polymathia exemplar...*, 1666, do almadense Manuel Gomes Galhano Lourosa que se apresenta, em vários dos seus almanaques que conheceram larga circulação em

exiguidade editorial neste domínio. O conhecimento médico no Portugal de Quinhentos está essencialmente dependente da importação de livros produzidos nos principais centros tipográficos europeus como, de resto, é bem patente nos fundos da BPMP.

⁷ JORGE, Ricardo – *Hygiene social applicada à Nação Portuguesa: conferências feitas no Porto*. Porto: Civilização, 1885. P. 16.

⁸ Agradecemos a João Torrão e a António Andrade, professores e investigadores do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, a preciosa tradução de alguns excertos desta obra o que nos permitiu a sua contextualização temporal e aventar uma datação plausível.



51

Portugal no 3º quartel de Seiscentos, como “licenciado, médico, filósofo, matemático e astrólogo lusitano” ou no *Epitome das noticias astrologicas para a Medicina*, 1670, do trinitário António Teixeira.

As doutrinas de Hipócrates e Galeno estão presentes em obras como *Commentaria in librum Galeni: De ratione curandi per sanguinis missionem*, 1608, de Jerónimo Nunes Ramires, *Methodus medendi* de Francisco Vallés de Covarrubias, 1666, *Practica medica* de 1668, do professor da Universidade de Coimbra e médico real Tomás Rodrigues da Veiga ou a difundida *Luz da Medicina pratica, racional e methodica*, aqui numa reimpressão de 1686, de Francisco Morato Roma, que alguns autores consideram precursora da enfermagem em Portugal. Entreveem-se, pontualmente, algumas notas dissonantes da tradição do comentário textual. A crítica a Galeno e ao uso excessivo do procedimento da sangria encontram-se bem patentes na obra do médico espanhol Gonzalo Bustos de Olmedilla, *El monstruo horrible de Grecia, mortal inimigo del hombre*, impressa na Capital do Reino, em 1675, a partir da edição valenciana de 1669. Também censurando a sangria, mas contrapondo e enaltecendo o uso dos purgantes, Manuel de Azevedo faz publicar em 1690 a *Correcçam de abusos introduzidos contra o verdadeiro methodo da Medicina*.

A higiene é, sem dúvida, uma das áreas da medicina mais cultivadas no séc. XVII, estando a peste no centro das preocupações como se constata pelos títulos diretamente dedicados a esta temática e pela inclusão deste assunto em tratados de outras disciplinas médicas. Refiram-se, nesta área, o tratado de Fernando Rodrigues Cardoso, *Tractatus de sex rebus non naturalibus* (1602), o de André António de Castro, *De febrium curatione... De simplicium medicamentorum... De qualitatibus alimentorum...* (1636), este último um interessante estudo de bromatologia, o *Tratado da peste* (1680) de João Curvo Semedo e a coletânea *Fasciculus medicus practicus* de António Soares de Faria numa edição deslandiana de 1700.

Sobre patologia médica e especificamente sobre as doenças venéreas, releve-se o extenso tratado sobre a sífilis de Duarte Madeira Arrais, *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico*, de 1642. Do célebre cirurgião do Hospital de Todos os Santos, António da Cruz, possui a biblioteca duas edições (a 6ª de 1661 e a 7ª de 1669, ambas impressas em Lisboa) do tratado *Recopilaçam de cirurgia*, muito

utilizado no ensino dos estudos cirúrgicos. A difundida obra de Pietro Bairo, *De medendis humani corporis malis enchiridion...*, está presente numa edição latina impressa em Coimbra no ano de 1689. Os primórdios da flora médica portuguesa descortinam-se na cientificamente algo incipiente, mas popular publicação (conhecem-se, pelo menos, 4 edições no séc. XVII, igual número na centúria seguinte e uma edição oitocentista) *Desengano para a Medicina ou Botica para todo o pay de famílias...*, do médico alemão Gabriel Grisley, aqui presente na edição de Lisboa de 1690.

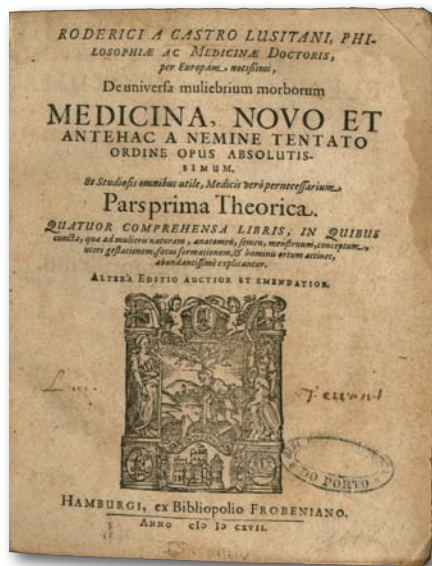
No domínio da medicina tropical, João Ferreira da Rosa descreve, pela primeira vez, a febre-amarela, aventando algumas medidas profiláticas e meios de terapêutica, no *Trattado unico da constituição pestilencial de Pernambuco*, impresso em Lisboa na oficina de Miguel Manescal em 1694. A hidrologia médica está representada pela obra pioneira de António Pires da Silva, *Chronographia medicinal das Caldas de Alafoens* (1696) e do precursor da medicina química portuguesa, João Curvo Semedo, possui a biblioteca o seu estudo mais conhecido e influente, *Polyanthea medicinal*, numa edição deslandiana de 1697. Uma última menção para a peculiar obra de Rafael Bluteau, *Instrução sobre a cultura das amoreiras & criação dos bichos da seda...*; impressa em 1679, a primeira publicação portuguesa sobre sericultura apresenta um claro pendor instrutivo e pedagógico, demonstrando o seu autor as vantagens do cultivo de amoreiras e da criação de bichos-da-seda no que hoje enquadraríamos no ramo da zootecnia específica.

3. O LIVRO MÉDICO E A 'NAÇÃO PORTUGUESA'

Aqui chegados, não poderíamos deixar de mencionar os proeminentes médicos portugueses da diáspora – judeus ou cristãos-novos como, aliás, muitos outros vultos da ciência do seu tempo – que, trilhando os tortuosos caminhos do desterro ou vivendo e praticando a sua arte médica nas principais cidades europeias e aí editando as suas obras, alcançaram merecido reconhecimento e projeção além-fronteiras.

Desde logo e em lugar cimeiro, Amato Lusitano⁹. O grande médico português foi poliglota, viajou pela Europa e privou com importantes personalidades da época. Um seu biógrafo, Max Salomon, considerou-o como “o Homem que representa a Medicina do século XVI, como erudito, anatomista e clínico”. Participou, com o seu talento e erudição, no estudo e comentários à obra de Dioscórides que, à época, foi objeto de um renovado interesse e estudo por vários autores. Possui a BPMP o comentário de Amato ao tratado grego *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia ...*, numa das variantes da edição latina de Lyon de 1558 que tem a particularidade de ser ilustrada com

⁹ A bibliografia, nacional e internacional, sobre Amato Lusitano é já bastante extensa; refira-se, a título de exemplo, a detalhada compilação de PITA, João Rui ; PEREIRA, Ana Leonor – Escritos maiores e menores sobre Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI: Cadernos de Cultura* [Em linha]. 17 (2003) 6-17 [Consultado em 28 out. 2012]. Disponível em [www: <http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol17.pdf>](http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol17.pdf).



53

desenhos de Fuchs e Daléchamps; nestas *enarrationes eruditissimae*, Amato introduz, estuda e compara novas espécies de plantas, adiciona outros elementos da natureza (ouro, pedras preciosas, âmbar, ...) e indica erros nos trabalhos de Pietro Andrea Mattioli, um dos mais destacados tradutores e comentadores de Dioscórides, o que originaria uma violenta reação deste no opúsculo *Apologia adversus Amathum Lusitanum* (aqui inserto nos *Opera omnia* do médico e botânico de Siena editada em Frankfurt, 1598) também aproveitado para denunciar as origens judaicas de João Rodrigues.

As famosas *Centúrias* de Amato Lusitano, de que se conhecem mais de cinco dezenas de edições em várias cidades europeias¹⁰, constituem uma coletânea de observações valiosas de Cirurgia e Medicina incidindo na descrição dos casos e características clínicas dos doentes, sintomatologia, terapêutica e desvendando ainda interessantes indicações (modo de viver, alimentação, organização social, tensões políticas, descobertas, etc.) sobre a Europa do séc. XVI. As exposições das centúrias de curas medicinais são,

na sua essência, de base hipocrática e galénica, mas Amato não se coíbe de assumir uma atitude independente baseada na observação direta, na sua prática clínica e nos seus conhecimentos e investigações designadamente sobre botânica médica e anatomia humana. Distingui nos fundos da BPMP várias edições das *Centuriae* (Veneza, 1566, único exemplar conhecido em Portugal, Lyon, 1564, 1567 e 1580 e Bordéus, 1620), algumas encadernadas conjuntamente num mesmo volume.

Encontrei ainda no acervo patrimonial da biblioteca portuense três outras obras quinhentistas de médicos lusitanos impressas em prelos estrangeiros. Registem-se os *Commentarii de varia rei medicae lectione* (Antuérpia, 1564), do médico judeu natural de Portalegre, Garcia Lopes, pequeno tratado compilatório de comentários sobre a utilidade de vários alimentos adequados à nutrição ou cura do corpo humano, domínios que hoje designaríamos por higiene alimentar, o muito difundido e discutido *Quod Nihil Scitur*, obra principal de Francisco Sanches, da qual a BPMP possui a edição príncipe (Lyon, 1581) e um comentário aos aforismos de Hipócrates, *In Hippocratis legem, commentarium...* (Roma, 1586) de Rodrigo da Fonseca, mestre de Galileu em Pisa.

No que concerne a textos seiscentistas, relevem-se a primeira obra publicada por Filipe Montalto, *Optica, intra philosophiae et medicinae aream de visu, de visus organo...* (Florença, 1606), o *De hominis excrementis libellus* (Pisa, 1613) e o *Tractatus Philosophici...* (Roterdão, 1649), respetivamente dos já acima referidos Rodrigo da Fonseca e Francisco Sanches, três edições do tratado de ginecologia de Rodrigo de Castro, *De universa muliebrium morborum medicina* (Hamburgo, 1617 e 1662, e Colónia,

¹⁰ Um completo e elucidativo quadro-síntese das edições das *Centúrias de Curas Medicinais* é apresentado em DIAS, João José Alves – Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII. Lisboa: BNP; OM; UNL, 2011. P. 98-99.

1689), o celebrado texto de deontologia médica, *Medicus-politicus* (Hamburgo, 1662), também de Rodrigo de Castro, *alias* David Namias, três edições da obra *Medicorum principum historia...* (Lyon, 1642-43, 1649 e 1657) de Zacuto Lusitano, *alias* Abraão Zacuto, e, ainda, a obra póstuma de Estêvão Rodrigues de Castro, *Syntaxis praedictionum medicarum...* (Lyon, 1661), que mereceu rasgados elogios de médicos ilustres como o acima mencionado Zacuto Lusitano e Hermann Boerhave.

4. TIPOGRAFIA ESTRANGEIRA

O séc. XVI viu surgir na arte médica várias descobertas e correntes de pensamento. Todavia, a influência galénica ainda se manteve pujante neste período; com raras exceções, as terapêuticas usadas mantiveram-se no essencial idênticas às medievais: sangrar, purgar e fazer clisteres, com o objetivo de evacuar, purificar ou regular os humores. O livro médico recuperou, reformulou e, frequentemente, apropriou-se de ideias hipocráticas ou galénicas através de traduções, comentários, epítomes, aforismos, *curationes*, *enarrationes* e outros estilos literários de tal forma que muitas vezes é difícil discernir entre autor e *auctoritates*. Os textos médicos de pendor mais clássico tinham mercado assegurado; as edições do celebrado *Thesaurus pauperum*, atribuído a Pedro Hispano¹¹, continuavam a sair dos prelos de Quinhentos, de que é exemplo a edição de Frankfurt de 1576 existente na BPMP, assim como obras de galenistas convictos como François Valleriola (contemporâneo de Ambroise Paré) e Jacques Dubois, mais conhecido pelo nome latinizado de Jacobus Sylvius (mestre de Vesalius na Universidade de Paris), entre muitos outros autores – Pietro d’Argellata, Pietro Vettori, Girolamo Fracastoro, Etienne Gourmelen, Hock de Brackenau, Juan de Almenar, ... – defensores do sistema hipocrático-galénico, também presentes no acervo da BPMP.

Em coexistência com o galenismo de pendor escolástico que privilegiava a tradição do comentário textual, emergiu um mais evoluído galenismo humanista que começava a valorar a observação empírica. Tal como já fui referindo neste texto, durante a centúria de Quinhentos, a obra de Dioscórides foi objeto de um renovado interesse e estudo por vários autores tendo conhecido um grande número de edições, traduções e comentários. Da obra *De materia medica*, possui a BPMP vários exemplares – com destaque para uma edição aldina de 1518 com texto em grego – incluindo edições traduzidas, comentadas ou anotadas por Jean de Ruelle, André de Laguna, Pietro Andrea Mattioli e o já evocado Amato Lusitano¹².

¹¹ Sobre a problemática da atribuição de obras a Pedro Hispano, veja-se MEIRINHOS, J. F. – Avatares da antiga atribuição de obras a Pedro Hispano/João XXI: II - os séculos XV-XXI. Lisboa: Edições Távola Redonda, 2009, p. 437-501. Sep. de: *Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição*, 24, 2009. O mesmo investigador, autor de numerosa bibliografia sobre Pedro Hispano, criou e gere um repositório eletrónico – Petrus Hispanus (saec. XIII) [<http://ifilosofia.up.pt/meirinhos/petrushispanus/ph>] – onde se pode colher Informação abundante e relevante sobre biografia, obras, pensamento, influência e demais aspetos relacionados com Pedro Hispano.

¹² Sobre os dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego de Dioscórides, bem como outra informação pertinente correlacionada (por exemplo, biobibliografia de Pietro Andrea Mattioli), remetemos para o sítio web do acima mencionado projeto de investigação

RADICIS
CHYNAE
V S V S,

Y-2-55(2)

ANDREA
VESALIO
AVTHORE.

*



LVGDVNI,
Sub Scuto Coloniensi,
1547.

Para além da obra de Dioscórides, o Renascimento suscitou um renovado interesse pela literatura sobre simples, plantas e botânica médica, associadas frequentemente ao exotismo dos novos mundos asiático e americano e à sua descoberta pelas sociedades europeias. A circulação e utilização de simples e plantas foram também marcantes na história da expansão. Sobre o mundo natural das Índias Ocidentais, refiram-se por exemplo as descrições mais empíricas de Fernández de Oviedo, *Oviedo de la natural hystoria de las Indias...* (Toledo, 1526), bem como os relatos indiretos de Nicolás Monardes, *Dos libros, el uno que trata de todas las cosas que traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven al uso de la Medicina, y el otro que trata de la piedra bezaar, y de la yerva escuerçonera* (Sevilha, 1569). As propriedades medicinais de plantas oriundas do Oriente, como a ‘raiz da china’ muito utilizada na terapêutica da sífilis, vão merecer a atenção de Vesalius (*Radices chynae usus*, Lyon, 1547) e dos já acima mencionados Amato e Laguna, entre outros médicos e botânicos da época. Coube a Garcia de Orta o registo da mais relevante e influente compilação de elementos e informações sobre o mundo natural do Oriente. Os seus *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* (Goa, 1563, edição não existente na BPMP) vão conhecer, por intermédio de Carolus Clusius (nome latinizado de Charles de l’Écluse), significativo sucesso editorial na Europa Renascentista.

O epítome latino de Clusius, publicado pela primeira vez em 1582, suscitou diversas traduções e edições ulteriores em várias línguas vernáculas europeias. Reconhecendo a incontestável importância do médico e botânico flamengo na difusão da obra de Orta, estudos recentes reclamam todavia maior atenção para a apropriação dos *Colóquios* por médicos ibéricos na centúria de Quinhentos¹³. É neste contexto que se enquadra Juan Fragoso e os seus *Discursos de las cosas aromáticas...*, aqui presentes numa versão latina do dealbar de Seiscentos, *Aromatum, fructuum, et simplicium aliquot medicamentorum ex Índia...*, anotada por Israel Spachius e, sobretudo, o *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales* (Burgos, 1578), do médico português Cristóvão da Costa. Não possuindo a BPMP o *Garciae Aromatum...*, Clusius está representado por um notável e muito ilustrado trabalho de botânica descritiva referente às plantas da Península Ibérica, *Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observatarum historia*, impresso em 1576 na oficina de Christopher Plantin em Antuérpia. Entre outras obras do género que se poderiam referir publicadas ao longo do séc. XVI, mencione-se *De plantis Aegypti liber...* (Veneza, 1592), de Prosper Alpinus, devotada à flora egípcia e que, entre outras plantas enumeradas, apresenta a primeira ‘descrição científica’ do cafeeiro.

Muitas vezes o sucesso de um título não ocorre com a sua edição mais esplendorosa, mas sim em versões de menor formato, sem ilustrações e, também por isso, mais baratas e acessíveis. É o caso do famoso herbário de Fuchs, *De historia stirpium commentarii insignes*, existente na BPMP numa edição (Lyon, 1555) pequena (in-12º) e compacta, constituindo uma espécie de livro de bolso da

“Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” no seguinte URL: <http://amatolusitano.web.ua.pt/index.php?Lang=pt>

¹³ Veja-se, a este propósito CARVALHO, Teresa Nobre de – A apropriação de Colóquios dos Simples por dois médicos ibéricos de Quinhentos. In COSTA, Palmira Fontes da ; CARDOSO, Adelino (org.) – *Percursos na história do livro médico: 1450-1800*. Lisboa: Colibri, 2011. P. 59-72.

época, adequada a audiências alargadas e certamente mais consequente em termos de ensino e circulação do saber botânico-médico quando comparada com a luxuosa e soberbamente ilustrada edição príncipe de Basileia, 1542, apenas acessível a linhagens nobres, classes abastadas ou a grupos socioprofissionais com considerável poder aquisitivo.

A fechar esta breve e seletiva incursão pelos livros de medicina quinhentista impressos em prelos estrangeiros, não poderia deixar de enfatizar a existência na BPMP da *editio princeps* de um dos mais influentes livros médicos de sempre e que, conjuntamente com *De revolutionibus...* de Copérnico, curiosamente editado no mesmo ano, é considerado uma das obras emblemáticas da denominada 'Revolução Científica'. Referimo-nos à obra-prima do fundador da anatomia moderna, Andreas Vesalius, *De Humani Corporis Fabrica Libri Septem* (Basileia, 1543)¹⁴. Para além dos seus reconhecidos méritos científicos, a produção deste atlas renascentista de anatomia humana foi primorosa a vários títulos (texto, organização das matérias, composição, impressão, ...) num exemplo acabado do que havia de melhor na arte da impressão renascentista; no frontispício mais reproduzido da história da medicina sintetiza-se todo um programa e no interior da obra somos presenteados com algumas das mais perfeitas, realistas e magníficas gravuras, atribuídas a Jan van Calcar, jamais realizadas e que fazem com que a Fabrica seja justamente considerada uma das mais belas obras no âmbito da *ars medica*.

No séc. XVII a medicina irá abrir significativas brechas no sistema hipocrático-galénico aproveitando, entre outros, os avanços da anatomia baseada na dissecação de cadáveres humanos, de que é exemplo o muito difundido texto de Gaspard Bauhin, *Theatrum anatomicum...* (Frankfurt, 1621), que cunha nova nomenclatura anatómica. Paralelamente à observação do corpo como fonte primordial de conhecimento empírico, a arte médica alicerça-se progressivamente nas correntes filosóficas da época: cartesianismo, atomismo e indutivismo. Nos meios médicos mais esclarecidos, começa a fortalecer-se a consciência de que a doença não é incognoscível, nem o resultado incontrolável do desígnio divino, mas que depende em muito da atividade e comportamento do ser humano.

Em 1628 William Harvey publicou a *Exercitatio Anatomica de Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus*, inexistente nos fundos da BPMP, considerada por muitos autores a mais importante e influente obra médica publicada no séc. XVII, na qual o médico britânico apresentou sua revolucionária teoria sobre a circulação sanguínea que viria a ter enorme influência e repercussão daí em diante,

¹⁴ Um excelente estudo de Vivian Nutton, "Andreas Vesalius: on the Fabric of the Human Body", pode ser consultado em linha na Northwestern University no seguinte URL: <http://vesalius.northwestern.edu/books/FA.aa.html>. A *Fabrica* de Vesalius pode ser visualizada em excelentes versões multimédia 'turning the pages' nos sítios web da British Library e da National Library of Medicine. Registe-se que em Portugal apenas são conhecidos 2 exemplares da edição príncipe da *Fabrica*: o da Biblioteca Pública Municipal do Porto e o da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra (cópia digitalizada disponível em linha na *Alma Mater*), qualquer deles 'redescobertos' recentemente e não recensados por HOROWITZ, M.; COLLINS, J. – A census of copies of the first edition of Andreas Vesalius' *De humani corporis fabrica* (1543), with a note on the recently discovered variant issue. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*. 39 (1984) 198-221.

nomeadamente na técnica cirúrgica e na veterinária. Alguns anos depois da publicação de *De Motu Cordis*, Harvey devotou o seu interesse e labor para o ramo da ciência que hoje denominamos de biologia do desenvolvimento; a publicação de *Exercitationes de generatione animalium. Quibus accedunt quaedam de partu: de membranis ac humoribus uteri: & et conceptione* (Londres, 1651), existente na BPMP, é o corolário de uma brilhante experimentação, estudo e conclusão de que todo o ser vivo provém de um ovo (*omne vivum ex ovo*), princípio de fundamental importância na história da embriologia. Como referiu Norman Wymer, um seu biógrafo, “mesmo que Harvey não tivesse descoberto a circulação sanguínea, o seu notável trabalho no domínio da embriologia seria bastante para o al-candorar aos lugares cimeiros dos cientistas biológicos”. René Descartes reconheceu a importância das descobertas de Harvey, embora não concordasse com alguns dos seus postulados. Na obra de fisiologia, *De Homine, figuris et latinitate donatus...*, aqui presente numa segunda edição (Leiden, 1664) muito ilustrada e dada à estampa apenas dois anos depois da primeira, o filósofo, físico e matemático francês apresenta como modelo explicativo do funcionamento do corpo humano uma conceção mecanicista muito próxima da doutrina iatromecânica.

Paracelso (existe na BPMP uma única obra póstuma, *Opera omnia medico-chemico chirurgica*, Genebra, 1658) praticou uma alquimia experimental e defendeu uma filosofia natural de base química sendo, de certo modo, considerado um precursor da iatroquímica que teve em Thomas Willis um dos seus expoentes. As obras deste anatomista e fisiologista inglês exerceram grande influência nos círculos médicos da época. No seu livro, *De anima brutorum* (Lyon, 1676), Willis descreve de forma perspicaz e sistemática várias enfermidades que hoje englobaríamos no foro da neuropsiquiatria; deste autor, a biblioteca portuense conserva ainda títulos como *Pharmaceutice rationalis, sive diatriba de medicamentorum operationibus in humano corpore*, a sua *Opera medica & physica* e duas edições dos *Opera omnia*. O paradigma da química medicinal em vigor foi seriamente fendido pela teoria mecânico-atomista desenvolvida por Robert Boyle que contribuiu definitivamente para a autonomização da química que ulteriormente Lavoisier alcançaria a lugar cimeiro. Pontificam na BPMP várias obras de Boyle, entre as quais, *Experimenta nec non observationes circa variarum particularium qualitatum originem, sive productionem mechanicam: quibus accesserunt tractatus quo imperfecta chymistarum...* (Genebra, 1694).

Como acima referi, o Renascimento suscitou um renovado interesse pela literatura sobre plantas e botânica médica, cuja sistematização era frequentemente metodizada sob a forma de herbários. Do médico e botânico Holandês, Rembert Dodoens, conserva a biblioteca portuense o *Stirpium historiae pemptades sex* (Antuérpia, 1616) e o monumental *Cruydeboeck...*, editado por Joost van Ravelingen em Leiden, 1618, que integra plantas do Continente Americano e das Índias (Orientais e Ocidentais) Holandesas ordenadas alfabeticamente e agrupadas pelas suas propriedades e afinidades recíprocas. Destaque também para a erudita *Historia plantarum universalis* (Yverdon, 1650-51) de Jean Bauhin publicada após a sua morte. Para além de descrever mais de 5.000 plantas, este ilustrado trabalho enciclopédico tem a peculiaridade de incluir no tomo primeiro uma belíssima portada

gravada em metal por Conrad Meyer contendo vinhetas/medalhões que retratam alguns ilustres representantes, antigos e modernos, da medicina e das ciências, entre os quais Amato Lusitano.

A História Natural vai também e progressivamente abandonando arquétipos antigos e abrindo caminho à individualização de disciplinas científicas, como a zoologia, que se autonomizarão nos séculos seguintes. Ulisses Aldrovandi reuniu ao longo de vários volumes profusamente ilustrados impressões diversas sobre o mundo natural, mesclando fantasia com informação de cariz científico; de entre os vários títulos existentes na BPMP elegi *De piscibus libri V et de cetis lib. unus...* (Bolonha, 1638). No domínio da dissecação animal, a obra do arquiteto e naturalista francês Claude Perrault, *Description anatomique, d'un cameleon, d'un castor, d'un dromadaire, d'un ours, et d'une gazelle* (Paris, 1669), apresenta-nos uma rigorosa descrição anatómica, interna e externa, de cada um destes animais acompanhada de belas gravuras alusivas. A subordinação de alguns estudos naturais renascentistas ao fascínio mitológico do unicórnio é, quase sempre, indissociável do interesse antidotário e terapêutico então atribuído às presas de mamíferos marinhos (narval) ou terrestres (por exemplo, o rinoceronte) como é bem perceptível na obra de Thomas Bartholin, *De unicornu observationes novae* (2ª edição, Amesterdão, 1678). A utilidade económica do mundo natural e a eficácia na gestão dos seus recursos estão patentes em obras de cariz mais pragmático como o *Trattato della coltivazione delle viti...* (Florença, 1600), de Soderini, ou as *Mémoires et instructions pour le plant des meuriers blancs, nourriture des vers à soye ; et l'art de filer, mouliner et aprester les soyes...* (Paris, 1665), de Christophle Isnard. Terminamos esta brevíssima incursão nos domínios da História Natural, enfatizando o cimélio *Historia Naturalis Brasiliae*¹⁵, da autoria de Guillelm Pison e Georg Marcgraf. Patrocinada pelo mecenato do Conde Johann Maurits van Nassau-Siegen e publicada em Amesterdão em 1648 pela prestigiada oficina tipográfica Elsevier, esta sumptuosa edição – de que a BPMP possui uma raríssima variante com ilustrações a cores – espelha bem o fascínio com as maravilhas e versatilidade do Novo Mundo na centúria de Seiscentos. Incidindo sobretudo sobre a faixa litoral do Nordeste do Brasil, então sob domínio colonial Holandês através da *West-Indische Compagnie*, esta obra magistral é sem dúvida uma fonte essencial para o estudo do conhecimento científico sobre o mundo natural (flora, fauna, fitoterapia, etnografia, linguística, ...) sul-americano na época Moderna.

5. MARCAS NOS LIVROS: POSSE E CENSURA

Impressos em prelos portugueses e estrangeiros, em latim e em vernáculo, alguns destes cimélios da BPMP ostentam marcas manuscritas – mais raramente, carimbos e ex-libris – com nome do antigo

¹⁵ Para uma análise mais pormenorizada sobre este livro e o seu contexto, veja-se o artigo de FRANÇOZO, Mariana – Alguns comentários à *Historia Naturalis Brasiliae*. *Cadernos de Etnolingüística*. 2, 1 (2010) 1-7.

possuidor, individual ou coletivo, que justificariam estudo mais aprofundado¹⁶ e que certamente um processamento bibliográfico mais detalhado das espécies possibilitará. À guisa de sondagem, constata-se que predominam as marcas de posse de congregações ou ordens religiosas o que não é de estranhar uma vez que o primitivo fundo bibliográfico da biblioteca portuense incorporou, sobretudo entre os anos de 1832 a 1835, muitas livrarias pertencentes precisamente a casas religiosas abandonadas ou extintas e, também, algumas sequestradas a particulares¹⁷.

As marcas de posse alusivas a casas religiosas são, na sua totalidade, autógrafas. Circunscrevendo-nos apenas ao livro médico, registem-se, entre muitos, os seguintes exemplos: a *Fabrica* de Vesalius (X-13-3) proveniente da Livraria da Congregação do Oratório do Porto, um comentário de Jean de Ruelle ao quinto livro *De materia medica* de Dioscórides (U-2-46) procedente da Livraria do Convento de Santo Agostinho do Porto, um outro comentário de Marcelo Vergílio à mesma obra (U-13-25), mas provinda da Livraria do Colégio de S. Jerónimo, ou o único impresso de Paracelsus existente na BPMP (U-14-35) oriundo da Livraria de Santa Cruz de Coimbra. Ocorrem também, muito esporadicamente, inequívocas marcas de posse de instituições laicas como é o caso dos peculiares carimbos octogonais a tinta preta ‘Mvsev[m] Britannicvm’ e ‘British Museum Sale Duplicate 1787’, patentes em alguns cimélios (e.g. *Thesaurus pauperum*, cota X-9-48), que nos remetem para a génese das primeiras bibliotecas nacionais ou para dinâmicas relacionadas com o comércio livreiro e o colecionismo. Pontualmente, é a própria encadernação que nos fornece indicações pertinentes, como é bem visível na obra de Juan Fragoso, *Aromatum, fructuum, et simplicium aliquot medicamentorum...* (I-7-13) que ostenta os ferros/monograma do Museu Britânico a cuja biblioteca, que esteve na origem da atual British Library, pertenceu.

As marcas de posse individuais – autógrafas, carimbos ou ex-libris (estes dois últimos sinais distintivos mais frequentes a partir do séc. XIX) – aparecem autonomamente ou coexistem com menção de pertença de um determinado volume a uma livraria monástica. *O Tractado de las drogas...* de Cristóvão da Costa (U-3-2), ‘Da Livraria da Congregação do Oratório do Porto’, ostenta também vários autógrafos presumivelmente de eclesiásticos. A leitura de muitos destes autógrafos é amiúde difícil, quando não impossível, e o seu estudo implica frequentemente intrincadas e morosas pesquisas, muitas vezes infrutíferas. Por vezes, a recompensa traduz-se num nome que vai possibilitar o estabelecimento de pistas de investigação, conexões ou até uma indicação do valor comercial de uma dada espécie. Na obra de François Valleriola, *Enarrationum medicinalium...* (X-14-17), é o próprio antigo possuidor, ‘Paulo da Sylva Manoel’, que manuscree na página de rosto: ‘costou i000 reis’.

¹⁶ Numa área de investigação – estudo de marcas de posse em espécies documentais – muito negligenciada em Portugal (os trabalhos de Fernanda Maria Guedes de Campos constituem uma das poucas exceções neste domínio) e cujo desenvolvimento certamente recompensaria o labor dos investigadores da história do livro e das bibliotecas.

¹⁷ Sobre os fundos primitivos da BPMP, ver CABRAL, Luís ; MEIRELES, Maria Adelaide – Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto. [Lisboa]: Inapa, 1998. P. 13-14.

Em algumas destas obras, intuímos, de algum modo, os interesses pessoais ou ‘profissionais’ dos seus antigos possuidores e, em determinadas ocorrências, é possível inclusivamente reconstituir itinerários de circulação do livro ou, mesmo, núcleos bibliográficos¹⁸.

O opúsculo *Estat au vray du bien et revenu de l'Hostel-Dieu de Paris...* (Z-11-63[6]) percorreu, pelo menos, três bibliotecas aristocráticas privadas em França, Inglaterra e Portugal e teve como antigos possuidores insignes colecionadores e bibliófilos como Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), Hans Sloane (1660-1753) e Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804). Da biblioteca deste último, nobilitado 1º Visconde de Balsemão em 1801, identificamos já vários livros de medicina e história natural de que são exemplos uma edição aldina com texto em grego da obra de Dioscórides *De materia medica* (U-2-43), a coletânea *De re medica* de António Luís (RES-XVI-B-31[2]) ou a iconograficamente deslumbrante *Historia naturalis Brasiliae...* (U-13-4). Por último e porque o espaço não permite mais, refira-se a edição de Roterdão, 1649, do *Tractatus Philosophici...* de Francisco Sanches (RJ-1867), que pertenceu ao ilustre médico portuense Ricardo Jorge (1858-1939).

Sendo certo que a difusão do livro impresso foi acompanhada de perto pela vigilância, por vezes pouco atenta, da censura e que o arquétipo institucional da censura intelectual portuguesa viveu, até meados de Setecentos, da infraestrutura repressora organizada pela Igreja Católica, parece-me pertinente a opinião de Payan Martins¹⁹ quando afirma que “(...) o comportamento das autoridades censórias oscila entre uma severidade implacável e uma indiferença tolerante (...)”. Numa brevíssima incursão por temática algo complexa até porque, em muitos casos e em bom rigor, não se pode afirmar claramente que todas as marcas se devam ao exame inquisitorial²⁰, detetamos, num ou noutra livro médico da BPMP, inequívocas manifestações de censura literária, bem como rasuras seletivas no texto que denotam, de algum modo, intervenções censórias.

Como seria de esperar, os médicos judeus ou cristãos-novos foram objeto de desconfiança e, em alguns casos, de apertada vigilância ou mesmo perseguição por parte do Santo Ofício. O caso do médico albicastrense João Rodrigues é conhecido e paradigmático a este propósito. Como é sabido, o nome de Amato Lusitano consta como autor proscrito nos índices proibitórios do séc. XVI, bem como no índice expurgatório de 1624. Praticamente todos os exemplares das várias edições e variantes das *Centúrias* existentes na BPMP apresentam marcas de censura mais ou menos extensas

¹⁸ Referimo-nos, em particular, aos nossos trabalhos “No rasto português da biblioteca científico-médica de Hans Sloane: problemas e evidências”. *Páginas aBb: Arquivos e Bibliotecas*. S. 2, 9 (2012) 91-108 e “Alguns livros científicos (sécs. XVI e XVII) no ‘Inventário’ da Livraria dos Viscondes de Balsemão”. *Agora: Estudos Clássicos em Debate*. 14.1 (2012) 47-61.

¹⁹ MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan – A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Lisboa: FCG ; FCT, 2005. P. 157.

²⁰ É frequentemente problemático, quando não impossível, destrinçar a tipologia destas marcas, comprovar (ou não) da sua coetaneidade e aquilatar se foram geradas pela pena do censor/revedor, do impressor, do(s) leitor(es), proprietário(s) do livro ou somente produto de mero vandalismo.

ou evidentes²¹. As frases ou excertos censurados referem-se principalmente a assuntos médicos sensíveis na época (reprodução, sexualidade, etc.) e a questões ou vocábulos de natureza religiosa que pudessem, de algum modo (heresia, apostasia, ...), suscitar controvérsia.

Muitas vezes não é propriamente o conteúdo científico ou médico da obra que é censurado, mas o autor, tradutor ou comentador, considerados proscritos por motivos relacionados com a confissão religiosa. Creio que terá sido o caso que verifiquei no exemplar dos *Commentarii de varia rei medicae lectione* (U-11-41): a pena e rasura do censor teve como objeto e em 3 ocorrências unicamente o nome do seu autor, Garcia Lopes, cristão-novo natural de Portalegre, cuja vida atribulada terminou num auto de fé consumado na praça de Évora em 14 de dezembro de 1572. Não tendo tido destino tão funesto, Zacuto Lusitano não escapou à intolerância do revedor, mesmo nas suas obras póstumas: no tomo primeiro dos *Opera omnia*, edição de Lyon de 1649 (U-14-16), o censor traçou 3 riscos no retrato do ilustre médico lusitano e manuscreeveu, junto à legenda da gravura, o réprobo ‘*Autor Danatus*’ e numa outra edição, 1657, também de Lyon e com o mesmo título (U-14-8), as intervenções censórias incidiram em páginas preliminares do primeiro tomo, concretizando-se – riscos verticais na totalidade da mancha gráfica e mutilação de página – sobre epigramas laudatórios de médicos hebraicos da época. Mesmo o médico particular do Papa Júlio III, o converso Andrés de Laguna, não escapou à intransigência censória. A tradução e comentários do humanista de Segóvia à obra de Dioscórides, *Acerca de la materia medicinal y de los uenenos mortíferos traduzido de lengua griega en la vulgar castellana & ilustrado con claras y substantiales annotationes...*, numa segunda edição de Salamanca, 1566, patenteia no exemplar que analisei (U-13-20) rasuras seletivas: marginais na *Epistola Nuncupatoria*, mas algo abundantes ao longo do corpo do texto²², expurgando sobretudo frases e termos relacionados com botânica médica.

Convém também frisar que subsistem na BPMP diversas obras de autores proibidos que não apresentam quaisquer vestígios de atividade censória o que, de algum modo, corrobora a tolerante indiferença inquisitorial a que acima aludi, para além de outras explicações peculiares. Por exemplo, os *Diálogos de Amor* de Leão Hebreu, uma obra defesa que só podia circular expurgada de trechos que “podiam fazer danos”, encontra-se surpreendentemente incólume no exemplar (Y1-3-69) da edição Veneziana de 1558; de igual modo, no que concerne à obra do ‘luterano’ Leonhart Fuchs,

²¹ Vejam-se, por exemplo, a Centúria II, edição de Lyon, Guillaume Rouillé, 1580, cota BPMP X-9-53, censurada nas pp. 29, 99, 101, 223, 512, 553, 584 e x5 e, mais elucidativamente, a primeira edição do séc. XVII (Bordéus, 1620) que agrega todas as Centúrias num único volume e cujo exemplar BPMP RES-XVII-A-32 (não referenciado no exaustivo *census* de DIAS, João José Alves, op. cit. nota 10) ostenta intervenções censórias em número significativo: pp. [29], 3, 17-18, 45, 136, 187, 198-199, 215, 231, 240, 397-398, 406, 424-425, 436-437, 441, 458, 463-464 (em toda a mancha do texto, uma carta dedicatória a José Naci), 485, 494, 515, 534, 542-544, 553, 557-559, 604, 612, 615, 620, 645, 660, 693, 716, 718, 762-763, 767 e 790. Frise-se que outros exemplares portugueses conhecidos desta edição (e.g. Biblioteca Nacional de Portugal e Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto) apresentam também censuras em muitas das páginas acima indicadas. A censura incidindo sobre a epístola ao Duque de Naxos é de tal forma veemente que, em alguns exemplares, as páginas 463-464 foram mesmo mutiladas.

²² Nas páginas: 15, 29, 73, 77, 145, 157, 170, 172, 241, 242, 247, 299, 314, 346, 422, 429, 435, 451, 452, 456-458, 467, 503-505, 539, 564, 573, 577 e 608.

De Historia Stirpium... (U-1-49) a que acima aludimos. Como explicar, então, a presença na BPMP destes exemplares, bem como de outros títulos (versando diferentes áreas do conhecimento) e autores proscritos? Penso que a justificação se encontrará essencialmente no facto de muitas destas obras terem pertencido originalmente às livrarias monásticas e conventuais que foram incorporadas na biblioteca portuense. Sabe-se que o regime censório vigente à época admitia algumas exceções, designadamente na concessão de licenças específicas a membros do clero e da aristocracia, para leitura e posse de livros proibidos a “ler e ter debaixo da chave e com o maior resguardo”. Os autógrafos referentes a clérigos individuais e as menções manuscritas de pertença a várias congregações religiosas perceptíveis em diversos impressos da BPMP, assim o indiciam. De igual modo, sabe-se que algumas obras defesas pertenceram à livraria privada dos Viscondes de Balsemão, também integrada na BPMP, cujos titulares, com especial ênfase para o 1º Visconde, beneficiariam certamente de prerrogativas especiais para poderem possuir legalmente obras proibidas.

Não obstante, os livros banidos nunca deixaram de circular por outros meios e vias. Está documentado que muitos livros impressos ou adquiridos no estrangeiro acabavam por chegar a Portugal, apesar de a censura também exercer o seu controlo nas alfândegas e nos portos como, por exemplo, o da cidade invicta onde os dominicanos ao serviço da Inquisição buscavam incessantemente os livros defesos nos navios. Ao contrabando, marítimo e terrestre, que engendrava variados e ardilosos estratagemas de dissimulação dos impressos, associavam-se as astúcias dos livreiros na venda ilegal de livros defesos a particulares que iludiam, não poucas vezes, a fiscalização das autoridades. Ocorrem ainda circunstâncias, senão únicas pelo menos pouco canónicas, como a do Bibliotecário do cenóbio crúzio de Coimbra na segunda metade de Setecentos, D. Pedro da Encarnação, cujo esclarecimento terá salvado muitas espécies da adulteração ou mesmo da pura eliminação física²³. O empréstimo de livros entre casas religiosas e entre particulares, a atividade diplomática, o colecionismo e a bibliofilia também desempenharam casuisticamente um papel importante na sobrevivência de muitos impressos proibidos atualmente existentes em bibliotecas portuguesas²⁴, BPMP incluída.

6. NOTAS FINAIS

Como referido na nota introdutória a este texto, o objetivo primordial do presente trabalho é contribuir para a divulgação pública do ‘livro médico’ – séculos XVI e XVII – existente nas

²³ Cf. CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de – A livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: estudo dos seus catálogos, livros de música e coro, incunábulos... Coimbra: Imprensa de Universidade, 1921. Registe-se que muitos impressos (e códices iluminados) originários de Santa Cruz de Coimbra integram hoje os fundos patrimoniais da BPMP.

²⁴ Especificamente sobre censura no livro médico, assinala-se aqui uma recente comunicação de Hervé Baudry, intitulada “The censorship of Portuguese medical books: a methodological description of the copies from the Library of the Oporto University Faculty of Medicine”, apresentada no 3.º Encontro Nacional de História das Ciências e da Tecnologia (Évora, 26-28 de Set. 2012) e cuja publicação aguardamos com expectativa.

coleções patrimoniais da Biblioteca Pública Municipal do Porto, colmatando uma lacuna existente neste domínio e desmistificando, de algum modo, o estereótipo de que os fundos bibliográficos da biblioteca portuense, ainda que sejam de livro antigo, incidem exclusivamente (ou quase) em disciplinas da área das humanidades. Como objetivo secundário, mas igualmente importante, acalenta-se a expectativa de que uma informação bibliográfica mais detalhada, decorrente dos trabalhos de catalogação retrospectiva que incidirão na maioria das obras que acima enfatizei, possa potenciar contextualização mais precisa, pesquisas complementares ou mesmo novas abordagens em domínios como a edição e circulação, censura literária, audiências e práticas de leitura e antigos possuidores, facilitando o desejável aprofundamento e confronto com outras leituras. O catálogo em suporte eletrónico possibilitará também a atualização e enriquecimento ulterior dos registos bibliográficos através da indicação de marcas de posse e de censura, menção a manifestações digitalizadas destas obras existentes em bibliotecas de referência e contribuições pertinentes resultantes do colóquio internacional a realizar e estudos produzidos no âmbito do projeto “Humanismo, Diáspora e Ciência”.

Relativamente aos livros que aqui sumariamente evidenciei, constata-se, sem margem para dúvidas, que nos fundos da BPMP avultam fontes primárias para a história da medicina, em Portugal e além-fronteiras, com ênfase para alguns cimélios emblemáticos, de que a *editio princeps* da *Fabrica* de Vesalius é exemplo paradigmático. Registe-se ainda que, para além da sua evidente importância científico-médica, iconográfica e patrimonial, muitas destas obras são suscetíveis de alcançar um valor transacionável não despidendo²⁵. Não obstante o valioso núcleo de livro médico quinhentista e seiscentista existente na BPMP, importa também constatar algumas ausências de nomeada: para além do já acima mencionado Garcia de Orta e os seus *Colóquios*, não descortinei qualquer título de Conrad Gessner, Ambroise Paré, Bartolomeo Eustacchio, Gabriello Fallopio, Fabricius ab Aquapendente, Fortunio Liceti, Govard Bidloo, entre outros autores que poderiam ser lembrados. Parece-me, contudo, inquestionável a relevância, qualitativa e quantitativa, deste precioso núcleo de bens móveis de interesse cultural conforme procurei salientar com alguns exemplos concretos e concisa exposição de motivos fundamentais.

Ensaçando-se aqui apenas uma sondagem e sem pretensão de esgotar o assunto, é também perceptível neste núcleo a circulação e a leitura em Portugal de livros de medicina, de matéria médica e de história natural, alguns deles proibidos, contrariando algumas opiniões divergentes relativamente a este ponto de vista. Mesmo defesos, livros e novas ideias a eles associadas nunca deixaram de circular por diversos meios e vias. O recurso (in)direto ao mercado editorial além-fronteiras é bem patente na abundância de títulos e edições dadas à estampa em prelos europeus, incluindo nestas

²⁵ A título de mero exemplo, entre outros que poderíamos apresentar, refira-se que num leilão promovido pela *Christie's* em 2011 (Londres, 23 novembro), uma *editio princeps* da *Fabrica* de Vesalius foi arrematada por um valor superior a 325.000,00 €.

a criação intelectual da insigne constelação dos autores médicos portugueses judeus ou cristãos-novos da diáspora. Para além da sua simples existência, algumas destas espécies bibliográficas apresentam anotações, *marginalia*, sublinhados e outros sinais de que foram efetivamente lidas e manuseadas. As marcas de posse que sobrevivem em alguns destes impressos permitem, em casos pontuais, identificar antigos detentores individuais, reconstituir itinerários de circulação do livro e, no caso de ‘pertences’ a livrarias monásticas e conventuais, confirmar o papel notável que algumas congregações religiosas desempenharam no ensino e na disseminação do conhecimento científico e médico em Portugal.

Porque a *ars medica* “umana cosa è” – glosando as palavras inaugurais do proémio do *Decameron* e o título de um ensaio do ilustre neurocirurgião João Lobo Antunes²⁶ – obras marcantes da história da medicina e disciplinas que com ela dialogaram proficuamente repousam, após 4 ou 5 séculos, nas estantes da biblioteca portuense aguardando que leitores e investigadores as redescubram, explorem, folheiem, leiam e estudem recuperando-lhes, assim, o seu significado autêntico.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, António Manuel Lopes – Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2010. P. 9-49. Sep. de: *Revisitar os saberes: referências clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à Época Moderna*.
- CARLEY, James P. ; TITE, Colin G. C. , ed. lit. – Books and collectors, 1200-1700: essays presented to Andrew Watson. London: The British Library, 1997.
- CONGRESSO INTERNACIONAL INQUISIÇÃO PORTUGUESA TEMPO, RAZÃO E CIRCUNSTÂNCIA, LISBOA, 2004 – Inquisição portuguesa: tempo, razão e circunstância. Lisboa ; São Paulo: Prefácio, 2007.
- COSTA, Palmira Fontes da ; CARDOSO, Adelino, org. – Percursos na história do livro médico, 1450-1800. Lisboa: Colibri, 2011.
- CURTO, Diogo Ramada – A história do livro em Portugal: uma agenda em aberto. *Leituras: revista da Biblioteca Nacional*. 9-10 (2001-2002) 13-61.
- DIAS, João José Alves – Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal ; Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos ; Centro de Estudos Históricos-Univ. Nova, 2011.
- DICTIONARY OF SCIENTIFIC BIOGRAPHY. New York: Charles Scriber's Sons, 1970-80. 16 vols.
- FRONT, Dov – The Expurgation of Medical Books in Sixteenth-Century Spain. *Bulletin of the History of Medicine*. 75, 2 (2001) 290-296.
- GRANT, Edward – Os fundamentos da ciência moderna na Idade Média. Porto: Porto Editora, 2004.
- LEMOS, Maximiano de – História da medicina em Portugal: doutrinas e instituições. 2a ed. - Lisboa: Dom Quixote ; Ordem dos Médicos, 1991. 2 vols.
- LINDEMANN, Mary – Medicina e sociedade no início da Europa moderna: novas abordagens da história europeia. Lisboa: Replicação, 2002.

²⁶ ANTUNES, João Lobo – Inquietação Interminável: ensaios sobre ética das ciências da vida. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 2010. P. 15-30.

- LISBOA, João Luís – L'Europe des livres: auteurs portugais aux XVIe et XVIIe siècles. In BETHENCOURT, Francisco (dir.) – *L'édiction d'auteurs portugais à l'étranger*. Lisboa ; Paris: Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 2004. P. 3-17.
- MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan – A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Lisboa: FCG ; FCT, 2005
- MEDICINA NA BEIRA INTERIOR DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI: CADERNOS DE CULTURA. Castelo Branco: [s.n.], 1989 –
- NAVARRO BONILLA, Diego – Las huellas de la lectura: marcas y anotaciones manuscritas en impresos de los siglos XVI a XVIII. In CASTILLO GÓMEZ, Antonio (coord.) – *Libro y lectura en la Península Ibérica y América: siglos XIII a XVIII*. Valladolid: Junta de Castilla y León, 2003. P. 243-288.
- PEARSON, David – Provenance research in book history: a handbook. London: The British Library, 1998.
- PINA, Luís de – História da história da medicina em Portugal. Lisboa: [s.n., D.L. 1956]. Sep. de: *Impr. Médica*, 20.
- PORTO. Biblioteca Pública Municipal – Tipografia portuguesa do séc. XVI nas coleções da Biblioteca Pública Municipal do Porto = Portuguese printing (16th century) in the Oporto Municipal Public Library collection. Porto: CMP-BPMP, 2006.
- PORTUGAL. Biblioteca Nacional – Arte médica e imagem do corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII. Lisboa: BNP, 2010.
- RAMALHO, Américo da Costa – Estudos sobre o século XVI. Paris: FCG-CCP, 1980.
- RASTEIRO, Alfredo – Medicina judaica lusitana: século XVI. Lisboa: Quarteto, 2000.
- REUNIÃO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA MEDICINA, LISBOA, 2001 – Actas da reunião internacional de história da medicina = Proceedings of the international meeting of the history of medicine = Actes de la réunion internationale d'histoire de la médecine. Lisboa: [s.l.] 2001.
- RUDERMAN, David B. – Jewish Thought and Scientific Discovery in Early Modern Europe. Detroit: Wayne State University Press, 2001.
- SHAW, David J., ed. lit. – Books and their owners: provenance information and the European cultural heritage. London: CERL, 2005.
- SIRAISI, Nancy G. – Medieval and early Renaissance medicine: an introduction to knowledge and practice. Chicago ; London: the University of Chicago Press, 1990.
- SOUSA, Armando Tavares de – Curso de História da Medicina: das origens aos fins do século XVI. 2a ed. rev. Lisboa: FCG, 1996.
- STEFANI, Marta – História da ciência e da tecnologia: a revolução científica. Porto: Asa, 2002.
- TUBIANA, Maurice – História da medicina e do pensamento médico. Lisboa: Teorema, imp. 2000.
- WILKE, Carsten L. – História dos judeus portugueses. Lisboa: Edições 70, imp. 2009.
- WYMER, Norman – Medical scientists and doctors: lives of great men and women. London: Oxford University Press, 1958.

EL COMENTARIO DE FRANCISCO SÁNCHEZ A LA *FISIOGNOMÍA* DE PSEUDO ARISTÓTELES

MIGUEL ÁNGEL GONZÁLEZ MANJARRÉS

Universidad de Valladolid

RESUMO

El médico y filósofo escéptico Francisco Sánchez (ca. 1551-1623), conocido sobre todo por su *Quod nihil scitur*, tiene una gran obra médica y algunos tratadillos filosóficos que sus hijos publicaron póstumamente. Entre estos últimos destaca un comentario breve a la *Fisiognomía* de Pseudo Aristóteles en el que da cierta validez a la disciplina en tanto que *ars* de base empírica, reflexiona sobre la probabilidad de los signos e incluye algunas interesantes anotaciones filológicas.

PALAVRAS-CHAVE

Francisco Sánchez, fisiognomía, Pseudo Aristóteles, signos.

ABSTRACT

The doctor and sceptical philosopher Francisco Sánchez (ca. 1551-1623), mainly known for his *Quod nihil scitur*, has an extensive medical bibliography and some philosophical little treatises that his sons had posthumously published. Among the latter, a brief commentary to the *Physiognomy* of Pseudo Aristotle stands out; here he gives certain validity to the discipline in so far as *ars* in empirical nature, reflects about the probability of signs and includes some interesting philological notes.

KEYWORDS

Francisco Sánchez, physiognomy, Pseudo Aristotle, signs.

INTRODUCCIÓN

De origen español, nacido en Tuy y criado en Braga, el filósofo y médico Francisco Sánchez (ca. 1551-1623) emigró con su familia a Burdeos en 1562, en cuyo Colegio de Guyena recibió una completa educación humanística. Realizó sus estudios médicos en Roma, aunque obtuvo los títulos en Montpellier en 1574. Se trasladó luego a Toulouse, donde pasó el resto de su vida: desde 1582 y durante treinta años como médico del Hôtel Dieu, que compaginó desde 1585 con la enseñanza de filosofía en la Facultad de Artes de la ciudad francesa; en 1612 obtuvo ya una cátedra de medicina, que ocupó hasta su muerte en 1623¹.

Lo poco que Sánchez publicó en vida tuvo que ver con la reivindicación de su pensamiento escéptico: el poema de crítica astrológica *Carmen de cometa* (Lión 1578) y el tratado *Quod nihil scitur* (publicado en Lión en 1581, pero compuesto unos cuantos años antes). Esta segunda obra se hizo muy célebre desde bien pronto y convirtió a Sánchez en uno de los representantes máximos del escepticismo europeo. El texto formó parte en 1636 de los *Tractatus philosophici* que sus propios hijos editaron en Toulouse como apéndice a unos mucho más amplios *Opera medica*. Aun cuando en *Quod nihil scitur* anuncia la redacción de otros textos filosóficos más sistemáticos (*Examen rerum*, *Libri naturae*, *De methodo sciendi*, *Tractatus de anima*, *Tractatus de loco*, *Tractatus de vita*), nada de ellos se conserva y se duda incluso de que llegara a escribirlos². Los otros trabajos filosóficos incluidos en el elenco de 1636 son comentarios a Aristóteles de raíz docente: *De longitudine et brevitate vitae*, *In librum Aristotelis Physiognomicon commentarius* y *De divinatione per somnum ad Aristotelem*. Aun cuando en ellos se aprecia menos su tendencia escéptica, la convicción de que toda ciencia perfecta era ficticia se observa también en una carta al matemático italiano Cristoforo Clavio, en que Sánchez arremete contra la veracidad de la matemática³.

La postura antidogmática de Sánchez aparece también en sus obras médicas. En ellas se adopta un sesgo práctico en torno a las enfermedades y su tratamiento, pues las aborda con una actitud empírica y casi probabilista⁴. No concibe la medicina como una ciencia perfecta, demostrativa, sino como un *ars* conjetural que permitiría cierto éxito práctico por la acumulación de experiencias y su asimilación racional. No existiría, pues, contradicción entre su escepticismo y su profesión médica,

¹ Una buena síntesis de su vida se ofrece en las introducciones a las versiones inglesa y alemana de *Quod nihil scitur* (QNS): Limbrick 1988, 4-24; Howald 2011, xii-xxi.

² Cf. Howald 2011, xxxvii-xxxviii. Algunos estudiosos ofrecen una interpretación mitigada de su escepticismo (Limbrick 1988, 78-89). Caluori 2007 mantiene la opción contraria: Sánchez aceptaría solo un débil acercamiento a la verdad conjugando escepticismo y empiricismo.

³ Incluida en Sánchez 1955a y 2011. Un análisis de los tratados filosóficos puede verse en Limbrick 1988, 28-47; Howald 2011, xxi-xxxviii; Buccolini 2011.

⁴ Siraisi 2011.

como tampoco entre su postura filosófica y su aceptación de la fisiognomía en tanto que *ars* con posibilidades de veracidad⁵.

El texto que aquí nos ocupa es un comentario breve a la *Fisiognomía* de Pseudo Aristóteles, sobre cuya autoría plantea Sánchez serias dudas. En realidad, se limita a comentar el capítulo primero: aclaración a los alumnos de una serie de conceptos que atañen a la fiabilidad de los signos. Sería, pues, una suerte de breve discusión semiótica, en la que puede entrecruzarse una actitud antidogmática y apegada a la probabilidad de la experiencia. Como era habitual en Sánchez, también arremete contra Aristóteles, propone soluciones a sus errores y critica sus censuras a autores precedentes nunca nombrados. No hay una reflexión fisiognómica en sí, para la que posiblemente Sánchez no estuviera preparado, sino un nuevo intento de aplicar la razón práctica a un *ars* probable y hasta cierto punto fiable.

En el texto hay un proemio que hace de *praelectio*, una breve sección en que se expone el plan de trabajo y, por último, el comentario mismo⁶. Para ello, Sánchez escribe las primeras palabras del párrafo comentado y añade luego su anotación, primero parafrástica y después crítica y personal, con ocasionales alusiones a dificultades filológicas. En las páginas que siguen, por tanto, se estudia el comentario de Sánchez en la perspectiva que el propio texto adopta de principio a fin.

LA PRAELECTIO

El comienzo es un *proemium* que, en origen, fue una *praelectio*: una lección inaugural para introducir a los estudiantes en el conocimiento del autor, la obra y la disciplina objeto de comentario. La *praelectio* suele tener un despliegue retórico bastante fijo: ponderación de la obra, el autor y la materia, y exhortación al público para convencerlo de la utilidad de su cultivo.

Sánchez ubica el comentario⁷: tiene origen en un curso accesorio de verano que precedía al comienzo del nuevo curso académico (tras la fiesta de San Lucas, el 18 de octubre), cuando comentaría los *Meteoros* de Aristóteles⁸. El arranque del discursillo remite con cierta afectación a la utilidad de la fisiognomía: permitiría el conocimiento de los demás en medio de una sociedad de individuos acechantes, malhechores y disimuladores:

⁵ Caluori 2007, 39-44; Howald 2011, xxxv.

⁶ Citamos por Sánchez 1636 y abreviamos APC. El texto latino se reeditó en Sánchez 1649. Texto latino y traducción portuguesa aparecen en Sánchez 1955a y 1955b. El texto latino de Sánchez 1955b se incluye, junto a una versión italiana anotada de Claudio Buccolini, en Sánchez 2011.

⁷ Quizá lo escribiera poco después del *De longitudine et brevitate vitae* (LBV), en cuyo capítulo séptimo parece remitir a esta obra (Buccolini en Sánchez 2011, 724).

⁸ Como antes Jodocus Willich: en el verano de 1536 enseñó la *Fisiognomía* de Pseudo Aristóteles en la Universidad de Wittenberg, cuya *praelectio* hizo de prefacio a su propia traducción latina: González Manjarrés 2011.

Si physiognomizare unquam opus fuit, hoc quidem maxime tempore id perquam necessarium est, in quo invenire est tot larvatos ursos, personatos lupos, togatas vulpes, ut vix hominem offendas qui te offendere non meditetur⁹.

Para evitar tales escollos sociales se ha propuesto Sánchez el comentario de este libro, *parvum... quidem molle, sed magnum sensu, utilitate doctrinaque* (APC 34). La escueta loa del texto se completa con la insistencia del autor en la originalidad de su propuesta: algunos habían intentado abordarlo, pero fracasaron y, por tanto, aun cuando había numerosos comentarios de otras obras aristotélicas, *in hoc autem, nullius* (APC 35). Pero la afirmación, aun atenuada con un *quod sciam*, no es cierta: el texto de Pseudo Aristóteles había sido ya objeto de amplios comentarios en la parte final de la Edad Media (Guillermo de Aragón [ca. 1300], Guillermo de Mírca [ca. 1352-1352] o Juan Buridan [† ca. 1358]) y en el propio siglo XVI (Agostino Nifo [1523] o Tadéas Hajek [1584]), lo que confirmaría el uso ya antiguo del texto en medios académicos¹⁰. Es probable, pues, que Sánchez desconociera la tradición, pero no es descartable que la silenciase para ampliar el mérito de su trabajo.

El autor —dice Sánchez sin entrar aún a cuestionarlo— es de sobra conocido por su dificultad: *scaber, inaccessus, obscurus, concisus, incomprehensibilis saepissime* (ibid.), por lo que se necesita suma sutileza y hasta capacidad de adivinación para saber qué quiera decir. En todo caso, se ha de valer de su método habitual, propio de un médico: recurrir a *tum physicis tum medicis axiomatis* (ibid.) y con libre criterio destacar y censurar cuanto no le parezca bien, para que al fin *fructum aliquem hinc reportemus* (ibid.).

PLAN DE TRABAJO

Tras la *praelectio*, sigue una breve aclaración sobre el plan de trabajo propuesto: definición (*ratio nominis*), tema (*operis subiectum*), autor y estructura (*docendi methodus*).

Ofrece primero la etimología: un compuesto de φύσις (*sic*), ‘naturaleza’ o ‘índole’, y γνώμη, ‘conocimiento’, ‘juicio’. La disciplina sería un *ars sive scientia qua hominum mores et ingenia per externa corporis delineamenta aliaque signa habentur* (ibid.). La interpretación de γνώμη como *notitia o iudicium* resultaría más propia de un médico que de un tratadista de fisiognomía, proclive a entender el término como ‘regla’¹¹. El objeto de la disciplina, en fin, es conocer el carácter y su sujeto, los hombres.

⁹ APC 34 (repite el párrafo Rhyne 1683, 286). Sigue Sánchez insistiendo en la doblez humana, amparada incluso en una religiosidad ficticia, para terminar con un pasaje de gran carga retórica, incluidas referencias a Cicerón (*Cat.* 1,2) y Juvenal (*Sat.* 2,3). La ampulosidad empleada se opone al habitual estilo conciso de Sánchez, quien ya decía en *QNS: quo plura verba maior confusio* (Sánchez 1984, 68). La utilidad de la fisiognomía es tópico ya de la tradición, que insiste en dos aspectos: control social y control individual (Agrimi 2002, 76-79; Courtine-Haroche 2007, 38-39). Un elenco de fuentes al respecto puede verse en González Manjarrés 2011, 247. Buccolini relaciona el pasaje con Rabelais (Sánchez 2011, 723-724).

¹⁰ Ziegler 2007, 293; Agrimi 2002, 108-111. Y los comentarios siguieron en el XVII: Jacques Fontaine (1611), Camillo Baldi (1621).

¹¹ La fisiognomía atañería entonces al estudio de las leyes o reglas de la naturaleza en virtud de las cuales existiría una equivalencia congénita entre cuerpo y alma: Della Porta 1602, 46, aunque hay antecedentes medievales (Roger Bacon, Pietro d’Abano): Agrimi 2002, 30. La doble

Ry-1867

FRANCISCI
SANCHEZ;
DOCTORIS MEDICI,
Et in Academia Tolosana
Professoris Regii
Tractatus Philosophici,

Quod nihil scitur.

De divinatione per somnum ad Aristotelem.

In libr: Aristotelis Physiognomicorum Commentarius.

De longitudine & brevitate vite.



Ry-1867

ROTTERDAMI,
EX OFFICINA ARNOLDI LEERS.
1313 C XLIX.

M. Leers

Para Sánchez, y al parecer es el primero en planteárselo¹², *de authore maior est ambiguitas* (ibid.). Y cabe distinguir dos partes diferenciadas: la primera *redolet Aristotelis stylum, docendi methodum et gravitatem* (ibid.), pero la segunda resulta bastante dudosa. En efecto, el texto se tendría hoy por apócrifo y compuesto de dos tratados distintos: el primero (capítulos 1-3) más cercano a Aristóteles, con mayor sistematización teórica, y el segundo (capítulos 4-6) de índole más práctica. No obstante, hay quien piensa que no tendría que haber necesariamente dos autores diferentes, y que incluso ambas secciones podrían ser partes complementarias de un trabajo conjunto¹³. En todo caso el texto, de finales del siglo IV o comienzos del III a.C., procedería de ambiente peripatético.

Sánchez intenta dar *rationem probabilem* de cuanto se afirma: explicación ajustada a la realidad y en la medida en que sea posible. Reconoce que antes y después de Aristóteles ha habido tratadistas de fisiognomía, pero todos con una perspectiva empírica, *sine ratione*, por lo que él intentaría hacerlo *scientifico*. Anuncia, pues, y aun abjurando siempre de la ciencia demostrativa, un método de análisis racional y teórico (aunque siempre *probabilis*) para una disciplina práctica y de certeza aproximada.

A esa praxis se habrían dedicado casi todos los autores, pero menciona solo dos: Juan de Indagine (Johann von Hayn) y Miguel Escoto, con lo que tampoco parece que la fecunda tradición fisiognómica le fuera muy conocida¹⁴. El alemán es autor de unas *Introductiones apotelesmaticae in chyromantiam, physiognomiam, astrologiam naturalem*, publicadas en 1522, reimpresas a menudo y traducidas a varios idiomas, en las que hace breve repaso de equivalencias semióticas sin explicaciones doctrinales y con fuerte carga astrológica. La obra de Escoto (ca. 1230), médico de Federico II, fue en cambio un punto de inflexión en el renacimiento occidental de la disciplina como *scientia* académica, con el añadido teórico de la doctrina hipocrático-galénica de los temperamentos¹⁵.

El comentario de Sánchez al capítulo primero de la obra, en definitiva, se estructura en cuatro partes: fisiognomía como *ars*, métodos de análisis, objeciones a los mismos, distinción entre signos estables y transitorios.

COMENTARIO

Para el comentario no usa Sánchez el texto griego, sino la vieja traducción latina de Bartolomeo de Messina (1262-1265) en la adaptación “humanística” a que fue sometida para la edición

interpretación se valora en Magli 1995, 22-23. Había también una etimología que relacionaba el segundo elemento del compuesto con *onom/nomen*: Agrimi 2002, 78.

¹² Förster 1893, 2,xix-xx; Vogt 1999, 192.

¹³ Vogt 1999, 191-192; Laurant 2005, 40.

¹⁴ Para tal tradición, véase Boys-Stones 2007; Agrimi 2002, 3-36; Ziegler 2004; Porter 2005.

¹⁵ Jacquart (1994); Ziegler (2006).

de 1538¹⁶. Aun así, reconoce las dificultades de su empresa por el mal estado del texto *seu codicum corruptela, sive ex scriptorum vitio, sive interpretum defectu* (APC 37). Los errores de transmisión y traducción, en efecto, le habrían de jugar a Sánchez alguna que otra mala pasada, pues aborda la obra sin preocuparse de tener un texto fidedigno o hacerse con una versión más fiable.

1. RAZONES PARA UN ARS

Son varios los argumentos de Aristóteles para considerar un *ars* a la fisiognomía y con los que Sánchez estaría de acuerdo, pues la disciplina sería una práctica profesional enriquecida en su sustento teórico por la propia experiencia. La razón principal es un argumento médico: la interdependencia de cuerpo y alma, ya demostrada por Galeno en *Quod animi mores corporis temperatura sequuntur* y *De cognoscendis curandisque animi affectus*¹⁷. Las afecciones anímicas pueden mudar el cuerpo y viceversa, lo que se explicaría solo por aplicación de la teoría de las complejiones¹⁸. Y aduce Sánchez dos ejemplos: en la ebriedad lo que empieza siendo pura afección física deriva en mutación anímica, mientras que en la melancolía la afección anímica transmuta directamente el cuerpo¹⁹.

Una segunda razón es la necesidad de la compasión cuerpo / alma para mantener la coherencia del conjunto: *unaquaque anima certum sibi corpus certamque figuram exposcit* (APC 36). Por ello la metempsícosis pitagórica resultaría absurda, como ya decía Aristóteles²⁰. Pero además el cuerpo no puede tener existencia autónoma, sino que es en realidad instrumento del alma, como aseguran Aristóteles y Galeno²¹.

La tercera razón viene ya de la experiencia: los expertos en cuidar ciertos animales (perros o halcones) saben reconocer su valía a tenor de sus rasgos físicos. Y concluye la paráfrasis sin crítica: si todo ello es cierto, y lo es, *erit sane ars quaeipiam physiognomiae* (APC 37).

¹⁶ La traducción de Bartolomeo, publicada en Venecia en 1472 y varias veces reeditada, recibió retoques "humanísticos" en los *Opera omnia* de Basilea 1538 (Symon Grynäus), versión incluida en reediciones de los siglos XVI y XVII (también en Bekker). Sánchez sigue tal versión, aunque había dos traducciones humanistas: Andrés Laguna (1535) y Jodocus Willich (1538). Cf. Förster 1884, 18-21, y 1893, 1, lx-lxvi. En Förster 1893, 1, 5-91, se edita el texto de Bartolomeo.

¹⁷ La primera es obra influyente en la tradición fisiognómica: Lloyd 1988.

¹⁸ El asunto, polémico para los filósofos medievales, no causaba problemas a los médicos, que tenían todo signo por expresión externa de cambios humorales y la complejión, por causa del carácter: Ziegler 2007, 297-309.

¹⁹ Véase LBV 12-13, donde cita también a Arist., *De an.* 1,1,403a3ss. y 1,4,408a25ss.

²⁰ *De an.* 1,3,407b20ss. La cuestión es frecuente en la fisiognomía medieval: Agrimi 2002, 80-81; Ziegler 2007, 300. Y se retoma en el Renacimiento: Nifo 1550, 2rb-3va; Willich 1538, A6v; Della Porta 1602, 11.

²¹ Arist., *EE* 7,1 (no se corresponde), *PA* 2,1,646a30-b2, *De an.* 2,4,415b7; Gal., *UP* 1,2 (Kühn 3,2).

2. MÉTODOS

El comentario pasa a exponer los modos en que los antiguos aplicaban la disciplina. Como sus textos no se conservan, reconoce Sánchez la dificultad de terciar en la polémica, aun cuando haría lo que pudiera. Y empieza por el método primero, el zoológico, que por error divide en dos: se extraen los signos propios de una especie animal y se le atribuyen un aspecto y un temperamento concretos, que luego se aplicarían al hombre a partir de un único signo o a partir del cuerpo entero²². En esta segunda opción propone Sánchez una conjetura filológica: debería leerse *simile habenti corpus* y no *similem habenti corpus* (ibid.) para que se asegurase la concordancia²³.

El segundo método (tercero para Sánchez) es el etnológico: se clasificaban el aspecto y el carácter de los pueblos y, por analogía, se juzgaba al individuo. En su paráfrasis se limita Sánchez a dar las cualidades de las principales *nationes*, de un modo parecido al que ya se leía, por ejemplo, en Fírmico Materno²⁴.

El último método es el etológico: se analizan los rasgos físicos propios de las diferentes emociones y se atribuyen esas emociones como cualidades estables a quienes presentan naturalmente dichos rasgos. Pero Sánchez se confunde por error textual: la versión que sigue no trae el correcto *ex moribus apparentibus*, sino *ex moribus a parentibus* (APC 38), por lo que su comentario se centra en un supuesto método fisiognómico de raíz hereditaria, que corrobora incluso con citas literarias²⁵.

3. OBJECIONES

El texto de Pseudo Aristóteles se dedica luego a plantear objeciones a los métodos etológico y zoológico. Sánchez critica desde el principio a Aristóteles por su afán censor y su oscuridad, lo que le lleva a proponer una nueva conjetura textual²⁶, a reivindicarse como defensor de los autores previos y a *veritati semper et ubique patrocinari* (ibid.).

La primera objeción al método etológico (que Sánchez no se plantea ahora pueda ser hereditario) atañe a la plurivalencia de los signos: un mismo rasgo externo puede indicar dos cualidades anímicas distintas. A ello contesta Sánchez con cuatro razones: la fisiognomía no es tan cierta que no pueda equivocarse quien la practica; hay una jerarquía semiótica que da primacía, en caso de

²² Esa doble posibilidad está ya en Nifo 1550, 3va. Para los métodos, véase Armstrong 1958; Vogt 1999, 151-153.

²³ *Simile* lo traía ya el ms. F de la traducción de Bartolomeo, y así lo corrigen Nifo 1550, 3va, Laguna 1535, 8, Willich 1538, c1v, aun cuando Förster 1893, 1,7 mantiene *similem*.

²⁴ Firm., *Math.* 1,2-4. Las referencias son frecuentes en la tradición: Nifo 1550, 3vb; Della Porta 1602, 30-32. El párrafo de Sánchez lo repite Rhyne 1683, 285.

²⁵ El verso popular *Et sequitur leviter filia matris iter* y Hor., *Carm.* 4,4,29-32. El error textual, ya en la edición de Venecia 1517, ciiir, se mantiene en la adaptación de 1538 y sus reediciones (cf. Aristóteles 1597, 1108). Förster 1893, 1,9 lee *superapparentibus*.

²⁶ Propone Sánchez el añadido de una frase, *et in hoc valde aberrant* (APC 38), que se corrobora en el texto griego: ἀμαρτάνουσι (Arist., *Phgn.* A1,805b1).

contradicción, a los signos del rostro; los signos individuales son poco fiables, por lo que es mejor partir siempre de un síndrome: *quo plura signa certioraque haberi possint, certius futurum esse iudicium* (APC 39); el fisiónomo solo puede conocer la emoción momentánea o el hábito natural de un hombre, pero no su forma de ser pasada o futura ni el carácter que uno haya conseguido variar *doctrina prudentiaque*²⁷ (ibid.) o incluso disimular, ni adivinar cualidades que no se marcan en rasgos físicos. Se concentra aquí, pues, una visión de la fisiognomía propia de la época: es una disciplina que reconoce inclinaciones (*ut plurimum*), no verdades exactas, y que tiene que hilar muy fino para sacar juicios más o menos fiables de signos transitorios, inestables y plurivalentes²⁸. En todo caso, el argumento de Aristóteles fallaría en la base: si dos pasiones diferentes presentan algún rasgo común, el buen fisiónomo debe obviarlo y hacer su examen solo considerando *alia ... in quibus non conveniunt* (ibid.).

La segunda objeción vuelve a la ambigüedad semiótica: un hombre con un carácter específico puede aparentar otro distinto según la situación. Pero esa crítica es inválida, pues el fisiónomo debe fijarse en todos los rasgos posibles: si uno de naturaleza triste está contento y muestra signos de felicidad, no lo hará íntegramente, sino que siempre habrá señales que delaten su auténtica forma de ser²⁹. Y aun cuando se lleve uno a engaño por tal cuestión, nada habrá que reprocharle, pues también se confunden los astrónomos en sus predicciones climáticas o los médicos en sus diagnósticos.

Respecto al método zoológico, Sánchez matiza también las objeciones de Pseudo Aristóteles. Es cierto que ningún hombre se parece tanto a un animal como para establecer un cotejo automático, pero es suficiente con que se asemeje en algunos rasgos. En todo caso —continúa— la obra se contradice, pues el análisis anatómico de la segunda parte se basa en analogías zoológicas de rasgos únicos.

Una segunda objeción es que los animales presentan pocos rasgos particulares y muchos comunes, de los que apenas podría hacerse inferencia segura. Pero Sánchez contesta con fuertes razones: como apenas hay rasgos unívocos y peculiares de una especie, no hay más remedio que juzgar por los comunes más restrictivos, pues *communia signa manifestant nobis quod volumus* (APC 41). Se trataría de elegir un conjunto de signos y cotejarlos con animales para las pasiones sensitivas y con otros hombres para las racionales. Y si el texto de Pseudo Aristóteles niega validez a los signos particulares, Sánchez rebate su existencia misma, pues nada es tan propio que no se halle en otro. La fisiognomía, pues, solo actúa sobre una serie de pasiones y signos comunes, pero no sobre particularidades como *de attractione ferri*, que *soli magneti convenit* (ibid.).

²⁷ Como le pasó a Zópiro con Sócrates: como dijo que tenía un carácter vicioso y nadie lo creía, el propio Sócrates reconoció que era verdad, pero que había conseguido corregirlo con disciplina: Cic., *Tusc.* 4,80 y *Fat.* 10 (Pers. 4,24; Alex. Aphr., *Fat.* 6). Cf. Boys-Stones (2007) 23-27.

²⁸ Cf. MacLean 2011 (ya antes MacLean 2002, 315-319, y 2006, 95-109).

²⁹ Y ofrece hasta cuatro citas poéticas para corroborar la idea de la imposibilidad de disimular los rasgos físicos: Maxim., *Eleg.* 4,27-28; Tib. 3,6,33-34; Ov., *Met.* 2,447 y *Epist.* 16,237-238.

La selección de signos, según el texto, habría de hacerse tomando por modelo a los “hombres” con idénticas disposiciones. Sánchez no entiende el argumento y propone con tino una nueva conjetura: en vez de *ex hominibus electionem facere oportet* habría que leer *ex omnibus* (ibid.), de forma que la selección se hiciera a partir no de una sola especie animal, sino de todos los animales con cualidades semejantes³⁰.

4. SIGNOS PERMANENTES Y TRANSITORIOS

La parte final del comentario se centra en la distinción entre signos comunes y transitorios, que para Pseudo Aristóteles podrían ser falaces. Sánchez distingue también entre ambos, pero considera que los comunes sirven para desvelar cualidades anímicas estables (cólera, melancolía, ferocidad) y los pasajeros emociones transitorias (ira, tristeza, crueldad)³¹. Los *signa mansiva* tienen una duración estable en el sujeto (color, cabello, figura, carne), mientras que los *transeuntia* son señales pasajeras (risa, llanto, aspecto, movimiento y otras rasgos faciales). Aun así, ambos son válidos para hacer juicios fisiognómicos: en un caso para conocer el carácter, en el otro las emociones. Lo que puede llevar a inferencias erróneas es la mezcla: si una persona alegre ríe y por los signos de la risa se la juzga alegre, hay acierto, *sed contingenter et non necessario* (APC 42). Pero si el que ríe es un tipo melancólico y por tales signos se le tiene por alegre, el juicio es ya erróneo³².

CONCLUSIONES

El comentario de Sánchez termina con cierta brusquedad, como si faltara una revisión final. El último párrafo, no obstante, justifica el abandono:

Porro quia quae sequuntur in Aristotele magis particularia sunt minusque difficilia, propterea nos ea lectorum captui relinquimus (ibid.).

Las identificaciones particulares llenan la primera parte, pero la segunda comienza con disquisiciones teóricas que bien podría haber analizado Sánchez: interacción cuerpo / alma, relación signos permanentes / pasajeros, jerarquía semiótica, idoneidad del aspecto (ἐπιπρέπεια) como base de todo juicio, etc. Quizá el curso no diera para más y Sánchez tampoco se lo hubiera preparado en

³⁰ Nifo 1550, 4va, corrige *ex animalibus*, lo mismo que Laguna 1535, 10 (*brutorum*). En el texto griego la conjetura πάντων por ἀνθρώπων la recoge ya Förster 1893, 1,12. La justifican Vogt 1999, 303-304, o Ferrini 2007, 216.

³¹ Así ya en Buridan (Ziegler 2007, 295), y hasta en la segunda parte del propio Pseudo Aristóteles: *Phgn.* B4,808b30-809a1. Las ciencias reconocen hoy día una semiótica universal para una serie de emociones humanas: véase el sitio *Data Face* de Joseph C. Hager (<http://face-and-emotion.com/dataface/general/homepage.jsp>).

³² Para risa y fisiognomía, cf. González Manjarrés 2012.

FRANCISCVS
SANCHEZ
PHILOSOPHVS
ET MEDICVS
DOCTOR.



QVOD NIHIL SCITVR.



LVGDVNI,
APVD ANT. GRYPHIVM.

M. D. LXXXI.

Luiz Pinto de Sousa

condiciones, de ahí su aparente falta de conocimiento de la tradición y, más en concreto, de los comentarios previos a la obra. Como es habitual en él, no cita muchas autoridades (apenas Aristóteles y Galeno), pero añade unas cuantas referencias poéticas que podrían calificarse de puras licencias retóricas.

En el comentario, por otro lado, hay una aparente falta de atención textual: ni consulta el texto griego ni otras ediciones latinas, lo que le hace caer en errores crasos (*ex moribus a parentibus*). No obstante, vemos también rasgos de su aptitud filológica: propone algunas conjeturas que luego se han visto aceptadas o corroboradas, y resulta pionero en dudar de la autoría misma del tratado.

El comentario, en todo caso, permite observar la actitud de Sánchez ante una disciplina que, como la medicina, tiene por auténtica *ars*. Reconoce su valor y utilidad, que hace radicar precisamente en su aparente debilidad: se trata de un *ars* aproximada, que solo ofrece inclinaciones y no juicios exactos, pero que si se aplica bien permite conocer los rasgos permanentes del carácter de una persona y sus emociones pasajeras. El escepticismo de Sánchez, por tanto, no contradice su aceptación de la fisiognomía, pues aplica unas razones probables inferidas de la propia experiencia.

BIBLIOGRAFIA

- AGRIMI 2002: Jole Agrimi, *Ingeniosa scientia nature. Studi sulla fisiognomica medievale*, Firenze: Sismel-Edizioni del Galluzzo.
- ARISTÓTELES 1597: *Operum Aristotelis stagirite Philosophorum omnium longe principis nova editio*, Genève: Guillaume de Laimarie.
- ARMSTRONG 1958: A. MacC. Armstrong, “The Methods of the Greek Physiognomists”, *Greece and Rome* 5:1, 52-56.
- BOYS-STONES 2007: George Boys-Stones, “Physiognomy and Ancient Psychological Theory”, en Simon Swain, ed., *Seeing the Face, Seeing the Soul. Polemon’s Physiognomy from Classic Antiquity to Medieval Islam*, Oxford: Oxford University Press, 55-75.
- BUCCOLINI 2011: Claudio Buccolini, “Sanchez filosofo”, en Francisco Sanchez, *Tutte le opere filosofiche*, Milano, Bompiani, LI-C.
- CALUORI 2007: Damian Caluori, “The Scepticism of Francisco Sanchez”, *Archiv für Geschichte der Philosophie* 89, 30-46.
- COURTINE-HAROCHE 2007: Jean-Jacques Courtine y Claudine Haroche, *Histoire du visage. Exprimer et taire ses émotions (XVIe-début XIXe siècle)*, 2ª ed., Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- DELLA PORTA 1602: Giovan Battista Della Porta, *De humana physiognomonia*, 2ª ed., Venezia: Tarquinio Longo (= Venezia 1599).
- FERRINI 2007: Aristotele, *Fisiognomica*, Mª Fernanda Ferrini, ed., Milano: Bompiani.
- FÖRSTER 1884: Richard Förster, *De translatione latina physiognomicorum quae feruntur Aristotelis*, Kiel: Schmidt & Klaunig.
- FÖRSTER 1893: Richard Förster, *Scriptores physiognomici Graeci et Latini*, 2 vols., Leipzig: Teubner.
- GONZÁLEZ MANJARRÉS 2011: Miguel Ángel González Manjarrés, “Jodocus Willich, *Oratio in laudem physiognomiae*: estudio, edición, traducción, anotación”, *Agora* 13, 203-264.
- GONZÁLEZ MANJARRÉS 2012: Miguel Ángel González Manjarrés, “La risa en la fisiognomía antigua y medieval”, *Traditio* 67 (2012) 305-339.
- HOWALD 2007: Franciscus Sanchez, *Daß nichts gewußt wird - Quod nihil scitur*, Einleitung und Anmerkungen von Kaspar Howald, Hamburg: Verlag.
- JACQUART 1994: Danielle Jacquart, “La Fisiognomica: il trattato di Michele Scoto”, en Pierre Toubert y Agostino Paravicini Bagliani, eds., *Federico II e le scienze*, Palermo: Sellerio, 338-353.
- LAGUNA 1535: *Aristotelis Stagiritae De physiognomicis liber*, Paris: Louis Blauwbloem (Cyaneus).
- LAURANT 2005: Valéry Laurant, “Les hésitations méthodologiques de Pseudo-Aristote et de l’Anonyme Latin”, en Christophe Bouton, Valéry Laurant y Layla Raïd, eds., *La physiognomonie. Problèmes philosophiques d’une pseudo-science*, Paris: Kimé, 17-44.
- LIMBRICK 1988: Francisco Sanches, *That Nothing is Known (Quod nihil scitur)*, Elaine Limbrick and Douglas F. S. Thompson, eds., Cambridge: University.
- LLOYD 1988: Geoffrey E. R. Lloyd, “Scholarship, Authorship and Argument in Galen’s *Quod animi mores*”, en Paola Manuli y Mario Vegeti, eds., *Le opere psicologiche di Galeno*, Napoli: Bibliopolis, 11-42.
- MACLEAN 2002: Ian Maclean, *Logic, Sign and Nature in the Renaissance: The Case of Learned Medicine*, Cambridge: University.
- MACLEAN 2006: Ian Maclean, *Le monde et les hommes selon les médecins de la Renaissance*, Paris: CNRS Éditions.
- MACLEAN 2011: Ian Maclean, “The Logic of Physiognomy in the Late Renaissance”, *Early Science and Medicine* 16:4, 275-295.
- MAGLI 1995: Patrizia Magli, *Il volto e l’anima. Fisiognomica e passioni*, Milano: Bompiani.
- NIFO 1550: Agostino Nifo, *Parva Naturalia: Physiognomicorum libri tres*, 2ª ed., Venezia: Girolamo Scotto (= Venezia 1523).
- PORTER 2005: Martin Porter, *Windows of the Soul: Physiognomy in European Culture, c.1500-1800*, Oxford: University Press.
- RHYNE 1683: Wilhelm the Rhyne, *Dissertatio de physiognomia*, London: Chiswell.

- SÁNCHEZ 1636: *Francisci Sanchez ... Opera medica. His iuncti sunt Tractatus quidam philosophici*, Toulouse: Pierre Bosc.
- SÁNCHEZ 1649: *Francisci Sanchez ... Tractatus philosophici*, Rotterdam: Arnold Leers.
- SÁNCHEZ 1955a: Francisco Sanches, *Tratados filosóficos*, trad. port. de Basílio Vasconcelos e Miguel Pinto de Meneses, pref. y notas Artur Moreira de Sá, Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- SÁNCHEZ 1955b: Francisco Sanches, *Opera Philosophica*, Coimbra: Universidade.
- SÁNCHEZ 1984: Francisco Sánchez, *Quod nihil scitur*, Sergio Rábade, José M^a Artola y M. Francisco Pérez, ed. y trad. esp., Madrid: CSIC.
- SÁNCHEZ 2011: Francisco Sanchez, *Tutte le opere filosofiche*, Ettore Lojacono y Claudio Buccolini, eds., Milano, Bompiani.
- SIRAIISI 2011: Nancy G. Siraisi, “Theory, Experience, and Customary Practice in the Medical Writings of Francisco Sanches”, en Florence E. Glaze y Brian K. Nance, eds., *Between Text and Patient. The Medical Enterprise in Medieval & Early Modern Europe*, Firenze: Sismel-Edizioni del Galluzzo, 441-463.
- VOGT 1999: Aristoteles, *Physiognomonica*, Sabine Vogt, ed., Berlin: Akademie Verlag.
- WILLICH 1538: *Physiognomonica Aristotelis*, Wittenberg: Nicholas Schirlentz.
- ZIEGLER 2004: Joseph Ziegler, “Medicine and Physiognomy 1300-1500”, *Médiévales* 46, 89-108.
- ZIEGLER 2006: Joseph Ziegler, “The Beginning of Medieval Physiognomy: The Case of Michael Scotus”, en Gundula Grebner y Johannes Fried, eds., *Kulturtransfer und Hofgesellschaft im Mittelalter*, Berlin: Akademie Verlag, 299-319.
- ZIEGLER 2007: Joseph Ziegler, “Philosophers and Physicians on the Scientific Validity of Latin Physiognomy, 1200-1500”, *Early Science and Medicine* 12:3, 285-312.

A DOCTRINA SUAREZIANA DAS PAIXÕES DA ALMA. NOTAS PARA O RECONHECIMENTO DE UMA ESCOLÁSTICA HUMANISTA

PAULA OLIVEIRA E SILVA

Instituto de Filosofia
Universidade do Porto

RESUMO

A designação 'escolástica ibérica' é equívoca porque coloca em paralelo um movimento cultural de cariz humanista com a escolástica medieval, identificando aquele e esta com a filosofia tomista. A doutrina de Suárez acerca das paixões da alma serve de paradigma para evidenciar o qualificativo de escolástica humanista, pois revela as seguintes características: i) recurso às doutrinas estóicas e aos Padres; ii) crítica à doutrina tomista das paixões; iii) definição das paixões como movimentos vitais do corpo; iv) análise destes com base na teoria dos humores de Galeno e no recurso à literatura médica do seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE

Humanismo, Suárez, paixões da alma, Galeno, literatura médica.

ABSTRACT

The term «Iberian scholasticism» is misleading, since it puts in parallel a 16th century cultural movement with medieval scholasticism, and identifies both with the prominence of Thomism. Suarez's doctrine on emotions is exemplary in showing the humanistic character of the 16th century Iberian scholastic thought, because of the following humanistic topics it contains: i) reference to both the ancient and patristic sources and doctrines; ii) criticism and rejection of Aquinas' theory on emotions; iii) statement of emotions as vital corporeal movements; iv) analysis of these movements based on Galen's theory of humors and reference to the medical literature of his time.

KEYWORDS

Humanism, Suárez, Galen, Emotions, medical literature.

1. UMA ESCOLÁSTICA HUMANISTA

Designa-se comumente por Segunda Escolástica, Escolástica Ibérica ou Escolástica barroca o movimento intelectual organizado em torno da Escola de Salamanca no início do século XVI e disseminado quer em outras universidades espanholas quer nas universidades portuguesas de Coimbra e Évora, na segunda metade do mesmo século. Estas doutrinas estão contidas sob forma impressa ou manuscrita nos textos saídos desse contexto académico e a sua influência foi determinante no forjar da *forma mentis* da Europa dos séculos XVI e XVII. Aquela designação está contudo longe de ser consensual entre os estudiosos, facto que revela a consciência de um desconforto decorrente da falta de adequação entre o termo e a realidade que ele designa. Efectivamente, que correspondência se verifica entre o contexto histórico, político e cultural das universidades ibéricas no século XVI, e a produção intelectual dele resultante, e aquela gerada no século XIII no triângulo Paris, Oxford e Bolonha, para referir alguns exemplos de sedes universitárias relevantes nesse período? Se há semelhanças, sobretudo na estruturação do modelo de ensino universitário, e mesmo aí inúmeras diferenças se poderiam acentuar, os textos produzidos em contexto universitário no século XVI, mesmo no que ao ensino da teologia e da filosofia se refere, denotam inúmeros factores de diversidade. Por que razão, então, se insiste na referência a uma segunda escolástica, como se, em pleno século XVI, se tratasse de um renascer do fenómeno medieval ou uma continuidade dele?

Na verdade, cremos poder falar de uma continuidade, por um lado, e de uma certa ruptura, por outro. Assim, por um lado, verifica-se nos séculos XIV e XV uma descontinuidade no ensino escolástico segundo o modelo das universidades do século XIII, o qual se deve a um conjunto complexo de factores e está ligado à emergência do movimento que se designou por humanismo renascentista. A origem deste movimento costuma colocar-se em Petrarca e caracteriza-se pela progressiva edificação de uma nova mundividência a cuja origem se ligam um conjunto vastíssimo de nomes: Dante Alighieri, Lorenzo Valla, Pier Pomponazzi, Colluccio Salutati, Pico della Mirandola, Marcilio Ficino, Erasmo de Roterdão, entre muitíssimos outros. Aqui, a confluência de um amplo conjunto de factores coloca na sombra a permanência do modelo universitário medieval e das suas estruturas de ensino ligadas à igreja de Roma ou às escolas e *studia* das ordens religiosas: a novidade de métodos, de que o recurso à análise filológica é exemplo; a compreensão do mundo em chave secularizante, a que vai unida uma abordagem do texto bíblico e da autoridade dos Padres mais aberta à subjectividade; a crítica permanente à instituição universitária e eclesiásticas, ligadas desde a origem, com a criação de Academias de artes por parte da burguesia rica e a especial atenção dada à recuperação e edição das obras de Platão, são exemplo de índices de mudança operados pelo humanismo.

Porém, a par destes factores de inovação, o modelo escolástico não se eclipsou e persistiu, ao longo dos séculos XIV e XV, ao lado do humanismo renascentista, sendo hoje consensual a existência de

uma escolástica humanista¹, embora igualmente se reconheça, e assim se verifique documentalmente, que a sua caracterização é uma área do saber ainda pouco explorada².

O recurso à história do pensamento com base numa estrutura de comentário é uma característica do ensino escolástico medieval, a qual se mantém, acrescida de cerca de mais três séculos de produção intelectual, na designada segunda escolástica. De facto, os grandes comentários produzidos nas universidades peninsulares no século XVI revelam, por parte dos seus autores, um profuso conhecimento da história da filosofia, agora acrescido dos comentários renascentistas, de âmbito escolástico ou humanístico e do recurso às citações de autores da literatura clássica, colhidas quer em escritos de teor mais próximo da filosofia, como podem ser, a título de exemplo, as *Disputações Tusculanas* de Cícero, quer em obras de carácter poético, como os escritos de Virgílio ou Horácio. Efectivamente, surpreende-nos o imenso património de erudição que estas obras revelam.

Esta é uma nota característica das obras deste período quer impressas, quer manuscritas. É possível que estes autores tivessem em mente elaborar uma síntese doutrinal que, a respeito de cada tema ou questão filosófica, reunisse quanto foi dito a ocidente e a oriente, pelos filósofos pagãos e cristãos, no período patrístico e escolástico, no renascimento e na idade média. A sequência que acabamos de referir é habitual nas referências de autoridades, no âmbito de uma certa ordenação por escolas que, na análise de questões particulares, se pode verificar, a título de exemplo, em tratados como o Comentário ao *De anima* de Aristóteles, produzido em Coimbra³. Este comentário assume-se como projecto corporativo, isto é, como obra dos Conimbricenses, a quem foi confiada a elaboração de uma síntese doutrinal o mais completa possível em matéria de filosofia que pudesse servir ao estudo da teologia.

Contudo, mesmo nesta obra que, pelo contexto onde é gerada e pela finalidade que se lhe exige, está marcada por uma intenção de fidelidade à doutrina tomista, se nota a presença da literatura humanista, mesmo em aspectos tão inovadores como os domínios da ótica ou da ciência

¹ Charles NAUERT evidencia a continuidade entre Idade Média e Renascimento, matizando algumas interpretações mais radicais acerca do carácter inovador do movimento designado por Humanismo Renascentista, originadas sobretudo no final do século XIX e vigentes ao longo do Séc. XX. Este especialista sobre a Renascença reconhece ter tido de mudar de perspectiva, dada a evidencia das fontes documentais para o estudo deste período da História do Ocidente: "(...) The medievalists are at least partly right: the Renaissance is not the beginning of the cultural dynamism of Western society, but rather a highly significant reorientation of an advanced civilization already two or three centuries old. (...) The humanistic culture did not produce a new philosophy to replace scholasticism, which continued not only to exist but also to develop along lines that were intellectually sound and philosophically fruitful." NAUERT, Charles, *Humanism and the Culture of Renaissance Europe*.

² PASNAU evidencia a obscuridade que envolve ainda o conhecimento do que se produziu no domínio filosófico nos séculos XIV-XVII: "The human mind tends to suppose that what it does not know about does not exist, and for our four centuries this fallacy is especially misleading. The almost unknown era of philosophy between 1400 and 1600 gave rise to vast quantities of material, much of which still survives. Although the fifteen century is practically terra incognita to modern scholars, we have more philosophical texts from that century than from the previous two centuries combined, and more studies of Aristotle from the sixteenth century than we have from the whole prior history of Latin Aristotelianism, all the way back to Boethius". PASNAU, Robert *Metaphysical Themes, 1274-1671*.

³ Comentário do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus. Sobre os Três Livros do Tratado da Alma, de Aristóteles Estagirita. Tradução de Maria da Conceição Camps. Introdução, Apêndice e Bibliografia de Mario Santiago de Carvalho. Sílabo, Lisboa, 2010.



197

médica. O facto denota que nem mesmo a existência de um ensino corporativo, com um projecto doutrinal comum, invalida a liberdade de organização de fontes e recursos e, até, de pensamento. No que à produção filosófica e teológica de Suárez diz respeito, cabe recordar a acusação de anti-tomismo de que foi alvo, por parte dos seus confrades e da qual se defende insistindo na sua actividade de pensador crítico, e não de comentarista.⁴

Do contacto com os textos e autoridades deste período é nossa convicção a necessidade premente não apenas de encontrar a correta designação para o que neste período da história da filosofia e da cultura ocidentais se produziu, nomeadamente em Portugal e Espanha (ou em contextos transfronteiriços mas que por alguma razão se cruzam com este espaço geográfico), mas sobretudo a urgência de evidenciar, através de um estudo sistemático das obras e doutrinas produzidas, a identidade da mundividência transmitida pelas fontes bem como a sua filiação à cultura do seu tempo, profundamente marcada pelo movimento humanista e concretamente pelos novos contributos da ciência de então. O presente estudo pretende ser um contributo

nesta direcção, desmistificando textos e autores e indiciando itinerários de leitura que os demarquem de estruturas mentais preconcebidas. Aqui identificam-se alguns elementos desta presença humanista na obra de Francisco Suárez, nomeadamente no seu tratado sobre as paixões da alma.

2. GENEALOGIA DAS PAIXÕES NO *DE PASSIONIBUS* DE SUÁREZ.

Se quiséssemos hoje fazer uma genealogia das paixões no Ocidente talvez começássemos por citar Platão, ou certamente Aristóteles, sendo paradigmáticos, para o tema, os dois primeiros Livros da *Retórica* do estagirita. Contudo, esta genealogia está hoje disponível na análise bastante completa

⁴ A base da acusação seria um comentário de Suárez à 1ª parte da *Suma de Teologia*, sobre a predestinação divina. A escusa de Suárez lê-se na carta dirigida ao General da Companhia Everando Mercuriano (Valladolid, 2 de Julio de 1579), em defesa da acusação de 'antitomista' que lhe dirigiu o visitador Diego de Avellaneda). Cf. A. PONCELA, *Francisco Suárez Lector de Metafísica I y A*, Celarayn, Leon, 2000.

realizada por Simo Knuuttila, na sua obra *Emotions in Ancient and Medieval Philosophy*⁵, hoje considerada referência necessária, sobretudo para uma contextualização da doutrina das paixões na história da filosofia antiga e medieval.

O nosso objectivo aqui cinge-se a seguir de perto o comentário de Suárez no seu Tratado sobre as Paixões da Alma, Disputação I, secção I, a fim de verificar quais as autoridades nas quais fundamenta a sua exposição e qual a sua doutrina sobre a natureza das paixões. Tratando-se de um objectivo restrito e aparentemente pouco ambicioso, é contudo certo que tanto o referido texto de Suárez, como a sua doutrina acerca das paixões não têm sido objecto de particular atenção por parte dos estudiosos, não obstante tratar-se de uma temática assaz interessante e esclarecedora quer para o estudo da antropologia suareziana, quer para compreender como o seu autor dialoga com a tradição, quer ainda para identificar na sua obra elementos de modernidade.

O tratado *De passionibus* de Suárez integra-se no tratado mais amplo, sobre os actos humanos e corresponde ao seu ensino de teologia moral a qual, segundo o que estabelecia ao tempo o programa de estudos universitários, deveria comentar a *Suma de Teología* de Tomás de Aquino. Sendo assim, o *De passionibus* de Suárez deveria comentar a *Suma de Teología* de Aquino, I-IIa, qq. 22-48, correspondente à análise das paixões da alma. Aí, Aquino reúne as principais teorias disponíveis na tradição precedente e fundamenta a sua própria doutrina no hilemorfismo aristotélico. Contudo, se Suárez segue externamente o modelo do tratado tomista sobre as paixões, dele se distancia claramente em muitos aspectos e sobretudo na questão essencial acerca da natureza das paixões da alma.

As questões teóricas inerentes à natureza das paixões prendem-se com este conjunto de problemas: o que são este tipo de movimentos ou afecções? São eles atos da alma? Então, por que razão se designam por paixões, dada a sua condição ativa? Acaso será porque neles se refere a passividade do corpo, que sofre os embates do mundo exterior na sua estrutura sensível? Neste caso, a alma seria passiva, com relação ao movimento do corpo. Mas se é assim, de que modo o corpo transmite à alma tais embates? É a alma passiva ou activa perante as afecções externas? A resposta a estas questões configura, por um lado, uma antropologia, mormente pela posição que se vier a assumir acerca do modo como se relacionam corpo e alma, matéria e espírito, no composto humano, e, por outro, uma doutrina moral, na medida em que seja possível definir a fronteira, para a actividade humana, entre os domínios de atividade irracional e racional, entre o involuntário e o consentido. É por este motivo que o tratado de Suárez sobre as paixões é parte do tratado mais amplo sobre os actos humanos. Na análise do seu texto verifica-se claramente que acrescenta algo mais à disputa medieval entre escolas, tomista e escotista, sobre as paixões, concretamente ao valorizar a literatura médica do seu tempo e ao introduzir, na sua concepção da natureza das paixões, alguns elementos que aí encontra.

⁵ KNUUTTILA, Simo, *Emotions in Ancient and Medieval Philosophy*.

3. A DOUTRINA DAS PAIXÕES NOS ESTÓICOS E NOS PADRES

Na revisão historiográfica que faz das doutrinas clássicas sobre as paixões, Suárez segue de perto Tomás de Aquino, reportando-se aos estóicos e aos Padres latinos e gregos. As fontes antigas reportadas por Aquino são sobretudo citadas indirectamente, através da obra de Agostinho *De civitate dei*, quer para a definição de Cícero acerca das paixões como *perturbationes animae*⁶, quer para a exposição do sujeito das paixões. Suárez menciona estas mesmas fontes a partir de Agostinho, mas acrescenta um abundante conjunto de referências para as fontes estóicas, citando sobretudo Cícero, no Livro IV das *Disputationes Tusculanae*, e Séneca, na *Epístola* 119, a Lucílio, bem com o tratado *De Ira*, a Novato, e o *De finibus*. Esta familiaridade com as fontes clássicas não é, aliás, exclusiva de Suárez, sendo uma nota característica dos comentários produzidos no contexto universitário peninsular neste período, denotando a clara influência do humanismo renascentista nestes autores.

Na esteira de Tomás de Aquino, Suárez cita a sagrada Escritura, nomeadamente o texto de S. Paulo, na Epístola aos Romanos, 7, 35, alguns comentários bíblicos dos Padres latinos, Agostinho e Jerónimo, e finalmente, os Padres gregos, destacando-se a referência ao *De fide orthodoxa* II, 22, de João Damasceno, texto que é já de si uma recompilação historiográfica das doutrinas clássicas, gregas e latinas, sobre as paixões, ao mesmo tempo que apresenta uma verdadeira doutrina sobre o tema. Paradigmático para o tratamento das paixões, este texto tornou-se canónico no debate sobre o tema e será ponto de referência obrigatório para os autores escolásticos medievais.

Suárez presta particular atenção ao texto de *De fide orthodoxa* II, 22, no qual João Damasceno refere as paixões fazendo intervir na definição o factor percepção, isto é, incorporando na definição a atividade dos sentidos internos, concretamente a imaginação e a memória. Desta tradição, retém o facto de as paixões da alma serem atos do apetite sensitivo, específico do ser vivo animado, situando-se, portanto, na fronteira entre o corpo material e a alma racional. Dado que nos animais ocorre a união entre corpo e alma sensitiva, a paixão dá-se, dirá Suárez, precisamente nesta realidade intermédia: é um movimento vital do espírito, que tem consequências no corpo⁷. Chegamos assim à primeira definição dada por Suárez sobre a natureza das paixões:

“Todo o ato do apetite sensitivo é e chama-se paixão da alma.”⁸

⁶ Suárez discute a questão da natureza das paixões nas Secções I a III da Disputação I do seu *De passionibus* (F. Suárez, *De actibus, qui vocantur passionibus, tum etiam de habitibus, praesertim studiosis, ac vitiosis in Opera Omnia*, Editio Nova a D. M. André, iuxta editionem venetianam. Tomo IV, Ed. Vivès, Paris, 1861, pp. 456-478. Doravante: *De passionibus* [DP], *Disputatio* I, *Sectiones* 1-3). As passagens aqui citadas referem-se a esta edição, em tradução nossa. O texto de Tomás de Aquino que lhe serve de referência é a S. Th., I-IIae, q. 22, artigos 1 a 3 (Thomas Aquinatis, *Summa Theologiae*, I-IIae, q. 22, articulus 1, 2 et 3. BAC, Madrid, 1984, 4 ed., pp. 157-161).

⁷ Na introdução da *Disputatio* I de *De passionibus*, Suárez afirma que vai tratar *de actibus mediis, id est, de affectibus animi seu passionibus*, acrescentando que, embora pertença à Filosofia Natural o estudo delas, e os médicos as tratem abundantemente, contudo elas dizem também respeito à ciência moral (Cf. DP I, Proêmio: p. 455, col. 2).

⁸ DP I, I, 2: p. 456, col. 1.

Este movimento vital é um ato do apetite sensível no qual influi a representação produzida pelos sentidos internos. Por isso, embora os Padres e os estóicos reclamem por vezes um sentido negativo para as paixões, sublinhando o facto de se tratar de um movimento irracional, este não é, diz Suárez, o seu sentido principal. Precisamente porque se trata de um movimento localizado ao nível do apetite sensitivo e portanto num primeiro nível de percepção no qual não há deliberação nem decisão, as paixões ou afecções da alma não têm uma imediata nem evidente conotação moral. Escreve Suárez:

“ (...) não há motivo para empregar sempre o termo *paixão* em sentido negativo, pois o movimento do apetite, mesmo quando está de acordo com a razão, pode provocar alterações no corpo.”⁹

Na secção I, 3 da mesma Disputação I, Suárez esclarece as características das paixões, localizando-as sempre no apetite sensitivo: “Estas paixões não se encontram nem na potência cognoscitiva, nem na potência volitiva”, embora suponham algum grau de desejo.¹⁰ A tese é suportada pela distinção entre a potência cognitiva, que é receptiva relativamente ao ato de conhecer, e a potência apetitiva, que apenas recebe o ato de apetecer. Suárez obtém assim a seguinte distinção: na medida em que o conhecimento supõe a potência cognoscitiva, e considerando a razão geral de potência, o conhecimento também é *paixão*. Mas em sentido próprio, o movimento que ocorre no corpo através das alterações dos humores, a que se chama propriamente *paixão*, tem a sua origem no apetite vital e não tem necessariamente relação com a apreensão, nem sequer com a sensível, como escreve: “ (...) as alterações e movimentos dos humores, a partir dos quais se derivou o nome paixões, propriamente e per se têm a sua origem nos atos do apetite, e não apenas a partir da apreensão e da imaginação”¹¹. Suárez considera que há uma tensão apetitiva na alma em direcção àquilo que ela apetece, e que esta tensão ocorre sem intervenção do conhecimento e da vontade, e até mesmo sem a intervenção das potências sensitivas internas. As *paixões* são movimentos deste tipo e por isso se distinguem da operação das potências racionais, dado que a atividade destas últimas é espiritual. Inversamente, a atividade do apetite é material e corpórea: “ (...) os apetites são materiais e corpóreos. Donde se segue que propriamente e per se, eles provocam um movimento e alteração no corpo.”¹²

Não obstante Suárez afirmar que está a comentar o texto da *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, este seu modo de compreender e definir as paixões da alma afasta-se decisivamente do escolástico medieval. Aquino analisa as paixões da alma com base na concepção aristotélica do

⁹ DPl, I, 2: p. 456, c.1, in finem.

¹⁰ DPl, I, 3: p. 456, col. 2. Suárez refere o *De Anima*, de Aristóteles, sem indicar o lugar concreto.

¹¹ DPl, I, 3: p. 456, col. 1.

¹² DPl, I, 3: p. 456, col. 1.

movimento dos corpos no reino da física (por conseguinte, à luz das categorias aristotélicas de atualidade e potencialidade) e aplica esta concepção, por analogia, ao movimento dos corpos dos seres vivos. Suárez considera-as como um movimento vital do corpo animado e irá explicá-las com base na doutrina dos humores, de tradição galénica.

4. A CRÍTICA À DOCTRINA TOMISTA DAS PAIXÕES.

Depois de tratar a natureza e definição das paixões e de discutir o tema da bondade ou malícia destes movimentos vitais, Suárez apresenta a sua divisão geral das paixões. Aqui destaca-se explicitamente de Tomás de Aquino, de dois modos: i) negando a razão da distinção tomista entre o apetite concupiscível e irascível e ii) rejeitando a sua classificação das paixões, à qual atribui um carácter meramente funcional. Por razões de brevidade, aqui apenas se resume a crítica de Suárez a Tomás de Aquino.

Como Suárez reconhece, é comum dividir as paixões entre movimentos dos apetites concupiscível e irascível da alma, mas nem todos autores expõem esta divisão segundo uma mesma *ratio*. Tomás defende a existência de dois géneros de apetite: um que tende para o bem e um outro que tende para o bem árduo, apreendido como prejudicial. A contestação de Suárez (e dos autores que cita em sua defesa) é a propósito da definição de *bem árduo*. Ao afirmar que há paixões que derivam de um movimento irascível, Tomás afirma que o bem árduo não tem razão de bem, mas de mal. Nesse caso, na origem das paixões do apetite irascível ocorreria, no apetite, a apreensão de um bem prejudicial, que provocaria nele um movimento de rejeição. As paixões do apetite irascível seriam as distintas manifestações dessa rejeição. Suárez dissente de Tomás particularmente no que se refere à definição de *bem árduo*: “ (...) de facto, com o termo árduo entende-se o bem de algum modo árduo (por exemplo, o que é excelente, enquanto excelente; ou o bem que se deve amar sobre todos os outros, ou o bem ausente, ou aquele que não se pode alcançar sem esforço, ou aquele cuja aquisição tem alguma razão de mal. E qualquer que seja a solução, parece absolutamente necessário que o bem concupiscível verse também sobre os bens árdus, pois todo o amor e desejo refere-se ao apetite concupiscível.”¹³

Suárez defende que todo o apetite é *apetite de bem*. E que a percepção deste bem pode ser dupla: ou do bem que se percebe como apeteçível, ou do bem que se percebe como apeteçível, mas mediante um obstáculo à sua consecução. No primeiro caso, manifesta-se o apetite concupiscível, que é o movimento da alma que tende ao objeto amado; no segundo, manifesta-se o mesmo apetite concupiscível, mas ‘obstaculizado’, ou seja, através de uma dificuldade que priva do bem apeteçido.

¹³ DPI, III, 1: p. 458, col. 2.

IOANNIS LO
DOVICI VIVIS VALENTI.

NI, DE ANIMA ET VITA LI-
bri tres. Opus insigne, nunc primum
in lucem editum.

*Rerum & uerborum in iisdem memora-
bilium copiosissimus Index.*



Cum gratia & priuilegio
ad triennium.

B A S I L E A E.

1538-

Pertinet ad Colleg. S. Aug. & S. Hieron. & S. Petri

Custon este libro a .S. S. — 154. 23.

Mg

Neste caso, o apetite concupiscível é um impulso ao bem que se quer, mas que é querido mediante a dificuldade. Escreve Suárez:

“(…) No objecto do apetite podemos considerar duas coisas. Uma é o próprio bem apetecível e aquilo que concorre para que ele seja alcançado. Outra é aquilo que impede a consecução de tal bem, e que nos priva do bem que amamos; assim, o apetite, na medida em que apetece o bem, chama-se concupiscível; na medida em que se levanta contra aquilo que impede a consecução do bem, chama-se irascível.”¹⁴

Por isso, conclui Suárez:

“Portanto, podemos explicar de outro modo os termos *irascível* e *concupiscível*; considero-os de facto não como dois apetites mas como um mesmo conceito que se pode entender de modos diversos, pois no objeto podem considerar-se dois apetites: o próprio bem apetecível e o que per se opõe a que ele seja alcançado; este último é o que impede a consecução de tal bem e nos priva do objeto amado. Portanto, o apetite enquanto apetite do bem diz-se concupiscível; e enquanto se se funda naquilo que impede um tal tipo de bem, para defender o seu bem, diz-se irascível.”¹⁵

Basicamente, a posição de Suárez com relação ao movimento que define as paixões é a de que não existe distinção real entre o apetite concupiscível e o irascível. Trata-se de um mesmo movimento para o bem que se ama, o qual ou se realiza facilmente, caso em que sucede juntamente com o prazer, ou se realiza dificilmente, caso em que ocorre acompanhado pela dor.

5. A LITERATURA MÉDICA: NOVAS AUTORIDADES, NOVAS PERSPECTIVAS DOUTRINAIS

A dissensão de Suárez com relação à doutrina tomista sobre a natureza e divisão das paixões tem os seus antecedentes históricos e doutrinários na dissensão entre a escola escotista e a tomista sobre o mesmo assunto. No texto da Disputação I, Secções I a III do seu *De passionibus*, Suárez faz memória desses dois itinerários de escola. Contra a doutrina tomista da distinção real entre os apetites concupiscível e irascível, que tem como consequências, entre outras, o facto de colocar a virtude da esperança entre o apetite irascível, Suárez reporta uma outra tradição que remonta a Alberto Magno e é seguida por Escoto e Gabriel Biel: o impulso a partir do qual se geram as paixões é apenas um e o mesmo, o apetite do bem. É nesta tradição que Suárez claramente se filia.

O que está em causa no *De passionibus* de Suárez é a definição do lugar das paixões no contexto dos atos humanos com vista quer à valoração moral destes, quer à sua integração na dinâmica da conquista da perfeição cristã. Estes são sem dúvida os objectivos de Suárez, ao redigir este seu

¹⁴ DPI, III, 1: p. 458, col. 2.

¹⁵ DPI, III, 3: p. 458, col. 2.

tratado. Porém, há neste mesmo texto um conjunto de elementos que denotam elementos de novidade face à discussão escolástica: o encómio às obras de filósofos e médicos humanistas, como aqueles que melhor trataram esta questão e a referência explícita às suas obras. Toda a primeira Disputação deste tratado, que explica o que são as paixões da alma enquanto movimentos vitais que ocorrem no corpo do ser vivo, está feita na base da doutrina dos humores, de tradição galénica. Neste âmbito, Suárez refere explicitamente a novidade e adequação do tratado *De anima* de Luís Vives, como fonte para a compreensão da relação entre alma e corpo, não obstante não volte a citar esta obra, ao menos na Disputação I. Os textos de literatura de médica, concretamente as obras de Galeno *De symptomatum causis liber tres* e *Galeni de affectorum locorum notitia libri sex*¹⁶, são obras de referência para a explicação da doutrina das paixões, bem como os escritos de Jerónimo Frascatus (1478-1553), nomeadamente o *De Sympathia et antipathia rerum, liber unus*¹⁷.

De quanto se disse, é lícito concluir os seguintes aspectos sobre a doutrina suareziana das paixões. Por um lado, a consciência clara que Suarez tem de quão inadequada é a proposta tomista sobre as paixões da alma para compreender este fenómeno humano e para dar conta da sua articulação em sede de moralidade. Por outro, a convicção de Suárez acerca do contributo válido que a ciência médica pode prestar ao esclarecimento quer da natureza do corpo humano e dos seus movimentos, quer do modo como o corpo e a alma se relacionam. Estes são factores que, não obstante necessitarem de uma mais profusa exploração para que se possa afirmar até que ponto Suárez os integra na sua doutrina moral e na sua antropologia, aproximam a sua posição da atitude fisicista que os filósofos da modernidade virão a ter perante a natureza humana. As paixões são atos de um impulso vital do espírito animal e como tal escapam à volição e à cognição humanas. Elas podem por isso ser explicadas de modo muito mais profícuo pelos fisicistas do que pelos teólogos morais, estes devendo integrar os dados obtidos pelas ciências médicas na sua concepção da moralidade dos atos humanos. É certo que Suárez não o afirma deste modo chão, mas é igualmente patente que a sua posição ante a natureza das paixões, o modo como as caracteriza e a posição que assume face ao contributo que a ciência médica aporta para o conhecimento desses movimentos do apetite

¹⁶ Segundo CAMPBELL, Donald, *Arabian Medecine and its influence on the Middle Ages*, onde publica um catálogo das traduções latinas impressas da obra de Galeno, a obra *Galeni de affectorum locorum notitia libri sex*, foi editada em tradução Latina, em Veneza, em 1510 e reeditada sucessivamente: Paris, 1513; Paris, 1520; Paris, 1539; Veneza (só livros 1 a 3: 1557), Lyon, 1562. É possível que, dada a precisão com que a cita, indicando o capítulo exacto, Suárez a tenha consultado directamente. O mesmo sucede com a outra obra de Galeno, citada por Suárez: *De symptomatum causis liber tres*. A primeira edição é dada em Londres, 1524, seguida de uma edição em Paris, 1528 e de uma edição em Veneza, 1548.

¹⁷ Suárez refere-se ao "Livro II, capítulo sobre a intelecção, a meio". A obra teve uma primeira edição, póstuma em Lyon, 1554, Apud Ioan. Torneisium et Guil. Gazeium, onde se publica também o *De contagione et contagiosis morbus et eorum curatione liber tres*. Mas o livro II do *De sympathia* não existe. Trata-se de um único livro. Em todo o caso, em *De Sympathia* existe o capítulo que Suárez refere: é o capítulo 13, *De Sympathiis animae cognitricis*. Por isso, aqui fica a dúvida sobre se Suárez terá manuseado directamente a obra. O texto de Frascato diz o seguinte (nossa tradução): "(...) portanto, a alma é de certo modo uma em natureza, e de certo modo não una. É uma enquanto está misturada com um membro simples, de que é forma. E é ela que produz esta união de muitos em um mas não é uma enquanto cognoscente. Pois deste modo ela move-se para o diverso e portanto é diversa, ou ao menos não se comporta sempre do mesmo modo."

vital, o colocam em linha com a atitude que a modernidade virá a adotar ante o conhecimento da natureza humana.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

Comentário do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus. Sobre os Três Livros do Tratado da Alma, de Aristóteles Estagirita. Tradução de Maria da Conceição Camps. Introdução, Apêndice e Bibliografia de Mario Santiago de Carvalho. Sílabo, Lisboa, 2010.

FRASCATUS, Jerónimo, *De Sympatibus animae cognitivis*, Lyon, 1554, Apud Ioan. Tornesium et Guil. Gazeium.

SUÁREZ, F., *De actibus, qui vocantur passiones, tum etiam de habitus, praesertim studiosis, ac vitiosis in Opera Omnia*, Editio Nova a D. M. André, iuxta editionem venetianam. Tomo IV, Ed. Vivès, Paris, 1861, pp. 456-478.

THOMAS AQUINATIS, *Summa Theologiae*, I-IIae, q. 22, articulus 1, 2 et 3. BAC, Madrid, 1984, 4 ed., pp. 157-161.

ESTUDOS

CAMPBELL, Donald, *Arabian Medicine and its influence on the Middle Ages*, Vol. II, Trubner's Oriental (reed. da edição de 1926), Routledge, 2001.

KNUUTTILA, Simo, *Emotions in Ancient and Medieval Philosophy*, P.U.O., Oxford, 2004.

NAUERT, Charles, *Humanism and the Culture of Renaissance Europe*, Cambridge University Press, 2008 (2ª reimp. da 2ª ed.).

PASNAU, Robert, *Metaphysical Themes, 1274-1671*. OUP, Oxford-New York, 2011.

PONCELA, Angel, *Francisco Suárez: Lector de Metafísica* □ y □, Celarayn, Leon, 2000.

O ACERVO BIBLIOGRÁFICO DE JERÓNIMO CARDOSO NA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

TELMO CORUJO DOS REIS

Universidade da Madeira

RESUMO

O presente artigo principia com algumas considerações sobre o mote «Humanismo, Diáspora e Ciência». Circunscreve, depois, a abordagem do tema à figura de Jerónimo Cardoso, humanista português do séc. XVI, considerando a sua vida e obra. No âmbito da sua biografia, procede a uma apresentação sumária do autor, referindo as suas origens, formação académica e a actividade profissional que exerceu. Apresentada a figura de Jerónimo Cardoso, reafirma-se a pertinência de uma sua abordagem na tripla perspectiva inicialmente proposta.

Seguidamente, ocupando-se já da obra deste autor, salienta-se, por uma parte, o seu pendor humanístico e, por outra, o seu pendor científico, na dupla vertente gramaticológica e, sobretudo, lexicológica. Referem-se, uma por uma, as sucessivas edições e reedições de obras de gramaticografia e de lexicografia de Jerónimo Cardoso, fazendo-se, neste âmbito, o rastreio detalhado dos exemplares conhecidos e do lugar em que se encontram, com particular destaque para os que se guardam na Biblioteca Pública Municipal do Porto, cuja importância, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos é devidamente destacada.

Avançando depois para a produção cardosiana de carácter literário, ilustrativa da vertente humanística da sua obra, referem-se primeiramente os títulos das obras em verso, seguidos dos títulos das obras em prosa, exposição complementada com o rastreio detalhado dos exemplares conhecidos e dos lugares onde se guardam. Refere-se o exemplar do *Libellus De Terraemotu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio* que, com a cota RES-XVI-a-473[1], se conserva na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Descreve-se o volume em questão e as surpresas que ele veio a revelar. O dito volume está, por um lado, mutilado, faltando-lhe três folhas; por outro lado, foram-lhe acrescentadas seis outras folhas que inicialmente nada tinham que ver com esta obra e que mais não são, afinal, do que os restos parciais do único exemplar conhecido de uma obra de Jerónimo Cardoso dada como perdida até há alguns anos.

Salientada a importância deste achado e do acervo, em geral, de títulos cardosianos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, o presente artigo termina, saudando o mérito desta instituição na conservação e divulgação dos inestimáveis tesouros bibliográficos que, na perpétua diáspora dos exemplares impressos, foram confiados à sua guarda.

PALAVRAS-CHAVE

Jerónimo Cardoso, livros impressos quinhentistas, lexicografia portuguesa, Biblioteca Pública Municipal do Porto.

ABSTRACT

This article begins with some considerations on the subject «Humanism, Diaspora and Science». The proposed theme is circumscribed to the figure of Jerónimo Cardoso, a Portuguese humanist from the sixteen century, considering both his life and his works. In what concerns to his biography, a brief presentation of the author takes place, referring his origins, academic formation and the professional activity he exercised. Once presented the figure of this humanist, the relevance of the triple approach initially proposed is reaffirmed.

Then, considering the written works of this author, it should be noticed, on one hand, his humanistic production and, on the other, what can rightfully be considered his scientific works, in the double strand both gramaticological and, especially, lexicological. One by one, the successive editions and reprints of Hieronymus Cardosus's works of gramaticography and lexicography are mentioned, tracing a detailed screening of known copies and the places where they can be found, with particular emphasis on those that are kept in the Public Municipal Library of Oporto, whose importance, both in quantity and in quality is properly highlighted.

Moving then to the Cardosian literary production, illustrative of the humanistic aspects of his work, refers the titles of his works in verse and in prose, tracing a detailed screening of known copies and the places where they are to be found. The copy of the *Libellus De Terraemotu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*, presently kept in the Public Municipal Library of Oporto, is then referred, alongside with a short description of the volume and of the amazing surprise it came to reveal. This volume is, on one hand, mutilated, lacking three leaves; on the other hand, six other leaves were added that initially had nothing to do with this book. They happen to be, in the end, the partial remains of the sole surviving copy of a poetry work, by Hieronymus Cardosus, considered lost until a few years ago.

Stressing the importance of this finding and, in general, of the Cardosian titles of the Public Municipal Library of Oporto, this article ends, hailing the merits of this institution in the preservation and dissemination of the bibliographic priceless treasures that, in the perpetual diaspora of printed books, were once entrusted to its custody.

KEYWORDS

Jerónimo Cardoso, printed books from the sixteen century, Portuguese lexicography, Public Municipal Library of Oporto.

1. INTRODUÇÃO

Humanismo, Diáspora e Ciência. A cada um dos três vocábulos que dão o mote ao presente colóquio correspondem outros tantos conceitos que, se tomados individualmente, não deixam nunca de assumir uma proporção colossal; se, além disso, os tomarmos em conjunto, o seu peso torna-se absolutamente esmagador.

Não obstante, o facto de os encararmos centrados numa figura do nosso Renascimento viabiliza de algum modo a sua abordagem. O que é mais, poderão permitir uma apreciação global da vida e obra de um dos autores mais representativos do humanismo renascentista em Portugal: o lamecense Jerónimo Cardoso¹.

2. APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DE JERÓNIMO CARDOSO.

2.1. ORIGENS

Sobre este autor, sabe-se que era natural da cidade de Lamego e que terá nascido antes de 1508. A proposição desta data para o seu nascimento, da autoria de Justino Mendes de Almeida, funda-se na constatação de que Cardoso se encontrava em Lisboa à data do grande sismo ocorrido na madrugada do dia 26 de Janeiro de 1531. Há, porém, indícios que apontam para a sua chegada à capital do reino antes dessa data, pelo que o seu nascimento terá ocorrido mais perto do início do século, talvez em 1506².

Provinha de uma família de antigos judeus sefarditas, como ficou demonstrado por Israel Salvador Révah, que encontrou, nos arquivos da Inquisição de Lisboa, a informação de, a 25 de Fevereiro de 1550, ter sido objecto de uma denúncia uma «Beatriz Cardoso e suas filhas, Violante Nunes e Izabel, *Parentas do Bacharel Cardoso, mestre de Grammatica*, por guardarem os sabbados, accenderem candeias na noite de 6.^a feira e não irem à missa ao domingo». Não é demais a importância que se possa dar a este facto. Jerónimo Cardoso integrava, pois, o grupo dos cristãos-novos, embora, como é compreensível, nem uma só palavra se diga a tal respeito nos seus escritos.

¹ A obra literária de Jerónimo Cardoso, em verso e em prosa (oratória e epistolografia), publicada em sucessivos títulos vindos a lume entre os anos de 1550 e 1564, foi recolhida pelo autor da presente comunicação, no âmbito dos trabalhos desenvolvidos tendo em vista a obtenção do grau de Doutor. O trabalho então realizado incluiu o estabelecimento do texto latino, a sua tradução para português, introdução, comentários e anotações.

De uma posterior reformulação desse trabalho resultou a publicação dos dois volumes referidos na «Bibliografia». Ao Professor Doutor Sebastião Tavares de Pinho, nosso mestre, presidente da Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos - APENEL, que promoveu a sua edição, manifestamos a nossa gratidão pelo paciente e criterioso trabalho de revisão da tradução portuguesa dos textos do humanista de Lamego.

² Sobre esta e outras circunstâncias relativas à vida de Jerónimo Cardoso, veja-se o que escrevemos sobre o assunto em CARDOSO, *op. cit.* Tomo I, pp. 5-20.



49

2.2. ESTUDOS

Dos estudos desenvolvidos pelo Humanista restam algumas informações dispersas nas suas cartas e, sobretudo, na sua poesia. Os primeiros estudos desenvolveu-os na sua terra natal, Lamego, tendo depois frequentado a Universidade de Salamanca, onde veio a formar-se bacharel em Direito Civil. Por uma carta de Cristóvão Fernandes dirigida a Jerónimo Cardoso e incluída por este no seu *Epistularum Familiarium Libellus*³ sabe-se que ele terá desejado prosseguir estudos, desta feita na Sorbone, a conceituada Universidade de Paris, intento que não pôde levar por diante.

2.3. ACTIVIDADE PROFISSIONAL

Concluídos os estudos em Salamanca, veio a assentar arraiais em Lisboa, onde ministrava, na sua própria casa, aulas de Humanidades destinadas a preparar os candidatos para o acesso ao ensino superior. Pela sua escola, a que o próprio dá o nome de *Cardosanus Ludus*⁴, passou um conjunto de alunos de tal modo notável que Bartolomeu Filipe, em carta dirigida a Jerónimo Cardoso⁵, chega mesmo a compará-la ao cavalo de Tróia, em cujo interior se

ocultaram, como bem se sabe, os guerreiros aqueus a quem coube iniciar o assalto final à cidade de Príamo.

Dispersas por toda a sua obra literária, numerosas referências aludem aos mais variados aspectos desta sua actividade⁶. Conhecem-se os nomes de muitos dos seus antigos alunos (a uns dezoito terá Jerónimo Cardoso dirigido cartas e poemas); queixa-se da fadiga que lhe causavam tantas lições

³ Trata-se da quadragésima carta do volume, a que corresponde, na moderna edição, a sigla Ep. 40 (cf. CARDOSO, *op. cit.*, Tomo I, pp. 204-209).

⁴ Cf. CARDOSO, *op. cit.*, Tomo II, El. 2, 25, v. 3, pp. 238-239.

⁵ Trata-se da vigésima primeira carta do seu epistolário, a que corresponde, na moderna edição, a sigla Ep. 21 (cf. CARDOSO, *op. cit.* Tomo I, pp. 156-159).

⁶ Para uma lista dos passos em questão, veja-se CARDOSO, *op. cit.*, Tomo I, n. 325, p. 325.

diurnas e nocturnas e de sempre estar preso ao seu moínho; costumava aproveitar os períodos de férias para se dedicar à composição dos seus poemas e para pôr a sua correspondência privada em dia.

2.4. JERÓNIMO CARDOSO ENQUANTO HUMANISTA E HOMEM DE CIÊNCIA

Dissemos acima que os três nomes que dão o mote a este colóquio, «Humanismo, Diáspora e Ciência», podem permitir uma apreciação global da vida e principalmente da obra de Jerónimo Cardoso.

Tratou-se, sem dúvida, de um humanista, ou seja, um representante do Humanismo, entendido este como o movimento intelectual em que o legado dos autores greco-latinos da Antiguidade Clássica era valorizado como o instrumento cujo estudo permitia, acima de qualquer outro, desenvolver plenamente as qualidades do indivíduo enquanto homem, fossem essas qualidades físicas, intelectuais ou morais.

Tratou-se igualmente de um homem de ciência, não que a sua vida e obra o caracterizem como um seguidor das ciências da natureza ou das que vieram depois a ser chamadas «ciências exactas», mas preocupou-se em estudar a fundo as regras da gramática latina e o léxico tanto da língua de Virgílio como da língua de Camões. Ocupou-se assim da gramaticologia e da lexicologia, entendida, a primeira como ciência que se ocupa das regras da gramática e a segunda como estudo científico do léxico de uma língua. Em termos científicos, Jerónimo Cardoso foi, acima de tudo, um notável lexicólogo.

2.5. JERÓNIMO CARDOSO E A DIÁSPORA

Falar de Jerónimo Cardoso a propósito da Diáspora poderá parecer algo mais difícil, porquanto esta palavra tem sido usada sobretudo para descrever os erros do povo seguidor da Lei Mosaica. Já vimos, no entanto, que Jerónimo Cardoso era filho de antigos judeus sefarditas a quem tinha sido imposta a observância de uma nova fé. Estaria, como tal, sujeito a apertada vigilância, em termos religiosos, por parte do tribunal do Santo Ofício. Ainda que parentes suas tenham sido, como vimos, denunciadas à Inquisição de Lisboa, Jerónimo Cardoso parece contudo ter abraçado sinceramente a fé cristã, chegando mesmo a compor hinos sagrados em latim⁷. Até que ponto foi a sua formação religiosa cristã capaz de erradicar os vestígios do seu judaísmo ancestral não se afigura estudo fácil ou sequer possível. À luz das informações veiculadas sobretudo pela sua obra, a sua conversão foi, no entanto, sincera e Jerónimo Cardoso tudo terá feito para se integrar na comunidade dos seguidores do Nazareno.

⁷ Cf. CARDOSO, *op. cit.* Tomo II, Lib. 1, pp. 16-19 e El. 1, 1, pp. 126-129.

3. A PRODUÇÃO ESCRITA DE JERÓNIMO CARDOSO

A produção escrita de Jerónimo Cardoso facilmente se poderá qualificar de assombrosa⁸. As numerosas edições de obras suas iniciaram-se no ano de 1550, com o triplo título *Libellus De Terraemotu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*, obra que logo teve reedição parcial em 1553, e sucedem-se a um ritmo veloz até 1564, em que vem a lume o *Siluarum Liber Vnus*, a última das suas obras a sair ainda em vida do autor. Entre uma e outra data haverá umas dezasseis edições conhecidas de Jerónimo Cardoso.

O que resulta ainda mais espantoso é que, após a sua morte, ocorrida depois de 1564, mas anterior a 1569 (ano quase universalmente apontado como sendo o da sua morte), houve doze edições de uma sua obra vinda a lume postumamente. Trata-se do *Dictionarium Latinolusitanicum et uiceuersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabetica Perutili Expositione. Ecclesiasticorum etiam Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis*, impresso pela primeira vez nos anos de 1569/1570, em Coimbra, por João da Barreira. A última edição do mesmo (a décima segunda) veio a lume em 1695, bem mais de um século, portanto, após a morte do autor.

3.1. PRODUÇÃO CIENTÍFICA

A obra científica de Jerónimo Cardoso, de pendor acentuadamente didático, ilustra os seus interesses enquanto gramaticólogo e lexicólogo. Desdobra-se, portanto, em duas vertentes, por um lado a gramaticografia, por outro a lexicografia.

Enquanto gramaticógrafo, Jerónimo Cardoso fez publicar dois títulos, o *Libellus de Praeteritorum et Supinorum Ratione*⁹, obra de que não se conhece presentemente nenhum exemplar, e as *Grammaticae Introductiones Breuiores et Lucidiores, quam Ante hac Aliae in Lucem Editae Sunt*, publicadas talvez em 1552, e que foram sucessivamente reeditadas, agora sob o título *Institutiones in Latinam Linguam Breuiores, et Lucidiores, quam Antehac Aliae in Lucem Editae Sunt*, nos anos de 1557, 1562 e 1566¹⁰.

Da primeira edição desta obra resta um único exemplar conhecido, precisamente na Biblioteca Pública Municipal do Porto¹¹, sob o extenso título *Grammaticae Introductiones Breuiores et Lucidiores*,

⁸ Para uma outra abordagem deste assunto, veja-se o que a seu respeito escrevemos em CARDOSO, *op. cit.* Tomo I, pp. 20-28.

⁹ Refere-se a esta obra A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 346, com o título n.º 25 do «Suplemento», sem indicar a existência de nenhum exemplar e acrescentando: «O único indício que há da impressão desta obra, a que se refere Barbosa, II, p. 491, é uma carta do A. a António Pimentel, [concretamente a carta que tem, na moderna edição, a sigla Ep. 41, cf. CARDOSO, *op. cit.*, Tomo I, pp. 208-211] com a data de Olysiptone octauo Calend. Nouemb., em que diz: «Superioribus diebus excudendum tradidimus libellum de Praeteritorum et supinorum ratione», etc.»

¹⁰ Da primeira destas três edições não se conhece presentemente nenhum exemplar. Da segunda conservam-se dois exemplares, um em Lisboa, na Biblioteca da Academia das Ciências (com a cota Res. 1, 6), o outro em Évora, na Biblioteca Pública (com a cota Res. 8). Da terceira edição restará actualmente um único exemplar, nos Estados Unidos, na Beinecke Library (com a cota Gk 4- 547 Cc).

¹¹ Com a cota X1-3-43.

quam Ante hac Aliae in Lucem Editae Sunt Ad Clarissimum Puerum D. Ioannem Menesium Praestantissimi Viri. D. Alphonsi Menesii Vasconcelii Filium, Commitisque Penelae Nepotem. Sobre este volume escreve António Joaquim Anselmo que: «O ex. que temos presente, único que conhecemos, da B. do Pôrto, tem falta de fl. no fim e não tem data nem nome de impressor. Refere-se a êle Viterbo, *Barr.* p. 388, que atribui a sua impressão a João de Barreira. Por haver diferença nos títulos e não-concordância nas datas, não podemos dizer que seja a mesma edição que a seguir descrevemos»¹². Ora, a obra que descreve no parágrafo seguinte são as já referidas *Institutiones in Latinam Linguam Breuiores, et Lucidiores, quam Antebac Aliae in Lucem Editae Sunt* que conheceram, sob este título, as três edições acima discriminadas.

Enquanto lexicógrafo, cabe a Jerónimo Cardoso o título de glória de ser o autor do primeiro dicionário de português a ser impresso. Do seu labor resultaram nada menos do que três dicionários distintos: o *Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum*, de 1551 (com reedições em 1562 e 1587); o *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*, publicado pela primeira vez em 1562, e o já referido *Dictionarium Latinolusitanicum et uicuersa Lusitanicolatinum*, de 1569/1570, que logo na primeira edição passou a incluir o título precedente e conheceu um total de doze edições.

O primeiro dicionário acima referido está representado na Biblioteca Pública Municipal do Porto por um exemplar da terceira edição, que se apresenta sob o título completo: *Dictionarium Iuuentuti Studiosae, Admodum Frugiferum. Nunc Diligentiori Emendatione Impressum* Conimbricae. Cum Facultate Inquisitorum. Ex Officina Ioannis Barrerii Architypographi Vniuersitatis. 1587¹³. Este exemplar é, tanto quanto se sabe, o único que subsiste desta edição.

A primeira edição desta obra, publicada como se disse em 1551, veio a lume em Coimbra, na tipografia de João da Barreira e João Álvares¹⁴ e dela não se conhece presentemente nenhum exemplar, já da segunda edição, publicada também em Coimbra, na casa de João Álvares, conhecem-se actualmente dois exemplares, ambos na Biblioteca Pública de Évora¹⁵.

Do segundo dos dicionários cardosianos, que não está representado no acervo da Biblioteca Pública Municipal do Porto, restam dois exemplares conhecidos, um em Lisboa, o outro em Roma¹⁶.

¹² ANSELMO, *op. cit.*, p. 40, em observação ao título n.º 146.

¹³ Com a cota X1-3-44. Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 63, com o título n.º 236, dizendo haver um só exemplar, precisamente o da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

¹⁴ Veja-se, sobre esta edição, A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 77, com o título n.º 278.

¹⁵ Com as cotas Res. 8-A e Res. 259-C. Sobre esta edição, cf. A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 24, título n.º 87.

¹⁶ O de Lisboa conserva-se na Biblioteca Nacional (com a cota Res. 276 V); o de Roma integra o acervo da Biblioteca Vallicelliana (com a cota S. Borr. Q. II. 124). Segundo informação recolhida em Lisboa, na Biblioteca Nacional da Ajuda, existirá ainda um terceiro exemplar desta edição, na Biblioteca Pública de Braga.

Do terceiro dos dicionários de Jerónimo Cardoso o mínimo que se poderá dizer é que foi, durante mais de um século, uma obra de referência para os estudantes portugueses da língua Latina, como atestam as suas numerosas edições.

Estas principiam com a edição de 1569/1570¹⁷, vinda a lume quando já o seu autor não se contava no número dos vivos. Surgiu sob o título *Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum etiam Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis*. Excussit Ioan. Barrerius Conimbricae, 1570. Desta edição conserva-se um exemplar na Biblioteca Pública Municipal do Porto¹⁸.

Posto que de uma segunda edição desta obra se não guarde na Biblioteca Pública Municipal do Porto nenhum exemplar¹⁹, a terceira, de 1592, está aí representada²⁰, apresentando-se agora sob o título *Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum etiam Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis [...] Adhuc Noui Huic Vltimae Impressioni Adiuncti Sunt Varii Loquendi Modi ex Praecipuis Auctoribus Decerpti Praesertim ex Marco Tulio Cicerone*. Olyssipone. Excussit Alexander de Syqueira Typographus, 1592.

O mesmo acontece com a quarta edição, publicada também em Lisboa, na casa de António Álvares, sob título praticamente idêntico ao da anterior, agora no ano de 1601²¹.

Também da quinta edição, vinda a lume em 1613, se guarda um exemplar na Biblioteca do Porto²². Foi ela publicada sob o título *Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis. [...] Adhuc Noui*

¹⁷ Refere-se a esta edição A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 56, com o título n.º 208 e 208 (a), dizendo existirem exemplares na B. N. de Lisboa (2 ex., um deles incompleto), no Porto, em Évora e na Univ. de Coimbra. Desta edição conhecem-se os exemplares a que correspondem as seguintes cotas: em Lisboa, na Biblioteca Nacional, Res. 1617 P, Res. 1618 P e Res. 2950 V; no Porto, na Biblioteca Pública Municipal, RES-XVI-a-160; em Évora, na Biblioteca Pública, Res. 164; em Coimbra, na Biblioteca da Universidade, R-12-13, R-12-13-A, R-12-13-B e UCLHU-X-C-2; em Paris, Bibliothèque Nationale de France, X 2204.


¹⁸ Com a cota RES-XVI-a-160.

¹⁹ Conhece-se apenas um exemplar desta segunda edição em Madrid, na Biblioteca Nacional (com a cota R. 26258). Esta edição veio a lume em Coimbra, na oficina de João da Barreira, no ano de 1588, com o mesmo título da primeira edição.

²⁰ Refere-se a esta edição A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 307, com o título n.º 1058 e 1058 (a), dizendo haver um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa (exemplar a que falta o fim) e outro em Évora. Conhecem-se actualmente os exemplares correspondentes às seguintes cotas: em Lisboa, na Biblioteca Nacional, Res. 4514//1P, em Londres, British Library, 1568/3465; em Paris, Bibliothèque Nationale de France, X. 2205; em Évora, Biblioteca Pública, Res. 180, e no Porto, Biblioteca Pública Municipal, RES-XVI-a-161.

²¹ O exemplar do Porto tem a cota I-3-117. Para além deste exemplar, conhece-se apenas um outro, pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota Res. 5599 P (Cota ant. L. 4270 V).

²² Tem o exemplar do Porto a cota I-3-118. Para além deste, conhecem-se desta edição dois exemplares, ambos em Lisboa, um na Biblioteca Nacional, com a cota Res. 5600 P (Cota ant. L. 4271 V.), o outro na Biblioteca Central da Marinha, com a cota R. Ca. 3-07. Existiu ainda em Lisboa um terceiro, na Biblioteca das Necessidades, com a cota 219. 1, cujo rasto se perdeu (informação recolhida na Biblioteca Nacional da Ajuda).


Hieronymi Car-

DOSI LVSITANI.

LIBELLVS

De terra & motu.

De vario amore & gloꝛia.

*De disciplinarum omnium laudibus
Oratio.*

CONIMBRICAE.

Apud Ioannem Barrerium, & Ioannem
Aluarum Typographos Regios.


M. D. L.

CARDOSO, JERÓNIMO - HIERONYMI CARDOSI LVSITANI LIBELLVS; DE TERRAE MOTV;
DE VARIO AMORE AEGLOGA; DE DISCIPLINARVM OMNIVM LAVDIBVS ORATIO.
CONIMBRICAE: APVD IOANNEM BARRERIVM & IOANNEM ALVARVM, 1550.
BPMP RES-XVI-A-473[1]

2
HIERONYMI CAR-

DOSI LVSITANI,

apologus de Morte
& Paſtore.


Mors (ut fama refert) olim metuenda per orbem
Errabat: tenebris non adoperta caput.

Sed uultus impune suos atque ora ferebat:

Notior ut facies omnibus atra foret.

Illa aſiae dices populos & regna petiuit:

Quae ſeptemgeminis nilus inundat aquis:

Et qua ſecundos tigris ſpatiatur in agros:

Tigris quae toto gurgite ſorbet humus.

Quaque fluit ganges tepido contrarius euro:

Dux ubi pellæus ſedit acerba dolens.

Inde domos Zephyri petiit boreæq; rigentis

Regna, pruinoſo qua riget axe dies.

Reſtabat lybie, lybicas innoxia terras,

Lustrat: zona poli qua rubicunda micat.

Conſtitit hic: cernitque ſibi tot ſubdita regna,

Quotquot p̄habus equiſ lustrat uterq; ſuis.

ſit ſecum exultans, quam lata potentia nobis:

Omnis enim imperio ſubiacet ora meo.

Letiferas nulli licuit uitare ſagittas:

Exbauſtus nunquã quas meus arcus habet.

Illas

Huic Vltimae Impressioni Adiuncti Sunt Varii Loquendi Modi ex Praecipuis Auctoribus Decerpti, Praesertim ex Marco Tulio Cicerone. Nunc Denuo, Emendarum Colluue, Qua Scatebat Diligenti Lucubratione Defaecatum. Vlyssipone. Ex Officina Petri Craesbeeck, 1613.

Igualmente da oficina de Pedro Craesbeeck saíram a sexta e a sétima edições desta obra, respectivamente nos anos de 1619 e 1630, ambas sob o renovado título *Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione, et Ecclesiasticorum Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis.*[...] *Cui Hac Vltima Editione Praeter Cetera Hactenus Aliis Contenta in Singulis Nominibus, et Verbis Suae Inflexiones Appositae Sunt* [...] *Addita cum Variis Loquendi Modis ex Praecipuis Auctoribus Collectis.* Vlyssipone. Ex Officina Petri Craesbeeck. Também elas estão representadas no acervo da Biblioteca Pública Municipal do Porto, cada uma por um exemplar²³.

A oitava e a nona edição desta obra não estão representadas no acervo da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Ambas se apresentam sob o título *Dictionarium Latinolusitanicum et Lusitanicolatinum, cum Aliquorum Adagiorum, et Humaniorum Historiarum, et Fabularum Perutili Expositione. Item de Vocibus Ecclesiasticis, de Ponderibus, et Mensuris, et Aliquibus Loquendi Modis Pueris Accommodatis.* [...] *Quod in Hac Vltima Editione Multis Nominibus Auctum, et a Pluribus Erroribus, Isque Turpissimis, Quibus* [...] *Expurgatum in Lucem Damus.* Saíu a primeira delas (a oitava) Vlyssipone. Ex Officina, Laurentii de Anveres. A Custa de Domingos Carneiro Mercador de Livros, 1643²⁴; a segunda (a nona edição do dicionário) Vlyssipone. Ex Officina et Sumptibus Antonii Craesbeeck a Mello, 1677²⁵.

A décima edição desta obra de referência surgiu no ano de 1694, sob o título *Dictionarium Latinolusitanicum et Lusitanicolatinum, Quanta Maxima Fide, ac Diligentia Accuratisime Expurgatum* [...] *Adiectis Dictionariolis de Vocibus Ecclesiasticis, de Ponderibus, Numismatis, et Mensuris Cunctis. Accesserunt etiam Concinni Loquendi Modi, Phrases et Adagia ex Optimis Auctoribus Decerpta. Item Magna Sylua Nominum propriorum et Appellatiuorum, Humaniorum Historiarum, Populorum, Marium, Fluiorum, Montium, Vrbium, Ventorum, Syderum, Deorum, et c. Editio Nouissima, in Qua Est Itidem Appositus Catalogus Dictionariorum,*

²³ Na Biblioteca Pública Municipal do Porto, o exemplar da edição de 1619 tem a cota I-3-119, o da edição de 1630, com falta de folhas no meio, tem a cota I-3-120. Da edição de 1619 conhecem-se três outros exemplares, um guardado em Lisboa, na Biblioteca Nacional, com a cota Res. 5601 P (Cota ant. L. 4272 V), outro na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (cota 184,3,13) e um terceiro em Washington, US Library of Congress, com a cota 7242. 1. Da edição de 1630 conhece-se apenas um outro exemplar, em Lisboa, na Biblioteca Nacional, com a cota Res. 5602/12P (Cota ant. L. 4273 V).

²⁴ Conhecem-se presentemente dois exemplares desta oitava edição, um na Biblioteca Nacional de Lisboa, actualmente sob a cota Res. 5603 P (Cota ant. L. 4274 V), o outro na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a cota 25,2,9.

²⁵ Desta nona edição, para além de dois exemplares conservados, um na Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota Res. 5604 P (Cota ant. L. 4275 V), outro na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (cota 185,3,5), conhece-se ainda um terceiro exemplar, em Lisboa, na Biblioteca Central da Marinha, com a cota R. Ca. 3-06.

Auctorumque Plurimorum. Vlyssipone. Typis, et Sumptibus Dominici Carneiro, 1694. Desta edição guarda-se um exemplar na Biblioteca Pública Municipal do Porto²⁶.

À prolífica série das edições do *Dictionarium Latinolusitanicum et Lusitanicolatinum* de Jerónimo Cardoso há ainda a acrescentar uma décima primeira e uma décima segunda edições que vieram a lume já perto do virar do século. Ambas surgiram em 1695, uma em Lisboa, na oficina de Domingos Carneiro, a outra em Coimbra, na oficina de João Antunes. Não temos conhecimento da existência de nenhum exemplar nem de uma nem da outra.

Assim, e recapitulando, de um total de doze edições deste dicionário, sete estão representadas no acervo da Biblioteca Pública Municipal do Porto (a primeira, a terceira, a quarta, a quinta, a sexta, a sétima e a décima), uma coleção que apenas é comparável à existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, a que faltam apenas exemplares representativos da segunda e das duas últimas edições.

3.2. PRODUÇÃO HUMANÍSTICA

Entre a produção cardosiana de carácter literário, ilustrativos da vertente humanística da escrita de Jerónimo Cardoso, avultam os títulos de obras poéticas.

A primeira das suas obras literárias a vir a lume surgiu em Coimbra, no ano de 1550, na tipografia de João da Barreira e João Álvares. Trata-se do *Libellus De Terraemotu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*²⁷.

Note-se que a este triplo título corresponde uma edição também ela tripla, porquanto os vários textos que a integram estão claramente agrupados em três núcleos distintos. Destes núcleos, os dois primeiros correspondem a obras poéticas, o terceiro corresponde a uma obra em prosa (oratória). Encontra-se esta obra representada na Biblioteca Pública Municipal do Porto por um exemplar a que faltam algumas folhas interiores²⁸.

²⁶ Tem o exemplar do Porto a cota I-14-34. Para além do livro referido, conhecem-se ainda alguns outros na cidade de Lisboa, na Biblioteca Nacional (cinco exemplares), com as cotas L. 39 A, L. 1015 A, L. 2336 A (outra cota L. 663 A), L. 2337 A e L. 13360 V, na Biblioteca Nacional da Ajuda (dois exemplares), com as cotas 58-VI-1 (exemplar procedente da extinta Biblioteca das Necessidades) e 43-XV-11, e na Biblioteca Central da Marinha (um exemplar), com a cota R. Ca. 9-09. Há ainda notícia de dois outros exemplares, um em Roma (com a cota BN, C. 25. M. 33) e em Cambridge (HU-MH).
Innocência Francisco da Silva (*op. cit.*, Tomo III, p. 259) esclarece que «D'esta ultima cuidou o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, como elle proprio declara nas *Notícias Chron. da Univ. de Coimbra*, pag. 570».

²⁷ A. J. Anselmo refere-se a esta edição (*op. cit.*, p. 75, com o título n.º 272), assinalando a existência de apenas um exemplar, o da Biblioteca Nacional de Lisboa.

²⁸ Este exemplar tem a cota RES-XVI-a-473[1]. Para além deste, conhecem-se os exemplares correspondentes às seguintes cotas: em Lisboa, na Biblioteca Nacional, Res. 4702 P; em Évora, Biblioteca Pública, séc. XVI 6098; em Madrid, na Biblioteca Nacional, R 22818 (2). Há ainda notícia da existência de três cópias parciais manuscritas, duas delas estão em Coimbra, na Biblioteca da Universidade, uma com a cota 455 (só a *Oratio*), a outra com a cota 527 (inclui o *De Terraemotu* e a *Oratio*), uma terceira cópia (só a *Oratio*) guarda-se em Braga, na Biblioteca Municipal.

Esta obra conheceu uma reedição parcial três anos depois, em 1553, tendo surgido em Coimbra, na tipografia de João da Barreira, agora com o título *Egloga, Quae Sylenis Inscibitur de Vario Amore Aliaque Simul Poemata*²⁹. Tudo parece indicar que esta edição corresponderia, em termos de conteúdo, ao segundo núcleo de textos da edição de 1550. Dela não resta, porém, nenhum exemplar conhecido.

Em 1556 surgia o *De Obitu Serenissimi Principis D. Ludouici Portugalliae Infantis Dialogus cum Aliis Epigrammati[bu]s*, impresso em Lisboa, na tipografia de João da Barreira³⁰. Não se conhece presentemente nenhum exemplar desta obra.

Em idênticas circunstâncias esteve, até há alguns anos, o *Apologus de Morte, et de Pastore cum Aliis Elegiacis*, que tinha surgido impresso, ao que tudo indica, na tipografia de João Blávio, em 1558³¹. Uma feliz descoberta, ocorrida precisamente na Biblioteca Pública Municipal do Porto, viria a alterar significativamente esta situação, como adiante veremos.

O título *De Monetis tam Graecis quam Latinis. Item de Ponderibus et Mensuris ad Praesentem Vsum Redactis, Anacephalaeosis* surgiu em 1561, em Coimbra, na tipografia de João Álvares³². Restam desta obra dois exemplares, ambos na Biblioteca Pública de Évora³³.

Também em Évora se guarda, posto que mutilado, um dos dois exemplares remanescentes da obra que Jerónimo Cardoso fez publicar dois anos volvidos, em 1563. Trata-se dos *Elegiarum Libri II* que, por lapso, vieram a lume sob o título *Elegiarum Liber II. Ad Doctorem Aluarum Vaz Jurisconsultum Peritissimum*. Foram estes livros (pois que de dois livros se trata, embora reunidos num só volume) impressos em Lisboa, na casa de João da Barreira³⁴. O outro exemplar desta obra encontra-se em Madrid, na Biblioteca Nacional³⁵.

Situação exactamente inversa é a da última obra poética de Jerónimo Cardoso a vir a lume. Com o título completo de *Siluarum Liber Vnus. Ad Petrum Aluarum Mancelum Patritium Adulescentem. Accessit Praeterea Epithalamion Serenissimae D. Ioannae Reginae Designatae Quinti Caroli Caesaris Filiae, et Serenissimi Principis D. Ioannis, Sebastiani Regis Nostri Inuictissimi Patris*, esta obra veio a lume em Lisboa, em 1564, na oficina de João Álvares e dele restam dois exemplares, um, bastante mutilado na

²⁹ A. J. Anselmo refere esta edição (*op. cit.*, p. 34, com o título n.º 122), sem indicar a existência de nenhum exemplar.

³⁰ A. J. Anselmo refere-se a esta obra (*op. cit.*, p. 37, com o título n.º 139), não indicando a existência de nenhum exemplar.

³¹ Obra referida por A. J. Anselmo (*op. cit.*, p. 89, com o título n.º 324), que não indica a existência de nenhum exemplar. A seu respeito escreveu Barbosa Machado (*op. cit.*, Vol. II, p. 490), que: «No fim tem huns enigmas traduzidos de Castelhana em Verso latino lyricó».

³² A. J. Anselmo registou esta edição (*op. cit.*, p. 23, com o título n.º 84), assinalando a existência de um exemplar na Biblioteca Pública de Évora.

³³ Com as cotas Res. 259 D e séc. XVI 6096.

³⁴ A. J. Anselmo assinala a existência do exemplar de Évora, o único que conheceu (*op. cit.*, p. 48, com o título n.º 173).

³⁵ Com a cota R. 22818 (3). O exemplar de Évora tem a cota Res. 303 C.

parte final, guarda-se na Biblioteca Nacional de Madrid, o outro, completo, na Biblioteca Pública de Évora³⁶.

A prosa cardosiana surgiu em duas edições distintas. Por um lado, temos a oratória, com a já assinalada *De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*, que surgiu logo em 1550 no já referido volume do *Libellus De Terraemotu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*.

Por outro lado, temos um volume de epistolografia, que Jerónimo Cardoso conseguiu fazer imprimir em Lisboa, na casa de João da Barreira, no ano de 1556, tendo surgido com o título de *Epistularum Familiarium Libellus*³⁷. Desta obra restam dois exemplares, um em Madrid, o outro em Roma³⁸.

4. A DESCOBERTA DE UM EXEMPLAR DO «APOLOGVS»

4.1. O VOLUME BP, RES-XVI-A-473[2] (COTA ANTIGA N. 5. 59.) DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

Dissemos acima que uma feliz descoberta, que teve lugar precisamente na Biblioteca Pública Municipal do Porto, alterou significativamente a situação de uma de duas obras de Jerónimo Cardoso dadas por muito tempo como perdidas: o *Apologus de Morte et de Pastore cum Aliis Elegiacis*.

Posto que o seu título figurasse, desde há largos séculos, nas várias listas das obras e edições de Jerónimo Cardoso, acompanhado, em regra, do nome do seu autor, do lugar de impressão e nome do impressor, do ano em que foi publicado e ainda do seu formato, o facto é que não se encontrava em lado algum notícia da existência de um exemplar. Tratava-se, portanto, de uma obra a todos os títulos perdida.

Aconteceu então, há cerca de dez anos, algo de totalmente inesperado. No âmbito dos trabalhos de investigação conducentes à aquisição do grau de Doutor, uma visita à Biblioteca Pública Municipal do Porto começou por trazer revelações logo desde a primeira consulta do seu catálogo. Ainda que o objectivo explícito de tal visita fosse consultar o último exemplar remanescente das *Grammaticae Introductiones Breuiiores et Lucidiores, quam Ante hac Aliae in Lucem Editae Sunt*, devidamente identificado, no catálogo, pela respectiva ficha bibliográfica, logo surgiram, a par, as fichas bibliográficas correspondentes a vários exemplares dos dicionários de Jerónimo Cardoso, exemplares esses cuja existência praticamente não estava documentada.

³⁶ A. J. Anselmo refere esta obra (*op. cit.*, p. 51, com o título n.º 186), sem contudo indicar a existência de nenhum exemplar. Dos dois exemplares remanescentes, o de Madrid tem a cota R. 22818 (4), o de Évora a cota séc. XVI 6095.

³⁷ A. J. Anselmo assinala a publicação desta obra (*op. cit.*, p. 38, com o título n.º 140), não indicando, contudo, a existência de nenhum exemplar.

³⁸ O exemplar de Madrid integra o acervo da Biblioteca Nacional, apresentando-se com a cota R. 22818 (1); o de Roma, que pertenceu ao grande humanista português Aquiles Estação, ele mesmo um antigo aluno de Jerónimo Cardoso, guarda-se na Biblioteca Vallicelliana, com a cota S. Borr. Q. I. 241.

Sucedeu-se a consulta das *Grammaticae Introductiones Breuiores et Lucidiores, quam Ante hac Aliae in Lucem Editae Sunt* e, por fim, como ainda havia tempo, requisitou-se o exemplar do já conhecido *Libellus De Terraemotu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*. Folheando o volume em questão, foram-se-nos deparando os títulos de vários poemas já nossos conhecidos, alguns versos particularmente estimados, certos passos mais admirados. Depois, subitamente, ao virar de uma página, a constatação de que o volume em questão estava mutilado, faltando-lhe várias folhas. E, logo depois, em vez das palavras «Hieronymus Cardosus Georgio Ferdinando utriusque iuris doctori, regioque senatori S. P. D.» que constituem o título da carta dedicatória da *Oratio pro Rostris*, as palavras «Hieronymi Cardosi Lusitani, Apologus de Morte et pastore». Ao volume em questão, mutilado numa parte, tinham sido acrescentadas várias folhas estranhas, restos de um exemplar único do *Apologus de Morte et de Pastore cum Aliis Elegiacis*.

4.2. FOLHAS PERDIDAS, FOLHAS ACRESCENTADAS

Quando conseguimos recuperar a presença de espírito (porque a serenidade levou mais algum tempo...) pudemos constatar que o volume do *Libellus* em nada diferia de outros exemplares da mesma edição até à p. 32, coincidente com o fim do segundo caderno (a que corresponde a assinatura B 8-v.^o). Passava, logo de seguida, para a página a que por lapso tipográfico foi dado o número 39 (na realidade, trata-se da quarta folha do terceiro caderno, a que cabe portanto a assinatura C 4-r.^o). As folhas em falta eram, por conseguinte, as três folhas iniciais do terceiro caderno (com as assinaturas C 1, C 2 e C 3)³⁹. As duas folhas seguintes contêm uma longa poesia de tema mitológico intitulada «Ad eosdem de fabulis agentes, et de uini inuentione»⁴⁰ e que termina na p. 42 (fl. C 5-v.^o).

Seguem-se, em lugar do texto da carta nuncupatória da *Oratio*⁴¹, as seis folhas estranhas à edição de 1550. Esta carta nuncupatória foi impressa em duas folhas que não têm nem indicação de número de página nem assinatura, o que leva a supor que ela não constava no plano tipográfico original. A sua inclusão neste ponto do volume constitui, assim, uma anomalia, o que pode, por outro lado, explicar por que razão as seis folhas do *Apologus* foram, mais tarde, incluídas neste ponto. Depois das duas folhas em que está impressa a carta nuncupatória da *Oratio*, o volume da Biblioteca Pública Municipal do Porto retoma a sequência dos números de página e das assinaturas dos vários cadernos que encontramos em outros exemplares da mesma edição.

³⁹ Estão impressos, nestas folhas, três poemas completos: o «Columba unde Veneri dicata»; os «Ad Martiam se in fonte contemplentem» e «Ad eandem» e o «Ad conuiuas exhortatio». A estes textos correspondem, na edição moderna, as siglas Lib. 12, 13, 14 e 15 (cf. CARDOSO, *op. cit.*, tomo II, pp. 54-57).

⁴⁰ A que cabe a sigla Lib. 16. Cf. CARDOSO, *op. cit.*, tomo II, pp. 58-61.

⁴¹ Texto que apresenta, na moderna edição, a sigla Lib. 17 (cf. CARDOSO, *op. cit.*, tomo I, pp. 52-53).

4.3. O EXEMPLAR DO «APOLOGVS»

Embora nenhuma das seis folhas que foram acrescentadas a este exemplar do *Libellus* tenha número de página, duas apresentam, no entanto, as assinaturas reveladoras do caderno a que pertenceram na edição original⁴²: trata-se da parte interior (três folhas dobradas sobre si mesmas) de um primeiro caderno de um volume impresso *in octava*. A folha exterior desse caderno, a que corresponderiam as assinaturas A i e A viii, perdeu-se, bem como o caderno ou cadernos seguintes.

Ainda que severamente mutilado, este exemplar do *Apologus* contém, ao todo, cinco poemas completos e um sexto, incompleto, de que subsistem apenas os 7 versos iniciais. Foram deste modo revelados 216 versos latinos até então completamente desconhecidos e ainda 34 versos em castelhano⁴³. São eles tudo o que resta do *Apologus de Morte et de Pastore cum Aliis Elegiacis*, que fora inicialmente impresso em Lisboa, por João Blávio, no ano de 1558.

5. CONCLUSÃO

Façamos o ponto da situação. À guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto foram confiados espécimes bibliográficos representativos da vertente científica (gramaticológica e lexicológica) da obra de Jerónimo Cardoso; foram-lhe igualmente confiados, posto que num só volume, dois títulos representativos da vertente humanística da sua produção escrita.

Nos campos da gramaticografia e da lexicografia, a Biblioteca Pública Municipal do Porto guarda dois espécimes cardosianos únicos: as *Grammaticae Introductiones Breuiiores et Lucidiores, quam Ante hac Aliae in Lucem Editae Sunt*, impressas possivelmente em 1552, e o exemplar da terceira edição do *Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum*, que veio a lume em 1587.

Não estando, embora, na situação dramática de serem espécimes bibliográficos únicos, os exemplares do *Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum* que integram o acervo da Biblioteca Pública Municipal do Porto constituem a segunda mais completa colecção de edições desta obra. De dez edições com exemplares conhecidos, sete estão representadas no Porto. No seu conjunto, esta colecção apenas é ultrapassada pela que se guarda na Biblioteca Nacional de Lisboa.

⁴² A segunda e a terceira folhas, respectivamente com as assinaturas A iii e A iiiii.

⁴³ Estas seis folhas têm impressos os seguintes textos: «Hieronymi Cardosi Lusitani, Apologus de Morte et Pastore» (142 vv.); «Ad Gonsalum Ferdinandum, auditorem suum» (54 vv.); «Ad clarissimum uirum Arium a Sousa, serenissimi principis admissionalem maximum, de interitu Pauli a Silua, sororis suae filii, Consolatorium Carmen» (50 vv.); «Aenigma uernaculo ex idiomate Latine redditum. Lyræ» (27 vv.); versão latina do dito enigma (20 vv.) e o início do «Horologium» (7 vv.). Os versos latinos são, ao todo, 266, alguns deles, porém (o poema intitulado «Ad clarissimum uirum Arium a Sousa, serenissimi principis admissionalem maximum, de interitu Pauli a Silva, sororis suae filii, Consolatorium Carmen») eram já conhecidos, por terem sido escolhidos por Jerónimo Cardoso para encerrar o segundo dos seus *Elegiarum Libri II*, de 1563. A estes textos couberam, na moderna edição, as siglas Ap. 1, 2, 3, 4, 5 e 6, cf. CARDOSO, *op. cit.*, tomo II, pp. 64-81.

A vertente humanística da obra de Jerónimo Cardoso, posto que menos representada em termos quantitativos na Biblioteca Pública Municipal do Porto, não deixa, contudo, de estar presente num volume. O que é mais, embora volume em questão se apresente sob o título *Libellus De Terraemotu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*, título que, embora raro, não é felizmente único, o interior do volume revelou recentemente os restos de um exemplar do *Apologus de Morte et de Pastore cum Aliis Elegiacis*, obra dada como perdida até há algum tempo e que é, tanto quanto se sabe, um exemplar único.

De Jerónimo Cardoso, um dos mais destacados vultos do Humanismo renascentista em Portugal, guardam-se, assim, na Biblioteca Pública Municipal do Porto, exemplares de onze edições, três dos quais são únicos.

Resta apenas, para concluir, saudar a Biblioteca Pública Municipal do Porto, instituição modelar que, na perpétua diáspora (ou dispersão) dos espécimes bibliográficos impressos, se perfila como um sólido bastião na salvaguarda dos preciosos volumes que lhe foram confiados e como um responsável e empenhado agente da sua sempre necessária divulgação.

BIBLIOGRAFIA

ANSELMO, António Joaquim, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, Publicações da Biblioteca Nacional, reedição, 1977.

CARDOSO, Jerónimo, *Obra Literária – Tomo I, Prosa Latina*, estabelecimento do texto latino, introdução, tradução e comentário de Telmo Corujo dos Reis, Col. Portugaliae Monumenta Neolatina, Vol. VII, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009

CARDOSO, Jerónimo, *Obra Literária – Tomo II, Prosa Latina*, estabelecimento do texto latino, introdução, tradução e comentário de Telmo Corujo dos Reis, Col. Portugaliae Monumenta Neolatina, Vol. VIII, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

Catálogo dos Impressos de Tipografia Portuguesa do Século XVI – A Coleção da Biblioteca Nacional, introdução, organização e índices por Maria Alzira Proença Simões, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1990.

DÍAZ y DÍAZ, M. C., NASCIMENTO, Aires A., DÍAZ de BUSTAMANTE, J. M., GONÇALVES, M. I., PEREIRA, J. E. López, ESPÍRITO SANTO, A., *HISLAMPÁ (Hispanorum Index Scriptorum Latinorum Medii Posteriorisque Aevi) – Autores Latinos Peninsulares da Época dos Descobrimentos (1350-1560)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

Livros Impressos no século XVI Existentes na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora – Tipografia Portuguesa, Separata do *Boletim da Junta Distrital de Évora*, Évora, 1964.

MACHADO, Diogo de Barbosa, *Bibliotheca Lusitana, Histórica, Crítica, Cronológica*, Tomo II (M.CMLXVI.), Coimbra, Atlântida Editora, 1966.

SILVA, Innocência Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Português*, Tomo III, (MDCCCLIX), Lisboa, Imprensa Nacional, 1859-1862.

PLANTAS DE USO TERAPÊUTICO E ALIMENTAR EM AMATO LUSITANO E DIOGO PIRES

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

Centro de Estudos Humanísticos
Universidade do Minho

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo comparar e comentar o modo como dois humanistas portugueses do séc. XVI, o médico Amato Lusitano e o poeta Diogo Pires, escreveram sobre algumas plantas de uso terapêutico e alimentar, a saber, a pimenta e o gengibre, especiarias originárias do oriente, por um lado, e o alho, a cebola e as trufas, por outro. Ver-se-ão algumas homologias curiosas, embora não totalmente inesperadas.

PALAVRAS-CHAVE

Amato Lusitano, Diogo Pires, plantas aromáticas e medicinais

ABSTRACT

The present article has as its objective to compare and comment the way in which two Portuguese humanists of the 16th century, the physician Amato Lusitano and the poet Diogo Pires, wrote, on one hand, about plants of culinary and medicinal use from the Far East such as pepper and ginger, on the other, about garlic, onion and truffles. We will see some curious, but not totally unexpected, homologies.

KEYWORDS

Amato Lusitano, Diogo Pires, aromatic and medicinal plants.

Ler os autores do século XVI, *maxime* aqueles que escreveram em latim, revela-se uma constante surpresa, sejam eles Amato Lusitano, Diogo Pires, André de Resende, Inácio de Moraes, Diogo de Teive, Pedro Nunes, Garcia de Orta ou outros. No presente artigo, prestar-se-á atenção a Amato Lusitano, médico albicastrense, e a Diogo Pires, poeta eborense, perspectivados numa associação que não é fortuita. Trata-se de dois grandes vultos da cultura portuguesa do século XVI, irmanados por uma sólida cultura humanística, pela formação em medicina e por uma vida perseguida pela Inquisição, que os forçou a deixar o país. A figura de Amato – um dos mais insígnies médicos portugueses do século XVI – mereceu ao longo dos tempos e continua a merecer, ainda hoje, uma justa atenção. As suas anotações, notícias e comentários constituem um manancial por assim dizer inesgotável de informações da maior relevância para botânicos, farmacêuticos e homens de letras.¹ O mesmo se poderá dizer do seu primo Diogo Pires, médico também, mas sobretudo notável poeta quinhentista, apesar de menos afortunado no que à projecção da sua obra diz respeito.² Com o presente estudo, pretende-se enquadrar no seu tempo o médico Amato e o primo poeta, pesquisar na obra de ambos sinais do seu convívio intelectual e conhecer, mais especificamente, o que dizem sobre a pimenta e outras plantas.

AMATO LUSITANO, UM MÉDICO E FILÓLOGO DO RENASCIMENTO

A obra de Amato (1511-1568) – vale a pena lembrá-lo – foi toda redigida em latim e é exemplo acabado do chamado humanismo médico, na medida em que o seu autor é um genuíno representante – para usar das palavras de Montero Cartelle – da “figura del médico-filólogo, o, mejor dito, del filólogo-médico, tan peculiar del siglo XVI”.³ De facto, sendo médico, não se limita a exercer com dedicação o seu mester. Além de investigar em profundidade as virtudes farmacológicas de minerais, animais e plantas, importa-lhe igualmente conhecer a opinião dos antigos e comentá-los,

¹ A bibliografia sobre Amato tem crescido muito nos últimos tempos. Para o seu estudo, citem-se, entre os mais recentes: JORGE (1962), MARTINS (2010) e MORAIS (2011). Importa ainda consultar os *Cadernos de Cultura – Medicina na Beira Interior – da Pré-História ao Século XX*, uma revista que desde 1989, sob a direcção de António Lourenço Marques e edição de António Salvado, tem regularmente revisitado a vida e obra do grande médico português, João Rodrigues de Castelo Branco, ou, como passou a assinar, Amatus Lusitanus.

² Sobre Diogo Pires, que só mais recentemente foi objecto de atenção por parte de reputados investigadores, três nomes importa reter: Américo C. RAMALHO, Carlos A. ANDRÉ e António ANDRADE. Os trabalhos destes estudiosos têm posto em relevo a sua importância para o estudo do nosso século XVI, mas também a qualidade poética da sua obra. Em 1983 escrevia Carlos A. André: “Mais recentemente ainda, o Professor Doutor Américo da Costa Ramalho lançou as bases de uma investigação séria e cuidada sobre esse que é, sem sombra de dúvida, um dos maiores poetas novilatinos do Renascimento português.” (ANDRÉ 1983: 15-16). De então para cá, os estudos de Carlos A. André e de António Andrade trouxeram novos dados e uma nova luz sobre Diogo Pires.

³ MONTERO CARTELLE, E., 1996: 731-737. Como salientou o Prof. A. Costa Ramalho (no prefácio ao livro de Mario Santoro, 1991, p.3): “Amato foi um humanista, não apenas por ter escrito em bom latim as suas obras, mas por toda a sua educação e cultura que iam muito além da formação profissional do médico”. Sobre esta questão da preocupação filológica do médico Amato Lusitano, vd. V. PEREIRA, 2004: 289-312.

expondo por fim o seu juízo crítico (*iudicium*) com base não apenas no saber dos livros, mas também com base na sua experiência de clínico.⁴

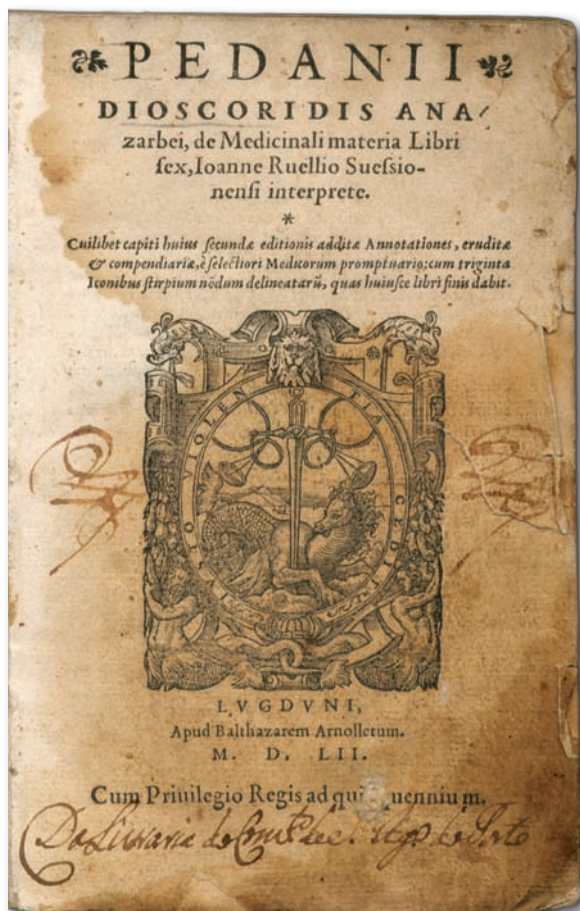
É este, sem dúvida, um dos aspectos mais marcantes da sua obra: a dupla vertente científica e filológica. O próprio autor não deixa de o assinalar no frontispício da sua primeira produção escrita, o *Index Dioscoridis*, datado de 1536, ao declarar, logo na portada, que este livro interessa em simultâneo a dois tipos de público: aos médicos, boticários e perfumistas, por um lado, mas também aos amantes dos *studia humanitatis*. Ora esta simultaneidade de interesses não deve causar qualquer estranheza ou admiração, pois é filha do tempo. Como lembrou Paul Oskar Kristeller (1982: 1214), “O movimento humanista teve o seu início não no campo dos estudos filosóficos ou científicos, mas sim no dos gramáticos e retóricos”. Foram os gramáticos e retóricos que procuraram fazer da sua área de estudo uma autêntica *ianua scientiarum*, a saber, uma porta de entrada para todos os campos da actividade intelectual e científica, fossem eles da área da teologia, do direito ou da medicina. Era este o “sonho do Humanismo”, isto é, a crença de que toda a ciência devia ter o seu fundamento nos *studia humanitatis*, aos quais não estaria vedado qualquer campo de investigação.⁵ Amato Lusitano, figura cimeira do renascimento médico português e europeu, não ficou alheio a este “sonho”, embora nunca deixe de conceder a primazia ao saber médico. Daí a sua decisão de traduzir e comentar Dioscórides. “A obra de Dioscórides, que desde o século I da nossa Era tinha constituído o guia da Medicina fitoterapêutica, foi nesse século XVI largamente anotada e comentada. Amato foi um dos seus comentadores, e os pertinentes comentários e anotações que fez a essa obra contribuíram largamente para um melhor conhecimento das virtudes terapêuticas de algumas espécies nelas referidas.”⁶

João Rodrigues de Castelo Branco deu início à sua actividade de tradutor e comentador da obra de Dioscórides em Antuérpia, no ano de 1536, com a publicação do *Index Dioscoridis*, que ficou inacabado, e voltou ao assunto, passados cerca de dezassete anos, com o Comentários conhecidos pelo título *In Dioscoridis Libri Quinque Enarrationes*, que têm a sua edição *princeps* em Veneza, no ano de 1553. Foi intento do autor retomar a obra de Dioscórides e refazer o anterior trabalho (o *Index*), para o oferecer aos Governadores e ao Senado ragusinos, como diz expressamente na carta-dedicatória das *Enarrationes* que dirigiu à cidade-república de Ragusa, datada de Roma, 15 de Maio de 1551.

⁴ Segundo Maximiano Lemos (LEMOS, 1995: 56), Amato é um erudito que “conhece sete línguas: o grego, o latim, o hebreu, o alemão, o francês, o italiano e o espanhol, além da sua própria, e isto permite-lhe comentar Dioscórides com profundo conhecimento do texto e dos seus diferentes interpretadores; (...)”

⁵ Vd. RICO, 1993: 17-19. Aqui se lembra como, para o famoso matemático português do século XVI, Pedro Nunes, a *grammatica* era a “mãe de todos os saberes”.

⁶ SALVADO, 1992: 13. O *De materia medica* de Dioscórides fora traduzido para latim por Ermolao Barbaro e Jean de Ruelles, sendo as duas traduções publicadas em 1516. Foi também traduzido para italiano por Mattioli / Matthiolus (Veneza, 1544), considerado um dos mais sábios comentadores de Dioscórides (mas muitas vezes censurado por Amato), e para espanhol por Andrés Laguna (Antuérpia 1555), de quem Amato foi condiscípulo.



Comparadas com o anterior *Index*, as *Enarrationes* são agora um extenso volume, com anotações mais ou menos longas ao texto de Dioscórides.⁷ Os dezassete anos decorridos entre o *Index* e as *Enarrationes* e a experiência clínica entretanto adquirida tinham dado os seus frutos. No capítulo da designação das plantas, há inúmeras equivalências terminológicas que variam do *Index* para as *Enarrationes*. No corpo dos comentários, verifica-se haver dados que não reaparecem ou são alterados ou corrigidos. Assim, e a título de mero exemplo: no *Index* II 88 Amato justifica o nome *orobanche* com o facto de a planta, enrolando-se nas outras, as estrangular; na *enarratio* correspondente (*en.* II 136), esta opinião, atribuída a Teofrasto, é criticada; segundo Amato, a planta, nascendo entre as leguminosas, asfixia-as, *ut experientia indicat*.⁸

DIOGO PIRES, UM POETA NOVLATINO

Bem diferente é a obra deste médico, natural de Évora, parente e amigo de Amato, que foi essencialmente um poeta, talvez um dos maiores do nosso

humanismo quinhentista. A sua obra, toda em latim, foi em grande parte reunida num espesso volume intitulado *Cato Minor*, que acolhe uma produção diversificada, como adiante se verá.⁹

Amato e Diogo Pires conviveram durante os anos da sua juventude, frequentaram juntos a Universidade de Salamanca e deixaram sinais desse convívio nas respectivas produções. Amato

⁷ Nas palavras de A. ANDRADE (2010: 39), "As *Enarrationes* do humanista português estão peçadas de divagações e reflexões muito variadas." A estrutura de cada entrada é a mesma: à identificação da planta, do animal ou do mineral, segue-se a sua descrição (tamanho, cor, tipo de caule ou raiz...) e, no final, a utilização medicinal da planta, do animal ou do mineral.

⁸ *Ind.* II 88: *Orobanche ex maleficio nomen fecit antiquitas, et quoniam fruges legumina ervumque praesertim circunligando se necet ervi angina dicta est; id enim orobanche Graecis significat; quam Marcellus vidit, nec quicquam inter segetes et legumina per aestatem frequentius inveniri fatetur.* *En.* II 136: *Orobanche ex maleficio nomen traxit, quod videlicet, legumina, praecipue orobum, inter quae nasci diximus, strangulet, non illis se circunligando, ut Theophrastus dixit, sed tantum inter eas nascendo, ut experientia indicat.* E, num outro passo, agora a respeito do *nasturtium* (*Index* II 101, *En.* II 149), critica a opinião de Plínio, acrescentando: *non absque errore tamen, ut experientia quotidiana docet.*

⁹ Vd. ANDRADE, 2009: 345-351, e, do mesmo autor, a tese de doutoramento intitulada *O Cato Minor de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2005 (versão policopiada). Para C. A. ANDRÉ (2004: 171), Diogo Pires é "com justiça considerado um dos mais notáveis poetas humanistas de origem judaica".

refere (*Curationes Medicinales*, Centuria VI, Curatio XXX) que tratou Diogo Pires em Ragusa, administrando-lhe um emoliente que o curou. Diz dele que é “varão muito versado nas línguas grega e latina e poeta de grande erudição” (tradução de C. A. André, 1992: 22). Num comentário à Centúria III, cura XXXVIII, Amato apresenta Diogo Pires a debater a questão da existência ou não de febre contínua numa doença aguda, apoiando-se para tal nos *Aforismos* de Galeno. Mais tarde, Diogo Pires volta a ser chamado a dar a sua opinião em *Dioscoridis Enarrationes* IV, CXLVIII (*De persicis*). Da leitura integral dos passos referidos pode depreender-se que, tendo formação médica, não exerceu a profissão, embora tenha lido Galeno no original, como acima se referiu. Este Diogo Pires, por sua vez, dirige a Amato uma elegia e recorda a sua morte num *Epitaphium*. É através deste poema à morte do primo que sabemos que Amato morreu de peste em Tessalónica, no ano de 1568. O epitáfio figura no *Cato Minor* (1596, p.163), apresenta-se com o título *Amati Lusitani medici physici praestantissimi epitaphium*, e vem acompanhado da seguinte anotação: *Obiit fere sexagenarius pestilentia Thessalonicae anno 1568*. O epitáfio, composto em dísticos elegíacos, como era de regra neste tipo de composição, reza assim (em tradução):

Aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva num corpo doente,
ou voltava a chamá-la das águas do Letes,
querido, por isso, igualmente dos povos e dos grandes reis,
aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou, ao morrer.
Portugal o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro.
Como se encontra longe do solo pátrio a sepultura!
Mas quando o dia supremo e a hora fatal se aproximam,
em toda a parte há um caminho em declive para a Estige e para os Manes.¹⁰

Em tempos, compusera Diogo Pires um outro poema dirigido a Amato, quando o autor partia para Lovaina (*Ad Ioannem Rodericum medicum, Lovanium petiturus*).¹¹ Em ambas as composições, na elegia e no epitáfio, ecoa o sentimento do exilado e a saudade das terras que ambos deixaram, repercutida esta no epíteto onomástico que ambos escolheram: *Lusitanus*.¹²

A PIMENTA E OUTRAS PLANTAS EM AMATO E DIOGO PIRES

Atento às novidades que vinham de África e da Índia, Amato colhia daí muitas informações e confrontava-as com os dados hauridos nos autores antigos e com o que conhecia por experiência

¹⁰ Veja-se texto e tradução em A. Costa RAMALHO (1985, p. 217).

¹¹ O texto e tradução destes poemas, bem como comentários de enquadramento dos mesmos, podem ser consultados em C. A. ANDRÉ (1992: 104-107).

¹² *Amatus Lusitanus* é o nome que o médico João Rodrigues de Castelo Branco adoptou para figurar nas suas obras, excepto na primeira, o *Index Dioscoridis*. Relativamente a *Amatus*, nome de família, vd. A. Costa RAMALHO (1988, pp. 135-137). Ricardo JORGE (1962:16) lembra como Amato usa com frequência *patria mea, Lusitani nostri*, além de *nostris Portugalenses*. Segundo C. A. ANDRÉ (1983: 17), o poeta Diogo Pires, natural de Évora, ora assinava *Didacus Pyrrhus Lusitanus*, ora *Iacobus Flavius Eborensis*.

própria, isto é, com o que a realidade a cada passo patenteava, desmentindo dados e factos secularmente tidos por adquiridos.¹³ Era o tempo em que as verdades antigas se viam ultrapassadas a cada passo pelos conhecimentos trazidos de além-mar. Na sequência das descobertas dos Portugueses no Oriente e da implementação de trocas comerciais, em grande parte justificadas pela procura de especiarias, multiplicam-se os conhecimentos de novas espécies animais, vegetais e minerais.¹⁴ Gaspar Barreiros captará e exprimirá de forma eloquente as novidades propiciadas pela acção de Portugal no Oriente. Escreve ele, a dado passo da sua *Chorographia*, editada em 1561:

(...) Quanta novidade de pedras, hervas, peixes, e outros animaes ignotos? Que maravilhosa qualidade de terras, de aruores, de plantas, fructos, legumes, e outros mantimentos? Que drogas? Que aromatas? E quanto numero de simples, em que Aristoteles, Theofrasto, Dioscorides e Galeno, teueram copiosa materia para compoerem historias naturaes? (...) E em quantas d'estas cousas podêram redarguir muitas que tam excellentes Philosophos e Geographos por certas screvêram, cuja verdade acharam nossas armas e descobriram nossas navegações? (citado de Rui LOUREIRO, 1998: 133).

Do Oriente chegavam, portanto, “plantas novas, que os doutos não conhecem”, como refere Camões no poema que compôs em Goa, em 1563, a “recomendar” ao Vice-Rei da Índia a obra do seu amigo Garcia de Orta, a primeira edição dos *Colóquios*.

Amato e Diogo Pires não ficaram alheios a este afluxo de novas espécies, mostrando-se atentos a várias dessas plantas, aromáticas ou medicinais, nomeadamente à pimenta e ao gengibre, vindas do Oriente, entre outras. Amato Lusitano evoca por várias vezes, aqui e ali, as novidades que do Oriente nos chegavam com as naus portuguesas procedentes da Índia. Assim acontece, por exemplo, quando refere a **pimenta** (*Index*, II, phil. 105):

(...) nigrum piper ... cuius magna copia singulis annis ab India ex regione praecipue Corumcol, ad regem Lusitaniae advehitur. Piper vero longum alius est, officinis iam familiare, quod ex insula Samotra apud Indiam ad nos praecipue adfertur.

(...) grande quantidade dessa pimenta preta chega da Índia, em particular da região de Corumcol, todos os anos ao rei da Lusitânia. Quanto à pimenta longa, é outra coisa, já conhecida das boticas, e chega-nos em especial da ilha de Samotra, próximo da Índia.¹⁵

¹³ Assim, no *Index*, fil. 107, dedicada ao *hidropiper*, dá a entender que Hermolao Bárbaro não identificou bem a planta, talvez por ser um homem sedentário, que apenas estudou nos livros. Diz ele: “De facto, este homem, sendo embora muito culto e muito atento, mas entregue talvez a um estudo exclusivamente sedentário, teria observado a distinção que fizemos, e não teria chegado a esta dúvida, pois que, como afirmámos, existe a pessegueira sem manchas e não é menos vulgar do que a que tem pequenas manchas (...)”

¹⁴ Humanistas como Damião de Góis ou João de Barros “exploraram as *cousas do Oriente* com persistência, procurando conjugar a herança dos antigos com as novidades chegadas pela rota do Cabo; outros ainda, como D. João de Castro e Garcia de Orta, questionam criticamente a herança humanista, que ultrapassam de forma inovadora, graças a uma intensa experiência ultramarina.” (Rui LOUREIRO, 1998: 130-131). Este mesmo autor traz à memória o testemunho do matemático Pedro Nunes, “que no seu *Tratado da Sphera*, publicado em Lisboa em 1537, lembrava que os Portugueses, nas suas navegações, tinham demonstrado “*ser a terra mor que o mar: e aver hi Antipodas: que ate os Sanctos duvidaram*”. Assim se alcançavam as “puras verdades”, fruto da experiência, que em tudo é “mestra”, como lembra Camões no canto V, pela voz do Gama.

¹⁵ E a respeito da pimenta longa e da ilha Somatra, acrescenta: *Somatra, Taprobana dicta*. Na en. 153, dedicada ao mesmo tema, conta que uns amigos lhe trouxeram da Índia, conservados em vinagre, uns cachos verdes de pimenta, acrescentando: “ao vê-los, ficamos cientes de que a

Quanto ao **gingibre**, assevera Amato (*Index*, phil. 106):

Zingiber ubique aroma notum, quod ex Indiae Insula Cananor dicta circumfertur; radix scilicet fruticis graminis nostri similis; galangua longe resalia est, antiquis forsitan ignota.

‘O gengibre é uma especiaria em toda a parte conhecida; é trazida da ilha índica chamada Cananor, isto é, a raiz do fruto é semelhante ao nosso lódão ou junco da Índia; a galanga é uma coisa bem diferente, desconhecida talvez dos antigos.’

Também Diogo Pires se pronunciará sobre a pimenta e o gengibre, se bem que em contexto totalmente diverso e com propósitos muito diferentes, decorrentes da natureza diversa da respectiva produção. Entre as várias obras suas reunidas no volume *Cato Minor* destacam-se os *Xenia* [presentes de hospitalidade], um conjunto de cerca de 230 dísticos claramente inspirados no livro homónimo de Marcial.¹⁶ Uma grande quantidade destes *Xenia* de Diogo Pires é dedicada a plantas medicinais e ervas aromáticas e alguns deles revelam afinidades com o que Amato refere nos seus comentários. É certo que o conhecimento deste tipo de plantas, por parte de Diogo Pires, se deve não apenas à sua formação médica e aos seus interesses de humanista, mas também ao facto de pertencer a “uma das principais famílias judaico-portuguesas envolvidas no comércio internacional das especiarias”, como escreveu António Andrade (2009: 349).

Em todo o caso, é também muito possível, ou provável, que Diogo Pires tenha tido em mente a obra do primo Amato, quando compôs alguns dos seus *Xenia*. No dístico intitulado *Spinaca* (*Cato Minor*, 1596, p. 53), é referido o esforço de Amato na identificação dessa planta:

Quae spinaca vocant, iam dudum quaerit Amatus,
Num fuerint priscis cognita temporibus.

‘A planta spinaca (espinafre) – interroga-se há largo tempo Amato se acaso foi conhecida nos tempos antigos.’¹⁷

Algumas coincidências, tanto no conteúdo, como na seriação, permitem corroborar esta hipótese. Diogo Pires dedica dois dísticos (*Cato Minor*, 1596, p. 48) à pimenta e ao gengibre, duas matérias a que prestara igual atenção Amato Lusitano, como vimos. “Estão um a seguir ao outro”, comenta António Andrade, “da mesma forma que as entradas do tratado de Dioscórides. Isto

pimenta cresce como se diz, mas quando chega à maturação, colhe-se e põe-se numa esteira ao sol, onde se torna como nós a vemos, com aquele aspecto enrugado.”

¹⁶ “Uma simples comparação entre a colectânea do *Cato Minor* e os dois últimos livros dos *Epigrammata* de Marcial comprova, de facto, que o poeta eborense se inspirou, antes de mais, no livro dos *Xenia*, o que torna plenamente justificada a adopção deste mesmo título” (A. ANDRADE, 2009: 347). A ordenação dos dísticos em Marcial e Diogo Pires não é a mesma, mas são muitos aqueles que ostentam idêntico título, embora seja diferente o tratamento dos temas. É o caso dos dísticos relativos ao *piper* / pimenta (M. 13.5 e Pires, *Cato Minor*, 1596, p.49) e aos *Terrae tubera* (13.50) e *Tubera et boleti* (CM, p.64), a seguir comentados. Nas palavras de António ANDRADE (2005:342), os temas comuns a Diogo Pires e Marcial são por Diogo Pires “recriados de uma forma totalmente original e independente.”

¹⁷ Era um problema suscitado e muito debatido sempre que se “descobriam” plantas novas, vindas do Oriente. Até ao momento, não foi possível localizar o passo onde este assunto da *spinaca* foi tratado por Amato. Ao que tudo indica, trata-se de uma palavra de origem asiática.

acontece com outros exemplos e prova, se dúvidas houvesse, a colaboração e a relação entre as duas obras.”¹⁸ O mesmo acontece com as entradas referentes à cebola, ao alho e ao alho-porro, apresentadas nos dois autores na mesma ordem. São ainda comuns aos dois a entrada dedicada à *De hortensi smilax* (dístico *Phaseolus*, no *Cato Minor*, 1596, p. 54) e a entrada *De tuberibus terrae* (os dísticos *Tubera et boleti*, no *Cato Minor*, 1596, p. 64).

Estas coincidências não deixam margem para dúvidas, como se comprova com o estudo comparado das matérias enunciadas, confrontando os dísticos de Diogo Pires com as opiniões de Amato.

Piper

Non omnis bacchi pendet de vite racemus.
Interdum piperis grana racemus habet. (CM, 1596, p. 48)

‘Pimenta

Nem sempre da vide pende um cacho de Baco.
Por vezes, o cacho contém grãos de pimenta.’

Se consultarmos o que Amato diz a respeito da pimenta, verificamos que refere o cacho da pimenta cheio de grãos, à semelhança de um cacho de uvas.¹⁹ Tendo este dado presente, compreende-se bem o epigrama de Diogo Pires. O seu desfecho, um final inesperado típico do género epigramático, joga com a ideia de que tanto a pimenta como a vide produzem os seus frutos em cachos.

Zinziber

Qui tellure recens effossum devorat Indus,
Zinziber, illius ilia dura voces. (CM, 1596, p. 48)

‘Gengibre

Quanto ao Indo, que devora o gengibre recentemente
cavado da terra, dirás das suas entranhas que são duras.’

Neste dístico, no emaranhado do seu tecido poético, alude-se à origem do gengibre, proveniente da Índia, e à dureza do seu tecido fibroso. Sendo uma nova especiaria já muito difundida, não seria preciso consultar Amato para saber qual a sua origem.²⁰ Lembre-se, de resto, que em dado momento da sua vida, Diogo Pires se dedicou ao comércio de especiarias, um negócio de família, segundo documentam os estudos de António Andrade (2010).

¹⁸ Citado, com a devida vénia, de e-mail datado de 31 de Agosto de 2011.

¹⁹ In. II 105: *Piperis arbor brevis in India fertur nasci, fructum fert a principio siliquarum modo oblongum, quod longum piper est, clauditque inter se quod exiguis milii seminibus simile sit integrum et absolutum mox futurum piper, id per maturitatem legitimo tempore dehiscens racemos ex se mittit granis quae nouimus onustos.*

²⁰ Vd. supra, citação do passo de Amato (*Index*, II 106) relativo ao gengibre. A *enarratio* correspondente (II, 154) nada contém que possa ter servido de fonte a Diogo Pires.

IN
DIOSCORIDIS
ANA ZARBEI DE
MEDICA MATERIA LIBROS
QUINQUE, AMATI LVSITANI DO-
ctoris Medici ac Philosophi Cele-
berrimi enarrationes
eruditissimæ.

*Accesserunt huic operi præter Correctiones Lem-
matum, etiam Adnotationes R. Constantini,
Necnon simplicium pictura ex Leonharto Fuchsio
Iacobo Dalechampio, atque alijs.*



LVGDVNI,
Apud Theobaldum Paganum.

1558.

Aos dísticos sobre a pimenta e o gengibre seguem-se, em Diogo Pires, outros relacionados com cebolas, alhos e trufas:

Cepa

Si delectaris cepis, vitabit amica
oscula, et extremo dormiet toro.

‘Cebola

Se te deleitates com cebolas, a tua amiga evitará
os teus beijos e dormirá na ponta da cama.’

Um outro dístico exprime ideia semelhante. É o seguinte, dedicado ao *bulbus et porrum*:

Bulbus, et Porrum

Si bulbum porrumve edisti nocte, puella
rara tibi amplexus, oscula nulla dabit.

‘Cebola e alho-porro

Se à noite comeste cebola ou alho-porro, rara será a jovem
que queira abraçar-te, e nenhuma quererá beijar-te.²¹

Amato tratara o tema da ingestão de cebola de outra forma (pois não referia o mau hálito provocado pela mesma) e com outro desenvolvimento, no *Index* II 118 (retomando mais tarde o assunto, em termos muito semelhantes, em *Enarr.* II 166). A propósito desse legume, evoca um malicioso epigrama de Marcial e lembra o carácter afrodisíaco do mesmo. O texto de Amato é particularmente interessante e merece a pena conhecê-lo, em tradução:

Quanto a estes bolbos [sc. a cepa], Marcial considera-os, em muitos passos, afrodisíacos, por despertarem a libido, como se pode depreender do epigrama:

“Se tens velha a mulher e os teus membros estão sem vida,
então é só com cebolas que te podes satisfazer.”²²

Daí que Varrão afirme, justamente, que devem ser comidas por ocasião de núpcias, e com ele concorda Apício, desde que às ditas se lhes acrescente noz de pinhão e suco de eruca e um pouco de pimenta.²³

De resto, Pitágoras atribui tal importância às cebolas de Mégara, que, ao que dizem, compôs um volume sobre as suas propriedades, entre as quais há que enumerar principalmente a cebola-albarrã e outras espécies, como se pode ver em Teofrasto, *Da história das plantas*, livro 8, e em Plínio, livro 19, capítulo 5.

²¹ Tradução de A. Andrade, 2005: p. 54.

²² MARCIAL, *Ep.* 13,34.

²³ Neste parágrafo, o texto latino da edição de 1536 está corrupto, tendo sido “reconstruído” com base no passo respectivo das *Enarrationes*, livro II, *Enarr.* 166, da edição de Veneza, 1553, p. 273. A receita de Varrão, incluída na obra de Apício com o número 308, diz o seguinte: “Eu escrevi a propósito de bolbos “cozidos em água para os que procuram as portas de Vénus”; depois servem-se ao jantar como para núpcias legítimas, mas com pinhões ou com suco de eruca e pimenta.” (veja-se esta tradução e comentário em *O livro de cozinha de Apício. Um brevíário do gosto imperial romano*. Introdução, tradução e comentários de Inês de Ornellas e CASTRO, Sintra, Colares Editora, s.d [1997], p. 184).

Allium

Quanto ao alho, Diogo Pires regista o seu uso como antídoto contra o veneno da víbora:

Praestans antidotum messoribus allia praestant,
ieiuno quoties vipera dente nocet.

‘Alho

Os alhos prestam aos ceifeiros um antídoto prestimoso,
sempre que a víbora, com seu dente esfaimado, os ataca.’

O poeta segue aqui a opinião generalizada entre a comunidade médica. Amato é de idêntica opinião. Diz o médico albicastrense, em dado passo: “Todos afirmam que o alho é muito eficaz no tratamento da mordedura da víbora, e nós mesmo o comprovámos por experiência”.²⁴

Vejamos, por fim, um dístico de Diogo Pires sobre trufas e cogumelos. Diz o seguinte:

Tubera, et boleti

Deliciae quondam boleti, et tubera Regum,
nunc miserae plebis vilior esca sumus.

‘Túberas e cogumelos

Outrora delícias dos reis, nós, os cogumelos e túberas,
valem agora menos do que o alimento da mísera plebe.²⁵

Diga-se que este dístico não deixa de ser enigmático, porquanto os boletos e as trufas sempre foram caros e muito apreciados. Vários epigramas de Marcial sugerem o seu preço elevado, chegando mesmo a sublinhar o dispêndio que seria comprar boletos para oferecer, como se pode ver em *Ep.* XIII 48:

Argentum atque aurum facilest laenamque togamque
mittere; boletos mittere difficilest.

‘Enviar peças de prata ou de ouro, uma capa ou uma toga
é coisa fácil; difícil é enviar uns cogumelos.’²⁶

²⁴ No *Index*, II, fil. 98, Amato lembra que o *scorodon* (alho) é bom remédio contra a mordedura de víbora. O mesmo diz na *Enarr.* 146, desta forma: *Verum allium in curatione morsus viperae multum valere, omnes tradunt, et nos ipsi experientia comprobatum habemus.* E a verdade é que tratou uma camponesa, como regista na *Centúria* I, cura 1, ministrando-lhe cebola, alho e vinho, quer como emplastro, quer em bebida. E, nos comentários ao caso, escreve a dado passo (*Centúrias*, vol. I, p. 49): “Arquígenes, Galeno, Paulo, Aécio e Dioscórides, na cura da mordedura de víbora, mandam que o doente use bastante vinho puro e alhos, a ponto de afirmarem que, se o atacado de mordedura de víbora beber vinho e comer muitos alhos, não precisará de nenhuma outra espécie de remédios. Tal é a confiança que têm neste.”

²⁵ Tradução de A. Andrade (2005: p. 64). Uma outra interpretação do verso 2 seria, talvez: “somos agora, para a plebe, um alimento de bastante baixo preço.” Seja qual for a interpretação do verso, o que prevalece é a ideia de que as trufas são, ao tempo de Diogo Pires, um alimento de pouco valor.

²⁶ Vd. tradução (de Delfim Leão) e notas (de Cristina de Sousa Pimentel) em Marcial, *Epigramas*, vol. IV, 2004, p. 152. Marcial dedica o epigrama XIII 50 às túberas: *Rumpimus altricem tenero quae vertice terram / tubera, boletis poma secunda sumus.* Isto é (tradução de Delfim Leão): “Nós, as túberas, furamos a terra nutriz com a nossa tenra / cabeça; somos a fruta que vem depois dos cogumelos.”

Que terá levado Diogo Pires a afirmar precisamente o contrário? Será que alude ao facto de os cogumelos serem o alimento dos homens do campo, na esteira do que Amato deixara registado nas *Curationes Medicinales*, Centúria I, no comentário à cura XXXIX (relativa a envenenamento por ingestão de cogumelos)? Anos antes, o médico tinha afirmado (*Ind.* II 91), apoiando-se em Galeno, serem as túberas um bom alimento, muito nutritivo e até afrodisíaco. Mas já nas *En.* II 139 exprimia opinião bem diferente: apoiado em Avicena, considerava as túberas *pessimum et terrestrem... nutrimentum* e, além disso, prejudicial aos nervos e ao estômago.²⁷ Perante tal discrepância, é difícil perceber a afirmação de Diogo Pires.

Neste campo, como noutros, teria sido possível estabelecer outras aproximações e afinidades entre duas obras tão diferentes como as dos primos Amato Lusitano e Diogo Pires. Mas é tempo de concluir.

EM SUMA

O homem do Renascimento faz da cultura antiga a sua cultura e nela assenta a base da criação de novos saberes. Amato, médico, e Diogo Pires, poeta, tiveram idêntica formação, idêntico gosto pela observação e, apesar de diferentes na sua actividade, um e outro revelaram claros interesses quer de natureza científica, quer de natureza filológica. Nada que cause estranheza, contudo. Digamos que tal identidade está no horizonte de expectativas ou, se preferirem, no ADN do tempo em que viveram.

27 Eis os textos: Em *Index* II 91: Omnibus tubera terrae nota sunt, quae vino lota sub cinere calido coquantur; cocta et munda, saleque item ac pipere aspersa, calida adhuc conviviis post esum carniis, ut Platinae libro de Obsoniis placet, apponi debent. Alit hic cibus, ut Galeno placet, et quidem multum, ac venerem ciet; *En.* II 139: Parit intra se tubera tellus, sine caule, sine foliis, aliisque agnatis, quae pessimum et terrestrem praebent nutrimentum, et, ut tradit Avicenna, nervis et stomacho inimica sunt (...).

BIBLIOGRAFIA

- AMATO LUSITANO (1536) *Index Dioscoridis. Antuerpiae excudebat* Va. M. Caesaris.
- AMATO LUSITANO (1553) *In Dioscoridis Anazarbei de materia medica Libros Quinque Enarrationes*. Venetiis, MDLIII.
- ANDRADE, António (2009) “As mundividades de Diogo Pires à luz da coletânea poética dos *Xenia*”. In: OLIVEIRA, Fr., TEIXEIRA, Cláudia e DIAS, Paula B. (coords.), *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, vol. 2. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – APEC e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, pp. 345-351.
- ANDRADE, António (2010) “Ciência, negócio e religião: Amato Lusitano em Antuérpia”. In: CASTRO, Inês de Ornellas e ANASTÁCIO, Vanda (coords.) *Revisitar os saberes. Referências Clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, pp. 9-49.
- ANDRADE, António (2005) *O Cato Minor de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2005 (dissertação de doutoramento, versão policopiada).
- ANDRÉ, Carlos Ascenso (1983) *Diogo Pires. Antologia Poética*. Introdução, tradução, comentário e notas de Carlos Ascenso André. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso (1992) *Um judeu no desterro. Diogo Pires e a memória de Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso (2004) “Um judeu português nos caminhos do mundo”. In: *Humanismo para o nosso tempo: Homenagem a Luís de Sousa Rebelo*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 171-190.
- APÍCIO ([1997]), *O livro de cozinha de Apício. Um breviário do gosto imperial romano*. Introdução, tradução e comentários de Inês de Ornellas e Castro, Sintra, Colares Editora, s.d [1997].
- GOUVEIA, A. J. Andrade de (1985) *Garcia d’Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve.
- JORGE, Ricardo (1962) *Amato Lusitano. Comentários à sua Vida, Obra e Época. Ciclo Peninsular*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- P. O. KRISTELLER (1982) *El pensamiento renascentista y sus fuentes*, México.
- LEMONS, Maximiano (1955) “Os trabalhos científicos de Amato”. In *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Câmara Municipal de Castelo Branco.
- LOUREIRO, Rui (1998) *A biblioteca de Diogo do Couto*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- MARTINS, Jorge (2010) *Breve História dos Judeus em Portugal*, 2ª ed. Lisboa, Vega.
- MONTERO CARTELLE, E. (1996) “El estudio de la literatura médica del siglo XVI. La perspectiva filológica”. In SÁNCHEZ SALOR, E., MERINO PEREZ, L. y LÓPEZ MOREDA, S. (eds.), *La recepción de las artes clásicas en el siglo XVI*. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 731-737.
- MORAIS, A. David de (2011) *Eu, Amato Lusitano*. Lisboa: Edições Colibri.
- ORTA, Garcia de (1963) *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia*. Reprodução fac-similada da edição impressa em Goa em 10 de Abril de 1563. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1963.
- PEREIRA, Virgínia Soares (2004) “Relato hagiográfico e memória clínica. Afinidades na organização discursiva de André de Resende e Amato Lusitano”. In SÁNCHEZ MARÍN, José A., y MUÑOZ MARTÍN, Mª. Nieves (eds.) *Retórica, Poética y Géneros Literarios*. Granada: Universidad de Granada, pp. 289-312.
- RAMALHO, Américo da Costa (1985) *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*. Coimbra: INIC.
- RAMALHO, Américo da Costa (1988) “Didacus Pyrrhus Lusitanus, poeta e humanista”. In *Para a História do Humanismo em Portugal*, I. Coimbra: INIC, pp. 121-137.

- RAMALHO, Américo da Costa (1988a) “Portugal em dois epigramas de George Buchanan”. In *Para a História do Humanismo em Portugal*, I. Coimbra: INIC, pp. 105-120.
- RICCO, Francisco (1993) *El sueño del Humanismo (de Petrarca a Erasmo)*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 17-19.
- SALVADO, Maria Adelaide Neto (1992) “O espaço geográfico nas Centúrias de Amato”. In: *Medicina da Beira Interior da pré-história ao século XX*, *Cadernos de Cultura* n° 5, pp. 11-19.
- SANTORO, Mário (1991) *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (2001) *Encontros de civilizações: Brasil, Quinhentos anos de História*. Rio de Janeiro, Editora Senac Nacional.
- VÁRIOS (1955) *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Câmara Municipal de Castelo Branco.

O TESOURO DOS POBRES DE PEDRO HISPANO, ENTRE O SÉCULO XIII E A EDIÇÃO DE SCRIBONIUS EM 1576

JOSÉ FRANCISCO MEIRINHOS

Departamento de Filosofia
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

RESUMO

O *Tesouro dos pobres* de Pedro Hispano é um dos mais difundidos receituários médicos medievais, com centenas de manuscritos e edições nos séculos XIV-XVII. A obra contém mais de mil receitas para curar todo tipo de doenças e afeções do corpo e até da mente, e prestava-se facilmente a interpolações ou abreviações, pelos utilizadores ou tradutores. A recepção e difusão da obra é favorecida por esta maleabilidade textual, como o atesta a edição publicada por Scribonius em 1576 e reeditada em 1578, em Francoforte do Meno. Após a (1) caracterização do *Thesaurus pauperum* e da (2) sua difusão, analisa-se a (3) edição de 1576 por Escríbónio como testemunho da recepção renascentista e pré-moderna do receituário de Pedro Hispano e da acelerada transformação que a medicina atravessou nessa época.

PALAVRAS-CHAVE

Medicina, receitas, doenças, curas, Petrus Hispanus, *Thesaurus pauperum*

ABSTRACT

Petrus Hispanus' *Treasury of Poor Men* is one of the most widespread medieval medical prescription books, in hundreds of manuscripts and editions from 14th to 17th Century. The book contains over a thousand recipes for curing all kinds of diseases and disorders of the body and the mind, easily tweened or abbreviated by all kind of readers and translators. The reception and dissemination of the work is favored by his textual malleability, and the prestige of the author, as is attested to by Scribonius edition published in 1576 and reissued in 1578, in Frankfurt. After the (1) characterization of *Thesaurus pauperum* and (2) its diffusion, we (3) analyze 1576 edition by Scribonius as an evidence of the profound transformations Medicine experienced between the Middle Ages and Early Modern period.

KEYWORDS

Medicine, disease, recipes, healing, Petrus Hispanus, *Thesaurus pauperum*

O *Thesaurus pauperum* de Pedro Hispano é um dos receituários médicos mais difundidos na Idade Média e no Renascimento, com cerca de 200 manuscritos conhecidos e um número equivalente de edições publicadas nos primeiros séculos da imprensa. A Biblioteca Pública Municipal do Porto possui o único manuscrito com uma obra atribuída a Pedro Hispano existente em Portugal, com uma peculiar versão do *Thesaurus pauperum*, e possui a edição dessa mesma obra que o médico de Marburgo Wilhelm Adolf Scribonius publicou em 1576 em Francoforte do Meno. Neste contributo, para melhor compreender o sentido dessa edição, faz-se em primeiro lugar uma breve apresentação do *Thesaurus pauperum*, a seguir apresenta-se uma síntese da sua difusão manuscrita e impressa, com uma alusão ao manuscrito existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto, e, por fim, caracteriza-se a recepção do *Thesaurus* na edição de Escribónio, publicada 8 anos após a morte de Amato Lusitano.

1. O *THESAVRVS PAVPERVM* E *PETRVS HISPANVS*

Quase tudo continua incerto quanto à autoria e data de composição do *Thesaurus pauperum*. Um elemento é certo e sobre ele os manuscritos e as mais antigas fontes não transmitem dúvidas: o seu autor é *Petrus Hispanus*. Já quem seja este Petrus Hispanus está desde há muito envolto em incerteza. Para uma parte dos bibliógrafos mais antigos, sobretudo os relacionados com a história papal, o autor teria sido Petrus Juliani, o português que em 1276 foi elevado ao sólio pontifício com o nome de Johannes XXI¹. Segundo uma já antiga tradição, nas não unânime, o *Thesaurus pauperum* teria sido escrito justamente quando Petrus Juliani de Lisboa, portanto também Hispano, desempenhava a função de arquiato papal, ao serviço de Gregório X. Contudo, não existe qualquer documento pontifício que ateste que Pedro Julião, Cardeal de Túsculo desde 1273 e futuro papa João XXI, foi médico ao serviço da cúria, ou mesmo que tenha sido médico. Na longa e bem documentada permanência de Pedro Julião na cúria antes de aceder ao sólio papal nunca surge associado à atividade médica².

¹ A mais importante reconstrução da biografia de Pedro Hispano médico e filósofo identificado com o português Pedro Julião, entronizado papa em 1276 com o nome de João XXI, encontra-se em L.M. de Rijk, «On the Life of Peter of Spain, the Author of The *Tractatus*, Called Afterwards *Summule logicales*», *Vivarium*, 8 (1970) 123-154, atualizada em *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalsis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales. First Critical Edition from the Manuscripts with an Introduction* by L.M. de Rijk, Assen: Van Gorcum & Comp. B.V., 1972, pp. XXIV-XLIII; ver também J.M. Cruz Pontes, «Pedro Hispano Portugalense», em L. Salvino – S. Privitera – J.T. Cunha (coord.), *Dicionário de bioética*, Vila Nova de Gaia – Aparecida (São Paulo): Ed. Perpétuo Socorro – Ed. Santuário, 2001, pp. 825-833.

² Cfr. J. Meirinhos, «Giovanni XXI», *Enciclopedia dei Papi*, Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 2000, vol. II, pp. 427-436, p. 429, agora disponível em *Treccani.it. L'enciclopedia italiana*, Roma, s/d, [http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-xxi_\(Enciclopedia_dei_Papi\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-xxi_(Enciclopedia_dei_Papi)/) (verificado em 31.01.2013); Idem, «O papa João XXI e a ciência do seu tempo», em M.C. de Matos (coord.), *A apologia do latim. In honorem Dr. Miguel Pinto de Meneses (1917-2004)*, vol. I, Lisboa: Ed. Távola Redonda, 2005, pp. 129-171.

A Pedro Hispano está atribuída uma obra muito diversificada³, incluindo textos de lógica, comentários a Aristóteles sobre *A alma* e *Os animais*, manuais sobre *A alma* e *A longitude e a brevidade da vida*, comentários a Dionísio pseudo-Areopagita, sermões, textos de alquimia. As obras médicas atribuídas e transmitidas pelos manuscritos são ainda mais numerosas e diversificadas⁴. É muito improvável que todas estas obras tenham sido escritas por um só autor e não existem argumentos sólidos que permitam ligá-las a Pedro Julião⁵.

O *Thesaurus pauperum* / *Tesouro dos pobres*, que aqui nos interessa diretamente, é uma das obras mais difundidas de Pedro Hispano e uma das poucas que até hoje teve edição crítica, aliás acompanhada por uma utilíssima tradução para português, pela eminente classicista Maria Helena da Rocha Pereira⁶. É uma obra que continua a suscitar grande interesse por parte de historiadores da medicina e da cultura medievais⁷.

Quando preparou a edição crítica do *Thesaurus*, Maria Helena da Rocha Pereira debruçou-se também sobre a questão da autoria. Entre outros aspetos procedeu a uma análise da linguagem e do vocabulário e nada encontrou que pudesse denotar a origem ibérica do autor, pelo contrário, as variantes lexicológicas que o texto usa apontam para o centro-leste de França ou norte de Itália como contexto de composição, concluindo a autora que nenhum dos argumentos tradicionais «invalida a possibilidade de autoria de Pedro Hispano, mas, por outro lado, nenhum conduz à sua confirmação definitiva»⁸. Apesar das dúvidas persiste a identificação do autor do *Thesaurus* com o papa João XXI. Também têm sido publicadas teses contrárias, como a que formulou Claude de Tovar de modo explícito: «attribué sans preuve au Portugais Pierre d'Espagne, le futur pape Jean XXI,

³ Sobre a atribuição tradicional de obras a Pedro Hispano, que em boa parte resulta de repetições não verificadas nem fundamentadas e, por isso, pode conter diversos erros, cfr. J.F. Meirinhos, «Avatares da antiga atribuição de obras a Pedro Hispano e a João XXI. Parte I: Os séculos XIII-XIV», *Revista Portuguesa de História do livro*, 23 (2009) 455-510 e «Parte II: Os séculos XIV-XIX», *ibidem*, 24 (2009) 437-501.

⁴ Breve avaliação da importância científica das obras atribuídas a Pedro Hispano em J.F. Meirinhos, «Petrus Hispanus», em *Medieval Science, Technology and Medicine: An Encyclopedia*, ed. T.F. Glick – S.J. Livesey – F. Wallis, New York – London: Routledge, 2005, pp. 388-392.

⁵ Sobre as questões de autoria de obras a Pedro Hispano e os seus numerosos problemas, cfr. J.M. Cruz Pontes, *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, Instituto de Estudos Filosóficos, Universidade de Coimbra, Coimbra 1972; J. Meirinhos, *Introdução ao estudo de Pedro Hispano*, Porto – Famaciação: FLUP – Húmus, 2010. Para mais informação sobre o autor, obras, manuscritos, fontes e estudos cfr. J. Meirinhos, *Petrus Hispanus (saec. XIII)*: <http://ifilosofia.up.pt/meirinhos/petrushispanus> (verificado em 30.01.2013).

⁶ M.H. Rocha Pereira, *Obras médicas de Pedro Hispano*, Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1973, para além das introduções e da reedição de alguns estudos previamente publicados, inclui a edição (já antes publicada) das seguintes obras: *Thesaurus pauperum* e *Tractatus de febribus* (pp. 76-408); *De regimine sanitatis* ou *De dieta (Pseudo) Hippocratis per singulos menses anni observanda* (pp. 414-419); *Summa de conservanda sanitate* (pp. 444-491). Esta edição pode ser consultada em <http://books.google.pt/books?id=zcv7wJMXZ-EC> (verificado em 31.01.2013). A edição-tradução do *Thesaurus pauperum* por M.H. Rocha Pereira tinha sido primeiro publicada na *Studium Generale*, vol. 1, 3-4 (1954) a vol. 5 (1958) 255-283, revista do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, onde então ensinava grego e latim.

⁷ Veja-se L. Pesante (ed.), Pietro Hispano (Papa Giovanni XXI), *Il Tesoro dei poveri. Ricettario medico del XIII secolo*, Sansepolcro (Arezzo): Aboca Museum Edizioni, 2007, ou a recente reedição, sem aparatos da edição e tradução de M.H. Rocha Pereira acompanhada por tradução inglesa em Pedro Hispano, *Thesaurus pauperum, Tesouro dos pobres, Treasury of the poor*, Lisboa: Heartbrain consultores em comunicação, s/d [2011], uma edição trilingue preparada para a Sociedade Portuguesa de Medicina Interna.

⁸ M.H. Rocha Pereira, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 45-48, cit. é da p. 48.

il [le *Thesaurus pauperum*] serait peut-être l'oeuvre d'un médecin laïc, un Espagnol du XIII^e siècle»⁹. Apesar da novidade desta proposta, nada foi avançado para fundamentar esta hipótese e, talvez por essa razão, ela nunca chegou a constituir-se como ponto de partida para uma nova investigação sobre as origens desta obra, que urge empreender a partir dos instrumentos agora disponíveis.

Outros elementos devem ser tidos em devida conta. Enquanto algumas famílias de manuscritos transmitem o texto sem nome de autor, outras começarão, já nas primeiras décadas do século XIV, a identificar o autor como «magister Petrus Hispanus», enquanto outras, talvez um pouco mais tarde, passarão a identificá-lo claramente com o papa: «Petrus Iuliani papa Iohannes XXI fuit»¹⁰. Apesar de o *Thesaurus* ter grande difusão não existem manuscritos claramente datáveis do século XIII com o texto integral, o que poderia levar a pensar que a obra é tardia e pode ser mesmo posterior à morte de Pedro Julião-papa João XXI. A ser assim, ficaria por explicar como e porque é que a obra vem a ser, segundo uma família da tradição manuscrita e impressa, atribuída a Pedro Julião papa. Como em outras obras, tal poderia resultar de uma progressiva associação entre nomes.

Da vasta obra atribuída a Pedro Hispano, é no grupo das compilações de receitas que se inclui o *Thesaurus pauperum*, a mais longa dessas obras, que em muitos manuscritos e edições é separado da parte final, assim individualizada como um tratado *De febribus*, de facto um receituário sobre diferentes tipos de febres, em estilo semelhante¹¹. Além destes dois títulos devemos enumerar outros opúsculos de medicina curativa, o *De oculo* ou *Liber oculatorum*, de facto três opúsculos com receitas para todo o tipo de afeções oftalmológicas¹², e as *Dietae super cyrurgia*, com receitas para tratar feridas¹³. Ainda no mesmo estilo compilativo, os manuscritos atribuem-lhe outras pequenas obras de dietética e higiene com uma orientação marcadamente preventiva, como a *Summa de conservanda sanitate* e o *Regimen salutis per omnes menses*¹⁴. Estas obras estão todas associadas à prática médica, por isso,

⁹ C. de Tovar, «Contamination, interférences et tentatives de systématisation dans la tradition manuscrite des réceptaires médicaux français. Le réceptaire de Jean Sauvage», [1^{ère} partie], *Revue d'Histoire des textes*, 3 (1973) 115-191, cfr. p. 123.

¹⁰ Cfr. M.H. Rocha Pereira, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., 43-44. Para uma descrição dos manuscritos que transmitem a obra, cfr. J. Meirinhos, *Bibliotheca manuscripta Petri Hispani. Os manuscritos das obras atribuídas a Pedro Hispano*, Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, no índice, pp. 591-592.

¹¹ Em muitos manuscritos o *De febribus* aparece com título e atribuição ao autor, mas em muitos outros não existe qualquer distinção entre o *Thesaurus* e o *De febribus*, havendo ainda um número importante de manuscritos do *Thesaurus* que não incluem este tratado, o que poderá indicar que se trata efetivamente de dois tratados distintos.

¹² Editado como obra única e sem a distinção entre as suas três partes, em *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI)*, hrg., üb., erläut. A.M. Berger, München, 1899. Desta obra faz parte o *Tractatus mirabilis aquarum*, um conjunto de águas destiladas para usos terapêuticos e curativos, que está mais próximo das práticas e dos interesses dos alquimistas. A obra foi recentemente traduzida para inglês em W. Daly – R.D. Yee, «The Eye Book of Master Peter of Spain. A Glimpse of Diagnosis and Treatment of Eye Disease in the Middle Ages», *Documenta ophthalmologica. The journal of Clinical Electrophysiology of Vision; the Official Journal of the International Society for Clinical Electrophysiology of Vision*, 103 (2001) 119-153. Ver também o estudo e a edição facsimilada de um manuscrito medieval em *O tratado dos olhos de Pedro Hispano*, ed. por A. M. Smith – A. P. Cardoso, Lisboa – Bologna: Aletheia Editores – FMR, 2008.

¹³ K. Südhoff, «Eine Kurze Diätetik für Verwundete von Petrus Compostellanus (Petrus Hispanus)», em *Idem, Beiträge zur Geschichte der Chirurgie im Mittelalter: graphische und textliche Untersuchungen in mittelalterlichen Handschriften*, 2 vol., Leipzig: Barth, 1918, vol. II, pp. 395-398.

¹⁴ Cfr. acima, nota 6.

sobretudo os receituários, destinavam-se ao uso por práticos. A unidade de estilo e as intenções coincidentes dos receituários permitem sustentar que foram escritas pelo autor a que os manuscritos as atribuem: Petrus Hispanus¹⁵, sendo a sua datação também problemática e não estabelecida.

De um género e estilo completamente diferentes são os comentários médicos, um grupo de obras que explicam e discutem textos que constituíam o centro do plano de estudos para o ensino da Medicina nas faculdades medievais, a *Ars medicinae* ou *Articella*¹⁶. Ao longo da Idade Média o grupo de textos, que testemunha o sucesso da retumbante e revolucionária entrada no mundo latino da ciência grega e árabe nos séculos XII e XIII através da tradução de todas estas obras, foi variando com o tempo e de universidade para universidade. Atribuídos a Pedro Hispano subsistiram os seguintes comentários escolásticos: as *Glose super De pulsibus Philareti*, as *Glose super Tegni Galeni*, as *Glose supra Pronostica Hippocratis*, as *Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni*, as *Notule super Regimine acutorum Hippocratis*, as *Questiones super libro De crisi et super libro De diebus decretoriis*, o *Scriptum et questiones super libro De dietis particularibus Isaac Indei*, o *Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac*, o *Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac*, o *Super libros aphorismorum Hippocratis*¹⁷. Além destes comentários a obras da *Articella*, os manuscritos conservam ainda as *Glose et questiones super Viaticum Constantini* e o comentário e questões *Super libro De animalibus Aristotelis*¹⁸, sobre outras duas obras importantes e muito usadas nas faculdades de medicina medievais. Estes comentários têm uma unidade de estilo que permite confirmar a sua atribuição a um mesmo autor, que de forma quase unânime os manuscritos nomeiam como Petrus Hispanus.

O problema é que, embora sendo todas obras médicas, nada permite associar os comentários aos receituários e vice-versa. Não é improvável que o comentador de obras segundo o método da explicação literal e da discussão de questões, sem dúvida um médico culto e de vastas leituras, fosse compilando as muitas receitas que encontrava na literatura à sua disposição e depois as publicasse em textos independentes, juntando-lhe as receitas que por experiência foi inventando e que assinala

¹⁵ Em alguns manuscritos surgem ainda os curtos opúsculos *De phlebotomia*, sobre a arte de sangria, e o também receituário dietético *Qui vult custodire sanitatem*, mas estes textos circulam manuscritos atribuídos também a outros autores anteriores. Estão editados respetivamente em P. Gil-Sotres, *Scripta Minora de flebotomia en la tradición médica del siglo XIII*, Santander-Pamplona, 1986, p. 84 e nas *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 427-491 (texto pp. 444-491).

¹⁶ Sobre o ensino universitário da medicina e o lugar que nele ocupava o conjunto de textos que compõem a *Articella* ver N. Siraisi, «A Faculdade de Medicina», em H. De Ridder-Simoens, *Uma história da Universidade na Europa*, vol. I: *As universidades na idade Média*, trad., Lisboa, INCM, 1996, pp. 361-388, em especial 377-385. Sobre a *Articella* na Faculdade de Medicina de Paris, cfr. C. O'Boyle, *The Art of Medicine: Medical Teaching at the University of Paris 1250-1400*, Leiden: E. J. Brill, 1998.

¹⁷ Destas obras apenas três comentários foram publicados numa edição quinhentista das obras de Isaac conhecidas no mundo latino, os *Omnia opera Ysaaci*, Lugduni 1515: o *Commentarium super librum dietarum particularium Isaaci* (ff. CIII-CLVI), o *Commentarium super librum dietarum universalium Isaaci* (ff. XI-CIII), o *Commentarium super librum urinarum Isaaci* (ff. CLVI-CCIII). A lista de questões dos comentários à *Articella* no manuscrito Madrid, Biblioteca Nacional, 1877, está publicada por F. Salmón, *Medical Classroom Practice: Petrus Hispanus' Questions on Isagoge, Tegni, Regimen Acutorum and Prognostica (c. 1245-50) (MS Madrid B.N. 1877, fols 24rb-141vb)*, Cambridge: Cambridge Wellcome Unit for the History of Medicine – CSIC Barcelona, 1998.

¹⁸ Para uma apresentação destas obras e dos respetivos manuscritos cfr. J. Meirinhos, *Introdução ao estudo de Pedro Hispano* e Idem, *Bibliotheca manuscripta Petri Hispani*, cit.

como suas. Mas, o certo é que não existem referências cruzadas entre as obras de um gênero e as de outro. Além disso, nenhum manuscrito (aparte um ou outro códice factício) com obras atribuídas a Pedro Hispano contém em simultâneo obras escolásticas e receituários populares. Não há um único autor ou copista da Idade Média ou do Renascimento que tivesse associado o autor de umas obras ao autor das outras.

Mesmo assim, no que a estes dois conjuntos de obras diz respeito, faltam-nos elementos que permitam identificar dois médicos Petrus Hispanus vivendo sensivelmente na mesma época, isto é, entre meados do século XIII e o final do século XIII¹⁹.

O receituário *Thesaurus pauperum* / *Tesouro dos pobres*²⁰ é a obra médica petrínica que maior fortuna alcançou. Esse sucesso deve-se à sua natureza prática de médico-em-casa, para tratamento de uma grande variedade de afeções, com múltiplas receitas alternativas, pelo que, não tendo o curador certos ingredientes ou simples à disposição, podia sempre escolher outras para tentar a cura. E se não lhe agradasse um dado método, sempre encontraria receitas que se baseavam em outro. A oferta de grande número de alternativas de cura para cada afeção dá todas as possibilidades para socorrer mesmo os mais pobres em recursos materiais. Também a própria organização facilita a busca de receitas para cada afeção, caráter prático que em muitos manuscritos e edições é auxiliado pela adição de uma tábua de capítulos e, em outros, de índices alfabéticos das afeções tratadas ou dos simples e elementos usados nas receitas. A existência de adições e notas marginais e sinais de uso em muitos manuscritos mostram que eles tinham a função e foram usados como quase prontuários terapêuticos.

A recolha de receitas está organizada *a capite usque ad pedes*, que encontrava o seu modelo no livro III do *Liber canonis* de Avicena, sobre os padecimentos dos principais órgãos e partes do corpo, seguido pelo tratamento das diferentes doenças do corpo, apresentadas no livro IV²¹. Apesar de não ser possível determinar qual terá sido o seu modelo próximo, o autor do *Thesaurus* opta por um dos esquemas expositivos comuns na medicina medieval²², como bem indica do final do prólogo:

¹⁹ Bem distinto é o autor de obras alquímicas, mais fácil de identificar dadas as referências internas dos seus textos e que, por isso, há que situar nas primeiras décadas do século XIV. Pelo conteúdo e ideologia os receituários médicos poderiam bem ser deste mesmo autor alquimista, mas isso implicaria uma completa reelaboração da cronologia da história da medicina medieval datando o *Thesaurus pauperum* do início do século XIV e não do século XIII, uma datação que não é inviabilizada pelos manuscritos, uma vez que não existe qualquer manuscrito ou até testemunho indireto sobre o *Thesaurus pauperum* inequivocamente datado do século XIII.

²⁰ Como se disse atrás, a obra foi estudada e publicada com tradução portuguesa por Maria Helena da Rocha Pereira, cfr. *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 78-301; nesta edição o *Tractatus de febribus* encontra-se nas pp. 303-323, com um conjunto de capítulos adventícios tirados do manuscrito Vat. lat. 5375 nas pp. 324-367.

²¹ O *Canon* de Avicena foi traduzido para latim por Gerardo de Cremona. Sobre a sua estrutura e influência nas universidades do século XIII, ver N. Siraisi, *Avicenna in Renaissance Italy*, Princeton: Princeton University Press, 1987, respectivamente pp. 19-40 e 43-53. Sobre a composição e estrutura, bem como sobre a entrada no ocidente latino ver também D. Jacquart – F. Micheau, *La médecine arabe et l'Occident médiéval*, Paris: Maisonneuve & Larose 1990 (ed. ut.: 1996, respetivamente pp. 79-84 e 153-160).

²² Cfr. G. Dell'Anna, *Dies critici: La teoria della ciclicità delle patologie*, cit., pp. 173-181. Este modelo literário para organizar receituários estava favorecido pelo seu didatismo e pela facilidade de localizar receitas e doenças, seguindo o esquema anatómico. Bartolomeu de Verignana, um autor pouco posterior a Pedro Hispano, escreve uma obra justamente intitulada *Practica a capite usque ad pedes*, com um primeiro tratado sobre afeções dos órgãos, continuado por outros tratados.

«ab infirmitatibus capitis incipiamus, descendendo usque ad pedes / comecemos pelas enfermidades da cabeça, descendo até aos pés».

De facto o *Thesaurus* não é tão completo assim, nem segue o método “da cabeça aos pés” de modo integral e sistemático. Começa com receitas contra a queda do cabelo (cap. 1, com 23 receitas) e vai progredindo para as pústulas da cabeça (cap. 3, com 39 receitas), a dor de cabeça (cap. 6, com 70 receitas), as dores de dentes e das gengivas (cap. 11, com 176 receitas), a paralisia da língua (cap. 13, com 35 receitas), as doenças do peito (cap. 15, com 23 receitas), as lesões dos pulmões (cap. 18, com 3 receitas), excesso de fluxo do ventre (cap. 24, com 78 receitas), opilação do fígado (cap. 27, com 2 receitas), a icterícia (cap. 30, com 11 receitas), a inflamação dos testículos e as doenças do pénis (cap. 35 e 36, que podem ser acrescentados, com 5 e 7 receitas), para a excitação do coito (cap. 37, com 34 receitas), a sufocação da libido/desejo erótico (cap. 38, com 27 receitas), provocação da menstruação (cap. 40, com 30 receitas), impedimento da concepção (cap. 44, com 26 receitas), para a mulher conceber (cap. 45, com 56 receitas), a gota artrítica e a podraga (cap. 48, talvez o mais longo, com 120 receitas), por fim a quebradura e o antraz (capp. 49 e 50²³, com 6 receitas cada). Esta seleção de títulos dos 50 capítulos em que está organizada a edição de Rocha Pereira permite ver que não há uma exposição exaustiva e completa das doenças *a capite ad pedes*, há sim um movimento descendente e, aparte os 3 últimos capítulos sobre afeções gerais, a obra termina nos órgãos sexuais e suas funções e disfunções, aos quais é dedicada detalhada atenção em 14 capítulos.

O receituário informa-nos bem sobre a complexa prática de cura de doenças no seu tempo (e nos tempos e meios em que esteve em uso), numa época em que a doença é endémica e de consequências devastadoras para a vida individual e para sociedade. E é também muito rica em informação, quase sempre implícita, sobre as atitudes perante o corpo, a dor, a doença e a vida, a inter-relação entre os elementos naturais e as suas propriedades ativas no corpo orgânico e nas crenças do médico e do doente.

O *Thesaurus* é destituído de qualquer consideração teórica sobre cada doença ou afeção a tratar, prescindindo da sua descrição ou da interpretação dos seus sintomas e desenvolvimento, ou da tipificação das manifestações de cada afeção. Tomada cada doença como conhecida e identificada, são apenas propostas as receitas, sem qualquer evidência de um princípio de ordenação no interior de cada capítulo. Compiladas em diversas fontes²⁴, ou colhidas na medicina popular, ou na observação e experiência do próprio autor, as receitas têm a diversidade correspondente. Desde as que usam os simples e propõem o doseamento de cada um para fazer, por exemplo, unguentos ou emplastos, às que decorrem da medicina astrológica, de práticas mágicas, ou da superstição, e mesmo a algumas

²³ Estes dois capítulos também poderão ter sido acrescentados à versão original.

²⁴ Exemplo das receitas do cap. 1, contra a queda do cabelo, onde as identificadas provêm de Experimentador, Dioscórides e Isaac, Cirano, Galeno, Macer, Sixto, Avicena, alguns deles com várias receitas, num caso ou noutro identificando-se até o título da obra, mas não a passagem, de onde provêm. Para uma lista completa dos autores nomeados no *Thesaurus* ver o índice de fontes em *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 386-388.

alusões a destilação alquímica. Amuletos, pedras de propriedades mágicas, encantamentos, estão a par do uso de simples, ou de preparados farmacêuticos.

Não é só a sintomatologia que está ausente da apresentação de cada doença ou afeição e respetivas curas. Num manual tão importante para a terapêutica, poderíamos esperar indicações prognósticas sobre a evolução de cada doença com ou sem os tratamentos. Fiel ao espírito de desteorizar a medicina, também a prognose está totalmente ausente. Nesse aspeto o autor exibe sim um plural optimismo prognóstico, uma vez que grande parte das receitas é apresentada como totalmente eficazes. Podemos suspeitar, dados os conhecimentos atuais da medicina, que dificilmente alguma delas teria alguma eficácia, e ainda menos a eficácia que o autor lhes atribuiu. Como pôde a obra ter tido tanto sucesso, se a eficácia terapêutica que hoje poderíamos esperar destas mezinhas é praticamente nula? Nancy Siraisi esboça uma resposta ao admitir que o prático utilizador do *Thesaurus* poderia ter sucesso em muitos casos menores e alguns dos casos sexuais que envolvessem problemas psicológicos e que tal sucesso poderia ser suficiente para firmar a reputação individual do médico e, por essa via, também a do manual²⁵.

Os *experimenta* são diversificados como uma simples amostragem evidência: «Se os cabelos caírem, faça-se uma lexívia de cinzas de excrementos de pomba e lave-se a cabeça» é a primeira receita da obra; este electuário é para a mulher conceber: «dizem os que o experimentaram, como coisa certa, que a mulher que dele se servir concebe imediatamente: R/ tâmaras 1 libra, fisticos *ana* 1 libra, noz moscada, canela *ana* 1 dracma, galanga 2 dracmas, gengibre 1 dracma, açúcar meia libra; prepare-se uma confecção disto tudo junto com mel; use-se com frequência; vale de muito»²⁶; esta cura da gota decorre de princípios mágicos: «tome-se uma rã à hora em que nem o Sol nem a Lua brilham, cortem-se as suas patas traseiras e atem-se com uma pele de veado; prenda-se a direita ao pé direito e a esquerda ao esquerdo; sem dúvida se curará a podraga²⁷»; o próprio autor se faz testemunho da eficácia de uma receita: «disse-me uma certa mulher experiente que, molestada pela frequência dos partos, comeu uma abelha e nunca mais concebeu»²⁸; as duas receitas seguintes propõem a eficácia dos amuletos para o mesmo efeito: «Item traga a mulher consigo um bocado de orelha ou de pele de mula; nunca conceberá, Trótula e Cirano. Item testículos de doninha macho vivo, castrados por uma mulher e envolvidos numa pele de ganso ou noutra evitam a concepção»²⁹;

²⁵ N. Siraisi, *Medieval and Early Renaissance Medicine: An Introduction to Knowledge and Practice*, Chicago – London: The University of Chicago Press, 1990, pp. 132-133. Na p. X a autora tinha-se colocado a questão geral da eficácia da medicina medieval ao afirmar que a medicina prática de que o livro se ocupa «oferecia reduzida proteção contra muitos dos fatores que causam a morbilidade e mortalidade humanas», mas que a aptidão da medicina medieval para estabelecer formas de organização, conhecimento e prática que lhe permitiram sobreviver às críticas e aos grandes desafios como a praga, são prova de que «no geral a medicina respondeu de modo adequado às expectativas coetâneas».

²⁶ *Thesaurus pauperum*, cap. 45, nr. 37, p. 266-8.

²⁷ *Thesaurus pauperum*, cap. 48, nr. 6, p. 280. Sobre esta receita, omitida em algumas versões, cfr. a Introdução de M.H. Rocha Pereira, pp. 51-52.

²⁸ *Thesaurus pauperum*, cap. 44, nr. 4, p. 258.

²⁹ *Thesaurus pauperum*, cap. 44, nr. 5-6, p. 258.

e o autor também propõe as suas próprias receitas para ajudar à concepção: «dar trífera magna com vinho de decocto de mandrágora ajuda admiravelmente as estéreis a conceber. Esta é minha³⁰».

Poderiam multiplicar-se os exemplos também para as receitas ervanárias e lapidárias, as pequenas cirurgias e sangrias, a dietética, os preceitos de higiene³¹. As receitas relacionadas com a atividade sexual e a reprodução são as que mais recorrem a princípios estranhos aos da simples ação de elementos orgânicos sobre o corpo ou os órgão.

As muitas centenas de receitas que a obra encerra recolhem todos os modelos e princípios terapêuticos da medicina antiga e medieval. A agregação temática mas desorganizada da sequência de receitas prestava-se muito a todo o género de cortes ou acrescentos, desde a simples alteração da ordem de palavras ou de receitas, até à supressão ou acrescento de receitas e até de capítulos inteiros. Daí ser extraordinariamente difícil reconstituir o texto primitivo, tais e tão variadas são as famílias textuais difundidas pelos manuscritos.

No Prólogo o autor coloca a obra sob a égide do «Pai dos pobres», isto é Deus, o que erradamente chegou a ser interpretado como uma dedicatória ao papa Gregório X, a cujo serviço estaria, segundo os defensores desta errada hipótese de dedicatória, quando a obra foi escrita. A crença religiosa é o principal fundamento para a atividade e a ciência curativa do médico, apresentado explicitamente como um instrumento de Deus.

O Prólogo tem muito interesse pelas prevenções e conselhos aos praticantes da arte médica e pelo enquadramento teórico dos princípios ativos utilizados na prática curativa:

«(...) exorto e aconselho o leitor a que não despreze aquilo que de desconhecido ler, nem o aplique aos corpos a tratar antes de considerar a espécie da enfermidade e a natureza do doente; e que se esforce com diligência por conhecer a natureza das coisas, a compleição e substância e, até onde puder, a virtude [oculta] de cada uma delas³²».

Este excerto invoca o princípio que subjaz à ação (por vezes oculta) dos simples e drogas sobre o corpo: o que importa é a sua eficácia, mesmo que seja desconhecido ao médico, isso não é motivo para rejeição da receita. As receitas são apresentadas sem quaisquer informações sintomatológicas ou semiológicas para o reconhecimento do mal a curar.

As precauções de diagnóstico a tomar pelo médico antes de prescrever, são tratadas de modo breve no Prólogo, advertindo-o mesmo que, pela sua ação, «não impugne a ciência de Deus (...), nem, seduzido pelo dinheiro ou pela fatuidade do amor, revele a alguém qualquer medicamento

³⁰ *Thesaurus pauperum*, cap. 45, nr. 52, p. 270.

³¹ São particularmente úteis e ilustrativos os índices de simples (animais; vegetais; minerais) e de drogas (gomas, resinas, compostos ou extratos; óleos; unguentos e electuários; xaropes e poções) preparados por M.H. Rocha Pereira para a sua edição, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 389-408.

³² *Thesaurus pauperum*, Prólogo, cit., p. 78-79; o termo entre parêntesis retos não ocorre em alguns manuscritos.

pelo qual se provoque a morte ou o aborto ou se tolha a gravidez³³», no que constitui um preceito dentológico explícito, que poderia parecer contraditado pela composição e fim de muitas das receitas incluídas na obra.

Por fim, no Prólogo fundamenta-se a validade do conteúdo na autoridade das suas fontes, apresentando-se como seu fiel transmissor, para confiança do leitor, como se tivessem perante si próprios as obras de onde coligiu de modo integral: «os ditos dos físicos, cuja matéria está toda nesta obra, receba-os como se visse os originais»³⁴. E continua de modo ainda mais incisivo a referência às fontes literárias e científicas, afirmando que, com muita despesa e trabalho, recolheu o que oferece aos leitores:

«Pois, coligindo fielmente de todos os que pude encontrar, nos livros dos antigos físicos e mestres e modernos experimentadores, investigando diligentemente as suas vias, com não minguada despesa e trabalho os prescritei [e os pus aqui, ou pelas suas palavras, ou o sentido por outros termos mais acessíveis à compreensão dos doutores, de tal modo que, se se tivessem os livros presentes, não se acharia diferente do que está aqui]³⁵».

Para o autor a fidelidade às fontes nem é traída pelas palavras mais fáceis com que teve que as verter para esta obra, garantindo ao leitor que naquelas não se encontra coisa diferente do que é escrito no *Thesaurus*.

Pela sua própria intencionalidade e pela utilização que terá ao longo dos séculos, o *Thesaurus* cabe entre as obras da medicina medieval com finalidade prática dirigidas a um público culto que se situa na «intersecção entre universidade e profissão», mas, esta em particular, dirigida a *pobres* ou humildes ou a outros práticos, os quais assim se colocam na situação de «filtro entre a doutrina da escola e a prática dos laicos»³⁶. A natureza atórica do *Thesaurus* mostra como a separação está bem viva no século XIII entre a medicina escolástica e esta medicina dos práticos. Se Pedro Hispano escreveu comentários populares e receituários populares, então essa separação transfere-se para o interior da sua própria obra.

2. A DIFUSÃO MANUSCRITA E IMPRESSA DO *THESAVRVS PAVPERVM*

Segundo Georges Sarton o *Thesaurus pauperum* foi «talvez o mais popular livro do seu género até ao século XVI»³⁷. Quem eram esses leitores que faziam o sucesso do *Thesaurus pauperum*? A obra

³³ *Thesaurus pauperum*, Prólogo, cit., p. 78-79.

³⁴ Pedro Hispano, *Thesaurus pauperum*, Prólogo, ed. e trad. M.H. Rocha Pereira, p. 78-79.

³⁵ Idem, ibidem, pp. 79-81, texto entre parêntesis retos é omitido no manuscrito P.

³⁶ J. Agrimi – C. Crisciani, *Edocere medicos: medicina scolastica nei secoli XIII-XV*, Napoli: Guerini e Associati, 1988, p. 167 e n. 38.

³⁷ G. Sarton, *Introduction to the History of Science*, vol. II: *From Rabbi Ben Ezra to Roger Bacon*, Baltimore: The Williams & Wilkins Company, 1947, p. 889.

não circulava nos meios de formação universitária enquanto texto de estudo. Esse ensino não estava centrado na prática mas na leitura e comentário de obras da tradição hipocrático-galénica e de mais algumas obras de médicos de língua árabe como Isaac, Joanício, Avicena, Averróis, conjunto onde sobressai um *corpus* de textos selectos, a *Articella*³⁸. O *Thesaurus* poderia ser um útil *vade-mecum*, mas não é uma obra universitária, nem para uso nos cursos ou na formação de médicos. Os seus leitores e utilizadores são sobretudo os práticos que têm que curar os males de quem os procura³⁹.

Ao longo de mais de quatro séculos a obra usufruiu de grande popularidade, testemunhada em centenas de manuscritos, dezenas de edições, mais de uma dezena de traduções medievais e renascentistas, múltiplos florilégios. Esta notável difusão tem também consequências extremas no próprio texto transmitido, podendo dizer-se que são muito raros os que coincidem entre si. Perante esta obra aberta, os copistas, os tradutores e os simples leitores sentiram-se sempre no direito de alterar o conteúdo, ora acrescentando, ora retirando, consoantes os seus interesses e preferências.

Conhecem-se mais de 200 manuscritos que testemunham a tradição direta e indireta do *Thesaurus pauperum*, se contarmos aqui os textos parciais e integrais, florilégios, excertos, fragmentos e traduções⁴⁰. Foram realizadas traduções medievais para alemão⁴¹, italiano e siciliano⁴², castelhano, catalão, francês⁴³ e occitano, galês, holandês, inglês, hebraico e, um pouco mais tarde, para russo. Para algumas destas línguas, por exemplo italiano e hebraico, foram até realizadas várias traduções. Numa época em que a língua científica continuava a ser o latim, a existência de múltiplas traduções atesta justamente que a obra não se destinava aos letrados universitários mas a um público muito mais alargado de praticantes das artes da cura.

³⁸ Para além da obra de O'Boyle atrás citada, também J. Agrimi – Ch. Crisciani, *Edocere medicos. Medicina scolastica ni secolis XIII-XV*, cit., se ocupam da formação dos médicos, dando atenção à relação entre a teoria e prática. Sobre a medicina medieval, cfr. D. Jacquart, «La scholastique médicale», em M.B. Grmek (dir.), *Histoire de la pensée médicale en Occident*, vol. I *Antiquité et Moyen Âge*, Paris: Ed. du Seuil, 1995, pp. 175-210, sobre a medicina na universidade pp. 185-195.

³⁹ Sobre o papel da prática na evolução da medicina medieval, cfr. N. Siraisi, *Medieval and Early Renaissance Medicine*, cit. A Autora dá importância ao *Thesaurus* de Pedro Hispano chamando a atenção para a sua difusão, que atribui ao renome do autor, e para o facto de ele representar o nível a que estava reduzida a compreensão da doença em boa parte da prática médica (p. 132).

⁴⁰ Cf. J. Meirinhos, *Bibliotheca manuscripta Petri Hispani*, cit., índice nas pp. 591-592.

⁴¹ Um estudo completo da difusão literária do *Thesaurus* em alemão antigo encontra-se nos trabalhos de J. Telle, *Petrus Hispanus in der altendeutschen Medizinliteratur. Untersuchungen und Texte unter besonderer Berücksichtigung des "Thesaurus Pauperum"*, (Inaug.-Diss. Neuphilologischen Fakultät der Ruprecht-Karl-Universität zu Heidelberg), Heidelberg, 1972; Idem, «Petrus Hispanus (Petrus Juliani, Papst Johannes XXI)», em Ruh, Kurt et al. (Hrg.), *Die deutsche Literatur des Mittelalters: Verfasserlexikon*, vol. VII, Berlin – New York, 1989, col. 503-511 (oferece uma síntese sobre as principais versões estudadas na obra de 1972).

⁴² Existe um número elevado mas indeterminado de traduções para italiano, cfr. S. Rapisarda, *Il volgarizzamento siciliano del Thesaurus pauperum. Contributo alla costituzione di un corpus medico-alchemico in volgare siciliano medievale*, Tesi di Dottorato in «Scienze letterarie e linguistiche», Pavia: Università degli studi di Pavia, 1996.

⁴³ O médico Jean Sauvage fez uma tradução versificada em octossílabos para francês, cfr. C. de Tovar, «Contamination, interférences et tentatives de systématisation dans la tradition manuscrite des réceptaires médicaux français. Le réceptaire de Jean Sauvage», *Revue d'histoire des textes*, 3 (1973) 115-191, 4 (1974) 239-288.

Mesmo não existindo um estudo que identifique extensivamente as edições impressas nos séculos XV a XVII, elas devem ultrapassar as 100⁴⁴.

Os manuscritos mais antigos são do final do século XIII, se não mesmo apenas do século XIV⁴⁵. O único manuscrito considerado do século XIII não nos dá o nome do autor⁴⁶. São poucos os manuscritos datados e o mais antigo com o texto integral é de 1309, que apresenta a obra com o título: «Thesaurus Pauperum vel summa experimentorum medicinalium», com datação no colofão: «Anno domini mil'º tricentessimo nono die tricessimo mense septembris hoc hopus complevi scripsi presbiter N. de Machia Anconitana hunc scripsit librum cui Christus filius dei et corpori. Amen», e uma mão posterior acrescentou o nome do autor: «Explicit thesaurus pauperum vel summa experimentorum medicinalium magistri Petri Yspani»⁴⁷. O copista original, que assinalou com pormenor a data do seu trabalho, não menciona o nome do autor do *Thesaurus*.

Diversas obras de séculos posteriores dele retomam extensas passagens⁴⁸, ou o acrescentam, ou o criticam⁴⁹. A obra torna-se tão popular que “tesouro dos pobres” torna-se quase um género dentro da literatura médica, com o título a ser adotada para muitas obras de outros autores. Con- vém, por isso, ter presente que na época da imprensa nem todos os “Tesouros dos pobres” são de Pedro Hispano.

Em Portugal apenas existe um manuscrito com obras de Pedro Hispano: o manuscrito da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Fundo Azevedo 14, provavelmente do século XV-XVI, que contém uma tradução em castelhano aljamiado do *Tesoro de Proves*, escrita em caracteres hebraicos. Foi transliterado e editado na íntegra por Maria Adélia Carvalho Mendes⁵⁰. É também uma versão do *Tesouro dos pobres* com as características de intervenção no texto comuns a muitos outros

⁴⁴ A *Bibliografia Geral Portuguesa*, Lisboa: Imprensa nacional, 1944, vol. II, pp. 295-347 assinala várias dezenas de edições, algumas delas com entradas repetidas; para uma breve tipificação das edições, cfr. M.H. Rocha Pereira, *Obras médica de Pedro Hispano*, cit., pp. 58-63. Nesta página <http://www.ghtc.usp.br/server/Lusodat/pri/15/pri15650.htm> (verificado em 31.01.2013) encontra-se um elenco, em progresso, de edições do *Thesaurus pauperum*, com a mais antiga datada de 1474 e assinalando ainda 8 edições do séc. XVIII e 1 do século XIX, sendo que as do século XX já são realizadas com objetivos filológicos ou para servir à história da medicina.

⁴⁵ Uma classificação cronológica dos manuscritos utilizados por M.H. Rocha Pereira, encontra-se em *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 40-41 e 43-44.

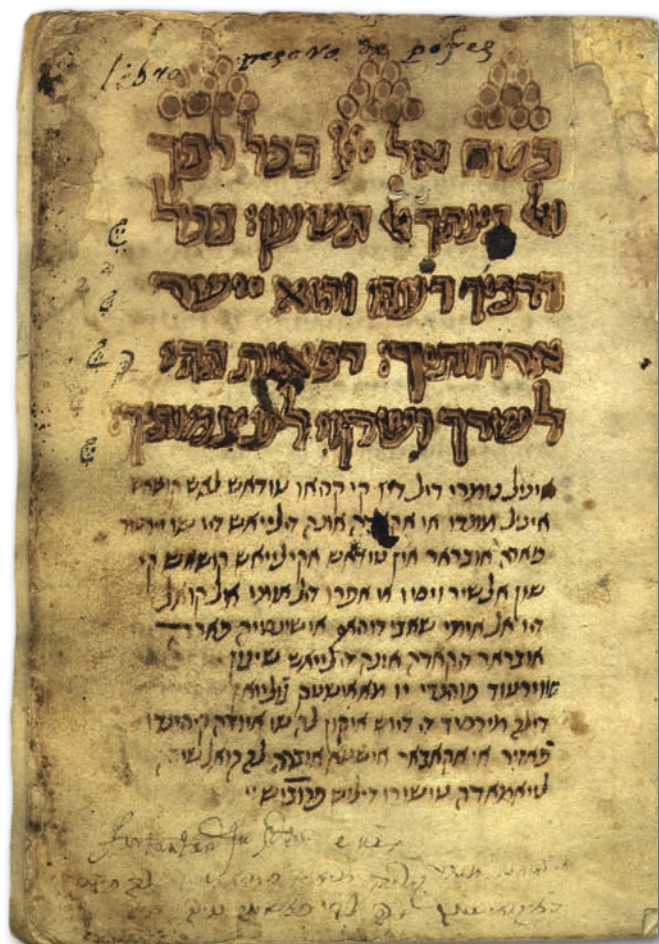
⁴⁶ Oxford, Bodleian Library, Laud. misc. 676, ff. 1r-24r.

⁴⁷ London, British Library, Sloane, 477, ff. 1r-79v.

⁴⁸ Como exemplo veja-se a *Rosa medicinae* composta cerca de 1314 pelo médico Iohannes Anglicus, de Gadesden (c. 1280-1361), que acolhe passagens do *Thesaurus*. A *Rosa medicinae* teve uma primeira edição em Pavia 1492, a que se sucederam várias reimpressões e edições; cfr. G. Sarton, *Introduction to the History of Science*, vol. III: *Science and learning in the fourteenth-century*, Baltimore: The Williams & Wilkins Company, 1948, pp. 880-882.

⁴⁹ Veja-se a obra de Pedro de Tossignano (séc. XIV-XV, † 1407) e do qual foram publicadas em Antuérpia as *Additiones Petri de Tusciano ad Thesaurum pauperum Magistri Petri Yspani*, que contém de facto adições e críticas integrandos ainda a obra similar e homónima de Bernardo de Gordon; cfr. G. Sarton, *Introduction to the History of Science*, vol. III, cit., pp. 1683-1684.

⁵⁰ *Pedro Hispano, Tesoro de proves. Versão em judeu-castelhano aljamiado (séc. XV)*, ed. de M.A.C. Mendes, em *Mediaevalia, Textos e estudos* 15-16 (1999) pp. XLII+195. O *Tesoro* ocupa os fólhos 2r-79r (pp. 5-110 desta edição), sendo os ff. 79r-80v ocupadas com outras receitas.



<PEDRO HISPANO>, TESORO DE PROVES, MANUSCRITO PORTO, BPM, FUNDO AZEVEDO 14, F. 2R.

manuscritos, realizadas pelo tradutor, ou que já existiam no modelo traduzido. O prólogo foi drasticamente reduzido, não contendo mais que uma invocação ao auxílio divino, terminando com a identificação do autor:

«por ende yo maestro Jullian de la merçed de Dios i con la su ayuda querendo fazer y acabar esta obra la cual sera llamada Tesoro de los Proves⁵¹».

São omitidas as considerações do prólogo original latino quanto à fonte das receitas e aos preceitos deontológicos. Mas há um dado muito interessante e que não pode deixar de ser notado: o autor nomeia-se a si mesmo Jullian, o que remete para Petrus Juliani, Pedro Julião, o português que viria a ser papa João XXI. O tradutor, seguramente judeu, tem perante si um dos manuscritos da família que identifica o autor com o papa, mas, por óbvias razões culturais, omite essa condição, ficando apenas pela transcrição do seu último nome e designando-o como mestre⁵².

As receitas são traduzidas da obra de Pedro Hispano, com muitas supressões, alguns acrescentos e modificação do estilo expositivo com o mestre a dirigir-se ao leitor na primeira pessoa. Por isso, ao longo do texto o autor é nomeado muitas vezes na apresentação das re-

ceitas que atribui a si mesmo: «otrosi digo yo maestro Julian te digo que tomes (...). Otrosi digo io maestro Julian si quisieres el çumo (...). Otrosi yo maestro Julian te digo (...)» (ff. 48v-49r, p. 71).

Um estudo comparativo entre o texto latino standard e esta versão permitiria perceber as opções e posições do tradutor-compiler, que em alguns pontos introduz elementos didáticos e explicativos⁵³ ou morais⁵⁴ ausentes do original.

⁵¹ f. 2r, cfr. *Tesoro de proves*, cit., p. 7.

⁵² O nome é repetido no *colophon*: «Aqui acaba el libro. Por ende yo maestro Julian fiando de la merçed del nuestro Señor bendito el y con ayuda fize este libro y acabe esta obra suso dicha la cual sera llamada y es dicha Tesoro de Los Pobres por la cual todas las enfermedades que pueden ser en los cuerpos de los omes pueden auer remedio» (ff. 78r-78r, na edição p. 109).

⁵³ Por exemplo sobre as urinas como meio de diagnóstico para conhecer todas as coisas e enfermidades do corpo, cap. 34, f. 41r, p. 60.

⁵⁴ Por exemplo sobre o coito pecaminoso, ou continente e casto, e a obrigação de «usar de natura» para cumprir a ordem do Senhor «para acrescentar el umanal linaje», cap. 35, f. 43r, p. 62 da ed. cit.

3. A EDIÇÃO DE ESCRIBÓNIO E A RECEÇÃO DO *THESAURVS PAVPERVM* NA NOVA MEDICINA

A Biblioteca Pública Municipal possui também um testemunho da tradição impressa do *Thesaurus pauperum*, uma edição de 1576 preparada por Wilhelm Adolf Scribonius (1550-1600). Esta parece ser a sua primeira publicação, a que se juntariam obras próprias no domínio da lógica, da filosofia natural, da ética, da medicina, contra a bruxaria⁵⁵.

a) A edição

A edição de 1576 seria reeditada na mesma cidade em 1578⁵⁶, o que atesta o êxito da primeira edição. Lemos na página de rosto da primeira edição e no colofão:

[f. 1r] Thesaurus pauperum Petri Hispani pontificis romani, philosophi ac medici doctissimi, de medendis morbis humani corporis liber: experimenta particularia per simplicia medicamenta ex probatissimis autoribus, & propriis obseruationibus collecta, continens. Nunc primum opera et studio Guilielmi Adolphi Scribonij Marpurgensis in lucem editus, et multis in locis castigatus. Cum inuictis Caesareae maiestatis gratia et priuilegio. Francof. Apud hered. Ch. Egend. M. D. LXXVI. [f. P6r] Impressum Francoforti ad Moenum, ex officina haeredum Christiani Egenolphi, impensis Adami Loniceri, Joannis Cnippii, doctorum, & Pauli Steinmeyers. M. D. LXXVI⁵⁷.

A melhor maneira de atentar ao conteúdo do pequeno livrinho é seguir o detalhe desta portada, que pode ser traduzida assim: [f. 1r] *Livro Tesouro dos pobres de Pedro Hispano pontífice romano, filósofo e médico doutíssimo, sobre a cura das doenças do corpo humano: contendo experimentos particulares por medicamentos simples, coligidos de autores provadíssimos e de observações próprias. Agora pela primeira vez⁵⁸ publicado e em muitos lugares corrigido por obra e estudo de Guilherme Adolfo Escribónio de Marburgo. Com graça e privilégio da invicta majestade cesareia. [Colofão, f. P6r] Em Francoforte do Meno, da oficina dos herdeiros de Cristiano Egenolph, a custas dos doutores Adão Lonicer, João Cnippius e de Paulo Steinmeyers. 1576.*

⁵⁵ Não é um autor muito estudado e os estudos publicados são escassos, cfr. http://de.wikipedia.org/wiki/Wilhelm_Adolf_Scribonius (verificado em 31.01.2013). Para um elenco de obras cfr. <http://search.books2ebooks.eu/Author/Home?author=Scribonius%2C%20Wilhelm%20Adolf> (verificado em 31.01.2013).

⁵⁶ Entre as duas edições há apenas a supressão de duas palavras na página de rosto, cfr. nota 58. A paginação dos dois volumes é idêntica, pelo que na edição de 1578 terão sido usados os mesmos planos da edição de dois anos antes.

⁵⁷ Biblioteca Pública Municipal do Porto: X-9-48. Volume com 112 ff. + 8 ff. (caderno final não tem a numeração contínua, mas de registo P), 145mm X 80 mm (aparado para encadernação). Este mesmo exemplar foi descrito na *Bibliografia Geral Portuguesa*, cit., pp. 302-309, incluindo 6 estampas. No folio 2v o volume tem dois carimbos do "Museum Britannicum" cujas coleções bibliográficas estão atualmente na British Library de Londres. O carimbo "British Museum 1787 duplicate sale" atesta a proveniência do volume; segundo a informação que o Dr. Júlio Costa, da BPMP, me comunicou gentilmente, o volume foi comprado por Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), mais tarde 1º Visconde de Balsemão, no leilão de venda de duplicados do Museu Britânico promovido pela Leigh & Sotheby em Março de 1788. A Biblioteca Balsemão após o seu sequestro em 1833 seria integrada na Real Bibliotheca Publica da Cidade do Porto, atualmente Biblioteca Pública Municipal do Porto. A British Library ficou com o exemplar hoje com a cota 1039.b.1.; sem referir a fonte da respetiva informação, a *Bibliografia Geral Portuguesa* (cit., p. 301) descreve dois exemplares que seriam o Sloane 405 e o Sloane 282, mas que não constam agora nos catálogos da British Library, podendo acontecer que um deles seja hoje o exemplar da BPMP.

⁵⁸ A página de rosto da edição de 1578 é igual, com a justificada supressão deste «Nunc primum / Agora pela primeira vez», que provocou uma ligeira alteração na disposição gráfica do resto do título.

Joan. Fenwick
Theſaurus Pauperum *Dup*

PETRI HISPANIPONTIFICIS ROMANI, *João 21*

PHILOSOPHI AC MEDICI
*doctissimi, de Medendis morbis
humani corporis Liber: Experi-
menta particularia per simpli-
cia Medicamenta ex probatis-
simis Autoribus, & proprijs
observationibus collecta,
continens.*

**NUNC PRIMUM OPERA ET STY-
dio Guilielmi Adolphi Scribonij Marpur-
genſis in lucem editus, & multis
in locis caſtigatus.**

**Cum inuictis, Cæſaræ Maieſtatis
Gratia & Priuilegio.**

Francos. apud hered. Chr. Egen.

M. D. LXXVI.



Os descritivos títulos das páginas de rosto das edições antigas devem ser lidos atentamente porque incluem os elementos que caracterizam e justificam a edição. Merece atenção o que Escribónio chamou para a portada e que depois justificou no extenso prólogo que abre a obra, desde logo o conteúdo do volume, a identificação do autor, a edição proposta.

b) O conteúdo do volume

Apesar de a portada indicar apenas uma obra, o volume contém mais textos, pelo que a obra de Pedro Hispano fica enquadrada pelo prefácio do editor e pelo juramento de Hipócrates, característica que o distingue de muitas outras edições. É este o conteúdo do volume:

- f. 1r Página de rosto (f. 1v dois carimbos do «Museum Britannicum» e «British Museum Sale Duplicate 1787»);
- ff. 2r-7v *Praefatio* de Guilherme Adolfo Scribonius, dedicado a D. João Wolf de Marburgo;
- f. 8r *Epigramma* de Iustus Vulteus Marpurgensis; ff. 8r-v *Ode Seraphica* de Petrus Paganus; f. 9r *Epigramma* de Caspar Sturmius Fritzlariensis; ff. 9r-v *Carmen* de Nicolaus ab Hanstein;
- ff. 10r-112v *De medendis morbis Petri Hispani philosophi ac medici praeclarissimi et expertissimi, Thesaurus pauperum inscriptus, omnium morborum simplicia remedia continens* (prologus ff. 10r-11r; capita I-LXXXV ff. 10r-112v; Epilogus operum f. P1).
- ff. P1v-P2v *Iusurandum medicum, quod discipulis suis Hippocratis praescripsit*;
- ff. P3r-4r *Lex Hippocratis in qua causam contemptus Medicinae exponit: Et quibus rebus vera Medicinae scientia comparetur ostendit* (*inc.* Medicina omnium artium praeclarissima est);
- ff. P4v-5v *Omnium in hoc opusculo memorabilium Index*;
- f. P6r *colophon*: «Impressum Francoforti ad Moenum, ex officina haeredum Christiani Egenolphi, impensis Adami Loniceri, Joannis Cnippii, doctorum, & Pauli Steinmeyers. M. D. LXXVI» (em branco ff. 6v-8v).

No prefácio de Escribónio, de que se tratará mais à frente, podemos encontrar as razões para este conteúdo do volume. Esse prefácio mereceu a devida atenção de Maria Helena da Rocha Pereira que o transcreveu e traduziu, acompanhado dos epigramas e ode que se lhe seguem, no final da sua própria edição⁵⁹. É muito provável que a insigne helenista e latinista portuense tivesse trabalhado sobre esta mesma cópia da Biblioteca Pública Municipal. Na Introdução à edição do *Thesaurus*, apesar de não assinalar a presença no final dos dois textos do *corpus Hippocraticum*, assinalou também que as alterações introduzidas por Escribónio revelam a sua sensibilidade e da sua época, porque nesta edição «reviu cuidadosamente e aformoseou no estilo, ao gosto do Humanismo de Quinhentos, para uso e proveito dos homens, enfeitou com odes dos seus amigos, segundo o gracioso costume da época, e melhorou com um índice, para facilitar a consulta⁶⁰».

⁵⁹ *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 368-385. “Quando for o caso, cita-se sempre a tradução de M.H. Rocha Pereira.”

⁶⁰ M.H. Rocha Pereira, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 60.

DE MEDENDIS
MORBIS PETRI HI-
SPANI PHILOSOPHI AC MEDI-
ci præclarissimi & expertissimi, Thesaurus
Pauperum inscriptus, omnium mor-
borum simplicia remedia
continens.



N nomine sanctæ & indiuiduæ
Trinitatis, quæ omnia creauit, &
quæ singula donauit virtutibus pro-
prijs, à qua omnis sapientia data est
sapientibus, & scientia scientibus.
Opus super vires aggredior, de ipsius adiutorio confi-
dens, qui per nos operatur omnia opera nostra, veluti
per instrumentũ: Et hoc Thesaurum inscribã Paupe-
rum perplacet, illi opus assignans, qui pater Pauperum
vocatur. In quo (si attentè legatur) omnium ferè
infirmi-
tatum inuenientur faciles efficacesq; medi-
cina: si illum habuerint coöperatorem Medicum, qui
de terra creauit Medicinam. Consulo autem, & hor-
tor huius libri lectorem, ne ea quæ sibi incognita for-
san legerit condemnet, & ne prius medendis corpori-
bus applicet, quàm considerauerit morborum spe-
ciem & naturam patientis. Et studeat diligenter
scire naturas rerum & complexiones ac substantiam
B 2 & quan-

c) A obra editada e o seu autor

Na página de rosto é claramente identificado o autor da obra: «Petri Hispani pontificis romani, philosophi ac medici doctissimi / de Pedro Hispano pontífice romano, filósofo e médico doutíssimos». Na segunda parte do prefácio⁶¹ Escribónio transcreve justamente a notícia de Bartolomeo Sacchi, dito Platina, sobre Pedro Hispano nas *Vitae pontificum*⁶², onde é clara a identificação do papa João XXI como autor de diversas obras de medicina e de filosofia, entre elas o *Thesaurus*, o que justifica o epíteto que lemos na página de rosto⁶³. Méritos que Escribónio vê testemunhados no *Thesaurus* que mostra «quão sabedor e quão exercitado foi na teoria e na prática o médico Hispano⁶⁴». E Escribónio explica então o que vê na obra, como lê o seu conteúdo, que distâncias devem ser tomadas em relação ao autor, em páginas que são um exemplo claro de continuidade e, sobretudo, de mudança de sensibilidade na compreensão da medicina e da natureza entre o século XIII e o século XVI.

O *Thesaurus* é apresentado «como um armazém (*taberna*) no qual se podem encontrar experiências utilíssimas e comprovadíssimas contra as doenças de toda a espécie⁶⁵. Este livro é como uma farmácia (*pharmacopolion*) muito bem fornecida, como um horto muito ameno e repleto de vários simples salutíferos», a mesma ideia que encontramos na página de rosto: «experimenta particularia per simplicia medicamenta ex probatissimis autoribus, & propriis obseruationibus collecta, continens / contendo experimentos particulares por medicamentos simples, coligidos de autores provadíssimos e de observações próprias». Escribónio valoriza justamente esta preferência de Pedro Hispano pelos simples, assentando numa razão médica e natural:

«De simples digo, porque o ilustre Autor, aplicando-se com o maior esforço a exterminar as doenças com remédios simples, contém e descreve pouquíssimos que sejam compostos. E certamente que muito bem. Os medicamentos simples da natureza (*simplicia naturae medicamenta*) são sempre mais seguros e mais saudáveis⁶⁶».

E o jovem editor e prefaciador não hesita em arremeter contra os «nossos médicos», isto é os do seu tempo, que preferem as receitas «longas e compostas de não sei de que tão variados elementos, nem trazidos de onde».

Na sua intenção de melhorar a leitura do receituário Escribónio fez iniciar cada receita numa nova linha, não as numerando. Rocha Pereira assinalou uma anomalia nesta disposição pois,

⁶¹ É o próprio Escribónio que no ponto em que começa a falar de Pedro Hispano diz que o prefácio foi escrito por causa dele e que naquele ponto se inicia como que a segunda parte do prefácio (f. 5r, trad., p. 374). A primeira parte é discutida mais abaixo.

⁶² A edição *princeps* saiu em Veneza em 1479, sendo obra muitas vezes reeditada e traduzida para várias línguas.

⁶³ *Thesaurus pauperum*, 1576, cit., ff. 5r-6r; *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 374-377.

⁶⁴ *Thesaurus pauperum*, 1576, cit., f. 6r; *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 376-377.

⁶⁵ *Idem*, *ibidem*.

⁶⁶ *Idem*, *ibidem*.

ao contrário de Pedro Hispano, Escrivónio começa muitas das receitas com o nome do autor, mas de facto trata-se da atribuição da receita anterior⁶⁷. Quanto ao texto, colacionado com o dos manuscritos mais antigos, Rocha Pereira conclui sobre esta edição que, devido às modificações que introduz no texto, não lhe merece «nenhuma confiança para a restituição do original perdido»⁶⁸.

Na organização que Escrivónio lhe dá, o *Thesaurus* tem 59 capítulos, para os correspondentes 49 da edição de Rocha Pereira (não contando o cap. final sobre o antraz, que não tem correspondência naquele). Diz-nos Escrivónio que o manuscrito que usou não tem divisão em capítulos, mas eles coincidem em geral, havendo desdobramento de alguns, daí o maior número, que também se pode dever ao uso de uma versão manuscrita expandida ou que o próprio Escrivónio tenha enxertado passagens e receitas no modelo que usou, subdividindo alguns capítulos. A seguir, mas sem qualquer distinção ou cesura, inclui o *De febribus* nos ff. 86-99r (do cap. LX sobre a geração das febres ao cap. LXX sobre a febre quartã), 11 capítulos que correspondem aos 5 do *De febribus* editado por Rocha Pereira. Segue-se um conjunto de capítulos que reúnem receitas no mesmo estilo (ff. 99r-111v) sobre assuntos diversos, desde o *De anthrace* (cap. LXXI) até ao *De maleficiis tollendis et daemonibus fugandis* (cap. LXXXV). Alguns destes capítulos fazem parte dos capítulos adventícios que surgem em alguns manuscritos e são muito variáveis. Os títulos correntes de todos os fólhos, desde o 1r até ao 112v e P1 são os mesmos: THESAURUS (p. da esq.) PAUPERUM (p. da dir.), o que indica que para o editor se trata de obra única.

d) A revisão editorial de Escrivónio

Esta admiração de Escrivónio pelo conteúdo do *Thesaurus* não o deixa indiferente quanto ao estilo e a certos aspetos que considera menos recomendáveis. Daí a advertência que encontramos também na página de rosto: «multis in locis castigatus / em muitos lugares corrigido». E o que merece menos acolhimento é o estilo e o tratamento de algumas questões. Em um e outro Escrivónio intervém corrigindo o texto. Primeiro o estilo, porque «a expressão e a frase foi nele pouco elegante e pouco castiça; entendo que isso se deve imputar ao tempo em que viveu (que foi extremamente bárbaro) e não ao próprio autor⁶⁹». Como o que importa é mais a «utilidade da matéria» que a «forma daquele escritor», mais à frente explicará que na sua edição preferiu repartir o texto «em capítulos certos (porque era somente uma coleção de receitas) e tanto quanto foi possível reduzi-o a uma melhor ordem, de modo a que Hispano recebesse uma forma diversa da anterior e completamente nova⁷⁰». Se o manuscrito que usa já era uma versão distinta da original, Escrivónio ainda a modifica mais.

⁶⁷ M.H. Rocha Pereira, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 60

⁶⁸ Eadem, *ibidem*.

⁶⁹ *Thesaurus pauperum*, 1576, cit., f. 6v; *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 376-377.

⁷⁰ *Thesaurus pauperum*, 1576, cit., f. 7r; *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 378-379.

A revisão não se fica pela forma, entra também no conteúdo, por razões ideológicas, teóricas e morais. Escribónio é bem explícito quando diz que procedeu «extirpando aquilo que parece ter um certo sabor de impiedade, qual fora o que tinha escrito sobre o que evitava a concepção e igualmente sobre a maneira de pôr em fuga os demónios e outras do mesmo género⁷¹». De facto o capítulo sobre o impedimento da concepção (cap. 44 de Pedro Hispano, com 26 receitas) passa a capítulo sobre o aborto, mas com 6 receitas para impedir o aborto ou o parto prematuro (cap. 53, ff. 75v-76r). O capítulo de Pedro Hispano sobre a excitação para a atividade sexual, com 34 receitas (cap. 37), é substituído por um capítulo sobre a impotência sexual e 11 receitas que a tratam (cap. 45, ff. 66r-v). O capítulo sobre a sufocação da libido, com 27 receitas, dá lugar ao capítulo sobre o que impede ou extingue a atividade venérea, com 14 receitas (cap. 46, ff. 66v-67v). Em geral as receitas dispersas que se relacionam com esconjuros, mal olhado e outras crenças similares, são eliminadas. A afirmação de Escribónio sobre o exorcismo não parece ser concretizada de modo coerente, pois faz publicar um último capítulo (cap. 85; f. 112r-v), que nem existe em Pedro Hispano, tendo por tema *De maleficiis tollendis: & Daemonibus fugandis* (Para suprimir os malefícios e afugentar os demónios), e onde se incluem receitas supersticiosas que nem dizem respeito ao corpo humano como esta «Artemisia pendurada sobre o limiar da porta faz com que nenhum malefício prejudique aquela casa» (f. 112v), ou aquele que diz que «Trazer uma pedra magneto elimina a discórdia entre os cônjuges» (f. 112r). São receitas como esta que suscitam a mais incisiva e irónica observação crítica sobre o *Thesaurus* que encontramos em todo o volume. Escreve Justo Vúlteo a concluir o seu Epigrama: «E quanto a ensinar que se cura trazendo coisas ao pescoço e que é boa a força dos caracteres, será uma criança ou um papa?» (f. 8r, trad. p. 380).

Escribónio usa critérios ideológicos e deontológicos para operar uma seleção no que é legítimo ou não a um médico recorrer para curar, introduzindo assim perspectivas ausentes do *Thesaurus pauperum*, que preferia a acumulação de receitas, que o discernimento de cada médico deveria permitir escolher, de acordo com o diagnóstico da doença que estava a curar, como enunciava no Prólogo. Agora o próprio manual já faz as suas escolhas segundo princípios de racionalidade e eficácia, mas também morais, que Escribónio explica no seu prólogo.

Tratando-se de uma obra tão difundida chama a atenção o facto de o editor reclamar para si, na própria página de rosto, o mérito da primeira publicação da obra. O próprio Escribónio descreve no prefácio as circunstâncias da sua edição. Após o elogio de Pedro Hispano como médico e autor do *Thesaurus*, que vimos atrás, explica que a obra «é digna de andar na mão de todos os médicos», mas acrescenta que devido a invejas ficou oculta durante séculos estando apenas nas mãos de poucos. É então que, conta com detalhe, na feira de Outono do ano anterior em Francoforte (portanto em 1575),

⁷¹ *Thesaurus pauperum*, 1576, cit., f. 7r-v; *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 378-379.

tendo encontrado na biblioteca de seu tio Adão Lonicerus⁷² «um exemplar manuscrito do dito Tesouro roguei-lhe logo que revisse aquele livro e o publicasse para bem dos homens». Como seu tio não pôde realizar essa tarefa devido a outros afazeres, ele próprio se encarregou desse trabalho «devido à enorme vantagem que parecia decorrer daquele livro para todos os mortais» (f. 7r; trad. p. 378).

O relato da descoberta do códice e o afirmar que é uma obra reservada a poucos durante séculos, poderá ser um simples topos retórico, mas permite-nos saber que a edição é feita a partir de um manuscrito e não de uma das muitas edições mais ou menos fiéis que até então já haviam sido impressas. Esta ideia da obra extraída às trevas do esquecimento é um dos aspetos mais salientados nos epigramas e ode que se seguem ao prefácio e antecedem o *Thesaurus*. São por isso peças não apenas de louvor à obra e ao seu autor, mas sobretudo um louvor a quem retirou a obra do olvido: «tu Guilherme, rompendo as barreiras há muito cerradas, chamas à luz os escritos [de Pedro Hispano], com cálamo vingador», ou ainda «Aquele que, até agora nas trevas, a poucos foi útil, sob a tua direção voa já por muitas mãos» (Epigrama de Justo Vúlteo, f. 8r, trad. p. 380), Na sua Ode, Pedro Pagão diz que a obra esteve retida na obscuridade de uma caverna por muitos anos, «por isso grande louvor aguarda Guilherme escriba, já que reconduziu esta obra às colinas solheiras» (f. 8v, trad. p. 382), ideia ainda repetida no epigrama de Gaspar Estúrnio, que fala pelo livro e se lamenta de ter caído em longo esquecimento, «até que na época actual, estendendo a mão, Escribónio me reconduziu aos lúcidos astros» (f. 9r, trad. p. 382) e por fim Nicolau de Hanstein também no seu epigrama diz que para uso do leitor «tira um Tesouro da profundidade das trevas» (f. 9r, trad. p. 384).

O resgate da obra ao esquecimento de séculos é uma ideia que Escribónio traz para a portada, acentua no prefácio e faz partilhar aos que escrevem os elogios poéticos, que na época era costume publicar, sobretudo em obras dedicadas a grandes personagens.

e) Teoria e prática na arte médica

O volume de Escribónio inclui dois textos que são estranhos à tradição manuscrita do *Thesaurus pauperum*: o *Juramento de Hipócrates* e um breve opúsculo do corpus hipocrático a *Lex* ou *Liber legis*. É notável que após um texto de medicina popular, mesmo que castigada pela acribia de Escribónio, não muito depuradora deve dizer-se, escolha editar dois textos fundamentais da arte médica, o juramento profissional e outro curto texto sobre a eminência da medicina como arte/ciência e as qualidades necessárias ao médico e ao domínio que deve ter da sua ciência. Estes textos estão sim em relação com a primeira parte do prefácio de Escribónio (ff. 2r-5r, trad. pp. 368-372) onde faz uma intensa e erudita defesa da medicina como ciência e que assenta na razão e experiência, enquanto ciência simultânea e indissociavelmente teórica e prática. Escribónio percorre diversos

⁷² Note-se que é um dos nomes citados na página de rosto como patrocinadores da edição.

autores, desde o *Método* de Galeno, aos *Segundos analíticos* de Aristóteles e aos *Aforismos* de Hipócrates para fazer a fundamentação epistemológica da relação entre teoria e prática em medicina. Defende que os teoremas médicos não são por si verdadeiros se não se apoiarem e estiverem confirmados pela experiência, assim como nenhum médico empírico é dotado de certeza se não assentar os seus preceitos na razão. Portanto, a medicina apenas teórica é de insuficiente utilidade para a vida humana, e a apenas prática não dá nenhuma garantia de certeza. Mostra Escribónio que a simples leitura das autoridades não faz o médico, pois naquilo que neles se lê há muitas vezes desacordo, que não é resolvido pela autoridade mas sim pela prática:

«acerca de um só e mesmo caso não só não estão de acordo os médicos, como até emitem opiniões contrárias. É portanto a prática que as distingue. A prática é a mãe que gera todos os seus verdadeiros cultores. A prática são os gonzos sobre os quais gira aquela ciência» (f. 4r, trad. p. 372).

Escribónio é aqui testemunha e agente da superação da medicina escolástica medieval e renascentista⁷³, anulando a separação entre a teoria e a prática, entre o médico teórico de formação universitária e o prático que lidava com o corpo e as maleitas do doente. A mudança consiste na apropriação pelo médico teórico da até então desvalorizada e pouco dignificante prática curativa. É uma mudança de grande significado, porque não se trata apenas de superar o desprestígio da parte prática da medicina, mas também de realizar a apropriação profissional e económica do domínio do prático pelo médico teórico. A mudança é simultaneamente epistémica e cultural e terá o maior significado para a história da medicina, onde progressivamente a teoria e prática serão interdependentes e indissociáveis⁷⁴, mas com tendência a uma cada vez maior dependência da instrumentação e de meios de diagnóstico que ultrapassam o simples saber do médico.

Escribónio é claro ao terminar a primeira parte do prefácio, sobre os fundamentos da medicina como ciência:

«Mas qual a intenção de tudo isto? Sem dúvida, demonstrar com clareza que os médicos devem aplicar-se simultaneamente à razão e à experiência, e tanto à teoria como à prática. Portanto, deve-se conhecer a teoria e de modo algum desprezar a prática» (f. 4r, trad. p. 372).

E é este o ponto justamente que serve a Escribónio para chamar para o interior da teoria médica o livro de Pedro Hispano, uma vez que ele, douto médico, oferece o que falta na medicina teórica:

73 Sobre o ensino da medicina em universidades italianas durante o Renascimento, onde a *Articella* continua a ter lugar preponderante, a par de toda uma renovação do *curriculum* textual e de uma mais livre atitude para com as autoridades textuais e a crescente incorporação da prática na formação médica, cfr. N. Siraisi, *Medicine and the Italian Universities, 1250-1600*, Leiden: E.J Brill, 2001; P.F. Grendler, *The Universities of the Italian Renaissance*, Baltimore – London: The Johns Hopkins University Press, 2002, cap. 9 «The Medical Curriculum», pp. 314-352.

74 Para a extraordinária inversão de sentido na arte médica no período moderno, em resultado da nova atenção à prática e de novas descobertas relacionadas com a circulação sanguínea, a anatomia humana, o desenvolvimento da cirurgia e a criação de novos instrumentos e fármacos, cfr. M.B. Grmek (dir.), *Histoire de la pensée médicale en Occident*, vol. II *De la Renaissance aux Lumières*, Paris: Ed. du Seuil, 1997.

«Todos os homens bons e admirados na nossa arte reuniram ambos os estudos [a razão e a experiência, a teoria e a prática] esforçando-se evidentemente por se tornarem médicos perfeitíssimos e consumadíssimos. Ora, passando os restantes em silêncio, houve um, Pedro Hispano, que alcançou na perfeição esse objetivo» (f. 4r, trad. p. 372).

De seguida, com os argumentos que vimos acima, Escribónio testemunha que ele é douto conhecedor da tradição literária da medicina onde colhe as receitas, que também experimentou e comprovou pela sua prática médica, além de filósofo e papa, portanto condições que recomendam a obra.

O prefácio de Escribónio mostra-nos que no século XVI não é inventada a prática médica, ela é sim recuperada do desprestígio profissional e simbólico em que tinha jazido durante séculos. Essa apropriação da prática pelos teóricos foi possível em razão do valor reconhecido pela escolástica aristotélica à experiência para a formação do conhecimento universal, como bem mostram as autoridades citadas por Escribónio na primeira parte do seu prefácio.

CONCLUSÃO

O *Thesaurus pauperum*, seja quem for o Pedro Hispano que o escreveu, é uma das mais populares obras de prática curativa entre o final do século XIII e o século XVII. Este é um período de notável progresso teórico e prático para a ciência médica e mesmo para a profissão médica. O *Thesaurus* testemunha a grande separação entre a medicina teórica ensinada nas universidades através do comentário e obras médicas clássicas e a medicina de tratamento e cuidado do corpo de que se ocupavam os práticos (ou físicos) com recurso às mais variadas e díspares práticas curativas. Pela sua utilidade de prontuário e enquanto obra desprovida de conteúdo teórico ou explicativo, foi copiada e glosada ao longo dos séculos, sobretudo para uso dos médicos práticos, como testemunham os manuscritos e edições impressas, e as muitas traduções medievais e renascentistas.

A edição do *Thesaurus pauperum* por Guilherme Adolfo Escribónio em 1576 (reeditada em 1578) testemunha uma notável evolução e uma viragem na ciência médica. Com a defesa que esse jovem médico faz da indissociabilidade entre a teoria e a prática, está de facto a propor e a defender que o médico teórico se aproprie e considere como parte da sua atividade a prática de cura. Fá-lo apoiando-se em duas orientações epistémicas de sentido convergente: a) recusa de muitos dos procedimentos não racionais expostos no *Thesaurus* (encantações, amuletos, etc.) preferindo a eficácia terapêutica dos simples; b) deontologização da prática médica, testemunhada pelo prefácio de Escribónio, mas também pela publicação do *Juramento de Hipócrates* e da *Lex* hipocrática após o texto de Pedro Hispano.

O *Thesaurus pauperum*, fortalecido pela autoridade do autor a quem é atribuído, é para Escribónio um instrumento para canonizar a junção entre a teoria e a prática em medicina. Mas, desta mesma junção resultaria uma evolução da medicina que ainda mais rapidamente faria decair em desuso esse livrinho, por desadequação e superação das terapêuticas que propõe.

IMPRESSVM
FRANCOFORTI AD
MOENVM, EX OFFICINA
HAEREDVM CHRISTIANI
Egenolphi, impensis Adami
Loniceri, Ioannis Cnipij,
Doctorum, & Pauli
Steinmey-
ers.



M. D. LXXVI.



℔:(o):℔



C A T A L O G V S
A U C T O R U M

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

ADELINO CARDOSO

AMÂNDIO JORGE MORAIS BARROS

ANA ISABEL MARTÍN FERREIRA

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

BELMIRO FERNANDES PEREIRA

HUGO MIGUEL CRESPO

JAMES W. NELSON NOVOA

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

JÚLIO MANUEL RODRIGUES COSTA

MIGUEL ÁNGEL GONZÁLEZ MANJARRÉS

PAULA OLIVEIRA E SILVA

TELMO CORUJO DOS REIS

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

JOSÉ FRANCISCO MEIRINHOS

AUTORES

Carlos Ascenso André

[caa@fl.uc.pt]

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde obteve a Agregação em Letras (2002), o Doutoramento em Letras, com a tese *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica novilatina portuguesa do século XVI* (1990) e o Mestrado em Literatura Novilatina em Portugal (1984).

Professor convidado (*visiting professor*) nas Universidades da Ásia Oriental, em Macau (Agosto e Setembro de 1984), de Hamburgo e de Göttingen (1992/93) e de Poitiers (1994 e 1996).

Diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (desde Julho 2009), de que foi Presidente do Conselho Diretivo (2006-2009).

Membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Prémio Jacinto do Prado Coelho, da Secção Portuguesa da Associação Internacional de Críticos Literários, pela obra *Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do séc. I a. C.*, de 2006.

Professor Honorário do Instituto Politécnico de Macau.

Membro da Academia Brasileira de Filologia.

Autor de dezasseis livros e de mais de centena e meia de artigos, capítulos de livros ou comunicações, publicados em Portugal e no estrangeiro. Alguns títulos:

— *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra, 1992.

— *Um poeta no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal*. Coimbra, INIC e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1982.

— *Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do séc. I a. C.* Lisboa, Livros Cotovia, 2006.

— *O poeta no miradouro do mundo*. Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2008.

Adelino Cardoso

[cardoso.adelino@gmail.com]

Adelino Cardoso é Investigador Auxiliar do Centro de História da Cultura, Universidade Nova de Lisboa. Doutorou-se pela Universidade de Lisboa com uma tese sobre “O trabalho da Mediação no pensamento leibniziano”, entretanto publicada (Lisboa: Colibri, 2005). É autor, nomeadamente, de *Leibniz segundo a expressão* (Lisboa: Colibri, 1992) *Fulgurações do eu. Indivíduo e Singularidade no pensamento do Renascimento* (Lisboa: Colibri, 2002) e de *Vida e percepção de si. Figuras da Subjectividade no século XVII* (Lisboa: Colibri, 2008). Das suas traduções ressaltam os *Novos Ensaios sobre o entendimento humano*, de Leibniz, e as *Meditações Cristãs e Metafísicas*, de Malebranche. Coordenou o projecto “Filosofia, Medicina e Sociedade” e coordena actualmente dois projectos de investigação: “O conceito de natureza no pensamento médico-filosófico na transição do século XVII ao XVIII” e “Arte médica e inteligibilidade científica na *Archipathologia* de Filipe Montalto”.

Amândio Jorge Morais Barros nasceu no Porto. Professor na Escola Superior de Educação do Porto. Licenciou-se em História pela Faculdade de Letras do Porto, onde tem feito toda a sua carreira de investigador. Especializou-se nas áreas da História Social e Económica e na História Marítima (área do seu doutoramento: *Porto: a construção de um espaço marítimo nos alvares da Época Moderna*, ao qual foram atribuídos os prémios de investigação Almirante Sarmiento Rodrigues, da Academia de Marinha e Prémio Artur de Magalhães Basto de História da Cidade do Porto, pela Fundação Engenheiro António de Almeida). As suas publicações têm incidido no domínio da História Portuária, bem como nos da História da Cidade do Porto e História da Expansão e Descobrimientos Portugueses, aos quais tem dedicado diversos trabalhos. Foi várias vezes bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Fundação Calouste Gulbenkian. Terminou recentemente um projecto de pós-doutoramento, apoiado pela FCT, no qual a temática dos agentes portuários do Noroeste português e as suas conexões internacionais foram objecto de investigação: *As redes de comércio portuenses e a construção do sistema atlântico*, Porto/Valladolid (Faculdade de Letras do Porto/Escuela Universitaria de Estudios Empresariales, Universidad de Valladolid, 2012). É investigador do CITCEM-UP (Centro de Investigação Transdisciplinar. Cultura, Espaço e Memória – Universidade do Porto), membro efectivo da Academia de Marinha e colaborador do InEd (Politécnico do Porto).

Ana Isabel Martín Ferreira

[anabel@fyl.uva.es]

Ana Isabel Martín Ferreira, Doctora en Filología Clásica, es Profesora Titular de Filología Latina en la Universidad de Valladolid. Ha participado en numerosos proyectos de investigación y forma parte del grupo *Speculum medicinae*, que estudia los textos médicos latinos antiguos, medievales y renacentistas. En la actualidad este equipo está elaborando el DILAG (Diccionario Latino de Andrología y Ginecología). Sus líneas de investigación se centran en el estudio y edición de textos médicos latinos, también ha realizado diversos trabajos sobre literatura y tradición clásica, el léxico técnico y los contratos de compraventa en el mundo romano.

Entre sus últimas publicaciones sobre textos médicos destacan los siguientes títulos: “*Morbus durus ad curandum. La elefancia o lepra entre los siglos XI y XIV*” en *Terapie e guarigioni nella tradizione culturale d’età normanno-sveva*. A. Paravicini-Bagliani (ed.), SISMEL-Edizioni del Galluzzo, Firenze, 2009, p. 97-128; “La *Rosa anglica* de John de Gaddesden y la tradición de la medicina salernitana en verso”, *Schola Salernitana. Annali* 14-15 (2009-2010) 163-192; “The nomenclature of the Childhood in latin medical texts: *puer and infans*” en *Body, Disease and Treatment in a Changing World. Latin texts and contexts in ancient and medieval medicine*, D. R. Langslow-B. Maire (eds.), Éditions BHMS, Lausanne, 2010, p. 263-274; “La tradición textual del *Breviarium* de Johannes de Sancto Paulo”, *Exemplaria Classica* 14 (2010) 227-248; *Medicina y Filología. Estudios de léxico médico latino en la Edad Media*, Brepols, Porto, 2010; “*Sinonoma Bartholomei*. Structure, sources et lexique d’un glossaire médical”, en *Glossaires et lexiques médiévaux inédits: bilan et perspectives*, J. Hamesse - J. Meirinhos (eds.), Brepols, Porto, 2011, p. 93-110; “Antiguos y modernos en los orígenes de la pediatría y la ginecología modernas: El *Liber de affectionibus puerorum* de Francisco Pérez de Cascales (1611)” (en prensa); “*De castratione mulierum* (1673). Una satyra medica de G. F. de Franckenau” (en prensa).

António Guimarães Pinto

[aguimaraesp@gmail.com]

António Guimarães Pinto é licenciado e mestre em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e doutor em letras (área do conhecimento da literatura latina) pela Universidade do Minho. Lecionou na Universidade de Granada (Espanha) e na Faculdade de Filosofia de Braga. É atualmente professor de língua latina na UFAM (Universidade Federal do Amazonas), em Manaus, Brasil. Tem cultivado a investigação sobretudo na área do Humanismo português, possuindo ampla bibliografia, quer como tradutor, quer como estudioso, relacionada sobretudo com D. Jerónimo Osório, Diogo de Paiva de Andrade, Diogo de Teive, António Luís, António Pinto, Jerónimo de Brito, André de Resende, Pedro Nunes, António Vieira e Erasmo.

António Manuel Lopes Andrade

[aandrade@ua.pt]

António Manuel Lopes Andrade é professor auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, onde se doutorou em Literatura Novilatina, em 2005, com uma tese sobre a colectânea poética *Cato Minor* (Veneza, 1592) do humanista eborense Diogo Pires. É Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa (1990) e Mestre em Literaturas Clássicas (1994) pela Universidade de Coimbra. Tem leccionado várias disciplinas no âmbito da Língua Portuguesa e da Língua e Literatura Latinas. Desenvolve a sua investigação no âmbito do Humanismo Renascentista, da Literatura Novilatina, da História dos Judeus Portugueses e da História da Ciência.

Entre os últimos trabalhos publicados destacam-se os seguintes estudos: “From Lisbon to Venice: the Trials and Tribulations of the New Christian Duarte Gomes”: *Hispanic Research Journal* 13, n.º 1 (2012), pp. 55-70; “A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11 (2011), pp. 87-130; “Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia”: Castro, I. O. – Anastácio, V. (coord.), *Revisitar os Saberes – Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, CEC – FLUL, 2010, pp. 9-49.

Coordena actualmente o projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, no âmbito do qual está a ser realizada a edição e tradução para português não só dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do *De materia medica* de Dioscórides, mas também do próprio tratado grego original e do livro *Apologia aduersus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) de Pietro Andrea Mattioli.

Belmiro Fernandes Pereira

[bpereira@letras.up.pt]

Belmiro Fernandes Pereira é professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e doutor em Estudos Clássicos, na especialidade de Literatura Neolatina (Universidade de Coimbra, 2006). Tem como principais áreas científicas de interesse a Retórica e a História da Retórica, a Literatura Latina, o Humanismo Renascentista. Enquanto autor ou editor publicou *Retórica e Eloquência em Portugal na época do Renascimento*, Lisboa, IN-CM, 2012; *Retórica e Teatro*, Porto, Editora UP, 2010; *Symbolon II — Inveja e Emulação*, Porto, FLUP-edita, 2010; *Symbolon I — Amor e Amizade*, Porto, FLUP-edita, 2009; *As Artes de Prometeu*, Porto, FLUP, 2009; *Ad Praelegendum*, Porto, Granito, 1997; *As Orações de Obediência de Aquiles Estaço*, Coimbra, INIC, 1991. É investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (Univ. de Coimbra), membro de várias associações científicas, como a International Society for the History of Rhetoric, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos ou Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos, sócio correspondente da Asociación Latinoamericana de Retórica, e sócio-fundador da Sociedade Portuguesa de Retórica.

Os estudos artísticos definiram desde sempre a sua formação, desde o Curso Geral Artes II na Escola Secundária António Arroio, iniciando-se aí, igualmente, o seu percurso enquanto designer de joalheria, passando pela formação em Design de Interiores / Artes Decorativas Portuguesas na Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo e Silva. Especialista em Artes Decorativas e Cultura Material do Renascimento (Joalheria e Vestuário), é licenciado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2008), estando a ultimar a sua dissertação de doutoramento em História Medieval na mesma instituição, sob a orientação dos professores Hermenegildo Fernandes e Vítor Serrão, intitulada *Imaginação e memória: processos e estratégias de construção imagética na chancelaria régia portuguesa (1095-1247)*.

Faz parte da equipa coordenada por Jessica Hallett para a edição e análise do extenso inventário *post mortem* de D. Teodósio I (1563) numa iniciativa conjunta do Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM) e da Fundação Casa de Bragança / Palácio Ducal de Vila Viçosa, e intitulado *De todas as partes do mundo: o património do 5.º Duque de Bragança, D. Teodósio I*, que conta com o financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Neste projecto é responsável pelos *itens* de joalheria, vestuário do duque e os objectos relacionados com a estrebria ducal e a caça (falcoaria e montaria). Integra o projecto dirigido por Alexandra Pelúcia e Andreia Carvalho e sedado no CHAM, com o título *Na Privaça d'El-Rei: Relações Interpessoais e Jogos de Fações junto de D. Manuel I*. Faz parte, também, do grupo de autores que, sob o comissariado de Annemarie Jordan-Gschwend e Kate Lowe, preparam a exposição, e respectivo catálogo, intitulada *Global Lisbon in the 16th century*, centrada nas pinturas quinhentistas recém-descobertas onde figura a famosa Rua Nova dos Mercadores, e que terá lugar na The Wallace Collection, Londres, em Novembro de 2014.

Publicou recentemente: “«*lbe nam faltou mais que não nascer Reis: splendore et magnificentia* no «tesouro» e guarda-roupa do infante D. Luís”, in *Artis*, 9-10, 2010-2011, pp. 163-186; “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes *alias* Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). *Em torno da guarda-roupa, livraria e mantearia do rei*”, in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 10-11, 2011, pp. 587-688; e “Trajar as Aparências, Vestir para Ser: o Testemunho da Pragmática de 1609”, in SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e, (coordenação de), *O Luxo na Região do Porto ao Tempo de Filipe II de Portugal (1610)*, Porto, Universidade Católica Editora, 2012, pp. 93-148.

James W. Nelson Novoa

[jw_nel@yahoo.com]

James W. Nelson Novoa received his PH.D in Spanish Philology from the University of Valencia in Spain in 2003. In 2004 he held a fellowship from the Gulbenkian Foundation to conduct research in Portugal. He is currently a postdoctoral fellow of the *Fundação para Ciência e a Tecnologia* of Portugal and linked to the *Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste* of the University of Lisbon. From 2008 to 2010 he was visiting professor of Spanish at Villanova University. The author of numerous articles, book chapters and a book, *Los Diálogos de amor de León Hebreo en el marco sociocultural sefardí del siglo XVI*, Cátedra “Alberto Benveniste” de Estudos Sefarditas, Universidade de Lisboa, 2006 he has participated in several conferences in international venues. His research deals with several topics among them the literary and cultural heritage of Sephardic Jewry in the Early Modern period both inside and outside the Iberian peninsula, Italo-Iberian literary and cultural relations in the fifteenth and sixteenth centuries and the Iberian community in Rome in the sixteenth and seventeenth centuries.

João Manuel Nunes Torrão

[jtorrao@ua.pt]

João Manuel Nunes Torrão é, neste momento, professor catedrático no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

O seu percurso académico levou-o, como estudante, à Universidade de Coimbra (Licenciatura em Estudos Clássicos e Doutoramento em Literatura Latina) e, como docente, à Universidade dos Açores, Universidade de Coimbra e, finalmente, Universidade de Aveiro.

Tem dedicado o seu tempo docente essencialmente aos Estudos Clássicos e tem desempenhado um vasto conjunto de cargos de gestão universitária

As suas áreas de interesse científico têm passado por: Didáctica das Línguas Clássicas; Humanismo português no Renascimento; Língua Portuguesa; Literatura Latina; Revisão de Texto; Teatro Latino; Terminologia de base greco-latina; Vida quotidiana em Roma.

É fundador e director da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* (<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/agora.htm>).

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1988), pós-graduado em Ciências Documentais, opção Bibliotecas e Documentação, pela mesma instituição de ensino superior (1991) e mestre em Gestão de Informação pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (2002).

Desempenhou funções de Técnico Superior de Biblioteca e Documentação na Biblioteca Geral da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (1996-1998), tendo ingressado como Bibliotecário na Biblioteca Pública Municipal do Porto em Dezembro de 1998. Entre 2003 e 2010, exerceu no Departamento de Bibliotecas da Câmara Municipal do Porto o cargo dirigente de Chefe de Divisão Municipal de Coleções e Desenvolvimento. Coordena presentemente, na Biblioteca Pública Municipal do Porto, a Unidade de Transferência de Suportes & Recursos Eletrónicos e a Biblioteca Sonora, sendo responsável por diversos projetos nestas áreas.

Foi docente e monitor de diversas ações de formação – organizadas pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Biblioteca Nacional de Portugal, Ministério da Educação, etc. – sobre biblioteconomia, sistemas informáticos de gestão documental, gestão de fundos documentais e gestão de informação em bibliotecas.

Integra o Conselho Técnico da PORBASE–Base Nacional de Dados Bibliográficos e é membro do CITCEM–Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (Referência FCT: uID 4059), grupo de investigação Memória, Património e Construção de Identidades, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Colabora atualmente no projeto de investigação “José Pinto de Azeredo, Doutrina e Clínica. Textos e contextos. (P-125742)”, promovido pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Tem participado em vários encontros científicos (Congressos, Workshops, Colóquios, etc.) no âmbito da biblioteconomia e ciências da informação, história do livro e das bibliotecas e história da ciência, tendo apresentado algumas comunicações incidindo nestes domínios. As suas áreas de interesse/investigação atuais centram-se na história do livro, em particular sobre livro antigo científico-médico, e no estudo de inventários e catálogos de ‘livrarias’ na Época Moderna, sendo autor de alguns artigos publicados relativos a estas temáticas.

Miguel Ángel González Manjarrés

[miguelan@fyl.uva.es]

Miguel Ángel González Manjarrés es Doctor en Filología Clásica (Valladolid 1998) y Profesor Titular de Filología Latina de la Universidad de Valladolid. Ha completado su formación en otros centros nacionales (Universidad de Cantabria y CSIC de Barcelona) e internacionales (Universidad de Cassino y Universidad de Burdeos). Su especialidad docente se centra en los siguientes temas: nuevos métodos didácticos para la enseñanza natural del latín; filología y literatura latinas del Renacimiento; textos científicos latinos de la antigüedad al Renacimiento. Los temas centrales de su investigación son humanismo latino, medicina latina medieval y renacentista, farmacología latina, fisiognomía grecolatina y tradición clásica. En la actualidad es director de *Minerva. Revista de Filología Clásica*, que edita el Departamento de Filología Clásica de la Universidad de Valladolid. Es autor de varios libros, numerosos artículos científicos y capítulos de libro. Entre las monografías más destacadas cabe citar *Andrés Laguna y el humanismo médico. Estudio filológico* (Valladolid 2000) o *Un herbario ilustrado sin texto. El códice Vat. Chigi F. VII 158* (Madrid 2004). Es asimismo uno de los editores del libro *Antiquae lectiones. El legado clásico desde la Antigüedad hasta la Revolución Francesa*, Madrid 2005. Sus artículos más recientes se concentran en estudios de fisiognomía latina: “Jodocus Willich, *Oratio in laudem physiognomoniae*: estudio, edición, traducción, anotación”, *Agora* 13 (2011) 203-264; “*Tanquam fores animae*. Los ojos en la fisiognomía medieval”, *Medioevo. Rivista di storia della filosofia medievale*, 36 (2011) 11-32; “La risa en la fisiognomía antigua y medieval”, *Traditio* 67 (2012) 305-339. En la actualidad, y tras más de doce años de trabajo, se encuentra terminando un Diccionario Latino de Andrología y Ginecología en colaboración con otros colegas del Grupo de Investigación *Speculum medicinae*, que dirige Enrique Montero Cartelle.

Paula Oliveira e Silva

[pvsilva@letras.up.pt]

Doutora em Filosofia Medieval pela Universidade de Lisboa. Investigadora Auxiliar no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Investigadora Principal do grupo de investigação *Reason, Sciences and Nature in Medieval Philosophy* do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e investigadora central para a área *Metafísica* do Projeto de Investigação *Iberian Scholastic Philosophy at the Crossroads of Western Reason: The Reception of Aristotle and the Transition to Modernity*. Colabora em diversos projectos nacionais e internacionais sobre Escolástica Humanista, sendo autora de diversas publicações neste domínio.

http://ifilosofia.up.pt/inv/paula_oliveira_silva/webpage

Telmo Corujo dos Reis é Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesas pela Universidade de Coimbra (1992), instituição onde obteve igualmente o grau de Mestre, com a dissertação intitulada *Contributo para a História do Humanismo em Portugal – Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso* (1997). Bolseiro do PRODEP entre 2002 e 2005, alcançou o grau de Doutor na Universidade da Madeira, com a dissertação intitulada *Contributo para a História do Humanismo em Portugal – Poesia, Epistolografia e Oratória de Jerónimo Cardoso* (2006).

Docente da Universidade da Madeira desde 1993, aí tem leccionado disciplinas de Língua Latina e Grega, Literatura Latina, Fundamentos da Cultura, Mitologia e tradição, Estudos Europeus, Civilizações e Culturas Clássicas, Problemática das Religiões e Português. Desempenha, desde 2007, as funções de Director do Curso de Comunicação, Cultura e Organizações.

Tem publicado artigos na área da Literatura Neolatina, ocupando-se ainda de traduções do latim para o português. Publicou os seguintes títulos: CARDOSO, Jerónimo, *Obra Literária – Tomo I, Prosa Latina e Obra Literária – Tomo II, Poesia Latina*, estabelecimento do texto latino, introdução, tradução e comentário de Telmo Corujo dos Reis, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009; «*Jerónimo Cardoso e o humor dos humanistas*», *Journal of Linguist and Intercultural Education* 2 (2009), pp. 67- 74.

É membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra desde 2007, da APEC (Associação Portuguesa de Estudos Clássicos) e da APENEL (Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos) e participa ainda no projecto de investigação «Dioscórides e o Humanismo Português – Os Comentários de Amato Lusitano» (Projecto FCT – PTDC/CLE-LLI/101238/2008).

Virgínia Soares Pereira

[virginia@ilch.uminho.pt]

Virgínia Soares Pereira é doutorada em Ciências da Literatura, Área de Literatura Latina, e tem feito investigação na área dos Estudos Clássicos e dos Estudos Humanístico-Renascentistas, em particular sobre André de Resende, humanista português do século XVI, Escalígero (no âmbito do projecto de investigação inter-universitária intitulado “Edición y estudio de los *Poetices Libri Septem* de Júlio César Escalígero. Fuentes Clásicas y pervivencia”, com sede na Universidade de Granada) e Amato Lusitano (membro participante do projecto “Dioscórides e o Humanismo Português: Os Comentários de Amato Lusitano”, liderado por António Andrade, da Universidade de Aveiro). Além de artigos vários, são da sua autoria os volumes: *Plínio-o-Moço*. Lisboa, Editorial Inquérito, 2000; André de Resende, *Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas de Virgínia Soares Pereira. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1988. [tese de mestrado]; André de Resende, “*Aegidius Scallabitanus*” – *Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*. Lisboa, F.C.G., 2000 [tese de doutoramento]; Virgínia Soares Pereira (org.), *O além, a ética e a política. Em torno do Sonho de Cipião*. Braga, Universidade do Minho, 2010.

Presentemente é docente (Professora Associada de Nomeação Definitiva) do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, exercendo as funções de Responsável pelo Grupo Disciplinar de Estudos Clássicos e de Diretora do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos. É ainda Responsável pelo Centro de Estudos Lusíadas, uma Unidade Cultural da Universidade do Minho.

José Francisco Meirinhos

[meirinhos@letras.up.pt]

José Francisco Meirinhos é professor catedrático do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde ensina Filosofia Medieval nos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento em Filosofia. É autor de diversos estudos sobre Pedro Hispano, assim como sobre outros autores e temas medievais, publicados em revistas e obras colectivas nacionais e estrangeiras. É diretor do Programa doutoral em Filosofia da FLUP e diretor do Instituto de Filosofia (unidade de investigação classificada com excelente pela FCT), onde é investigador principal de dois grupos de investigação, e dirige também dois projectos com financiamento externo, um sobre a recepção de Aristóteles e a escolástica Ibérica na formação do pensamento moderno, outro sobre traduções, instrumentos e metodologias de pesquisa em Filosofia Medieval. Página web: <http://ifilosofia.up.pt/inv/meirinhos/>



GALLIÆVS LYNCÆVS

ÆTATIS ANNORVM III



CATÁLOGO



1 ACCADEMIA DEL CIMENTO

Saggi di naturali esperienze fatte nell' Accademia del Cimento sotto la protezione del serenissimo principe Leopoldo di Toscana e descritte dal segretario di essa Accademia. - Seconda edizione. - In Firenze : nella nuoua stamperia di Gio: Filippo Cecchi, MDCXCI [1691]. - [16], CCLXIX, [20] p., [1] f. gravura : il. ; 38 cm (folio)

Assinaturas: pi4 [cruz de Malta]4 A-2M4 2N5(2N4+csi1).

BPMP: U-14-21

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!435168~!0>

2 ACOSTA, JOSÉ DE, CA 1539-1600, S.J.

Historia natural y moral de las Indias : en que se tratan las cosa [sic] notables del cielo, y elementos, metales, plantas y animales dellas: y los ritos, y ceremonias, leys y gouierno, y guerras de los Indios / compuesta por el padre Ioseph de Acosta Religioso de la Compañia de Iesus. - En Madrid : en Casa de Alonso Martin : a costa de Juan Berillo, 1608. - 535, [43] p. ; 20 cm (4to)

Assinaturas: pi2 A4 B-2N8 2O4.

BPMP: T-8-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452188~!0>

3 AELIANUS, CLAUDIUS, CA 170-CA 235

Ex Aeliani historia per Petrum Gyllium latini facti, itemq[ue] ex Porphyrio, Heliodoro, Oppiano, tum eodem Gyllio luculentis accessionibus aucti libri XVI : de ui & natura animalium : Eiusdem Gyllii liber unus, de gallicis & latinis nominibus piscium. - Lugduni : apud Seb. Gryphium, 1535. - 599, [11] p. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: a-z8 A-O8 P10.

Pert.: "Dominguos uas peixoto"

BPMP: T-9-32

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453611~!0>

4 AFONSO X, O SÁBIO, REI DE CASTELA E LEÃO, 1221-1284

Tabule astronomice Diui Alfonsi regis Romanoru[m] et Castelle : nuper [quam] diligentissime cum additionibus emendate. - Venetijs : ex officina litteraria Petri Liechtenstein, anno 1518 [i.e. 1521]. - 120 f. ; 21 cm (8vo)

Assinaturas: A-C8 D-E4 F-Q8.

BPMP: Y1-3-35

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455006~!0>

5 ALCIATI, ANDREA, 1492-1550

Omnia Andreae Alciati V. C. Emblemata : cum commentariis, quibus emblematum omnium aperta origine mens auctoris explicatur & obscura omnia dubiaque illustrantur: per Claudium Minoem Diuionensem. - Editio tertia aliis multo locupletior. - Antuerpiae : ex officina Christophori Plantini architypographi regij, MDLXXXI [1581] (Antuerpiae : excudebat Christophorus Plantinus architypographus regius, MDLXXX [1580]). - [22], [2 br.] 782, [2] p. : il. ; 17 cm (8vo)

Assinaturas: *8 **4 A-Z8 a-z8 2A-2C8.

BPMP: M-2-41

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!441929~!0>

6 ALDROVANDI, ULISSE, 1522-1605

Vlyssis Aldrouandi ... De piscibus libri V. et De cetis lib. unus. Ioannes Cornelius Vtverius ... collegit. Marc. Antonius Bernia in lucem restituit Cum indice copiosissimo - Bononiae : apud Nicolaum Thebaldinum : sumptibus Marci Antonij Berniae, MDCXXXVIII [1638]. - [8], 732, [26] p. : il. ; 37 cm (folio)

No colofão: Bononiae : typis Nicolai Tebaldini, MDCXXXIV.

Assinaturas: [cruz de malta]4 A-3Q6 3R8.

Pert.: “Da Congreg.am do Orato.o do Porto”

BPMP: T-13-17

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!470653~!1>

7 ALONSO Y DE LOS RUYZES DE FONTECHA, JUAN, 1560-1620

Diez privilegios para mugeres preñadas, compuestos por el doctor Iuan Alonso, y de Los Ruyzes de Fontecha ... con vn diccionario medico. - En Alcalá de Henares : por Luys Martinez Grande, año 1606. - [12], 230, [2], 158 f. ; 20 cm (4to)

Assinaturas: pi4 [par.]8 A-2E8 2F-2G4, A-T8 V4 X2.

BPMP: X-3-63

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453523~!0>

8 ALPINI, PROSPER, 1553-1617

P. Alpini De Medicina aegyptiorum libri quatuor. & Iacobi Bontii in indiis archiatri, De Medicina indorum. - Editio ultima. - Parisiis : apud viduam Gulielmi Pele & Ioannem Duval, viâ Iacobaeâ sub signo crucis aureae, MDCXLVI [1646]. - [11], 150, [25], 39, [1] f. ; 22 cm (4to)

Assinaturas: ã4 ë4 A-3H4 3I2.

BPMP: U-9-13

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452192~!0>

9 ÁLVARES, TOMÁS, FL. 15--

Recopilacam das cousas queconuem guardar se no modo de preseruar a cidade de Lixboa. E os fãos, & curar os que esteuerem enfermos de peste. - Lixboa : em casa de Francisco Correa, anno de 1569. - [24] f. ; 21 cm (4to)

Assinaturas: a-b4 c6 2A4 2B6.

BPMP: Y1-2-7[1]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!451137~!0>

10 AMATO LUSITANO, PSEUD.

Amati Lusitani doctoris medici praestantissimi Curationum medicinalium centuriae septem, varia multiplicique rerum cognitione refert[a]e & in hac vltima editione recognitae & valde correct[a]e. Quibus praemissa est commentatio de introitu medici ad aegrotantem, deque crisi & diebus decretorijs. Accesserunt duo noui indices, vnus curationum medicinalium secundum morbos partes corporis humani infectantes, alter rerum memorabilium copiosissimus & diligentissimus. - Burdigalae : ex Typographia Gilberti Vernoy, MDCXX [1620]. - [40], 800 [i.e. 796], [20] p. ; 25 cm (4to)

Erros tipográficos de paginação

Assinaturas: [adaga]4 2[adaga]4 3[adaga]2 ã4 ê4 î2 A-5G4 5H2 5I-5K4 5L2.

Pert.: “Botelho” [f. de rosto]

BPMP: RES-XVII-A-32

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!470997~!2>

11 AMATO LUSITANO, PSEUD.

Curationum medicinalium Amati Lusitani medici physici ... Tomus primus, continens centurias quatuor. Quibus praemittitur commentatio de introitu medici ad aegrotantem; De crisi, & diebus decretorijs - Venetijs : apud Vincentium Valgrisium, MDLXVI [1566]. - [16], 746, [3 br.] p. ; 17 cm (8vo)

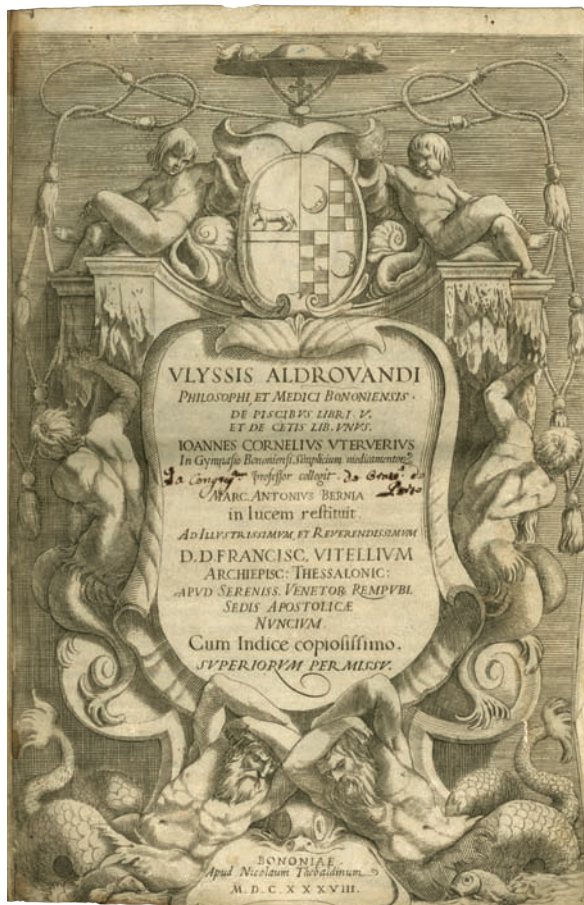
Erros tipográficos de paginação: p. 255 [i.e. 254], p. 256 [i.e. 255] e p. 276 [i.e. 267].

Assinaturas: *8 A-2Z8 &&8.

Pert.: “De Paulo da Sylva Mattos”; “J.M.B.A.”; “Dr. Avellar”. Falta *1, substituída por rosto factício

BPMP: X-9-55

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452207~!0>



12 AMATO LUSITANO, PSEUD.

In Dioscoridis Anarzabei De medica materia libros quinque, Amati Lusitani ... enarrationis eruditissimae. Accesserunt huic operi praeter correctiones ... etiam adnotationes R. Constantini, necnon simplicium picturae ex Leonharto Fuchsio Iacobo Dalechampsio, atque alijs. - Lugduni : apud Theobaldum Paganum, 1558 (Lugduni : excudebat Vidua Balthazaris Arnolleti). - [76, 4 br.], 807, [17] p. : il. ; 17 cm (8vo)

Erros tipográficos de paginação: p. 422 [i.e. 428], p. 139 [i.e. 539] e p. 566 [i.e. 560] e erro assin. C4 [i.e. C5].

Assinaturas: 2a-2e8 a-2z8 A-D8 E4 F8.

Pert.: “Emptum Franequera 1613 me possidet Joannes Fossius Leopard. Fr. cedunt Christi omnia regno.”; carimbos no verso da f. de rosto: “British Museum Sale Duplicate 1787”. Faltam p. 255-256

BPMP: U-2-47

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~1446762~10>

13 APIANUS, PETRUS, 1495-1552

Cosmographia Petri Apiani, per Gemmam Frisium ... iam demum ab omnibus vindicata mendis, ac nonnullis quoque locis aucta : additis eiusdem argumenti libellis ipsius Gemmae Frisii. - Antuerpiae : apud Ioannem VVithagium, MDLXIII [1564] (Antuerpiae : ex officina typograph. Ae. Diest., 1564). - [2], 64, [2] f., [1] f. mapa desd. : il. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: A-H4 K-S4.

BPMP: H-4-4

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~1452648~10>

14 APIANUS, PETRUS, 1495-1552

La Cosmographie de Pierre Apian, libure tresutile, traictant de toutes les régions et pays du monde par artifice astronomique, nouvelleme[n]t traduit de latin en françois. Et par Gemma Frison ... corrige. Avecq aultres libures du mesme Gemma ... - Anvers : Gregoire Bonte, MDXLIV [1544]. - LXV, [1] f. : il. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: A-F4 G2 H-R4.

BPMP: RES-XVI-A-119

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~1458172~12>

15 ARGELLATA, PIETRO, ?-1423

Chirurgia Argelate cum Albucasi. Eximii artium & medicine ... Petri de Largelata ... libri sex: novissime post omnes impressiones ubique terrarum excussas: collatis multis exemplaribus: apprime recogniti: cunctisque mendis & erroribus expurgati. Adjuncta etiam chirurgia ... Albucasis cum cauteriis & instrumentis suis figuraliter appositis: que in alijs hactenus impressis minime reperies. - Venetijs : mandato & expensis Luceantonii de Giunta, anno domini mense Maio 1531. - 159 f. : il. ; 31 cm (folio)

Assinaturas: A-P8 Q4 R-T8 V6-X6.

Falta f. final (X6)

BPMP: RES-XVI-C-14

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~1455146~10>

16

ARISTÓTELES, 384-322 A.C.

Aristo. Libri de anima. Aristote. Stagyrice libri tres de anima: cum singulorum epitomis hactenus no[n] i[m]pressis: eiusde[m]q[ue] - Venu[n] dantur Lugduni : apud Scipione[m] de Gabiano in vico mercuriali, MDXXX [1530]. - CLXVI f. ; 19 cm (8vo)

Assinaturas: a-u8 x6.

BPMP: Q-1-24

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457701~!0>

17

ARISTÓTELES, 384-322 A.C.

Aristotelis De demonstratione, siue, De secunda parte Analytik[um] libri duo / Nicolau Grouchio rhotomagensi interprete. - Conimbricæ : apud Ioannem Barrerium & Ioannem Aluarez, MDXLIX [1549]. - [19], 152, 331 [i.e. 335] p. ; (21 cm) 4to

Título alternativo em caracteres gregos.

Marca dos impressores: p. de rosto. Capitais decoradas.

Sem reclamos.

Inclui: Erratas.

Erros de pag.

Assinaturas: a4 b6 A-T4, A-Z4 a-e4 f6.

Contém: Aristotelis Topicor[um] Liber I, 335 p. finais.

BPMP: Y1-2-58[2]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312185~!0>

18

ARISTÓTELES, 384-322 A.C.

Aristotelis De reprehe[n]sionibus sophistarum liber unus / Nicolao Grouchio rothomagensi interprete. - Conimbricæ : apud Ioannem Barrerium & Ioannem Aluarez : excussum fuit hoc opus Melchioris Beleago diligentia, MDXLIX [1549]. - 101, [2] p. ; (20 cm) 4to

Marca dos impressores: p. de rosto.

Inclui: Errata.

Assinaturas: A-N8.

F. manchadas de humidade.

BPMP: Y1-2-58[3]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312186~!0>

19

ARISTÓTELES, 384-322 A.C.

Aristotelis stagiritæ, philosophorum omnium facile principis : opera quæ quidem extant omnia, Latinitate ueliam olim, uel nuncrecens à uiris doctissimis donata, & Graecum ad exemplar diligentissimè recognita : accesserunt in singulos libros optimis ex autoribus argumenta, commentarij uice studiosis futura. - Basileæ : Froben, anno mense Septembris MDXXXVIII [Setembro 1538]. - 2 vol. ([12], 843; [8], 640 p.) ; 34 cm (folio)

Assinaturas: [alfa]6 a-z6 A-Z6 3a6 3z6 A-B4; B4 a-z6 A-2G6 2H2.

BPMP: Q-14-5

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457592~!0>

20

ARRAIS, DUARTE MADEIRA,
1594-1652

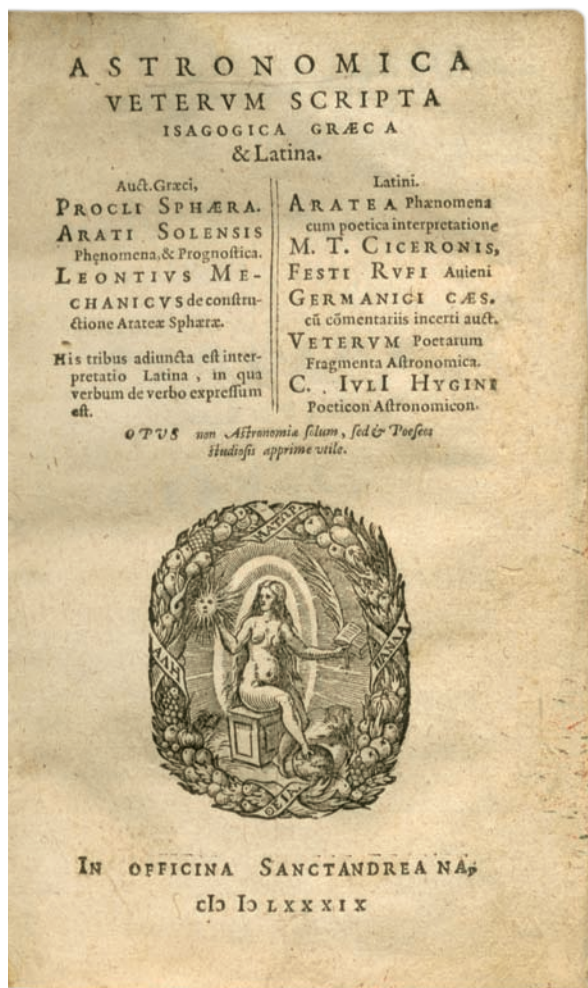
Methodo de conhecer e curar o morbo gallico primeira - segunda parte / pelo Doctor Duarte Madeira Arrais. - Em Lisboa : na officina de Lourenço de Anueres, 1642. - [46], 523 p. ; 19 cm (4to)

Assinaturas: pi4 [cruz de malta]8 [sec.]10 [par.]12 A-218.

F. manchadas de humidade e acidez; acção de insectos.

BPMP: RES-XVII-A-263

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316170~!0>



21

ASTRONOMICA VETERUM
SCRIPTA ISAGOGICA GRAECA
& LATINA

Astronomica veterum scripta isagogica graeca & latina : auct. Graeci, Procli Sphaera. Arati Solensis Phenomena, & prognostica. Leontius Mechanicus de constructione Arateae Sphaerae. His tribus adiuncta est interpretatio latina, in qua verbum de verbo expressum est : latini. Aratea Phaenomena cum poetica interpretatione M.T. Ciceronis, Festi Rufi Auieni, Germanici Caes. cū cōmentariis incerti auct. Veterum poetarum Fragmenta astronomica. C. Iuli Hygini poeticon astronomicon : opus non astronomia solum, sed & poeseos studiosis appime utile. - [Heidelbergae] : in Officina Sanctandrea, MDLXXXIX [1589]. - [2], 170, 302, [2] p. : il. ; 17 cm (8vo)

Assinaturas: pi1 A-K8 L6, A8-T8.

BPMP: R-8-59

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454408~!0>

22 AVELAR, ANDRÉ DE, 1546-CA 1626

Reportorio dos tempos : o mais copioso que ate agora saio a luz conforme à noua reformation do sancto Papa Gregorio XIII / feito por Andre d'Auellar, natural de Lisboa. - Nesta segunda impressam reformado e acrescentado / pelo mesmo author. - [Lisboa] : Manoel de Lyra : a custa de Simão Lopez, 1590. - [8], 207 f. : il. ; 19 cm (4to)

Lic.: "Licença da Sancta Inquisição"; "Com priuilegio Real por dez annos".

"Taxado a dous tostões em papel".

Marca do impressor: f. de rosto. Capitais decoradas.

Assinaturas: [par.]4 [cruz de malta]4 A-Z8 2A-2B8 2C8(-2C7).

Faltam as f. 52-53 e 145; f. manchadas de humidade.

BPMP: Y1-1-31

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312192~!0>

23 AVICENA, 980-1037

Liber canonis totius medicine ab Avicenna ... excussus, a Gerardo Cremone[n]si ab arabica lingua in latina[m] reductus. Et a Petro A[n]tonio Rustico ... castigatus : necno[n] a d[omi]no Symphoria[n]o Ca[m]perio ... annotat[i]onibus terminisq[ue] arabicis et eor[um] expositionib[us] nup[er] illustrat[us] - Lugduni : Jacobi Myt, [27 Novembro 1522]. - [10], 453 f. ; 22 cm (8vo)

Assinaturas: [cruz de Malta]10 a-p8 q10 r-z8 [et]8 [con]8 [rum]8 A-L8 M-N6 O-Z8 2a10 2b-2e8 2f10 2g8 2h4.

Falta última f. (2h4).

BPMP: U-11-23

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452889~!0>

24 AZEVEDO, MANUEL DE, ?-1672, O.C.

Correcçam de abusos introduzidos contra o verdadeiro methodo da Medicina : em tres trattados ... / pelo Doutor Fr. Manoel de Azevedo. - E novamente accrescentado com as instrucções de tomar a agoa de Inglaterra & huma carta do contagio, que houve na Praça de Mazagão no anno de 1678. - Lisboa : na officina de Manoel Lopes Ferreira, 1690. - [18], 324 p. : il. ; 20 cm (8vo)

Assinaturas: *8 **1 A-T8 V4 X6.

Contém: Instrucções a quem houver de usar da agoa de Fernam Mendes, medico da camara de Suas Majestades britannicas, p. 287-293. Breve conta do contagio que houve na Praça de Mazagão no anno de 1678.

Pert.: "Da Cong.ção de Oliveira". F. manchadas de humidade e acidez.

BPMP: RES-XVII-A-262

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316169~!0>

25 BACCI, ANDREA, 1524?-1600

De naturali vinorum historia de vinis Italiae et de conuiujs antiquorum libri septem Andreae Baccii Elpidiani ... : accessit de factitiis, ac cervisiis de q[ue] Rheni, Galliae, Hispaniae, et de totius Europa vinis et de omni vinorum usu compendiaria tractatio - Romae : ex officina Nicholai Mutij, anno 1596. - [28], 370, [2] p. : il. ; 33 cm (folio)

Assinaturas: [adaga]4 2[adaga]6 A-3A4 3B2.

BPMP: U-13-46

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452696~!0>

26 BAIRO, PIETRO, 1468-1558

Petri Bayri ... De medendis humani corporis malis enchiridion vulgò Veni Mecum dictum : addito eiusdem authoris tractatu de peste. - Conimbricae : apud Josephum Ferreyra a costa de Manoel Carvalho, mercador de livros, 1689. - [32], 773, [18] p. ; 15 cm (8vo)

Assinaturas: pi8 [adaga]8 A-3C8 3D4.

Contém: Tract. de peste, p. 608-773.

Aparado; f. manchadas de humidade e acidez; notas manusc. nas folhas de guarda; acção de insectos.

BPMP: RES-XVII-a-230

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314310~!0>

27 BARBARUS, HERMOLAUS, 1454-1493

Hermolai Barbari patritii Veneti et Aquileienseis patriarchae, in Dioscoridem Corollarioru[m] libri quinque : adiectus est index eorum quae hisce libris explicantur, quem post Dioscoridis indices consulto locauimus. - Coloniae : apud Ioan. Soterem, anno MDXXX mense Feb [Fevereiro 1530]. - [1], 6, [1], 7-78 f. ; 32 cm (folio)

Assinaturas: a8(a6+csi1.8) b-n6.

Encadernado com: Pedakiou Dioskoridou Anazarbeôs, Peri hylês iatrikês, Biblia E?. Coloniae, 1529.

BPMP: U-13-25

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!463805~!0>

28 BARBETTE, PAUL, 1620-1666?

Pauli Barbette Opera omnia medica et chirurgica : notis et observationibus nec non pluribus morborum historiis et curationibus illustrata : appendice eorum quae in praxi tum medica, tum chirurgica, vel omissa, vel concisius pertrectata, fuerant, jam auctior / opera et studio Joh. Jacob Mangeti - Editio novissima. - Genevae : sumptibus Joannis Antonii Chouët, MDCLXXXVIII [1688]. - [8], 332, [28], [4], 542, [10] p. : il. ; 22 cm (4to)

Assinaturas: *4 a-2s4 2t2 *-***4 ****2 csi2 A-3Z4.

BPMP: Y-9-18

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452359~!0>

29 BARBOSA, AIRES, 1456?-1530?

Arii Baruosae lusitani Antimoria eiusdem, nonnulla Epigramata. - Conimbriae : apud Coenobium Diuae Crucis, MDXXXVI [1536]. - XLVIII f. ; (15 cm) 8to

Ded.: "Infantem .D. Alfonso".

No rosto: brasão do Cardeal-Infante D. Afonso. Capitais decoradas.

Assinaturas: A-F8.

F. manchadas de humidade, fungos e acidez.

BPMP: X1-3-45[1]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312206~!0>

30 BARREIROS, GASPAR, ?-1574, O.F.M.

Censuras de Gaspar Barreiros sobre quatro liuros intitulados em M. Portio Catam De Originibus, em Beroso Chaldaeo, em Manethon Aegyptio & em Q. Fabio Pictor Romano. - Em Coimbra : per Ioam Aluares, 1561. - [55, 1 br.] f. ; 22 cm (4to)

Ded.: "Frei Marcos de Bethania".

No rosto: escudo das armas reais com grifo no timbre.

Capital e capitulares decoradas.

Assinaturas: B4 C-H8 I4.

BPMP: RES-XVI-A-186[4]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312209~!0>

31 BARTHOLIN, THOMAS, 1616-1680

Thomae Bartholini De Unicornu observationes novae. - Secunda editione / auctiores et emendatiores editae a filio Casparo Bartholino. - Amstelaedami : apud J Henr. Wetstenium, MDCLXXXVIII [1678]. - [16], 381, [15] p. : il. ; 14 cm (32mo)

Assinaturas: *8 A-Q12 R6.

BPMP: T-11-10

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452335~!0>

32 BAUHIN, CASPAR, 1560-1624

Theatrum anatomicum Caspari Bauhini Basillen. Archiatri infinitis locis auctum, ad morbos accommodatum & ab erroribus ab authore repurgatum : observationibus & figuris aliquot novis aeneis illustratum. - Editionem secundam. - [Frankfurt am Main] : opera sumptibusque Iohan. Theodori de Bry, MDCXXI [1621]. - [14], 664, [14] p. ; 24 cm (4to)

Assinaturas:)(4)(3 A-4P4 4Q2.

BPMP: Y-10-15

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452355~!0>

33 BAUHIN, JOHANN, 1541-1613

Historia plantarum universalis, nova et absolutissima : cum consensu et dissensu circa eas / auctoribus Ioh. Bauhino ... et Ioh. Hen. Cherlero ... ; Quam recensuit & auxit Dominicus Chabraeus ... ; Iuris verò publicit fecit Franciscus Lud. a Graffenried - Ebroduni : [Franciscus Lud. a Graffenried], MDCL-MDCLI [1650-1651]. - 2 vol. ([12], [1], 440, 9, [1] p.; [12], 1074 [i.e. 1090], [12] p.) : il. ; 38 cm (folio)

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: pi6 A-T6 V4 X-Z6 2A-3D6 A-2K6 2L8 2M6 2N8 [caldeirão]5; pi6 [caldeirão]3 A-2K6 2K[caldeirão]6 2K2[caldeirão]2 2L-4F6 4G4 4H-4U6 4X4 [adaga]6.

BPMP: U-13-34

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452408~!0>

34 BESSON, JACQUES, FL. 15--

Theatre des instrumens mathematiques et mechaniques de Jaques Besson Daupinois, ... avec l'interpretation des figures d'iceluy, par François Beroald. - A Lyon : par Barthelemy Vincent, MDLXXVIII [1578]. - [40] p., 60 f. de estampas : il. ; 40 cm (folio)

Assinaturas: A-E4.

BPMP: R-14-23

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452457~!0>

35 BLUTEAU, RAFAEL, 1638-1734, C.R.

Instrucçam sobre a cultura das amoreiras & criação dos bichos da seda : dirigida a conseruação & aumento das manufacturas da seda, estabelecidas pelo ... Príncipe Dom Pedro Governador e Regente ... de Portugal e cometidas á direcção de D. Luis de Menezes, Conde da Ericeira / pelo P. D. Rafael Bluteau. - Em Lisboa : na officina de Ioam da Costa, 1679. - 34, [8], 35-230, [1] p. ; 15 cm (8vo)

Cad. das licenças (*4) intercaladas entre p. 34 e 35.

Assinaturas: A-B8 *4 C-O8 P4.

F. manchadas de acidez e humidade.

BPMP: RES-XVII-a-229

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316168~!0>



36

BOCARRO, MANUEL, 1588-1662

Tratado dos cometas que appareceram em Novembro passado de 1618 / composto pello licenciado Manoel Bocarro Frances, Medico, & Astrologo, natural desta cidade de Lisboa. Dirigido ao illustrissimo senhor Dom Fernão Martins Mascarenhas, Bispo, & Inquisidor Gêral nestes Reynos & senhorios de Portugal, &c.. - Em Lisboa : por Pedro Craesbeeck, anno 1619. - 20 f. : il. ; 19 cm (4to)

Xilogravuras com representação de cometas nos f. 8v., 11, 18v., 19v. e 20v.

Xilogravura com escudo das armas do Bispo Inquisidor-Geral D. Fernando Martins Mascarenhas na f. de rosto. Assinaturas: A20.

BPMP: F4-2-29[1]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452593~!0>

37

BONET, THÉOPHILE, 1620-1689

Medicina septentrionalis collatitia, siue, Rei medicae, nuperis annis a medicis anglis, germanis & danis emissae, sylloge & syntaxis : exhibens observationes medicas, in quibus nova, abditae, admirabilia et monstrosa exempla adducuntur : circa, aegritudinum causas, signa eventus, curationes praeterea admirandae proponuntur / opera Theophili Boneti D.M. cum indicibus & figuris neessariis &c.. - Genevae : sumptibus Leonardi Chouët & Socij, MDCLXXXVIMDCLXXXVII [1686-1687]. - 2 vol. ([12], 882 [i.e. 872], [20] p.; [12], 1021 [i.e. 1019], [1 br. 24] p.) ; 35 cm (folio)

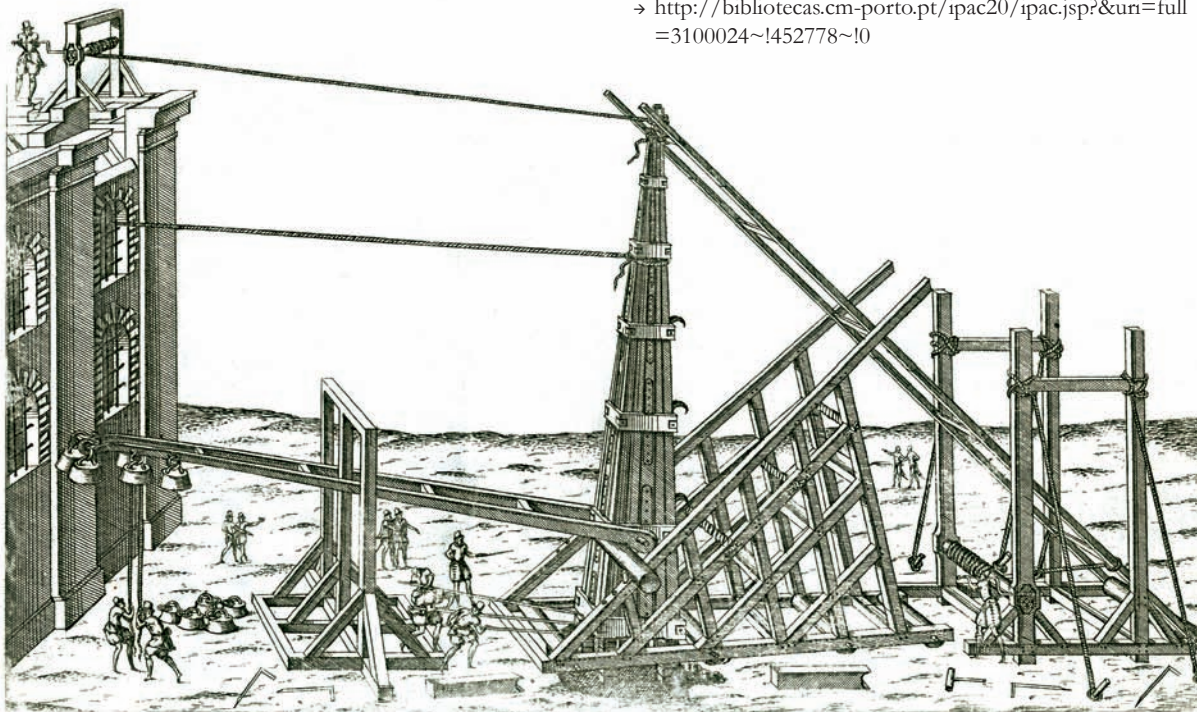
Erros tipográficos de paginação: v. 1, salto p.144 para 147? e 768 para 779, repetida numeração p. 315-316 e 661-662; v. 2, salto p. 540 para 543, repetida numeração p. 75-76.

Assinaturas: [caldeirão]6 A-4C6 4D4 a6 b4; *6 A-4P6 4Q8 A-B6.

Faltam as 4 p. finais (B5 e B6) do vol. 2 e estampas.

BPMP: X-13-14

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452778~!0>



38 BOTALLO, LEONARDO, 1530-CA 1587

De curatione per sanguinis missionem : de incidendae venae cutis scarificandae, et hirudinum amplicandarum modo / autore Leonardo Botallo - Lugduni : apud Ioan. Huguetan, MDLXXX [1580]. - [10], 212, [4] p. : il. ; 17 cm (8vo)

Inclui: Errata.

Assinaturas: A-O8 csi1.

BPMP: Y-2-12

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452676~!0>

39 BOYLE, ROBERT, 1627-1691

Experimenta nec non observationes circa variarum particularium qualitatum originem, sive productionem mechanicam : quibus accesserunt tractatus quo imperfecta chymistarum doctrina de qualitibus detegitur, & quaedam in hypothesin de alcali & acido animadversiones / authore Roberto Boyle. - Genevae : apud Samuelem de Tourne, MDCXCIV [1694]. - XVI, 144 p. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: *4 **4 A-S4.

BPMP: X-12-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452826~!0>

40 BRAHE, TYCHO, 1546-1601

Tychonis Brahe Dani, Epistolarum astronomicarum libri : quorum primus hic illustriss. et laudatiss. principis Gulielmi Hassiae Landtgrauj ac ipsius mathematici literas, vnaque responsa ad singulas complectitur. - Imprimebantur Vraniburgi Daniae, prostant Francofurti : apud Godefridum Tampachium, MDCX [1610] (Uraniburgi : ex officinâ Typographicâ authoris, MDXCVI [1596]). - [40], 309, [2, 1 br.] p. : il. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: *4 (:)4):(4 (*)4)*(4 A-2Q4.

BPMP: R-8-74

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452878~!0>

41 BRASAVOLA, ANTONIO MUSA, 1500-1555

Antonii Musae Brasavoli ... Index refertissimus in omnes Galeni libros : qui ex Iunctarum sexta editione extant : in quam indicem eorum operum inclusimus, quae postremo ad nos peruenere. - Venetijs : apud Iuntas, MDLXXXVI [1586]. - [4], 547, [1] f. ; 37 cm (folio)

Assinaturas: *4 a-3y8 3z4.

BPMP: X-13-17[5]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453352~!0>

42 BRASAVOLA, ANTONIO MUSA, 1500-1555

Antonii Musae Brasavoli Examen omnium simplicium, quorum vsus in publicis est officinis : opus perinsigne, et medicinam facientibus perutile, ab ipso autore recognitum et auctum. - Lugduni : sub scuto Coloniensi, 1546. - 862, [58] p. ; 13 cm (12mo)

Assinaturas: a-z8 A-2I8 2m4.

Faltam as p. 53 e 467.

BPMP: Y1-3-51

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458298~!0>

43 BRAVO, JUAN, FL. 15--

Ioannis Braui Petrafitani ... in Hippocratis Prognostica commentaria - Editio secunda nunc denuò ab eodem autore recognita & aucta. - Salmanticae : apud Ioannem & Andream Renaut fratres : expensis Ioannis Pulmani Bibliopola, MDXCIII [1594]. - [8], 499, [1 br., 20] p. ; 20 cm (8vo)

Assinaturas: *4 A-2I8 2K4.

Pert.: "Fran.co de Miranda".

BPMP: U-11-12

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452941~!0>

44 BRUELE, GUALTHERUS, FL. 15--

Praxis medicinae theorica et empirica familiarissima Gualteri Bruele : in qua pulcherrima dilucidissimaque ratione morborum internorum cognitio, eorundemque curatio traditur : thesaurus innocentia. - Antuerpiae : apud Christophorum Plantinum, MDLXXXV [1585]. - [8], 186, [2 br.] p. ; 30 cm (folio)

Assinaturas: [adaga]4 A-Z2 a-z2 Aa2.

Pert.: "Este livro he do D.tor Andre Henes medico.Socedeo a seu f.o o D.tor fr.co Roballo Henes o qual ja havia signado do [?] D.or Henes Robalo - todos medicos. Sem raça de judeos. -- anno Dñi 1609".

BPMP: X-14-25

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452900~!0>

45 BUONANNI, FILIPPO, 1638-1725, S.J.

Recreatio mentis et oculi in observatione animalium testaceorum curiosis naturae inspectoribus Italico sermone primùm proposita a P. Philippo Bonanno : nunc denuò ab eodem latinè oblata, centum additis testaceorum iconibus, circa quae varia problemata proponuntur. - Romae : ex Typographia Varesij, MDCLXXXIV [1684]. - [18], 270, [10] p., [1 br.], [144] f. de estampas, [2 br.] : il. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: [pi]3 [adaga]6 A-2M4 [csi]2 a-2c4 2d6 2e-2k4 2I3.

BPMP: T-11-20

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!452928~!0>

46

CABREIRA, GONÇALO
RODRIGUES DE, 15---16--

Compend[io] de muito[s] e varios remedios d[e] Cirurgia & o outras cousas curiosas : recopiladas do Tesouro dos pobres & outros autores / por Gonçalo Rodrigues de Cabreira. - E nesta quinta impressam emmendado & acrescentado hum tratado de perseverar do mal da peste. - Em Lisboa : [n]a officina de Francisco Vill[ela], 1671. - [4],161 [i.e. 139], [5] f. ; 15 cm (8vo)

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: [cruz de malta]4 A-S8.

Contém: Tratado e remedios preservativos & curativos para todo o tempo de peste, assin. [P8-S8]

Faltam as f. [3-5] finais; aparado; f. manchadas de humidade e acidez; f. restauradas; acção de insectos.

BPMP: RES-XVII-a-234

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316171~!0>

47

CARAMUEL LOBKOWITZ, JUAN,
1606-1682, O. CIST.

Ioannis Caramuelis Mathesis biceps : vetus, et nova ... : in omnibus, et singulis veterum, & recentiorum placita examinantur, interdum corriguntur, semper dilucidantur: & pleraque omnia mathemata - Campaniae : In Officinâ episcopali, MDCLXX [1670] (prostant Lugduni : apud Laurentium Anisson). - 2 vol. ([14], LXXVIII [i.e. LXXXII], 780 [i.e. 782] p., LII f. estampas; [48] 781-1711 p.) : il. ; 33 cm (folio)

Erro tipográfico de paginação.

Assinaturas: pi4 *4 a-d4 e6 f-i4 k2 l2(l1-l2) A-B4 C-E2 F4 F6 G2 H4 I-V2 X-Y4 Z2 2A-2C2 2D4 2E-2F2 2G-2H4 2I2 2K4 2L-2N2 2O4 2P2 2Q-3D4 3E2 3F-3K4 3L2 3M3-3P4 3Q2 3R-3V4 3X2 3Y-4A4 4B2 4C4 4D-4H2 4I-4K4 4L-4S2 4T-5B4 5C2 5D4 5E-5G2 5H-5L4 5M-6C2; pi2 a-d4 e6 A-4H4 4I-4K2 4L-6C4.

Faltam as p. 779-780 (6C2) e f. estampa XII.

BPMP: Q-14-44

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453089~!0>

48

CARDOSO, FERNANDO
RODRIGUES, ?-1608

Tractatus de sex rebus non naturalibus / a doctore Ferdinando Roderico Cardoso. - Nunc primum in lucem editus. - Olyssipone : ex officina Georgii Rodriguez, 1602. - [4], 180, [4] f. ; 18 cm (4to)

Assinaturas: [par.]4 A-Y8 Z4 2a4.

F. manchadas de humidade e acidez; acção de insectos; notas manusc. e sublinhados.

BPMP: RES-XVII-A-269

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314323~!0>

49

CARDOSO, JERÓNIMO,
1508-1569

Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m] : cum adagiorum ferè omnium iuxta seriem alphabeticam per utili expositione / per Hieronymu[m] Cardosum lusitanum congesta ; recognita vero omnia per Sebast. Stokhamerum Qui libellum etiam de proprijs nominibus regionu[m], populorum, illustrium virorum ... / collegit ... Sebastianus Stochamerus. - Conimbricæ : excussit Ioan. Barrerius, 12 Kal. Iulij 1570 [20 Junho 1570]. - [4], 172 [i.e. 262], 84, [12], [54] f. ; 21 cm (4to)

Ded.: “Sebastianum primum Augustum Lusitanorum Regem”.

Lic.: “Cu[m] sancta Inquisitionis Magistratus approbatione”; “Com priuilegio Real”.

“Em papel taxado a r[e]i[s]” (manusc. 300).

Data do colofão e data da 2ª obra: 1569.

No rosto: escudo das armas reais. Capitais decoradas. Texto a duas coln. Erros de fol.

Assinaturas: [par.]4 A-2I8 2K6 A-M8, A-P8 G6.

Contém: Breve dictionarium vocum ecclesiasticarum; Epistola latina do A. a Salvador Rodrigues; De monetis tam graecis quàm latinis ad usum praesentem redactis, f. [1-12].

F. manchadas de acidez; notas manusc. nas margens e texto sublinhado.

BPMP: RES-XVI-A-160

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312236~!0>

50

CARDOSO, JERÓNIMO,
1508-1569

Hieronomi Cardosi lusitani Apologus de morte & pastore cum alijs elegiacis. - [Olysiopone] : [João Blávio], [1558]. - [8] f. ; 14 cm (8vo)

Assinaturas: A8.

Contém: Aenigma vernaculo ex idiomate latine redditum, f.[6v-7v].

Faltam as f. [1] e [8]; f. manchadas de tinta e humidade; f. rest.; em anexo [2] f. com dedicatória (da obra?).

BPMP: RES-XVI-a-473[2]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312238~!0>



51 CASTRO, ANDRÉ ANTÓNIO DE, 15---1642

Doctoris Andreae Antonii de Castro ..., de februm curatione libri tres. Quibus accessere duo alii libelli de simplicium medicamentorum facultatibus; et alter de qualitatibus alimentorum, quae humani corporis nutritioni sunt apta. Cum Indice. - Villaviçosae : apud Emmanuelem Carvalho, MCDXXXVI [1436] [i.e. 1636]. - [12], 271 [i.e. 270], [12] f. ; 28 cm (folio)

Erros tipográficos de paginação e assinaturas.
Assinaturas: [par.]6, [par.]6 A-2Y6 a-b6.

Faltam as f. [par.]2 e [par.]5 e f. 27 (E3), f. 28 (E4) e f. [12] (b6).

BPMP: X-14-15

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!433894~!0>

52 CASTRO, ESTÊVÃO RODRIGUES DE, 1559-1638

D. Stephani Roderici Castrensis Lusitani ... Syntaxis praedictionum medicarum, opus varietate, et utilitate doctrinae praestantissimum ... accessit triplex eiusdem authoris elucubratio. I. De chyrurgicis administrationibus. II. De potu refrigerato. III. De animalibus microcosmi. - Lugduni : sumpt. Phil. Borde, Lavr. Arnaud, et Cl. Rigaud, MDCLXI [1661]. - [12], 452 [i.e. 456], [14] p. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: ã4 ê2 A-3N4.

Pert.: "João Dias".

BPMP: Y-8-52

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453038~!0>

53 CASTRO, RODRIGO DE, 1546-1627

Roderici A Castro Lusitani ... De universa muliebrum morborum medicina, novo et antehac a nemine tentato ordine opus absolutissimum. Et studiosis omnibus utile, medicis vero pernecessarium : pars prima theórica [-secunda, sive praxis]. - Altera editio auctior et emendatior. - Hamburgi : Ex Bibliopolio Frobeniano, MDCXVII [1617]. - [24], 226, [41], [1 br.], [4], 541, [43] p., [1] f. desd. : il. ; 21 cm (4to)

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: a-c4 A-2K4 2L2 a[adaga]2, A-4D4.

Contém: Pars prima: Quatuor comprehensa libris, in quibus cuncta, quae ad mulieris naturam, anatomen, semen, menstruum, conceptum, uteri gestationem, foetus formationem, & hominis ortum attinet, abundantissimè explicantur. Pars secunda: Quatuor contenta libris, in quibus mulierum morbi universi, tam, qui cunctis foeminis sunt communes, quam, qui virginibus, viduis, gravidis, puerperis, & lactantibus peculiares, singulari ordine traduntur, subinde[que] variae sterilitatis species, earum[que] naturae, causae, signa, & curationes, distincta & accurata methodo edocentur. Additis insuper singulis fere capitibus, eiusdem authoris scholiis, ...

Pert.: "Luis Ferrant"?

BPMP: X-5-52

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!435158~!0>

54 CHAMIÇO, JOÃO BRAVO, 15---POST. A 1636

Ioannis Bravo Chamisso ... De medendis corporis malis per manulem operationem tomus primus. - Conimbricæ : typis Emmanuelis de Araujo, anno Domini 1605. - [4], 236, [5] f. ; 26 cm (folio)

Assinaturas: ã4 A-2C8 2D10 2E-2F8 2G4 ã5.

F. manchadas de humidade.

BPMP: RES-XVII-B-23

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314351~!0>

55 CHAVES, JERÓNIMO DE, 1523-1574

Chronografia, o, Reportorio de los tiempos : el mas copioso y preciso que hasta ahora ha salido a luz / compuesto por Hieronymo de Chaves. - Añadio se en esta ultima impression una Tabla perpetua - Em Lisboa : por Antonio Ribero, 1576. - [8], 188, [2] f. : il. ; 20 cm (4to)

Lic.: "Con lice[n]cia dil cõsejo general dela sancta Inquisiciõ, y Ordinario"; "Con Privilegio".

"Esta tassado a en papel".

Capitais decoradas.

Assinaturas: [par.]8 A-Z8 2A4 2B2.

Pert.: "Da Cong.m de Vizeu"; "Do p.e Caldas, p.e Montr.º"

Notas marginais. Acção de insectos afectando as f. iniciais; f. manchadas de fungos e acidez; notas manusc. nas margens e texto sublinhado; f. de rosto rest.

BPMP: RES-XVI-A-156A

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312365~!0>

56 CHAVES, JERÓNIMO DE, 1523-1574

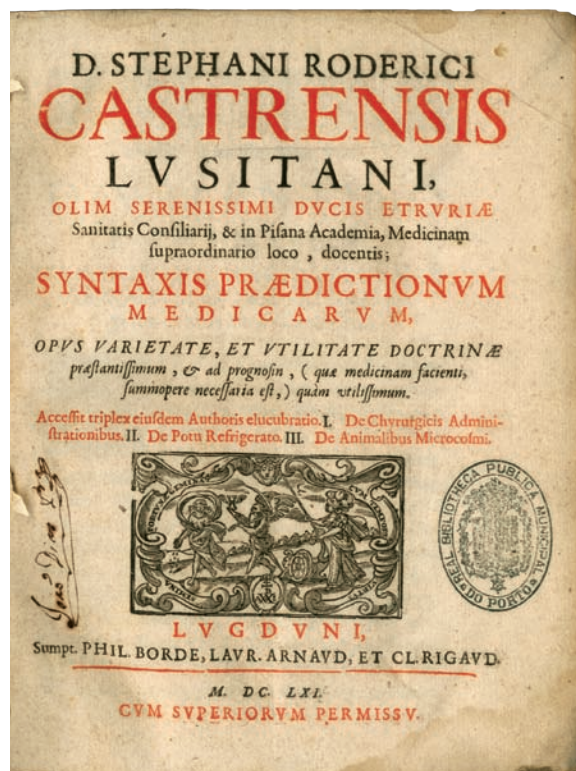
Chronographia, ó, Reportorio de tiempos : reduzido conforme al computo de su Santidad por el licenciado Pedro de Luxan, y añadidos los quartos delas conjunciones, y llenas, que hasta oy ningun otro reportorio tiene, con otras curiosidades / compuesto por Hieronymo de Chaves astrologo y cosmographo. - En Sevilla : en casa de Fernando Diaz en la calle de la Muela : a costa de Francisco Estevan Mercader, año 1588. - 271 [i.e. 270] f. : il. ; 21 cm (8vo)

Assinaturas: [florão]8 A-2I8 2K6.

Pert.: "Da Congreg.am do Oratr.o do Porto".

BPMP: R-9-37

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453140~!0>



57 CÍCERO, 106-43 A.C.

In omnes de arte rhetorica M. Tullii Ciceronis libros, item in eos ad C. Herennium scriptos, doctissimorum virorum commentaria, in unum veluti corpus redacta, ac separatim a Ciceronis contextu ... edita ... Accessit in omnes libros rerum ac verborum memorabilium plenissimus index. - Venetiis : apud Aldi Filios, 1551. - [10] f., 616, columnas, [8] f., 484 columnas, [4] f., 493-824 [i.e. 826] columnas ; 32 cm (folio)

Assinaturas: *10 A-S8 T6 V4 a-h8 i10 l-2c8 2d7.

11 folhas truncadas.

BPMP: K-13-33

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457561~!0>

58 CIERMANS, JEAN, 1602-1648, S.J.

Disciplinae mathematicae traditae anno institutae Societatis Iesu seculari a P. Ioanne Ciermans. - Louanii : apud Euerardum de Witte, MDCXL [1640]. - [108] f. : il. ; 29 cm (folio)

BPMP: R-12-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!451722~!0>

59 CLAVIUS, CHRISTOPH, 1538-1612, S.J.

Christophori Clavii Bambergensis ex Societate Iesu In sphaeram Ioannis de Sacro Bosco commentarius : nunc iterum ab ipso auctore recognitus, & multis ac varijs locis locupletatus. - Romae : ex Officina Dominici Basae, MDLXXXI [1581]. - [31], 467 p. : il. ; 22 cm (8vo)

Assinaturas: [cruz de malta]8 2[cruz de malta]8 A-2F8 2G10.

Pert.: “Fr. João de S. José. Benedittino. 1752.”; “Pe Estevão Soares de Mello. 632”; F. Christianus à Reidt. W. S. A.”. Na p. de rosto, anotação manusc.: “Leonardus Agricola donodedit. Rx. do Dn.o Christiano a Reidt ... A.o 95”.

BPMP: R-9-18

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453141~!0>

60 CLENARDO, NICOLAU, 1495-1542

Absolutissimae institutiones in graecam linguam : cum succinctis Renati Guillonii annotationibus, ac latina graecorum vocum interpretatione : his adjectae sun Meditationes in linguam graecam / auctore Nicolao Clenardo. - Coloniae Aggripinae : ex Off. Birckmannica, anno MDLXXXII [1582]. - 135, [41] p. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: A-L8.

BPMP: I-1-91

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457585~!0>

61

CLENARDO, NICOLAU,
1495-1542

Institutiones absolutissimae in graecam linguam : item annotationes in nominum uerborumq[ue] difficultates, inuestigatio thematis in uerbis anomalis, compendiosa syntaxeos ratio / Nicolao Clenardo. - Lugduni : Apud Seb. Gryphium, 1543. - 133, [3] p. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: a-h8 i4.

BPMP: I-1-89

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457583~!0>



58

62

CLENARDO, NICOLAU,
1495-1542

Institutiones Grammaticae latinae / Nicolai Clenardi ; per Ioannem Vasaeum brugensem auctae & recognitae. - Conimbricae : sumptibus Ioannis Philippe, 1546. - CCLXXX p. ; (15 cm) 8to

Lic.: "Cum Priuilegio Regio".

Capitais decoradas.

Assinaturas: A-R8 S4.

Pert.: "da liuraria de S.ta Cruz de Coimbra". F. manchadas de humidade; acção de insectos afectando texto e margens; notas manusc. e texto sublinhado.

BPMP: RES-XVI-a-459[1]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312248~!0>

63

CONIMBRICENSES

Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu in tres libros De anima Aristotelis Stagiritae. - Conimbricae : typis et expensis Antonij à Mariz, MDXCVIII [1598]. - [4], 558, [2 br., 26, 2 br.] p. ; 26 cm (4to)

Lic.: "Cum Privilegio Regis et Facultate Superiorum".

No rosto: monogr. da Comp. de Jesus, numa vinheta orn. de fig. e folhagens. Capitais e capitulares decoradas.

Inclui: Errata.

Assinaturas: pi2 A-3M4 3N2 3O-4A4 4B2 4C-4D4 4E2 [par.]4.

F. acidificadas. Notas marginais.

BPMP: Y1-4-11

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312275~!0>

64 COPÉRNICO, NICOLAU, 1473-1543

Nicolai Copernici Torinensis De revolutionibus orbium coelestium, libri VI. Habes in hoc opere iam recens nato, & aedito, studiose lector, motus stellarum, tam fixarum, quam erraticarum, cum ex ueteribus tum etiam ex recentibus observationibus restitutos: & nouis insuper ac admirabilibus hypothesibus ornatos. Habes etiam tabulas expeditissimas, ex quibus eosdem ad quoduis tempus quam facillime caculare poteris. Igitur eme, lege, fruere. [Linha em grego]..
- Norimbergae : apud Ioh. Petreium, anno MDXLIII [1543]. - [6], 196 [i.e. 192] f. : il. ; 28 cm (4to)

Cad. g4 deslocado entre e4 ef4 ; faltam as p.125-128 (cad. I4).
Assinaturas: pi6 a-e4 g4 f4 h-z4 A-2C4.

BPMP: RES-XVI-B-45

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455489~!0>

65 COSTA, ANTÓNIO CARVALHO DA, 1650-1715

Astronomia methodica : distribuida em tres tratados. O primeiro da Theorica do Sol, o segundo da Theorica da Lua, o terceiro da Theorica dos Planetas menores / composta pelo Padre Antonio Carvalho da Costa. - Em Lisboa : na officina de Francisco Vilella, 1683. - [16], 173, [35] p. : il. ; 21 cm (4to)

Assinaturas: 4[cruz de malta]4 A-Y4 Z2 2A-2F2 2G4.
Contém: [36] p. finais com tábuas dos movimentos e distâncias heliocêntricas dos planetas.

F. manchadas de humidade e acidez; acção de insectos.

BPMP: RES-XVII-A-272

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316179~!0>

66 COSTA, CRISTÓVÃO DA, 1540-1599

Tractado delas drogas, y medicinas de las Indias Orientales con sus plantas debuxadas al biuo por Christoual Acosta medico y cirujano que las vio ocularmente : en el qual se verifica mucho de lo que escriuio el doctor Garcia de Orta - En Burgos : por Martin de Victoria impressor de su Magestad, MDLXXVIII [1578]. - [24], 448, 38, [2] p. : il. ; 20 cm (8vo)

Assinaturas: [par.]4 2[par.]8 A-L8 M4 N-2G8 2H4.

“Da Congr.cao do Orat.o do Porto”; Dr. Ant.o Pimetel?”.

BPMP: U-3-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!435163~!0>

Haec nota bene se expungat

NICOLAI COPERNICI TORINENSIS
DE REVOLUTIONIBVS ORBIS
um coelestium, Libri VI.

Habes in hoc opere iam recens nato, & ædito, studiose lector, Motus stellarum, tam fixarum, quàm erraticarum, cum ex veteribus, tum etiam ex recentibus observationibus restitutos: & novis insuper ac admirabilibus hypothefibus ornatos. Habes etiam Tabulas expeditissimas, ex quibus eosdem ad quoduis tempus quàm facillime calculare poteris. Igitur eme, lege, frue.

Αναμνηστικὸν εἰς τὴν ἐκδόσιν.

Norimbergæ apud Ioh. Petreium,
Anno M. D. XLIII.

67

CRUZ, ANTÓNIO DA,
FL. 15---16--

Recopilaçam de cirurgia [sic] / pello L.do Antonio da Cruz. - Acrecentada nesta sexta impressão / pelo D. Francisco Soares Feyo e pelo licenciado Antonio Gonçalves. - [Em Lisboa] : [na officina de Henrique Valente de Oliueira], [1661]. - [4], 359, [9] p. : il. ; 19 cm (4to)

Assinaturas: pi2 A-S8 T4 V-Z8 2A4.

Contém: Tratado do scurbuto a que o vulgo chama mal de Loanda. Tratado de como se ham de abrir as fontes.

Tratado da enfermidade do bicho / pello Doctor Francisco Soares Feyo. Tratado da gonorrea / pello licenciado Antonio Gonçalves.

Faltam as p. [1-4] iniciais; f. manchadas de humidade e acidez e dilaceradas nas margens; acção de insectos.

BPMP: RES-XVII-A-257

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314373~!0>

68

DELLA PORTA, GIOVAN BATTISTA,
CA 1535-1615

De humana physiognomonia Ioannis Baptistae Portae Neapolitani libri IV : qui ab extimis, quae in hominum corporibus conspiciuntur signis, ita eorum naturas, mores & consilia (egregijs ad viuum expressis iconibus) demonstrant, vt intimos animi recessus penetrare videantur : omnibus omnium ordinum studiosis lectu vtiles, maximeque iucundi : cum duplici rerum & verborum indice longe locupletissimo. - Rothomagi : sumptibus Ioannis Berthelin, biblipolae, MDCL [1650]. - [12], 403, [41] p. : il. ; 19 cm (8vo)

Assinaturas: a6 A-2D8, E4, F4(-F4).

Pert.: "Da Congreg.am do Oratr.o do Porto".

BPMP: X-3-73

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457613~!0>



68 [pormenor]

69 DESCARTES, RENÉ, 1596-1650

Geometria, à Renato Des Cartes, anno 1637 gallicè edita postea autem vnà cum notis Florimondi de Beavne ... gallicè conscriptis in latinam linguam versa, & commentariis illustrata, operâ atque studio Francisci à Schooten ... Nunc demum ab eodem diligenter recognita, locupletioribus commentariis instructa, multisque egregiis accessionibus, tam ad ulteriorem explicationem, quam ad ampliandam hujus geometriæ excellentiam facientibus, exornata, quorum omnium catalogum pagina versa exhibet. - Editio tertia, multis accessionibus exornata, & plus alterâ sui parte adaucta. - Amstelodami : ex typographia Blaviana, MDCLXXXIII [1683]. - [16], 520, [1] p. ; 21 cm (4to)

Assinaturas: *4 **4 A-3T4.

Pert.: “Da Livraria da Congr.am do Oratr.o do Porto”.

BPMP: R-12-37

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!451167~!0>

70 DESCARTES, RENÉ, 1596-1650

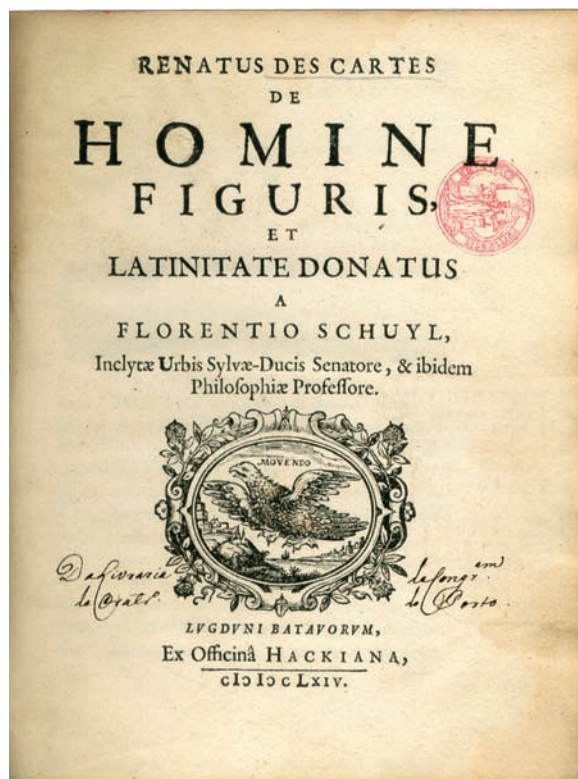
Renatus Des Cartes de homine figuris, et Latinitate donatus a Florentio Schuyl - Lugduni Batavorum : ex officinâ Hackiana, MDCLXIV [1664]. - [36], 121 [i.e. 123], [1] p., [10] f. desd. : il. ; 21 cm (4to)

Erros tipográficos de paginação; Incluí f. entre p.8-9 (A4-B), 2 f. entre p. 110-111 (O3-O4), 7 f. entre p.118-119 (P4-Q1). Assinaturas: a-d4 e2 A-P4 Q2.

Pert.: “Da Livraria da Congr.am do Orat.o do Porto”.

BPMP: Q-13-25

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!451491~!0>



70

71

**DIOSCORIDES, PEDANIUS,
1-- A.C.**

Pedacio Dioscorides Anazarbeo, Acerca de la materia medicinal, y de los venenos mortiferos / traducido de lengua griega, en la vulgar castellana y ilustrado con claras y sustanciales anotaciones, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas, y raras, por el Doctor Andres de Laguna ... va añadida una tabla para hallar remedio a todo genero de enfermedades, y otras cosas curiosas, nunca antes impressas. Y aora en esta ultima impression corregido y emendado de muchos errores que tenia, conforme al catalogo nuevo del Santo Oficio - En Valencia : por Miguel Sorolla junto al Estudio General : a costa de Claudio Mace, mercador de libros, año de MDCXXXVI [1636]. - [20], 616, [28] p. : il. ; 29 cm (folio)

Assinaturas: pi2 [par.]8 A-2Q8 2R10.

BPMP: U-13-22

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~1453309~10>

72

**DIOSCORIDES, PEDANIUS,
1-- A.C.**

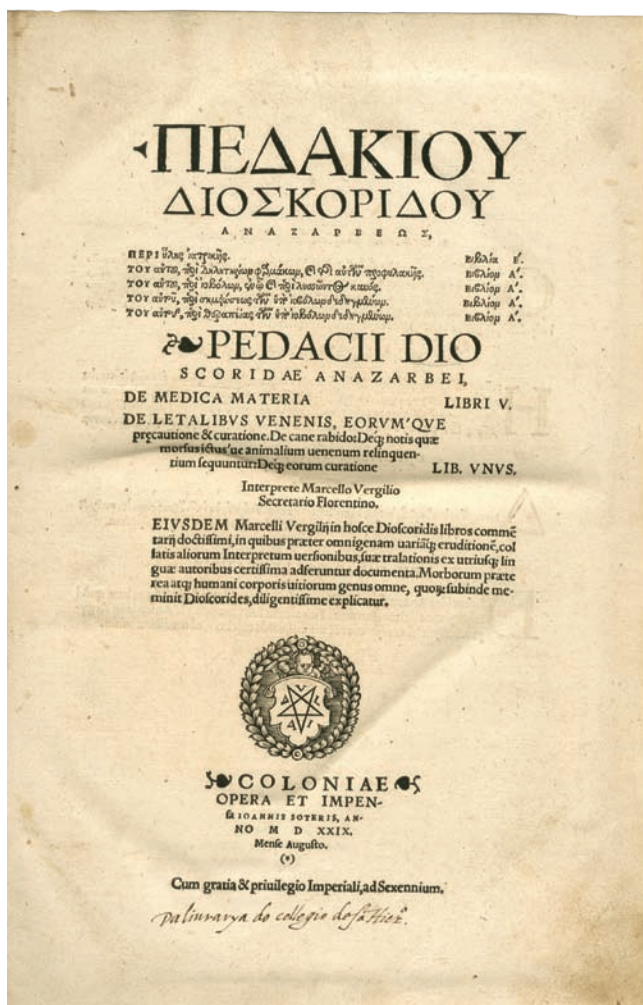
Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la materia medicinal, y de los venenos mortiferos / traducido de lengua griega, en la vulgar castellana, & ilustrado con claras y sustanciales anotaciones, y con las figuras de innumeras plantas exquisitas y raras, por el Doctor Andres de Laguna, Medico de Iulio. III. Pont. Maxi. - En Salamanca : por Mathias Gast, año 1566. - [12], 616, [28], [16] p. : il. ; 28 cm (folio)

Assinaturas: [par.]6 A-2R8 2S2 [par.]6 2[par.]2.

Pert.: ilegível.

BPMP: U-13-20

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~1453245~10>



73 DIOSCORIDES, PEDANIUS, 1-- A.C.

Pedakiou Dioskoridou Anazarbeōs, Peri hylēs iatrikēs, Biblia E'. : Tou autou, Peri dēlētēriōn pharmakōn, kai tōn autōn prophylakēs, Biblion A'. Tou autou, Peri iobolōn, en hō kai peri lyssōntos kynos, Biblion A'. Tou autou, Peri semeiōsēōs tōn hypo iobolōn dedēgmenōn, Biblion A'. Tou autou, Peri therapeias tōn hypo iobolōn dedēgmenōn, Biblion A = Pedacii Dioscoridae Anazarbei, De medica materia, libri V. : De letalibus venenis, eorumque pr[a]ecautione & curatione. De cane rabido: deque notis quae morsus ictusque animalium uenenum relinquentium sequuntur, deque eorum curatione: interprete Marcello Vergilio Secretario Florentino. Eiusdem Marcelli Vergilij in hosce Dioscordis libros comme[n]tarij doctissimi, in quibus praeter omnigenam uaria[m] que eruditione[m], collatis aliorum interpretum uersionibus, suae translationis ex utriusque linguae autoribus certissima adferuntur documenta. Morborum praeterea atque humani corporis uitiorum genus omne, quor[um] subinde meminit Dioscordes, diligentissime explicatur. - Coloniae : opera et impensa Ioannis Soteris, anno MDXXIX [1529] mense Augusto. - [28], 753 p. [1] f. : il. ; 32 cm (folio)

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: 2A-2C4 a-z6 A-Z6 2A-2R6.

Pert.: "Da livraria do collegio de Sa Hier.o".

BPMP: U-13-25

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453327~!0>

74 DIOSCORIDES, PEDANIUS, 1-- A.C.

Pedakiou Dioskoridou peri hulēs iatrikēs logoi hex ... = Pedacii Dioscoridis de materia medica libri sex - Venetiis : in aedibus Aldi et Andreae Soceri, mense Iunio MDXVIII [Junho 1518]. - [12], 235 [i.e. 243], [1] f. ; 21 cm (8vo)

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: *12 a[alfa]-z[psi]8 &[omega]8 A[alfa]-F[zeta]8 G[eta]4.

BPMP: U-2-43

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!435341~!0>

75 DIOSCORIDES, PEDANIUS, 1-- A.C.

Pedanii Dioscoridis Anazarbei, De medicinali materia libri sex, Ioanne Ruellio Suessionensi interprete : cuilibet capiti huius secuondae editionis additae annotationes ... cum triginta iconibus stirpium no[n]dum delineataru[m], quas huiusce libri finis dabit. - Lugduni : apud Balthazarem Arnoelletum, MDLII [1552]. - [16], 790, [18] p. : il. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: 2a-2b8 a-z8 A-2C8 2D4 2E8.

Pert.: "Da Livraria do Conv.to de S. Ago. do Porto". Falta p. 1-2 (a1).

BPMP: U-2-46

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453208~!0>

76 DODOENS, REMBERT, 1517-1585

Cruydt-boeck van Rembertus Dodonaeus
: volgens sijne laetste verbeteringe : met
biivoegsels achter elck capittel, uut verscheyden
cruydtbeschrijvers : item in't laetste een
beschrijvinge van de Indiaensche gewassen, meest
getrocken uut de schriften van Carolus Clusius.
- Tot Leyden : inde plantijnsche druckerije van
François van Ravelingen, 1618. - [32], 1495, [1br.],
[60] p. : il. ; 37 cm (folio)

Título de anteportada: Herbarius oft cruydt-boeck van
Rembertus Dodonaeus.
Assinaturas: *4 [par.]4 2[par.]4 3[par.]4 A-Z6 a-z6 2A-2Z6
2a-2z6 3A-3Z6 3a-3i6 3k4 A-F4 G6.

Faltam as p. 31-32 (D4).

BPMP: U-13-30

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453297~!0>

77 DODOENS, REMBERT, 1517-1585

Remberti Dodonaei Mechliniensis medici caesarei
Stirpium historiae pemptades sex sive libri XXX
: variè ab auctore, paulo ante mortem, aucti &
emendati. - Antuerpiae : ex officina Plantiniana,
apud Balthasarem et Ioannem Moretos, MDCXVI
[1616]. - [16], 872, [66] p. : il. ; 36 cm (folio)

Assinaturas: *8 A-Z6 a-z6 2A-2Z6 2a-2h6 2i8.

Pert.: “Da Botica”; “S. Thyroso” [f. guarda inicial].

BPMP: U-13-31

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453251~!0>

78 DUBOIS, JACQUES, 1478-1555

De medicamentorum simplicium delectu,
praeparationibus, mistionis modo, libri tres.
Iacobo Sylvio medico autore. Cum indice omnium
rerum hoc opere memoratarum, ampliss.. -
Lugduni : apud Ioan. Tornaesium, & Gulielmum
Gazeium, 1548. - 475 [i.e. 473], [1] br., [34] p. ; 12
cm (12mo)

Assinaturas: a-z8 A-H8 I6.

Pert.: “Manoel Fra”. Faltam as p. 1 a 16 (a1-a8) e 23 a 34 (I6).

BPMP: X-9-54

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458433~!0>

79 DÜRER, ALBRECHT, 1471-1528

Albertus Durerus Nurembergensis Pictor Huius
[a]etatis celeberrimus, versus è germanica lingua
in latinam, pictoribus, fabris [a]erariis ac lignariis,
lapididis, statuariis, & uniuersis demum qui circino,
gnomone, libella, aut alioqui certa mensura opera
sua examinant propè necessarius, adeò exacte
quatuor his suarum Institutionum Geometricarum
libris, lineas, superficies & solida corpora tractauit,
... - Lutetiae : apud Christianum Wechelum, in via
Iacobaea, sub scuto Basiliensi, anno MDXXXII
(nonis Augusti) [1532]. - [6], [2 br.], 185, [3] p. : il. ;
32 cm (folio)

Assinaturas: a4 A-P6 Q4.

Pert.: “Da livraria do collegio de Sa Hier.o”.

BPMP: R-14-27

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453443~!0>

80 ERASMO DE ROTERDÃO, 1466/1469-1536

Conscribendarum epistolarum ratio / per D.
Erasmus Rot. - Lvgduni : apud Gryphium, 1531.
- 360 p. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: a-y8 z4.

Faltam as p. 81-82 (f1) e 191-192 (m8).

BPMP: RES-XVI-a-131

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458138~!0>

81 ERASMO DE ROTERDÃO, 1466/1469-1536

D. Eras. Roterodami de duplici copia, verborum
ac reru[m] co[m]mentarij duo : adiectis ad
margine[m] - Parisiis : apud Simonem
Colinaeum, 1534. - 136, [19] f. ; 17 cm (8vo)

Assinaturas: a-t8 v3.

BPMP: Y1-3-66

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458325~!0>

82 ERASMO DE ROTERDÃO, 1466/1469-1536

Des. Erasmi Roterodami Enchiridion militis
Christiani ejusdemque, Oratio de virtute
amplectenda. - Lugduni Batavorum : apud Andr.
Cloucqium, MDCXXIV [1624]. - 240 p. ; 11 cm
(16mo)

Assinaturas: A-P8.

BPMP: N-5-70

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!450850~!0>

83 ERASMO DE ROTERDÃO, 1466/1469-1536

Enquiridiõ o Manual del cavallero christiano /
cõpuesto primero e[n] latin por el eccle[n]te e
famoso varo D. Erasmo Roterodamo ; traduzido
de alli e[n] castellano. - Lixboa : en casa de Luys
Rodrigues, 1541. - CXX f. : il. ; 20 cm (4to)

Texto em caracteres góticos. Capitais decoradas.

Assinaturas: pi8 A-O8.

Faltam as f. I-VII; f. manchadas de humidade e acidez; notas
manusc. e texto sublinhado.

BPMP: X1-7-12

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312295~!0>

84 ERASMO DE ROTERDÃO, 1466/1469-1536

Typographus lectori. Adagiorum Chiliades Des. Erasmi Roterodami Toties Renasci spero aequis lectoribus esse gratissimum, quando semper redeunt tum auctiores, tum emendatiores. In hac editione, que postrema autoris est recognitio, ... magna ... adiuncta est accessio - Basileae : ex Officina Frobeniana, an. MDXXXIX [1539]. - [72], 1071, [1] p. ; 34 cm (folio)

Assinaturas: 2a-2f6 a-z6 A-3T6 3V8.

Pert.: “Do mostr.o de eloi de Lis.a. Francisco de Sa Maria” (rasurado); “De S.to Eloy do Porto. Pedro de S. Tiago R.tor” [f. de rosto]. No verso da f. de rosto, lê-se a anotação manuscrita: “Estas obiliadas[?] se poderaõ ler cõ cõdição q se risquem por huãs do doctor lopo cêtil q eu emmêdei tirãdo ha os lugares suspectos e escãdalosos q tẽ m.tos q tãbẽ se poderaõ emêdar por huãs q me parece q tem os Bdõs padres da cõpanhia q elles emêdaraõ. Doutra maneira se nõ poderaõ ler estas e cõ toda abrevidade se faça esta diligêtia. Frei Bartholameu Ferr.a”; “Estas obiliadas emendei conforme ao dito do p. frei bartholameu ferr.a por huãs do doutor Inocencio soeiro nas quais estauaõ emendados e riscados todos os lugares sospeitos por autoridade de sancto officio: como se mostraua no principio dellas por hũ escrito do mesmo padre que da sua mão estava assinado. D.o de Saõ Matheus”. Faltam as p. 683-692 (L6-M4), 847-860 (2B4-2C4).

BPMP: L-13-21

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!441931~!0>

85 ESTAÇO, AQUILES, 1524-1581

Achillis Statii Lusitani Castigationes ac explanationes in Topica M. Tullii Ciceronis. - Lovanii : excudebat Servatius Sassenus, impensis viduae Arnoldi Birckmanni, an. MDLII [1552]. - [44] f. ; 16 cm (12mo)

Assinaturas: A-E8 F4.

BPMP: I-6-25

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457646~!0>

86 ESTAÇO, AQUILES, 1524-1581

Achillis Statii Lusitani commentarii in librum Ciceronis De fato : ad clarissimum virum Laurentium Pirez de Tavora. - Lovanij : ex officina Servatij Sasseni, anno MDLI [1551]. - [36] f. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: A-D8 E4.

BPMP: I-6-25

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457666~!0>

87

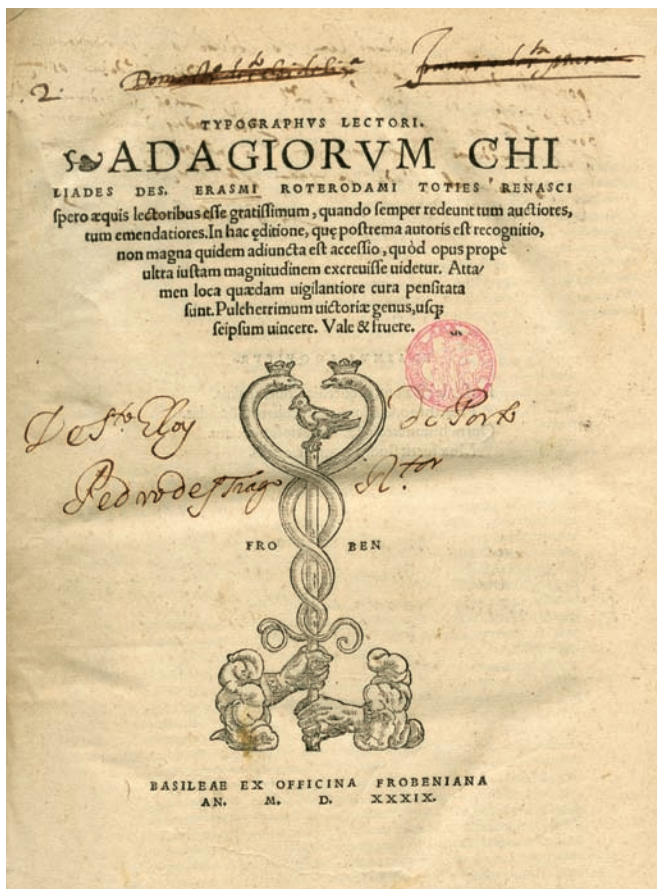
ESTAÇO, AQUILES, 1524-1581

M.T. Ciceronis De optimo genere oratorum, liber. Achillis Statii lusitani in eundem commentarij. - Lovanij : excudebat Seruatius Sassenus, impensis viduae Arnoldi Birckmanni, an. MDLII [1552]. - [64] f. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: A-H8.

BPMP: I-6-25

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457663~!0>



84

88

EUCLIDES, CA 325-CA 265 A.C.

Contenta. Euclidis Megarensis Geometricorum eleme[n]torum libri XV. Campani Galli tra[n]salpini in eosdem co[m]mentariorum libri XV. Theonis Alexandrini Bartholamaeo Zamberto Veneto interprete, in tredecim priores, commentariorum libri XIII. Hypsiclis Alexan[drini] in duos posteriores, eode[m] Bartholamaeo Zamberto Veneto interprete, comme[n]tariorum libri II. Vtcunque noster valuit labor conciliata sunt haec omnia, ad studiosorum non paruam (quam optamus) vtilitatem: id magnifico D. Francisco Briconneto postula[n]te. Si haec beneuole suscipia[n]tur, & fructum adfera[n]t que[m] cupimus: alia eiusde[m] authoris opera prodibu[n]t in luce[m], successum praesta[n]te deo, & adiutoribus (vbiubi ge[n]tiu[m] sint) ad bonaru[m] literaru[m] initione[m] probe affectis Gallis, Italis, Germanis, Hispanis, Anglis. quibus omnibus prospera imprecamur: & puram pro dignitate veramq[ue] cognitionis lucem. - Parisiis : in officina Henrici Stephani e regione scholae decretorum, MDXVI [1516]. - 261, [1 br.] f. : il., diagramas ; 32 cm (folio)

Editor Lefèvre d'Étaples.

Data segundo carta dedicatória de Jacobus Fabes.

Assinaturas: a-y8 z6 &6 A-H8 I10.

Pert.: “Este Livro he do Cabido do Porto. Salvador Vareyro”; “Este Livro Autor Euclides; he do Cabido da Se do Porto, donde o tirou com Licença dos Sres. do Cabido, e se tornara a seu lugar: lembrando q ha excumunhão para q se não tirem, e a mesma para q se restitua. Vareiro” [guardas iniciais].

BPMP: E1-12-30

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!459103~!0>

89 EUCLIDES, CA 325-CA 265 A.C.

Euclidis Elementoru[m] libri VI. - Ferrarie : ad instantiam Catharini Doini, apud Franciscum Succium, 1628. - 240 p. : il. ; 14 cm (12mo)

Assinaturas: A-K12.

BPMP: R-6-37

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453412~!0>

90 FARIA, ANTÓNIO SOARES DE, 1642-1730

Fasciculus medicus practicus ex quatuor tractatibus collectus : unà cum Indicibus alphabeticis librorum ac aphorismorum Hippocratis, Galeni & Avicennae, eorundemque commentatoribus / authore Antonio Soares de Faria. - Ulyssipone : ex officina Michaelis Deslandes, 1700. - [32], 371, [1] p. : il. ; 21 cm (4to)

Assinaturas: *8 **8 A-Y8 Z10.

F. manchadas de humidade, sujas e perfuradas; acção de insectos afectando margens.

BPMP: RES-XVII-A-266

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314885~!0>

91 FERNANDES, BENTO, FL. 1555

Tratado da arte de Arismetica / nouame[n]te cõposto e ordenado por Be[n]to Fernãdez. - Porto : por Frãcisco Correa, 1555. - [4], 118 f. ; 28 cm (folio)

Lic.: “Com Priuilegio Real”.

No rosto: port. orn. de fig. e folhagens, com o escudo das armas reais, na parte sup., ladeado pela esfera armilar e a Cruz de Cristo. Texto a negro e vermelho. Capitais e capitulares decoradas.

Assinaturas: pi4 a6 b-p8.

Pert.: “Antonio Pereira da Maya”? Rosto e f. mutiladas afectando o texto; f. acidificadas; acção de insectos no texto e margens; assinatura autógr. de Bento Fernandes, f. 118v.

BPMP: Y1-3-31

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312302~!0>

92 FERNÁNDEZ DE OVIEDO, GONZALO, 1478 -1557

Oviedo de la natural hystoria de las Indias. - Se imprimio a costas del autor Go[n]çalo Ferna[n]dez de Oviedo al[ia]s de Valdes. Por industria de maestre Remo[n] de petras [e] se acabo en la cibdad de Toledo a XV. dias del mes de hebrero de MDXXVI años [1526]. - LII, [2] f. : il. ; 29 cm (folio)

Assinaturas: A-C8 D-H6.

Pert.: “G.o Fernandz”. Carimbos no verso da f. de rosto: “British Museum Sale Duplicate 1787”.

BPMP: U-12-8

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453462~!0>

93 FERREIRA, ANTÓNIO, 1528-1569

Poemas lusitanos / do doutor Antonio Ferreira.
- Em Lisboa : por Pedro Crasbeeck : a custa de
Esteuão Lopez, 1598. - [4], 240, [4] f. ; 19 cm (4to)

Ded.: “ao Príncipe D. Philippe nosso senhor”.

Lic.: “do Sancto Officio”.

Marca do impressor: f. de rosto.

Assinaturas: pi4 A-Z8 a-g8 h4.

Pert.: “De Joseph Joachim”; “S.ta Cruz de Coimbra”. F.
manchadas de humidade.

BPMP: Y1-1-81

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312305~!0>

94 FICINO, MARSILIO, 1433-1499

Marsilii Ficini Florentini De triplici vita libri tres :
primus de uita sana, siue de cura ualitudinis
eorum, qui incumbunt studio litterarum. Secundus
de uita longa. Tertius de uita coelitus comparanda.
Apologia quaedam in qua de medicina astrologia
uita mu[n]di ite[m] de magis qui Christum statim
natum salutaerunt. Quod necessaria sit ad uitam
securitas & tranquillitas animi. Praeclarissimarum
sententiaru[m] huius operis breuis annotatio. -
Impressum hoc opus Bononi[ae] : a Benedicto
Hectoris, ano salutis. MCCCCCI. die. XXVII.
Mai. [1501]. - [230, 1 br.] p. ; 22 cm (4to)

Erro tipográfico de paginação.

Assinaturas: a-z4 &4 [con]4 [rum]4 A-C4.

BPMP: X-9-30

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453425~!0>

95 FIGUEIREDO, MANUEL DE, 1568-1630

Chronografia : repertorio dos tempos no qual
se contem VI partes : s. dos tempos, esfera,
cosmographia & arte de navegação, astrologia
rustica & dos tempos & prognosticação dos
eclipses, cometas & sementeiras, o calendario
romano co[m] os eclypses ate 630 & no fim o uso
& fabrica de balhestilha & quadrante gyometrico
com hum tratado dos relogios / composto por
Manuel de Figueiredo. - Lisboa : Iorge Rodriguez
: a custa de Pero Ramires, 1603. - [10], 284 f. : il. ;
19 cm (4to)

Assinaturas: [par.]8 2[par.]2 A-C8 D4 E-P8 Q4 R-2L8 2M4
2N-2O8.

Pert.: “Da Livraria de Sta Cruz de Coimbra”. F. cortadas
166-171 (Y6-Z3); f. manchadas de humidade e acidez; notas
manusc. e sublinhados.

BPMP: RES-XVII-A-274

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316181~!0>

96

FONSECA, RODRIGO DA,
1550-1622

Roderici a Fonseca lusitani Olyssipponen. Medicinam in Pisana academia publice profitentis, in Hippocratis legem, commentarium, quo perfecti medici natura explicat. - Romae : ex Typographia Titi & Pauli de Dianis fratr[u]m, MDLXXXVI [1586]. - [8], 127, [1] ; 23 cm (4to)

Assinaturas: *4 A-Q4.

BPMP: U-11-14

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457727~!0>

97

FONSECA, RODRIGO DA,
1550-1622

Roderici a Fonseca, medici, ac philosophi consumatissimi, in Pisana Acad. Medicinae professoris primarij : de hominis excrementis libellus. - Pisis : apud Io. Baptistam Boschettum, & Ioannem Fontanum Socios, 1613. - [8], 262 p. ; 20 cm (4to)

Assinaturas: [adaga]4 A-2K4.

BPMP: X-6-101

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457712~!0>

98

FRACASTORO, GIROLAMO,
1478-1553

Hieronymi Fracastorii Veronensis Opera Omnia, in vnum proxime post illius mortem collecta quorum nomina sequens pagina plenius indicat. - Venetiis : apud Iuntas, MDLV [1555]. - [6], 285 [i.e. 281], [1], 32 f. : il. ; 24 cm (4to)

Assinaturas: [cruz de malta]6 A-3Z4 &6 a-h4.

BPMP: RES-XVI-A-138

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458179~!0>

99

FRAGOSO, JUAN, ?-1597

Aromatum, fructuum, et simplicium aliquot medicamentorum ex India utraque, et orientali et occidentali, in Europam delatorum, quorum iam est vsus plurimus : historia brevis, vtilis, et iucunda. / conscripta primum hispanice a Ioanne Fragoso ... ; nunc Latine edita opera ac studio Israelis Spachii Med. D. & Prof. Argentinensis cum notis marginalibus atque indice - Argentinae : excudebat Iodicus Martinus, anno MDCI [1601]. - [8], 115, [1] f. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas:)(8 A-O8 P4.

Pert.: "Musevm Britanicvm" [verso f. de rosto].

BPMP: T-7-13

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453489~!0>

100

FUCHS, LEONHART,
1501-1566

De historia stirpium commentarii insignes ... : accessit ijs succincta vocum obscurarum in hoc opere occurrentium explicatio, vnà cum quintuplici indice, graecas, latinas, herbarijs seu officinis vsitatas, gallicas & italicas nomenclaturas continente / Leonharto Fuchsio medico autore. - Lugduni : apud Ioan. Tornaesium, et Gul. Gazeium., MDLV [1555]. - [48], 979, [12] p. ; 13 cm (12mo)

Assinaturas: A-C8 a-z8 A-Z8 2a-2q8.

BPMP: U-1-49

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453534~!0>

101

GALENO, CLÁUDIO,
130-200

Cl. Galeni De morborum et symptomatum differentiis et causis libri sex : Guilielmo Copo basiliensi interprete - Lugduni : excudebant summa diligentia Godefridus & Marcellus Beringi, fratres, 1547. - 283, [5] p. ; 13 cm (12mo)

Assinaturas: a-s8.

BPMP: U-11-21

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457770~!0>

102

GALILEU, 1564-1642

Dialogo di Galileo Galilei linceo matematico sopraordinario dello studio di Pisa. ... : dou ne i congressi di quattro giornate si discorre sopra i due massimi sistemi del mondo tolemaico e copernicano - In Fiorenza : per Gio Batista Landini, MDCXXXII [1632]. - [10], 458, [32], [2 br.], [2] p., 1 f. est. : il. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: pi4 A-Z8 2A-2K4.

Erro de encadernação p.389-395 (2B1.4)

BPMP: R-8-75

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453573~!0>

103

GALLUCCI, GIOVANNI
PAOLO, 1538-1621?

Theatrum mundi et temporis : in quo non solum precipuae horum partes describuntur, & ratio metiendi eas traditur, sed accomodatissimis figuris sub oculos legentium facilè ponuntur : vbi astrologiae principia cernuntur ad medicinam accomodata ... / nunc primum in lucem editum Ioanne Paulo Gallucio Saloensi auctore. - Venetiis : apud Ioannem Baptistam Somasum 1588. - [16], 478 [i.e. 480] p., [1] f. estampa, [1] f. desd. : il. ; 23 cm (4to)

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: [adaga]4 2[adaga]4 A-3O4.

BPMP: R-9-80

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453583~!0>

104

GARCÍA DE CÉSPEDES,
ANDRÉS, 15---1611

Libro de instrumentos nuevos de geometria muy necesarios para medir distancias, y alturas, sin que interuengan numeros como se demuestra en la practica : demas desto se ponen otros tratados, como es uno, de conduzir aguas, y otro una question de artilleria, en donde se ponen algunas demostraciones curiosas / por Andres de Cespedes, cosmographo mayor del Rey nuestro Señor. - En Madrid : por Iuan de la Cuesta, año MDCVI [1606]. - [4], 67, [1] f. : il. ; 20 cm (4to)

Assinaturas: [par.]4 A-R4.

Pert. ? : "J C".

BPMP: R-8-21

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453569~!0>

105

GEMMA FRISIUS, REINER,
1508-1555

Gemmae Frisij medici ac mathematici De astrolabo catholico liber quo latissime patentis instrumenti multiplex vsus explicatur, & quicquid vspiam rerum mathematicaru[m] tradi possit continetur : ad sereniss, Hispaniae, Angliae, & Franciae regem, Phillipum Caroli V. caesaris semper augusti filium. - Antuerpiae : in aedib. Ioan. Steelsii, MDLVI [1556]. - [16], 183, [1] f., [2] f. desd. : il. ; 17 cm (8vo)

2 f. desd. entre f. 180-181 (Z4-Z5).

Assinaturas: [adaga]8 2[adaga]8 A-Z8.

BPMP: R-9-76

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453558~!0>

106

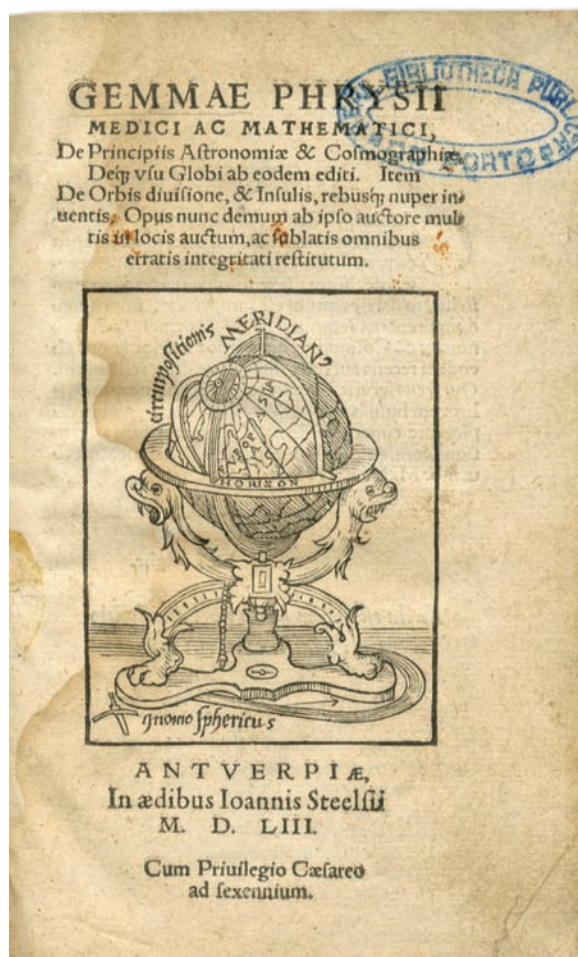
GEMMA FRISIUS, REINER,
1508-1555

Gemmae Phrysiu[m] medici ac mathematici, De principiis astronomiae & cosmographiae, deq[ue] vsu Globi ab eodem editi. Item de orbis diuisione, & insulis, rebusq[ue] nuper inuentis - Antuerpiae : in aedibus Ioannis Steelsii, MDLIII [1553]. - 185, [43] p. : il. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: A-N8 P4.

BPMP: R-8-62

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457778~!0>



107

GIL, BENTO, 15---1623

Hortulus animae tripartitus ... / plantauit
Benecditus Aegidius Lusitanus - Ulyssipone :
apud Petrum Craesbeeck, 1615. - [4], 204 [i.e. 202]
f. ; 14 cm (12mo)

Assinaturas: [par.]4 A-2B8 2C2.

Aparado; f. manchadas de humidade; acção de insectos
afectando margens.

BPMP: RES-XVII-a-81

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314892~!0>



108

108

GÓIS, DAMIÃO DE,
1502-1574

Chronica do príncipe Dom Ioam, rei que foi
destes Regnos, segundo do nome : em que
summariamente se trattam has cousas sustanciaes
que nelles acontecerão, do dia de seu nascimento
atte ho em que el rei Dom Afonso, seu pai, faleceo
/ composta de nouo per Damiam de Goes. - Em
Lisboa : em casa de Francisco Correa, 1567. - [4],
100 f. ; 28 cm (folio)

Lic.: “Foi vista, & approuada per ho R.P.F. Emanuel da veiga
examindor dos liuros”; “Com Priuilegio Real”.

“Esta taxada esta Chronica no Regno a duzentos reaes em
papel & fora delle segundo ha distancia dos lugares”.

No rosto: escudo e coroa com as armas reais ladeados por
dois anjos, um dos quais sustenta a cruz de Cristo e o outro
a esfera armilar. Texto a duas coln. Capitais e capitulares
decoradas.

Inclui: Índice.

Assinaturas: pi4 A-M8 N4.

Faltam: f. 68-69; f. manchadas de humidade; assinatura
autógr. de Damião de Góis, f. [1r] inicial.

BPMP: Y1-4-47

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312320~!0>

109

**GOURMELEN, ETIENNE,
1538-1593**

Stephani Gourmeleni curiosolitae parisiensis medici chirurgicae artis, ex Hippocratis et aliorum veterum medicorum decretis, ad rationis normam redactae libri III. - Parisiis : apud A. Gillium, via S. Ioannis Lateranensis, sub trium coronarum signo, MDLXXX [1580]. - [24], 241, [2], [1 br.] p. ; 18 cm (8vo)

Assinaturas: ã8 ã4 a-p8 q2.

BPMP: Y-5-4

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453592~!0>

110

**GRETSER, JACOB,
1562-1625**

Iacobi Gretseri Societatis Iesu, Institutionum linguae graecae liber primus. De octo partibus orationis. Pro schola syntaxeos ... : cui accessit index graeco-latinus. - Lugduni : apud Ioannem Pillrhotte, MDCVIII [1608]. - [10], 173, [25], 144, 128 ; 18 cm (8vo)

Assinaturas: A-Y8 AA-HH8.

BPMP: I-1-103

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457807~!0>

111

GRISLEY, GABRIEL, 16--

Desengano para a Medicina, ou, Botica para todo o pay de familias / por Gabriel Grisley. - Lisboa : na officina de Manoel Lopes Ferreira, 1690. - [16], 372, [i.e. 368] p. ; 15 cm (8vo)

Erro tipográfico de paginação.

Assinaturas: *8 A-Z8.

F. manchadas de humidade e acidez; aparado; notas manusc. e sublinhados; acção de insectos.

BPMP: RES-XVII-a-232

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314431~!0>

112

GRISLEY, GABRIEL, 16--

Desengano para a Medicina, ou, Botica para todo o pay de familias / por Gabriel Grisley. - Lisboa : na officina de Manoel Lopes Ferreira, 1690. - [16], 372, [i.e. 368] p. ; 15 cm (8vo)

Variante: disposição gráfica, ortografia e tipos de letra diferentes.

Erro tipográfico de paginação.

Assinaturas: *8 A-Z8.

Pert.: “Legado Ricardo Jorge” (carimbo). F. manchadas de humidade e acidez; notas manusc. na f. de guarda inicial.

BPMP: RES-XVII-a-237

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316174~!0>

113 HARVEY, WILLIAM, 1578-1657

Exercitationes de generatione animalium : quibus accedunt quaedam de partu, de membranis ac humoribus uteri, & de conceptione / autore Guilielmo Harveo - Londini : typis Du-Gardianis : impensis Octaviani Pulley in Coemeterio Paulino, MDCLI [1651]. - [26], 301, [1] p. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: pi2 a4 B-2S4.

BPMP: X-3-67

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453636~!0>

114 HEGENDORPH, CHRISTOPH, 1500-1540

Methodus conscribendi epistolas : eiusdem dragmata locorum, tum rhetoricoru[m], tum dialecticorum, cum exemplis ex optimis quibusq[ue] autoribus : eiusdem exempla status coniecturalis, finitiui, qualitatis / per Christophorum Hegendorphinum. - Parisiis : excudebat Christianus Wechelus, sub scuto Basiliensi, anno 1534. - 47 p. ; 17 cm (8vo)

Assinaturas: A-C8.

BPMP: Y1-3-66

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458327~!0>

115 HOCK, WENDELIN

Mentagra. Mentagra, siue Tractatus excelle[n]s de causis preseruatiuis, regimine, & cura morbi Gallici: siue (ut Galli dicu[n]t) Neapolitani: capita. xvij. ac recepta quinq[ue], necno[n] varia vngue[n]ta continens: ingenio, peritia, & experie[n]tias artiu[m] et medicine doctoris studij Bononie[n]sis approbatissimi, Uue[n]delini hock de Brackenau, exactissimis studio, et diligentia comportatus. Eiusde[m] perutilis tractatus de curandis ulceribus hunc morbu[m], ut plurimu[m] consequen]tib[us]: capita. vi. complecte[n]s. Autoris co[n]clusio ad illustrissimu[m] ducatus Vuirte[n]bergen[n] principem Udalricu[m]. Index contentorum in hisce tractatibus, Mentagre, et curandorum ulcerum iuxta seriem alphabeti. - Lugduni : sumptu honesti viri Bartholomei Trot in edibus Antonii Bla[n]chardi excusi, anno a v[ir]ginis partu MDXXIX die iiii mensis Ianuarii [4 Janeiro 1529]. - LXV, [3] f. ; 14 cm (12mo)

Assinaturas: A-H8 I4.

Pert.: "Fran.co de Miranda ...".

BPMP: X-8-36

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!461257~!0>

116

HOMEM, PEDRO
BARBOSA, FL. 1626

Discursos de la iuridica y verdadera razon de Estado : formados sobre la vida e acciones del Rey Don Iuan el II ..., rey de Portugal, contra Machavelo y Bodino y los demas políticos de nuestros tiempos, sus sequazes Primeira parte / autor Pedro Barbosa Homem. - Impresso em Coimbra : en la imprenta de Nicolao Carvalho, [1626]. - [14], 334 [i.e. 335], [1 br.], [36] f. : il. ; 20 cm (4to)

Data segundo última licença.

Assinaturas: [cruz de malta]8 2[cruz de malta]4 *2 A-2T8 a-d8 e4.

F. manchadas de humidade e acidez; acção de insectos afectando texto.

BPMP: RES-XVII-A-258

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314854~!0>

117

IGREJA CATÓLICA.
LITURGIA E RITUAL.
CALENDÁRIO

Kalendarium gregorianum perpetuum. - Conimbricae : excudebat Antonius à Mariz, 1583. - [48] f. : il. ; 16 cm (8vo)

Lic.: do Supremo Conselho da S. Inquisição.

Rosto e texto a negro e vermelho. Capitais decoradas.

Assinaturas: A-F8.

F. [36] mutilada.

BPMP: Y1-1-48

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312337~!0>

118

JOHANNES DE SACRO
BOSCO, CA 1190-1256

Sphaerae tractatus Ioannis de Sacro Busto Anglici viri clariss. Gerardi Cremonensis theoricæ planetarum veteres. Georgii Purbachii theoricæ planetarum nouae ... Alpetragii Arabi theoricæ planetarum nuperrime latinis mandata literis a calo calonymos hebreo neapolitano, ubi nititur saluare apparentias in motibus planetarum absq[ue] eccentricis & epicyclis. - Venetiis : in aedibus Luceantonii Iunte Florentini, anno domini MDXXXI mense Ianuario [1531]. - [8], 268 [i.e. 258], 27, [1] : il. ; 33 cm (folio)

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: a-r8 s6 t-z8 &8 [con]8 [rum]8 A-F8 G-H10 2a-2b8 2c-2d6.

Pert.: "Da livraria do collegio de Sa Hier.o". Faltam f. 146-160 [i.e. 144-158] (u2-y8), 180-194 [i.e. 170-184] (&4-[rum]2).

BPMP: R-14-35

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453775~!0>

119

LEÃO HEBREU,
1490-1535

Dialoghi di amore : di nuouo corretti et ristampati / di Leone Hebreo medico. - In Vinegia : appresso Domenico Giglio, 1558. - 246 f. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: A-2G8 2H6.

BPMP: Y1-3-69

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455395~!0>

120

LEÃO, DUARTE NUNES DE,
CA 1530-1608

Orthographia da Lingoa portuguesa : obra util & necessaria assi pera bem screuer a Lingoa hespanhol como a latina & quaesquer outras que da latina teem origem / pelo licenciado Duarte Nunez do Lião. - Em Lisboa : per João de Barreira, MDLXXVI [1576]. - [4], 78 f. ; 20 cm (8vo)

Ded.: "Senhor Lourenço da Silva do Conselho d'el-rei".
Lic.: "Priuilegio".

Marca do impressor (?): f. de rosto. Capitais decoradas.
Inclui: Errata.

Assinaturas: A4 A-18 K6.

Pert.: "Dez.or Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto".
F. manchadas de humidade e acidez; acção de insectos afectando margens.

BPMP: RES-XVI-A-162

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312374~!0>

121

L'ÉCLUSE, CHARLES DE,
1526-1609

Caroli Clusii Atrebat. Rariorum aliquot stirpium per Hispanias obseruatarum historia, libris duobus expressa: Ad Maximilianum II imperatorem. - Antuerpiae : ex officina Christophori Plantini, architypographi regij, MDLXXVI [1576]. - 529, [1 br.], [12] p. : il. ; 18 cm (8vo)

Assinaturas: A-Z8 a-18.

BPMP: U-2-27

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!435162~!0>

122

LEFÈVRE D'ÉTAPLES,
JACQUES, 1450?-1536

In hoc libro continetur. Introductorium astronomicum theorias coporum [sic] coelestium duobus libris complecte[n]s: adiecto commentario declaratum. - Parisiis : ex officina Henrici Stephani, 1517. - 56 [i.e. 66] f. : il. ; 30 cm (4to)

Erro tipográfico de paginação.

Assinaturas: A-G8 H6 I4.

Pert.: "Da livraria do collegio de Sao Hier.o".

BPMP: S-10-15

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453751~!0>



123

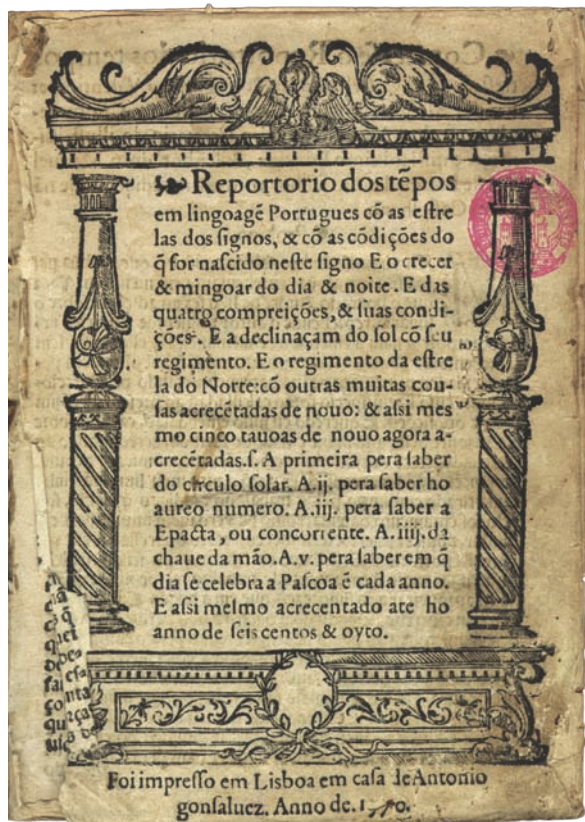
LI, ANDRÉS DE, FL. 14--

Reportorio dos te[m]pos: em lingoage[m] portugues co[m] as estrelas dos signos, & co[m] as co[n]dições do q[ue] for nascido neste signo e o crescer & mingoar do dia & noite. E das quatro compreições, & suas condições. E a declinaçam do sol co[m] seu regimento. E o regimento da estrela do norte: co[m] outras muitas cousas acrece[n]tadas de nouo ... / Andre de Ly ; [trad.] Valentim Fernandez. - Foi impresso em Lisboa : em casa de Antonio Gonsaluez, anno de 1570. - [69] f. : il. ; 20 cm (8vo) P10

Assinaturas: A-H8 I5.

BPMP: Ms. 171[1]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~I455237~I0>



124

LONGOMONTANUS,
CHRISTEN SØRENSEN,
1562-1647

Astronomia danica vigiliis & opera Christiani S. Longomontani ... elaborata, & in duas partes tributa : quarum prior doctrinam de diurna apparente siderum revolutione super sphaera armillari veterum instaurata, duobus libris explicat posterior theorias de motibus planetarum ad observationes D. Tychonis Brahae & proprias in triplici forma redintegratas, itidem duobus libris complectitur : cum appendice de asscitiis caeli phaenomenis, nempe, stellis novis et cometis. Nunc denuo ab authore locis nonnullis emendata et aucta. - Amsterdami : Ioh. & Cornelium Blaeu, MDCXXXX [1640]. - [12], 459, [1 br.], [6], 44 p. : il. ; 31 cm (folio)

Assinaturas: A-2O6 2P8 a-c6 d8.

Contém: apêndice com paginação e assinaturas próprias.

BPMP: S-11-3

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~I453955~I0>

125

**LONGUEIL, CHRISTOPHE
DE, 1488-1522**

Lexicon graecolatium : praeter omnes omnium hactenus accessiones, nouo supra mille vocabulorum auctario iam recens locupletatum / G. Longolio Vtricen[si].. - Coloniae : ex officina Ioannis Prael, mense Septembri anno MDXXXIII [Setembro 1533]. - [458] f. ; 17 cm (8vo)

Assinaturas: pi8 a-z8 A-2K8 2L4.

Faltam 2 f. [5] e [9].

BPMP: I-2-6

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457758~!0>

126

LOPES, GARCIA, ?-1572

Garciae Lopii Lusitani, portalegrensis medici, Commentarii de varia rei medicae lectione, medicinae studiosis non parum vtilis. Quorum catalogum ab epistola, sequens pagella indicabit. - Antuerpiae : apud viduam Martini Nutij, an. MDLXIII [1564]. - [8], 86, [9] f. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: A-N8.

BPMP: U-11-41

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!434670~!0>

127

LOSS, FRIEDRICH

Friderici Lossii Heidelbergensis Palatini medici Dorchestrensis, Observationum medicinalium libri quatuor. - Londini : typis E. Flesher, & prostant apud Gualterium Kettilby ad insigne Capitis Episcopi in Coemeterio D. Pauli, 1672. - [1 br.], [14], 384 p. ; 15 cm (12mo)

Assinaturas: A-2B8.

Pert.: "J.M.B.A.".

BPMP: X-9-51

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453802~!0>

128

**LOUROSA, MANUEL
GOMES GALHANO,
FL. 1643-1674**

Polymathia exemplar : Doctrina de discursos varios. Offerecido ao Conde de Castel-melhor. Cometographia meteorologica do prodigioso e diuturno cometa, que appareceo em Novembro do anno de 1664 / Do licenciado Manoel Gomez Galhano Lourosa. - Lisboa : na officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666. - [6], 112 p. ; 19 cm (4to)

Assinaturas: pi6 A-O4.

Pert.: "Da Congreg. do Ora. do Porto". F. manchadas de humidade e acidez.

BPMP: RES-XVII-A-271

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316178~!0>

129

LUÍS, ANTÓNIO, ?-1565

Antonij Lodouici medici olyssipponensis De occultis proprietatibus, libri quinque : opus praeclarissimum. - Olyssippone : Ludouicus Roderici, MDXL [1540]. - 71 [i.e. 70] f. ; 30 cm (folio)

Ded.: “Ioanni de Barros ...”.

No rosto: port. orn. de cariátides e outras fig. Capitais decoradas. Marca do impressor: f. [70v].

Assinaturas: 2a-2h8 2i6.

F. manchadas de humidade e acidez; notas manusc. nas margens.

BPMP: RES-XVI-B-31[1]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312389~!0>

130

MALPIGHI, MARCELLO,
1628-1694.

Marcelli Malpighii philosophi & medici bononiensis è Regia Societate, Anatome plantarum [pars prima-altera] : cui subjungitur appendix, iteratas & auctas ejusdem authoris de ovo incubato observationes continens. - Londini : impensis Johannis Martyn, Regiae Societatis typographi, ad insigne campanae in coemeterio divi Pauli, MDCLXXVMDCLXXIX [1675-1679]. - 2 v. in 1 ([4], 15, [5], 82, [2] p., XXXIX grav.; [8], 93, [3], 20 p., LIV, VII grav.) : il. ; 37 cm (folio)

Assinaturas: pi2 B-2D2; pi2 a2 B-2B2, A-E2.

BPMP: U-13-10

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453905~!0>

131

MANUZIO, ALDO PIO,
1449/1450-1515

Rhetores In Hoc Volvmine Habentvr Hi. - Venetiis : in aedib. Aldi, mense Novembris MDVIII [Novembro 1508]. - [16], 734, [1] p. ; 29 cm (4to)

Assinaturas: *8 A-2Z8.

Pert.: “Da Liuvraria de S.ta Cruz. Coimbra”.

BPMP: I-11-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457817~!0>



129

132

**MARCHETTI, PIETRO DE,
1593-1673**

Petri de Marchettis ... Observationum medico chirurgicarum rariorum sylloge. Accesserunt aliquot observationes auctoris posthumae. - Patauii : apud Cadorinum, MDCLXXV [1675]. - [16], 142p. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: a8 A-I8.

Pert.: "J.M.B.A."

BPMP: X-9-49

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453800~!0>

133

**MATTIOLI, PIETRO
ANDREA, 1500-1577**

Petri Andreae Matthioli ... Opera quae extant omnia: hoc est, commentarii in VI. libros Pedacii Dioscoridis Anazarbei de Medica materia: adjectis ... qui Dioscoridis depravatam lectionem restituunt: a Casparo Bauhino ... aucti ... Adjectis plantarum iconibus ... De ratione distillandi ... Item Apologia in Amatum Lusitanum ... Epistolarum medicinalium ... Dialogus de morbo Gallico. Cum locupletissimis indicibus - Editio altera. - Basileae : sumptibus Joannis König, MDCLXXIV [1674]. - 2 vol. ([124], 1027 [i.e. 1029], [1 br.], [22]; 236, [6] p.) : il. ; 36 cm (folio)

Erro tipográfico de paginação.

Assinaturas: pi2)(6 a-i6 A-4Q6 4R8 4S-4T4; 2A-2T6 2V-2X4.

Pert.: "D.r Costa" [guarda inicial do vol. 2].

BPMP: U-13-27

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453873~!0>

134

**MATTIOLI, PIETRO
ANDREA, 1500-1577**

Petri Andreae Matthioli, ... Opera quae extant omnia, hoc est Commentarii in VI libros Pedacii Dioscoridis Anazarbei de medica materia, adjectis in margine variis graeci textus lectionibus ... qui Dioscoridis depravatam lectionem restituunt, nunc a Casparo Bacchino, ... post diversarum editionum collationem infinitis locis aucti, synonymiis quoque plantarum et notis illustrati ; adjectis plantarum iconibus ... de ratione distillandi aquas ex omnibus plantis ... Item, apologia in Amatum Lusitanum, cum censura in ejusdem enarrationes. Epistolarum medicinalium libri quinque ; Dialogus de morbo gallico. Cum locupletissimis indicibus - Francofurti : ex officina typographica Nicolai Bassaei, MDXCVIII [1598]. - 2 partes em 1 vol. ([118], 1027 [i.e. 1029], [23]; 236, [8] p.) : il. ; 36 cm (folio)

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: pi1 *4 **6 b-i6 A-4Q6 4R8 4S-4T4, 2A-2T6 2V-2X4.

Pert.: "S.ta Cruz de Coimbra". Faltam as f. de rosto pi1, *2-4 e caderno 2X4; a f. de rosto foi substituída pela portada da parte 2 (2A1), deslocada da sequência.

BPMP: U-13-26

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453931~!0>

135

MENDONÇA, FRANCISCO DE, 1573-1626, S.J.

Viridarium sacrae, ac profanae eruditionis / A.P. Francisco de Mendonça. - Lugduni : sumptibus Iacobi Cardon., MDCXXXI [1631]. - [64], 350, [20] p. ; 35 cm (folio)

Assinaturas: ã8 ê6 î6 ô6 ú6 A-2H6.

BPMP: P-14-3

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458594~!0>

136

MEXIA, PEDRO, FL. 1618

Discurso sobre los dos cometas que se vieron por el mes de Nouiembre del año passado de 1618 / por Pedro Mexia mathematico, residente en Lisboa. A Don Rodrigo Sarmie[n]to de Vlloa Villandrando, y Lacerda, Conde de Salinas, y Ribadeo. - En Lisboa : por Pedro Craesbeeck, año 1619. - [30] p. : il. ; 20 cm (4to)

Xilogravuras com representação de cometas na f. de rosto e p. [5].

Assinaturas: A-B8.

Falta 1 f. br. no final. Encadernado com: Apologeticos discursos ... em defensa da fama e boa memoria de Fernão d'Albuquerque [sic]. Lisboa, 1641.

BPMP: F4-2-29[2]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314507~!0>

137

MIRANDA, FRANCISCO DE SÁ DE, 1487-1558

As obras do celebrado lusitano, o doutor Frãncisco de Sá de Mirãda / collegidas por Manoel de Lyra. - [Lisboa] : Manoel de Lyra, 1595. - [4], 186 [i.e. 184], [3] f. ; 19 cm (4to)

Ded.: “Dom Ieronymo de Castro”.

Lic.: “com licença do supremo Conselho da Santa Geral Inquisição, et Ordinario”; “Com priuilegio Real por dez annos”.

Marca do impressor: f. [4v] inicial, 136v. e 162v. Capitais decoradas, vinhetas e tarjas. No rosto: brasão de D. Jerónimo de Castro.

Inclui: Erratas.

Assinaturas: pi4 A-Z8 csi3.

Pert.: “Livr.^a de Sta Cruz de Coimbra”; “Antonio Luis de Az.do”; “De Fr.co de Az.do”. Salto da f. 176 para 179. Faltam as [3] f. finais; f. manchadas de tinta, humidade e acidez.

BPMP: RES-XVI-A-164

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312424~!0>

138

MONARDES, NICOLÁS, 1512-1588

Dos libros, el uno que trata de todas las cosas que traen de nuestras Indias Occidentales, que siruen al vso de la medicina, y el otro que trata de la piedra bezaar, y de la yerua escuerçonera / Co[m] puestos por el doctor Nicoloso de Monardes medico de Seuilha. - Impressos en Seuilla : en casa de Hernando Diaz, en la Calle de la Sierpe, año de 1569. - [138] f. ; 16 cm (8vo)

Assinaturas: A-R8 S4.

BPMP: T-8-1

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!470228~!0>

139

**MONTALTO, FILIPE,
1567-1615**

Philippi Montalto lusitani medicinae doctoris optica intra philosophiae, & medicinae aream, de visu, de visus organo, et objecto theoriam accuratè complectens - Florentiae : apud Cosmum Iuntam, 1606. - [16], 259 [i.e. 289], [7] p. ; 21 cm (4to)

Assinaturas: [par.]8 A-2O4.

BPMP: R-9-16

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453963~!0>

140

**MUÑOZ, JERÓNIMO,
?-1584**

Institutiones arithmeticae ad percipiendam astrologiam et mathematicas facultates necessariae / Hieronymo Munyos Valentino hebraica linguae pariter atq[ue] mathematicum in gymnasio Valentino publico professore. - Valentiae : ex typographia Ioannis Mey, anno 1566. - [4], 77 f. ; 19 cm (4to)

Assinaturas: A-V4 X2.

Pert.: "Da Congr.am do Oratr.o do Porto".

BPMP: R-8-26

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453995~!0>

141

**NÁJERA, ANTONIO DE,
FL. 1618-1632**

Navegacion especulativa y practica, reformadas sus reglas y tablas por las observaciones de Ticho Brahe, con emienda de algunos yerros esenciales. todo prouado con nuevas suposicioes Mathematicas y demonstraciones Geometricas; especialmente para saber el altura del polo Austral por las estrellas ... / compuesta por Antonio de Najera. - En Lisboa : por Pedro Craesbeeck, 1628. - [8], 149 f. : il. ; 20 cm (4to)

Tít. corrente: Construccion de la sphaera.

Assinaturas: [par.]8 A-S8 T6.

F. manchadas de humidade e acidez.

BPMP: RES-XVII-A-277

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316184~!0>

142

**NICOLAS, GASPAR,
FL. 15--**

Tratado da practica [d]e arismetica / composta e ordenada por Gaspar Nicolas. - E agora de nouo emendada & acrecentada / por Manoel de Figueyredo. - Em Lisboa : em c[as]a de Vicente Aluares, 1607. - 157 [i.e. 159] f. : il. ; 15 cm (8vo)

Erro tipográfico de paginação.

Assinaturas: A-V8.

F. de rosto perfurada afectando o pé de imprensa; f. manchadas de humidade e acidez; acção de insectos.

BPMP: RES-XVII-a-245

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314530~!0>

143

NUNES, MANUEL, FL. 15--

Libellus de tactus instrumento in quo multa aduersus philosophos et medicos disseru[n]tur / Emmanuele Nunio, phisico medico olysipponensi, auctore. - [Lisboa] : apud Ioãne[m] Blaiuiu[m], 1557. - [88] f. ; 15 cm (12mo)

Ded.: "Principi Domino Henrrico... Cardinali, ac Portugalie Infante".

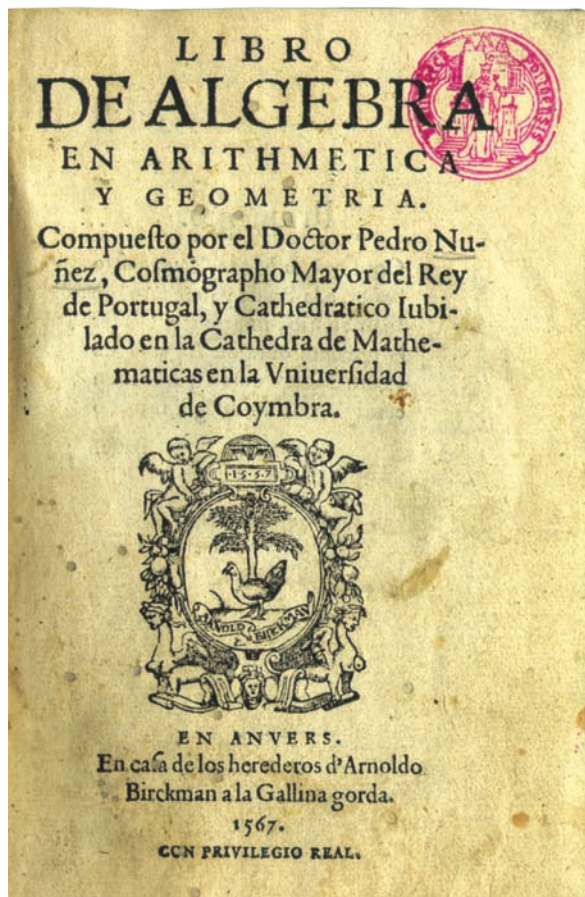
No rosto: port. com duas fig. laterais e na parte sup. o Salvador. Marca do impressor: f. [88]. Capitais decoradas. Inclui: Errata.

Assinaturas: pi7 A-K8 L2.

F. de rosto rest.; falta a f. final (L2); f. manchadas de humidade e acidez; manusc. no rosto "non prohibetur".

BPMP: X1-3-48

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312435~!0>



144

NUNES, PEDRO,
1502-1578

Libro de Algebra en Arithmetica y Geometria / compuesto por el doctor Pedro Nuñez, cosmographo mayor del Rey de Portugal, y cathedratico Iubilado en la cathedra de mathematicas en la Vniuersidad de Coymbra. - En Anvers : en casa de los herederos d'Arnoldo Birckman a la Gallina gorda, 1567. - [16], 341 [i.e. 339] f. : il. ; 17 cm (12mo)

Assinaturas: a-b8 A-Z8, a-t8 x3.

BPMP: X1-3-31

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455406~!0>

145

NUNES, PEDRO,
1502-1578

Petri Nonii salaciensis De arte atque ratione nauigandi libri duo. - Conimbricæ : in aedibus Antonij à Marijs, anno 1573. - [12], 201 [i.e. 200] p. : il. ; 29 cm (4to)

Ded.: "Sebastiano primo invictissimo regi".

Lic.: "Cum facultate Inquisitoris".

Data do colofão: 1572.

No rosto: escudo das armas reais com a coroa. Capitais decoradas. Texto a duas coln.

Inclui: Errata.

Assinaturas: pi2 a4 A-2B4.

Pert.: "De tibães ficou do P. f. mauro de villa do conde".

Salto p. 131 para 133. F. manchadas de humidade e acidez.

BPMP: Y1-3-33[1]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312437~!0>

146

NUNES, PEDRO,
1502-1578

Tratado da Sphera com a theorica do Sol e da Lua e ho, Primeiro liuro da Geographia de Claudio Ptolomeo alexãdrino item, dous tratados ... sobre a Carta de marear / tirados nouamente de latim em lingoagem pello doutor Pero Nunez. - Lixboa : per Germão Galharde, 1537. - [90] f. : il. ; 29 cm (4to)

Ded.: Principi ho Ifante Dom Loys.

Lic.: "Com Previlégio Real".

No rosto: texto enquadr. por uma port. que tem na parte sup., ao meio, o monogr. IHS e na inf. o escudo das armas reais. Texto em caracteres góticos. Capitais decoradas. Sem reclamos.

Assinaturas: pi2 a-c8 d4 2a-2b8 2c4 A-D8 E6 F2.

Notas marginais. Folhas [2, 42, e 43] subst. por cópias manusc.; f. manchadas de acidez.

BPMP: Y1-3-10

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312439~!0>

147

NÚÑEZ DE ZAMORA,
ANTONIO, CA 1565-1640

Antonii Nuñez a Çamora Salmanticensis, doctoris medici, artium, & philosophiae magistri, publici philosophiae professoris, olim Medicinae, & nunc primariam astrologiae Cathedram Salamanticae moderantis Liber de cometis, in quo demonstratur cometam anni 1604, fuisse in firmamento: y en romance, el juyzio de la maxima conjunction del año de 1603, y de este mismo cometa, y de la conjunction de Jupiter y Marte, que le encendio. - Salamanticae : in aedibus Antonia Ramirez, viduae, 1610. - [12], 179, [1], 71, [1] p. : il. ; 20 cm (8vo)

Assinaturas: [adaga]4 2[adaga]2 A-L8 M2, A-D8 E4.

BPMP: R-9-7

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454001~!0>

*Liber de Cometis, in quo demonstratur
Cometam anni 1604. fuisse
in firmamento:*

**Y en Romance, el juyzio de la maxima
conjunction del año de 1603. y de
este mismo Cometa, y de la
conjunction de Iupiter
y Marte, que le
encendio.**



147 [pormenor]

148

ORDEM DOS FRADES MENORES

Siguese un tractado muy prouechoso, llamado Manual de las cosas essentiales, a que son obligados los frayles menores por su Regla : copilado de las decretales y dichos de los doctores y expondedores dela Regla de nuestro P. sant [sic] Francisco / compuesto por un docto padre, de la misma Orden. - En Coimbra : por Iuan de Barrera, 1571]. - [24], 595, [33] p. ; 15 cm (8vo)

Capitais decoradas.

Inclui: Errata.

Assinaturas: A6 [sec.]6 A-2O8 2P2 q8 2q8.

Pert.: "Frej An.to de Aveiro". Faltam f. de rosto e p. [11-12] iniciais; notas manusc. nas margens.

BPMP: Y1-2-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312450~!0>

149

OSÓRIO, JERÓNIMO, 1506-1580

Amplissimi atque doctissimi viri D. Hieronymi Osorii, Episcopi syluensis, In Gualterum Haddonum magistrum libellorum supplicum apud clarissimam principem Helisabetham Angliae, Franciae & Hiberniae reginam libri tres. - Olyssipone : excudebat Franciscus Correa, Nonis Octob. 1567 [7 Outubro 1567]. - 157, [1] f. ; 21 cm (4to)

Lic.: "Fuit hoc opus examinatum & approbatum".

Capitais decoradas.

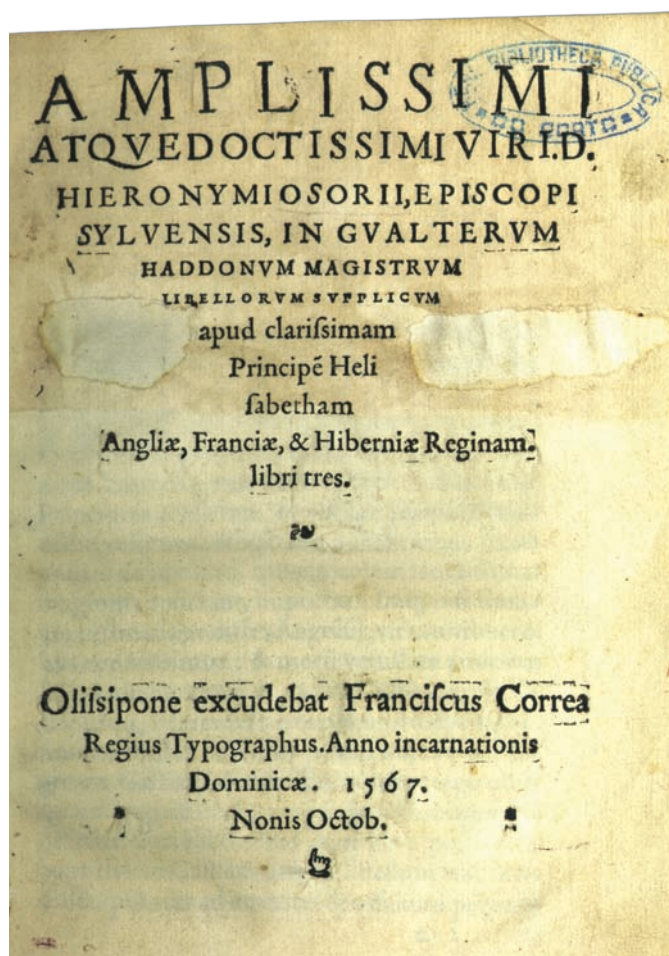
Inclui: Errata.

Assinaturas: a4 B-T8 V10.

F. de rosto rest.; f. manchadas de humidade.

BPMP: RES-XVI-A-182

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312451~!0>



149

150

OSÓRIO, JERÓNIMO,
1506-1580

De rebus Emmanuelis regis Lusitaniae, inuictissimi virtute et auspicio gestis, libri duodecim / auctore Hieronymo Osorio, Episcopo syluensi. - Olyssipone : apud Antonium Gondisalu[m], ano domini MDLXXI [1571]. - 480, [2] p. ; 30 cm (folio)

Ded.: "Principi Henrico... Cardinali".

Lic.: "Cum Privilegio Regio".

No rosto: brasão do Cardeal-Infante D. Henrique. Capitulares decoradas.

Inclui: Errata.

Assin.: A-2G8 2H2.

Pert.: "Monterroio". F. manchadas de humidade.

BPMP: RES-XVI-C-28

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312453~!0>

151

OSÓRIO, JERÓNIMO,
1506-1580

Hieronymi Osorii De gloria libri V. - Coni[m]bricae : à Frãisco Correa, MDXLIX [1549]. - [4], CXI [i.e. CXII] f. ; 20 cm (4to)

No rosto: caveira encimada por uma cruz, enquadr. por tarjas. Capitais decoradas. Sem reclamos.

Assinaturas: pi4 a8 b-y4 2A-2E4.

Pert.: "Joam Ribeiro Leite". F. 104 repetida. Notas manusc. e texto sublinhado; f. 37 queimada.

BPMP: Y1-1-21

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312454~!0>

152

OZANAM, JACQUES,
FL. 1750

Nouvelle geometrie pratique, contenant la trigonometrie theorique & pratique, la longimetrie, la planimetrie, & la stereometrie. Par de nouvelles demonstrations tres-courtes et tres-faciles, et de nouveaux abregez pour mesurer exactement les plans et les solides / par M. Ozanan. - A Paris : 1693 : Chez Estienne Michallet, MDCXCIII (1693). - [4], 296, [8] p. : il. ; 16 cm (12mo)

Assinaturas: a2 A-M12 N8.

Pert.: "Sousa Coutt."; "Jozé M.el Pto".

BPMP: R-7-61

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!470701~!2>

153

PAGGI, CARLO ANTONIO,
16--

Enchiridion medico-astro-chymicum : universam medicinae theoriam complectens ac praxim post anatomiam restitutam / Caroli Antonii Pagii. - Vlyssipone : ex proelo Antonij Craesbeeck a Mello, 1664. - [16], 426, [14] p. ; 20 cm (4to)

Assinaturas: pi4 2[cruz de malta]4 A-3I4.

F. manchadas de humidade e acidez, dilaceradas e sujas; primeiro cad. solto.

BPMP: RES-XVII-A-264

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314561~!0>

154 PARACELSUS, 1493-1541

Aur. Philip. Theoph. Paracelsi Bombast ab Hohenheim medici et philosophi celeberrimi chemicorumque principis : opera omnia medico-chemico-chirurgica, tribus voluminis comprehensa. - Editio nouissima et emendatissima - Genevae : sumptibus Ioan. Antonij & Samuelis de Tournes MDCLIIIX [1658]. - 2 vol. ([36], 829, [39]; [22], 718, [46], 212, [32], 119, [39], 18, [2] p.) ; 36 cm (folio)

Assinaturas: [par.]6 2[par.]4 3[par.]4 4[par.]4 A-4B6 4C8; [adaga]6 2[adaga]6 a-3q6 3r4 *6 A-P6Q-R8 S6 T4 V6 a-n6.

BPMP: U-14-35

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454731~!0>

155 PAULO EGINETA, 625?-690?

Pauli Aeginetae ... De chirurgia liber, inter caeteros eiusdem autoris medicae artis ordine sextus, à Ioanne Bernardo Feliciano Veneto nunc primum latinitate donatus ... Castigationes praeterea Albani Torini in suam Aeginetae translationem. - Basileae : [per And. Cratandrum et Io. Bebelium], MDXXXIII [1533]. - [2], 29, [4] f. ; 32 cm (folio)

Assinaturas: a-f6.

Pert.: "Mel. Roiz Preto". Encadernado com: Pauli Aeginetae medici insignis Opus Diuinum, quo vir ille vastissimum totius artis oceanum, laconica breuitate ... Basileae, 1532.

BPMP: X-13-15

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!465165~!0>



154 [pormenor]

156

PEDRO HISPANO,
CA 1220-1277

Thesaurus pauperum Petri Hispani pontificis Romani, ... de medendis morbis humani corporis liber: experimenta particularia per simplicia medicamenta ex probatissimis autoribus & propriis observationibus collecta, continens. Nunc primum opera et studio Guilielmi Adolphi Scribonii ... in lucem editus & multis in locis castigatus. - Francof. : apud hared. Chr. Egen., MDLXXVI [1576]. - 112, [6] f. ; 15 cm (12mo)

Assinaturas: A-O8 P6.

Carimbos no verso da f. de rosto: "British Museum Sale Duplicate 1787".

BPMP: X-9-48

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!446882~!0>

157

PÉRION, JOACHIM,
CA 1499-1559, O.S.B.

Porphyrij Institutiones ad Chrysaorium / interprete Joachimo Peroinio Benedictino Comoeriaceno. - Conymbricae : apud Ioannem Barrerium & Ioannem Aluarum, MDXLVIII [1548]. - 28, 48, 32, 163 [i.e. 168] p. ; (21 cm) 4to

Capitais decoradas. Sem reclamos.

Assinaturas: A8 B6, A-F4, A-D4, A-X4.

Contém: Aristotelis ... Categoriae ; Aristotelis ... De interpretatione ; Aristotelis ... De prima resolutione.

Salto p. 167 para 163. Faltam as 4 p. iniciais; notas manusc. nas margens.

BPMP: Y1-2-58[1]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312467~!0>

158

PERRAULT, CLAUDE,
1613-1688

Description anatomique d'un cameleon, d'un castor, d'un dromadaire, d'un ours, et d'une gazelle / [Claude Perrault]. - A Paris : Chez Frederic Leonard, MDCLXIX [1669]. - 50, [4 br.], 51-120 p., [5] f. desd. : il. ; 22 cm (4to)

5 f. desd. entre p. 48-49 (F4-G1), p. 72-73 (I4-K1), p.82-83 (L1- L2), p.104-105 (N4-O1) e no final da p. 120.

Assinaturas: A-P4.

Pert.: "C. Buch ...".

BPMP: T-11-11

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!433890~!0>

159

PETRARCA, FRANCESCO,
1304-1374

Fra[n]cisco Petrarcha. De los remedios co[n]tra prospera [&] aduersa fortuna. - Seuilla : por Juan varela de Salamanca, acabouse a xx dias del mes de Setie[m]bre año de mill [&] quinie[n]tos [&] xv años [1516]. - [6], CLXIX f. ; 29 cm (folio)

Assinaturas: A6 a-v8 x10.

BPMP: R-14-15

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454073~!0>

160

PETRARCA, FRANCESCO,
1304-1374

Francisci Petrarchae poëtae oratorisque clarissimi, De remediis utriusque fortunae, libri duo. Eiusdem de contemptu mundi colloquiorum liber, quem secretum suum inscripsit. - Editio nova ac melior cum indicibus duobus altero dialogorum, altero rerum. - Roterodami : ex officina Arnoldi Leers, MDCXLIX [1649]. - [36], 824, [26] p. ; 13 cm (12mo)

Assinaturas: *12 **6 A-2M12 2N6.

BPMP: R-5-75

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454055~!0>

161

PEURBACH, GEORG VON,
1423-1461

Theoricae nouae planetarum Georgii Purbachii Germani : incerta [sic] item methodica tractatio de illuminatione Lunae / ab Erasmo Reinholdo Salueldensi pluribus figuris auctae, & illustratae scholiis, quibus studiosi praeparentur, ac inuitentur ad lectionem ipsius Ptolemaei. - Recens editae & auctae nouis scholiis in Theoria Solis ab ipso autore. - Parisiis : apud Carolum Perier, in vico Bellouaco sub Bellorophonte, 1557. - [8], 16, [12], 17-176 f., [3] f. desd. : il. ; 17 cm (12 mo)

3 f. desd. entre f. 36-37 (E4-E5), 38-39 (E6-E7) e 68-69 (I4-I5).

Assinaturas: pi8 A8 B16 C12 D-Y8.

Pert.: “Da Livraria do Convto de S.to Ag.o do Porto”; “Fr. M.el d S.ta M.a”. Faltam 8 f. iniciais.

BPMP: R-8-16

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453546~!00>

162

PIMENTA, ANTÓNIO,
1620-1700, S.J.

Sciographia da nova prostimasia celeste & portentoso cometa do anno de 1664 ... / pello padre Antonio Pimenta. - Lisboa : na Officina de Domingos Carneiro, anno de 1665. - [8], 79 [i.e. 81], [7] p. : il. ; 20 cm (4to)

Xilogravura com cometa na f. de rosto.

Erros tipográficos de paginação: p. 57 [i.e. 75] e seguintes até 79 [i.e. 81].

Assinaturas: pi4 A-L4.

Encadernado com: Declaracion, que por el Reyno de Portugal ofrece el Doctor Geronymo de Santa Cruz... contra las calumnias publicadas de sus émulos. Lisboa, 1663. F. manchadas de humidade e acidez.

BPMP: RES-XVII-A-306[25]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316253~!0>

163

PIMENTEL, LUÍS SERRÃO,
1613-1679

Arte pratica de navegar e Regimento de pilotos repartido em duas partes a primeira propositiva, em que se propoem alguns principios para melhor inteligencia das regras da navegaçãõ: a segunda operativa em que se ensinaõ as mesmas regras para a pratica : juntamente os Roteiros das navegaçoens das conquistas de Portugal & Castela / por Luis Serrão Pimentel Cosmografo Mor e Engenheiro Mor - Lisboa : na impressãõ de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de S. Alteza, anno 1681. - [8], 424, [4] p., [2] f. desdobl. : il. ; (30 cm) 4to

As f. desdobl., entre as p. 100-101 e 116-117, contêm grav. calc. com cartas e instrumentos de medição referidos no roteiro. Na p. 11, grav. calc. representando a rosa dos ventos. Assinaturas: *4 A-C4 D6 E-2A4 2B6 2C-3F4 3G2.

Contém, entre outros: Roteiro que fez Manoel de Mesquita do Cabo das Correntes até o da Boa Esperança.

F. manchadas de humidade e acidez; acção de insectos.

BPMP: RES-XVII-B-200

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316190~!0>

164

PIRES, DIOGO, 1517-1599

Didaci Pyrrhi Lusitani carminum liber unus. - Ferrariae : apud Franciscum Rubrium, 1545. - [28] f. ; 20 cm (4to)

Assinaturas: A-G4.

BPMP: INC. 98[7]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455339~!0>

165

PISO, WILLEM, 1611-1678

Historia naturalis Brasiliae : auspicio et beneficio illustriss. I. Mauriti Com. Nassau illius provinciae et maris summi praefecti adornata : in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur. - Lugdun[um] Batavorum, apud Franciscum Hackium, et Amstelodami, apud Lud[ovicum] Elzevirium, 1648. - [12], 122, [10], 293, [7] p. : muito il., color. ; 42 cm (folio)

Assinaturas: *6 [adaga]4 A-P4 Q2; A-2O4 2P2.

Contém: Guilielmi Pisonis, M. D. Lugduno-Batavi, De medicina brasiliensi libri quatuor ... et Georgi Marcgravi de Liebstad, Misnici Germani, Historiae rerum naturalium Brasiliae, libri octo ... cum appendice de Tapuyis, et Chilensibus.

Caderno [adaga]4 deslocado entre *6 e A1.

BPMP: U-13-4

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454197~!0>

166

PLÍNIO, O VELHO, 23/24-79

Historia natural de Cayo Plinio Segundo / traducida por ... Geronimo de Huerta, ... y ampliada por el mismo con escolios y anotaciones, en que aclara lo escuro y dudoso, y añade lo no sabido hasta estos tiempos. - En Madrid : por Luis Sanchez impressor del Rey N.S., 1624-1629. - 2 vol. ([56], 907 [i.e. 903], [1] p.; [16], 720, [15] p.) ; 30 cm (folio)

Pé de imprensa do vol.2: En Madrid : por Iuan Gonçalez, 1629.

Assinaturas: pi4 [florão]8 2[florão]6 [par.]6 2[par.]4 A-2F8 2G6 2H-3K8 3L6; [par.]6, A4 B-2Y8 2Z6 [par.]8.

Pert.: lacre em ambas as folhas de rosto de cada um dos vol.; assinatura (?) de Jerónimo de Huerta manuscrita no final do vol.1.

BPMP: T-13-12

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!433891~!0>

167

POLIZIANO, ANGELO,
1454-1494

Angeli Politiani operum. Tomus primus. Epistolarum libros XII, ac miscellaneorum centuriam I, complectens : indicem rerum memorabilium calci operis adiecimus. - Lugduni : Apud Seb. Gryphium, 1546. - 648, [16] p. ; 17 cm (8vo)

Assinaturas: a-z8 A-S8 T4.

BPMP: N-5-54

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457923~!0>



168

PRESTET, JEAN,
1648-1690

Nouveaux elemens des mathematiques ou
Principes generaux de toutes les sciences qui ont
les grandeurs pour objet / par Jean Prestet -
Troisième edition, plus ample et mieux digerée.
- A Paris : chez André Pralard, MDCXCV [1695].
- 2 vol. ([32], 588, [1] p., [1] f. desd.; [12], 492 p.,
[2] f. desd.) ; 25 cm (4to)

1 f. desd. entre p. 80-81 (K4-L1); 1 f. desd. entre p. 336-337
(2T4-2V1), 1 f. desd. entre p. 382-383 (3B3-3B4).

Assinaturas: ã4 e4 i4 o4 A-4D4 4E2; a4 e2 A-3P4 3Q2.

Contém: Premier volume qui comprend la science des
Nombres & l'Algèbre, ou L'Art de comparer toute forte de
grandeurs par le moyen des chiffres & des lettres. Second
volume qui comprend un corps d'Analyse, ou L'Art de
réfoudre les questions qu'on propose sur toutes les diverses
grandeurs.

Pert.: "Da Livraria da Congregação do Oratr.o do Porto".

BPMP: R-12-41

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!451828~!0>

169

PTOLOMEU, CLÁUDIO,
CA 100-CA 170

Claudii Ptolemaei Pelusienis Alexandrini
Omnia, quae extant, opera, geographia
excepta, quam seorsim quo[que] hac forma
impressimus. Almagesti seu magnae compositionis
mathematicae opus, à Georgio Trapezuntio
tralatum, lib. XIII. De iudicijs astrologicis, aut, ut
uulgò uocant, quadripartitae co[n]structionis,
lib. IIII. Quoru[m] priores duo à Ioachimo
Camerario Latinitate donati sunt: in reliquis

emendauimus multa ad ueterum exemplariu[m]
ueritate[m], adiectis etiam Graecis, nihil omittentes
quo lectio fieret correctior & expeditior.
Centum sententiae, quod Centiloquium dicunt,
à Iouiano Pontano uersae. Inerratum stellarum
significationes, per Nicolaum Leonicum
traductae. Procli Diadochi Hypotyposes
astronomicarum positionum, qu[a]e est omnium,
qu[a]e in Almagesto demonstrantur, epitome &
compendium, quod ad reminiscenciam conduce
plurimum, Georgio Valla Placentino interprete.
Ex, in omnibus disciplinis principum uirorum,
exemplaribus emendauimus Almagesti plurima
loca & figuras nonnullas, quas sculptas in
primo huius operis limine posuimus, quoniam
magnam lucem uidebantur allatur[a]e rebus sua
natura obscurioribus. Ob qua[m] causam etiam
censuimus addendas Luc[ae] Gaurici annotationes.
Item omnium constellationum figuras graphicè,
propter singulare studiosorum co[m]modum,
depinximus. - Basileae : apud Henricum Petrum,
mense Martio, anno MDXLI [1541]. - [28], 511 p.,
[2] f. dobr. : il., mapas, diagramas ; 32 cm (folio)

[2] f. dobr. entre p. 216-217 (X4-Y1).

Assinaturas: a-b6 e2 A6 B4 C6 D4 E-H6 I4 K-N6 O-Q4 R6
S-T4 V6 X-Z4 2A-2B4 2C-2G6 2H4 2I-2K6 2L-2M4 2N6
2O4 2P-2R6 2S8 2T-2Z6, 2A-2B6.

Pert.: "Da livraria do collegio de Sao Hier.o".

BPMP: R-14-22

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454190~!0>

170

QUINTILIANO, CA 35-CA 96

M. F. Quintiliani Institutiones oratoriae. Eiusdem Declamationes : omnia ad veterum codicum fidem recognita ac restituta. - Paris : Badius Ascensius, mense Februario MDXXXVI [Fevereiro 1536] : pro haeredibus Iod. Badii Ascensii). - CXXVI, L, [20], XXXII f. ; 29 cm (4to)

Assinaturas: a-p8 q6 2A-2E8 2F-2G6 2a6 ã6 ã6, ã8 ã8 ã8 ã8. Faltam as f. XXVI a XXXI (d1-d7) e LXXXIII a LXXXVI (13-16).

BPMP: K-13-39

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457941~!0>

171

RAMIRES, JERÓNIMO NUNES, 15---16--

Commentaria in librum Galeni : De ratione curandi per sanguinis missionem / auctore Hieronymo Nuno Ramirez medico Olisiponensi. - Olisipone : ex officina Petri Craesbeeck, anno 1608. - [5], 192, [10] f. ; 19 cm (8vo)

Assinaturas: [par.]4 [sec.]1 A-2A8 *10.

F. manchadas pela humidade.

BPMP: U-11-32

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314663~!0>

172

REGIOMONTANUS, JOHANNES, 1436-1476

Doctissimi viri et mathematicarum discipularum eximij professoris Ioannis de Regio Monte De triangulis omnimodis libri quinque: quibus explicantur res necessariae cognitu, uolentibus ad scientiarum astronomicarum perfectionem deuenire: quae cum nusqua[m] alibi hoc tempore expositae habeantur, frustra sine harum instructione ad illam quisquam aspirarit. Accesserunt huc in calce pleraq[ue] D. Nicolai Cusani de quadratura circuli, déq[ue] recti ac curui commensuratione: itemq[ue] Io. de monte Regio eadem de re elenctica, hactenus à nemine publicata. - Omnia recens in lucem edita, fide & diligentia singulari. Norimbergæ in ædibus Io. Petrei. anno Christi MDXXXIII [1533] (Excudebatur Norimbergæ per Ioh. Petreium anno MDXXXIII mense augusto). - 137, [3 br.]; 93, [1], [2 br.] p. : il. ; 30 cm (folio)

Assinaturas: A-P4 R6 a-b6 c-14.

Contém: Ioannis de Regio Monte Germani, nationis francicae, mathematicarum discipularum principis, De quadratura circuli dialogus, & rationes diuersae separatim aliquot libellis exquisitae: ad ea de re cardinalis Cusani tradita & inuenta: quibus autor haec praescrisit uerba graeca quae, ne quid illius subtraheremus studiosis, subijci curauimus.

Pert.: "Da livraria do collegio de Sao Hier.o". Falta p. 3-4 (a2).

BPMP: R-14-28

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454181~!0>

173

RESENDE, ANDRÉ DE,
1498-1573

Historia de antiguidade da cidade Euora / fecta per meestre Andree de Reesende. - Euora : per Andree de Burgos, 1553. - [55] f. ; 15 cm (8vo)

No rosto: texto enquad. por tarjas.Capitais decoradas. Sem reclamos.

Assinaturas: a-f8 g7.

Pert.: “Antonio de Sousa Peçanha”. F. acidificadas.

BPMP: X1-2-5

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312530~!0>

174

RESENDE, ANDRÉ DE,
1498-1573

L. Andr. Resendii Carmen endecasyllabon ad Sebastianum regem serenissimum. - Olisipone : apud Franciscum Garcionem : in officina Ioãnis Barrerae, 1567. - 54 [i.e. 45] f. : il. ; 21 cm (4to)

Ded.: “Sebastiano ... Lusitaniae Regi”.

Lic.: “Permisu & auctoritate ... D. Georgij Almeida ...”.

Capitais decoradas.

Assinaturas: A8 B-I4 K6.

F. manchadas de humidade e fungos; acção de insectos afectando as margens; notas manusc.; f. rest.

BPMP: RES-XVI-A-163

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312531~!0>

175

RESENDE, ANDRÉ DE,
1498-1573

L. Andr. Resendii Oratio habita Conimbricae in Gymnasio Regio, anniuersario dedicationis eius die. - Conimbricae : apud Ioannem Barrerium & Ioannem Aluarum, quarto Calendas Iulij MDLI [28 Junho 1551]. - [14] f. ; 22 cm (4to)

Marca do impressor: f. de rosto. Sem reclamos.

Inclui: Errata.

Assinaturas: A-B4 C6.

Faltam as f. [11-14].

BPMP: Y1-3-58[4]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312532~!0>

176

RIBEIRO, BERNARDIM,
1482-1552

Primeira, e segunda parte das Saudades / de Bernardim Ribeyro. - Hora novamente impressas por Manoel da Sylva Mascarenhas - Em Lisboa : por Paulo Craesbeeck ... e à sua custa, anno 1645. - [4], 171 f. ; 15 cm (8vo)

Assinaturas: pi4 A-X8 Y4.

Pert.: “... fr.co dos Sanctos”.

BPMP: L-6-10

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!451481~!0>

177

**ROCAMORA Y TORRANO,
GINÉS, ?-1612**

Sphera del universo / por don Gines Rocamora y Torrano - En Madrid : Por Juan de Herrera, año MDXCIX [1599]. - [8], 271, [1] f. : il. ; 21 cm (8vo)

Assinaturas: [par.]8 A-B4 C-2M8.

BPMP: R-8-19

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454463~!0>

178

**RODRIGUES EBORENSE,
ANDRÉ, 15--**

Sententiae & exempla ex probatissimis quibusque scriptoribus collecta, et per locos communes digesta per Andream Eboressem Lusitanum : et ne oneroso volumine grauaretur lector, totum opus in duos diuisum est tomos: quorum alter sententias, alter exempla refert. - Lugduni : apud Theobaldum Paganum, 1557. - 2 vol. ([32], 140 [i.e. 548] p.; [16], 667, [31] p.) ; 17 cm (8vo)

Tít. na port. do vol.2: Exemplorum memorabilium cum ethnicorum, tum christianorum e quibusque probatissimis scriptoribus per Andream Eboressem Lusitanum selectorum, tomus posterior

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: [alfa]-[beta]8 a-z8 A-L8 M2; **8 a-z8 A-V8 X6.

Pert.: "Resende".

BPMP: M-1-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454238~!0>

179

**ROHAULT, JACQUES,
1618?-1672**

Oeuvres posthumes / de Mr Rohault. - A Paris : chez Guillaume Desprez, MDCLXXXII [1682]. - [36], 777 [i.e. 781], [2] p., [2] f. desd. : il. ; 25 cm (4to)

2 f. desd. entre p. 412 [i.e. 416]-413 [i.e. 417] (3F4-3G1).

Erros tipográficos de paginação.

Assinaturas: â4 ê4 î4 ô4 û2 Æ-5F4.

Pert.: "Da Livraria do Real Most.ro de S.ta Cruz de Coimbra"; "M.G.".

BPMP: R-12-8

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!451897~!0>

180

**ROMA, FRANCISCO
MORATO, 1588-1668**

Luz da Medicina pratica, racional e methodica : guia de enfermeiros, directorio de principiantes / autor o Doutor Francisco Morato Roma. - Lisboa : na officina de Domingos Carneyro, 1686. - [24], 428 p. : il. ; 19 cm (4to)

Assinaturas: [par.]8 2[par.]4 A-Z8 2A4 2B-2D8 2E2.

Aparado; f. manchadas de humidade e acidez; f. centrais perfuradas e mutiladas afectando o texto; últimas f. restauradas; acção de insectos; na f. de guarda inicial algumas receitas manusc.

BPMP: RES-XVII-A-268

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314747~!0>

181

ROSA, JOÃO FERREIRA DA,
FL. 16--

Trattado unico da constituicãm pestilencial de Pernambuco... / composto por Joam Ferreyra da Rosa. - Em Lisboa : na officina de Miguel Manescal, 1694. - [36], 224 p. ; 20 cm (4to)

Assinaturas: *8 **8 [cruz de malta]2 A-O8.

F. de humidade e fungos.

BPMP: X1-2-82

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314952~!0>

182

SÁ, DIOGO DE, FL. 1549

De nauigatione libri tres: quibus mathematicae disciplinae explicantur: ab Iacobo à Saa equite lusitano nuper in lucem editi. - Parisiis : ex officina Reginaldi Calderij, & Claudij eius filij, 1549. - 106 f. : il. ; 17 cm (8vo)

Assinaturas: A-N8 O2.

BPMP: Y1-1-76

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455401~!0>

183

SANCHES, FRANCISCO,
CA 1551-1623

Francisci Sanchez ... Tractatus philosophici : quod nihil scitur : de divinatione per somnum ad Aristotelem : in libr: Aristotelis Physiognomicôn commentarius : de longitudine & breuitate vitae. - Roterodami : ex officina Arnoldi Leers, MDCXLXIX [1649]. - 420 p. ; 14 cm (12mo)

Assinaturas: A-R12 S6.

BPMP: RJ-1867

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457947~!0>

184

SANCHES, FRANCISCO,
CA 1551-1623

Franciscus Sanchez philosophus et medicus doctor. Quod nihil scitur. - Lugduni : apud Ant. Gryphium, MDLXXXI [1581]. - [3] manuscritas, [8], 100 p. ; 24 cm (4to)

Assinaturas: *4 A-M4 N2.

BPMP: Y1-3-29

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455471~!0>

185

SÁNCHEZ DE LAS BROZAS,
FRANCISCO, 1522-1600

Sphaera mundi ex variis authoribus / concinnata per Franciscum Sanctium Brocensem. - Salmanticae : apud Guillelmum Foquel, MDLXXXVIII [1588]. - 31, [1] f. : il. ; 15 cm (8vo)

Assinaturas: A-D8.

BPMP: R-9-23

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!453015~!0>

186

SANDE, DUARTE DE,
1547-1600, S.J.

De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam rebusq[ue] in Europa ac toto itinere animaduersis dialogus / ab Eduardo de Sande. - In Macaensi Portu : in domo Societatis Iesu, anno 1590. - [8], 412, [24] p. ; 18 cm (4to)

Lic.: "cum facultate Ordinarij, & Superiorum".

Ded.: "Patri Claudio Aquavivae Praeposito Generali Societatis Iesu".

No rosto: A Santíssima Trindade e na parte inf. multidão de mártires. Capitais decoradas.

Erro de pag.: 255 por 259 continuando errada até 269.

Inclui: Errata.

Assinaturas: A-2I4 2K6 2L-2Z4 a-f4 A-C4.

F. de rosto mutilada, f. manchadas pela acidez e acção de insectos afectando as margens.

BPMP: Y1-1-79

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312554~!0>

187

SCHOTT, KASPAR,
1608-1666

P. Gasparis Schotti Regiscuriani, e Societ. Jesu ... Cursus mathematicus, sive absoluta omnium mathematicarum disciplinarum. Encyclopaedia, in libros XXVIII, digesta, eoque ordine disposita, ut quivis, vel mediocri praeditus ingenio, totam mathesin à primis fundamentis proprio Marte addiscere possit. Opus desideratum diu, promissum à multis, à non paucis tentatum à nullo numeris omnibus absolutum. Accesserunt in fine theorese mechanicæ novæ additis indicibus locupletissimis. - Francofurti ad Moenum : sumptibus Joannis Martini Schönvvetteri, anno MDCXCIX [1699]. - [14], [2], 621 [i.e. 660], [55], [1 br.] p., [41] f. desd. : il. ; 35 cm (folio)

Erro tipográfico de paginação.

Assinaturas:)(8)(6+csi1.8) A-M6 N8 O-3H6 3I4 a-d6 e4.

Pert.: "Carmo Villa do Conde".

BPMP: R-13-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455679~!0>

188

SEMEDO, JOÃO CURVO,
1635-1719

Polyanthea medicinal : noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres tratados ... / por Joam Curvo Semmedo. - Lisboa : na offi[c]ina de Miguel Deslandes, MDCXCVII [1697]. - [54], 844 p., [1] f. estampa : il. ; 30 cm (folio)

Assinaturas: *6 **6 ***6 ****6 *****1 A-3Z6 4A8.

Pert.: "Da Congreg.am do Oratr.º do Porto". F. manchadas de humidade e acidez; acção de insectos.

BPMP: RES-XVII-B-197

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316173~!0>

189

SEQUEIRA, GASPAR
CARDOSO DE, 15---16--

Pronostico geral e lunario perpetuo, assi das luas novas & cheas, como quartos crescentes & minguentes / Composto por Guaspar Cardozo de Sequeira. - [Coimbra] : na empresam de Nicolao Carvalho, 1614. - [30] f. ; 19 cm (4to)

Assinaturas: A-C8 D6.

F. manchadas de humidade e acidez; notas manusc.

BPMP: RES-XVII-A-275

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316182~!0>

190

SEQUEIRA, GASPAR
CARDOSO DE, 15---16--

Thesouro de prudentes, novamente tirado a luz, por Gaspar Cardozo de Sequeira : Contem em si quatro livros cuja relação vay no seguinte prologo. Vay acrescentado de novo nesta terceira impressã o Pronostico & lunario perpetuo, feyto pello mesmo author. - [S.l.] : na impressã de Thome Carvalho, 1651. - [6], 187, [5] f. : il. ; 20 cm (4to)

Assinaturas: pi6 A4 B-2A8 2B4.

Rosto mutilado no local do pertence; f. manchadas de humidade e acidez.

BPMP: RES-XVII-A-276

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316183~!0>

191

SERRÃO, LOPO, FL. 15--

De senectute et aliis utriusque sexus, aetatibus & moribus / Lupo Serrano, lusitano eborensi, doctore & regio medico, authore. - Olysiptone : excudebat Antonius Riberius, MDLXXXIX [1579]. - [9], 184, [14] f. ; 15 cm (8vo)

Ded.: "Paulo Alphonso Regis consiliario".

Lic.: "Cum facultate & approbatione... sanctae Inquisitionis Concilio Praefectorum".

Marca do impressor: f. [12r] final. Capitais decoradas.

Inclui: Errata.

Assinaturas: a8 csi1 A-Z8 2a8 2b4 2c2.

Notas marginais. F. manchadas de humidade.

BPMP: RES-XVI-a-461

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312563~!0>

192

SILVA, ANTÓNIO PIRES DA,
1662-?

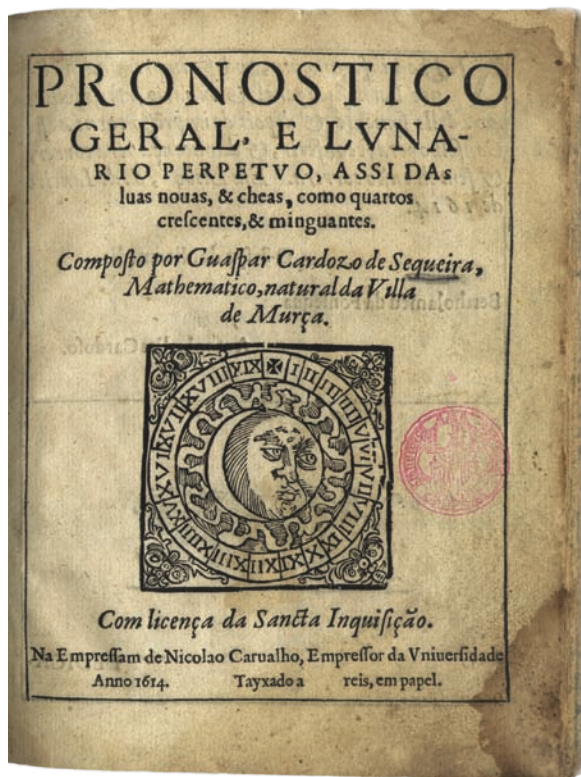
Chronographia medicinal das Caldas de Alafoens / por Antonio Pires da Sylva. - Lisboa : na officina de Miguel Deslandes, 1696. - [16], 270 p. ; 20 cm (4to)

Assinaturas: [adaga]4 2[adaga]4 A-2L4.
Contém: Exame chirurgico, p. 237-270.

F. manchadas de humidade e acidez; f. restauradas; notas manusc. e sublinhados.

BPMP: RES-XVII-A-255

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316164~!0>



189

193

SODERINI, GIOVANNI
VITTORE, 1526-1596

Trattato della coltiuazione delle viti, e del frutto che se ne può cauare / del S. Gioanuettorio Soderini Gentil'Hvomo Fiorentino. E la coltivazione Toscana delle viti, e d'Alcuni Arbori / del S. Bernardo Davanzati Bostichi Gentil'Hvomo Fiorentino. Aggiuntai la difesa del Popone / dell'Eccellentiss. Dottore Sig. Lionardo Giachini. - In Firenze : Per Filippo Giunti, 1600. - [8], 128, [12], 45, [11], 19, [1] p. ; 22 cm (4to)

Assinaturas: *4 A-R4 [adaga]2 Aa-Ff4 2A-2C4 2D2.

Contém: Toscana coltiuazione delle viti, e delli arbori / del S. Bernardo Dauanzati Bostichi Lettera apologetica di Lionardo Giachini scritta à Messer Filippo Valori l'anno MDXXVII, In difesa, et lode del popone.

Carimbos no verso da f. de rosto: "Museum Britanicvm" e "British Museum Sale Duplicate 1787".

BPMP: U-4-69

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454205~!0>

194

**STAFFORD, IGNACIO,
1598-1642**

Elementos mathematicos / por el Padre Ygnacio Stafford de la Compañía de Jesus a la Nobleza Lusitana: En la Real Academia Mathematica, del Collegio de S. Anton de la Compañía de Jesus de Lisboa. - En Lisboa : en la imprenta de Mathias Rodrigues, año de MDCXXXIV [1634]. - [2], 188 p. : il. ; 15 cm (8vo)

Figuras geométricas ao longo de toda obra.

Assinaturas: pi2 A-L8 M6.

Pert.: “Do Coll. da Comp.a Cobicolo dos ... livro”. Aparado; f. manchadas de humidade.

BPMP: N-8-7

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!314795~!0>

195

**STÖFFLER, JOHANNES,
1452-1531**

Elucidatio fabricae vsusq[ue] astrolabii a Ioanne Stoflerino Iustingensi viro Germano: atq[ue] totius spherice doctissimo nuper ingeniose co[n]cinnata atq[ue] in lucem edita - Impressum Oppenheim. Anno [et]c. 1513 (Impressum Oppe[n]heim p[er] Jacobu[m] KÉobel [et]c. anno 1512). - XII, LXXVIII f. : il., fig., diagr. ; 29 cm (folio)

Impressor e data de 1512 no colofão.

Assinaturas: pi12 A-D6 E8 F-K6 L4 M-N6.

Faltam as f. XXIX (E5) e LXXVII-LXXVIII (N5-N6) (colofão).

BPMP: R-12-36

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454265~!0>

196

**STRACCA, BENVENUTO,
1509-1578**

Benevenuti Straccae, aliorumque clarissimorum juris-consultorum De mercatura, cambiis, sponsionibus, creditoribus, fidejussoribus, debitoribus, decoctoribus, navibus navigatione, assecurationibus, subhastationibus, aliisque mercatorum negotiis, rebusque ad mercaturam pertinentibus, decisiones & tractatus varii : ad quorum calcem nunc accessere ejusdem Benevenuti Straccae De assecurationibus, proxenetis, atque proxenetis, tractatus duo. - Novâ hac editione. - Amstelodami : apud Joannem Schipper, J. F., anno MDCLXIX [1669]. - [10], 926, 68, [2], 114, [10] p. ; 37 cm (folio)

Assinaturas: pi1 [adaga]4 A-Z6 3A-4O6, A-I6 K4 2[adaga]4.

Contém: Tractatus duo De assecurationibus et proxenetis atque proxenetis / Benevenuti Straccae ... Amstelodami : apud Joannem Schipper, J.F., anno MDCLXVIII.114 p.

Pert.: “Foi de Tiago Phelippe [...] e é do Doutor Vicente Joze de Souza. E agora de Joao Pedro Gomes de Abreu”.

BPMP: K2-5-3

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!443203~!0>

197

SUÁREZ, FRANCISCO,
1548-1617, S.J.

R. Patris Francisci Suarez, e Societate Iesu, Metaphysicarum disputationum, in quibus et vniversa naturalis theologia ordinate traditur, et quaestiones ad omnes duodecim Aristotelis libros pertinentes, accuratè disputantur : Tomi duo : Cum quinque indicibus, quorum rationem vide lector pagina sequente. - Coloniae Allobrogum : excudebat Philippus Albertus, MDCXIV [1614]. - [8], 468 p.; 516, [66] p. ; 35 cm (folio)

Assinaturas: [par.]4 A-2Q6; a-3b6 3c4.

BPMP: R-14-5

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458042~!0>

198

TACQUET, ANDRÉ,
1612-1660 S.J.

Arithmeticae theoria et praxis / auctore Andrea Tacquet e Societate Jesu, matheseos professore. - Editio ultima correctior. - Bruxellis : apud Franciscum Foppens, MDCLXXXIII [1683]. - [8], 383, [4], [1 br.] p., [1] f. ; 16 cm (8vo)

1 f. entre p. 112-113 (G8-H1).

Assinaturas: *4 A-2A8 2B2.

Pert.: “J.M.B.A.”; “Ao Maga ...”.

BPMP: R-7-18

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454211~!0>

199

TEIVE, DIOGO DE,
CA 1514-CA 1565

Cõmentarius de rebus in India apud Dium gestis, anno salutis nostrae MDXLVI / Iacobo Teuio lusitano, autore. - Conimbricae : excudebant Ioannes Barrerius & Ioannes Aluarus, 1548. - [8], 92 p. ; 22 cm (4to)

Ded.: “Regi Ioanni. III.”.

No rosto: escudo das armas reais com grifo no timbre.

Capitais decoradas.

Assinaturas: pi4 a-k4 l6.

F. manchadas de humidade; aparado, sobretudo, na parte inf. afectando texto.

BPMP: RES-XVI-A-143[1]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!312580~!0>

200

TEIXEIRA, ANTÓNIO,
1602-1687, O.S.S.T.

Epitome das noticias astrologicas para a Medicina / por Fr. Antonio Texeira[sic]. - Lisboa : na officina de Ioam da Costa, 1670. - [12], 374 [i.e. 368], [12] p. ; 21 cm (4to)

Assinaturas: *4 **2 A-2Z4 3E4 3F2.

F. manchadas de humidade e acidez.

BPMP: RES-XVII-A-251

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!316156~!0>

201 TESAURO, EMANUELE, 1592-1675

Filosofia moral : derivada de la alta fuente del grande Aristoteles Stagirita / escribiola en toscano el ... Don Manuel Thesauro Patricio ... ; traducela en español Don Gomez de la Rocha y Figueiroa. - Lisboa : en la imprenta de Antonio Craesbeeck de Mello, 1682. - [4], 440 [i.e. 432], [16] p. ; 20 cm (4to)

Erro tipográfico de paginação.

Assinaturas: pi2 A-2A8 2B4 2C-2D8 2E4 [adaga]8.

F. manchadas de humidade e acidez; f. [1] do prólogo manchada.

BPMP: RES-XVII-A-130

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!315175~!0>

202 THOMAS MORE, SANTO, 1478-1535

Thomae Mori, angliae ornamenti, eximii, Lvcubrationes, ab innumeris mendis repurgata. : Vtopia libri II. Progymnasmata. Epigrammata. Ex Lvciano conuersa quaedam. Declamatio Lucianicae respondens. Epistolae. Quibus additae sunt duae aliorum epistolae de uita, moribus & morte Mori, adiuncto rerum notabilium indice. - Basil. : apud Episcopium F., 1563. - [32], 530, [46] p. : il. ; 17 cm (8vo)

Assinaturas: [alfa]-[beta]8 a-z8 A-N8.

Pert.: “Do Principal Castro”.

BPMP: N-6-12

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!451047~!0>

203 TOMÁS, ÁLVARO, FL. 1509

Liber de triplici motu proportionibus annexis magistri Aluari Thome. Ulixbonen[sis] philosophicas Suiseth calculato[n]es ex parte declara[n]s. - Venundantur parrhisiis : a ponceto le preuxt, 1509 (Impressum parris[iis] : per Guillermmum Anabat). - [2], 277, [3] p. ; 28 cm (4to)

Assinaturas: a-b6 c4 d6 e4 f6 g4 h6 i4 k6 l4 m6 n4 o6 p4 q6 r4 s6 t4 v-x6 y4 z6 A4 B6 C-D4 E5.

BPMP: Y1-3-40

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455294~!0>

204 VALLERIOLA, FRANÇOIS, 1504-1580

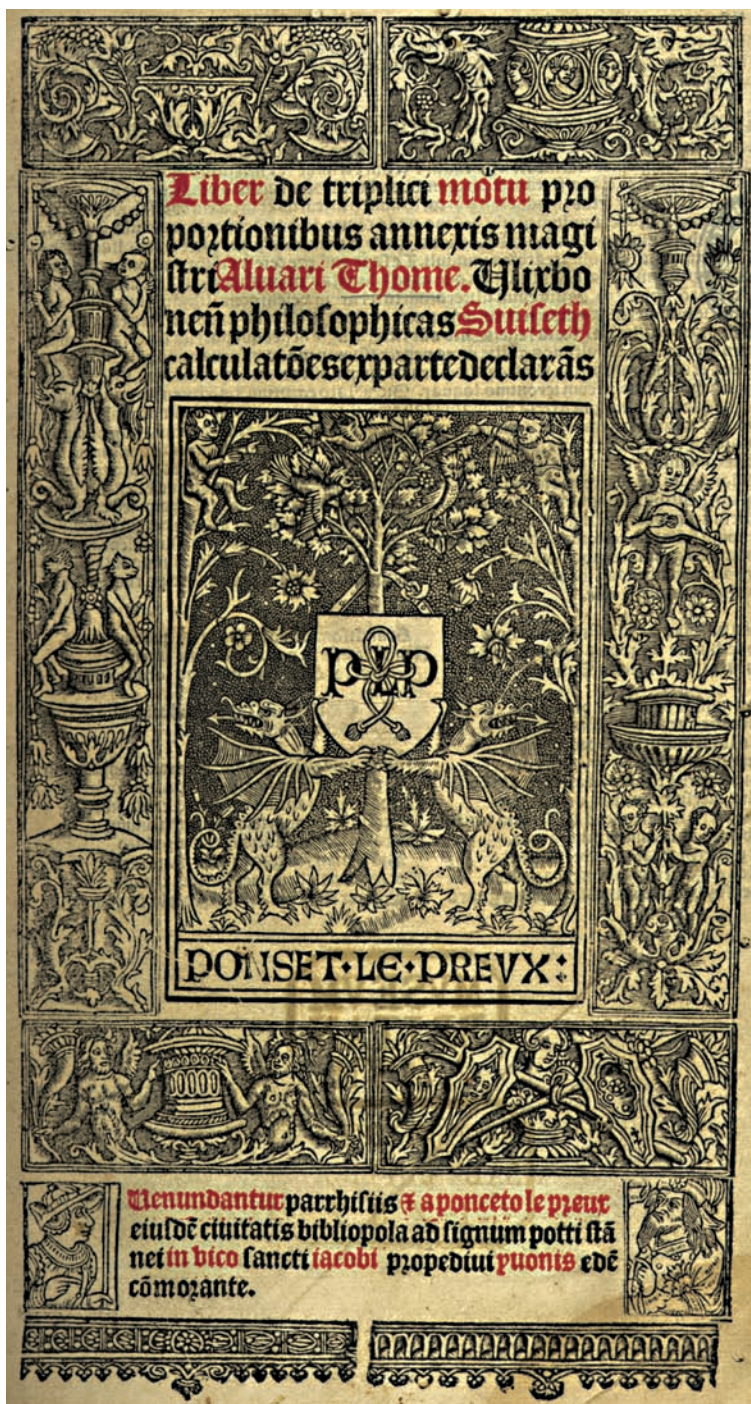
Enarrationum medicinalium libri sex. Item, responsionum liber vnus. Francisco Valleriola medico autore : cum indice rerum notatu dignarum locupletissimo. - Lugduni : apud Sebastianum Gryphium, MDLIII [1554]. - [18], 466 [i.e. 470], [52] p. ; 35 cm (folio)

Assinaturas: pi2 2A8 a6-z6 A6-M6 N4 O6-T6 V8.

Pert.: “De Paulo da Sylva Mattos”; “J.M.B.A.”

BPMP: X-14-17

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454360~!0>



203

205 VALLES, FRANCISCO, 1524-1592

Methodus medendi / Francisci Vallesij, covarrubiani. - Conimbricæ : ex typis viduae Emmanuelis de Carvalho : acusta de Manoel de Figueiredo, mercador de libros, 1666. - [8], 215, [32] p. ; 15 cm (8vo)

Assinaturas: pi4 A-N8 O4 a-b8.

F. manchadas de humidade e acidez.

BPMP: RES-XVII-a-231

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&curi=full=3100024~!314820~!0>

206 VASCONCELOS, SIMÃO DE, 1597-1671, S.J.

Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo ... / pello Padre Simão de Vasconcellos - Lisboa : na officina de Henrique Valente de Oliueira, anno MDCLXIII [1663]. - [14], 188, 528, [12] p., [1] f. estampa : il. ; 34 cm (folio)

Assinaturas: pi2 [cruz de malta]3 2[cruz de malta]2 A-Y4 Z1 a2, A-3V4 a4 b2.

Contém: De Beata Virgine Dei Matre Maria, pelo Padre José de Anchieta.

Pert.: "S.ta Cruz de Coimbra". Acção de insectos afectando margens das f. de rosto e guardas.

BPMP: RES-XVII-C-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&curi=full=3100024~!315075~!0>

207

**VESALIUS, ANDREAS,
1514-1564**

Andreae Vesalii Bruxellensis, scholae medicorum Patauinae professoris, De humani corporis fabrica libri septem. - Basileae : ex officina Ioannis Oporini, anno salutis reparatae MDXLIII mense Iunio [Junho 1543]. - [12], 659 [i. e. 663], [37] p. : il. ; 39 cm (folio)

Assinaturas: *6 A-Z6 a-z6 2A-2L6 2M8.

Pert.: “Da Cong.ção do Ora.to do Porto”.

BPMP: X-13-3

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454674~!0>

208

**VESALIUS, ANDREAS,
1514-1564**

Radichs chynae usus / Andrea Vesalio. - Lugduni : sub scuto Coloniensi, 1547. - 290, [38] p. ; 13 cm (12mo)

Assinaturas: A-V8 X4.

BPMP: Y-2-55[2]

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457954~!0>

209

**VETTORI, PIETRO,
1499-1585**

Commentarii in tres libros Aristotelis De arte dicendi. Positis ante singulas declarationes graecis verbis auctoris. - Florentiae : in officina Bernardi Iunctae, MDXLVIII [1548]. - [16], 637 [i.e. 645], [27] p. ; 33 cm (folio)

Assinaturas: [florão]8 A-2Z6 3A-3K6.

BPMP: L-13-69

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458035~!0>

210

**VETTORI, PIETRO,
1499-1585**

Petri Victorii Commentarii in librum Demetrii Phalerei De elocutione : positus ante singulas declarationes graecis vocibus auctoris, iisdemque ad verbum latine expressis : additus est rerum et verborum memorabilium index copiosus. - Florentiae : in officina Iuntarum, Bernardi F., MDLXII [1562]. - [20], 268, [12] p. ; 31 cm (folio)

Assinaturas: a6 b4 A-Y6 Z4 2A4.

BPMP: L-13-67

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458029~!0>



ANDREAE VESALII
BRUXELLENSIS SCHOLAE
medicorum Patavinæ p̄fessoris, de
Humani corporis fabrica
Libri septem.

CVM CAESAREAS
Matth. Gallorum Regis, ac Senatus Veneti gra-
tia et privilegio, in huius diplomatis eorundem continetur.

Salong, las BASILEAE. *do. G. G. G. G.*

211 VIEIRA, ANTÓNIO, 1608-1697, S.J.

Sermoens do P. Antonio Vieira, da Companhia de Iesu, pregador de Sua Alteza. - Em Lisboa : na officina de Ioam da Costa, MDCLXXIX-1699 [1679-1699]. - 12 v. ; 22 cm (4to)

A partir do 2.o volume: “Na officina de Miguel Deslandes : a custa de Antonio Leyte Pereyra”.

BPMP: RES-XVII-A-74A

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!315094~!0>

212 VIRDUNG, JOHANN, 1463-CA 1538

Tabulae resolutae de supputandis siderum motibus, clarissimi mathematici & medici Ioannis Virdungi Hasfurdij, ex quibus omnium siderum motus tam ad praeterita [que] ad futura, quantu[m] uis longatempora, facile calculari possunt. - Nunquam antea typis excusae ad librum hunc, Iacobus Curio H.. - Norimbergae : apud Iohan. Petreium, MDXLII [1542]. - [2], 3-61, [1] f. : il. ; 21 cm (4to)

Assinaturas: a-k4 I4-O4 P6.

Pert.: “M.A.”; “Paulus de pina dataide”.

BPMP: R-9-10

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454498~!0>

213 VIVES, JUAN LUIS, 1492-1540

Ioannis Lodouici Viuis Valentini De ratione dicendi libri tres. - Louanij : ex officina Rutgeri Rescij, 1533. - 277, [129] p. ; 17 cm (8vo)

Assinaturas: A4 B-Z8 a-c8.

BPMP: I-6-56

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457995~!0>

214 VIVES, JUAN LUIS, 1492-1540

Ioannis Lodouici Viuis Valentini, De anima et vita libri tres. Opus insigne, nunc primum in lucem editum : Rerum & uerborum in ijsdem memorabilium copiosissimus index. - Basileae : in officina Roberti VVinter, anno MDXXXVIII. mense Septembri [Setembro 1538]. - [8], 264, [48] p. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: [alfa]4 A-2Q4.

BPMP: R-1-2

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!458007~!0>

215 VIVES, JUAN LUIS, 1492-1540

Ioannis Lodouici Viuis Valentini, De disciplinis libri XX in tres tomos distincti ... : cum indice nouo eo[que] accuratissimo. - Excudebat Coloniae : Ioannes Gymnicus, an. mense Ianuario MDXXXII [Janeiro 1532]. - [32], 622 p. ; 15 cm (8vo)

Assinaturas: AA-BB8 A-2Q8.

BPMP: M-6-27

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!457981~!0>

216 WERNER, JOHANN, 1468-1528

In hoc opere haec continentur. Libellus Ioannis Vernerii Nurembergen. Super vigintiduobus elementis conicis. Eiusdem. Co[m]mentarius seu paraphrastica enarratio in vndecim modos conficiendi eius problematis ... Eiusdem. Co[m]mentatio in Dionysodori problema, quo data sphaera plano sub data secat[ionis] ratione, ... Ioanne Vernerio nouissime co[m]pertus demo[n]stratus[que], eiusdem Ioannis, de motu octauae sphaerae, tractatus duo. Eiusdem. Summaria enarratio theoricarum motus octauae sphaerae. - Impressum Nurembergae : per Fridericum Peypus : impensis Lucae Alantsee Ciuis & Bibliopolae, anno MDXXXII [1522]. - [99] f. : il. ; 22 cm (8vo)

Assinaturas: a-b8 c-y4 z3.

Pert.: "Da Livraria do collegio de Sao Hier.o".

BPMP: Y1-3-30

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!455350~!0>

217 WILLIS, THOMAS, 1621-1675

Clarissimi viri Thomae Willis ... De anima brutorum, quae hominis vitalis ac sensitiva est, exercitationes duae. Quarum prior philosophica, ejusdem naturam, partes, potentias, & affectiones tradit: altera pathologica, morbos qui ipsam sedem ejus primariam, nempe cerebrum & nervosum genus afficiunt, explicat, eorumque therapeias instituit. - Lugduni : sumptibus Joannis Antonii Huguetan, & Soc., MDCLXXVI [1676]. - [24], 298, [12] p., 8 f. est. : il. ; 23 cm (4to)

Assinaturas: a4 ã4 ã4 A4-2Q4.

Pert.: "Collegii Lugdunensis Sanctissimae Trinitatis Soc. Jesu catalogo inscriptus ano 1679".

BPMP: R-11-17

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!451544~!0>

218

ZACCHIA, PAOLO,
1584-1659

Pauli Zacchiae romani, totius status ecclesiastici proto-medici generalis, quaestionum medico-legalium, tomi tres. Olim aucti et emendati a viro celeberrimo Joh. Daniel. Horstio ... celeberrimi jcti & medici, quorum catalogus post praefationem videre est, illustrati, emendati atque adaucti a Georgio Franco, Opus omnibus juris utriusque & medicinae peritis, nec non tribunalium (ecclesiastici civilis) ... Cum gratia & privilegio sacrae Caesar. majestatis. - Francofurti ad Moenum : sumtibus Johannis Melchioris Bencard, MDCLXXXVIII [1688]. - 3 t. em 1 vol. ([36], 482; [4], 483-825, [61]; [6], 326, [36] p.) ; 35 cm (folio)

Assinaturas:)(6)(4)(8 A-2Q6 2R-2S4 csi2, A-2F6 (A)-(F)4 (G)6)(2)(1, A-Z6, 2A-2G6 2H2.

Anotação manuscrita na p. [2]: “B. Portuense Duplicado” (última palavra rasurada).

BPMP: X-14-43

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!444010~!0>

219

ZACUTO LUSITANO,
1575-1642

Zacuti Lusitani, ... De Medicorum principum historia. Opus absolutissimum: in quo medicinales omnes historiae, de morbis internis quae passim apud principes medicos occurrunt, concinno ordine disponuntur, paraphrasi et commentariis illustrantur: necnon quaestionibus, dubiis, et observationibus exquisitissimis exornantur - Editio postrema. - Lugduni : sumptibus Ioannis-Antonii Huguetan, in vico Mercatorio, ad insigne Sphaerae, MDCXLII [1642]. - 2 vol. ([72], 984, [32]; 54, 655 [i.e. 653], [65], 148, [8] p.) ; 36 cm (folio)

P. de tit. do t. 2: Zacuti Lusitani, ... Praxis historiarum: in qua morborum omnium internorum curatio, ad principum medicorum mentem explicatur: graviora dubia ventilantur ac resolvuntur: practicae denique observationes permultae suis locis insperguntur. Praemittitur “Introitus medici ad praxin”: necnon “Pharmacopoea elegantissima”. Accessit “Praxis medica admiranda” ... Editio postrema à mendis correctissima. Lugduni : sumptibus Ioannis Antonii Huguetan, vicâ Mercatoriâ, ad insigne Sphaerae, MDCXLIII. Assinaturas: ã4 b-f6 g2 A-4N6 4O-4R4; ã4(ã4) ã6 í6 õ6 ü6 A-K6 L-M4 N-3M6 3N8 [par.]8, A-L6 M8 N4.

Pert.: “De Manoel ... Valadares”; “Manoel Antonio de Mena Falcao”.

BPMP: U-14-47

→ <http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?&uri=full=3100024~!454814~!0>

Este livro foi composto em tipo Garamond, tendo sido
impresso em papel couché matte 150 gramas, com
capa em Trucard 350 gramas, plasticizada a
matte. Esta obra acabou de imprimir-se
aos 5 dias do mês de março de 2013,
na Greca - Artes Gráficas, Lda,
com a tiragem de 500
exemplares.





PORTO
Câmara Municipal



Universidade de
Aveiro

APOIO

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

INSTITUTO DA CIÊNCIA E INOVAÇÃO



COMPETE

PROGRAMA OPERACIONAL FACTORES DE COMPETITIVIDADE



QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
2007-2013



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional